

O desfecho da aclamada trilogia Red Sparrow

JASON MATTHEWS

O CANDIDATO DO KREMLIN

**“Uma conclusão de cinco estrelas.
Deixa-nos sem fôlego à medida que caminhamos para o inesperado final.”**

Publishers Weekly

“Sublime e sofisticado.”

Washington Post





Ficha Técnica

Título: O Candidato do Kremlin
Título original: The Kremlin's Candidate
Autor: Jason Matthews
Revisão: Laura Alves
Capa: Maria Manuel Lacerda
ISBN: 9789892343303

LUA DE PAPEL
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2018, Jason Matthews
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
luadepapel@leya.pt
obloguedepapel.blogspot.pt
www.luadepapel.leya.com
www.leya.pt

JASON MATTHEWS
O CANDIDATO DO KREMLIN

The Kremlin's Candidate

Tradução de
Pedro Ribeiro

Para Zu Zsa,
por tocar em todas as teclas

O olhar ciumento e intolerante do Kremlin, no fim de contas,
apenas é capaz de distinguir vassalos e inimigos, e os vizinhos
da Rússia, se não quiserem ser uma dessas coisas,
têm de se conformar com ser a outra.

Por maior e mais poderosa que seja, a Rússia sente-se sempre
ameaçada. Mesmo quando se sente fraca, barafusta e ameaça,
para esconder a sua vulnerabilidade. Nesse sentido, as políticas
e as crenças de Putin são em grande medida consistentes
com a história russa e o legado dos czares russos.

— GEORGE KENNAN

PRÓLOGO

O Metropol

Setembro de 2005: Apesar do esplendor de veludo e talha dourada do Hotel Metropol, o fedor persistente de Moscovo estava entranhado nos cortinados e depositado numa camada espessa na alcatifa, um incenso de óleo biodiesel, couve cozida e passarinha velha.

Dominika Egorova, tenente de 24 anos do SVR (*Sluzhba Vneshney Razvedki*), o serviço secreto externo da Rússia, estava de pé, em roupa interior (renda preta, da Wolford de Viena), a olhar para baixo, para a mulher nua na cama, que estava a ressonar deitada de costas, com um incisivo feral e saliente visível na sua boca aberta. A americana – o seu nome era Audrey – era das que mordiam. Dominika olhou para a marca púrpura em meia-lua da mordida no seu ombro, com a incisão irregular da dentuça de Audrey claramente visível.

A cama do século XIX, anteriormente do Palácio Pavlovsk de São Petersburgo, tinha um dossel altíssimo enquadrado por panos de cetim bafientos com cordões de seda desbotada. Nos lençóis enrodilhados debaixo do corpo alto e angular de Audrey havia um círculo largo, escuro e húmido. Para além das mordidas, tinha havido uns grunhidos guturais mais caracteristicamente ouvidos em javalis no mato da reserva de caça de Smolensk. Audrey era aquilo a que chamavam uma *khryuknut* na Escola de Pardais: das que gritavam na cama.

*

Gritava alto, mas não era nada que tirasse do sério uma *Vorobey*, uma Pardal, uma cortesã treinada pelo Estado, enviada para a mansão no rio Volga – a Escola Estatal Quatro – para aprender a arte da espionagem sexual – armadilhas sexuais, chantagem carnal, comprometimento moral – tudo com o objetivo de recrutar alvos humanos vulneráveis – fontes clandestinas de informação –, alvos manobrados para caírem numa intrincada *polovaya zapadnya*, uma armadilha de mel.

Dominika olhou mais uma vez para a mordida de cavalo no seu ombro. *Suka*, cadela. Como detestava ser Pardal, quão baixo tinha descido! Há dois anos o mundo era dela. Estava destinada ao Bolshoi, a ser uma primeira bailarina, até uma rival lhe fraturar o pé, provocando o fim abrupto de uma carreira de quase 20 anos e um ligeiro coxeio permanente. O ano seguinte seria uma descida ao inferno, à escravidão de um contrato de promiscuidade. Para conseguir que a sua mãe, viúva e doente, continuasse no apartamento providenciado pelo Estado, Dominika deixou que o seu tio – na altura vice-diretor do SVR – a coagisse a dormir com um homem, um oligarca repugnante que o presidente Putin queria ver eliminado.

Para a manter calada depois do assassinato, o Tio Vanya, num ato de magnanimidade, aceitara-a no Instituto Andropov «A Floresta», a academia do SVR que formava espões para missões no estrangeiro e onde, para seu espanto, Dominika descobriu que possuía uma aptidão natural para o trabalho de espionagem o que, por consequência, esperava ela, lhe daria um novo futuro a servir a *Rodina*, a Pátria, como agente secreta. O seu francês fluente e o seu inglês sólido, aprendidos em casa, uma casa cheia de livros e de música eram atributos apreciáveis. Ela tinha a capacidade, as ideias e a imaginação e muitas expectativas em relação a operações no estrangeiro.

Ah, que *prostodushnyy*, que ingénua tinha sido! O Serviço, o Kremlin e a *Novorossiia*, a Nova Rússia de Putin, eram ainda uma coutada de homens, nomeadamente os *siloviki*, os mirmidões à volta do novo czar de olhos azuis – Vladimir Vladimirovich. Esses furões roubavam o património da Rússia e espalhavam tão plenamente um manto de corrupção sobre a terra, que quem não fosse um bilionário a dirigir o monopólio de energia Gazprom e a encher os bolsos era um moscovita sem posses para comer carne mais do que três vezes por semana. Os *siloviki* eram os herdeiros dos Cardeais Cinzentos, os membros esclerosados do velho politburo soviético que, graças à sua incompetência, fizeram os russos soviéticos passar fome durante 70 anos, tão implacavelmente como esta nova chusma que há 20 anos faz os russos passar fome com a sua avareza.

Depois de se diplomar com a nota máxima, Dominika Egorova deleitara-se com o feito assinalável de ser finalmente uma *operuolnomochoperuenny*, uma das poucas agentes operacionais do SVR. Mas o doce fruto do sucesso do Mar Morto transformou-se em cinzas na sua boca quando o Tio Vanya a despachou para a Escola Estatal Quatro, o Instituto Kon, em Kazan, nas

margens do Volga, também conhecido como Escola dos Pardais, onde ensinavam às mulheres as indignidades infundáveis, impiedosas e inevitáveis que era necessário aprender para serem uma das Prostitutas de Putin. Uma parte da alma de Dominika morreu na Escola dos Pardais – outras mulheres morreram literalmente, o suicídio entre aquelas desgraçadas não era fora do comum. As partes mortas dentro de Dominika foram substituídas por *beshenstvo*, uma fúria incandescente e permanente contra o sistema, e por um ódio latente pelos *podkahlimi*, os bajuladores que rodeavam o seu taciturno soberano.

Estava determinada a ser bem-sucedida. Depois da Escola dos Pardais, e de regresso a Moscovo, fez o trabalho de casa e identificou ela própria um alvo de sedução: um diplomata francês de modos brandos cuja mulher estava ausente e cuja filha adulta trabalhava em Paris, numa secção do ministério francês da Defesa que supervisionava o programa de armas nucleares da França. Dominika sabia que o homem estava a apaixonar-se por ela e que pediria à sua filha para confidenciar ao papá quaisquer segredos atômicos franceses que Dominika quisesse saber. Foi uma sedução fácil – e não propriamente desagradável, porque ele era um homem decente que se sentia só. A diferença era que aquela era uma operação genuína. A potencial recolha de informações para o SVR não teria paralelo.

Mas a sedução correu demasiado bem, e, como os chefes barrigudos de Dominika ficaram com inveja, minaram de modo propositado e malicioso o engodo e assustaram o francês. Ele confessou a sua prevaricação à embaixada e foi recambiado para o seu país. Perdeu-se o caso, e Egorova, a arrogante recém-diplomada de olhos azuis da Academia, foi posta no seu lugar. O solícito Tio Vanya manifestou-lhe o seu pesar e anunciou que ia propor-lhe algo que era uma operação real, algo substancial, algo ainda mais desejável, porque implicava que ela fosse colocada no estrangeiro – na sofisticada Finlândia, disse ele. *Assim, sim* –, pensou Dominika. *Uma verdadeira missão operacional*. Antes, porém, uma pequena tarefa; demoraria três horas, disse o tio com um sorriso: seduzir uma americana no Hotel Metropol. Cumpre esta última tarefa de aliciamento sexual para o Serviço e a seguir faz as malas para a tua missão em Helsínquia. *Uma última vez* – pensou ela.

Fazia uma semana que Audrey Rowland, segundo-tenente da Marinha dos Estados Unidos, estava em Moscovo com um grupo de estudantes do último ano do Colégio Nacional da Guerra, numa visita de estudo para observar a «geopolítica bilateral» russa, seja lá o que isso for. Como era costume nos casos de visitas oficiais à Rússia, ao receberem o pedido de vistos dos estudantes meses antes, os investigadores do SVR iniciaram a sua pesquisa, passando a pente fino bases de dados de código aberto e solicitando a fontes clandestinas no Pentágono as biografias e as avaliações da dúzia de estudantes do Colégio da Guerra que chegaria a Moscovo daí a seis semanas. Essa investigação era um procedimento padrão: os funcionários do SVR eram como lobos pacientes na encosta do monte, a observarem a *troika* puxada a cavalos que transportava *kulaks* bêbedos, à espera para verem se alguém cairia sem sentidos do trenó para um monte de neve, proporcionando assim carne fresca.

O perfil singular da segundo-tenente Rowland chamou-lhes especialmente a atenção. O relatório sobre Rowland revelava que ela se doutorara em Física de Partículas no Caltech, se alistara na Marinha dos Estados Unidos e passara com uma perna às costas pela Escola de Candidatos a Oficiais, já assinalada como alguém que subiria rapidamente na carreira e seria uma aposta segura para ser selecionada para o posto de almirante. Depois da Escola de Oficiais, Audrey fora colocada na Divisão de Eletromagnética do NRL, o Laboratório de Investigação Naval em Washington, DC.

Num boletim informativo técnico e secreto do NRL que obtiveram, os russos leram que, nos primeiros três meses da sua comissão, Audrey Rowland impressionara cientistas de topo com uma monografia sobre a difusão térmica no canhão elétrico naval experimental MJ64. Aquela informação despertou considerável interesse nos círculos dos serviços russos de espionagem: a recolha de informações sobre a tecnologia dos canhões elétricos dos Estados Unidos era um dos principais objetivos da Marinha russa. A ameaça de um projétil propulsionado eletricamente e sem chumbo, com uma velocidade de 2200 metros por segundo e uma precisão sem erro a distâncias para além de 150 quilómetros, preocupava o comando naval russo. A Marinha dos Estados Unidos formulara-o de outra maneira: um projétil disparado da cidade de Nova Iorque por um canhão elétrico atingiria diretamente um alvo em Filadélfia em menos de 37 segundos.

Como Rowland era um alvo potencialmente interessante, foi feito um esforço extra para recolher informações sobre aquilo a que no mundo da espionagem se chamava uma «biografia pessoal e de estilo de vida». Obtiveram-se mais informações de um agente ilegal russo infiltrado no pessoal administrativo da universidade da Califórnia em Irvine, que tinha acesso a certas bases de dados de acesso restrito nessa universidade e em sistemas policiais locais. Fazendo-se passar por inspetor do trabalho, o ilegal entrevistou também vizinhos, senhorios e uma ex-colega de quarto na Caltech. Os resultados foram interessantes: Rowland era uma pessoa solitária, distante, com um fraquinho por *margaritas*, que a faziam cair para o lado depois de beber duas. Por trás do que parecia ser um exterior tímido escondia-se uma personalidade altamente competitiva. Havia histórias pouco abonatórias sobre comportamentos obsessivos na sala de aulas e no laboratório. E depois, o *jackpot*: tivera um pai abusador – ele próprio piloto naval –, havia possíveis conotações sexuais e uma total ausência de homens durante os anos que passou na universidade, a culminar num incidente não especificado em que fora violada num encontro, um caso sobre o qual não existia nenhum registo oficial. Virgem vestal, andrógina da Física ou uma mulher que preferia ir de férias para a ilha de Lesbos? Se fosse essa última hipótese, poderia haver uma oportunidade para um pouco de lesbionagem durante a sua visita a Moscovo. Os investigadores observaram que, apesar das recentes políticas de liberalização na Marinha norte-americana, Rowland não teria sido admitida na Escola de Candidatos a Oficiais ou no Colégio da Guerra se as suas predileções fossem conhecidas. Um ponto fraco secreto.

A segundo-tenente Rowland estaria de visita a Moscovo durante uma semana, instalada no Metropol com 12 colegas de turma e um professor/pau de cabeleira. A informação foi transmitida às instâncias superiores – ao departamento americano do SVR; em seguida ao FSB, o *Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii*, o serviço federal de segurança interna, depois ao GRU, o *Glavnoye Razvedyavatel'noye Upravleniye*, o serviço secreto militar externo da Federação Russa. A usual disputa pueril entre essas agências para obter o privilégio de Rowland ser um alvo seu foi resolvida quando o Kremlin ordenou que cada uma das organizações tivesse um papel a desempenhar: o FSB controlaria os outros alunos e o pau de cabeleira; um agente do SVR seria usado para o aliciamento sexual; e o

GRU exploraria o resultado obtido. Quanto ao processo efetivo de recrutamento, estaria envolvido um especialista do Kremlin conhecido como «Doutor Anton». Uma grande dor de cabeça, o Doutor Anton.

*

Durante a semana que os estudantes passaram em Moscovo, os observadores do FSB notaram com interesse que, a seguir ao jantar, a segundo-tenente Rowland parecia apreciar mais do que apenas uma vodka no faustoso bar Chapliani do Metropol, invariavelmente desejando as boas noites e voltando à socapa para beber, muito depois de os seus colegas de turma se terem retirado para os seus quartos. Sergei, um bonito *Voronoy* treinado no SVR (um Corvo, a versão masculina de uma Pardal), foi incumbido de conhecer, encantar e por fim levar para a cama a estaca angular que usava casacos de malha abotoados até ao pescoço, *collants* opacos e sapatos de salto raso, num vivo contraste com a habitual enchente de seios grandes como melões do hotel, *tops* transparentes e sapatos da Jimmy Choo de salto alto com brilhantes. Quando, após dois serões das táticas másculas de Sergei se tornou óbvio que Rowland preferia nadar de cabeça para baixo no lago Veronica a ir para a cama com um homem, o SVR ordenou uma alteração urgente. O tempo escasseava, e o SVR e o GRU estavam ansiosos por que Rowland não lhes escapasse por entre os dedos.

O *delo formular* de Rowland, o seu ficheiro operacional, foi atirado para cima da velha secretária de metal de Dominika na sede do SVR, localizada em Yasenevo, no sudeste de Moscovo, por um chefe de secção cheio de verrugas e de desdém. Ele ordenou-lhe que o lesse, fosse para casa, vestisse alguma coisa que fosse solúvel na água, chegasse ao Metropol até às 21 horas e comprometesse a americana. O curto pavio de Dominika inflamou-se e ela disse ao delegado que fosse ele próprio ao Metropol, já que era óbvio que o alvo preferia bichanos (o que em russo soou significativamente mais ofensivo).

Como se tivesse estado à escuta através de um microfone instalado no cubículo de Dominika, o Tio Vanya telefonou daí a quatro minutos e assegurou que seria a última missão daquele tipo – daí para a frente, ela seria agente operacional em missão em Helsínquia e as sedução enquanto

Pardal cessariam. – Aceita esta missão, por favor, não me digas que não – pedira Vanya, num tom de voz subitamente tenso. – A tua mãe dir-te-ia a mesma coisa. – Tradução: cumpre as ordens ou a tua mãe, com a sua artrite reumatoide e a sua estenose espinhal vai estar no olho da rua quando chegar o verdadeiro inverno de Moscovo.

Daí a quatro horas, metendo debaixo da língua um comprimido de Mogadon, um relaxante muscular ligeiro à base de benzodiazepina que era fornecido aos Pardais, Dominika foi sentar-se no bar Chapliani ao lado de uma Audrey Rowland já de olhos mortiços, que olhou de lado para o colar otomano antigo que Dominika trazia à volta do pescoço e cujos pingentes de prata martelada lhe sacolejavam no rego fundo entre os seios.

– O serviço neste bar deixa algo a desejar – disse Audrey, aparentemente partindo do princípio que Dominika falava inglês. – Pensei que este hotel era de cinco estrelas. – O copo à sua frente estava vazio.

Dominika inclinou-se para ela e segredou em tom de conspiração: – Os russos, por vezes, precisam de um empurrãozinho – disse. – Eu conheço este *barman*; é um bocado do contra, quando quer; dizemos que é *upryamyy*, como uma mula. – Audrey riu-se e deixou-se ficar a olhar para Dominika enquanto ela mandava vir duas vodcas geladas, que foram servidas imediatamente e com grande deferência. Audrey ignorou o *barman*, bebeu a vodca de um só gole e examinou Dominika com um olhar de pálpebras pesadas. Não tinha maneira de saber que o *barman* e três outros clientes sentados ao balcão eram da Linha KR, agentes de contravigilância atentos a possíveis elementos adversários enquanto Dominika se atirava à americana alta. Mas a costa estava limpa no bar; Audrey encontrava-se só.

Dominika não teve de se esforçar muito. Bastou-lhe contar uma simples historieta, que era empregada de escritório e realmente só podia dar-se ao luxo de tomar umas bebidas no Metropol uma vez por mês. Contou piadas sobre os homens russos, manobrando discretamente a conversa e pegando no pulso de Audrey de vez em quando, a estabelecer contacto físico, tudo diretamente saído do manual dos Pardais. Propositadamente, Dominika não demonstrou nenhuma curiosidade sobre o que Audrey fazia ou pela sua carreira naval. Não havia necessidade de puxar por ela: Audrey revelou-se totalmente egocêntrica e com tendência para falar sobre si mesma – *talvez uma narcisista, nesta o ego será uma tecla a pressionar* – pensou

Dominika, que perguntou como era realmente a cidade dela, San Diego, de olhos arregalados e cheios de interesse. Audrey contou que era filha única, que o seu pai era piloto naval de aviões e a mãe muito sossegada (factos biográficos já constantes do seu ficheiro do SVR), e a seguir falou demoradamente de como crescera na Califórnia, uma rapariga da praia exímia no *surf*, o que, suspeitava Dominika, não era verdade. Audrey era uma *unmik*, uma croma da Física, e tinha ar disso. Depois da terceira vodca, Dominika pôs-se séria e inclinou a cabeça na direção do *barman*.

– Os homens russos... Cuidado com eles. Não são só teimosos, são também uns filhos da mãe, na maior parte dos casos.

Audrey arrancou aos poucos a história a Dominika, que parecia relutante em a contar. Limpando os olhos com um guardanapo em que estava bordado o logotipo do hotel, um «M», acabou por dizer a Audrey que rompera o noivado por o seu noivo lhe ter sido infiel, por ter dormido com uma empregada de balcão que trabalhava nos grandes armazéns GUM, na Praça Vermelha, o que era uma ficção completa.

– Ela era uma vadia qualquer, com o cabelo pintado de roxo, acabada de chegar de uma *oblast* rural, como é que se diz, de uma província que nem dá para imaginar – disse Dominika. – Estivemos noivos dois anos, e acabou numa noite.

Audrey deu uma palmadinha na mão de Dominika, indignada com o traiçoeiro noivo sem nome. O «anzol» era sempre mais credível se fosse acrescentado um pormenor específico incongruente, como o cabelo pintado (N.º 87: «*Os contos de Pushkin despertam a imaginação*» era a máxima relevante naquele caso, e uma das muitas memorizadas na Escola de Pardais para ilustrar pontos do ofício).

Os olhos de Audrey fixaram-se nos de Dominika, agora cheios de expectativa e intensidade. Audrey só se sentia um pouco menos tocada pela história do que pelas maçãs do rosto salientes e os lábios carnudos da beldade de cabelo castanho que fungava ao seu lado. Audrey concordou que os homens eram todos uns *svinya*, fez um brinde à solidariedade eterna das mulheres e disse num tom de voz ligeiramente rouco que queria mostrar a Dominika o seu quarto de hotel. Dominika pousou um dedo elegante sobre os lábios e segredou que, em vez do quarto de Audrey, poderiam entrar à socapa na opulenta Suite Yekaterina no quarto andar – a prima dela era camareira no hotel e tinha uma chave-mestra. Audrey estremeceu perante

essa perspectiva e pegou no casaco de malha. Infelizmente, os seus profundos conhecimentos de física eletromagnética não bastavam para avisar da presença da cauda curva de um escorpião acima da sua cabeça.

A suite era magnífica, toda em dourado e verde, com um imponente samovar de latão vermelho em cima de uma pequena mesa oval Fabergé ao canto do quarto. Olharam para o mobiliário, e uma para a outra. Nenhuma delas disse uma palavra. Dominika sabia que a armadilha de mel estava prestes a disparar. Estava a fingir que admirava os frescos que cobriam o teto barroco em abóbada quando Audrey – agora em plena investida – se aproximou dela, lhe pousou as mãos nos seios e colou os lábios aos seus. Dominika retribuiu o beijo, e a seguir, lentamente, soltou-se, sorriu, serviu duas taças de champanhe de uma garrafa num balde com gelo que estava em cima do sofá (meteu um comprimido de Mogadon na taça de Audrey para a relaxar) e empurrou na direção dela uma travessa de prata com *pecheniya*, bolinhos russos polvilhados com açúcar, empilhados numa pirâmide branca como a neve, tirando um para si. Audrey não se apercebeu da incongruência de a prima de Dominika, que era camareira, ter aparentemente fornecido o champanhe caro e os bolinhos finos juntamente com a chave-mestra.

Era demais, ver Dominika a morder o bolinho com os seus dentes brancos e alinhados. A fornalha de Audrey estava ao rubro, e, com dedos trêmulos, sacudiu o açúcar em pó da frente do vestidinho preto de Dominika e arrastou-a pela sala até ao quarto. Os 30 minutos seguintes foram filmados por quatro câmaras com lentes de infravermelhos controladas à distância (e microfones integrados COS-D11) ocultos nos estuques ornamentais em cada canto do teto, a filmarem em 29 megapixéis. A filmagem foi gravada digitalmente por uma equipa técnica do SVR num quarto de arrumos especial ao fundo do corredor do hotel. Sem tirarem os olhos dos monitores, dois técnicos suados encriptavam as imagens e encaminhavam-nas imediatamente para serem vistas em tempo real no Kremlin, nos gabinetes de alguns ministros relevantes para o caso – todos eles ex-compinchas do presidente, dos seus tempos nos serviços secretos –, a meio quilómetro de distância, do outro lado da Praça Vermelha. Ver o filme em tempo real era decididamente melhor do que olhar para raparigas brasileiras de biquíni no *National Geographic*.

Alta, com cara de fuinha, ossos da anca e costelas salientes e o cabelo castanho claro com um penteado à moda do Príncipe Valente, visto pela última vez no filme mudo francês de 1928 *A Paixão de Joana d'Arc*, a desengraçada Audrey era um verdadeiro nó cego de paixão culposa, embaraço atabalhoado e anorgasmia, com uma tendência para aspergir a cama enquanto tentava em vão chegar ao clímax. *Graças a Deus* – pensou Dominika –, *nada de complicado*. Sem muito esforço, conseguiu evitar uma participação ativa, adotando o papel de massagista e conduzindo aquele espantinho esgalgado pelos quatro estádios de excitação física – na escola, chamavam-lhes Nevoeiro, Brisa, Montanha e Onda – para fazer sair aquilo a que os instrutores chamavam *malenkoye sushchestvo*, a pequena criatura, o que aconteceu exatamente daí a 30 periclitantes minutos, com o primeiro espasmo estremecido desencadeado pela inesperada introdução do cabo de borracha estriado da escova do cabelo de Audrey (N.º 89, «*Reza no altar traseiro da Catedral de São Basílio*»).

A gemer e de olhos arregalados, Audrey saltou no colchão como um vampiro a levantar-se num caixão, pôs os braços à volta do pescoço de Dominika, cravou os dentes no ombro dela e cavalgou os seus orgasmos múltiplos e estremecidos como uma bruxa em cima de uma vassoura, saindo do hotel, passando por cima dos muros do Kremlin, pela janela do quarto do presidente Putin, e dando a volta à estrela no pináculo do hotel Ukraina, a 200 metros acima de Arbastky, na curva do rio.

Isto deve dar ao recrutador do GRU o suficiente para trabalhar – pensou Dominika, com autoconfiança técnica, quando Audrey tombou de costas em cima da cama com um suspiro. Dominika pôs uma toalha sobre o corpo trémulo de Audrey.

É a última vez – pensou –, *e graças a Deus que estava a deixar isto para trás. Helsínquia ia ser um sonho*. Não podia saber que estava ao mesmo tempo certa e errada.

*

Audrey estava a despertar do coma induzido pela benzodiazepina e por quatro orgasmos, com a cabeça surpreendentemente desanuviada e as coxas pegajosas e trémulas. De acordo com o procedimento habitual, a Pardal esgueirava-se sempre do quarto quando o recrutador entrava, e Dominika

passou por ele ignorando o seu cortês aceno de cabeça. Audrey nem a viu sair, e não sabia que o papel de aliciamento da Parda estava completo. Para Audrey, aquela tipa seria apenas uma recordação esfumada – uma Vénus de olhos azuis a empunhar aquela escova – embora permanentemente imortalizada num vídeo digital.

Audrey também não sabia que o recrutador do Kremlin era o famoso Doutor Anton Gorelikov, o homem de 50 anos que era diretor do misterioso *Sekretariat* de Putin, um gabinete na sombra no Kremlin, com um só elemento – o próprio Gorelikov – a tratar de questões estratégicas delicadas e importantes tais como o recrutamento coercivo de uma jovem oficial da Marinha americana. O Tio Anton obtivera êxitos monumentais de recrutamento ao longo dos anos. Falando num inglês de Oxford fluente, Gorelikov tinha uma série de questões a discutir depois de Audrey acabar de se vestir e sair da casa de banho cheia de dourados, a pentear nervosamente o cabelo com a escova ainda morna. Ele raramente recorria a ameaças, preferindo discutir racionalmente os benefícios da cooperação com os serviços secretos russos e ignorar a «situação desagradável» que acabara de se concluir.

Sentaram-se no salão, com Audrey apreensiva, mas sem fazer ideia do que se iria passar. Eram duas da madrugada.

– É um distinto prazer conhecê-la, Audrey – disse o Tio Anton.

Audrey mexeu-se na cadeira e olhou para ele. Falou com alguma rispidez. – Como sabe o meu nome? – perguntou. – Quem é o senhor?

Gorelikov fez o sorriso que já condenara mil recrutas chantageados. A voz de Audrey não estava calma; ele detetava o revelador tom hesitante. –

Por favor, chame-me Anton – disse ele. – Sei o seu nome porque as informações sobre a menina são soberbas; uma carreira brilhante na investigação sobre armas à sua frente, excelentes perspectivas de promoção, mentores influentes e patronos com poder, que farão disparar em flecha a sua carreira na Marinha.

– Como é que sabe tanto sobre mim? Que entidade representa? – perguntou Audrey, ainda sem compreender o que aquilo era.

O Tio Anton ignorou as perguntas dela. – Quanto ao breve caso desta noite com a jovem do bar, será mais aconselhável não o mencionar... será melhor para todos os envolvidos – disse o Tio Anton. – Tenho grande admiração pela sabedoria das reformas da Marinha dos Estados Unidos, do

estilo *Não Pergunte, Não Digas Nada*. Infelizmente, as nossas forças militares russas são demasiado monolíticas para tais vistas largas liberais – suspirou ele.

– O que é que isso tem a ver com o quer que seja? – disse Audrey, cuja mente excecional estava a começar a ligar os pontos. Um calafrio gélido percorreu-lhe as costas.

– Tenho uma preocupação persistente – respondeu o Tio Anton. – Receio que, se as suas indiscrições sáficas forem divulgadas, os velhos preconceitos institucionais no seu serviço voltem quase de certeza à tona, lamentavelmente, fazendo-a correr o risco de uma aposentação antecipada em terra seca com metade do salário. Isso seria ao mesmo tempo injusto e incorreto. – Com um sentido de oportunidade presciente, Gorelikov apontou o comando à distância para o televisor que se encontrava ao canto do salão, em cujo ecrã começaram a passar as precisas indiscrições de que ele estivera a falar, nomeadamente, imagens das pernas trémulas de Audrey no ar com o que parecia ser a cauda de um lémure a despontar entre as suas nádegas. Audrey deixou-se ficar sentada no cadeirão, atordoada, sem expressão no rosto, dando poucas pistas psíquicas ao velho feiticeiro ardiloso, o que era interessante – ela estava plácida, sem emoção, aquiescente. Aceitou um cigarro e inspirou profundamente o fumo. Gorelikov sabia que ela estava a considerar as consequências daquilo. *Bom sinal.*

Audrey estava efetivamente a considerar as consequências. Sabia o que aconteceria, porque lhes tinham sido dadas informações de segurança precisamente sobre situações como esta. Optara por as ignorar. Eram regras que não se aplicavam, *não se aplicariam* a ela. Ela iria longe na Marinha, e não tinha tempo para coisas dessas. Mas sabia que estava agora num aperto: os russos congeminariam uma charada. A jovem russa apresentar-se-ia às autoridades, a dizer por entre lágrimas que tinha sido coagida a fazer um filme picante de sexo, o que violava pelo menos uma meia dúzia de leis de moralidade russas. Um escândalo desses destruiria a carreira de Audrey, aquela carreira que ela andava a preparar desde a faculdade, passando pela Escola de Candidatos a Oficiais e pelo laboratório de investigação, para subir na hierarquia, para ultrapassar o seu pai pouco generoso, para ir além dos feitos dele na Marinha e para obter os benefícios e o prestígio do almirantado num serviço que era a coutada impenetrável de homens

solícitos cheios de si. Tudo isso seria dela; nada era mais importante. A sua mente de cientista da física deu um salto para a frente, em compreensão.

– Nos termos mais simples, está a chantagear-me, a mim, uma oficial da Marinha dos Estados Unidos da América. – Audrey não conseguiu evitar o tremor na voz.

O Tio Anton ergueu as mãos numa expressão de alarme. – Minha cara Audrey – disse. – Nada poderia estar mais longe das minhas intenções. A própria ideia me repugna.

– Então, talvez possa fazer a fineza de me dizer exatamente quais são as suas intenções.

Gorelikov observou que ela já era capaz de dar ordens como um almirante. – Com todo o gosto – respondeu. – Basta de situações hipotéticas. Eu tenho uma proposta excepcional. Gostaria de propor uma relação discreta entre a menina e uma Rússia cordial, para cooperar *durante um ano* no sentido de uma paridade global pacífica, uma relação que seria benéfica para ambos os países e para todas as nações. Uma colaboração de 12 meses. Peço-lhe que considere o seguinte: até mesmo a investigação militar tem como objetivo definidor evitar a guerra, não é verdade?

Ela não se manifestou, mas ele sabia que ela o estava a ouvir. Audrey avaliou as suas palavras. Em certo sentido, tinha razão. A mãe de Audrey, uma mártir, vivera sob o peso do insensível e repugnante marido durante 30 anos. Era uma alma gentil e, bem, uma *hippie* dos anos 1960 que dançara em Woodstock e acreditava na paz global, num mundo sem conflitos, sem crueldade e sem ódio. A mente analítica de Audrey sabia que coisas como canhões não existiam no mundo ideal da mãe, mas nunca esquecera as suas palavras plácidas, nos meses tranquilos que antecederam o tumulto das visitas do pai depois das missões dele em alto mar.

– Mas ninguém pode viver só de paz mundial, não é verdade? – perguntou o Tio Anton, interrompendo-lhe o curso dos pensamentos. Uma relação discreta traria outros benefícios tangíveis, menos abstratos, tais como honorários de consultoria, que incluiriam um «estipêndio» mensal, uma conta bancária *offshore* sob um nome secreto na qual seriam feitos regularmente depósitos significativos, e, o que era mais importante, *opekunskiy*, aulas particulares para ela, preparadas por especialistas militares russos, o Instituto Norte-Americano e pessoal do Kremlin, sobre doutrina estratégica naval, planos de armas, previsões globais, prioridades

políticas internacionais e tendências da economia. (Não mencionou que todos os serviços secretos recorrem à ficção das «aulas particulares» para os seus agentes recrutados, que mais não são do que sessões em que se extraem deles ainda mais informações sem revelar nada de importante.)

Com tais inícios, Audrey Rowland tornar-se-ia uma estrela em ascensão na investigação militar na Marinha dos Estados Unidos, garantindo-lhe promoções, a gestão de programas de investigação e desenvolvimento e missões fantásticas do Pentágono. Frequentemente, esses tipos de missões conduziam à política nacional após uma carreira militar – ao Senado, ao governo, até mesmo a um cargo mais elevado. Audrey deitou a cinza do cigarro para o chão. Embora soubesse o que estava a acontecer, aquelas recompensas eram exatamente os emolumentos que cobiçava.

Gorelikov analisava-a por camadas, como se estivesse a fazer girar um varão num torno de madeira. Ela era uma narcisista social com um sentido inflacionado do seu próprio valor, uma carreirista carente com uma necessidade profunda de admiração, e, no entanto, com falta de empatia pelos outros, como o pai dela. Estava integrada num sistema que, por definição, a tornava uma marginal sexual. Fora uma aluna de doutoramento brilhante, com uma mente organizada, que impressionava agora os seus superiores no NRL. Não era por natureza imprudente ou impulsiva, e, no entanto, punha-se a engatar mulheres num bar de hotel em Moscovo, ignorando claramente as estritas regras de comportamento estipuladas para países específicos, as nações que constituíam uma ameaça à segurança dos Estados Unidos. *Odarennost* e *sobstvennoye*, o génio toldado pelo ego, com o albatroz da sexualidade conflituosa a rondar-lhe o pescoço. Sem dúvida, um perfil de força num candidato a recrutamento. Com base na avaliação que fizera de Audrey, Gorelikov duvidava que ela recusasse a proposta e optasse por arrostar com as consequências.

Audrey soprou uma coluna de fumo na direção do teto, dando corda à sua indignação.

– Obrigada pela proposta, Anton, mas vá-se foder –, disse numa voz inexpressiva, sem olhar para ele. Gorelikov ficou encantado: era exatamente a reação de que estava à espera.

PECHENYA – BOLINHOS RUSSOS

Bata juntamente manteiga, açúcar, fermento e baunilha. Incorpore farinha, sal e amêndoas cortadas até obter uma massa consistente. Forme bolas de dois centímetros e meio, coloque sobre um tabuleiro não untado e coza em forno médio, mas sem deixar tostar. Passe as bolas ainda quentes por açúcar em pó. Deixe arrefecer e volte a passar por açúcar em pó.

1

Uma Toupeira no Meio Deles

Atualidade. A coronel Dominika Egorova, a chefe da Linha KR, a secção de contrainformação do SVR, estava sentada numa cadeira no gabinete do *rezident* de Atenas, Pavel Bondarchuk, e balançava o pé, um sinal de impaciência irritada para quem a conhecia. Bondarchuk, também coronel do SVR, era chefe da *rezidentura* e responsável pela gestão de todas as operações russas de espionagem na Grécia. Teoricamente, era superior hierárquico de Egorova, mas ela conseguira patronos no Kremlin ao longo da sua carreira, e uma reputação profissional sobre a qual se segredava através do telégrafo da sede do SVR (mexericos apenas repetidos nas casas de banho da sede): recrutamentos, trocas de espões, tiroteios; esta Juno tinha até rebentado com a parte de cima da cabeça de um supervisor com uma arma em forma de batom, numa ilha no Sena, em Paris, às ordens de Putin. Quem se atreveria a puxar dos galões perante esta *drakon* que lançava fogo pela boca, pensou Bondarchuk, que era ele próprio um espantalho nervoso, com uma grande testa e faces encovadas.

Não que ela se parecesse com um dragão. Com os seus trinta e tal anos, Egorova era esbelta e tinha a cintura fina, com as pernas ainda musculadas devido ao ballet. O seu cabelo castanho apanhado no cimo da cabeça enquadrava um rosto helénico clássico, com sobranceiras grossas, maçãs do rosto salientes e um maxilar definido. Tinha umas mãos elegantes com dedos compridos e as unhas cortadas a direito e sem verniz. Não usava joias, apenas um relógio de pulso fino, com uma pulseira de veludo estreita. Mesmo sob o vestido solto de verão de Egorova neste dia de primavera, o seu prodigioso busto 36D era óbvio (e assunto de inevitáveis e frequentes comentários nos corredores de Yasenevo). Mas isso não era nada, quando comparado com os seus olhos, que se fixavam nos de Bondarchuk enquanto ele lhe olhava para o peito. Azul cobalto e sem pestanejar, os olhos de Egorova pareciam olhar para dentro da cabeça de uma pessoa para lhe ler os pensamentos, uma sensação decididamente arrepiante.

O que ninguém sabia era que Dominika Egorova era de facto capaz de ler os pensamentos das pessoas. Eram as cores. Ela era sinestésica, uma condição diagnosticada aos cinco anos, que o seu pai, professor catedrático, e a sua mãe, violinista, lhe tinham feito jurar que nunca revelaria, jamais, a ninguém. E ninguém sabia. A sua sinestesia permitia-lhe ver palavras, música e os estados de espírito das pessoas como cores etéreas no ar. Revelou-se uma grande vantagem quando dançava ballet, e conseguia fazer piruetas por entre espirais de vermelho e azul. Foi uma vantagem ainda maior na odiada Escola de Pardais, quando conseguia ver a nuvem gasosa à volta da cabeça e dos ombros de um homem e medir a paixão, o desejo sexual e o amor. Quando entrou no Serviço como agente operacional, foi uma superarma, que usava para avaliar estados de espírito, intenções e ludíbrios. Vivia com esta capacidade – uma bênção e uma maldição – detetando os vermelhos e os púrpuras da lealdade e do afeto, os amarelos e os verdes da má vontade e da preguiça ou os azuis da ponderação e da manha, e, uma só vez, as asas pretas de morcego do puro mal.

O halo amarelo de Bondarchuk, de cobarde pânico burocrático, pulsava à volta dos seus ombros. – Não tem autoridade para iniciar uma operação na minha área de responsabilidade – disse ele, torcendo os dedos nervosamente. – Abordar um norte-coreano é duplamente arriscado. Não faz ideia de como reagirão estas *gilyen*, estas hienas: protestos diplomáticos, ciberataques, violência física; são capazes de qualquer coisa.

Dominika não tinha tempo para aquilo. – A hiena a que se refere é Ri Sou-yong, o Académico Ri, vice-diretor do Centro de Investigação Nuclear Científica de Yongbyon, na Coreia do Norte, a instituição que anda a trabalhar diligentemente para conceber uma ogiva nuclear para ser usada contra os Estados Unidos. Necessitamos de uma fonte dentro do programa deles. Com o encorajamento dos chineses, é tão provável que os norte-coreanos lancem um míssil contra Moscovo como contra Washington nos próximos cinco anos. Ou talvez discorde?

Bondarchuk não disse nada.

– Enviei-lhe um resumo da operação. O Ri está na Agência Internacional de Energia Atómica, a IAEA, em Viena, há um ano – disse Dominika. –

Nunca deu um passo em falso, demonstra uma lealdade inabalável a Pyongyang, é politicamente fiável. E depois envia uma carta. Quer falar com Moscovo. Consciência? Desespero? Deserção? Veremos. Em qualquer

caso, acalme-se. Não se trata de uma abordagem coerciva; ele é que nos contactou.

– Deu cabo de uma casa segura perfeitamente boa da minha lista por causa deste alvo desconhecido, sem nenhuma garantia de sucesso – disse Bondarchuk.

– Queixe-se a Moscovo, se quiser – ripostou Dominika. – Eu entrego pessoalmente a sua iniciativa escrita ao diretor, explicando que apenas se teria encontrado com o alvo abertamente na rua. – O pé de Dominika balançava-se como uma máquina de costura. O homem era um imbecil entre imbecis no Serviço. – Temos dois dias para lhe dar a volta. É um fim de semana furtivo longe do destacamento de segurança dele em Viena. Está numa casa de praia em Voula, com uma governanta-cozinheira – disse ela.

Bondarchuk recostou-se na sua cadeira giratória. – A alegada governanta, a estudante romena de 25 anos, não estará por acaso ao seu serviço?

Dominika encolheu os ombros. – É uma das minhas melhores. Já forneceu informações úteis sobre a crise da meia idade dele – respondeu.

Bondarchuk riu-se. – Tenho a certeza de que ela anda a fornecer outras informações úteis. Vocês Pardais são todas iguais – disse ele, incluindo-a a ela implicitamente.

Dominika pôs-se de pé. – Acha que sim? Consegue ver que somos todas iguais? – perguntou, gélida. – Por exemplo, diria que a mulher com quem se encontra todas as quintas-feiras à tarde é uma Pardal do Centro, Coronel? Ou só a sua amante grega? Consegue adivinhar? E se alguma vez voltar a referir-se a mim como Pardal, a sua crise de meia-idade vai chegar antes do tempo.

Bondarchuk deixou-se ficar sentado na cadeira, com o seu halo amarelo a estremecer, enquanto Dominika saía porta fora.

*

Quando Dominika chegou à casa segura, o Académico Ri estava fora, no mercado de rua semanal em Voula, o soalheiro subúrbio de Atenas à beira-mar, na costa sul, a fazer compras para que a sua empregada romena, Ioana, pudesse preparar almôndegas com limão e aipo como a mãe dela costumava fazer. Mesmo depois de um ano a deliciar-se com a gastronomia de Viena, o palato norte-coreano esfomeado de Ri ainda ansiava por carne, vegetais e

molhos fortes, e Ioana tinha-lhe preparado refeições substanciais nos dois dias desde que ele chegara a Atenas, depois de se escapulir de Viena antes do início de um fim de semana prolongado.

– Temos aqui uma cena bem doméstica – disse Ioana a Dominika, que tirou os óculos de sol ao entrar no pequeno apartamento alugado num segundo andar, com paredes brancas, pavimento de mármore e as portas da varanda completamente abertas à suave brisa marítima. – Ele é um sujeito esquisito: quartos separados, não quer que lhe faça massagens nas costas e não se põe a olhar para mim quando estou de roupa interior. Faz as compras de alimentos, eu cozinho, ele lava a louça e depois põe-se a ver os noticiários em inglês durante o resto da noite. Devora-os.

Ioana Petrescu era uma Pardal veterana, alta e de ombros largos, ex-jogadora de voleibol, fluente em inglês, francês e romeno, e com russo de nível 4. Tinha uma licenciatura em Estudos Eslavos tirada na universidade de Bucareste. Não gostava da maior parte das pessoas – autoridades, agentes do SVR e russos em geral –, mas venerava Dominika, que era sua irmã-de-arms, uma ex-Pardal que a tratava como sua igual. Com o seu rosto de deusa da Dácia, Ioana poderia ter feito fortuna como modelo no Ocidente, mas a sua personalidade do contra mantivera-a a trabalhar como Pardal do SVR para Dominika, tendo até uma vez segredado que adorava as nuances da sedução de uma armadilha de mel devidamente gerida. Havia algo de predador nela, o que a tornava ainda mais querida a Dominika. Era perspicaz, bem informada, irascível, irreverente e cética. Dominika protegia Ioana dentro do Serviço, mantinha os coronéis e os generais mulherengos afastados dela e apreciava as suas avaliações astutas dos alvos. As duas mulheres eram amigas – Dominika planeava tirá-la por fim do quadro dos Pardais e trazê-la para o Serviço de forma permanente, como agente.

– Ele fala do motivo por que enviou a carta para a *rezidentura* de Viena? – perguntou Dominika. – O que é que quer? Vai desertar?

– Não pretendo desertar – disse uma voz da porta. Não o tinham ouvido entrar. Ri Sou-yong trazia um saco de plástico a transbordar, do qual despontava uma cabeça de aipo e as folhas de um alho-francês. Pousou o saco no balcão da cozinha e sentou-se numa cadeira em frente às duas mulheres. Era baixo e esguio, e trazia uma simples camisa branca, calças e sandálias. Tinha cabelo preto retinto e um rosto redondo corado, com maçãs do rosto salientes e uma verruga no queixo, como Mao. – Posso presumir

que a sua colega é a representante de Moscovo? – inquiriu ele a Ioana. – Não perguntarei nomes. – Virou-se para Dominika. – Bem-vinda. Obrigado por ter vindo de tão longe para me ver. Tenho informações para si. – Foi ao quarto nas traseiras e voltou com um envelope de papel pardo com vincos, fechado com um botão e um cordel, e entregou-o a Dominika. – Por favor, desculpe o estado do envelope. Tive de o trazer às escondidas do meu gabinete debaixo da roupa. Mas espero que o conteúdo compense o aspeto enxovalhado.

Dominika despejou um maço de folhas em cima da mesinha de apoio. Os documentos estavam escritos em coreano; bem poderiam ser gatafunhos paleolíticos nas paredes das grutas de Lascaux.

Ri interpretou imediatamente o olhar vago de Dominika, e corou, contrito. – Peço desculpa pelo Chosŏn’gŭl, os caracteres coreanos, mas sei que os documentos científicos originais têm mais valor intrínseco do que os traduzidos ou transcritos.

É um perfeccionista de mão-cheia – pensou Dominika, apreciando o halo azul escuro à volta da cabeça dele. *Um pensador, brilhante, prevê as reações.*

– Exatamente, Senhor Professor – disse Dominika –, mas um vendedor de informações espúrias poderia trazer documentos cujo valor não seja possível estabelecer imediatamente. – Era uma sugestão insultuosa, feita para avaliar a reação dele. Lá no fundo, Dominika pensava que poderia ser uma armadilha dos serviços norte-coreanos de informação concebida por alguma razão inescrutável pela mente infantil do Líder Extraordinário, ou o que quer que andassem a chamar ao presidente cabeça-de-feijão naquele momento. Por hábito, ela e Ioana estavam ambas subconscientemente à escuta de passos no cascalho do caminho de acesso ao prédio. Ri sorriu e bateu palmas.

– Tem toda a razão, de facto; é prudente da sua parte levantar a questão – disse ele.

– E ainda não ouvimos qual foi a razão exata para ter solicitado este encontro, o que está a oferecer ao certo ou o que espera especificamente em troca – disse Dominika.

– Responderei às suas questões com todo o agrado – disse o homenzinho, com uma pequena inclinação da cabeça. – Em primeiro lugar, não peço nada em troca desta informação. Não tenho necessidade de dinheiro. Não

quero desertar. Os meus parentes em Pyongyang seriam metidos vivos numa fornalha de aço, um a um, se eu desaparecesse do meu posto em Viena.

»Em segundo lugar, ofereço-lhe informações, segredos de Estado, sobre êxitos recentes no programa nuclear de Yongbyon, mais especificamente sobre as tentativas de construir um detonador fiável para um dispositivo nuclear, um dispositivo que possa vir a ser suficientemente miniaturizado para ser acoplado ao topo de um míssil balístico intercontinental, um ICBM. Resumirei em inglês o que expliquei nestes relatórios técnicos, para o seu relatório para Moscovo. Seria satisfatório?

– Seria bastante satisfatório – respondeu Dominika. – Mas mantém-se a terceira pergunta: porque está a fazer isto? E porquê oferecer estas informações a Moscovo? – Ri olhou Dominika nos olhos, sem oscilações no seu halo azul e com as mãos imóveis. Ela não detetou nenhum tipo de duplicidade.

– Escolhi Moscovo porque Washington perdeu a sua seriedade global na última década, tornou-se uma águia sem garras nem bico. A CIA foi politizada e distorcida, e tende a permitir fugas de informação por ordem da sua administração para obter ganhos políticos. – Sorriu. – Colaborar com um serviço secreto que permite fugas de informação para servir políticos ideólogos tende a reduzir a expectativa de vida das suas fontes. Estou disposto a correr riscos, mas não sou suicida. Ri limpou as palmas das mãos às calças. – Pergunta-me porquê? Uma pessoa só se pode deixar ficar calada até certo ponto. Armas nucleares nas mãos de um homem-criança que se autoapela de Santo do Sol e da Lua seriam um desastre para o nosso país, para a região asiática e para o mundo. Arrisco a minha vida e a da minha família para me assegurar de que isso nunca acontecerá. Não há esperança no nosso país. Talvez eu possa trazer alguma esperança para o futuro.

– Admiro a sua convicção, Senhor Professor – disse Dominika. – Está disposto a continuar a fornecer informações no seu posto em Viena, no Instituto? Não lhe mentirei; os riscos não irão diminuir. Mas eu serei pessoalmente responsável pela sua segurança.

– Colaborar em Viena será significativamente mais difícil – disse Ri. – Há uma equipa de seguranças que vigia a nossa delegação muito atentamente. Temos de viver no mesmo prédio, dois delegados por apartamento, e por

isso toda a gente é informante de toda a gente. É muito raro eu ter tempo a sós.

– Essas são dificuldades que podem ser ultrapassadas – disse Dominika. – Temos muita experiência nessas matérias.

Com o extraordinário sentido de oportunidade de uma Pardal treinada, Ioana pôs-se de pé e foi para a cozinha. – Vou começar a fazer o jantar enquanto falam de negócios – disse. – Penso que merecemos uma garrafa de vinho esta noite, para comemorar?

*

O Académico Ri sentou-se ao lado de Dominika no sofá e resumiu o conteúdo dos relatórios que lhe entregara, virando ocasionalmente uma página para esboçar um diagrama simples, a ilustrar uma questão. Exprimia-se como um cientista, de forma lógica e numa sequência ordenada.

– Podíamos falar durante semanas sobre o desenvolvimento de armas nucleares, mas, em poucas palavras, estes papéis documentam que o nosso serviço de informação proporcionou ao nosso programa nuclear certas tecnologias estrangeiras que permitirão à Coreia do Norte construir um dispositivo nuclear mais potente e miniaturizá-lo para ele caber na ogiva de um míssil balístico intercontinental. Se me permite, há três pontos importantes:

»Um: o nosso serviço de informações, o RGB, o Gabinete Geral de Reconhecimento do Departamento do Estado Maior, não é um serviço global. Opera regionalmente, é terrivelmente tacanho e, em geral, ineficiente. Nunca teria podido, em nenhuma circunstância, adquirir por si só esta tecnologia.

»Dois: a tecnologia envolve componentes eletromagnéticos avançados, até agora só vistos no desenvolvimento de um canhão naval dos Estados Unidos, uma arma experimental que pode lançar um projétil em grandes velocidades a distâncias imensas.

»Três: explorar a potência eletromagnética de um canhão reconfigurado permitirá a Yongbyon desenvolver aquilo a que se chama um detonador tipo-armas – combinando dois hemisférios subcríticos de U-235 – para um dispositivo de fissão de urânio, num período de tempo muito curto. A

tecnologia é relevante porque também facilitará a miniaturização do detonador a encaixar na ogiva de um míssil.

Dominika sabia que aquilo era imensamente importante.

– Professor, quando é que o detonador estará pronto a ser usado na sua forma miniaturizada?

– Calculo que daqui a seis meses, a não ser que haja complicações – respondeu Ri.

– Neste momento, a Coreia do Norte tem um míssil com alcance suficiente para atingir Washington ou Moscovo?

– Esses são segredos na posse das Forças Mísseis do Estado Maior. Segundo sei, atualmente ainda não, mas daqui a 12 meses, talvez. É só uma suposição.

– Como é que o RGB adquiriu a informação sobre a tecnologia do canhão eletromagnético?

Ri abanou lentamente a cabeça. – Isso não sei. São-nos dadas cópias simples da investigação, mas não temos acesso a documentos ou planos originais. O RGB nunca revelaria a fonte das suas informações. Duas coisas são certas: a tecnologia roubada é autêntica; está a acelerar o nosso programa, poupando-nos anos de investigação e desenvolvimento.

– E a segunda? – perguntou Dominika.

– Esta ciência só pode vir de um lugar. Os americanos deparam-se com um grande problema. Têm uma toupeira no meio deles.

ALMÔNDEGAS COM LIMÃO E AIPO DE IOANA

Misture carne de vaca picada, cebola e salsa picadas, ovo cru, especiarias, sal e pimenta, e forme bolas com uma forma oblonga. Frite em lume forte e reserve. Salteie em lume forte raiz de aipo cortada em pedaços, juntamente com dentes de alho esmagados, curcuma, cominhos, canela, sementes de funcho esmagadas e pimentão doce fumado, mexendo sempre. Coloque as almôndegas no tacho, adicione caldo de galinha, sumo de limão e sal e pimenta. Deixe ferver e depois cozinhe em lume brando até o aipo estar tenro e o molho espesso. Sirva com uma colher de iogurte e uma pitada de salsa.

2

Pão no Forno

Há 12 anos, quando a segundo-tenente Audrey Rowland, na suite do hotel Metropol, disse ao recrutador do Kremlin Anton Gorelikov que se fosse foder, depois de ele lhe propor um acordo segundo o qual ela partilharia informações secretas sobre projetos de investigação de armas da Marinha dos Estados Unidos com os serviços militares de informação russos, em troca de pagamentos a dinheiro e uma assistência discreta na sua carreira, Gorelikov ficou encantado. De acordo com o manual de recrutamento dos serviços de informação, aquela blasfêmia não era uma recusa. A jovem não dissera que não, e, o que era ainda mais importante, não declarara com indignação a sua intenção de denunciar a proposta aos agentes americanos de contrainformação, o que teria dado cabo da abordagem de uma vez por todas. A sua escapadela de 30 minutos com um Parda do SVR era claramente um contacto digno de ser comunicado, o que teria tido graves consequências para a sua promissora carreira naval. Gorelikov concluía que ela se sentiria motivada pelo desejo de manter o episódio secreto. Havia algo mais, pensou. Aquela jovem era ambiciosa e já demonstrara ser uma investigadora brilhante num programa de importância crítica, uma capacidade valiosa que lhe garantiria uma progressão rápida numa Marinha americana dominada pelos homens, o que, claramente, era importante para ela. Também trazia uma bagagem ainda indefinida em relação aos homens, o que talvez se manifestasse no seu comportamento sexual, mesmo em jovem. A ambição levedada pelo ego, condimentada por uma predileção proibida pelo tribalismo. Um potente *cocktail* de recrutamento. Deixara-a refletir durante a noite – também conhecido coloquialmente, no léxico da espionagem, como deixar o pão no forno.

Quando Audrey Rowland estipulou no dia seguinte, de modo deliberado, que limitaria as suas informações estritamente ao projeto do canhão, Gorelikov aceitou essa condição com delicadeza. Sabia que o anzol estava preso. A maior parte dos agentes começava por declarar limites morais à

sua traição, insistindo em acordos com um final definido, geralmente limitados a um só tópico, em troca de que as suas transgressões originais não fossem reveladas. O que nenhum deles compreendia imediatamente era que aceder a fornecer quaisquer segredos a Moscovo multiplicava a infração inicial por cem, enredando o agente numa teia durante tanto tempo quanto os russos estipulassem, até este perder o acesso a informações ou até a sua sorte se esgotar e os caçadores de toupeiras o convocarem para as inexoráveis entrevistas. Gorelikov sabia há muito por experiência que o resultado inevitável – o destino universal de todos os agentes – era que Audrey acabaria por ser desmascarada pelas manobras descuidadas de um grosseiro agente de contacto do GRU, ou, o que era mais provável, por uma fonte da CIA dentro do GRU, que comunicaria a existência de uma toupeira russa na Marinha dos Estados Unidos. O objetivo fora, portanto, compartimentar o caso e explorar a colaboração durante tanto tempo quanto possível, extraindo a máxima quantidade de informação tão rapidamente quanto era seguro. Embora a sobrevivência de Audrey Rowland como fonte de informações não fosse da responsabilidade burocrática de Gorelikov, ele disse para consigo que preferia que o caso fosse tratado pelo SVR, um serviço mais apto a lidar com fontes estrangeiras, ou, o que seria ainda melhor, por um ilegal anónimo, de rasto impossível de seguir e triplamente compartimentado.

Agora, a importante vice-almirante Rowland – encriptada como MAGNIT – ainda assim desafiara a probabilidade de sobrevivência de um agente. Transmitia informações há 12 anos – houvera interrupções no contacto, transferências malsucedidas para novos agentes de contacto inaceitáveis, e um hiato após um susto de segurança – mas constava das listas há 12 anos, desde o seu recrutamento no Metropol.

Como Gorelikov previra, a vice-almirante Rowland há muito que se acostumara ao ato de espionagem. Inicialmente, racionalizou a sua traição dizendo a si mesma que partilhar informações científicas com a Rússia equilibraria o jogo de forças do ponto de vista tecnológico, geraria confiança mútua e, na verdade, reduziria a possibilidade de uma terceira guerra mundial, um conflito ao qual nenhuma pessoa de perfeito juízo pensava que alguma das partes pudesse sobreviver. Apreciava as mensagens com agradecimentos e admiração cheias de floreios de cientistas russos atónitos, a louvar o seu brilhantismo técnico, tal como se deleitava com os

encontros anuais com o Doutor Anton, que era um homem elegante, bem vestido e delicado, e sabia falar sobre arte, música ou filosofia tão bem como sobre as limitações do sistema de radar faseado em navios ou a capacidade de geração de megawatts do torpedeiro da classe *Zumwalt*.

A relação entre a agente e os seus amos amadureceu. Com o desempenho de MAGNIT a manter-se à altura das expectativas e a sua taxa de fiabilidade ao mais alto nível – todos os serviços avaliam constantemente os seus canários, já que o primeiro sinal de problema num caso é uma alteração anómala na produção de informações – Gorelikov, por ordem de Putin, encetou um contacto paralelo: o GRU contactava MAGNIT nos Estados Unidos, embora fossem pouco mais do que carteiros, a recolher comunicações e a transmitir ordens. Gorelikov, no entanto, começou a encontrar-se com MAGNIT durante a licença de férias anual dela, a única pausa na sua total dedicação aos laboratórios, aos Programas de Acesso Especial, à gestão de recursos humanos e aos deveres de supervisão do orçamento que a absorviam. Toda a gente sabia que a almirante Rowland, com o seu ar de cegonha, optava por destinos agrestes para as suas viagens de férias a solo: caminhadas no Nepal; safaris fotográficos na Tanzânia; acampar na Jamaica; ou andar de caiaque no Amazonas. Para os colegas, que não estavam acostumados a ver a angular Audrey Rowland a não ser de farda, as fotografias das férias em que ela aparecia em calções, de botas, com calças de bolsos laterais ou em fato de mergulho, usualmente faziam erguer sobrolhos e ocasionavam comparações feitas em surdina com personagens de ficção ridículas.

Os encontros com Anton eram combinados à margem das férias exóticas de Audrey, em luxuosas casas alugadas nas cidades grandes mais próximas, para evitar deslocções extra e carimbos no passaporte dela que a incriminassem. A racionalização inicial com que a agente se iludira para justificar a sua espionagem desenvolveu-se sob a supervisão filosófica do Doutor Anton, que procurava manter Audrey motivada. A ideia de «equilibrar o jogo de forças» parecia menos relevante na Nova Guerra Fria de medidas ativas e operações cibernéticas. Em vez disso, Anton abordava frequentemente a questão da injustiça do sistema para as mulheres na Marinha, baseando-se nos comentários cada vez menos reservados de Audrey sobre uma infância clara e completamente dominada por um pai arrogante, um aviador naval libertino que intimidava a sua dócil mulher e

praticamente dissera a Audrey que preferia ter tido um filho. Se o pai dela fosse vivo hoje, disse Audrey a Anton, teria de lhe fazer continência *a ela*. Anton concordava que as mulheres se deparavam com o mesmo problema na Rússia: eram forçadas pela sociedade, pelos costumes e pelas instituições a deixar que os homens lhes roubassem força emocional. A empatia sardónica de Anton calava fundo em Audrey. O que ela andava a fazer – passar segredos, ter encontros furtivos, aceitar pagamentos do Kremlin – fazia-o para si mesma, e fazia-o para se destacar na sua carreira apesar dos homens, apesar do sistema. O saldo crescente nas suas contas geridas pelo Centro – já tinha uma quantia no valor de cinco milhões de dólares em euros, kruggerrands e diamantes por lapidar do Kremlin – era mais uma validação pessoal, uma prova de que aquilo lhe era devido.

Anton reconhecia que a ideia da espionagem como um motor da emancipação de Audrey era um potente fator de controlo. Um controlo adicional provinha naturalmente dos apetites sexuais dela. Apesar das liberalizações nas forças armadas dos Estados Unidos, Anton insistia continuamente na necessidade de manter em segredo a predileção dela por amantes do sexo feminino, para não fazer descarrilar a sua carreira. O mundo «no armário» que Audrey habitava mantinha-a num estado de inquietude e tornava-a uma agente melhor: nervosa, ansiosa e ressentida. As suas férias anuais no estrangeiro proporcionavam-lhe uma oportunidade deliciosa para localizar, seduzir e levar para a cama amantes tentadoras. Por várias vezes, Anton teve de interceder junto de autoridades locais, quando as sessões entre Audrey e uma parceira sexual se tornavam demasiado animadas – quando afogueada, Audrey tornava-se por vezes fisicamente agressiva. Anton providenciava até documentos de identificação falsos para manter o verdadeiro nome dela desconhecido da polícia se as coisas se descontrolassem. O sexo era um problema para o agente de contacto, mas valia o trabalho que dava como instrumento de controlo de MAGNIT, porque, quando ela voltava para Washington, sentada à secretária no ONR, o Gabinete de Investigação Naval, com divisas largas nas mangas e três estrelas na gola, tinha de ser benignamente celibatária e desempenhar esse papel de modo convincente.

Anton aconselhou-a até a dispensar «namorados» a pilhas em casa, porque ela tinha um criado e um cozinheiro nas instalações B, mansões vitorianas de duas águas em Admiral's Row, no Naval Yard de Washington,

no sudeste da cidade. Disse-lhe severamente que a sua imagem pura como a neve de profissional louvavelmente assexual seria manchada se o seu pessoal encontrasse quaisquer brinquedos sexuais, e não tardariam a circular boatos sobre a almirante de três estrelas de cabelo revoltado, no sótão à meia-noite, com um massajador de 220 volts a fazer a luz piscar e a assustar os ratos. Aplicou-se a mesma regra quando, num ano, Audrey descobriu salada tailandesa picante de pepino durante uma excursão pelos templos do Norte da Tailândia e anunciou que ia pedir ao seu cozinheiro em Washington que a preparasse frequentemente. Durante o encontro na luxuosa estância turística Anantara, em Chiang Mai, Anton aconselhou Audrey de forma severa a deixar o conteúdo do frigorífico em paz; o pessoal doméstico iria com certeza dar-se conta de faltarem pepinos. Audrey riu-se daquela imagem. Depois de tantos anos, o Tio Anton podia falar-lhe livremente sobre tais coisas.

Entre os seus encontros animadores no estrangeiro com o Tio Anton, MAGNIT encontrava-se uma vez por mês em Washington com agentes de contacto do GRU que eram agentes de informação militar da embaixada russa em Wisconsin Avenue. Sob a aparência de adidos militares comuns, os espões do GRU raramente se encarregavam de verdadeiras fontes clandestinas, ocupando antes as margens dos serviços secretos – extração, recolha de informações de fontes abertas e transferência de tecnologia. Os encontros ocorriam em parques suburbanos, ao longo de trilhos e em zonas verdes em Washington e nos subúrbios de Maryland e Virginia. Esses momentos eram pouco mais do que breves encontros de cinco minutos, durante os quais Audrey transmitia as suas informações e enviava mensagens ao Tio Anton. A mente quantitativa de Audrey apreciava o desafio de encontrar locais de encontro imaginativos, locais que pudesse observar à distância para se assegurar de que o idiota do mês do GRU não arrastara atrás de si a vigilância do FBI. Audrey discutira os pormenores da seleção dos locais de encontro com Anton – o seu mestre em tantas coisas – e tornara-se bastante competente. Audrey já perdera a conta ao número de CDs, *pens*, câmaras digitais, discos rígidos e, ocasionalmente, maços de documentos em papel, livros e papéis impressos sobre todos os aspetos da investigação de armas navais, guerra antissubmarinos, planos de navios e de radares, tecnologia furtiva e comunicações encriptadas que atirara para o regaço dos seus agentes de contacto. Após 12 anos sob aquele jugo, não

seria capaz de elaborar uma lista exaustiva dos segredos que transmitira aos russos. Na verdade não se importava. As três divisas no casaco da sua farda eram uma razão suficiente para continuar.

Uma fonte como MAGNIT era inquestionavelmente a joia na coroa do GRU, bem como um fardo constante nas capacidades coletivas do Estado Maior do GRU, vulgarmente conhecido como o Aquário. Desde o início, Anton Gorelikov fora secretamente nomeado por Putin para monitorizar o caso MAGNIT e observar a qualidade e a durabilidade do desempenho do GRU. Quando MAGNIT recebeu a sua terceira estrela, Gorelikov começou sem grande delicadeza a retirar o caso aos militares, acabando por o atribuir a um ilegal em Nova Iorque, que seria anónimo, invisível e inviolável. Nessa altura, o criptónimo de MAGNIT seria alterado e os ficheiros firmemente restringidos. Gorelikov também tinha em mira a chefe da contrainformação do SVR, a coronel Egorova, que, pensava ele, poderia acabar por partilhar os deveres do contacto no estrangeiro com MAGNIT, com base na sua experiência prévia em operações no terreno e de contrainformação.

Há anos que o presidente Putin desejava surdamente a sua chefe de contrainformação, a ex-bailarina de seios fartos, desde a noite em que visitara o quarto de Dominika no Palácio Constantine à meia-noite e casualmente acariciara o corpete rendado da sua camisa de dormir enquanto lhe ordenava que fosse de avião a Paris e eliminasse o seu chefe, o psicopata Zyuganov, que perdera a confiança de Putin. O presidente não se esquecera de como os mamilos de Egorova tinham reagido ao toque dele, não conseguia esquecer a sensação daqueles rebites de doca a incharem sob a renda e como ela pestanejava, numa excitação falsamente púdica. Acabaria por a possuir, seria inevitável. Tinha a intenção de promover Egorova no futuro próximo, mas ainda não. E o contacto de MAGNIT podia esperar: a produção continuada da toupeira era de importância crítica. Gorelikov assegurou a Putin que aquilo era só o princípio: quando a Marinha americana se afundasse e desintegrasse, o mesmo aconteceria aos Estados Unidos. – *Chto bylo, to proshlo I bylyom poroslo*, o que existia desaparecerá e ficará coberto de silvas – disse Gorelikov a Vladimir.

SALADA TAILANDESA PICANTE DE PEPINO DE MAGNIT

Descasque e tire as sementes a um pepino e corte-o em rodelaas muito finas, de preferência com uma mandolina. Ponha as rodelaas de pepino num coador, polvilhe com sal e deixe escorrer, espremendo para retirar o excesso de líquido. Numa taça, misture vinagre de arroz, sumo de lima, fatias finas de alho, uma grande quantidade de malaguetaas tailandeaas finamente cortadaas, *nam pla* (molho de peixe), coentros picados, um pouco de óleo de sésamo, açúcar, cebolinho cortado fino e cebolaas roxaas cortadaas às rodelaas finas (mergulhe previamente as cebolaas em água gelada por breves momentos). Tempere as rodelaas de pepino com este molho e polvilhe com pó de camarão seco ou amendoins moídos. Sirva imediatamente.

3

Tu És Meu

Dominika tirou a tampa do batom e escreveu *Ti Moy* no peito nu de Nathaniel West, estando sentada em cima dele na cama, na casa segura da CIA: uma moradia soalheira pintada de branco, ao fundo de uma estrada de terra batida, no cimo de um monte rochoso com catos em Vouliagmeni, a 15 quilómetros a sul de Atenas, com uma vista esfumada da ilha de Egina do outro lado das águas azul-turquesa e de uma calma de morte do golfo Sarónico. Os *ferries* brancos das ilhas a dirigirem-se para o porto de Pireu deixavam rastros cruzados de espuma ao passarem. Lá fora, beija-flores voavam à volta da glicínia que crescia pelas paredes da moradia de um só quarto. Dominika soergueu-se um pouco mais e beijou-o nos lábios.

– Espero que não fosse um dos teus batons-arma – disse Nate. Dois anos antes, a Linha T (técnica) do SVR dera a Dominika duas armas elétricas de disparo único disfarçadas de batom, que ela usara em Paris para separar o topo do crânio do cérebro do seu chefe minúsculo e psicótico, Zuganov, que, naquele momento, estava a tentar penetrar-lhe as costelas com um estilete, a tentar enfiar-lhe a ponta da lâmina entre as costelas direita ao coração. Ele adivinhara que Dominika trabalhava para a CIA, e, quando as balas dum-dum da arma-batom pulverizaram o cérebro do anão venenoso para o rio Sena, ela ficou em segurança, de novo, por enquanto, até à próxima crise.

*

Isso acontecera cinco anos depois da primeira missão de Dominika no estrangeiro, em Helsínquia. A Finlândia tinha sido um sonho. Casas que pareciam ilustrações de livros infantis e costeletas de veado grelhadas, e a excitação e o êxtase de uma verdadeira missão operacional: encontrar o agente da CIA Nathaniel Nash, da embaixada americana, conhecê-lo, tornar-se sua amiga e, se necessário, seduzi-lo para lhe arrancar o nome de um russo de alto nível que o SVR sabia, *simplesmente sabia*, estar a ser

contactado por Nash, mas que nunca conseguia apanhar. Nash e Dominika começaram a preparar o terreno um ao outro – jantares à luz de velas metidas em garrafas de vinho cobertas de cera, passeios em parques citadinos verdejantes, cafés na brisa das esplanadas do porto, com as saias de verão das raparigas a enfunarem-se-lhes acima das ancas. Elicitação, ossos atirados, armadilhas verbais e ratoeiras para se avaliarem mutuamente. Ambos conheciam todos os truques do processo e insistiram durante três meses, a tentarem recrutar-se um ao outro. Ela notava que o halo carmesim dele – paixão, devoção, constância – nunca oscilava nem ondulava. Ele dizia a verdade, e ela via o interesse dele a aprofundar-se dia após dia.

E depois aconteceu o impossível. A personalidade fácil e honesta de Nate; as suas críticas – amenas, mas corretas – à confusão atual na Rússia; a atenção empenhada e namoradeira que ele lhe prestava *a ela* fizeram-na questionar o que andava a fazer, para quem andava a fazê-lo, e porquê. Quando a sua amiga na embaixada russa desapareceu (Dominika tinha a certeza de que ela fora assassinada por ter cometido uma infração menor de segurança), foi a última gota. Numa noite chuvosa em Helsínquia, aceitou a proposta de recrutamento de Nate para espiar para a CIA, e foi-lhe dado o nome encriptado de DIVA. De que melhor maneira poderia causar o máximo de danos ao czar e aos seus bandidos? Que mais podia fazer para alimentar o *otvrashcheniye*, o ódio que sentia por eles? Ao espiar para a CIA, Dominika estaria a ajudar a *Rodina*, não a traí-la.

Bozhe, Deus, eram de uma raça diferente aqueles homens da CIA, que se juntaram à volta dela para a treinar, ensinar e apoiar como se fossem família, uma generosidade inaudita e impraticável no seu SVR. Uma parte desse grupo entrou na sua vida. O Chefe da Divisão Europeia, Tom Forsyth, a lenda de cabelo ruivo grisalho da DO, a Direção de Operações, e o mentor beneficente de Nate Nash. O sofisticado Forsyth recrutara primeiros-ministros, príncipes de emirados e, uma vez, a amante mimada de um almirante da Frota Vermelha, levando-a a um orfanato em Paris para ver crianças a brincarem (Forsyth sabia que o almirante se recusara a casar com ela e a dar-lhe filhos). O recrutamento tinha tudo a ver com necessidades humanas, vulnerabilidades e motivações. Profundamente afetada pela solicitude dele, a amante do almirante começou logo no dia seguinte a roubar segredos navais soviéticos para Forsyth.

E havia também Marty Gable, um colega de longa data de Forsyth. Usava geralmente camisa caqui e botas de montanhismo, e sentava-se todo descontraído num sofá. Não havia muito que Gable não tivesse já visto. Dirigira agentes em África, na América Latina, no Sudeste Asiático e no Magrebe. Recrutara um agente para penetrar o grupo terrorista PKK em Istambul e salvara-o quando a sua identidade foi revelada, matando um mandante do PKK com um tiro entre os olhos. Para ele, proteger os seus agentes – nomeadamente DIVA – era a prioridade máxima. Dominika começou a chamar-lhe *Bratok*, irmão mais velho. Ele acolhera o jovem Nate debaixo da asa, assestando-lhe uns pontapés afetuosos no traseiro para que ele aprendesse as Regras do Jogo.

O último destes novos amigos de Dominika era o Chefe de Contrainformação da CIA, Simon Benford – um homem gorducho, maldisposto, com a gravata sempre torta. Na maior parte dos dias, o cabelo num dos lados da cabeça espetava-se-lhe como uma asa, sem causa exata conhecida. Tal como Forsyth, Benford era um obelisco na DO. Só nos últimos cinco anos, o génio irascível conduzira três investigações para desmascarar toupeiras ao serviço dos russos dentro da CIA e do governo dos Estados Unidos. Benford odiava burocratas, carreiristas, burros, carneirada, a maior parte dos agentes especiais do FBI, a Agência de Informação de Defesa (a DIA) de uma ponta à outra, e aquilo a que chamava o «homoerótico» Departamento de Estado. Devido à natureza extremamente melindrosa do caso e ao carácter restrito do contacto previsto no protocolo da secção, Benford tornou-se o agente sénior na sede a dirigir pessoalmente o caso DIVA.

Sob a cuidadosa orientação de Benford, Dominika esvaziou a *rezidentura* de Helsínquia de todos os seus segredos, e, depois de regressar a Moscovo, começou a transmitir informações de lista azul (expressão que designa os segredos mais delicados e perecíveis) dos cofres de Yasenevo, o que não tardou a torná-la a principal fonte russa da CIA. Ao longo de mais de sete anos, Dominika roubara tudo o que podia, e os seus homens da CIA mantinham-na viva e de boa saúde mental, em encontros pessoais de fazer bater o coração descompassadamente, em becos e vielas de Moscovo, encontros furtivos em capitais estrangeiras e breves transmissões através do seu equipamento de curto alcance (SRAC) para comunicar com agentes. Revelava à CIA as atividades clandestinas do Kremlin por todo o mundo.

Havia também a situação com o seu agente de recrutamento, Nathaniel Nash. O cabelo escuro a tombar-lhe para a testa, os seus olhos excepcionais de falcão no terreno, o halo carmesim à volta dos ombros dele tinham um efeito cumulativo em Dominika, já fascinada pelos homens da CIA e pela aventura desenfreada de espiar para eles. O que mais aconteceu entre Nate e Dominika em Helsínquia talvez fosse inevitável. Vendo-se juntos sob a pressão implacável do recrutamento e da espionagem, Nate, o agente de contacto, e Dominika, a informadora clandestina, apaixonaram-se. A paixão deles era absorvente, e o sexo vulcânico, furtivo e limitado às raras ocasiões em que estavam juntos sozinhos. Para Nate, um caso entre um agente recrutador e a sua colaboradora era uma infração que poderia pôr fim à sua carreira. Para Dominika, seria fatal dormir com Nate, o americano, se o Centro descobrisse.

A ligação de ambos não se manteve desconhecida pela CIA por muito tempo – não seria possível. Gable, com os seus instintos feromonais, e Benford, com a sua presciência de bruxo, não tardaram a detetar o caso proibido. Nate foi chamado à capa, mas Benford decidiu naquele momento não o demitir sumariamente do serviço, a bem do fornecimento de informações e da motivação de DIVA. Por seu lado, Dominika reconheceu a situação sem preocupações, aceitou os riscos, ignorou os avisos de *Bratok* de Gable e deleitou-se com o seu amor por Nate. Nash tentara várias vezes pôr fim à relação, mas a paixão deles era avassaladora. Ela recusava-se a desistir dele, e ele não conseguia extinguir o seu ardor carmesim.

Roçando os seios pesados pelo rosto de Nate, Dominika levantou-se da cama e foi até ao canto ladrilhado da minúscula cozinha que era um chuveiro improvisado, onde se passou por água com o chuveiro de mão, encharcando uma parte substancial do chão de mármore. Nate ficou a vê-la lavar o seu corpo gracioso, com cicatrizes brancas a cruzarem as costelas e as barrigas das pernas de bailarina a fletirem-se enquanto girava sob a água. Levantou-se da cama e foi-se juntar a ela no chuveiro. Nate era musculado e magro, com cabelo preto revoltado e uns olhos castanhos aos quais pouco escapava.

– Consegues ver o que escrevi? – perguntou Dominika, ensaboando-lhe o peito e passando um dedo pelas cicatrizes dele, a castanha que lhe atravessava a barriga, os sulcos vermelhos assanhados nos braços. Eles eram manequins cheios de costuras, tanto um como o outro. Nate não

respondeu, mas beijou-a, segurando a cabeça dela entre as mãos e envolvendo-a na sua nuvem vermelha.

– *Ti moy* – disse ela, pondo os braços à volta do pescoço dele. – Tu és meu.

– O Vladimir Putin sabe? – perguntou ele.

Sentaram-se na minúscula varanda, com o sol a pôr-se abaixo da montanha nas traseiras da casa. A mesa desengonçada tinha uma perna mais curta e balançava. As cadeiras de vime rangiam, pouco estáveis. Comeram um jantar rústico, com duas colheres demasiado grandes, ambos a servirem-se de uma taça de barro rachada com golfinhos azuis pintados no rebordo. Nate deixara o feijão verde a cozinhar lentamente todo o dia em azeite, com cebolas, alho e polpa de tomate. Noutro prato, empilhavam-se azeitonas, queijo feta e pedaços de pão tostado. Beberam retsina fresco de uma garrafa que flutuava num balde de lata com os restos do gelo do dia anterior. As sombras na encosta do monte alongavam-se enquanto eles conversavam.

– Só estou a dizer que é perigoso tu continuares a andar por esse mundo fora a recrutar pessoalmente norte-coreanos, ou seja lá quem for, se pensarmos que o Putin pode nomear-te diretora do SVR em breve – disse Nate. Tinham passado todo o primeiro dia na casa segura a falar sobre o recrutamento do Académico Ri e sobre as outras informações que Dominika trouxera de Moscovo. Especialmente sobre a notícia mais excitante.

Dominika contara a Nate que, em resultado do apoio continuado do presidente Putin, ele dera a entender que poderia em breve promovê-la ao posto de general e, possivelmente, dar-lhe a direção do SVR, uma novidade espantosa que Nate comunicou imediatamente a Langley pelo seu telefone por satélite encriptado THRESHER, cujo uso limitado em países da NATO estava aprovado. Surpreendido com a ideia de que a sua agente mais brilhante pudesse em breve dirigir o SVR, Benford deixara cair café na gravata, já generosamente manchada com sopa de marisco e maionese.

Num abrir e fechar de olhos, DIVA teria acesso a todos os segredos do SVR; ocuparia automaticamente um lugar no Conselho de Segurança Nacional; e tornar-se-ia um novo membro do *siloviki*, o círculo interno de Putin, não só com acesso às conspirações secretas que escorriam das paredes do Kremlin, mas também aos *planos* e às *intenções* do circunspecto

e falsamente tímido Vladimir Vladimirovich, que muitos observadores estrangeiros tinham analisado, mas poucos conheciam de facto.

– Só ajuda, não prejudica. Ao obter a colaboração de informadores, aumento o meu valor – disse Dominika a Nate, ensopando um pedaço de pão no molho de tomate. – Ninguém daquele pessoal a não ser o Bortnikov, do FSB, o serviço interno, recruta estrangeiros. O presidente foi agente do KGB; aprecia o feito.

– Mas há um risco adicional – disse Nate. – Se vier a constar-se, por exemplo, que a CIA sabe que os norte-coreanos andam a usar a tecnologia de canhões elétricos dos Estados Unidos, tu vais ficar imediatamente comprometida, sob a suspeita de seres a fonte óbvia. Moscovo tem muita gente à escuta em Washington.

Dominika serviu mais dois copos de vinho. – Se a tua gente não consegue guardar segredo, talvez eu não devesse contar-te segredos.

– É uma bela solução – disse Nate.

– Bem, então diz ao Benford para *prosmatrivat* a informação, como é que se diz?

– Compartimentar a informação – respondeu Nate, que era fluente em russo. – Em Washington, isso significa que só mil pessoas vão ler os teus relatórios: a força aérea, a marinha, o departamento da Energia, o DNI, o DIA, o NSC, o FBI e metade das comissões em Capitol Hill. Se tivéssemos uma só fuga que fosse, tu estarias na lista dos suspeitos do Centro em menos de uma semana.

– E então suponho que o teu desejo de que eu desertasse se realizaria – disse Dominika, a sorrir. Desde o início, ao longo de sete anos, jurara que nunca aceitaria a sua exfiltração. Espiava para salvar a sua Rússia, e nada mais importava, não colocaria a hipótese de fugir. Nate sabia que quanto mais ela subisse no SVR tanto mais secretas seriam as suas informações e tanto mais provável seria que fosse comprometida por uma fuga de informação de Washington. Tinha de manter um perfil discreto, e a CIA tinha de disfarçar cada vez mais que ela era a fonte daquelas informações excepcionais.

Para extrema irritação de Benford, Nate andava a pregar há um ano a necessidade de exfiltrar Dominika *antes* que ela ficasse comprometida. Ela esteve por pouco em duas ocasiões, e uma vez chegou a ser interrogada na prisão de Lefortovo depois de uma falha operacional. Sobreviveu a essa

provação e saiu ilibada, mas Moscovo estava pejado de cães de fila da contrainformação, rivais invejosos e inimigos políticos que adorariam destruir uma rival, especialmente a esbelta Egorova, a estrela em ascensão. Nate argumentava que perdê-la seria desrespeitar o dever que tinham de a manter em segurança e enfraqueceria a futura capacidade de recrutamento da CIA em todo o mundo. Além disso, mesmo aposentada e em segurança, ela seria uma observadora de valor inestimável e uma útil conselheira operacional.

Gable e Forsyth discordavam de Nate, mas compreendiam provisoriamente, tendo eles próprios já extraído agentes cuja identidade fora revelada. Mas Benford sentia-se furioso por Nate estar a agitar as águas e a distrair a agente com os seus argumentos melosos. Simon era da velha guarda: controlar o agente e recolher as informações até ao fim dos fins e só *depois* o extrair, se possível. Se o agente fosse despedido, isso era a dura realidade das operações. A cartilha operacional de Benford fora redigida numa era em que um agente poderia trepar pelo Muro de Berlim ou esperar por um bote de borracha numa praia do Báltico para escapar à Cortina de Ferro. Agora, as toupeiras eram apanhadas em armadilhas cibernéticas e através de drones e de *software* de reconhecimento facial. Os mandamentos da espionagem eram imutáveis – ide e roubai segredos – mas a tecnologia estava a alterar o Jogo.

Não ajudava nada que Nate, apesar de ter um dom incrível para operações em áreas interditas e deteção de vigilância, fosse o agente júnior do quarteto que supervisionava o caso DIVA, e assim, apesar da tradição de informalidade civil na CIA que ia contra as suas origens militares no OSS do tempo da guerra, devia ter-se lembrado de apenas falar quando lhe dirigissem a palavra. Todos sabiam que Nate estava embeijado por Dominika e sonhava instalar-se com ela numa casinha com uma vedação pintada de branco. Mas o caso DIVA era demasiado valioso para se pôr a hipótese de o descontinuar. Gable aconselhou Nate com a sua característica franqueza.

– Ouve lá, novato – disse. – *Tu* recrutaste-a porque ela tinha acesso. Agora, o acesso dela pode chegar até ao topo. Tu é que lhe lançaste o isco e lhe puseste o arnês. Agora, tu és o agente de contacto dela, e tudo depende de ti. Usa tudo o que tiveres na manga para a manteres viva e produtiva. Tudo. Seja o que for. Mas ela é uma colaboradora e tu dirige-la como um

profissional, entendido? Agora vai lá vestir as calças de homenzinho e fecha-me essa matraca.

*

Dominika levou os pratos para dentro, voltou para a varanda e sentou-se ao colo de Nate. – Não quero que te preocupes – disse. – Haverá centenas de pessoas em Moscovo que irão ler os mesmos relatórios que eu te entregar, o que nos proporciona cobertura que chegue. E vou ser eu a investigar quaisquer fugas de informação; eu é que vou ser o Benford russo!

Nate abanou a cabeça como um cão. – Estás a dizer que eu ando a dormir com o Benford russo? É melhor saíres do meu colo. Essa imagem vai-me ficar gravada na mente durante meses, talvez mesmo anos.

Dominika riu-se e ignorou as palavras dele. – Vou deslocar-me de três em três meses a Viena para colher informações do Académico Ri. A minha Pardal, a Ioana, vai-se mudar para lá para ficar perto dele, para o manter calmo, e vai arrendar um apartamento perto, onde possamos encontrar-nos. Podemos discutir o caso, e tu podes dar-me umas lições e eu vou continuar a, como é que se diz, endireitar-te? *Vypravlyat*?

– Tu vais-me endireitar? – perguntou Nate, puxando-a para si. – Eu é que sou o agente de contacto. De certeza que te lembras disso.

– Em certas circunstâncias, quem te contacta sou eu – disse Dominika, puxando-lhe a *t-shirt* por cima da cabeça. – E sim, vou-te endireitar. – Desatou com perícia os cordões das calças de Nate, levantou a saia e voltou a sentar-se ao colo dele, meneando as ancas para se sentar mais fundo em cima dele. – Já estás endireitado? – sussurrou. Balançou-se para trás e para a frente, a gemer baixinho, com o rosto de Nate enterrado no seu peito. Mas a frágil cadeira de vime seco desconjuntou-se e eles caíram no mármore ainda quente da pequena varanda torta. Mais a norte, os deuses do Monte Olimpo, a olharem lá do alto para as planícies aluviais da Tessália, poderiam ter dito que aquilo era um presságio do que estava para vir.

Passaram para a cama, a rir, Nate com a mão no cotovelo magoado. Dominika pousou a cabeça no ombro dele. Tinham tido pouco tempo juntos, mas ela estava cheia de *bien-être*, de contentamento, de uma proximidade terna com Nate que não sentira em outros encontros, apressados e perigosos. Talvez fosse do sol amarelo do Egeu, do ar salgado

e de ficar deitada com ele na cama, a sentir o cheiro do seu corpo e da glicínia e a ver os beija-flores. Nate riu-se quando Dominika ralhou aos pássaros em russo, a mostrar-lhes a técnica correta para retirar néctar de um estame; a meio da demonstração dela, ele parou de rir e saltou da cama. O berro da sirene do *ferry* noturno de Rodes dava os seus parabéns a partir do mar.

Lusco-fusco. O fim do dia. A lanterna de querosene atraiu uma traça gigante, de asas prateadas com pintas tão luminosas como olhos de coruja, que esvoaçava à volta da chama, lançando sombras nas paredes, tão grandes como morcegos. Dominika soergueu-se apoiada num braço e Nate fê-la repetir os seus contactos marcados para Viena daí a um mês, com locais de encontro preliminares e secundários, senhas e contrassenhas, sinais alternados e de segurança, incluindo encontros operacionais com Ioana que seriam de fachada. Aquele seria um encontro de seguimento importante para ficar a saber mais sobre o programa nuclear dos norte-coreanos e para ver se poderiam descobrir alguma informação que identificasse a fonte americana da fuga de informação tecnológica.

– Gostava que deixasses que fosse outra pessoa a encontrar-se com o coreano em Viena – disse Nate, insistindo uma última vez. – Com certeza poderias nomear outro agente, alguém que fale coreano ou que tenha conhecimentos sobre a conceção de armas.

– Já falámos sobre o assunto durante dois dias – respondeu Dominika. – Porque é que eu o faria? Seria ilógico. Já te disse que isto me vai ajudar politicamente. É mais provável que tenha a promoção que o Putin...

– ... não vais ter a promoção se estiveres nas masmorras de Butyrka com uma corda ao pescoço, tudo por causa desta tua *obsessão* com a vingança e desta *jihad* estúpida que estás a mover contra eles todos. Estás no topo dos topos. És demasiado obstinada para compreenderes que podes prejudicá-los cem vezes mais tornando-te diretora do SVR e mantendo um perfil discreto.

Sentiu que Dominika se contraía ao lado dele. Ela saiu da cama, pôs um lençol à volta do corpo nu e começou a meter os seus poucos pertences num saco de viagem.

Nate reconheceu o sinal dado pelos olhos faiscantes e as narinas infladas dela. – Aonde é que tu vais? Nós partimos amanhã – disse.

– *Jihad*? Obcecada? Estúpida? – berrou Dominika. – É isso que pensas de mim, do que estou a fazer? *Zhópa*, parvalhão. Prefiro morrer pelo meu país

do que deixar-me ficar sentada a vê-los roubar-nos à ganância. Obrigada pela tua *predannost*.

– Mas do que é que tu estás a falar? Eu importo-me contigo mais do que com qualquer outra pessoa. Quero que sobrevivias.

– Desistindo e fugindo? *Poshëll ty*, vai-te lixar! Vou apanhar o autocarro para a cidade. – Enfiou os pés nos sapatos de salto raso e pôs o saco ao ombro.

Nate levantou-se da cama. – Está escuro como breu lá fora. Vais cair de um precipício no escuro. Deixa-me ir buscar uma lanterna.

– *Ischézni*, desanda mas é – berrou ela, e bateu com a porta e começou a percorrer o caminho de cabras no escuro. Nate enfiou umas calças e uns chinelos, agarrou numa lanterna e correu para a apanhar. Dominika estava a chorar em silêncio quando ele lhe pegou no braço e assestou a luz da lanterna nos pés dela. Ela recusou-se a olhar para ele, ali no escuro, debaixo de uma oliveira, à espera do autocarro 122 da noite, que acabou por dobrar a esquina, ronceiro, e parou. Quando as portas se abriram, Nate quase esperava ver Gable ao volante e Benford sentado com um ar reprovador na última fila.

– Telefona quando chegares a Viena – disse Nate, e as portas fecharam-se à sua frente com um silvo. O autocarro desapareceu de vista, na direção de Glyfada, onde Dominika apanharia um táxi para a embaixada.

Ela mudou nos últimos anos. Está temperamental e impossível. Incontrolável como agente, e com certeza vai ser apanhada em breve. Que encontro clandestino... Que contacto de agente... Que Romeu... Já ouvia Gable. «Parabéns, novato, acabaste de bater no fundo e começaste a cavar a tua sepultura.»

*

Langley. Encontravam-se reunidos na pequena e caótica sala de reuniões da Divisão de Contrainformação, a DCI, cujas paredes revestidas a tecido cinzento (e à prova de som) estavam adornadas com uma fileira de retratos emoldurados de anteriores chefes da DCI numa perturbadora sequência cronológica, a toda a volta da sala, como uma parede fantasmagórica de mártires numa catacumba cristã. As fotografias dos anos 1960 eram em tons sépia, de elementos das universidades de prestígio com as suas gravatas

finas (os anos de Jack Kennedy). As fotografias Kodak de décadas posteriores representavam chefes da DCI com patilhas à moda e sorrisos insípidos (Carter); expressões calculistas e culposas (Nixon); e os olhares longínquos de libertadores hemisféricos (Reagan). As últimas fotografias, digitais, eram da moderna geração de chefes da CID, com expressões de alarme perplexo (Clinton, Bush). No fim da fila estava pendurado o retrato do diretor da DCI mais recentemente aposentado durante a era moderna, um parvalhão famoso pela sua vaidade implacável. A bandeira dos E.U.A. na sala fora deslocada parcialmente para diante desse retrato, com intenção maliciosa, de modo que só um dos olhos daquela peste espreitava por trás do tecido, tornando-o ainda mais sinistro em recordação do que fora em pessoa. Não havia espaço nas paredes para mais retratos de futuros ex-chefes, e o boato de que se iria encomendar uma pintura no teto a representar Benford como um querubim, de rabo ao léu e com um minúsculo arco e flecha, continuava até ao momento por confirmar.

Como todos os espaços pessoais de Benford, a mesa da sala de reuniões estava desarrumada, cheia de papéis e com canecas de café e uma caixa de donuts em cima. Havia uns mapas enrolados a um canto e uma tela de projeção, rasgada no meio e colada com fita-cola. Dois monitores com os ecrãs rachados estavam arrumados no canto mais afastado da sala, juntamente com os estilhaços de uma caneca de café da Marinha dos Estados Unidos, que, quase de certeza, fora o projétil que destruíra pelo menos um dos monitores. Benford, Gable, Forsyth e Nash encontravam-se num dos extremos da sala. Hearsey, o chefe de tecnologia alto e esgalgado, entrou com dois blocos de apontamentos nas mãos e sentou-se no outro lado. Robusto, esguio e curtido como couro velho, Hearsey parecia mais alguém que deveria estar numa pradaria a consertar uma vedação de arame farpado ou a capar vitelos, em vez de passar o ano num laboratório a criar um nevoeiro ácido químico – pulverizado à noite por drones – para enfraquecer plataformas lança-mísseis norte-coreanas, ou a desenvolver monitores de pulso moldados em Semtex, que podiam ser detonados no Dubai a partir de um laboratório em Maryland. Engenheiro de formação, Hearsey sabia muito sobre canhões, e, além disso, não aturava toleimas de Benford, e, como Gable gostava dele, era posto a par de tudo, incluindo o caso DIVA.

Era conhecido na Agência simplesmente como Hearsey – só os peritos dos recursos humanos sabiam que o seu nome próprio era Gayle, e esses nunca revelavam nada. Hearsey olhou à volta da esqualida sala de reuniões de Benford, passou um dedo pela mesa coberta de migalhas e contemplou os detritos à sua volta.

– Julguei que o Hindenburg se tinha despenhado em Lakehurst, em Nova Jérсия – comentou Hearsey, que podia dizer piadas impunemente. Benford pestanejou uma vez.

Sentado no outro extremo da mesa a tomar notas estava o novo assistente de Benford, Lucius Westfall, um analista do WMD transferido da Direção de Informação para a Direção de Operações, um das vintenas de funcionários que a CIA destacava para integrar à força os analistas da DI com operacionais da DO, o que, em muitos casos, era como emparelhar as filhas do pastor protestante com carroceiros num baile no celeiro.

Westfall era louro, tinha o rosto magro e usava óculos com armações de metal, que tendiam a embaciar-se quando falava em público ou com mulheres bonitas. Já era bastante difícil trabalhar para Simon Benford, mas, ainda por cima, Westfall via-se constantemente obrigado a decifrar o dialeto aborígine da Direção de Operações. Estes agentes operacionais eram ininteligíveis, falavam incessantemente sobre empurrões, pendências, vendedores-ambulantes, putas velhas, avisos ardentes, largadas, esconderijos, caçadores de cabeças, escalpes, limpeza a seco, coelhos, milho para as galinhas, enemas de bário, 201s, PRQs, reversões naturais, dar a volta, enriçar, esvoaçar e um milhão de outros mistérios. O que era igualmente aterrador era que Westfall tinha de suportar as investidas do brutamontes Marty Gable, que Westfall estava convencido que fora em tempos um assassino em série do Kansas.

– Assegura-te de que tiras bons apontamentos, *Luscious*¹ – disse Gable, pronunciando o nome com um sotaque francês postiço. O estilo particular adotado por Gable para orientar um colega novato encaixava-se algures entre o de um instrutor militar e o de um condutor de uma carroça no hipódromo. Ironicamente, também Gable fora arrastado da sua descontraída Divisão de África para ser o improvável vice-diretor de Benford. A Direção da CIA era uma instituição de contrainformação com uma equipa de introvertidos brilhantes e excêntricos que trabalhavam no escuro com as persianas corridas. Quem estava de fora chamava-lhe a Ilha dos Brinquedos

Partidos. Benford queria Gable não tanto como seu vice-diretor substancial, mas mais como alguém que fosse capaz de resolver crises externas instáveis e delicadas onde quer que elas se desenvolvessem, uma função que Marty caracterizava modestamente como «partir a louça». DIVA também idolatrava Gable – ele conseguia dar-lhe a volta em dois tempos quando ela se lançava nas suas tiradas histéricas cada vez mais frequentes sobre questões de comunicação, riscos e segurança.

Benford deu início à sessão com a solenidade pela qual era conhecido em Washington, Londres, Ottawa, Canberra, Bona, Paris, Roma e Telavive: bateu com um dossiê em cima da mesa e pronunciou a sua típica invocação. – Foda-se. Pelo amor de Deus! Se a informação da DIVA está certa, temos um fodido dum filho da puta a vender segredos sobre o canhão elétrico à Coreia do Norte, foda-se.

Acabado de regressar de Atenas, Nash pôs-se a ler de um papel. – A DIVA acabou de comunicar esta manhã através do SRAC. O SVR encriptou este professor norte-coreano, Ri Sou-yong, como PECHKA, que quer dizer «fornalha» em russo – disse ele.

Gable grunhiu. – Fornalha, hem? Um dicionário ocupava menos espaço e não comia os donuts todos – disse.

Nate empurrou a caixa dos donuts com cobertura de açúcar sobre a mesa. – Que te faça bom proveito – disse. – Comprei os donuts para todos, julguei que não faria mal comer um.

Gable levantou a tampa da caixa. – Compras donuts e nem sequer trazes uma variedade de sabores? Nem de chocolate? Nem de geleia?

Benford mexeu-se na cadeira. – Podemos concentrar-nos naquilo que parece ser a transferência da tecnologia de canhões eletromagnéticos da Marinha dos E.U.A. para o programa nuclear norte-coreano?

Forsyth pousou uma cópia do relatório de DIVA. – Como é que os norte-coreanos obtiveram esta tecnologia? – perguntou. – O RGB nem os cordões dos sapatos sabe atar. Tudo o que fazem normalmente é matar os conspiradores dentro do seu próprio país. Estás-me a dizer que têm uma fonte americana no país? Não pode ser.

– Alguém lhes está a passar informações sobre a tecnologia – disse Hearsey. – O documento coreano traduzido que a DIVA forneceu tem terminologia dos Estados Unidos: «via condutora», «gás ionizado»,

«potência pulsada compacta». Os norte-coreanos não estão a descobrir essas coisas sozinhos.

– Tem de ser Beijing – disse Gable. – Aposto que o Ministério de Segurança de Estado da China recrutou algum pacifista que trabalha num laboratório da Marinha na Califórnia e acredita na harmonia transpacífica; ou algum adolescente com borbulhas no Departamento da Defesa que quer um Corvette; ou um oficial a bordo de uma fragata apaixonado por uma bonequinha de louça de Xangai que lhe mantém o canhão pessoal a descarregar com potência pulsada.

Westfall contorceu-se no seu lugar. Benford reparou e apontou para ele. –

Westfall, tem uma opinião sobre o assunto? – Gable empurrou a caixa de donuts sobre a mesa na direção dele, uma espécie de sinal de encorajamento para ele falar. Westfall deixou cair a tampa quando viu que Gable tinha comido os dois últimos donuts e a caixa estava vazia.

– Não creio que Beijing queira que Pyonyang tenha a bomba – disse Westfall. – Os chineses pensam que controlam os norte-coreanos com envios de alimentos e auxílio militar. Gostam que o Ocidente venha implorar-lhes ajuda para moderar o comportamento da Coreia do Norte. E, em última instância, sabem que, quando Pyongyang tiver um sistema nuclear *fiável* e maneira de o utilizar, é sinal de que o *pit bull* deles se soltou da trela e é capaz de fazer seja o que for. Mesmo contra eles. Confirmei: o tempo de voo de um míssil balístico Rodong-1 básico para os 800 quilómetros que separam o centro de lançamento de satélites de Sohae da praça de Tiananmen é de cerca de cinco minutos, o que nem sequer dá tempo às autoridades chinesas para se despedirem com um beijo. Não, a China não quer que eles tenham a bomba.

Fez-se silêncio à volta da mesa. *O miúdo não era nenhum burro.*

– Um verdadeiro génio militar, qual Ulysses P. Grant – comentou Gable. – Então, quem é que achas que está a manipular a nossa toupeira do canhão?

Westfall olhou para Nate. – A DIVA é a única que nos pode dar essa informação – disse ele. – No entanto, se ela não conseguir encontrar um nome bem depressa e Pyongyang descobrir como enfiar um dispositivo de urânio numa ogiva nuclear, a Agulha Espacial de Seattle vai ser como as Torres Gémeas.

FEIJÃO VERDE DO EGEU DE NATE

Corte as pontas ao feijão verde. Misture alho picado, salsa, endro, sal e pimenta. Coloque uma camada de cebolas cortadas às rodelas finas no fundo de uma panela de ferro, cubra com uma camada de tomates esmagados, feijão verde, ervas aromáticas e azeite. Remate com uma camada de cebolas às rodelas e tempere com mais azeite. Coza em lume brando até o feijão ficar muito tenro. Retifique os temperos e adicione sumo de limão. Sirva quente ou à temperatura ambiente.

¹ A pronúncia afrancesada do nome de Lucius faz com que passe a significar, em inglês, delicioso, suculento. (*N. da T.*)

4

Roubar Segredos

Alexander Larson, o diretor da CIA, era o primeiro em 30 anos a progredir na carreira de agente operacional até chegar a esse cargo. Era um cavalo de raça, como os diretores do OSS que chefiaram a Agência nos anos 1950 e 1960 – antes da série ininterrupta de sucessores selecionados das forças armadas, dos corredores bajuladores do Congresso ou das fileiras da Direção de Informação – e que tentaram dirigir uma organização cuja missão misteriosa compreendiam mal e de que nunca tinham tido experiência em primeira mão. Alguns diretores foram um desastre, outros um desastre total, e pouquíssimos atingiram uma certa sinergia com a mão de obra notoriamente cética e ingovernável de Langley antes de deixarem o cargo. A nomeação do veterano agente operacional Alex Larson para DCIA veio quebrar a tradição.

Alex Larson fez a sua formação de operacional na Quinta com Simon Benford nos primeiros anos da década de 1970. Larson, um homem extrovertido com boas maneiras, tornou-se amigo de Benford, o misantropo irascível, uma amizade resultante de uma química pessoal improvável que durava há 30 anos. Era lógico que as suas personalidades tão diferentes tivessem empurrado Alex para o serviço clandestino externo e o recrutamento de ativos estrangeiros, e que Benford gravitasse naturalmente para a rotina da contrainformação e da contraespionagem. A separação geográfica entre eles ao longo dos anos não embotou a amizade, que se renovava automaticamente sempre que os caminhos dos dois se cruzavam. Agora, Larson era DCIA. Sabia que o seu amigo de aspeto desleixado era brilhante e possuía a tenacidade de um *pit bull*, embora com problemas na mordida. Benford consultava-o com frequência.

A anterior administração selecionara Larson para DCIA em reconhecimento da sua retidão moral, acuidade burocrática e recrutamentos de alta qualidade (que Benford apoiara ao longo dos anos, aprovando os ativos à medida que estes iam sendo sugeridos). Com os seus 65 anos,

Larson tinha o aspeto adequado a um diretor da CIA: era baixo, um pouco gordo, usava óculos com armações de tartaruga alaranjadas e ostentava aquilo a que Benford chamava uma amostra de bigode à Allen Dulles. Essas características, juntamente com o seu cabelo branco ralo e umas sobrancelhas tão farfalhudas que os seus subordinados tinham de resistir à tentação de lhes passar um pente, faziam-no parecer um professor universitário. Mas era um operacional rematado, e as tropas respeitavam-no.

Larson não era popular junto da Casa Branca do momento ou dos progressistas do Conselho Nacional de Segurança, os diplomados em Inglês de vinte e tal anos que aconselhavam o presidente dos Estados Unidos da América em questões de política do Médio Oriente. Além disso, Larson contradissera obliquamente a declaração do seu antecessor feita durante a sua digressão de despedida no estrangeiro. – Não roubamos segredos – dissera o diretor cessante sobre a recolha de informações da CIA a uma assistência constituída por agentes de ligação aliados. – Tudo o que fazemos respeita a lei dos Estados Unidos. Investigamos, descobrimos, revelamos, obtemos, extraímos, solicitamos.

Quando, numa sessão à porta fechada da Comissão Especial de Informação do Senado (SSCI), lhe pediram que comentasse a declaração do seu antecessor, Larson, sem sorrir e sem vestígio de ironia, respondeu aos senadores: – Tudo bem. Um ativo, por exemplo, *descobre* a existência de uma toupeira russa na sede da NATO, agentes da CIA *solicitam* a informação, o ativo *revela-a*, e, assim, a CIA *obtem* contrainformação perecível. – Uns bufos do contra divulgaram prontamente aquele comentário desleal, mas Alexander Larson não foi despedido. Não podia ser despedido. A razão era a COPPERFIN.

Durante os seus 14 anos no campo operacional, Larson construíra a rede de espionagem COPPERFIN, a penetração cerrada e generalizada de toda a operação de conceção, construção e testes aeroespaciais da Federação Russa. Larson recrutara pessoalmente os primeiros dois agentes principais russos dois anos antes, um na Índia, o outro no Brasil, que, por sua vez, tinham eles próprios recrutado sub-fontes nas instalações de Sukhoi, Mikoyan, Ilyushin, Tupolev e Yakovlev, todas elas fundidas em 2006 na OAK, a *Obyedinyonnaya Aviastroitel'naya Korporatsiya*, a Corporação Unida Aeronáutica, localizada na zona de Krasnoselsky no *Okrug* do centro

de Moscovo. Os agentes da COPPERFIN de Larson esvaziavam regularmente os cofres *top-secret* da OAK, apresentando relatórios sobre as capacidades avançadas de aviões russos de combate de quarta e quinta geração tais como o Su-27, o MiG-29 e o novo Sukhoi PAK FA. A Força Aérea americana andava extasiada.

A intenção da administração de, eventualmente, dispensar Alex Larson a favor de um DCIA mais alinhado com a política externa pacifista da Casa Branca foi neutralizada pelos uivos do Pentágono, após a aquisição através da rede COPPERFIN dos parâmetros técnicos do APFAR, *Aktivnaya Fazirovannaya Antennaya Reshotka*, o novo sistema de radar faseado russo, um prémio de valor inestimável. A seguir, deu-se a entrega de um míssil antinavios Zvezda Kh-35U, com a designação de KAYAK dada pela NATO, mas apelidado de *arpãoski* devido às suas semelhanças com o míssil Arpão dos Estados Unidos. O Zvezda foi trazido da fronteira da Lituânia por um correio da rede COPPERFIN, que subornou os guardas fronteiriços para que ignorassem a cauda do míssil que despontava da janela traseira partida do seu Patriot UAZ, pois foi a única forma de conseguir meter o míssil de 520 quilos e 3,80 metros no seu pequeno todo-o-terreno.

Imune aos seus antagonistas dispépticos, depois de consultar Simon Benford, o DCIA Larson lançou a sua própria campanha de medidas ativas contra o regime de Putin – uma ofensiva há muito esperada aos olhos de muitos, para pagar aos russos na mesma moeda as sete décadas de desinformação, falsificações e intromissões políticas que caracterizavam o Kremlin. Larson tornou-se uma voz crítica da Federação Russa de Vladimir Putin, prestando depoimentos em sessões abertas de comissões sobre o uso congénito de medidas ativas por parte dos russos para influenciar políticas, na maior parte dos casos com resultados medíocres. Incrementou a partilha de informações com serviços aliados, especialmente na Ucrânia e nos países do Báltico, o que resultou em várias detenções ostensivas de espiões russos apanhados com a boca na botija. As suas identificações tinham sido fornecidas por DIVA, e Larson transmitira-lhe os seus cumprimentos através de Benford. (O diretor da CIA e DIVA nunca se tinham encontrado; Larson deixou o caso, como devia, nas mãos capazes de Benford e companhia.)

Após uma carreira passada a explorar o alvo russo, Larson compreendia a visão predatória do mundo de Vladimir Putin, e sabia que o Kremlin só

deixaria de se portar mal quando os custos da delinquência de Putin excedessem os ganhos reconhecidos. E depois o relatório explosivo rebentou: agentes da rede COPPERFIN conseguiram trazer para fora da Rússia provas documentais de uma vasta fraude no consórcio aeronáutico OAK. A OAK fora criada pelo presidente Putin como uma empresa aberta que combinava capitais privados e estatais russos, cuja parte de leão desapareceu para os bolsos dos comparsas favoritos do presidente. Com o apoio de Benford, Larson pressionou a Casa Branca e o relutante Departamento de Estado a divulgar a notícia do caso de corrupção (citando fontes estrangeiras, para proteger os agentes duplos internos), a denunciar a Rússia nas Nações Unidas, a impor sanções a empresas que vendessem aviões comerciais russos e a bloquear qualquer tentativa de readmissão da Rússia ao G7. Relutante em antagonizar o Kremlin, a Casa Branca hesitou, mas acabaria por agir sob a pressão insistente do Congresso, que tinha sido posto ao corrente da situação pelo DCIA. Alex Larson estava por toda a parte, a pressionar as autoridades em Washington para que se mexessem.

Benford encontrou-se com Alex no gabinete deste. – Finalmente. Já é um começo, para incomodar estes reles destes filhos da puta eslavos – disse Benford. – Andamos a recolher informações abrangentes, técnicas e militares, e a publicidade internacional negativa vai intimidar o Putin, pelo menos por algum tempo. Só gostava que fôssemos capazes de prever com mais exatidão a reação dele. Como lidar com uma serpente encurralada num canto, se é que entendes a minha metáfora.

– Se bem me lembro, as tuas metáforas costumavam ser notoriamente mais eruditas – disse Alex, num tom impassível. – Talvez a DIVA tenha em breve mais acesso aos planos e às intenções do Putin, se se tornar diretora do SVR, partindo do princípio, claro, de que tu a manobras de maneira tão inspirada como dizes.

Benford não sorriu. – Podes ter a certeza de que, mesmo sem o vistoso estilo operacional rococó que te caracteriza, o caso DIVA está a ser gerido de modo seguro.

Larson riu-se. – O jovem agente ainda é o contacto primário dela? Como é que ele se chama?

– Nash, Nathaniel – respondeu Benford. – Talvez ele vá prestar assistência aos australianos na operação de Hong Kong de que te pus a par

na semana passada. O Marty Gable fica a segurar na mão da DIVA no entretanto.

O faro de Larson era muito bom. – Há algum problema?

Benford encolheu os ombros. – O agente de recrutamento e a DIVA têm um relacionamento que se desvia ligeiramente dos parâmetros habituais.

– O que quer isso dizer? – perguntou Alex.

– Estão apaixonados e mantêm uma relação íntima, sempre que as circunstâncias o permitem – respondeu Benford. – Até agora, contive-me para não despedir o Nash. Julgo que dispensá-lo do serviço teria um efeito significativo sobre a produtividade da DIVA.

– Quão significativo? – perguntou Alex.

– Ao ponto de ela desistir. Com o Nash em Hong Kong por umas semanas e o Gable a controlar a agente, não há preocupações imediatas.

Os dois homens pensavam da mesma maneira, e a questão, assim como o futuro de Nash, foi arquivada provisoriamente.

Larson abriu o dossiê que tinha em cima da secretária, com o guião para a reunião no dia seguinte com o presidente dos Estados Unidos e o comité dos chefes do NSC sobre a campanha de ação secreta continuada da CIA contra o Kremlin. Leu-o em silêncio. – Dá saudades de estar no terreno – disse por fim, levantando os olhos do dossiê.

Benford abriu também o seu dossiê. – A organização precisa de ti atrás desta secretária. Já tiveste a tua farra no exterior durante 30 anos. Agora tens de voltar a transformar esta choldra num serviço de espionagem.

– Passa-me em revista os teus apontamentos – pediu Alex.

Benford falou brevemente e de modo sucinto. Aquela reunião destinava-se a sossegar os receios do presidente dos Estados Unidos e a garantir a continuação do apoio do Pentágono. Perturbar o normal funcionamento dos esquemas de Putin naquele momento era de importância crítica, dada a sua interferência descarada na cena mundial. Putin sentia-se encorajado pela confusão e a ansiedade entre os governos do Ocidente. Embaraçar publicamente o Kremlin perturbaria toda uma série de medidas ativas dos russos nos países do Báltico, na Europa e em lugares como o Montenegro. A economia moribunda da Rússia seria triplamente afetada pela divulgação de qualquer irregularidade no seio da OAK, fazendo afastar investidores, reduzindo o número de clientes de material militar russo, restringindo o orçamento militar e complicando o aventureirismo do Kremlin em África,

na América Latina e no Ártico, uma zona rica em recursos. Além disso, ao torcerem a cauda do urso russo no estrangeiro iriam distrair o Kremlin, protegendo assim agentes valiosos, como os da COPPERFIN. Os russos ficariam desatinados face ao fulminante desprezo internacional. O DCIA insistiria delicadamente que o presidente dos Estados Unidos não podia ignorar a oportunidade e não devia manter-se aquiescente.

– Veremos como resulta nele – disse Alex. – Pelo menos, conto com o apoio das altas patentes militares.

– Não te preocupes, isto vai mexer com o ninho de vespas – disse Benford.

Tinha razão, mas desencadear-se-iam acontecimentos que ninguém, de modo algum, poderia ter previsto.

*

A reação dos russos à primeira denúncia dos americanos foi berrar que se tratava de uma provocação (ironicamente, os conspiradores inveterados presumiam sempre que a sua desgraça era, naturalmente, resultado de uma conspiração externa). Mas o embaraço internacional e a inata paranoia russa de ser alvo de chacota, de ser considerada um país de *kulaks* salpicados de bosta de vaca e relegado para um estatuto de segundo mundo, fizeram enraivecer Vladimir Putin, em parte por medo. Era assim que os líderes eram derrubados. Chamou Gorelikov à sua dacha pessoal mais isolada, na cidade de Solovyevka, a 130 quilómetros de São Petersburgo, nas margens do lago Komsomolsk. Queria privacidade e distância dos olhares perscrutadores dos seus *siloviki*. Eles farejariam o seu pânico como os cães de caça que eram. Putin confiava em Gorelikov.

– Como é que se deu a fuga de informação sobre o arranjo financeiro na OAK? – perguntou Putin, irritado, a andar de um lado para o outro na sala e a assestar um pontapé na cabeça com dentuças arreganhadas de um tigre siberiano transformado em tapete de cada vez que passava por ele. Estavam na sala principal da dacha, que cheirava a madeira queimada e estava decorada num estilo rústico, com sofás e cadeirões de couro espalhados e uma espingarda de caça antiga, de 1936, uma Tula de calibre 7.62, por cima da lareira acesa. Pelas janelas panorâmicas – incaracteristicamente

grandiosas numa dacha típica à beira-lago – via-se neve a cobrir a margem e a polvilhar os pinheiros, mas a água negra do lago ainda não tinha gelado.

Gorelikov não queria enervar o presidente mais do que ele já estava. – É provável que os contactos estrangeiros da corporação, os bancos, os vendedores e os compradores governamentais, tenham sido as fontes destas difamações – disse, citando os comunicados de imprensa.

Putin olhou para Gorelikov como um esturjão com uma semana de idade, com olhos leitosos. – Não. Temos um *gemorróy*, um grande problema. Alguém dentro da OAK, alguém que está a par da contabilidade.

Por opção, Gorelikov nunca prosperara à custa da bacanal de corrupção no Kremlin, e sentia-se agora secretamente divertido por os despojos da ganância terem vindo morder o czar. – Há 30 mil funcionários a trabalhar na OAK – disse Gorelikov. – Teríamos de dismantelar aquilo tudo.– Inspirou fundo. – Ignora as acusações. Serão esquecidas em menos de uma semana. – Putin praguejou.

Aquelas acusações em particular foram de facto esquecidas na manhã seguinte, quando foi transmitida do Centro para a sala de comunicações da dacha uma mensagem de MAGNIT a informar que um míssil antinavios Zvezda Kh-35U fora levado para a Divisão Dahlgren, as instalações do Centro Naval da Guerra de Superfície na Virgínia, para ser avaliado em termos de orientação, propulsão e sistemas de ogivas nucleares.

Putin praguejou de novo. – *Bljad*, filho da mãe; então achas que isto fica esquecido em menos de uma semana? – perguntou a Gorelikov. – Não só Washington nos está a difamar no palco mundial, mas também a CIA parece ter pelo menos um agente infiltrado na OAK.

Gorelikov escolheu cuidadosamente as suas palavras. – Vendemos mísseis Zvezda à Índia, ao Brasil e ao Vietname. Os americanos podem ter adquirido um modelo de exportação a um agente do terceiro mundo sem o nosso sistema de orientação e telemetria de ponta.

Putin lançou-lhe mais um olhar de peixe. Confiava em Gorelikov desde que o conhecera na faculdade de Direito, reconhecia o seu brilhantismo e apreciava a sua mente analítica. Sabia igualmente que Anton não era nem corrupto nem suscetível à corrupção ou faminto de poder. Nunca cobiçaria o trono de Putin. Mais importante ainda, Putin reconhecia a inclinação de Gorelikov e a sua paixão por *naneseniye uvech'ya*, caos encoberto. Tal como um jogador de xadrez adora organizar defesas, armadilhas, ataques e

fintas para obter um xeque-mate, Gorelikov deleitava-se com a oportunidade de congeminar uma intriga complexa só pelo prazer de causar confusão. Nisso não tinha rival: Bortnikov, do FSB, ou Patrushev, do seu Conselho de Segurança, eram intriguistas de mão-cheia, mas ninguém chegava aos calcanhares de Gorelikov.

– Basta de racionalizações – disse Putin. – Quero uma solução. Washington e a CIA estão a ridicularizar-nos. Os fala-barato na imprensa de Moscovo e nas ruas vão espalhar a notícia e agitar as massas.

Gorelikov encolheu os ombros. – Especialmente a Repina – disse, referindo-se a uma das mais ferrenhas dissidentes anti-Putin e anticorrupção, a dar recentemente nas vistas no Ocidente e, por consequência, a angariar fundos.

– *Suka*, cadela, esquece-a. Quero *sredstvo*. Quero um *remédio* – disse Putin, abandonando a sala e deixando Gorelikov a contemplar a paisagem coberta de neve e a água negra como tinta.

*

Na noite seguinte, Putin acendeu duas velas grossas em castiçais de *cloisonné* vermelho, dourado e azul turquesa do século XVIII postos em cima de uma mesa de tábuas junto às janelas panorâmicas da dacha. O resto da sala estava às escuras – só a luz dos troncos a arder na imensa lareira lançava sombras trémulas adicionais à volta da divisão. Diante deles estavam duas taças a fumegar com *kormya*, um estufado russo de borrego, com dois pedaços de pão escuro para embeber no molho. Os criados que os serviram tinham-se retirado. Putin e Gorelikov bebiam ambos chá de um samovar a silvar numa mesa de apoio. Esta noite não era uma noite para vodka. O vento levantara-se depois de anoitecer, e cristais gelados de neve a esvoaçar na noite negra como breu arranhavam invisivelmente as vidraças. Com o lume crepitante, o silvo do samovar e a tempestade desatada lá fora, esta era a sala de espera do Diabo. Os dois homens estavam sentados cada um na sua ponta da mesa, a comer o estufado e a olhar um para o outro, como se estivessem à espera de que *Shaitan* lhes viesse fazer companhia.

– Os americanos são medrosos – disse Gorelikov. – Evitam conflitos em solo estrangeiro; ignoram os seus aliados e dão mimos aos que se lhes opõem.

Putin meteu uma colher de estufado à boca. – E, no entanto, assistimos a este ataque contra a reputação da Rússia e à calúnia dirigida contra mim. – Tremia-lhe a voz.

– É o que quero dizer – explicou Gorelikov. – Esta campanha não tem origem na cobarde Casa Branca. Isto vem da CIA; é a típica medida ativa deles dirigida contra nós.

– Porquê agora?

Gorelikov limpou a boca e inclinou-se para a frente. – Pode ser por uma centena de razões, e conhecemo-las todas bem. Nós próprios inventamos histórias para camuflar as informações que o Snowden trouxe com ele. Ou enviamos um voluntário para desacreditar um desertor genuíno. Desviamos as críticas para outra parte para mascarar a existência de um agente ou de uma rede de alto nível.

Putin pousou a colher. – Podemos ficar a discutir as motivações dos americanos o dia todo – disse. – E podemos especular quanto ao número de toupeiras que temos colocadas na despensa um do outro. Mas isso não resolve o problema. – Ergueu a voz. – É a *minha* reputação, o *meu* prestígio e a *minha* imagem pública.

O que é mais importante do que os nossos segredos serem-nos roubados por um qualquer espião – pensou Gorelikov.

Gorelikov mostrou a sua comiseração. – O diretor da CIA é Alexander Larson – disse. – É uma lenda entre os quadros operacionais na Direção de Operações da CIA. É também o primeiro DCIA desde meados dos anos 1970 que foi treinado como operacional, e é agressivo. Segundo relatórios de *rezidenturi*, a CIA está a aumentar a sua atividade por todo o mundo; há agentes da CIA a tentarem recrutar os nossos agentes num grande número de capitais estrangeiras. Por cada um que denuncia uma tentativa de recrutamento, quantos não o fazem? Não podemos saber, mas devemos partir do princípio de que uma pequena percentagem aceita ser recrutada. A Egorova, na Linha KR, comunica regularmente desmascaramentos e emboscadas, que dão a ideia de que há uma toupeira no SVR a aconselhar os americanos.

– Nós temos os nossos próprios triunfos – disse Putin, distraidamente.

– É claro que sim. Só estou a chamar a atenção para o facto de o DCIA Alexander Larson ser um diretor ativo, que não só anda a acelerar o ritmo operacional contra nós no terreno, mas também, na minha opinião, anda a

montar uma operação encoberta para estimular uma mudança de regime no nosso país, à imagem do sucesso que tiveram na Ucrânia e na Geórgia. Deve ter influência para persuadir a administração a permiti-lo, talvez com o apoio dos falcões no Congresso.

Gorelikov exprimia-se calmamente. – Sabes que falo abertamente contigo. – Putin acenou com a cabeça. – Sei do que falo quando digo que Larson e a sua Agência estão a trabalhar para desestabilizar o nosso país. Porquê agora? Talvez a supressão de dissidentes tenha sido o catalisador, ou então a Crimeia, a aliança com o Irão ou dez outros fatores. Mas a ameaça é real, e teremos uma crise, a não ser que tomemos medidas.

Putin serviu-se de mais chá. – Tiveste um dia para pensar no assunto. O que propões?

– Considerarei múltiplas opções. Só uma se recomenda.

– Diz-me.

A neve trazida por uma rajada de vento fez a janela de vidro blindado tremer no caixilho – *Shaitan* a bater para o deixarem entrar. – Que eliminemos o diretor da CIA – disse Gorelikov em voz baixa. Uma acha caiu da lareira, cuspidando faíscas para a sala e deixando várias fagulhas a brilhar no soalho. *Shaitan* estava agora na dacha.

Putin fitou Gorelikov, que continuou a falar, quase num murmúrio. – A morte dele... que deve parecer accidental... fará descarrilar esta operação encoberta contra a *Rodina*. A agência dele vai ficar desmoralizada e em choque, os seus agentes operacionais vulneráveis e desiludidos. A administração americana vai levantar as saias em pânico e o Congresso vai-se pôr a barafustar até chegar o período da interrupção dos trabalhos parlamentares.

Putin não pestanejara nem uma vez. – É claro que a mão da Rússia se manterá invisível, embora o mundo vá suspeitar, não, maravilhar-se com a imperturbabilidade total de Vladimir Putin e da *Novorossiia* – disse Gorelikov, perguntando-se se estaria a exagerar na lisonja, mas decidindo que ela nunca era excessiva para V. V. Putin.

– Como se empreenderia uma tal ação? – perguntou Putin. – O diretor da CIA está sempre protegido.

Gorelikov bebeu um gole de chá. – Vou examinar as peças para ver como se poderiam encaixar. Nenhum dos nossos compostos orgânicos do costume; não é aceitável nenhuma espécie de toxicologia forense. Uma

morte indiscutivelmente acidental prevenirá a possibilidade de hostilidades declaradas entre os nossos serviços.

Putin acenou com a cabeça. – Investe toda a tua energia no plano – disse, secamente. O presidente da Federação Russa acabara de dar luz verde ao assassinato do diretor da Agência Central de Informação. – Precisas de alguma coisa?

Gorelikov olhou para as chamas das velas. – O que pensas de incluirmos a Egorova no plano? Ela conhece o terreno, tem a cabeça fria e não se esquivava a medidas extremas.

Putin abanou a cabeça. – Só nós os dois. Mais ninguém. Insisto nessa condição. A partir de agora, referimo-nos ao projeto como *Kataklizm*.

– Compreendido – disse Gorelikov.

Os dois homens ficaram em silêncio, e Anton apercebeu-se de que o presidente – matador de tigres, cavaleiro exímio, piloto de jatos competente e mestre de judo – tinha noção do enorme risco de tentar assassinar o DCIA americano.

– Se me permites – disse Gorelikov –, gostaria de apresentar à tua consideração um refinamento do plano. Qualquer um dos nossos colegas unicelulares do FSB ou das forças armadas poderia ter chegado à solução de assassinar o chefe da CIA em cinco minutos. Isto, no entanto, só pode ser o início de um plano mais alargado, de consequências e alcance infinitamente maiores.

Putin embebeu o seu pão escuro no estufado, à espera. Refinamentos. Era por isto que ele gostava de Gorelikov.

– Desde o recrutamento da MAGNIT que tenho monitorizado a carreira dela – disse Gorelikov. – Como sabes, foi recentemente promovida a vice-almirante e é aquilo a que poderíamos chamar a gestora de alta patente da investigação científica da Marinha dos Estados Unidos. Tem acesso a tecnologias, investigação e desenvolvimento, e aos laboratórios navais. Embora seja reconhecida pelo seu brilhantismo, continua a ser geralmente considerada *meshkovatyy*, difícil, metida consigo mesma e pouco sociável – sem uma rede de contactos políticos fora das suas órbitas navais limitadas. Por conseguinte, quando se aposentar, a agente MAGNIT que nos fornecia relatórios técnicos desaparece. Ao longo dos últimos dois anos tenho-a orientado para que equilibre a carreira científica com outros deveres que contribuam para polir as suas credenciais na política; ela é ambiciosa e tem

seguido as minhas instruções, com a sua característica precisão quantitativa. Foi recentemente nomeada para um posto no conselho consultor do Gabinete de Recursos Humanos da Marinha, que desfruta de uma influência considerável. Este ano, foi também pré-selecionada para ajudante do Almirante Richard, o Chefe de Operações Navais, mas não foi escolhida, suspeito que devido à sua lamentável falta daquilo a que os americanos chamam «boa aparência». Receio bem que a MAGNIT nunca venha a possuir essa qualidade; seria tão capaz de a adquirir como tu ou eu seríamos capazes de dominar como ela a física das partículas.

»Mas tem havido progressos mais recentes. Foi selecionada para informar os Chefes Conjuntos, devido à capacidade que tem para explicar teorias científicas de modo claro e conciso a superiores sem essa formação. Uma parte desses deveres de informação consiste em acompanhar o chefe à Casa Branca todas as semanas. Estamos a recolher algumas informações bastante interessantes sobre segurança nacional, que é a transição que eu queria que a MAGNIT fizesse. Sabes, eu tenho um fim em mente, é...

Putin ergueu a mão a pedir silêncio. Os cantos da sua boca levantaram-se microscopicamente, o que, no caso dele, indicava uma mal reprimida hilaridade. – E quanto à preferência dela por *lohmatka*, por mulheres? – perguntou.

Gorelikov não se desconcertou com a interrupção; estava a contar com a inevitável pergunta do presidente. – O vício dela é ocasional e controlado – disse. – Satisfaz os seus apetites durante as discretas férias anuais no estrangeiro quando está sob a minha supervisão. Ocasionalmente, descontrola-se com as parceiras, algo que atribuo ao narcisismo social e à repressão sexual acumulada, resultante de um conflito psicológico durante a infância com um pai abusador.

– Descontrola-se como? – perguntou o presidente.

Gorelikov mexeu-se na cadeira, desconfortável. – Sexo frenético, uso demasiado à bruta de brinquedos sexuais, mordidas e bofetadas.

– Têm filmado esses comportamentos, para controlo posterior? – perguntou Putin, que em tempos fora ele próprio espião.

Gorelikov abanou a cabeça. – A coerção não é um fator de motivação para a MAGNIT. Após uma recusa inicial, de pouca dura, em colaborar durante o recrutamento, tornou-se uma agente modelo; o narcisismo dela motiva-a para a espionagem. O único filme que alguma vez fizemos foi

durante a *polovaya zapadnya*, a armadilha de mel no Metropol, há quase 12 anos.

– Têm a gravação desse encontro?– perguntou Putin.

Gorelikov encolheu os ombros. – Não faço ideia de onde esteja. Suponho que algures nos arquivos.

– Meu leal conselheiro, não estarás por acaso a resguardar a tua protegida, a Egorova? Ela foi a Pardal em questão.

– Senhor Presidente, estás a falar da tua próxima Diretora de Informação Externa, ou mudaste de ideias? Admito que apoio a Coronel Egorova. Penso que é extremamente promissora.

A Putin bastava ter tocado num dos nervos do imperturbável Gorelikov. Já vira todos os filmes antigos da época de Pardal de Egorova. Ela revelara-se extremamente promissora nessa altura, tal como agora. Estava ansioso por lhe deitar a mão. – Concordo – disse Putin. – Agora fala-me sobre o tal refinamento adicional.

O vento lá fora uivava. – Não preciso de explicar que, quando um DCIA morre, a administração tem de seleccionar candidatos para o substituir, um dos quais será apresentado como o nomeado final para confirmação pelo Congresso.

Putin sabia o que estava para vir, mas manteve-se em silêncio para que Gorelikov pudesse acabar de tecer a sua teia.

– Dei instruções à MAGNIT para que ela se exhiba de modo claro diante do presidente durante as sessões de informação no Gabinete Oval, especialmente quando for sozinha, nas ocasiões em que o chefe dela não possa deslocar-se à Casa Branca para a sessão semanal. Treinei-a para, enquanto fala, fazer alguns comentários que sugiram que está politicamente alinhada com o presidente, que concorda com as suas políticas de defesa e de informação secreta e que está desejosa de trabalhar na equipa dele, antes ou depois de se aposentar.

– Acreditas que essas lisonjas resultarão? – perguntou Putin.

– Os analistas do Departamento das Américas sustentam que o presidente é movido pelo ego e pela ideologia, e que agora, no quinto ano da sua presidência, está cada vez mais vulnerável a críticas, e, por consequência, rodeia-se de bajuladores. Se a MAGNIT conseguir criar uma imagem de aliada solidária e o cargo de DCIA ficar subitamente vago, prevejo que o nome dela será um dos que o presidente terá pelo menos em consideração.

A ideia de nomear uma mulher inteligente e liberal, uma almirante da Marinha, para desfazer o legado belicoso e de perturbadoras operações encobertas de Alexander Larson, seria atrativa para ele.

– É uma pena que já não tenhamos aquele outro presidente, aquele *rasputnik*, aquele sátiro, na Sala Oval – disse Putin. – A MAGNIT poderia ter solicitado o cargo de DCIA pondo-se de joelhos. Mas este esquema parece extremamente ténue, a hipótese de a MAGNIT ser indicada para o cargo é remota.

Gorelikov contou pelos dedos. – Tentamos influenciar os resultados, muitas vezes sem garantias, e temos a esperança de obter os resultados desejados. A total impossibilidade de MAGNIT vir a ser a DCIA é a imagem de marca da perfeita *zagovor*, uma conspiração primorosa sem as impressões digitais da Rússia. Como ela não tem patronos civis de monta nem patrocinadores secretos, não há fios soltos. A MAGNIT, a brilhante mas pouco simpática cegonha, de uma dedicação sólida, capaz de manobrar os desafios da tecnologia e da nova era cibernética, é a candidata perfeita. Se ela for seleccionada, tu, Vladimir Vladimirovich, serás dono da CIA.

Saltaram mais fagulhas da lareira enquanto *Shaitan* esvoaçava em redor das traves de pinho maciço do teto da dacha, absolutamente encantado.

*

Mesmo ao lado da Sala da Situação, sob a Ala Oeste da Casa Branca, havia uma sala de reuniões mais pequena com uma mesa baixa de madeira de noqueira e três cadeirões estofados de cada lado, com a cadeira do presidente dos Estados Unidos no extremo oposto, sob o selo presidencial. Ao contrário da espaçosa Sala da Situação, com os seus painéis de mogno, lugares sentados para 20 pessoas – incluindo cadeiras para assistentes – e múltiplos ecrãs planos nas paredes para chamadas em conferência, a pequena sala de reuniões dispunha apenas de dois ecrãs pequenos na parede mais afastada, por cima dos quais havia seis relógios digitais: um que indicava a hora em Washington; um relógio com a etiqueta «Presidente», indicando a hora do local onde o presidente se encontrasse; um para a hora zulu; e três relógios adicionais, hoje com etiquetas a indicarem a hora em Bagdade, Londres e Cabul.

A vice-almirante Audrey Rowland acabara de concluir a solo uma prestação de informações ao presidente, ao seu conselheiro de segurança nacional e ao vice-conselheiro do NSC sobre testes conduzidos pelo ONR, o Gabinete de Investigação Naval, sobre a propulsão de cavitação para navios de combate no litoral. Era um assunto complexo que geralmente não interessava a este comandante-chefe, cuja ideia de projeção de poder era obter o apoio morno de aliados prevaricadores e assinar tratados com estados hostis que não tinham nenhuma intenção de honrar quaisquer acordos diplomáticos. O presidente, no entanto, apreciava os navios mais pequenos, com armamento mais ligeiro e relativamente pouco dispendiosos como bons exemplos de «plataformas navais não-agressivas». Do Relvado Sul podia ouvir-se o ranger de dentes dos almirantes no Pentágono.

Depois da conclusão da sessão, a almirante Rowland disse ao presidente que a ideia dele de uma pegada militar americana mais contida, de uma política internacional dos Estados Unidos mais inclusiva, que abandonasse as práticas do século XIX de consolidação de nações, mudanças de regime e diplomacia armada (Audrey não se recordava dos outros tópicos de conversa nos quais Anton a industriara) eram conceitos de importância crítica num mundo instável. Com os pés caracteristicamente pousados em cima da mesa de apoio, a mostrar a sola dos sapatos aos outros – um grave insulto para os estrangeiros, mas apenas grosseiro na sala de reuniões – o presidente dos Estados Unidos disse que teria todo o gosto em ouvir os pontos de vista dela. Audrey apressou-se a acrescentar que, na sua perspetiva, a contenção também se aplicava à recolha de informações – quer pela DIA, pelos serviços secretos navais ou pela CIA.

– Acabámos de adquirir um míssil russo antinavios, de que desconheço a fonte, e avaliaremos as suas capacidades e desenvolveremos contramedidas, contra as quais os russos irão desenvolver contra-contramedidas – disse Audrey. – E o processo vai continuar, interminavelmente, com custos enormes, quando nos defrontamos com tantas outras prioridades internas.

Anton treinara-a para invocar inferências que apelassem ao bem conhecido progressismo social do presidente.

– Senhor Presidente, daqui a um ano poderei aposentar-me. Se, a qualquer momento, puder ser-lhe útil, a si e à sua equipa (acenou com a cabeça para o conselheiro do NSC de queixo frouxo e em seguida para o vice-conselheiro letárgico), seria uma honra singular continuar a prestar o

meu contributo. – Audrey parou por ali, sem querer exagerar. O presidente dos Estados Unidos agradeceu-lhe, e ele e o conselheiro do NSC saíram da sala, mas o jovem vice-conselheiro ficou para trás e pôs-se a olhar para a almirante Rowland enquanto ela metia na pasta os seus documentos da reunião.

– Não sabe de facto como é que a CIA obteve aquele míssil? – perguntou ele. Era baixo, estava a ficar calvo e tinha um rosto redondo em que pairava permanentemente uma expressão entre a mesquinhez e a mentira. Tinha os olhos escuros de um juiz implacável.

Audrey fechou a sua pasta de *kevlar* e prendeu o gancho do fecho no cadeado. – Não, e realmente preocupa-me – respondeu, com o seu vocabulário cuidadosamente escolhido, o que, dizia Anton, reforçaria a sua imagem de vestal. *O Anton estava constantemente a considerar tais pormenores* – pensou Audrey. – Eu sei que estou na parte da ciência, mas poderia realmente acrescentar valor ao processo de requisitos.

O jovem Calígula abanou a cabeça. – Nunca lhe falaram, a si, uma almirante de três estrelas, sobre a COPPERFIN? Foda-se, deve estar a brincar comigo!

Em três minutos falou a MAGNIT sobre a rede COPPERFIN e sobre alguns dos relatórios apresentados.

MAGNIT sabia que tinha de cauterizar a fuga de informações. – Ouça, não me diga mais nada. Parecem ser informações bastante confidenciais. Já as esqueci.

Os olhos de furão dele semicerraram-se, apercebendo-se de que não devia ter dito nada, mas sabia que a almirante seria discreta. Ele também manteria a boca fechada. Encolheu os ombros, tentando não reconhecer o erro que cometera, e mudou de assunto. – Dá a ideia de que anda à procura de emprego.

– A Marinha tem-me tratado bem, mas estou pronta para um novo desafio. Já dominei a coisa da ciência, e a cibernética é o próximo grande obstáculo. Os serviços secretos seriam uma boa opção.

– Deixe-me falar com o presidente – disse ele, de peito inchado, o grande influente da Casa Branca. – É uma ideia interessante.

Audrey alisou o casaco da sua farda e estendeu-lhe a mão. – Ainda bem que falámos. É bom sentir-me ligada a alguém no centro que tem real poder.

O vice-conselheiro acenou com a cabeça, como se a validar as três leis do movimento de Newton. – Eu contacto-a.

ESTUFADO DE BORREGO

Esmague cravo-da-Índia, grãos de pimenta e sementes de cardamomo até obter um pó. Salteie cebolas cortadas com as especiarias até alourarem. Acrescente cominhos, canela, curcuma, coentros picados e colorau. Adicione alhos esmagados e gengibre ralado e continue a cozinhar até obter um molho aromático. Adicione tomates pelados com o sumo, ferva em lume brando e depois acrescente pedaços desossados de borrego e continue a cozinhar. Acrescente água e iogurte, cubra e deixe cozer até a carne de borrego ficar tenra. Sirva com arroz basmati.

5

Bem-vinda ao Clube

Ao mesmo tempo que Benford estava a dar início às suas blasfêmias matinais sobre toupeiras em Washington, no fim de uma tarde gélida decorria uma reunião a 7800 quilómetros de distância, à volta de outra mesa de reuniões, esta no Kremlin. A sala, ao lado do gabinete do presidente no edifício do Senado, era imaculada, com uma alcatifa azul e painéis de madeira. A mesa de nogueira encerada tinha encaestado um padrão de estrelas em mogno – uma estrela soviética de cinco pontas – uma antiguidade mantida a uso por razões de nostalgia. Afinal, era a sala de reuniões do presidente, e ele apreciava a recordação discreta das glórias passadas da URSS.

A reunião fora convocada e estava a ser dirigida por Anton Gorelikov, elegante no seu fato azul da Brioni, camisa azul clara de colarinho largo da Turnbull & Asser e gravata de seda grossa castanha da E. Marinella, de Nápoles. O seu cabelo grisalho estava penteado para trás.

Os deveres de Gorelikov consistiam em aconselhar o presidente sobre assuntos internos e externos, segurança nacional e a manipulação dos acontecimentos mundiais a favor da Federação Russa, uma versão dos tempos modernos de Mikhail Suslov, que fora o Ideólogo Principal do Partido Comunista Soviético. Gorelikov tirara a licenciatura na universidade estatal de São Petersburgo em 1975 com Putin, ambos em Direito, e os dois tinham entrado para o KGB, Putin nos serviços secretos externos, Gorelikov na análise. Quando Vladimir subiu na política durante os últimos tempos bem enfrascados de Yeltsin, chamou o seu amigo dos tempos da faculdade para se juntar à sua coutada política, e, graças à postura, à acuidade e ao golpe de vista de Anton – assim como ao seu esforço empenhado para evitar todas as intrigas do Kremlin – ele acabou por chegar a chefe do *Sekretariat*. Nunca se casara, era agnóstico em questões de sexo, não confiava em ninguém e era um observador astuto e desconfiado das reações humanas. Tinha a confiança do presidente (na

medida em que Vladimir Putin depositava a sua confiança total em alguém) principalmente porque nunca descia à bajulação. Ocasionalmente, recordava ao presidente que com certeza havia toupeiras no Kremlin, tal como a Rússia tinha agentes em Washington.

Anton Gorelikov sabia que a Rússia de Putin estava a atrofiar-se lentamente a partir de dentro, e que só vinha à tona à custa dos seus recursos naturais mal geridos e das desventuras geopolíticas que mantinham Putin em cena no palco mundial. Mas, tal como um mestre de xadrez a defender brilhantemente um jogo perdido até conseguir uma vantagem, Gorelikov deleitava-se com a intriga, a manipulação dos acontecimentos e o manejo do poder. Os seus aliados putativos eram Bortnikov, do FSB, Patrushev, do Conselho de Segurança, e, esperava ele, Egorova, a estrela em ascensão em quem o Kremlin já reparara. Gorelikov estava a manobrar discretamente nos bastidores para que ela fosse promovida a diretora do SVR. Seria um objetivo ambicioso, fazer nomear uma mulher diretora do SVR, mas Gorelikov, um homem cheio de recursos, era conhecido por ser um *volshebnik*, um ilusionista, capaz de transformar água em vinho. Não havia pressa.

Para além de fazer o papel de Maquiavel de Vladimir, Gorelikov era um esteta. Colecionava pinturas, bronzes e mapas antigos, e vestia-se impecavelmente. Pôs-se a apreciar a beleza incomparável da coronel do SVR Dominika Egorova, que estava sentada num dos lados da mesa, com um dossiê fino diante de si. Os seus olhos azuis eram extraordinários, as suas mãos em repouso eram serenas, e aquele rosto poderia fazer mover mil navios – se a Frota Vermelha russa, a apodrecer, tivesse ainda assim tantos. Gorelikov estava a par da história pessoal e profissional de Egorova, sabia onde ela vivia, quantas vezes fora colocada no estrangeiro ou viajara para fora do país (bastantes, para a sua idade e posto), e conhecia os episódios mais espetaculares da carreira dela, incluindo os seus serviços como Pardal. Uma coisa que não sabia era que a bela coronel Egorova estava a avaliar o halo azul cerúleo à volta da cabeça dele, o halo de um azul luminoso do pensador sofisticado.

Era hora de começar. Gorelikov sabia que esta reunião seria desagradável; não gostava de comportamentos rudes, que abundavam entre os bois do círculo interno de Putin, ex-agentes do KGB, gangsters e colegas da polícia, entre eles os homens sentados à mesa em frente a Egorova.

– Estamos todos presentes? – perguntou Gorelikov num tom de voz suave. – Posso fazer umas apresentações?

Em frente a Dominika estava sentado o major Valeriy Shlykov, do GRU, o serviço militar de informações externas da Federação Russa. Com um fato de bom corte e uma gravata azul, Shlykov, que andava pelos trinta e poucos anos, era um russo louro, de rosto largo, olhos azuis lânguidos e lábios grossos. A nuvem amarela que pairava sobre ele como um aviso de praga indicava vaidade, inveja, duplicidade. Shlykov não dera sinal de reconhecer Dominika nem olhava para ela, pondo-se antes a virar as páginas de um dossiê que tinha diante de si. *Este é ambicioso e privilegiado* – pensou Dominika. – *Porque é que está aqui?* A convocatória para esta reunião fora vaga, mas Dominika supunha que se destinava a falar sobre o recrutamento do norte-coreano, o Académico Ri. Porque estaria presente o GRU para debater um caso do SVR?

Na Rússia, a competição entre os serviços, dentro dos ramos das forças armadas e entre os ministérios, era sempre febril, e por vezes desesperadamente implacável. Quando o KGB se ramificou no SVR e no FSB, isso significou apenas mais dois focinhos a beberem da mesma pia. E todos desdenhavam os *krestyaniki*, os saloios do GRU.

À direita de Shlykov estava sentado um homem atarracado e forte, com um fato que lhe ficava demasiado pequeno e uma gravata estampada atada com um nó largo à volta de um pescoço de cano de esgotos. Era mais velho do que Shlykov, com cinquenta e muitos anos, e tinha umas mãos imensas, cheias de cicatrizes, como um pugilista aposentado. O seu cabelo era grisalho e ralo e ele tinha um rosto desagradável, curtido e com rugas, e um nariz torto. A sua testa larga era uma massa brilhante de cicatrizes, como se resultantes de uma queimadura terrível. Uns grandes olhos castanhos olhavam fixamente para as suas mãos. Gorelikov apresentou-o como *Starshy praporshchik* Iosip Blokhin, Sargento Mestre Blokhin do *Spetsgruppа «V»*, ou grupo Vega, ou, na designação mais comum, *Vympel*, a unidade das Forças Especiais *Spetsnaz* usada pelo GRU para assassinatos e operações militares secretas no estrangeiro.

Os instintos de Gorelikov vibravam como um diapasão: Blokhin era um sargento sénior das *Spetsnaz* com um fato barato à paisana, fisicamente potente, com uma imensa experiência, calmo e imóvel na aparência. Impossível de controlar, pronto a liquidar o que lhe aparecesse à frente.

Blokhin não dizia nada, mal se mexia; havia uma expressão de expectativa controlada naqueles olhos baixos – como se estivessem à espera do toque de uma sineta para matar toda a gente na sala. A sua testa queimada estava estriada onde a carne derretera e escorrera como cera de uma vela. Com óbvia ironia, Gorelikov explicou sarcasticamente que o sargento fora destacado para trabalhar com o major, mas chamar a Blokhin «ajudante» de Shlykov seria como chamar tesoura de picotar a uma motosserra.

Gorelikov viu Blokhin erguer os olhos para fitar Dominika e observou como a sua futura protegida lidava com o desafio da fera. Ela fitou-o sem pestanejar, com as mãos descontraídas, e depois desviou o olhar com desdém e pousou-o em Gorelikov para que ele continuasse a falar. *Satisfatório* – pensou Anton. Não podia saber que Dominika vira asas pretas de morcego de um mal elementar desdobradas por trás do ogre, e bem abertas, como uma ave marinha a secar as asas ao sol. Dominika estremecera ligeiramente, e Blokhin percebera-o. Só um outro ser humano –

Zyuganov, o seu anterior supervisor psicótico – tinha asas pretas como estas em vez de cores. Blokhin pestanejou lentamente, a olhar para Dominika, como se a perguntar-se a que saberia o fígado dela se o assasse espetado num pau numa fogueira ao ar livre.

– Talvez a coronel Egorova queira fazer-nos um resumo do seu novo caso – disse Gorelikov. Os seus botões de punho de turmalina despontavam-lhe das mangas.

– Estes cavalheiros têm autorização para ouvir os pormenores? – perguntou ela.

Shlykov ergueu os olhos e fitou-a com um sorriso sarcástico. – Sim, Coronel, estamos familiarizados com todos os aspetos do caso do Académico Ri, que é um incómodo infernal a que tem de ser posto fim imediatamente.

– Talvez o major possa explicar como o GRU está familiarizado com um caso do SVR? – disse Dominika.

Gorelikov sorriu interiormente. Egorova era superior hierárquica deste *khvastum*, deste *bully* pretensioso, e não ia recuar perante ele.

– Estamos familiarizados com todos os aspetos do seu alegado caso, porque interseta um caso de muito mais importância que o GRU está a conduzir e interfere com ele – respondeu Shlykov. Dominika sorriu.

Gorelikov interveio, como um juiz a separar dois advogados. – A redução do risco de colisão de operações secretas é sempre de importância crítica – disse. – Estou muito desejoso de ouvir falar sobre os vossos casos. Sobre ambos.

– Infelizmente, a coronel Egorova não está autorizada a ouvi-lo – disse Shlykov.

Gorelikov ergueu a mão. – Ora bem, Major – disse. – Creio que o presidente deu instruções para que ambas as operações fossem coordenadas. Por favor, informe a coronel Egorova.

Shlykov detetou o tom determinante da voz de Gorelikov e obedeceu. – O GRU controla um ativo bastante delicado há quase 12 anos. A fonte está encriptada com o nome de código MAGNIT, uma fonte americana com acesso alargado a informações sobre tecnologia e medidas políticas. – Shlykov estava sentado com os braços cruzados sobre o peito.

– Isso é verdadeiramente impressionante, Major – disse Dominika. – Presumo que, visto que é o GRU que controla o caso, o ativo era um voluntário? – Gorelikov voltou a reprimir um sorriso. Egorova estava a puxar pela cauda a Shlykov com um comentário ambíguo, feito de propósito. Os burros militares do GRU seriam incapazes de recrutar um tal ativo do zero. *Tinham dado por acaso com um voluntário.*

– Não sou livre de descrever a fonte com mais pormenores – disse Shlykov, corado.

– E eu continuo sem compreender bem – disse Dominika – como é que a minha nova fonte, o Académico Ri, interfere com a vossa fonte, MAGNIT. Pode clarificar?

– Pensava que seria óbvio, até mesmo para uma agente do SVR – respondeu Shlykov. – MAGNIT forneceu uma certa tecnologia que o GRU partilhou com os norte-coreanos para prestar assistência ao programa de armas nucleares deles.

Dominika sorriu. – Então, em resumo, MAGNIT passou informações sobre a tecnologia dos canhões ao GRU, que, por sua vez, a passou ao serviço de informação da Coreia do Norte, o RGB, que, por sua vez, forneceu os dados a serem usados na conceção do detonador nuclear no Centro de Investigação Científica de Yongbyon.

Shlykov olhou para Dominika sem expressão.

– Porque é que o GRU, fosse em que circunstâncias fosse, iria querer acelerar o desenvolvimento de um dispositivo nuclear norte-coreano? – perguntou Dominika.

Bravo – pensou Gorelikov –, *a Egorova chega à questão correta em cinco minutos.*

– Isso não é uma questão dos serviços de informação – retorquiu Shlykov. – É uma consideração política muito fora da sua alçada.

Da ponta da mesa, Gorelikov olhou para Dominika com uma expressão indecifrável que significava que ela devia deixar o assunto por ali.

– E o que pensa o diretor do SVR? – perguntou Dominika. *Sem resposta; o atual diretor do SVR é um zero à esquerda.* – A ordem do presidente é que o caso do Académico Ri seja encerrado? Não vejo nenhum conflito entre os dois casos. MAGNIT só está a fornecer as informações tecnológicas. O Académico Ri é uma penetração do programa nuclear norte-coreano. Os dois casos não podem ser dirigidos simultaneamente e em coordenação? –

Gorelikov reparou em como Egorova mantinha a calma, ao passo que Shlykov estava uma pilha de nervos.

– Quando um ativo de imenso valor potencial é ameaçado por outro ativo de menor valor, devem estabelecer-se as prioridades. Não há dúvida de que o caso da Egorova deve ser encerrado. O SVR tem de se retirar do campo operacional – disse Shlykov.

– Creio que podemos debater a compatibilidade destes casos numa data posterior – disse Gorelikov. – Mas o que o major diz é verdade. MAGNIT é de imensa importância, agora e no futuro. Mas isto traz-nos a um outro assunto, o motivo último para esta reunião: o controlo seguro de MAGNIT. O presidente ordenou que o SVR prestasse assistência ao GRU no estabelecimento de um protocolo de controlo mais apertado deste ativo.

Shlykov mexeu-se na cadeira, encrespado. – O GRU é mais do que capaz de controlar os seus ativos de modo seguro – resmungou.

– Talvez queira exprimir pessoalmente a sua oposição aos desejos do presidente – disse Gorelikov num tom suave, recorrendo à tradicional ameaça do Kremlin. Shlykov fitou o seu dossiê, a recuar, sabendo que, provavelmente, a conversa estava a ser gravada.

– Ninguém tem a experiência e a astúcia que o SVR pode trazer a uma operação externa – disse Gorelikov, e pôs-se a contar pelos dedos os pontos a seu favor. – MAGNIT será controlada de modo mais seguro nos Estados

Unidos por um ilegal. O SVR administra a Linha S, a direção dos ilegais. A coronel Egorova já controlou ilegais. Além disso – prosseguiu, como se nada disso fizesse qualquer diferença –, o presidente deseja expressamente que a coronel Egorova seja envolvida no controlo e nos planos de comunicação de MAGNIT.

– Eu não concordei com isto – disse Shlykov.

– O presidente não solicitou a sua aprovação – disse Gorelikov, com impaciência. – MAGNIT está sob um controlo adequado há uma década, com pessoal à altura da sua posição.

Gorelikov era diabolicamente esperto ao não revelar explicitamente se o ativo era homem ou mulher. *Sê paciente; alguém vai descair-se, mais cedo ou mais tarde* – pensou Dominika.

– Mas o protocolo interno de controlo tem agora de ser reforçado – disse Gorelikov. – Com a perspectiva de maior acesso a informações de MAGNIT, o controlo não pode continuar a ser deixado a agentes internos do GRU. Uma ilegal de topo na cidade de Nova Iorque encriptada como SUSAN vai controlar MAGNIT internamente a partir de agora, e a coronel Egorova vai deslocar-se aos Estados Unidos para se encontrar com ela e entregar equipamento especial de comunicações. – *Bem, pelo menos sabemos que SUSAN é uma mulher.* Nova Iorque: seria a primeira viagem de Dominika à América.

O que nenhuma das pessoas que estavam à volta daquela mesa sabia era que, pelo menos há uns dez anos, MAGNIT também se encontrava com o próprio Gorelikov uma vez por ano fora dos Estados Unidos. Gorelikov considerava MAGNIT o seu caso, apesar das picuinhas de Shlykov, e agora, com o acesso de MAGNIT a informações a desenvolver-se exponencialmente, queria ver-se livre do controlo desajeitado do GRU e instituir um controlo mais seguro nos Estados Unidos.

– O SVR vai tentar usurpar o caso – disse Shlykov, contrariado. –

O Estado Maior não admitirá nenhuma tentativa de nos subtrair a informação.

– Quer dizer, de lhes roubar os louros – disse Gorelikov secamente. – Não se preocupe, o caso manter-se-á no GRU. A coronel Egorova nem sequer precisa de saber o verdadeiro nome de MAGNIT quando entregar o equipamento a SUSAN. *Resposta errada, Anton. Preciso de saber onde o nosso amigo MAGNIT vive e respira. Mas há tempo.*

– Isso é muito tranquilizador – disse Shlykov. – Mas quero que o Blokhin acompanhe a coronel a Nova Iorque para proteger as nossas ações operacionais.

Por um milhão de razões, de modo nenhum – pensou Dominika. – *Vou encontrar-me com o Nate e o Bratok em Nova Iorque.* – Receio bem que tenha de objetar – disse Dominika. – Dois agentes não podem comparecer juntos a um encontro clandestino. Embora eu tenha a certeza de que as capacidades do sargento Blokhin em campo são consideráveis, suspeito que a deteção de vigilância não seja uma delas.

A estranha voz de baixo de Blokhin surpreendeu toda a gente. – Eu mostro-lhe as minhas capacidades em campo quando quiser – disse. O seu olhar vazio era mais alarmante do que se ele se tivesse posto a rosnar. As asas negras dobraram-se uma sobre a outra.

Shlykov e Blokhin afastaram-se da mesa, pegaram nos seus dossiês e saíram da sala de reuniões. O ritmo de metrónomo dos tacões deles no corredor desvaneceu-se, até dobrarem a esquina no magnífico corredor.

Gorelikov soltou um suspiro fundo. – Lidar com aquele *presmykayushchiysya*, aquele réptil, é sempre cansativo – comentou. – O avô dele foi um herói da Grande Guerra Patriótica até Estaline o purgar... o executar... em 1949. O pai dele foi marechal do exército nos anos 1970, e o jovem Valeriy tem-se saído bem no GRU. É ambicioso, privilegiado e nada ético, por isso tenha cuidado com ele.

– E MAGNIT? – perguntou Dominika casualmente.

– Um caso imensamente produtivo, incrivelmente promissor – respondeu Gorelikov, que não estava disposto a revelar a identidade da agente a Egorova na véspera da viagem desta para Nova Iorque. – O ativo tem subido na carreira e está agora colocado no palco das políticas nacionais norte-americanas. Se as coisas se desenvolverem da maneira certa, a fonte será controlada pela ilegal em Nova Iorque e dirigida a partir do Kremlin como um caso do Diretor, apesar dos desejos do nosso rude Shlykov. *OK por agora. Não faça mais perguntas sobre a toupeira; descubres o nome para o dizer ao Benford em menos de um mês.*

– E seria pisar as marcas perguntar-lhe por que carga de água andamos a ajudar o programa nuclear norte-coreano? – perguntou Dominika.

– Porque quero desorientar os chineses e lisonjear aquela trouxinha em Pyongyang – disse o presidente Putin, entrando na sala de reuniões por uma

porta lateral. O fato azul, a camisa branca, a gravata de um azul claro esverdeado e os olhos azuis dardejantes do costume complementavam a bem conhecida expressão fleumática, algures entre um sorriso sardónico e um olhar lascivo. Putin deu a volta à mesa com o seu característico andar oscilante de marinheiro, que um obsequioso biógrafo do Kremlin descrevera recentemente como um passo de combate ensinado no KGB, mas que Dominika suspeitava ser apenas o andar bamboleado de um homem baixo. Sem falar, sentou-se em frente a ela e pousou as mãos em cima da mesa. A sua aura azul – inteligência, astúcia, calculismo – era como uma *kokoshnik* na sua cabeça, o toucado tradicional russo, meio tiara, meio diadema.

– Gostaria que se encontrasse com a ilegal em Nova Iorque – disse ele. Dominika não tinha dúvidas de que ele ouvira a conversa com Shlykov cinco minutos antes.

O líder clarividente, o czar onnisciente. – Sim, Senhor Presidente.

– Confio que tomará as precauções necessárias.

– É claro que sim, Senhor Presidente – respondeu Dominika.

– Leve o Blokhin consigo, como apoio – disse Putin.

Gorelikov mexeu-se na cadeira. – Senhor Presidente – disse –, um tropa *Spetsnaz* não é exatamente o que a situação operacional...

– Leve-o consigo, de qualquer modo – disse Putin. – Mantenha o major contente até ele encetar o seu outro projeto.

Gorelikov manteve-se em silêncio.

– E quando regressar – disse Putin a Dominika –, quero discutir consigo as novas iniciativas no SVR. Os resultados favoráveis recentes das *aktivniye meropriyatiya*, as nossas medidas ativas nos Estados Unidos, indicam-me que deveríamos expandir as nossas capacidades nesta área.

– Ficarei a aguardar com todo o gosto – disse Dominika. O rosto de Putin suavizou-se quando pousou os olhos por um instante nos botões apertados da blusa cintada que ela trazia por baixo do fato azul-marinho. *Mato o Benford se ele me pedir para fazer o que o cabeça de melão está a imaginar neste momento* – pensou ela.

Dominika estava acostumada a que os homens fitassem o seu corpo, e divertia-se a obrigá-los a desviar os olhos com o seu olhar fixo. Mas o caso dos olhares lascivos do presidente era diferente. Havia antecedentes, de certa forma. Estremeceu ao recordar a visita de Putin ao seu quarto, a altas

horas da noite, há anos, durante o fim de semana no palácio nos arredores de São Petersburgo. Ele estava com um pijama de seda vermelha e entrou sem bater. Sentada muito direita na cama, com a sua camisa de noite rendada, Dominika puxara a roupa de cama para cima até ao queixo, para se cobrir, mas depois lembrou-se de que tinha de cativar o czar e baixou o lençol. Atreveu-se a pôr a mão no regaço dele enquanto ele passava os dedos por dentro das copas cheias do *babydoll* dela, para mostrar que estava disposta a tudo, mas, para seu alarme, as suas manobras de especialista (de Pardal) não surtiram um efeito imediato nele. O presidente retirou-se em silêncio daí a pouco, mas aquele encontro pairava sobre os dois, um acasalamento preordenado em algum momento no futuro, quando o czar aparecesse para reclamar o seu prémio. E ela dar-lho-ia. Teria de o fazer.

– *Schastlivogo puti* – disse o presidente. – *Bon voyage*. Levantou-se, acenou a Gorelikov e saiu por uma outra porta lateral, que foi aberta por um dos seus muitos lobisomens que estavam sempre à espreita. A porta fechou-se com um estalido e Gorelikov suspirou. Dirigir o *Sekretariat* de Putin constituído por um só homem era uma provação.

– Mandei vir um almoço ligeiro – disse ele. – Faz-me companhia?

*

Percorreram o corredor até uma pequena sala de refeições e sentaram-se a uma mesa. Um empregado entrou a empurrar um carrinho com uma bandeja com uma tampa de prata. – *Sel'd pod Shuboy*, arenque sob uma camada de salada de vegetais – disse Gorelikov, servindo Dominika. – Espero que goste.

– É muito bom – disse ela, pensando que a maioria dos jovens russos provavelmente nunca provaria tal manjar.

Gorelikov mastigava pensativamente. – Demasiada maionese – comentou, limpando a boca. – Tenho muito a dizer-lhe.

– Apreciarei a sua orientação – disse Dominika.

– Em primeiro lugar, tenho de mencionar que o presidente aprecia a sua folha de serviço. Segue a sua carreira com interesse. – *Infelizmente, com uma ereção* – pensou Dominika.

– Prevejo que a promova no próximo trimestre. Seguir-se-á a direção do SVR, na minha opinião.

O halo azul de Gorelikov mantinha-se firme, o que sugeria que estava a falar verdade. – O presidente também gosta do major Shlykov – acrescentou Gorelikov. – Talvez admire o modo como ele é *naglyy*, descarado.

– Encerramos o caso do Académico Ri a favor do de MAGNIT? – perguntou Dominika.

Gorelikov encolheu os ombros. – Concordo que o seu caso tem mérito, uma oportunidade de valor inestimável para espreitar para dentro do programa nuclear do Reino Eremita. Mas prevejo que o presidente se cansará de pôr os norte-coreanos contra Beijing e lhe retirará o seu apoio. Podemos decidir mais tarde.

– Ainda não compreendo bem como um caso ameaça o outro – disse Dominika. – Ambas as correntes de informação serão abordadas em compartimentos.

Gorelikov notou o alto grau de sentido de operacionalidade desta beldade. Chegou a pensar em pô-la a par do caso MAGNIT, mas decidiu que era demasiado cedo. Admirava o facto de ela não hesitar em insistir no seu caso, mesmo perante um superior e no ambiente rarefeito do Kremlin. Tinha fortes suspeitas de que ela seria adequada àquilo que ele tinha em mente. – O Shlykov acredita que o facto de os norte-coreanos estarem a receber informações sobre a tecnologia dos canhões eletromagnéticos revela indiscutivelmente que existe uma fonte americana. Se MAGNIT continuar a progredir na carreira, o caso eclipsará todos os outros e terá de ser protegido.

– O MAGNIT é assim tão bom? – perguntou Dominika. *Última pergunta, não insistas.*

– O ativo tem o potencial de ser a melhor fonte na história das nossas atividades de recolha de informações contra o Grande Inimigo – respondeu Gorelikov com uma risada –, se me permite essa velha expressão soviética, o Grande Inimigo, que, a propósito, está a desfrutar de um certo ressurgimento neste edifício. Deve manter isso em mente.

– Manterei – disse Dominika.

– Ótimo. E agora, falando de política – disse Gorelikov. – Beijing anda a agitar a região com aquelas malditas ilhas artificiais no Mar do Sul da China. Andam a desafiar Washington; andam a irritar o presidente. Putin quer distrair os chineses, meter-se entre o comité central de Beijing e

Pyongyang, e abalar o relacionamento amigável que não é desafiado desde os anos 1950.

– Perdoe-me, consigo ver o interesse em medidas ativas para perturbar o relacionamento, mas à custa de deixá-los ter a bomba? – perguntou Dominika.

Gorelikov riu-se. – Eu sei, fiz a mesma pergunta – respondeu Gorelikov.

Este homem é um conselheiro bem pensante – pensou Dominika –, *não um bajulador*. – Parece um risco substancial – disse Dominika. – A minha experiência com o programa nuclear iraniano ensinou-me que a investigação e o desenvolvimento podem parar e depois acelerar-se imprevisivelmente.

Gorelikov sorriu-lhe. – O nosso trabalho implica riscos – disse. – Você própria corre riscos todos os dias, não corre?

O familiar calafrio de alarme gélido percorreu a espinha de Dominika, a aflição intemporal do agente clandestino que vive com o receio de ser descoberto a pairar em todos os momentos que passa acordado. *O que é que isso quer dizer?* Um comentário inocente? Uma insinuação discreta de que, de algum modo, ela era suspeita? Nate uivaria de preocupação e exigiria de novo que ela desertasse imediatamente.

– As suas experiências com os iranianos foram arriscadas, o seu duelo com o lamentado Zyuganov foi arriscado, a troca de espiões na Estónia foi exceccionalmente arriscada – disse Gorelikov. – Não, Dominika... posso chamar-lhe Dominika? E chame-me Anton... A Dominika corre riscos com coragem e resolutamente, que é a razão por que o presidente a tem debaixo de olho. E eu também. – Uma armadilha de teia de aranha? Ou o início de uma aliança rara num Kremlin onde não existem aliados?

– Eu dou muito valor ao seu apoio... Anton.

– Excelente. Então, usamos o Académico Ri para já para monitorizar aqueles cabeças de nabo e os seus infernais detonadores nucleares – disse Gorelikov. – Encontrar-se com ele em Viena vai ser algo delicado.

Nem fazes ideia – pensou Dominika. – Tenho um ativo de apoio a prestar-me assistência localmente – disse Dominika.

– A Petrescu? – disse Gorelikov. – É bastante competente. *Meu Deus, este figurino elegante sabe muito.*

Gorelikov empurrou a travessa na direção dela. – Mais salada? Há outra tarefa delicada de que o presidente tenciona incumbi-la. Ele está

convencido de que o serviço chinês de informação, o Ministério da Segurança do Estado (MSE), anda a espiar-nos, uma opinião que não partilho necessariamente. Como a Dominika é a chefe da contrainformação do SVR, o presidente Putin quer que se encarregue das relações de ligação oficiais com o representante em Moscovo do MSE. – Muito para contar a Benford, imediatamente. *Uma transmissão pelo SRAC para Langley, o mais tardar amanhã à noite. Depois de jantar com Ioana, acabada de regressar de Viena.*

– Parece que vou andar muito atarefada – disse Dominika.

– Bem vinda ao *siloviki* – sussurrou Gorelikov enquanto lhe punha mais salada no prato.

SEL'D POD SHUBOY – ARENQUE SOB UMA CAMADA DE SALADA DE VEGETAIS

Corte os filetes de arenque em pequenos cubos. À parte, rale cenouras cozidas, batatas, maçãs descascadas e claras de ovo cozidas (reserve as gemas). Rale finamente beterrabas cozidas (escorra-as bem) e bata-as com maionese para obter um creme aveludado para barrar. Ponha em camadas os ingredientes ralados numa travessa oval funda, pressionando firmemente cada uma das camadas, a começar pelos arenques e em seguida as batatas, uma camada fina de maionese, cenouras, maçãs e claras de ovos; depois maionese, arenques, batatas e cenouras. Cubra completamente a salada comprimida com o creme de beterraba por cima e nos lados, como se estivesse a barrar um bolo. Guarneça com gema de ovo cozido finamente ralada e ponha no frigorífico. Sirva com pão rústico.

6

Comportar-se Como um Touro

O restaurante do Uzbequistão em Neglinnaya Ulitsa, a zona dos teatros em Moscovo, parecia um serrallo da Ásia Central, opulentamente decorado com espelhos emoldurados, lustres e bancos estofados cheios de almofadas de *kilim*. Dominika empurrou a porta de cobre polido e entrou no restaurante, sentindo o aroma de borrego estufado com cardamomo, coentros e alforba. Passou pelo chefe de sala, esgueirou-se por entre as mesas opulentas na sala principal e subiu os três degraus para uma zona mais elevada. Nas traseiras desse espaço privado, sob um dossel às riscas púrpuras e azuis, estava sentada a Pardal de Dominika, Ioana Petrescu. Estava a beber um gole de vinho branco e não acenou nem deu qualquer outro sinal de ver que Dominika se aproximava. Ioana perdera o bronzado do tempo passado na Grécia, mas estava elegante, com umas calças de pele e um *top* de seda vermelha com decote em barco. Havia o familiar halo carmesim à volta da sua cabeça e ombros, a aura de paixão, lascívia, coração e alma.

– Pensei automaticamente que teria de comprar *lingerie* nova para tomar conta do teu cientista nuclear, mas depois lembrei-me que ele não está interessado. Por isso, comprei antes um casaco de peles para me manter quente em Viena – disse Ioana em francês, sem uma palavra de saudação.

– Vai sair do teu pagamento *vorishka*, sua ladra matreira. Encontrei o apartamento certo? Vai ser importante mantê-lo em segurança. Quando ele for jantar a tua casa ou quando tivermos encontros, tens de te assegurar de que ele não é seguido. Aqueles maníacos vigiam de perto a gente deles. E a IAEA é como uma aldeia: todos estão a par da vida uns dos outros.

Ioana acenou com a cabeça. – Encontrei uma casa na ilha, uma casinha do outro lado de um pequeno lago chamado Kaiserwasser, a 700 metros do Centro Internacional, a cinco minutos a pé da IAEA. Ele pode vir lá a casa a pé e voltar num quarto de hora, se tiver de ser. As casas são alugadas nas férias; estão todas vazias agora. O Danúbio alimenta o lago e as enseadas à

volta, a zona tem muitas árvores e a casa é sossegada e acolhedora. É uma pena que o professor não se interesse pela brincadeira.

Dominika riu-se. Ioana detestava a vida de Pardal tanto como ela a detestara. Era esperta e eficiente, a razão por que Dominika a recrutara para fazer o trabalho operacional preliminar em Viena.

– Já pensaste que o professor pode não estar interessado em brincadeiras *contigo*? Com o teu traseiro a estender-se de norte a sul, talvez não se sinta atraído. – Na verdade, as nádegas de Ioana eram como mármore esculpido, dos anos passados a jogar voleibol em campeonatos.

– Decidi que gosto cada vez menos de ti, a cada ano que passa – disse Ioana.

– Esquece a tua *zadnitsa*, a tua passarinha – disse Dominika. – Instalaste o gravador na casa?

Ioana acenou com a cabeça. – Um gravador de fios no armário. Dois gravadores sem fios à volta das cadeiras e da mesa. A máquina é ativada por voz, por isso não tenho de a ligar. Não é um trabalho tão bom como um técnico faria, mas não se vê nada. – Mais para contar a Benford, mas podia esperar até à próxima comunicação através do SRAC. Já atingira o limite de caracteres para a transmissão dessa noite.

– Voltamos para Viena depois de eu regressar de Nova Iorque. Será a altura de falar outra vez com ele.

– Compra-me alguma coisa cara em Nova Iorque – pediu Ioana.

– Tu já compraste um casaco de vison – disse Dominika.

Ioana abanou a cabeça. – Um relógio; daqueles que mostram as fases da lua.

– Precisas de um relógio suíço de dez mil dólares para saberes quanto tempo vais tocar flauta com um alvo de recrutamento?

– Essa é boa, vinda de alguém que costumava *faire une turlutte* antes do pequeno almoço – disse Ioana.

– Um relógio está fora de questão – disse Dominika. – Talvez antes um par de sapatos com saltos redondos.

– Estou a gostar cada vez menos de ti.

– O que é que vamos comer? – perguntou Dominika, olhando para o relógio. Ainda tinha duas horas.

– Há frango com creme de cogumelos, como o nosso *ciulama de pui* na Roménia – disse Ioana. – Até as bestas dos uzbeques sabem que a nossa

comida é a melhor.

– *Slava Bogu*, graças a Deus pela comida romena – disse Dominika, e mandou vir duas doses, que chegaram rapidamente. Pedacos tenros de frango num molho espesso de natas e cogumelos, reforçado com gemas de ovo e natas azedas e servidos com puré de batata à moda russa. As duas mulheres olharam uma para a outra depois da primeira garfada com uma expressão de aprovação.

Comeram em silêncio. Ioana sentia-se contente por saber que a coronel Egorova confiava nela e estava satisfeita com o seu trabalho. Este jantar tardio era prova disso. Dominika delegava nela o aluguer da casa segura em Viena. Haveria outras operações, talvez até a possibilidade de ser promovida a agente do Serviço. Egorova olharia por ela.

No passeio à porta do restaurante, beijaram-se em ambas as faces, e, sem uma palavra de despedida, Ioana encaminhou-se para norte pela Neglinnaya Ulitsa. Dominika ficou a vê-la afastar-se, com as suas calças de pele a sibilarem como uma serpente, e pensou que preferiria ir com Ioana tomar uma última bebida. Mas havia trabalho a fazer, e Ioana não tinha a ver com ele e não podia saber de nada. Ficaria *porazheny*, espantada, se soubesse.

*

Com o saco pesado do seu equipamento de comunicação ao ombro, Dominika começou a encaminhar-se para sul pela Neglinnaya, sentindo como que água gelada a fluir no seu peito ao adotar o modo operacional. Era uma transformação simultaneamente mental e física, a marca de uma operacional no terreno, em parte aprendida e em parte instintiva. Sentiu a pulsação acelerar-se e tentou controlar o acesso de adrenalina no pescoço e nos ombros. A visão de Dominika tornou-se mais aguda – límpida como cristal e focada na meia distância. Também a sua audição se sintonizou para o timbre da rua à sua volta – ouvia os motores dos carros, o sibilar dos pneus no pavimento húmido e o arrastar de passos no passeio. Era tarde; o trânsito de Moscovo, embora nunca deixasse de existir, seria menos intenso. Ela tinha de determinar a sua situação: tinha de saber se não estava a ser vigiada, de se tornar invisível.

Caminhar para sul pela Neglinnaya, desviar para oeste, usar a parte de cima vazia da rua pedonal de Stolesnikov, com as suas lojas de luxo às

escuras, a vigilância evitaria aquele funil, aquele ponto de estrangulamento, por isso, procurar as unidades aos guinchos e aos saltinhos a apressarem-se a passar à frente, *negativo*, virar para norte na Bolshaya Dmitrova, atravessar a rua para lançar uma olhadela rápida, carro estacionado com os faróis ligados, *negativo*, passar pelo Muzykalnyy Teatr, com as suas colunas em baixo-relevo iluminadas, uma mulher com um saco de compras, segundo alvo, mas a mulher está a dirigir-se à pressa para casa, ignorar, e cortar pela Petrovskiy Vorota, via arborizada para peões, com bancas do mercado do fim de semana a ladeá-la, *não há silhuetas de flanqueadores por baixo das árvores*, chegar ao pequeno carro estacionado debaixo do alpendre enferruscado do teatro Rossyia, não se veem unidades de vigilância nem dedadas à volta dos fechos das portas, entrar, fazer uma pausa, *farejar* o carro à procura do fedor persistente de uma equipa de arrombamento, *avançar*, verificar se o porta-luvas está armadilhado, *a fita-cola ainda no seu lugar*, sair para o trânsito, ignorar as buzinas, procurar unidades de vigilância a reagirem, guinar para manter a velocidade, manter as janelas abertas, *ouvir a rua, sentir a rua*, para norte, para sair da cidade pela Tverskaya, mudar de faixa, atenta a reações, manter uma velocidade moderada, enganar a vigilância, não dar sinal de mudança de direção, entrar para a M10, aumentar gradualmente a velocidade, o trânsito lento, camiões articulados a lançarem baforadas de fumo, faróis a encaixarem-se atrás dela? Negativo, o Distrito Sokol a aparecer, *prestar atenção*, seguir pela Volokolamskoye Shosse, menos trânsito, arriscar, atenção a reações, negativo, a aproximar-se do ponto, a fita negra do canal Mosky, verificar o tempo, viaduto de Svoboda a aparecer, estender a mão para o saco grande no assento do passageiro, tatear à procura do botão por baixo do tecido do saco, viaduto do elétrico número seis que se aproxima, *verificar o espelho retrovisor*, costa livre, agora, uma pressão de dois segundos, uma voltagem baixa, de 1,5 watts, a despertar o recetor SRAC enterrado a 15 centímetros de profundidade na encosta relvada da linha do elétrico, por baixo das linhas catenárias, a luz amarela dentro do saco a piscar verde, um aperto de mãos eletrónico, *mensagem recebida*, mensagem para Nathaniel, *segredos na noite, toupeiras no nosso meio, MBIC* [mísseis balísticos intercontinentais] *e ogivas nucleares*, agora o rugido do túnel, olhar pelo espelho retrovisor, *a fluir, conduz a direito*, não te precipites, rampa em curva para a estrada circular elevada E105, o trânsito agora mais

rápido, *costa ainda limpa atrás de ti*, passar por cidades adormecidas, Strogino, e passar por Myakinino e passar por Druzhba, a *Rodina* às escuras, a Mãe Rússia na sombra, os seus compatriotas aconchegados nas suas casas, a acreditarem só naquilo em que o seu czar de olhos azuis lhes dizia para acreditarem, a comerem só o que o czar lhes dava a comer, a só terem esperança naquilo em que o czar deixava que tivessem esperança, a fadiga agora, de estar a agarrar o volante com força há tanto tempo, *atenção à saída*, para oeste na Rublevskoye, ir devagar, esquerda, direita, esquerda, inversão de marcha natural no triângulo formado por Rublevskoye, Yartsevskaya e Molodogvardeyskaya, procurar vigilância em movimento, negativo, atravessar a Rublevskoye e ir para leste pela Kastanaevskaya, o prédio dela, o número nove, janelas às escuras, meio coberto por heras, lâmpada acesa por cima da entrada, escadas na penumbra, ela teria de enfiar a chave às cegas na fechadura da porta do seu apartamento.

Pousou a testa no volante. Ambos os lados da Kastanaevskaya a esta hora da madrugada estavam completamente ocupados com carros estacionados. A praguejar, Dominika teve de percorrer vários quarteirões para oeste até encontrar um lugar vago perto de uma farmácia aberta toda a noite, com o seu letreiro de néon verde a colorir as árvores nas imediações e o relvado ralo em frente, e a porta da rua reforçada com grades que só o funcionário de serviço podia abrir à distância. Esvoaçavam papéis do lixo no espaço vazio. Dominika fechou o carro e começou a encaminhar-se pelo passeio às escuras para o seu prédio. A vizinhança estava mergulhada num silêncio de morte. Levava o saco muito grande com fundo duro que era o esconderijo do seu equipamento de SRAC, com os fios da antena e a tecla de transmissão cosidos no couro do saco e as luzes LED de *standby* e de receção ocultas como molas de bolsos interiores.

Uma vez em casa, encaixaria um cabo fino numa ranhura dentro do saco para descarregar a mensagem da CIA recebida: pedidos de informação ou datas de encontros pessoais, ou ocasionalmente um raro pedido de ação operacional. Desde o seu recrutamento, há cinco anos, tinha-se encontrado com os seus contactos da CIA no estrangeiro – raramente e desde que houvesse uma justificação plausível – para participar num recrutamento, numa abordagem de bandeira falsa (fazendo-se passar pelo inimigo) ou numa sessão de informação, todas elas viagens fabulosas, estonteantes, para se encontrar com os seus colegas secretos da CIA, entre eles Nate, com

quem ainda se sentia furiosa, mas de quem tinha imensas saudades. Que mensagem a aguardaria? Na mensagem da semana passada mencionara-se Istambul, e Dominika previa novas ordens.

Pensava em Nate enquanto caminhava. *Bozhe*, Deus, amá-lo ia contra todas as regras do ofício, mas Dominika não queria parar, e Nate não conseguia parar. Ela dissera-lhe que estava empenhada, que não estava a espiar *contra* a Rússia, mas *pela* Rússia, para limpar a quinta de estrume do Kremlin e os mandar a todos de volta para a pocilga de onde tinham vindo. Portanto, se ela era uma agente insubstituível da CIA, apreciada incomensuravelmente, e se queria amar Nate, eles deviam calar a boca. *Pravil'no?* Certo? Sonhava com voltar a beijar Nate, num táxi ou num elevador, ou apertada com força contra a porta de um quarto de hotel. As mãos dele no corpo dela, e...

Dominika viu movimento na sombra das árvores em frente à farmácia, silhuetas a emergirem do relvado, uma, duas, três, como demónios a erguerem-se das profundezas. Começaram a avançar por entre as árvores, paralelamente ao passeio, com as cabeças voltadas na direção dela. O primeiro pensamento de Dominika foi que, de algum modo, o serviço de segurança interna, o FSB, os caça-espiões, a tinham descoberto, sabiam que andava a espiar para a CIA e tinham interceptado a transmissão desta noite para os americanos na Volokolamskoye Shosse. Impossível. Como? Uma toupeira em Washington? Uma quebra de segurança na Antena de Moscovo? Um código decifrado? Como quer que o tivessem feito, todas as provas de que necessitavam para a enterrar estavam cosidas no interior do saco muito grande que trazia ao ombro. Conseguiria resistir, escapar de alguma maneira? Quantos deles iriam surgir em enxame pela noite e a dominariam? Não tardaria a descobrir. Para além das mãos e dos pés, a única arma que trazia no saco era um molho de chaves. Mantendo os olhos nas silhuetas, Dominika entrelaçou as chaves entre os dedos da mão direita.

Dominika recebera formação – e treinava uma vez por semana – em *Systema Rukopashnogo Boya*, o sistema de combate corpo a corpo usado pelas *Spetsnaz*, as ferozes Forças Especiais Russas. O *Systema* era uma amálgama de artes marciais clássicas, golpes balísticos de mão, utilização do impulso do atacante e ataques devastadores contra os seis pontos principais do corpo. Com uma sorte desesperada, já matara assassinos profissionais em encontros corpo a corpo. Mas sabia que, em combate, um

deslize, um bloqueio falhado ou um golpe que a paralisasse temporariamente seria o fim.

As três silhuetas avançaram para a luz e Dominika soltou um suspiro de alívio. *Gopniki*. Não era uma equipa de detenção do FSB. Um *gopnik* era um rufião de rua – cabeça rapada, falha nos dentes, olhar perpetuamente toldado e rosto vermelho das latas de bebida energética alcoólica Jaguar. Invariavelmente vestidos com fatos de treino da Adidas, *tapochki* de pele bicudos e bonés *gondonka*, infestavam as esquinas, as paragens de autocarros e os parques dos subúrbios de Moscovo, a dormir, a beber, a vomitar, a urinar e a assaltar quem passava. A sua palavra de ordem era *bychit*, comportarem-se como um touro. Iam querer o saco dela e seriam capazes de a matar à pancada para lhe deitar a mão. Ela ficaria tão comprometida se estes idiotas fedorentos lhe arrancassem o saco do ombro e encontrassem o transmissor SRAC escondido como se fosse o FSB a fazê-lo.

Os três eram magros como espetos e franzinos, mas Dominika sabia que seriam rápidos e capazes de aguentar um ataque físico. Era de importância crítica mantê-los afastados de si. Ia manietar o atacante principal e arrastá-lo em círculos para o manter à frente dos outros dois. Usaria as chaves para lhes arranhar os olhos e depois fá-los-ia cair por terra com o pé e assestava-lhes o tacão alto na garganta ou nas têmporas. Pelo menos, era esse o plano.

– *Suka*, cadela, dá-me o teu saco – disse o Número Um, avançando para ela da direita. Não se distinguiam uns dos outros, eram simplesmente ameaças a aproximar-se. Os seus halos amarelos misturavam-se e condiziam com a cor dos seus dentes tortos.

– *Blyad*, puta, não ouviste? – disse o Número Dois, vindo da esquerda.

Dominika afastou-se ligeiramente para a direita quando o Número Um estendeu a mão para a agarrar. Ele tinha um cheiro acre – a urina, cerveja, tabaco e pocilga. Ela cobriu as costas da mão direita dele com a sua mão esquerda e dobrou-lhe o pulso para baixo e para trás. Ele começou a uivar quando Dominika o fez girar para a esquerda, bloqueando o Número Dois, e depois continuou a fazer girar o Número Um, que estava em pontas dos pés com a dor, atirando-o para o Número Três, num emaranhado de pernas e braços. Continuou a agarrar o pulso do Número Um e virou-o de novo contra o Número Dois, testa contra testa. O Número Três avançou rapidamente para ela, com o braço erguido acima da cabeça. Uma faca.

Inclinando-se para trás, Dominika virou o Número Um na direção da fachada de cima para baixo. A lâmina esfacelou o lado da cabeça rapada do Número Um e cortou-lhe a orelha pela raiz. Dominika deixou tombar o Número Um, que berrava como um possesso e tinha o pescoço negro do sangue que jorrava, segurando-o pela cabeça. Deu um passo em frente e assestou um murro com as três chaves enfiadas entre os dedos da mão direita no olho direito do Número Três, sentindo o fluido ocular a esguichar-lhe para as costas da mão. Tirou-lhe as chaves do olho, passou-lhas pelo nariz e enfiou-lhas no olho esquerdo com um golpe superficial. Talvez ele ainda conseguisse ver daquele olho, mais tarde. O Número Três caiu por terra, a guinchar *Suka* e a cobrir o rosto ensanguentado com as mãos trémulas.

Demorara três segundos a atirar para o chão dois deles, a contorcerem-se por entre salpicos de sangue esguichado, mas o Número Dois estava quase em cima de Dominika, e ela sabia que, se ele a deitasse por terra, os três a atacariam, enlouquecidos pela dor, e lhe bateriam com o crânio contra o cimento do passeio até se verem miolos cinzentos à luz do candeeiro. Sem pensar, Dominika baixou o ombro enquanto agarrava as alças de pele do saco e projetou-o num arco contra a têmpora esquerda do Número Dois. Os dois quilos de componentes de aço do equipamento SRAC cosidos no fundo do saco atingiram os ossos do crânio com um som metálico surdo. O Número Dois cambaleou e sentou-se com um baque, de olhos vinhos.

A respirar a custo, Dominika olhou para os três, ali no passeio, um de rosto para baixo e sem sentidos, o outro todo encolhido, a gemer, o terceiro ainda sentado, a olhar sem conseguir ver. Aqueles três vermes quase tinham dado cabo de tudo, quase a tinham denunciado, quase a tinham mandado para a sala na cave da prisão Butyrka, com a parede de toros de pinho concebida para aguentar ricochetes, e as valas no chão de cimento castanho inclinado, colocadas de modo a permitir o escoamento dos fluidos dos prisioneiros executados. Cinco anos de riscos inimagináveis, de escapar por pouco, de informações preciosas – *efetivamente medidas em metros* – passadas aos americanos, de encontros incontáveis num sem-número de casas seguras, só para ser quase posta fora de ação por três *gopniki* passados dos carros a dois quarteirões do seu apartamento. Esta era também uma outra parte encantadora da sua Rússia, estes vadios que eram tão indolentes, cruéis e predadores como o círculo interno de Putin que se sentava nos corredores faustosos do Kremlin. Eram o mesmo cancro. Ela arriscava a

vida e esta noite eles quase lhe tinham posto fim. Poderia estar numa cela gélida inundada de esgotos, ou morta e posta num caixão de cartão, com um pano atado à volta do queixo para lhe manter a boca fechada, *estes animais...*

Num acesso de raiva, Dominika aproximou-se do patife estonteado, fixou os pés e enfiou-lhe o braço hirto por baixo do queixo, na garganta – um golpe mortal das *Spetsnaz* – fraturando-lhe o osso hioide e causando-lhe uma rutura da laringe. Ele caiu para trás e começou a arquejar, com o olhar fixo no topo das árvores.

– *Ublyudok*, filho da puta – disse Dominika, a ver os espasmos das pernas dele.

Daí a três minutos, ainda estava a tremer tanto que a chave do apartamento, ainda pegajosa, derrapou sobre a fechadura antes de ela conseguir abrir a porta com as duas mãos. Deixou as luzes apagadas, a não ser um pequeno candeeiro perto da porta. Tinha a saia salpicada com algo escuro e húmido. A mensagem do SRAC descarregada para o seu portátil piscou uma vez, uma luz verde durante dois segundos – ela leu a palavra «Istambul» – e depois ficou tudo negro, com as palavras «erro 5788» a aparecerem no ecrã. *Chyort*, que raio! Parece que a cabeça do *gopnik* era mais dura do que os componentes do aparelho. Agora, teria de desencadear um processo de marcação de um encontro pessoal terrivelmente perigoso com um agente da Antena de Moscovo – *Porque é que o Nate não podia vir encontrar-se com ela?* – para trocar o equipamento danificado por um aparelho SRAC novo.

Deixou as roupas num monte no chão, tirou os sapatos e olhou-se ao espelho. A pele entre os nós dos dedos tinha sido esfacelada pelas chaves e ela sentia a mão a latejar. O pequeno candeeiro lançava uma sombra sobre as curvas do seu corpo. Cinco anos era muito tempo. Tinha formas menos angulares agora, não se lhe viam as costelas, e os seios estavam mais cheios. Por sorte, continuava a ter a barriga lisa, e as suas ancas não se tinham expandido para todos os pontos cardeais. A depilação da linha do biquíni à francesa fora feita por impulso, uma tolice, mas começava a habituar-se. Agradava-lhe que as suas pernas e os seus tornozelos continuassem finos.

Olhou para si mesma subitamente deformada, num sonho em que saía do seu corpo: a imagem no espelho era outra pessoa. Inundou-a uma

melancolia insuportável. Reprimiu um soluço, momentaneamente assoberbada pela sua situação, pelo perigo desta noite e por toda a sua existência como espia. *Olha para ti – pensou. – O que estás a fazer? Quem és tu? Uma fanática ridícula a lutar sozinha no escuro, perigos avassaladores reunidos contra ti, uma probabilidade mínima de sobreviveres, os teus amigos lá longe, separada do homem que amas. Quanto tempo te vais aguentar? Como é que o teu mentor, o general Korchnoi, que espionou para a CIA durante 14 anos, conseguiu arranjar a força de vontade e a determinação para continuar?* Dominika piscou os olhos, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces do fantasma no espelho. Não era ela; era outra pessoa a chorar.

CIULAMA DE PUI – FRANGO COM MOLHO SUPRÊME DE COGUMELOS DE IOANA

Corte o frango em pedaços pequenos e coza-o em água com sal com cenouras e cebolas cortadas até ficar tenro. Faça um molho *suprême*, adicionando farinha a manteiga derretida e em seguida caldo de galinha, gema de ovo e natas azedas para obter um molho aveludado. Salteie cogumelos finamente cortados em manteiga, adicione ao molho e acabe de cozinhar sem levantar fervura. Acrescente os pedaços de frango e salsa picada e em seguida retifique os temperos e deixe cozinhar em lume brando. Sirva com puré de batata à moda russa. (Misture batatas esmagadas com natas azedas, natas espessas, gemas de ovo, aneto e manteiga. Espalhe metade das batatas numa assadeira untada, acrescente uma camada de cebolas caramelizadas, cubra com o resto das batatas e remate com natas azedas. Asse no forno, destapado.)

7

Estrela Polar de Humanidade

Dois assistentes escoltaram Dominika pelo corredor vivamente iluminado, enquanto ela compunha as feições para um encontro de última hora com Gorelikov; provavelmente de rotina, mas, de certa forma, ela esperava sempre que a sala estivesse cheia de rufias da segurança ali reunidos para a prenderem. A vida de uma espia.

Encontrava-se no terceiro piso, na ala residencial do edifício do Senado, onde tanto Lenine como Estaline tinham tido apartamentos confortáveis e onde a segunda mulher de Estaline, Nadezhda Alliluyeva, se suicidara in 1932. *Com um revólver* – pensou Dominika –, *provavelmente depois de se dar conta de que estava casada com o mensageiro de Lúcifer na Terra*. Um dos assistentes bateu a uma simples porta de madeira, aguardou um instante e depois fez sinal a Dominika de que podia entrar. Anton Gorelikov estava de pé por trás da secretária no seu gabinete no Kremlin, um gabinete numa das pontas, na esquina norte do edifício de três frentes do Senado. O gabinete era espaçoso, com estantes a cobrir as paredes e uma alcatifa vermelha escura. Do centro do teto pendia um lustre de cristal. A secretária de Gorelikov estava cheia de papéis e de dossiês de várias cores. *Quantas mais operações andas a chocar por todo o mundo?* – pensou Dominika. Hoje, Gorelikov estava com um fato de xadrez azul da Kiton, uma camisa azul clara da Mastai Ferretti e uma gravata de malha preta da Gitman Bros. Era mais elegante do que um banqueiro de Londres – nem se podia comparar com os potes de banha do Conselho de Segurança do Kremlin.

– Pronta para a sua viagem? – perguntou Gorelikov, a saudá-la com os braços estendidos, como um avô a dar as boas-vindas a uma neta de regresso a casa para passar as férias da Páscoa. Dominika apertou-lhe a mão, sentou-se cuidadosamente num cadeirão de couro em frente à secretária dele, cruzou as pernas e disse a si mesma que não devia balançar o pé.

Gorelikov lera a proposta da operação em Nova Iorque de Dominika – um documento em que fornecia pormenores sobre a sua identidade falsa, a viagem clandestina e os protocolos dos encontros com a ilegal – que ela lhe enviara diretamente na noite anterior da sede da SVR em Yasenevo através de um canal privado secreto. – Excelente plano, Coronel, excelente trabalho, bastante satisfatório. – Sorriu-lhe, com o halo azul à volta da sua cabeça a brilhar e a latejar. Estranho. Normalmente, não vibrava assim; Gorelikov tinha outra vilania em mente, ela tinha a certeza disso. – O sargento Blokhin está a tratar da questão da viagem dele e irá contactá-la ao chegar. Vai fazer a contravigilância por si na cidade de Nova Iorque, mas não a acompanhará, repito, não a acompanhará ao encontro com SUSAN, a ilegal. Deixei-lho bem claro, a ele e ao major Shlykov. Se tiver algum problema com o Blokhin por ele não seguir as instruções, cancele a reunião, não ponha em risco a SUSAN. – Dominika acenou com a cabeça, a pensar de que maneira poderia alguma vez impedir Blokhin de ele fazer o que quisesse. Os seus truques de autodefesa do *Systema* não estavam à altura da força bruta dele.

Dominika fizera uma pequena investigação sobre Iosip Blokhin. Prestara serviço no Afeganistão durante cinco anos, onde, nos seus vinte anos, chefiou o assalto Storm 333 das *Spetsnaz* em 1979 ao palácio Tajbeg para depor o presidente afegão Hafizullah Amin, matando mais de 200 guardacostas presidenciais. Constava de relatórios não oficiais que ele tinha pendurado da balaustrada da varanda do palácio o corpo nu da amante do presidente como aviso à população de Kabul: os soviéticos estavam agora na cidade. Alegadamente, Blokhin agarrara o filho de cinco anos do presidente pelos tornozelos e arremessara-o contra a parede, resolvendo assim quaisquer questões relativas à primogenitura.

Contudo, Blokhin não era nem um veterano de guerra alucinado nem um carrasco psicótico. Dominika ficou surpreendida ao ler que, depois da guerra, Blokhin acabou o curso de comandos de oficiais milicianos, treinou com unidades de Forças Especiais de países amigos no estrangeiro, aprendeu vietnamita e escreveu um artigo sobre táticas de pequenas unidades, que foi bem recebido e incluído numa edição secreta do boletim informativo do Centro para a Análise de Estratégias e Tecnologias da Academia Militar de Frunze. E ostentava asas negras de morcego de malevolência. Selvagem ou sábio? Dominika teria de ter cuidado.

Blokhin e Gorelikov, dois extremos do espectro. Dominika olhou através dos cortinados da janela sobre as ameias e avistou a Praça Vermelha, a cúpula da catedral de São Basílio e o mausoléu de Lenine, rigidamente encostado ao muro do Kremlin e do qual se via apenas o telhado. A múmia em cera de V. I. Lenine sob um vidro naquele féretro florido já não influenciava os acontecimentos na Novorossiia, na Nova Rússia de Putin, mas ela perguntava-se se Gorelikov se poria àquela janela e comungaria telepaticamente com Lenine e os outros visionários que repousavam mesmo por baixo, na necrópole do Kremlin – Suslov, Dzerzhinsky, Brezhnev, Andropov e Estaline, o *Vozhd*, o Mestre do Caos. Eles falar-lhe-iam da tumba? Ensinar-lhe-iam os preceitos da má-fé e da traição? Gorelikov encontrou o dossiê e contornou a secretária para se sentar ao lado de Dominika num cadeirão igual ao dela.

Passaram as duas horas seguintes a falar sobre a missão, algo de que Dominika não necessitava – era capaz de organizar o plano de uma operação de olhos fechados. Não, aquilo era Gorelikov a recrutá-la para as suas fileiras, a aproximá-la de si, a oferecer-lhe afinidade e apoio, ela sabia-o. Recordou o que Benford lhe dissera uma vez sobre as alianças no Kremlin: os funcionários soviéticos costumavam dizer que o início da ruína de uma pessoa era o dia em que se tornava favorita de Estaline. Gorelikov fitou o lustre acima da sua cabeça, concentrado, enquanto Dominika falava. Como todos os lustres do Kremlin, estava equipado com um minúsculo microfone digital de 24 bits/48 kHz no bobeche, o corpo central de vidro estriado do qual pendiam os pingentes de cristal, e por isso ela estava a falar para o presidente ao mesmo tempo.

Iria de avião de Paris para Toronto e viajaria de comboio na linha Maple Leaf, descendo o vale do rio Hudson. Os controlos alfandegários dos Estados Unidos nas estações ferroviárias não eram tão apertados como nos aeroportos. Próximo assunto a tratar: comunicações.

A missão primordial de Dominika era entregar a SUSAN dois telefones EKHO especiais encriptados, de 256 bits, concebidos pela Linha T para só se sincronizarem um com o outro e para a sua localização geográfica não ser detetada, mudando de frequência simultaneamente entre antenas de telemóveis. SUSAN daria um dos telemóveis a MAGNIT durante um encontro pessoal, e a ligação de comunicação segura seria assim estabelecida. Com a entrega dos telefones EKHO, a partir desse momento

MAGNIT comunicaria somente com SUSAN, seria uma pessoa indetetável, um cidadão americano anónimo, desconhecido do FBI e da CIA. Mesmo que fossem necessários encontros pessoais ocasionalmente, a questão da segurança estaria garantida.

Durante a sua estadia nos Estados Unidos, Dominika não teria nenhum modo seguro de comunicar com o Kremlin a partir de uma instalação oficial – o *rezident* na cidade de Nova Iorque, no consulado russo na rua East Ninety-First, não tinha sido posto a par da operação e não saberia da presença de Dominika na cidade. Ela estaria só, uma situação que desagradava a Shlykov e o levava a insistir que Blokhin se mantivesse por perto. *Nada provável*, pensava ela.

Gorelikov entregou a Dominika um envelope com uma descrição de um local de encontro numa ilha ao largo da costa da cidade de Nova Iorque chamada Staten. – Uma ilha? – perguntou Dominika. – Como é que lá chego para me encontrar com SUSAN?

Gorelikov folheou as páginas. – Parece que há um *ferry* de Manhattan para essa tal Staten Island. A ilegal sabe como operar na cidade. Tenho a certeza de que o local é seguro. – Entregou a Dominika um pequeno retrato a preto e branco de SUSAN, e ela ficou surpreendida ao ver uma atraente mulher loura com óculos de ver ao perto. – Esta agente já vive nos Estados Unidos desde o final dos anos 1990, é uma profissional de topo, a nossa melhor ilegal. A sua lenda é impenetrável – disse Gorelikov, lendo do dossiê. – Tem uma posição influente, é editora de uma das principais revistas liberais de Manhattan, bastante conhecida e respeitada na sua profissão. Os colegas dela não suspeitam de nada. Não fazem ideia de que têm andado a trabalhar ao lado de uma agente do SVR estes anos todos. É um disfarce perfeito.

»Se necessário, pode iniciar o contacto ligando do seu telemóvel não identificado para o número anónimo da SUSAN, mas só em caso de emergência. Por outro lado, se eu quiser enviar-lhe uma mensagem através da SUSAN, por sua vez ela poderá marcar um encontro telefonando-lhe a si. Aqui tem os números, as palavras-senha e os horários dos encontros. Simples, direto.

Dominika tentou ficar com o retrato – Benford venderia o seu primogénito para deitar a mão a SUSAN– mas Gorelikov não lho deu.

– Receberá um relatório completo da viagem – disse Dominika. *Depois de eu informar o Gable e o Benford.* Com o seu transmissor SRAC danificado pelo crânio do *gopnik*, Dominika teria de aguardar até à sua chegada a Nova Iorque para se encontrar com os seus contactos da CIA e lhes transmitir estes pormenores.

– Tenho toda a confiança em si – disse Gorelikov, olhando para o relógio, um elegante Audemars Piguet Millenary Quadriennium, fino como uma hóstia, com um mostrador em que se via o mecanismo, o movimento intrincado, como a mente de Gorelikov, a zumbir, oscilante e pendular.

*

New York, New York. Era um sonho. Dominika – com o seu pseudónimo francês Sybille Clinard – viajou de avião de Paris para Toronto e depois percorreu no comboio da linha Maple Leaf o panorâmico vale do Hudson, despertando os fantasmas góticos americanos de *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça* e holandeses sonolentos. Dominika informara-se sobre a cidade e sentia-se excitada por ir ver tudo. No comboio, os guardas fronteiriços dos Estados Unidos não olharam duas vezes para ela, e ela não sentiu nenhuma espécie de receio. Puxando a mala enquanto percorria o átrio da estação Penn, teve a sensação de estar na sua terra, mas no metropolitano de Moscovo havia mais pessoas e as estações eram mais grandiosas. Este terminal subterrâneo bastante sujo não se podia comparar com a magnífica estação Kiyevskaya, na linha Arbat, com os seus mosaicos e os seus lustres. Aqui havia lojas e música, um homem com um chapéu estava a dançar para lhe darem dinheiro e uma mulher velha parou e pôs-se a dançar com ele. Americanos. Os russos eram mais reservados, mais sérios, e vestiam-se a preceito para andarem pela cidade. Estes nova-iorquinos estavam meio nus. Dominika subiu as escadas a custo, empurrou a porta, saiu para a rua e estacou, paralisada.

O rugido da cidade envolveu-a como uma onda, o trânsito na Sétima Avenida como um rio numa cheia, o sol tapado pelos edifícios – desfiladeiros de vidro, gigantescos e majestosos, a encherem o céu em todas as direcções, uma inacreditável concentração maciça que a fez sentir-se esmagada. Dominika ergueu a cabeça para olhar para eles como uma *derevenshchina*, uma saloia, sem se importar. É claro que Moscovo era uma

grande cidade, assim como Paris, Roma, Londres, Atenas, mas nada como isto. Esta era uma cidade sem igual, elétrica e cheia de vida, uma estrela polar de humanidade. Dominika sentia-se como um rato dentro de um violino, a agarrar-se com força, atordoada pelo ruído e rodeada de vibração. Abanou a cabeça. Sabia o nome e a morada do seu hotel, memorizara o caminho a pé até lá, e precisava de encontrar um telefone seguro para ligar para *Bratok*, mas primeiro queria andar, ver tudo. Esta grande cidade era a América, esta energia, esta atividade, *esta liberdade total*. Era isto que ela queria para a Rússia. Era por isto que espiava para a CIA e era o que definia o seu *nutro*, o conceito russo impossível de explicar do ser interior de uma pessoa.

Pôs-se a caminhar por entre os peões no passeio, e, como se para combinar com a atividade frenética destas ruas, ocorriam-lhe pensamentos descoordenados, *voley-nevoley*, a atropelarem-se uns aos outros. Meu Deus, como verificar se se está a ser seguida nestas ruas? O *shashlik* destas rulotes de comida seria comestível? Teriam *gopniki*, rufiões de rua, em Nova Iorque? Seria impossível detetar vigilância neste amontoado de cabeças em movimento, de rostos de todas as cores e etnias, de olhares observadores, mãos trémulas e pés a arrastarem-se. Acima das cabeças pairava um nevoeiro das cores das pessoas que era indistinto, inútil, esmagador. Como Chefe da Linha KR de contrainformação, sabia como os seus colegas na *rezidentura* de Nova Iorque relatavam a forma como conduziam operações nestas ruas – transmitira tudo a Benford nos últimos cinco anos. Mas agora, ao vê-lo em primeira mão, apercebeu-se da verdade. *É por isso que o Centro recorre a ilegais aqui para os casos realmente melindrosos* – pensou. – *Quem seria capaz de detetar vigilância nesta confusão?*

O hotel Jane na West Village parecia algo saído de um filme, escolhido para ela por Gorelikov por ser pequeno e anónimo. Um funcionário irritantemente tagarela na receção sorriu-lhe (os russos reservam os seus sorrisos para os amigos e as pessoas da família – sorrir sem razão é sinal de tolice) e insistiu em lhe contar que o hotel tinha sido uma pensão de marinheiros na viragem do século, e que alguns sobreviventes do *Titanic* em 1912 tinham ali estado em recuperação. Dominika agradeceu-lhe e depois ignorou-o. O átrio era de estilo vitoriano, uma série de pilastras de mosaicos coloridos e folhas de palmeira em vasos de cobre oxidado. O bar era um delírio boémio, com mil velas, sofás forrados a veludo, cadeirões

com tecido a imitar pele de zebra, um hipopótamo de couro castanho e, pendurado na parede por cima da prateleira do fogão de sala, um carneiro selvagem empalhado, cor de caramelo, com grandes chifres e um sino ao pescoço. Seria divertido seduzir Nate neste esconderijo.

A caminho do quarto, a percorrer na penumbra o corredor com os seus rodapés altos de madeira, sentiu os espíritos dos náufragos de 1912 em toda a volta. Enquanto tentava abrir a porta do quarto com o cartão, uma mulher de idade com um fato de lã e um chapéu a condizer saiu do quarto ao fundo do corredor. Por baixo do chapéu ridículo trazia o cabelo preso num coque, e usava óculos de meia-lua. Avançou sem ruído na direção de Dominika pela alcatifa gasta, com a mão direita apoiada aos painéis de madeira da parede para se segurar. Dominika encostou-se à parede para deixar passar a velhota. Por trás dos óculos, os olhos da velha mulher prenderam-se nos de Dominika por um segundo; eram da cor do âmbar. Olhos de caçadora, olhos de loba, olhos de ave de rapina. Uma aura de um azul forte à volta da sua cabeça. Astúcia, calculismo, duplicidade. Para o que é que estava a olhar a *starukha*, a velhota? Parecia deslocada neste hotel da moda. Dominika apercebeu-se subitamente: estava a ser vigiada. Esta velha era um cão de caça que comunicaria a chegada de Dominika. O caso MAGNIT estava a processar-se a muitos níveis diferentes. A velha senhora desapareceu lentamente dobrando uma esquina.

O quarto de Dominika era estreito como o compartimento de um comboio, com um divã de cabina de navio em vez de uma cama. Imaginou como seria fazer amor com Nate neste pequeno quarto, com o pé encostado à parede em frente para se segurar. Deixou a mala de viagem e a mala de mão em cima da cama e enfiou os telemóveis EKHO, uma pequena carteira com dinheiro e o seu telemóvel pessoal num saco de pôr ao ombro, que fechou. Não podia perder os telemóveis que tinha de entregar a SUSAN. A velha senhora no corredor era um sinal de alerta: Dominika não tinha dúvida de que Eles usariam o seu telemóvel pessoal para rastrear os seus movimentos, assim como para escutar as suas conversas. No outro bolso do casaco prendeu a esferográfica grossa com ponta metálica – um espigão de combate tático – que era a sua única arma.

Desceu à rua, a querer afastar-se antes que Blokhin aparecesse, decidida a não ser seguida para poder telefonar a *Bratok*. Como se já não bastasse o FBI, agora também tinha de se preocupar com os truques de Gorelikov, os

seus próprios compatriotas a seguirem-na. Será que a *vliyaniye* de Gorelikov, a sua influência, se alargava às ruas de Nova Iorque? Quem seriam as pessoas que andavam a vigiá-la? Bem, já sobreviviera este tempo todo a espiar para Nate e para os outros, não era agora que ia ser apanhada. Ao sair do hotel para se dirigir para leste, pôs os grandes óculos de sol à moda concebidos pela rapaziada da Linha T, com espelhos em ângulo encaixados nos cantos externos de cada lente, que lhe permitiam ver parcialmente o que se encontrava atrás dela. Não se podia confiar totalmente nesses brinquedos – detetar se nos seguiam na rua era muito mais complicado – mas não fazia mal nenhum tê-los.

Dominika caminhou durante três horas, procurando e encontrando ruas secundárias relativamente tranquilas, atenta a repetições, possibilidades, fantasmas e suspeitos. Se o seu telemóvel estivesse a ser usado para a localizar e mais tarde identificassem a sua rota, ela seria apenas culpada de ter executado uma operação exaustiva e profissional de deteção de vigilância. Usou a Union Square como armadilha para apanhar equipas de vigilância, sabendo que todas elas se apressam a cobrir as saídas à volta de uma praça ajardinada e se revelam inadvertidamente. Perscrutou o perímetro da praça. *Nada*. Seguiu pela interminável e movimentada Quinta Avenida, com o Empire State Building a aproximar-se a cada quarteirão – a chamar a atenção, maior, mais alto e de algum modo mais substancial do que os *Vystoki*, os arranha-céus góticos de Estaline, as Sete Irmãs de Moscovo. Não havia nada atrás dela. Ao mudar de passeio ocasionalmente não se revelavam nenhuns indícios de comportamentos suspeitos. Deu meia volta e apanhou um táxi para sul, passando pelo arco da Washington Square, e saiu e atravessou o campus urbano da Universidade de Nova Iorque para detetar peões que se destacassem entre os estudantes casuais mais novos. *Nada*. Dominika entrou no restaurante The Smile em Bond Street – agradou-lhe o aspeto das traves velhas no teto e das paredes de tijolos – e pediu para usar o telefone por trás do balcão, explicando num sotaque francês exagerado à empregada cética com um avental sujo que era da França e que o seu telemóvel não funcionava em Nova Iorque. *Além disso, vou telefonar ao meu contacto da CIA para falar sobre a possibilidade de impedir um ataque do Kremlin aos alicerces políticos e de segurança da América, com o objetivo expresso de preservar o seu estilo de vida, minha senhora, mesmo com as suas manchas de molho no avental.*

Deixou o telemóvel no bolso do casaco e pendurou-o num gancho na parede longe do balcão. *Bratok* atendeu ao primeiro toque. Ela falou-lhe do seu telemóvel e da velha senhora no hotel e ouviu a risada tranquilizadora e reconfortante dele. *Bratok* manteve os seus comentários breves e crípticos; já tinham passado em revista os procedimentos para os encontros uma centena de vezes. — Às cinco horas, vá ao museu e aguarde cá fora. Entendido? Eu estarei à sua espera. — A chamada caiu. Gable acabara de dizer a Dominika para se encontrar com ele no Monkey Bar às três horas. O restaurante onde figuras importantes se encontravam para almoçar era conhecido pelos seus icónicos murais com celebridades nas paredes (daí «o museu»). Gable dissera-lhe também de modo críptico que seria contraviada quando se dirigisse para o restaurante na rua East Fifty-Fourth. Dominika perguntou-se se seria novamente a velha equipa, se veria as feições elegantes de Nate do outro lado da rua, se ouviria a sua voz, e se ele se sentaria ao lado dela, suficientemente perto para ela lhe tocar, sentir o calor do corpo dele, o seu cheiro... *Para com isso.*

*

Com um charuto por acender entre os dentes, Gable ia ao volante de uma carripana ronqueira com assentos de plástico esgaçado e uma cruz ortodoxa pendurada numa corrente de plástico do espelho retrovisor.

Os agentes da contravigilância da DCI de Benford indicaram a Gable que a costa estava livre e ele parou, abriu a porta do lado do passageiro e apanhou Dominika no passeio diante do Monkey Bar. Já em movimento, ele pôs os dedos sobre os lábios e acenou com a cabeça para o telemóvel que ela tinha na mão. Virou duas vezes para a direita de repente, quase atropelando um peão, e disparou por entre o trânsito da cidade a alta velocidade, enfiando-se entre os táxis, os camiões e os autocarros. Depois de uma quase colisão, Dominika estendeu a mão, agarrou na cruz oscilante e beijou-a teatralmente. Gable piscou-lhe o olho, encantado. Não parou no vermelho e cortou à esquerda, atravessando-se no caminho do trânsito em sentido inverso para virar para a Nona Avenida, na direção do hotel de Dominika. Numa alteração clássica ao ritmo da rota de deteção de vigilância (RDV), Gable continuou para sul na faixa da direita, deixando passar os condutores de Nova Iorque que buzonavam e gesticulavam.

Estavam invisíveis, não tinham sido seguidos. Depois de dez quarteirões, encostou à berma diante de um restaurante modesto, com «Cozinha Turca» escrito numa imitação de mosaico por cima da porta. Fez sinal a Dominika para que deixasse o telemóvel debaixo do assento e o seguisse para dentro do restaurante.

O espaço era escuro e acolhedor, com tabuleiros de cobre e *nazarlik* de cerâmica, talismãs azuis contra o mau-olhado, pendurados nas paredes. Gable mandou vir uma salada *çoban*, dois *kebabs* e *kiymali ispanak*, carne de vaca picada com espinafres e arroz. – Vais adorar – disse *Bratok*. – O Nash e eu costumávamos comer isto num restaurante turco em Helsínquia.

– Helsínquia – disse Dominika, com um olhar absorto. – *Skol'ko let, skol'ko zim*, tantos verões, tantos invernos; parece que foi há um milhão de anos.

Gable pôs-se a olhar para ela enquanto mastigava um pedaço de pão. – Pois é, já percorremos um longo caminho, tu mais do que todos – disse. – Agora, conta-me o que se está a passar.

Dominika recostou-se e falou depressa. Falou sobre as instruções de Gorelikov e o encontro com SUSAN. Mostrou-lhe os telemóveis EKHO – não estariam sob escuta se fossem destinados a uma ilegal – pensando que ele queria que os técnicos os desmontassem para os inspecionar, mas Gable abanou a cabeça.

– Podem estar armadilhados para revelar alguma interferência, e tu és a única na posse deles.

Dominika descreveu o local de encontro em Staten Island.

– Sabes como apanhar o *ferry*?

– Estudei a rota toda. Sei como chegar lá – respondeu Dominika.

– Essa tal ilegal, que aspeto tem? – perguntou Gable.

Dominika encolheu os ombros. – Era uma foto pequena, a preto e branco – disse. – Loura, com óculos de ver ao perto, olhos azuis frios. Cabelo curto.

– Gable esfregou o rosto. – Meu Deus – disse. – Uma ilegal de topo na cidade e não conseguimos identificá-la. Pergunto-me quantos mais andarão por aí.

– Não há maneira de saber – disse Dominika. – A Linha S, o departamento de ilegais externos, e a Linha N, os agentes de contacto deles

no país, são compartimentados do resto do Serviço, até mesmo de mim, no KR.

A comida veio para a mesa e Gable pôs um monte de espinafres no prato de Dominika. Ela provou uma garfada. Era uma combinação saborosa de espinafres salteados com caril de carne de vaca picada e algum arroz. Delicioso. *E Nate costumava comer aquele prato.* A pergunta saiu-lhe sem ela querer. – *Bratok*, onde é que está o Nate? O que anda a fazer?

Gable pousou o garfo. – O Benford mandou-o encarregar-se de outra operação. Na Ásia. Neste momento, aquele rapaz está mais ocupado do que um gato a cobrir o cocó que fez num chão de mármore. Volta daqui a umas duas semanas. Estás outra vez a fumar por causa dele? – Gable não hesitava em fazer perguntas, por mais melindrosas que fossem. Dominika sorriu.

– Na Rússia, dizemos *nalomat drov*, deixar a lenha arder. Vocês dizem baralhar as coisas. É como está o caso entre nós. Baralhado.

Gable deu-lhe uma palmadinha na mão. – Eu não devia dizer-te isto – disse –, mas devias cortar com ele de uma vez por todas, ou então desertar e concentrares-te na vossa vida juntos. Talvez recrutar quem te substitua antes de te ires embora. Amarem-se e espiarem ao mesmo tempo vai fazer com que alguém se magoe. – Dominika ficou em silêncio; sabia que Gable a compreendia. – Não contes a ninguém que eu te disse isto – pediu ele, sorrindo. E depois voltou às questões do trabalho.

– Tens de andar muito direitinha, com aquele tipo das *Spetsnaz* a rondar-te. Deixa que ele te veja toda bem-disposta e descontraída. – Dominika acenou com a cabeça. – Vai sozinha ao encontro com a tal miúda em Staten Island, mas de resto mantém-no por perto. Ele vai entregar um relatório da viagem e tu queres que eles todos pensem que nunca saíste da linha. Encontramo-nos mais uma vez depois do teu encontro com a ilegal. E tenta arranjar a identificação dela sem seres demasiado óbvia. – Gable acenou a um jovem que estava sentado a uma mesa do outro lado do restaurante, e Lucius Westfall aproximou-se.

– Este pedaço de lã molhada todo molengão é o Westfall – disse Gable. – É um apoio, se o vires na rua, está aqui para te ajudar a ti e a mim se precisarmos. – Dominika sorriu e apertou-lhe a mão, reparando no seu halo azul trémulo de nervosismo. Sentiu pena dele, especialmente porque sabia como Gable podia ser intimidante.

– Prazer em conhecê-lo, Westfall – disse Dominika.

Ele acenou com a cabeça sem dizer uma palavra, obviamente enleado por estar a travar conhecimento com a famosa DIVA. Não fazia ideia de que ela era tão linda. Virou-se e saiu do restaurante depois de uma vénia final embaraçada.

– *Bratok*, não o atormentas demasiado, pois não? Ele é tão novo, como tu foste em tempos.

Gable grunhiu.– Eu já nasci velho. Mas fala-me mais sobre o sargento das *Spetsnaz*.

– Este tal Blokhin é pior do que o Zyuganov ou o Matorin. É inteligente, mas por trás dos olhos tem, como é que se diz, pedras quentes, como quando se grelham *shashlik*.

– Como brasas? Bem, não te ponhas a medir forças com ele – disse Gable.

– Vou-me forçar a ir com ele a um evento no Hilton da Sexta Avenida daqui a dois dias. Uma jornalista russa, a Daria Repina, vai falar num evento para recolha de fundos para a Free Russia. É uma crítica feroz de tudo o que o Putin faz. É destemida, mas agora que está na América a angariar fundos, vai-se tornar perigoso para ela.

– É boa ideia ires a uma coisa dessas? Porque é que um devorador de serpentes das *Spetsnaz* quer ir ouvir uma dissidente qualquer? – perguntou Gable.

– Ir com ele vai parecer bem, quer dizer, vai dar a ideia de que sou de confiança – disse Dominika. – É um evento público. Eu mantenho-me na retaguarda e saio mais cedo. Quanto ao Blokhin, acho que está com curiosidade. Como um cão a farejar um poste. Vai ser a última noite dele em Nova Iorque. Ambos regressamos separadamente a Moscovo no dia seguinte.

– E quando voltares descobres o nome de MAGNIT o mais depressa que conseguires, certo?

– Alguém vai cometer um deslize. Acabarei por ouvir o nome – disse Dominika.

– Isso está tudo muito bem, mas temos de resolver a questão de MAGNIT antes deles, de preferência antes de te porem a par do caso, antes de te ser dito oficialmente o nome dele. Que aspeto vai dar se ele for preso no próprio fim de semana em que te puserem a par do assunto? Além disso,

aquele filho da mãe está a vender segredos por atacado. Por isso, vamos lá descobrir-lhe a careca o mais depressa possível.

– Há um problema. – Dominika contou a Gable que o seu transmissor SRAC deixara de funcionar depois de ela ter dado com ele na cabeça do assaltante. Gable abanou a cabeça.

– Andávamos a perguntar-nos porque não enviavas nada há uma semana. Eu disse-lhes que tinhas um namorado e não te apetecia sair da cama.

– *Nekulturny* – disse ela. Tosco e rude.

– Que diabo! É má altura para perderes o teu meio de comunicação – disse Gable. – Eu digo à estação para te arranjar outro aparelho. Queres que o ponham num local combinado ou que to entreguem pessoalmente?

– Se tiverem um bom agente da Antena que não traga vigilância, um encontro pessoal é mais rápido do que pôr-me à procura de um embrulho na floresta. Há cinco novos pontos de encontro rápido no inventário que ainda são seguros.

– Tens a certeza? Eu preferia partir uma unha a cavar do que ter as dez unhas arrancadas na cave de uma prisão – disse Gable. Normalmente, não se recordava aos agentes que podiam ser capturados e torturados, mas Gable e Dominika lidavam um com o outro num plano diferente.

– *Bratok*, isso é porque tu és delicado e sensível – disse Dominika.

– Acertaste em cheio, porra – disse Gable, ao mesmo tempo que fazia sinal a pedir a conta.

KIYMALI ISPANAK – ESPINAFRES SALTEADOS À MODA TURCA

Salteie cebola finamente picada em azeite e manteiga. Adicione carne de vaca picada e cozinhe até alourar. Adicione tomates cortados, pasta de pimento vermelho, molho de tomate e uma mão-cheia de arroz lavado. Tempere e mexa para incorporar tudo. Ponha por cima uma camada de espinafres cortados à mão, cubra e cozinhe em lume brando até o espinafre ficar reduzido e o arroz tenro. Sirva com iogurte e pão rústico.

8

Calçar Uma Pulga

Dominika sentou-se no convés superior do apinhado e lento *ferry* para Staten Island, a observar divertida o grupo de pessoas ao longo do varandim – pareciam principalmente turistas – a falarem sobre a linha do horizonte cada vez mais afastada de Manhattan, a apontarem para ela e a fotografarem-na. A seguir, apressaram-se a ir para o varandim de estibordo para fotografar a Estátua da Liberdade e depois voltaram para olhar boquiabertos para uma escuna antiga a vogar na baía. Guinchavam como um bando de gansos. Estavam de calções, *t-shirts* e *tops* reduzidos, e usavam botas, ténis, sapatos e sandálias, uma tribo bizarra que colidia com a sensibilidade russa de Dominika. Ela trazia um vestido leve e estampado de verão, com sapatos rasos à moda, e um saco bege ao ombro. Tinha posto os seus óculos de sol da Linha T. Apesar dos passageiros ruidosos, pensava que estes *ferries* eram uma maravilha, como grandes bolos de aniversário cor de laranja que nunca paravam de cruzar a baía, nada como os hidrofólios em forma de tubarão, a soltarem fumo, que atravessavam o lago Ladoga de São Petersburgo.

Tinha sido literalmente arrastada ao longo da prancha de embarque do *ferry* pelo amontoado de nova-iorquinos excitados a rirem-se, passando por plácidos cães pisteiros a farejarem bombas, e conseguiu arranjar um lugar sossegado junto ao varandim exterior, onde pôde desfrutar da brisa salgada e pensar no encontro de hoje com a ilegal, SUSAN. Ao regressar ao seu quarto no hotel na noite anterior, sentira o elástico à volta do puxador da porta, um sinal a confirmar um encontro no local combinado em Staten Island no dia seguinte à tarde. Dominika perguntava-se se teria sido a senhora de idade ao fundo do corredor a pôr o elástico no sítio. Passou em revista o procedimento memorizado, a rota de deteção de vigilância que adotaria: *ferry*, comboio em Staten Island, percorrer a pé o Moravian Cemetery em Todt Hill e finalmente aproximar-se do local (que ficava no interior do mausoléu ornamentado de Cornelius Vanderbilt, o célebre

bilionário da Idade de Ouro, construído em 1886, e localizado numa parte privada e arborizada do parque). Estudara as imagens de satélite e memorizara o percurso ao longo dos caminhos que serpenteavam pelos 45 hectares do cemitério, e sabia que seria capaz de chegar ao local à hora marcada sem ser seguida. Deus sabia com quem ela tinha de se preocupar mais na rua durante esta operação insana – com os russos, a ilegal ou o FBI.

Gable tinha razão: Moscovo avançara depressa. Esta convocatória para um encontro com a ilegal fora feita menos de 48 horas depois de Dominika chegar a Nova Iorque. Dominika imaginava a consulta apressada entre Gorelikov e Putin no Kremlin, as suas vozes baixas a discutirem opções, e depois o estoico aceno de cabeça do homem de olhos azuis a validar as táticas que Gorelikov tinha sugerido para possibilitar o contacto. Dominika saía imediatamente para telefonar a Gable de um telefone público num bar nas imediações, para lhe dizer que «sempre almoçavam amanhã». Gable disse-lhe que se mantivesse calma, que tudo o que fizesse ou dissesse seria transmitido aos homens que estariam a avaliá-la. Combinaram encontrar-se depois de Dominika regressar a Manhattan.

O jovem moreno encostado ao varandim do *ferry* em frente a Dominika era obviamente um habitante local de Staten Island, com uma camisola desportiva e o cabelo escuro penteado para trás. Reparou em Dominika e veio sentar-se ao lado dela no assento de plástico moldado. Pôs-se a namoriscá-la, encantador e irreverente, com o rosto perto do dela, a apontar-lhe marcos da paisagem enquanto o *ferry* atravessava o porto de Nova Iorque, passando por debaixo da ponte em arco de Verrazano-Narrows (chamou-lhe a rampa do gangue dos imigras², embora Dominika não tenha percebido muito bem a ironia), que ligava Brooklyn a Staten Island. Dominika não percebia metade do que ele dizia, mas sorria e olhava para onde ele apontava. Quando lhe disse que era de França, ele piscou-lhe o olho e comentou, com ar de conhecedor: – Belos vinhos.

A vibração dos motores do *ferry* começou a diminuir e depois o convés sacudiu-se quando o barco foi manobrado para enfiar a popa na rampa de saída do Terminal de St. George em Staten Island. *É hora de ir, hora de ligar, hora de meter mãos ao trabalho*. Dominika pôs o saco ao ombro e fez um vago aceno de cabeça ao jovem. Avançando rapidamente, seguiu as indicações para a plataforma adjacente para embarcar no comboio para sul. Uma verificação rápida para os dois lados não lhe revelou nenhum

passageiro suspeitosamente parado por ali nem um olhar demasiado prolongado da jovem no passeio ou o homem dos bilhetes a dirigir-se a toda a pressa para o telefone. *Não estou a ser seguida* – pensou, ao entrar na carruagem do comboio. Quando as portas se fecharam Dominika constatou, com alguma irritação, que o jovem tinha entrado na carruagem seguinte e estava a fitá-la pela janela da porta de comunicação entre as carruagens. Não tinha tempo para aquilo: um Romeu a segui-la, a pensar que talvez viesse a ter sorte com uma turista boazona de França.

O comboio foi avançando ronceiro, a sacolejar e a parar frequentemente em estações suburbanas. Estava a desenrolar-se um mundo diferente diante dos olhos de Dominika de cada lado da linha. Zonas comerciais com estações de serviço a cada esquina; havia supermercados com tomates empilhados junto à montra, e ela foi contando restaurantes atrás de restaurantes – a maior parte a gabar-se de fazer a melhor *pizza* em Nova Iorque. *Mas isto ainda era a cidade de Nova Iorque?* O comboio passava por bairros da classe operária, casas de dois andares bem arranjadas, passeios de cascalho, estufas ao lado e minúsculos quintais com vedação, em alguns dos quais havia curiosas piscinas de borracha onde mal caberia uma pessoa. Em todos os telhados havia uma parabólica, todas elas apontadas na mesma direção. As casas não eram nada como as dachas luxuosas dos *siloviki*; estas não eram pessoas ricas, mas as suas casas pareciam confortáveis. Os automóveis estacionados ao longo da rua eram grandes e relativamente novos. Se isto não era riqueza, era pelo menos *prosperidade* em grande escala. Na Rússia, chamar-lhe-iam *blagopoluchiye*, pão com manteiga dos dois lados, bem-estar. Poucas pessoas, até mesmo em Moscovo, tinham vidas com tais bens materiais, com comida assim abundante. Os compatriotas dela sobreviviam a custo, desesperavam por melhorar a vida, não se atreviam a ter pensamentos ambiciosos ou a dizer a verdade. Não podiam *escolher*.

Dominika memorizara os estranhos nomes das estações: Grasmere, Old Town, Dongan Hills, Jefferson Avenue, Grant City. As pessoas entravam e saíam quando as portas dos comboios se abriam e fechavam – nenhum comportamento de vigilância à vista, nada que fosse suspeito. Ela via o jovem na carruagem seguinte a observá-la através do vidro. A próxima estação era a paragem dela, New Dorp. Saiu para a plataforma e, por entre uma multidão de passageiros, subiu rapidamente as escadas íngremes para o

nível da rua, uma avenida larga com pouco trânsito. Na esquina em frente havia uma padaria italiana que era de alguém chamado Dominick. *Talvez eu venha a ter um dia uma padaria chamada Dominika* – pensou. – *Idiota, não sabes fazer pão.* Ao entrar, arrebatou-a o aroma forte de pão fresco e viu que não havia filas ao balcão, ninguém estava a berrar para ser atendido, nenhum funcionário mal-encarado a insultar os clientes. Comprou algo chamado *calzone*, que parecia um *chebureki*, uma empada russa de carne, mas grande. O tal *calzone* tinha uma cor dourada e os rebordos ondulados e foi-lhe servido com um pequeno recipiente de molho de tomate.

Dominika sentou-se a uma das poucas mesas junto à montra e observou a rua. O Romeu persistente estava parado no passeio em frente, a fumar. Um *gopnik* americano, mas não parecia tão durão como a espécie moscovita. *Bozhe*, Deus, não precisava mesmo nada daquilo agora. A mistura de salsicha, pimento e cebola do recheio do *calzone* era deliciosa e escorria para fora, e ela limpou a boca a um guardanapo de papel. *Izobiliye* – pensou –, abundância. Esta era uma padaria americana de bairro, não uma loja estatal, uma de centenas só neste bairro. Já chegava. Pernas ao caminho.

Dominika subiu New Dorp Lane com os seus passeios largos e limpos e pessoas a trabalharem em escritórios com montras para a rua. Um supermercado de esquina, o «Convenient Mart», o que quer que isso quisesse dizer, tinha grades de garrafas de água empilhadas de ambos os lados da porta. O jovem ainda estava a segui-la e ela sabia que teria de se desembaraçar dele antes de se aproximar do cemitério. A ilegal poderia estar a observá-la e seria um desastre se Dominika não conseguisse livrar-se dele. Quando Dominika estava a entrar no supermercado, numa tentativa de o enxotar, ouviu passos e o jovem disse: – Hei, Mam’sell! – e ela virou-se e viu o Romeu tirar-lhe uma foto com o telemóvel a uma distância de um metro e meio, e depois erguê-lo para admirar a sua obra. Para além do seu retrato oficial da academia, das fotos de identificação que Gable lhe tirara em Helsínquia e de retratos para passaportes operacionais falsos, não havia nenhum registo fotográfico da coronel do SVR Dominika Egorova, especialmente não no telemóvel de um qualquer *durak*, um idiota, em frente ao Convenient Mart, em New Dorp Lane, em Staten Island, 40 minutos antes de um contacto clandestino com uma ilegal. Ela ia aparecer nas contas do Instagram, do Facebook e do Twitter daquele rapaz num abrir e fechar de olhos.

Dominika tomou uma decisão instantânea. – Como parece decidido a seguir-me – disse-lhe–, talvez possa recomendar-me uma boa garrafa de vinho americano nesta loja.

O jovem aproximou-se, a escorrer um encanto de baba de caracol. – Indicar-lhe uma garrafa de vinho, ou partilhá-la consigo? – arrulhou.

Dominika deixou pairar um ligeiro sorriso nos lábios. – Depende da qualidade do vinho – respondeu.

O jovem conduziu-a para dentro do pequeno supermercado, para um corredor com produtos alimentares, onde Dominika parou espantada para contar não menos de dez tipos diferentes de flocos de cereais na prateleira, um festim impossível de cores. Seguiu o Romeu até à parte de trás da loja e pôs-se diante de um frigorífico para vinhos com portas de correr de vidro, com ele a apontar-lhe os tintos e depois os brancos. Tinham tudo, o que ela quisesse. Almaden, Gallo, Carlo Rossi, Blue Nun, Lancers. Ele disse que as embalagens de vinho Franzia eram subestimadas. Se não lhe agradasse nenhum dos vinhos, também vendiam garrafas de meio litro por trás do balcão: gin, vodca, uísque. Dominika escolheu um vinho branco, que deixou que o Romeu pagasse, e depois seguiu-o para o outro lado da avenida, onde se sentaram num degrau de uma ponte de cimento que transportava canos de aquecimento a vapor por cima das linhas do comboio suburbano, e que estava resguardado da estrada. A ponte de cimento abanava quando um comboio passava por baixo. Blokhin teria trespassado um olho do Romeu com um espigão tático para lhe chegar ao cérebro, mas Dominika bebeu um gole da garrafa – o vinho era doce e tinha um travo metálico – e depois passou-lha. Virou-se e assestou-lhe um punho de ferro no lado do pescoço, com um impulso que começou em baixo, na sua anca esquerda, e girou com a força do movimento das ancas. O murro assoberbou os nervos do processo mastoide do rapaz, a cabeça tombou-lhe para a frente e ele caiu de chapa no cimento, sem sentidos. Se não estava morto, ficaria inconsciente durante várias horas, e Dominika estaria há muito longe de Staten Island. Tirou o telemóvel do Romeu do bolso traseiro das calças dele e, com um pedaço partido e aguçado de cimento, como uma ferramenta do Paleolítico, pulverizou o moderno aparelho, transformando-o em migalhas de plástico, nenhuma delas remotamente reconhecível como um telemóvel. Lançou os mil pedaços para a linha do comboio por baixo da

ponte e bebeu um gole final da mistela da garrafa, que atirou também para a berma da linha, para se estilhaçar juntamente com os detritos lá em baixo.

– *Zvedzdá*, figurão – disse Dominika, olhando para o Romeu e reconhecendo que teria sido mais fácil e mais seguro tê-lo matado. Perguntou-se se acabaria por chegar a esse ponto: a solução de recurso de Blokhin/Estaline – matar e ver-se livre do obstáculo, sem atender às circunstâncias.

Avançando rapidamente, Dominika virou à direita para Richmond Road e começou a subir a rua, passando por casas com vedações pintadas e arbustos aparados. Em muitas das casas havia bandeiras americanas hasteadas na varanda. A rua era tranquila, ela mantinha-se invisível e não estava a ser seguida, tinha a certeza. Era uma agente secreta russa à solta na América, a dirigir-se para um encontro com uma agente não identificada.

A temperatura estava amena, o céu límpido, o sol brilhante. O portão ornamental do Moravian Cemetery estava aberto, ladeado por arbustos de bignónia cor de laranja. Como se costumasse visitar este cemitério todos os fins de semana, Dominika enveredou sem hesitar pelo caminho da esquerda, passou pelo lago plácido, com a sua superfície ligeiramente aflorada pelos ramos baixos dos salgueiros. Continuou a andar pelo caminho pavimentado ladeado por lápides a perder de vista. Algumas eram excessivas: obeliscos de seis metros de altura, ou zigurates rematados por anjos em êxtase. Passou por filas de pequenos mausoléus ornamentados que despontavam de túmulos cobertos de relva, com os nomes das famílias gravados nos lintéis. Não eram nada como as lápides bizarras de gangsters assassinados, jornalistas mortos ou dissidentes mártires pela sua causa no cemitério Novodevichy em Moscovo, com imagens surpreendentemente realistas dos defuntos esculpidas no mármore. Perguntou-se onde seria a última morada do presidente Putin em Moscovo. Os monstros que descansavam no muro do Kremlin afastar-se-iam para lhe arranjar lugar? Ou será que ele preferiria um obelisco de pórfiro da altura de 20 andares nas colinas de Moscovo, para poder olhar lá do alto para a *Rodina* que tão energicamente defendia?

Quando Dominika pensou em Putin, o sol escondeu-se por trás de uma nuvem e ela sentiu um arrepio de frio. Havia um silêncio absoluto agora, sem aves, sem ruído do trânsito, como se os espíritos soubessem o que estava a acontecer. A relva à volta das pedras tumulares agitava-se;

Dominika ouviu murmúrios à sua volta, ou seria a brisa? Mas não havia brisa. *Controla-te* – pensou enquanto caminhava –, *mantém-te calma, encontra-te com esta cadela, e vamos lá complicar a vida do Vladimir Putin*. Mantendo-se à esquerda, Dominika seguiu o caminho para uma secção arborizada sombria, com muito pouca luz do sol. Cheirava a frio ali, e ela empurrou os óculos de sol para o topo da cabeça. Enfiou a mão no saco e fechou-a sobre o cabo da caneta de aço tática que trazia no bolso lateral. Olhou para a esquerda e para a direita para as árvores, com a sua imaginação de russa a fazer aparecer lobos na floresta, acompanhando-lhe os movimentos.

A seguir a uma curva no caminho, viu o enorme pórtico de ferro fundido, a entrada para o terreno particular da família Vanderbilt no cemitério. O portão estava preso com uma corrente grossa, mas Dominika seguiu o muro ao longo de dez metros para a direita e, levantando o vestido, conseguiu saltar por cima para o outro lado. O caminho curvava para a esquerda e o bosque desembocava numa clareira debruada por um lancil baixo. Um mausoléu de pedra branca num dos extremos dominava o espaço. Assemelhava-se à fachada de uma igreja românica, com três portas em arco, uma torre central alta e duas cúpulas cónicas no telhado. A cripta em si estendia-se da fachada ornamentada para a colina de terra por trás.

O silêncio era de morte e o sol escondia-se por trás das nuvens. Dominika deixou-se ficar parada a olhar para o bosque, a escutar o ar à sua volta. Não haveria maneira de Gable pôr este local sob vigilância sem alertar SUSAN. A ilegal veterana sabia o que estava a fazer ao escolher este lugar. Dominika olhou para o relógio; estava na hora. Subiu os cinco degraus em curva até à entrada e empurrou a porta central de aço com dois puxadores ornamentados a condizer. Sabia que, normalmente, as portas das criptas estavam fechadas à chave e, provavelmente, com correntes, mas os fechos mecânicos não eram problema para ela, *nunca*. A porta abriu-se facilmente, sem um som, e uma baforada fétida de pedra fria assaltou-a, um cheiro a caixão, um sopro de tempo eterno. Nas paredes laterais do espaço abobadado na penumbra havia criptas com túmulos de pedra, e um túmulo enorme com o topo curvo e adornado com decorações intrincadamente esculpidas – presumivelmente, o sarcófago do *pater familias* – dominava o centro da câmara.

– *Dobriy den tovarishch*, boa tarde, camarada – disse uma voz suave como seda em russo. Dominika controlou-se para não dar um salto. Agarrando o espigão que trazia no bolso, virou-se lentamente para o lugar de onde viera a voz e viu no canto da cripta uma silhueta escura, completamente na sombra. Não era visível qualquer halo nesta escuridão. A única iluminação provinha da faixa leitosa de luz da porta central entreaberta, mantendo-se a maior parte do espaço no escuro. – Chegou precisamente à hora marcada, mas isso seria de esperar da famosa coronel Egorova. – *Sotaque de Moscovo, com estudos, mas originária do sul, com vestígios de yakanye, as vogais abertas do baixo Volga* – pensou Dominika.

– Boa tarde. Ainda bem que pudemos encontrar-nos – disse Dominika, estendendo a mão. *Vais aproximar-te para me apertar?* A mulher não se mexeu, e Dominika baixou a mão.

– De quanto tempo dispõe? Suponho que ambas temos de regressar a Manhattan esta noite – disse Dominika. Tinha o vago objetivo de fazer a mulher falar um pouco, para ver o que poderia ficar a saber. *Mas com cuidado.* – Esta Staten Island é um local estranho. – A silhueta encolheu os ombros.

– É remoto, tranquilo e provinciano. Acho-o bem adequado para operações – disse ela. *OK, operas aqui. Interessante.*

– Eu acharia toda a cidade de Nova Iorque um desafio do ponto de vista operacional – disse Dominika.

– Uma pessoa acostuma-se aos ritmos da cidade – comentou a mulher, vagamente. *Não vai dizer nada voluntariamente. É demasiado esperta.*

– Imagino que sim – disse Dominika, agora a falar do ofício entre profissionais. – Mas nas minhas missões tenho tido de me haver com oposição hostil na rua. Como civil, é claro que você tem mais latitude para operar do que um agente diplomata na *rezidentura*.

A silhueta mudou ligeiramente de posição. – Suponho que sim. A indústria das revistas tem-me proporcionado um disfarce eficaz ao longo dos anos – disse SUSAN. – Por acaso, é dominada por mulheres astutas e agressivas; os nossos pares do sexo masculino são menos dinâmicos. Mesmo assim, há desvantagens: lidar com escritores pode ser uma provação, nem faz ideia. – *Isto não está a ir a lado nenhum. Voltemos ao que importa.*

– Tenho os aparelhos, um para si e outro para MAGNIT, que, provavelmente, proporcionarão comunicações de voz seguras. Se precisarem de se encontrarem pessoalmente, deve coordenar o encontro com a Linha S. Suponho que não faltem locais discretos, equidistantes de Nova Iorque e Washington – disse Dominika. Fez deslizar a bolsa de fecho com os telemóveis EKHO sobre a tampa curva e poeirenta do sarcófago do Comodoro Vanderbilt, quase à espera de o ouvir queixar-se lá de dentro por estar a ser perturbado no seu sono, ainda por cima por pessoas russas.

– MAGNIT tem menos possibilidade de viajar do que eu – disse SUSAN. – E Washington é um ambiente de contrainformação mais fácil, mesmo dentro da cidade. *OK, vocês encontram-se em Washington, na cidade. Benford vai gostar de saber isso.*

– Há mais alguma coisa que eu possa fazer por si? Há alguma coisa de que você ou o ativo necessitem? – Era bastante improvável; o que é que MAGNIT não podia obter nos Estados Unidos que o SVR pudesse fornecer-lhe? Barras de ouro? Diamantes de sangue? Polónio? *Nada de mais perguntas. Talvez sair para a luz do sol com ela? Um vislumbre do halo dela?*

– *Spasibo*, não há nada de que eu necessite – disse SUSAN, com uma ponta de condescendência na voz. E então Dominika viu a marca da poeira na tampa do sarcófago onde ela fizera deslizar a bolsa com fecho, e acorreram-lhe pensamentos em tropel.

– Então, tenho eu um pedido a fazer-lhe – disse Dominika num tom severo, sustendo a respiração e com a esperança de que aquilo resultasse. –

Foi-me dado um terceiro telemóvel encriptado para usar em caso de necessidade, incluindo contactá-la a si. Não me agradaria nada levá-lo de volta para Moscovo e ter de passar com ele pelo controlo alfandegário no aeroporto. Entrego-lho na noite anterior ao meu regresso à Rússia para que se livre dele de modo seguro. É claro que podia eu própria atirá-lo para o rio, mas esse tipo de destruição precipitada já se revelou desastrosa em casos anteriores; já houve equipamento recuperado pela oposição. Deve derreter o *chip*, partir o aparelho e dispersar as peças de maneira a não serem relacionadas umas com as outras. Entregar-lhe o telefone não requer mais um encontro pessoal; eu coloco-o num local à sua escolha a uma hora marcada.

– Há um milhão de lugares na cidade onde pode livrar-se de um telemóvel – disse SUSAN, renitente. Operava a solo há 20 anos, com contactos servis da Linha N que nunca a punham em questão. Dominika deu um tom de ameaça à voz, a aspereza vocal que todos os russos reconhecem como um sinal de que se avizinham problemas.

– A sua longa folha de serviço na América... há quantos anos?... deu-lhe indubitavelmente um conhecimento enciclopédico da cidade, precisamente a razão para eu estar a requerer a sua colaboração. Além disso, dado que os seus números de contacto estão no aparelho, é um *requisito operacional* que façamos isto – disse Dominika, num tom de voz inexpressivo. A sombra da mulher mexeu-se, claramente irritada por estarem a dizer-lhe o que fazer. Mas todos os agentes ilegais, especialmente os de longa data, receavam uma coisa ainda mais do que a revelação do seu estatuto e a captura: serem chamados de volta a Moscovo, o fim desta existência privilegiada, o fim do conforto e da abundância, serem atirados de novo para o poço da preguiça, da burocracia e da depravação na Rússia, com uma secretária na sede, um apartamento modesto e talvez um carro utilitário, com uma medalha para usar em cerimónias, o fim das missões no estrangeiro e até mesmo das viagens ao estrangeiro a título pessoal. Para sempre. E esta chefe de olhos azuis do CI acabara de se referir aos muitos anos de SUSAN na América, e poderia arranjar-lhe problemas a pretexto de uma qualquer regra estúpida. De má vontade, deu a Dominika a morada e a descrição de um local em Manhattan onde ela poderia deixar o telemóvel. *OK, uma maneira de identificar a nossa amiga de voz suave.*

Mas agora Dominika tinha de arranjar maneira de contar o plano a Gable antes de os seus dois últimos dias serem passados na sombra protetora do sargento Blokhin. Nada de insistir mais com Miss SUSAN. Não devia despertar-lhe suspeitas. A conversa chegou ao fim. O encontro estava terminado.

Seguindo os procedimentos habituais do ofício, Dominika saiu primeiro do mausoléu e regressou a Manhattan. Nunca mais voltou a ver a outra mulher. Os russos não dizem que alguém é um excelente profissional, dizem *podkovat blochu*, ou seja, um profissional tão bom que é capaz de calçar uma pulga. Esta mulher era assim: mesmo depois de um encontro de 15 minutos com a ilegal, a menos de um metro dela, Dominika não conseguiria identificar SUSAN num grupo de pessoas, nem que disso

dependesse a vida dela. E sabia que, provavelmente, acabaria por ser esse o caso.

CALZONE DE SALSICHA, PIMENTO E CEBOLA DO DOMINICK'S

Salteie pimentos vermelhos e amarelos cortados em tiras finas, rodela finas de cebola e alho esmagado até ficarem tenros. Tempere e adicione orégãos e pimentão vermelho em pó. Adicione carne de salsicha italiana e continue a cozinhar até a carne alourar. Deixe a mistura arrefecer e depois acrescente mozzarella, parmesão e salsa picada. Numa superfície com farinha, estenda massa de pizza ou de pão e faça vários círculos. Coloque uma pequena quantidade da mistura de carne no centro dos círculos de massa, dobre a meio e sele com um dedo molhado em água. Use um garfo para fazer um padrão ondulado no rebordo da massa e abra um pequeno orifício no topo para permitir a saída do vapor durante a cozedura. Pincele com azeite. Leve ao forno a uma temperatura média até a massa alourar. Deixe repousar por uns instantes e sirva morno com molho marinara aquecido.

2 No original, *Guinea Gangplank*, a alcunha que deram à ponte devido ao enorme fluxo de italo-americanos (e outras nacionalidades) que saíram de Brooklyn para Staten Island na altura em que a ponte foi construída. Guinea: termo depreciativo que se refere aos imigrantes de origem italiana. (*N. do E.*).

9

Petiscar Carne Fresca

Tendo deixado para trás o encanto boémio de Staten Island, Dominika e Gable estavam sentados lado a lado num banco ao fundo de um bar em Chelsea, chamado Employees Only, em Hudson Street. Era tarde e o bar estava meio cheio. Havia um pequeno prato intocado de cestinhas «frico» com salada de tomate entre a cerveja de Gable e o copo de vinho de Dominika. Ela acabara de contar a Gable a sua viagem a Staten Island, a entrada no mausoléu Vanderbilt e o encontro sinistro no escuro com a ilegal. Gable abanou a cabeça e bebeu um gole de cerveja.

– Não viste a cara dela, de todo? – perguntou Gable.

– Nem sequer a cor do cabelo – respondeu Dominika. – Manteve-se na sombra o tempo todo. Foi muito profissional. Eu não insisti.

– Valha-me Deus. E achas que ela usa Staten Island para se encontrar com agentes? – perguntou Gable.

– Disse que se adequava bem a operações – respondeu Dominika. – Mas Staten Island é muito grande. Como é que se podia vigiar a ilha toda?

Gable encolheu os ombros. – Através do *software* de reconhecimento facial nas câmaras do terminal do *ferry* talvez possamos identificá-la.

– Se soubéssemos que aspeto tem, talvez – disse Dominika. – Mas não sabemos.

– Pois é, não precisas de mo dizer – disse Gable. – E ela também pode ter ido de carro, por uma das pontes.

– Posso falar-te de uma ideia que tive sobre como a identificar? – perguntou Dominika. – Estou a pensar que podíamos seguir o exemplo do velho KGB.

Gable bebeu mais um pouco de cerveja. – Posso mandar vir mais duas bebidas, se isto vai demorar – disse ele.

Dominika sorriu e deu-lhe uma palmadinha no braço.

– *Terpeniye*, paciência, *Bratok*, isto vai-te agradar – disse ela. – Ora ouve. Antes de eu partir de Nova Iorque, ordenei à SUSAN... sim, ordenei-lhe

com a maior severidade... que vá buscar o meu telemóvel pessoal encriptado a um local escolhido por ela em Manhattan, para o destruir e se livrar dele de modo seguro.

– E ela foi nessa?

– Usei a minha voz de coronel. Os russos reagem bem à prepotência.

– Tu não, com um raio! – exclamou Gable.

– Isso é porque tu nunca és prepotente para comigo – disse Dominika.

– Tenho demasiado medo – disse Gable. – OK, deixas o teu telemóvel no local combinado, montamos uma emboscada e apanhamo-la com a boca na botija? Não vai resultar; incrimina-te a ti.

– Não estou a pensar numa emboscada, que temos de evitar precisamente por essa razão. Só temos de pôr o objeto à hora combinada no local escolhido por ela, um local que lhe proporcione uma segurança absoluta. Nada de emboscadas, nada de vigilância no local.

Gable olhou de lado para ela. – Estou à espera da grande revelação – disse.

– Polvilhamos o telemóvel com *metka*.

– Mescla? – perguntou Gable, sem compreender. – Mas que raio é isso?

Dominika riu-se. Conhecia aquela palavra obscura dos seus tempos na Escola de Pardais. – És mesmo um *krutóy páren*, um tipo fino. Sabes bem o que eu disse. *Metka*, não mescla. Pó de espião, como o KGB usava em Moscovo para seguir o rasto de americanos. De certeza que o Benford tem técnicos que saibam preparar esse composto.

– Mesmo assim, Moscovo não deixará de se perguntar como perdeu a sua ilegal – disse Gable.

Dominika encolheu os ombros. – Não me vão relacionar com a possível detenção dela, não se vocês a apanharem meses depois através do pó de espião. É claro que o Kremlin vai ficar irritado, mas o Centro vai racionalizar a coisa, 20 anos como ilegal nos Estados Unidos excede todas as expectativas de sobrevivência – disse Dominika. – Eu conheço a mente russa; vão pôr-se à procura de alguém a quem deitar as culpas, mas, se fizermos isto bem, a Linha S nunca vai adivinhar como é que ela foi identificada nem apreciar a ironia de o *metka* ter sido usado contra eles, depois destes anos todos. A SUSAN, naturalmente, vai obedecer à ordem e destruir o telemóvel, sem deixar nenhuma prova a não ser as mãos dela contaminadas de forma invisível.

– Nada mau. Vou apresentar a ideia ao Benford. – Pegou no telemóvel, premiu uma tecla e Westfall apareceu no bar daí a dois minutos, a engolir em seco enquanto apertava a mão de Dominika mais uma vez e a murmurar qualquer coisa como um mordomo embaraçado. Dominika levantou-se e deu um casto abraço de saudação a Westfall, o que o pôs vermelho como um tomate. Gable repetiu resumidamente o plano de Dominika, disse a Westfall que telefonasse a Benford pela linha segura e metesse mãos ao trabalho. Tinham dois dias para fazerem uma fornada de *metka*. Lucius baixou a cabeça a indicar que compreendera.

Gable abanou a cabeça perante a falta de à-vontade de Westfall. – Vais bater os tacões, qual militar prussiano?

Dominika acotovelou Gable nas costelas. – Deixa-o em paz – disse. – Lucius, compreende o plano? – Lucius acenou que sim com a cabeça.

– Se fizermos isto bem, a Domi fica a salvo e a calcinhas doces vai brilhar no escuro até ao Natal, o mais tardar – disse Gable.

– O que é isso de calcinhas doces? – perguntou Dominika.

– Deixa, é uma maneira de falar.

– Deve ser – disse Dominika, olhando de lado para ele. – Westfall, sabe o que quer dizer? – Westfall engoliu em seco, abanou a cabeça e retirou-se, depois de dizer que telefonaria imediatamente a Benford. Dominika sentiu ainda mais pena dele do que antes.

– OK. Então, os tipos do FBI revistam fora das horas de expediente os escritórios das principais revistas literárias em Manhattan, que não devem ser muitas, e veem quais são os espaços que brilham sob uma luz negra – disse Gable.

Dominika ergueu um dedo, em aviso. – É necessário algum cuidado com o *metka*. O KGB tinha algumas dificuldades com a questão da contaminação excessiva. Numa semana, a SUSAN vai dar muitos apertos de mão, distribuir memorandos e ter almoços de negócios em restaurantes. Daqui a vários meses, toda a gente no mundo da edição em Nova Iorque vai ficar coberta com essa coisa, já para não mencionar metade dos agentes literários nos Estados Unidos.

– Ninguém se vai preocupar com *eles* – disse Gable, e acabou de beber a cerveja.

Iosip Blokhin ia a descer a Hudson Street em Chelsea, com a cabeça baixa, olhos fixos no passeio, a avançar sem querer saber dos outros peões, dos candeeiros ou dos caixotes do lixo. Não lhe importava a incongruência de estar com um gigantesco par de óculos de sol à pescador às dez da noite, e ignorava os olhares ocasionais de transeuntes divertidos. Parecia um pugilista cego sem a bengala branca. Os óculos eram na realidade um equipamento desenvolvido pela Linha T para detetar ténues vestígios residuais de isótopos nucleares, com a finalidade de seguir um alvo a grandes distâncias indetetáveis. Blokhin estava a seguir Dominika, por ordem expressa secreta do major Shlykov, e sem o conhecimento de Anton Gorelikov. Shlykov dera ordens a Blokhin para que começasse a seguir a «Miss Mamas do SVR» depois do encontro dela em Staten Island (nem mesmo Shlykov se atreveria a interferir nisso) e continuamente daí para a frente até partirem ambos de Nova Iorque. Shlykov queria que Blokhin se assegurasse de que o SVR não iria roubar o caso MAGNIT, de que Dominika não iria avistar-se com agentes da *rezidentura* de Nova Iorque para prepararem a sua declaração de primazia e de que não se envolveria em nenhum tipo de manobras burocráticas para usurpar o caso. Shlykov indicou a Blokhin que, como Egorova não deveria saber que estava a ser vigiada – ele não queria arriscar-se à fúria de Gorelikov –, era essencial ser discreto.

– Supostamente, ela é exímia na rua, por isso deixa-a ir se não conseguires segui-la discretamente – dissera Shlykov a Blokhin. – Não deixes que ela te veja.

O gorila das *Spetsnaz* palitou os dentes. – E se eu a vir a fazer alguma coisa interessante? – perguntou em voz baixa.

Shlykov olhou para a testa coberta de cicatrizes de Blokhin. – Tal como? – disse.

– Como por exemplo encontrar-se com alguém que eu não conheça – respondeu Blokhin.

Shlykov olhou-o nos olhos. – Pode ser um agente da *rezidentura*.

– Talvez. Mas, se não for alguém que eu conheça, pode ser um jogo duplo. Talvez até mesmo às ordens do Gorelikov.

– O que é que tu estás a querer dizer? – perguntou Shlykov.

Blokhin olhou para as mãos. – A Egorova ainda não é diretora do SVR e já anda a causar problemas. Quando lhe derem uma estrela, vai tornar-se

intocável.

Shlykov virou-se de costas para Blokhin e pôs-se a mexer nuns papéis. – Tu já tens um problema a eliminar.

– E porque deixar um segundo a infetar tudo?– perguntou Blokhin.

– Só se tiveres cem por cento de certeza. Não deixes vestígios.

– *Chemu byt, tomu ne minovat* – disse Blokhin –, o que estiver destinado a acontecer acontecerá, seja como for.

Com a ordem de Shlykov para operar contra Egorova, Blokhin esperou pela partida de Dominika para Staten Island, entrou no quarto dela no hotel e, usando uma ferramenta parecida com um alicate de perfuração, enfiou um disco do tamanho da cabeça de um alfinete do isótopo médico Palladium-103 – usado em tratamentos de radiação de cancro – nos tacões de pele dos três pares de sapatos que ela tinha no pequeno armário, e voltou a colocá-los exatamente onde os encontrara, depois de cheirar cada um deles. Os minúsculos discos de Palladium nos tacões dos sapatos deixariam pontos cor de laranja luminosos, visíveis através de óculos de raios gama especiais, em pavimentos, alcatifas lisas, mármore ou madeira, mas ficariam dispersos e obscurecidos em folhas, relva ou areia. O Palladium-103 fora escolhido como instrumento de vigilância pela sua rápida taxa de dissipação, que assegurava que o alvo não descobriria inadvertidamente a técnica utilizada. Os pontos cor de laranja, por conseguinte, só permitiam uma vigilância «sobre o horizonte», mas tinham tendência a dissipar-se em condições meteorológicas adversas ou em superfícies menos do que ideais. Os isótopos mais fortes e mais radioativos foram rejeitados quando alguns testes em prisioneiros do *gulag* resultaram numa taxa inaceitável de cancro da medula e amputações de pés.

Blokhin andava a tentar seguir Egorova desde o seu hotel em Chelsea recorrendo à vigilância do tipo «migalhas de pão», mas as temperaturas baixas e uma neblina ligeira estavam a dissipar as marcas. Quando lhe perdeu o rasto pela terceira vez, atravessou a rua para ver se conseguia reencontrá-lo, mas, ao fim de 30 minutos, desistiu. Tinha mais dois dias, e talvez surgisse algum novo desenvolvimento.

Dominika, ainda sentada no pequeno bar com Gable, empalideceu e sentiu um calafrio gélido a percorrer-lhe a espinha. Pela janela mais afastada do bar, avistara o corpo robusto de Blokhin a caminhar no passeio. Daí a cinco segundos, ele passaria pela janela mesmo em frente à mesa à qual estavam sentados. Bastar-lhe-ia olhar para dentro (o interior estava mais iluminado do que a rua lá fora) para ver Dominika sentada a sós com um homem numa cidade que ela não conhecia, nunca visitara, e concluiria uma só coisa. *Spion*. Espia. Agarrou o braço de Gable, em pânico; o banco em redor da mesa tinha-a ali presa, e não poderia enfiar-se debaixo dela. Apontou com o queixo e segredou: – O Blokhin, lá fora.

Gable não hesitou e reagiu com tal rapidez que Dominika sentiu os braços dele à volta dos ombros dela num abraço que a fez girar, deixando as costas largas dele viradas para a janela e ela totalmente ocultada ainda antes de sentir os lábios de Gable encostados aos dela. – Mexe-te – rosnou-lhe ele para dentro da boca dela, e Dominika passou-lhe a mão pelo cabelo curto. Os braços dele eram como aço à volta dela e o seu beijo seco e firme. Cheirava a sabonete e a couro. Ela abriu um olho, espreitou pela janela e viu que Blokhin tinha desaparecido. – A costa está livre? – segredou Gable.

– Espera mais uns dez segundos – disse Dominika, a rir-se, com a face contra a de Gable. Ele soltou-a e recostou-se, olhando-a com uma expressão de falso arrependimento.

Dominika sabia que não havia nenhuma intenção sexual no beijo. Gable reagira tão rapidamente como teria sacado da pistola e a teria apontado a um parvalhão com uma AK-47 num beco em Beirute – limitara-se a usar o que estava disponível: um abraço e uma beijoca. Mas Gable, apesar de toda a sua rudeza, comportava-se de um modo casto para com ela, sempre se comportara. Nate contara uma vez a Dominika que, em jovem, quando entrou para a Agência, há um milhão de anos, Gable fora casado com uma beldade que estava a caminho de se tornar uma pianista de primeira. Mas a Vida no Terceiro Mundo reclamava mais de Gable do que a sua mulher estava disposta a dar, e as suas ausências frequentes, as constantes mudanças de casa e ter de ferver a água da torneira para matar os parasitas *Giardia* foram demasiado. Ela deixou Gable na manhã em que não conseguia tocar o fá sustenido acima do dó e, ao levantar a tampa do piano de cauda, encontrou uma cascavel a dormir nos martelos revestidos de feltro. Gable resolveu tentar remediar as coisas, mas daí a um ano ela

morreria num acidente de automóvel numa autoestrada gelada a seis quilómetros de casa. Gable estava no Peru a tentar facilitar a aposentação de um traficante de drogas que trouxera uma navalha para um tiroteio quando lhe deram a notícia. Não voltou a casar-se, mas Nate segredara a Dominika que o nome dela era Moira – ele nunca falava sobre ela, a não ser uma vez, a Nate. É o que a Vida te deixa, dissera Nate a Dominika durante uma das suas arengas sobre a possibilidade de desertar.

Gable tinha uma expressão preocupada por quase terem sido apanhados por Blokhin. – Isto vai trazer problemas? – perguntou. – Ele estaria a seguir-te pelo telemóvel? – Dominika abanou a cabeça, a dizer que não.

– Eu não trouxe o telemóvel hoje. Assegurei-me de que não estava a ser seguida antes de me encontrar contigo esta noite, absolutamente, mas sim, acho que ele andava à minha procura. Sabe onde é o meu hotel, pode ter-me seguido à distância desde lá, e estava a tentar a sorte, para ver se me farejava. Chamamos a isso *promyvochnyye ptitsy*, levantar a caça, uma técnica antiga. O Gorelikov jurou que o Blokhin não vinha a Nova Iorque para ver o que eu andava a fazer, mas não acredito. Vou ver se ele me pergunta onde estive esta noite. *Na Volosok ot*, foi por pouco. Imagina só, ser apanhada numa cidade tão grande.

Olhou para ele, de cabeça inclinada. – Tu não sabes só matar homens maus a tiro; também beijas muito bem, tal e qual o James Bond. Não fazia ideia. Mas, depois desta noite, já não vou poder chamar-te *Bratok*, irmão mais velho. Seria inapropriado, depois de te ter beijado. Vou ter de te chamar *ledenets* a partir de agora.

– Não comeces – rosnou Gable, a corar. – Que porra é que isso quer dizer?

– *Ledenets* – disse Dominika. – Rebuçado doce, como a tal calcinhas doces. – Gable corou ainda mais e Dominika riu-se e aproximou-se dele, beijou-o na face e despenteou-lhe o cabelo curto com os dedos. Ele não olhava para ela, o que ela achou encantador.

Um empregado com ar desmazelado aproximou-se da mesa com a conta, depois de ter estado a ver o velhote e a Peituda na marmelada ao canto. Gable lançou-lhe um olhar furibundo. – Para onde é que estás a olhar? – disse. Dominika ficou corada de tanto se esforçar por conter o riso.

– Para nada – disse o empregado. – Não há nenhuma lei contra petiscar carne fresca. – Dominika tapou a boca com a mão, com lágrimas de riso a

correrem-lhe dos olhos.

*

Benford estava sentado por trás da barafunda da sua secretária na Divisão de Contrainformação na sede da CIA. Faltava um pé a um organizador de correspondência com três tabuleiros cheios de papéis num dos lados da secretária, o que o fazia inclinar-se perigosamente. Uma dúzia de dossiês com três argolas estava empilhada no outro canto da secretária, criando um reduto por trás do qual Benford fitava, mal-encarado, as duas pessoas que estavam sentadas no seu gabinete. Benford era baixo e ligeiramente barrigudo, e esta manhã o seu cabelo parecia ter sido enfiado na cabeça como uma boina. Os seus grandes olhos castanhos bovinos passaram sobre os dois agentes sentados diante dele e foram pousar numa fotografia emoldurada e em tons de sépia de James Jesus Angleton, o lendário caçador de toupeiras cuja crença fanática de que os soviéticos andavam a infiltrar agentes na CIA paralisara as operações russas de Langley durante uma década. A fotografia de Angleton, tal como uma série de outros objetos no gabinete de Benford, estava acentuadamente inclinada. Não havia maneira de endireitar a moldura – todas as manhãs voltava a aparecer torta, confirmando a Benford a sua crença íntima de que o espírito de James Jesus residia no gabinete dele e entortava a fotografia todas as noites, o que lhe convinha perfeitamente.

Os dois agentes, sentados em cadeiras de encosto com pernas instáveis, aguardavam. Lucius Westfall, o precoce analista da DI, era o novo assistente de Benford. Na outra cadeira, estava sentado numa postura descontraída o agente técnico Hearsey, de quem Benford gostava e em quem confiava. – Mostra-me o que fizeram – disse Benford. – Não há tempo a perder. Precisamos de pôr o pó no telemóvel dela amanhã à noite.

Hearsey enfiou a mão numa bolsa com um fecho e tirou dela meia dúzia de fotografias a preto e branco, um *tablet* grande e o que parecia ser um vaporizador antigo de perfume, um frasco de vidro oval com uma bola de borracha preta. – As fotografias são dos vários itens que usámos para testar a aderência do composto – disse Hearsey. – Os resultados foram os que esperávamos. As fibras de vestuário, tapetes ou roupa de cama retêm

melhor o produto e por um período de tempo mais longo. Outras superfícies, tais como o plástico, o vidro ou o metal, não são tão boas.

– O objeto que a DIVA vai entregar à ilegal é um telemóvel – disse Benford. – É a nossa única opção.

Hearsey acenou com a cabeça. – Pois, supusemos isso mesmo – disse. – Por isso, comprámos uma capa que ela pode pôr no telemóvel. – Passou uma fotografia a Benford sobre a secretária. – É de silicone extensível, que é pegajoso como o diabo, e de facto atrai o composto como o raio de uma escova para borbotos. – Pegou no *tablet*, tocou com o dedo duas vezes no canto do ecrã e apareceu a imagem de um telemóvel num tabuleiro de vidro de laboratório sob uma luz normal. – Baixámos as luzes e fizemos incidir ultravioletas. – O telemóvel na imagem seguinte brilhava com um tom verde luminoso.

Benford ergueu os olhos do *tablet*. – Porquê verde? – perguntou.

– Porque não? – respondeu Hearsey. – Os soviéticos usavam luminol e nitrofenil pentadieno. Adicionavam ácido hidrocloreto, que tornava o composto deles vermelho sob uma luz ultravioleta. Como nós não quisemos misturar os mesmos químicos, usámos carbolina tetrahydro-beta, o químico que faz com que a carapaça dos escorpiões brilhe num tom verde sob uma luz ultravioleta. Temos uma cientista chamada Bunny Devore no laboratório que adora escorpiões, sabe tudo sobre eles, tem-nos como animais de estimação.

Benford lançou um olhar de aço a Hearsey. – Hearsey – disse –, estou perplexo por achares que eu me interessaria minimamente por questões de química ou por essa tal mulher e o seu interesse repugnante por aracnídeos predadores. Apenas me interessa se o composto é indetetável. A vida da nossa agente depende disso.

Hearsey empunhou o vaporizador antiquado. – Basta vaporizar o alvo a cerca de 60 centímetros de distância e deixar que as gotas pousem de modo uniforme. Não te preocupes. É invisível; não se pode sentir com o tato, não tem sabor, não tem cheiro. Como dissolvemos os químicos em metanol, vamos de facto vaporizar uma nuvem ligeira sobre o objeto; não é como polvilhá-lo com pó para obter impressões digitais. É extremamente fluorescente sob uma luz ultravioleta na gama dos 10 aos 400 nanómetros, e também aparece num cromatógrafo a gás.

– Sim, tenho a certeza de que faz tudo isso e muito mais – disse Benford. – Quanto tempo dura?

– Não sabemos, simplesmente porque não tivemos tempo suficiente para testar a perpetuação – respondeu Hearsey. – Adere bem, e a propagação... a forma como se transfere... parece boa. Se a vossa ilegal tocar na capa do telemóvel e depois mexer num interruptor da luz no escritório dela, tocar no teclado do computador ou pegar numa caneca de café, poderemos encontrá-la.

Benford acenou com a cabeça. – Peço-te o favor de levares isto pessoalmente a Nova Iorque hoje, com o Westfall, contactar o Gable e explicar-lhe tudo. Vou pedir-te que sejas tu próprio a pôr o produto no telemóvel e na capa; mantém a DIVA completamente afastada da coisa e assegura-te de que ela pode entregar o telemóvel num local escolhido pela ilegal sem se contaminar.

Hearsey acenou com a cabeça e levantou-se da cadeira para se pôr em ação.

– Hearsey, aprecio o trabalho que fizeste tão atempadamente – disse Benford. – Tens os meus agradecimentos. Noutros tempos, eu teria redigido um pedido de um prémio de desempenho excecional para ti ou uma citação laudatória para a tua equipa, mas, na Agência acromática atual, estou reduzido a oferecer-te um vale para o empório do café Starbucks aqui na Sede, para poderes desfrutar daquilo a que a jovem que está por trás do balcão a mastigar pastilha elástica espantosamente chama um *grande café latte*, com leite.

Angleton olhava para eles da parede, de esguelha.

CESTINHOS «FRICO» DE QUEIJO PARMESÃO

Misture queijo parmesão ralado grosso e farinha e em seguida tempere com pimenta vermelha e preta. Deite colheradas do queijo numa frigideira não aderente a uma temperatura média, espalme delicadamente para formar um disco fino e cozinhe até dourar de ambos os lados. Coloque o «frico» ainda quente sobre um copo de *shot* ou uma chávena virados ao contrário e deixe arrefecer e endurecer para formar um cestinho. Encha-o com uma mistura de tomates e chalotas temperada com açúcar, orégãos, vinagre de vinho tinto e azeite.

10

Céu vs. Inferno

O penúltimo dia em Nova Iorque. O encontro com SUSAN estava concluído, não havia mensagens de Gorelikov, do Kremlin, e o evento de angariação de fundos com a dissidente russa Daria Repina era às seis da tarde no Hilton da Sexta Avenida. Dominika fez questão de se encontrar com Blokhin de manhã e passear com ele em Manhattan. Tinham o dia todo. Ela planeava escapular-se depois do evento de Repina e encontrar-se mais uma vez com Gable para polvilhar o telemóvel com pó de espião e deixá-lo no local em Manhattan escolhido por SUSAN, um pequeno cemitério desconhecido numa discreta rua residencial. Dominika não teria de acompanhar Blokhin depois das seis da tarde: iam regressar separadamente na manhã seguinte, Dominika por Paris e Bucareste, Blokhin por Berlim.

Blokhin trazia um casaco com os três botões apertados, à parolo. Andava de uma forma empertigada e formal, e mostrava não se interessar pelas maravilhas da cidade, pelo trânsito, as pessoas e as montras, tão calmo como se fosse um inocente de primeira. Mas Dominika via-o lançar olhares furtivos em redor e perguntou-se se o seu cérebro condicionado pelas *Spetsnaz* estaria a processar o turbilhão de riqueza e movimento que rodopiava perante o seu rosto impassível. Caminhava num passo seguro, com os braços junto ao corpo e as mãos como pranchas de madeira pendentes, livres e prontas para entrar em ação. A sua testa brilhava à luz do sol. Dominika lançava olhares ocasionais ao seu perfil rubicundo; podia ser um agricultor ou um homem que trabalhava ao ar livre. No entanto, aquele rosto de rústico refletia, sabe Deus, que horrores. Não dirigia a palavra a Dominika, e ela decidiu não se pôr com conversas fiadas. O que podiam dizer um ao outro, de qualquer modo? Olha como os prédios são altos? Quanto é isso em rublos? Como é que penduraste a amante do presidente do Afeganistão da varanda do palácio?

Dominika era uns 20 centímetros mais alta do que Blokhin, mas o corpo dele era grosso, não, *denso*, como pedra. Por trás, via-se-lhe uma pequena careca através do cabelo fino, mas ele penteava o cabelo de modo a cobri-la o mais possível. Iam a caminhar ao longo de uma das avenidas, avançando por entre os magotes de pessoas, quando um sem-abrigo esguio lhes barrou o caminho e chamou «doçura» a Dominika, pedindo-lhe um dólar. Dominika já vira aquilo várias vezes e sabia que não constituía perigo, mas Blokhin, talvez não compreendendo – dissera a Dominika que não falava inglês –, deu um passo em frente, pôs o antebraço contra o peito do pedinte e arredou-o para um lado como se estivesse a caminhar por uma seara de trigo maduro. O pedinte recompôs-se e deu um passo na direção de Blokhin, mas a força irresistível do empurrão transmitira-lhe alguma espécie de aviso da selva de que devia evitar confrontos com aquele felino, e deixou-os ir, pondo-se a berrar obscenidades nas costas deles.

– Tens de te conter nas ruas – rosnou Dominika a Blokhin em russo. – Estamos aqui numa missão clandestina. Em Moscovo podes matar quem quiseses. Mas não aqui, não enquanto estiveres comigo. – Blokhin olhou para Dominika como se estivesse a decidir se a ia morder, mas depois desviou o olhar e disse *obozhdat*, espera, abriu a porta de uma livraria e entrou, com Dominika a segui-lo. A livraria era enorme, com três andares de estantes com livros, e mesas e pessoas a lerem em cadeirões confortáveis, com o ar perfumado com o aroma de café acabado de fazer na cafetaria do segundo andar. Dominika viu Blokhin estudar o diretório da livraria, a firmar os olhos como um visigodo a ler uma tabuleta na estrada para Roma, e depois dirigir-se para a secção de ficção onde encontrou *Crime e Castigo*, de Dostoyevsky, que mirou atentamente, folheando as páginas.

– Tu não sabes inglês – disse Dominika. – Como é que podes ler isso? – Blokhin olhou para ela inexpressivamente. – Há edições no original russo que podias ler em vez dessa – acrescentou ela.

– Quero aprender inglês. Aprendo sozinho – disse ele, tão casualmente como se tivesse declarado que ia aprender a fazer pão.

As asas pretas de morcego de Blokhin abriram-se e a seguir fecharam-se. Estava a mentir sobre alguma coisa, determinou ela; talvez soubesse ler em inglês. – Porquê este livro? – perguntou Dominika. Era espantoso, aquele

comando atarracado a agarrar o livro de bolso como se fosse uma pistola, decidido a começar a ler.

– Falaram-me sobre esta obra. É um grande romance russo. *Quem lhe falara dela? Sentados na sala do pessoal das Spetsnaz a limpar as baionetas e a discutirem Dostoyevsky?* – É sobre a permissão do homicídio na busca de fins mais elevados – disse Blokhin, com uma lucidez surpreendente. *Algo com que te sentirias à vontade, sem dúvida* – pensou Dominika. Deixou-o embrenhado a fitar os livros, saiu da livraria e dirigiu-se a uma sapataria três portas abaixo, onde se pôs a olhar para as sandálias com tiras expostas na montra. Tencionava fazer um pequeno teste de rua: como reagiria Blokhin quando levantasse os olhos dos livros e visse que Dominika tinha desaparecido? Estaria ele aqui em Nova Iorque para a vigiar?

– Gostas deste estilo? – perguntou Blokhin, aparecendo subitamente por trás dela, o que a fez dar um salto. Ele meteu um par de óculos de sol no bolso do casaco e tirou-lhe a sandália da mão e inspecionou-a, passando os seus dedos de pepino de conserva sobre a pele. Como é que a encontrara tão rapidamente, com centenas de lojas a 50 metros da livraria? Dominika teria de verificar cuidadosamente a sua situação de vigilância antes de se encontrar com Gable esta noite. O sargento Blokhin era alguém com capacidades secretas, e não só de cortar gargantas. Trazia um exemplar do romance num pequeno saco de plástico.

Blokhin disse então que estava com fome e insistiu que fossem a um restaurante coreano comer entrecosto de churrasco, que consumira em grandes quantidades no seu passado, durante exercícios conjuntos de comandos na Coreia do Norte. Devorou o entrecosto lustroso de gordura, acompanhado por montes de *kimchi*, um prato coreano de couve vermelha de conserva, além de salada de cebola e pepino e *ssamjang*, uma pasta picante barrada em folhas de alface.

A soprar baforadas de alho como uma baleia satisfeita, Blokhin entrou a seguir numa loja grande de artigos de desporto e passou uma hora a olhar para serras de arame, machados para campismo, machetes e facas do mato. Os seus olhos diziam tudo. Avaliava cada um dos objetos como arma, como instrumento para matar. – Esta ferramenta é engenhosa – disse Blokhin, passando os dentes de uma serra de arame ao de leve sobre as pontas dos seus dedos. – Passa-se isto por um ramo, puxa-se para a frente e para trás

com estas pegas, e corta madeira tal e qual como uma *pila* normal, uma serra. *Engenhoso, de facto* – pensou Dominika. – *Uma garganta seria mais fácil de cortar do que um ramo de pinheiro.*

– Não te deixam entrar no avião com nada disso – avisou Dominika em russo. – Pede à *rezidentura* que te envie uma ou duas pela mala diplomática: uma para o major Shlykov também. Tenho a certeza de que as árvores dele também precisam de ser podadas. – Blokhin ignorou o comentário e pousou a serra. Dominika queria criar um grau suficiente de inimizade entre eles para poder fingir um desagrado e uma impaciência crescentes e sair da receção de Repina mais cedo para se encontrar com Gable.

– Seria aconselhável não fazer do major um inimigo – disse Blokhin em voz baixa daí a vários minutos, já na rua.

– E porquê? – perguntou Dominika.

– Porque, nesse caso, tu tornavas-te minha inimiga – respondeu ele, com as pontas das suas asas negras a estenderem-se ligeiramente por trás da cabeça, como uma cobra a enfunar o pescoço em sinal de ameaça.

*

O Salão de Baile do Hilton era um espaço colossal, iluminado por lustres e por lanternas douradas metidas em alcovas circulares na parte superior das paredes. Uma multidão de mil pessoas enchia, fila atrás de fila, as cadeiras dispostas quase até ao fundo do salão. Os camarotes de ambos os lados do palco tinham sido reservados para os meios de comunicação; as câmaras de televisão em tripés apinhavam-se e os focos televisivos banhavam o palco alto, enquadrado por um cortinado debruado a veludo de um púrpura de realeza. No centro do palco encontrava-se um atril com microfone. Blokhin queria sentar-se na primeira fila para ouvir a comunicação de Repina, mas Dominika recusou, preferindo ir ocupar um lugar na coxia a meio da sala, perto de uma das saídas. Blokhin ainda argumentou que era melhor ficarem mais perto, mas Dominika sentou-se onde queria e recusou-se a mudar de lugar.

– Os lugares mais perto ficam à vista daquelas câmaras. Queres aparecer nos noticiários da noite? – Blokhin não respondeu, mas sentou-se ao lado dela.

O salão estava ruidoso e cheio de movimento. Diferentes grupos de apoiantes acenavam cartazes em que estavam escritas palavras de ordem, LIBERDADE PARA A RÚSSIA, PUTIN ASSASSINO, SAIAM DA UCRÂNIA LIVRE. Numa série de outros cartazes havia palavras escritas no alfabeto cirílico. Blokhin acotovelou Dominika para lhe chamar a atenção para um desses, em que podia ler-se PENDUREM O PUTIN PELO PESCOÇO. O rosto de Blokhin assumira uma expressão de langor sonolento que, se ela conhecesse melhor o sargento das *Spetsnaz*, teria interpretado como sinal de raiva crescente.

Uma personalidade subiu ao palco, falou sobre donativos de fundos para o Movimento da Rússia Livre de Daria Repina e depois encetou uma longa apresentação, que foi momentaneamente interrompida por um grupo de jovens estudantes a agitarem pequenas bandeiras russas e a entoarem «*Repina, poshël ty*», numa tradução livre «Repina, vai-te lixar». Blokhin e Dominika trocaram um olhar. Sabiam que aqueles agitadores pró-Rússia eram um dos tentáculos do polvo de medidas ativas do Kremlin, uma máquina global concebida para semear a discórdia permanente, criar fossos entre as pessoas e influenciar opiniões. Amanhã poderia ser *dezinformatsiya*, desinformação, num jornal americano ou internacional; no dia seguinte, um documento forjado que inflamasse as ruas árabes contra a Europa socialista ou virasse estados membros da União Europeia uns contra os outros; e no dia a seguir a esse, sabotagem política para alimentar um golpe no Montenegro para desestabilizar os Balcãs. As medidas ativas eram o prato do dia permanente da política externa do Kremlin, e já o eram desde que os bolcheviques aniquilaram os Russos Brancos exilados que se escondiam na Europa na década de 1920.

Desencadeou-se uma breve escaramuça entre agitadores e apoiantes, viraram-se cadeiras e os seguranças do hotel tiveram de escoltar os exaltados pró-Rússia para fora do salão. Enquanto as suas palavras de ordem se iam dissipando ao longe, baixaram-se as luzes, um foco iluminou o pódio e Daria Repina entrou em palco por entre aplausos atroadores. Era alta e magra, com cabelo castanho curto num corte à pajem que lhe caía em caracóis para um lado do rosto. O seu rosto era severo, com rugas criadas pela tensão de se opor ao regime de Putin, de fazer campanha contra ele e denunciar os seus crimes e a sua corrupção há quase dez anos. Encetara a sua *jihad* contra Vladimir Vladimirovich quando era ainda uma jornalista

desconhecida, e, pelos seus delitos, fora amordaçada, empurrada e multada pela polícia. O mundo começou a reparar em Repina quando ela iniciou uma série de digressões pelo continente europeu e pelo Reino Unido, a despertar consciências em comícios, cheia de convicção – o famoso discurso no Royal Albert Hall em Londres assinalou um ponto de viragem – e o Movimento da Rússia Livre nasceu. Após dois meses nos Estados Unidos, começou a jorrar dinheiro a sério para o movimento e Repina transformou-se no rosto da Rússia dissidente.

Em entrevistas, perguntavam-lhe frequentemente se receava pela sua vida. Afinal, Daria fora precedida por destacados jornalistas, membros desleais do governo e luminárias dos partidos da oposição, todos eles desaparecidos: Nemtsov, Berezovsky, Politkovskaya, Khlebnikov, Litvinenko, Estemirova, Lesin. Executados, envenenados ou injetados com Polónio-210, todos tinham sido eliminados por constituírem uma ameaça à única prioridade do chefe de estado: a preservação da sua cleptocracia. Daria respondia invariavelmente que o tempo de Putin estava a esgotar-se, porque o que ele mais receava – que os cidadãos russos se manifestassem na Praça Vermelha – era uma inevitabilidade. Os olhos do mundo estavam agora postos nela; *ela era inviolável*.

Repina começou a falar. A sua voz masculina era eletrizante, o seu entusiasmo e a sua energia fluíam para o halo de um vermelho de rubi que lhe brilhava à volta da cabeça e dos ombros, a proclamar paixão, coragem e amor pela *Rodina* e pelo povo da Rússia, em tempos servo, depois prisioneiro numa União Soviética sem janelas, e agora, inacreditavelmente, servo de novo, a suplicar em gritos ao Ocidente que compreendesse, que o ajudasse a ser livre.

Quando Repina saiu de trás do atril com o microfone na mão como uma estrela de rock e se pôs a perorar contra a corrupção, as pilhagens, os assassínios, as guerras e as alianças indignas que tinham de terminar, a assistência levantou-se e deu vivas. Dominika manteve uma expressão impassível, mas interiormente estava pasmada por ouvir uma russa falar a verdade e dar voz à sua própria raiva indignada que a empurrara para a CIA e para uma vida mortalmente perigosa como espia. Ela, Dominika, estava a trabalhar na sombra, subterraneamente, enquanto que Repina estava de pé nas muralhas, à vista de todos. O coração bateu-lhe acelerado: era uma epifania; não estava só; os seus compatriotas estavam com ela.

Blokhin continuava sentado, com o queixo ligeiramente erguido, de olhos cravados em Repina.

*

– Não consigo ouvir mais esta *kramola*, esta insubordinação – disse Dominika, e levantou-se fingindo-se indignada. – Vou para o hotel dormir. O meu voo é cedo. – Blokhin não se mexeu, e continuou a fitar a cruzada alta sob o foco, que estava a andar de um lado para o outro no palco, agora a denunciar com veemência os *siloviki*, as rémoras agarradas à barriga do grande tubarão branco, a alimentarem-se dos pedaços de carne que tombavam dos queixais do predador. – Não cries problemas esta noite – disse ela num tom sibilante, mas ele ignorou-a. Dominika parou à porta para ver Repina no palco, pensando que gostaria de se encontrar um dia com aquela mulher carismática. Talvez Benford pudesse combinar alguma coisa. Depois empurrou a porta, já atrasada para o encontro com Gable (planeava dizer-lhe a brincar que tinha andado atormentada o dia todo com a recordação daquele beijo, só para o ver embaraçado). Lançou um último olhar a Blokhin, cujas asas negras estavam abertas sobre a sua cabeça como uma ave de rapina prestes a voar.

A comunicação de Repina terminou e ela foi rodeada no palco por jornalistas, admiradores e até mesmo pessoas a pedirem-lhe autógrafos. Blokhin estava de pé, em silêncio, nas franjas das pessoas à volta de Repina, a sorrir de modo agradável e a aplaudir com o resto da multidão. Só daí a uma hora Repina e a sua assistente, Magda, uma jovem ativista de Moscovo de aspeto desleixado, puderam ir para o seu quarto no sexto andar do hotel (pago pela cidade de Nova Iorque). Iam escoltadas por dois agentes do NYPD, os sargentos Moran e Baumann, veteranos da força policial. Baumann prestara serviço na unidade de serviços de emergência do NYPD durante seis anos, até dar cabo de um joelho durante um assalto e voltar para o serviço regular. Ambos os homens se tinham disponibilizado para aquela missão de proteção ligeira, porque precisavam das horas extraordinárias; a tarefa habilitava-os a um pagamento duplo de horas extraordinárias e não requeria grande esforço, basicamente só teriam de ficar sentados num sofá do hotel a ver televisão, a comer batatas fritas e a beber Coca-cola. Ir aos comícios era uma seca, mas ninguém iria meter-se

com Repina na cidade de Nova Iorque. Ambos os sargentos trajavam à paisana – estavam com casacos desportivos de *tweed* por cima de camisas brancas, com as suas Glocks 19 em coldres na anca direita. O olhar treinado de Blokhin detetou a ligeira saliência das pistolas de 9 milímetros por baixo dos casacos dos polícias – aquilo a que se chamava «impressão» em círculos onde a ocultação de armas era importante, mas normalmente algo que não preocupava os agentes policiais fardados.

Blokhin apanhou o elevador com os quatro, enfiando-se por entre as portas já a fecharem-se com um pedido de desculpa e acenando cortesmente às pessoas enquanto se dirigia para a parte de trás do elevador. Magda estava a conversar com Baumann, mas Repina pôs-se a olhar fixamente para Blokhin, com o seu faro russo a pressentir algo familiar naquele homem, no seu rosto, nas suas roupas, nas feromonas que se evoluavam dele.

– *Na kakom etazhe vy khotite?* – perguntou Repina rapidamente em russo. Para que andar vai? Blokhin pestanejou e, num inglês britânico com um ligeiro sotaque, disse: – Desculpe, mas não falo polaco. – Repina sorriu e perguntou em inglês: – Para que andar? – Blokhin respondeu: – Para o quinto, por favor – ao ver que o sargento Moran, sem ter em consideração uma das técnicas básicas do ofício, tinha já premido o botão do sexto andar, revelando assim para onde se dirigiam. Repina fitou Blokhin durante todo o percurso, e encolheu os ombros quando ele saiu no quinto andar com um aceno de cabeça e um «boa noite» murmurado. Os dois sargentos ficaram a ver o Cara Retalhada Blokhin a percorrer o corredor enquanto as portas do elevador se fechavam lentamente.

– Era o mais popular na turma dele – murmurou Moran a Baumann, que acenou com a cabeça. Repina e Magda não compreenderam a piada.

Na alcova do quinto andar, Blokhin espreitou para fora, perscrutou o teto e identificou a lente preta olho-de-peixe das câmaras de vigilância, uma em cada ponta do corredor. Não podiam vê-lo no recanto do elevador. Enfiou na cabeça uma balaclava de neoprene que lhe cobria o rosto todo, empurrou as portas de incêndio e subiu a correr um lanço de escadas. O grupo de Repina estava a entrar num quarto a meio do corredor, e Blokhin esperou que entrassem todos e fechassem a porta. Aguardou mais cinco minutos, a fletir os ombros e a descontrair os pulsos. Encaminhou-se para o quarto, inspirou fundo e bateu à porta levemente, como o pessoal do hotel ou uma criada de quarto bateria. Tirou o capuz e baixou a cabeça.

Se Iosip Blokhin estivesse ligado a monitores naquele momento, verificar-se-ia que estava com 50 pulsações por minuto, a sua pressão arterial era de 110 sobre 70 e a taxa de ventilação de 12 respirações por minuto. A sua reação galvânica da pele, uma indicação de *stress* medida em microsiemens, estava em níveis de «repouso». Ele reconhecia a clareza tranquila que sentia sempre antes de entrar em combate, a súbita acuidade de visão e o aguçamento dos sentidos do olfato e da audição. Saboreava o travo gélido da ação imediata e o prazer viscoso de uma matança iminente. Ouviu passos abafados na alcatifa a aproximarem-se. O óculo da porta ficou escuro por um segundo e depois ouviu-se o deslizar do ferrolho a passar pelo trinco para a porta se abrir.

Blokhin arremessou o ombro direito contra a porta, partindo a corrente de segurança e dando com a esquina da porta na testa do agente Baumann, que caiu para trás e bateu com a cabeça na parede. Tentou pôr-se de pé, mas Blokhin atirou-se a ele como um leopardo a um babuíno e atingiu-o no pescoço com um golpe do lado da mão, comprimindo-lhe a traqueia e atirando o polícia, sufocado, para o chão, onde Blokhin lhe assestou um pontapé na maçã de Adão, esmagando-lhe completamente a traqueia. Blokhin virou o polícia estrangulado de rabo para o ar para lhe tirar a Glock do coldre; extraiu o pente de 15 balas para o verificar; e depois destravou a arma ao entrar na sala da mini-suite, tirou uma almofada de um amarelo vivo de um cadeirão e aproximou-se do sargento Moran, que estava deitado no sofá em peúgas, a ver um jogo de basebol.

– Quem é que estava à porta? – perguntou Moran, sem desviar os olhos da televisão, e Blokhin disparou sobre ele quatro vezes através da almofada, a um metro de distância, alvejando-lhe a têmpora, a face e o maxilar, e depois virou-se para Magda, que estava sentada à secretária, boquiaberta, e disparou seis vezes sobre ela através da almofada agora desfeita, para a sua boca aberta, testa e pescoço, o que a projetou para trás na cadeira e a fez tombar por entre uma confusão de enchimento e tecido da almofada, com pedaços flutuantes a pousarem na sua face ensanguentada e a colarem-se a ela. Tinham-se passado 11 segundos desde que Blokhin batera à porta.

Daria Repina entrou descalça na sala de estar, por entre uma nuvem de vapor da casa de banho, envolta num roupão do hotel, demasiado grande para ela, a secar o seu cabelo curto com uma toalha. Estacou ao ver Blokhin na sala, o tipo esquisito do elevador, e a sua combatividade natural

apoderou-se dela. Perguntou-lhe o que estava ali a fazer e mandou-o pôr-se na rua, quem raio julgava ele que era? Blokhin olhou-a de frente e disse em voz baixa: – *Tolko choromu I ne vezot*. Sou só o gato preto, e não trago sorte. *Mãe de Deus*, pensou Repina, só então reparando num dos pés descalços de Magda espetado no ar por cima da cadeira tombada e no rosto ensanguentado de um dos polícias no sofá encharcado, e soube então que aquele homem era de Moscovo, enviado por Putin, e correu para o quarto, virou-se para bater com a porta e chegar ao telefone, mas Blokhin atirou-a para cima da cama e atingiu-a violentamente quatro vezes com um golpe de mão em faca das *Spetsnaz*: um golpe no lado direito do pescoço, a esmagar-lhe o plexo braquial entre a clavícula e a primeira costela, depois com as costas da mão para lhe atingir a parte inferior esquerda da caixa torácica, esmagando a sétima e a oitava costelas, o que lhe perfurou o lóbulo inferior do pulmão esquerdo, em seguida um movimento ascendente para o lado esquerdo do pescoço e de novo para baixo, para lhe fraturar o lado direito da caixa torácica, perfurando-lhe o pulmão direito, provocando de cada vez um ronco em Repina, agora quase sem sentidos. Tremia-lhe convulsivamente o corpo quando Blokhin a sentou e lhe envolveu o queixo com as suas mãos como pinças de lagosta e lhe fez girar lentamente a cabeça, primeiro para um lado e depois para o outro, à escuta para ouvir o estalido das vértebras cervicais C2, C3 e C4 a separarem-se. Repina tombou sobre o colchão, com um olhar vazio que já não lhe permitia ver o algoz de Putin. Tempo decorrido: 17 segundos.

Blokhin recebera ordens para destruir o alvo com a máxima *unizhenive*, a máxima humilhação. Moscovo queria que Repina fosse encontrada de manhã, reduzida a um amontoado despedaçado de carne, uma demonstração da cólera russa e um aviso a outros que se atrevessem a seguir o exemplo dela. Arrancou-lhe à bruta o roupão de banho – o seu corpo magro era já uma massa chocante de hematomas – e arrastou-a por um tornozelo para fora da cama, com a cabeça a bater no chão, para a sala de estar, com o seu pescoço partido a sacolejar, para o meio da alcatifa, os pulsos cruzados por cima da cabeça e as pernas bem abertas, com os órgãos genitais cruelmente expostos. Deixou os outros corpos onde estavam, num testemunho mudo da ira do Kremlin. Blokhin gravou um *B* na barriga de Repina com o saca-rolhas do mini-bar (o *V* cirílico do grupo *Vypel* das *Spetsnaz*) para os investigadores decifrarem. Não interferiu sexualmente com nenhuma das

mulheres, o quadro do massacre bastava, e tirou uma fotografia panorâmica da sala com o telemóvel. Tempo total decorrido: três minutos. *Sou só o gato preto, e não trago sorte.*

Ao sair do quarto, antes de voltar a enfiar a balaclava na cabeça, olhou para a sua obra: *Só falta uma coisa* – pensou. – *A coronel Dominika Egorova devia estar aqui deitada na alcatifa ao lado da Repina, a fitar o teto. D'yavol, o Diabo.* Seguiria-a depois de ela regressar do encontro com a ilegal, mas perdera-lhe o rasto muito facilmente – o isótopo era demasiado fraco. Shlykov dissera que ela era exímia na rua, e era, melhor do que qualquer outra pessoa que ele já tivesse conhecido, mas não passava de uma espia, ao fim e ao cabo. Blokhin sabia que ela acabaria por cometer um erro, e então esmagá-la-ia, tal como pisaria um caracol no jardim.

ENTRECOSTO DE CHURRASCO COREANO DE BLOKHIN

Passe as tiras de entrecosto cortadas por água fria. Num recipiente à parte misture molho de soja, açúcar amarelo, vinho de arroz, óleo de sésamo, pimenta preta e pimenta de caiena. Combine cebola, alho, peras e gengibre e reduza a um puré, ao qual acrescentará em seguida a mistura de molho de soja. Adicione sementes de sésamo torradas e um pouco de água para tornar a marinada menos espessa. Verta a marinada sobre as tiras de entrecosto e vire-as de um lado e do outro para as cobrir completamente. Deixe a repousar no frigorífico durante a noite, retire e espere que fiquem à temperatura ambiente para escorrer a marinada. Grelhe ou asse até o entrecosto ficar caramelizado. Sirva sobre folhas de alface com pasta de *ssamjang*, pimentos de conserva, *kimchi*, salada de pepino e arroz cozido ao vapor.

11

Aos Baldões

Alexander Larson era proprietário de uma moradia em banda de estilo Georgiano em P Street NW em Washington, mas aos fins de semana escapava-se regularmente para a casa com cinco quartos no rancho do seu falecido sogro, perto de Edgewater, em Maryland, nas margens de Pooles Gut – um rio estreito que desaguava no rio South abaixo de Annapolis, uma das centenas de afluentes que constituíam a bacia hidrográfica de Chesapeake Bay. Ao fundo do extenso relvado da casa havia um cais fixo ao longo de uma rampa pavimentada para barcos. Uma garagem ampla nas traseiras da casa continha dois pequenos barcos em atrelados: um deles era um insuflável rígido preto de sete metros e meio (um RIB) com uma consola de direção central, um radar Decca montado numa estrutura de alumínio na popa e dois motores de popa Mercury de 115 cavalos, umas bestas que eram capazes de fazer avançar o RIB a 40 nós. O RIB era usado pelos guarda-costas do diretor da CIA e tinha um armário estanque mesmo à frente da consola de direção no qual se encontravam guardadas duas carabinas Colt M4A1 de calibre .223.

O segundo barco na parte de trás da garagem era o orgulho de Larson: um Lyman Runabout de 5,10 metros construído em 1961, com um casco de madeira restaurado, uma proa graciosamente alargada e corrimões de mogno e metal polido. O distintivo para-brisas em ângulo e a flâmula alegre do Lyman na proa denotavam o estatuto de clássico do Runabout, embora não tanto como o motor de popa Johnson Seahorse de 25 cavalos de 1955, de um verde-floresta, uma antiguidade restaurada que trabalhava impecavelmente e era perfeito para fugir a 20 nós das frequentes tempestades de Chesapeake ou para vogar lentamente à pesca de robalo riscado a 9 nós. Havia duas canas de pesca Shimano presas em argolas ao longo das amuradas, com dispendiosos carretos Tekota. Num armário debaixo do banco da popa havia dois cestos de pesca com diferentes tipos de iscos.

Alex Larson não era um fanático da pesca, mas apreciava o tempo solitário que passava no seu barco e adorava preparar robalo riscado *à la Fiorentina*, tal como o provara pela primeira vez em Roma. A sua mulher não gostava de ir para o meio da baía, cujas águas eram por vezes bastante agitadas e faziam o Lyman de fundo redondo balouçar-se e rolar como um pino de bólingue flutuante, especialmente num mar de través em velocidade lenta de pescaria. Com relutância, Simon Benford acedera numa ocasião a sair para o mar com Alex, mas, como os balouços e os sacões o puseram verde e detestou mexer em isco vivo, jurou que da próxima vez ficaria em terra e beberia o uísque de Larson enquanto o amigo ia pescar o jantar.

Às seis da manhã de um dia fresco de outono, o céu sem nuvens a leste estava a ficar róseo quando os dois agentes da equipa de guarda-costas do DCIA colocaram os dois atrelados em posição junto à água verde do rio. Sabiam que Larson desceria da casa daí a 15 minutos com um termos com café, um cantil com uísque americano (que, sabiam, ele escondia dos seus seguranças) e uma sanduíche de carne assada embrulhada em papel de alumínio e preparada pela sua governanta. Hoje, os agentes eram Bennett e Scott, cada um com cinco anos de experiência na equipa de guarda-costas e mais de dez anos nas Forças Especiais. Tinham examinado os cascos de ambos os barcos à procura de minas na quilha, verificaram os armários no Lyman e ligaram o motor de popa Johnson para o aquecer. Antes de o Velho descer da casa, enfiaram pentes com 30 balas nas suas metralhadoras M4, montaram-nas e travaram-nas e guardaram as armas em segurança no armário. Adicionalmente, ambos traziam Glock 17 com balas de 9 milímetros em pentes de 17 balas metidas em coldres Frontier Gunleather CC1 debaixo das camisolas e casacos de oleado – sabiam por experiência que no alto mar podia ficar frio e chuvoso de repente. Não eram marinheiros experientes, mas tinham as noções básicas.

Na água, Bennet e Scott fizeram girar o RIB e policiaram o rio para se assegurarem de que não havia perigo, com o Lyman a segui-los lentamente, mal deixando um rasto à primeira luz do dia. Ninguém reparou no homem na carrinha estacionada ao lado de Waterview Drive, a olhar por entre as árvores enquanto o Lyman descia vagarosamente o Pooles Gut e saía para o Rio South.

Como o RIB era infinitamente mais veloz do que o Lyman, mesmo quando aquela antiguidade ia com o motor no máximo, Bennett e Scott

avançaram lentamente para verificar o tráfego mais abaixo no rio, na parte em que desaguava na vasta bacia de Chesapeake. Um deles mantinha sempre o Lyman debaixo de olho, e periodicamente verificava o ecrã do radar, que cobria cerca de 10 milhas, para detetar antecipadamente a presença de pesos-pesados: petroleiros e navios-contentores a subirem o canal para Baltimore. Voltavam depois para junto do DCIA, posicionavam-se à popa numa viragem violenta que revolia as águas à luz do sol da manhã e seguiam-no, sentindo o cheiro do cachimbo do seu chefe, mesmo a 60 metros de distância. O processo de ir à frente e depois voltar a toda a velocidade para trás repetia-se sempre que necessário, especialmente se um barco desconhecido – lancha, barco de recreio ou bote – desse a impressão de ir passar perto.

Havia apenas uma regra: o RIB tinha de se manter a uma distância de pelo menos cem metros quando o DCIA começasse a pescar. O ruído surdo dos motores Merc assustaria os robalos melindrosos na Corrente do Golfo, por Deus, já para não falar de Thomas Point Shoal, na foz do rio, ou de Bloody Point Bar, a cinco milhas do outro lado da baía, na ponta da ilha Kent, na margem leste. Esses dois locais eram os favoritos de Larson – produtivos e não muito longe de casa. Atava uma Slug-Go, uma minhoca de plástico de 12,5 centímetros de uma brancura de osso e com uma cauda lisa que fazia o isco ondular irresistivelmente para os robalos predadores. Experimentava o rochedo em torno do farol histórico de Thomas Point: a frívola casa hexagonal sobre estacas, com portadas verdes e seis empenas, com o farol Fresnel numa cúpula com telhado em forma de pagode, como uma cereja em cima de um bolo.

Não havia peixes à volta do rochedo; por vezes, os robalos riscados descem às profundezas do mar e alimentam-se de cardumes de peixes pequenos, *bastante parecidos com alguns membros do Congresso* – pensou Alex, e içou a linha, pousou a cana no convés da popa e saltou por cima do poste do assento da frente para se sentar ao volante, um processo algo complicado, com a instabilidade do Lyman. Acelerou o motor Johnson e avançou, acenando aos tipos no RIB, que, entediados de morte e embalados pelas ondas, só viram o Lyman virar para leste para atravessar a baía em direção à ilha de Kent quando o DCIA fez soar a buzina, dois sons breves e um longo. Embaraçados, escoltaram o Lyman na travessia pelo canal dos navios, atentos ao tráfego. Larson conseguia calcular onde ficava o Bloody

Point Bar traçando uma linha entre a marina da ilha de Kent e o paredão da praia de Bloody Point. Manteve o olhar nos seus pontos de referência, e a cerca de uma milha da costa desligou o motor, pôs-se de pé no convés da popa, equilibrando-se facilmente no balouçar do barco, e tentou lançar a linha algumas vezes com um isco de colher. No RIB, Bennet e Scott posicionaram-se a 150 metros a montante do pequeno Lyman para vogarem na sua direção em vez de se afastarem.

Um típico barco de ostras velho, um *deadrise* de Chesapeake – uma designação que alude ao ângulo acentuado do fundo do barco destinado a proporcionar mais estabilidade – com uma proa a direito, motor à frente e popa comprida e aberta, estava a trabalhar mais perto da costa, a apanhar ostras. O homem do barco estava a recolher a draga de dentes aguçados que desalojava as ostras do seu leito e as atirava às pazadas para um cesto de rede de aço. Bennett e Scott não tinham conhecimentos suficientes para perceber que o homem não estava a esvaziar a draga, mas só a lançá-la sem resultado ao longo da praia, a cerca de 800 metros do Lyman. Alex Larson também não reparou, porque já tinha pescado um robalo riscado de quase um metro, que talvez pesasse uns sete quilos, e estava decidido a pescar mais um. Mais qualquer coisa. Nenhum deles reparou no que um marinheiro instintivo reconheceria no céu do fim da manhã: o tempo.

Aquecida pelo sol, a humidade do Golfo do México estava a erguer-se por cima da baía para a atmosfera, onde colidiu com uma corrente de ar frio e acabou por alastrar e criar o topo em forma de bigorna de uma tempestade. Com a água a acumular-se nas nuvens, começou a chover, e as variações da temperatura criaram um cisalhamento do vento de 60 nós, acompanhado por trovões e raios. Nem Alex Larson nem os agentes no RIB reconheceram que a trovoadas estava a transformar-se numa clássica borrasca. O resto do céu estava azul e a superfície das águas da baía só levemente ondulada. O barco das ostras, incongruentemente, continuava na sua não dragagem, um pouco mais perto do Lyman. E depois aconteceu. Da superfície das águas da baía, as nuvens negras cada vez mais baixas, com bandas de chuva puxada a vento, foram precedidas por uma rajada de ar quente, seguida pela espuma branca da chuva torrencial a mover-se sobre a água como uma onda de choque visível. A primeira bátega de chuva horizontal e o vento forte fizeram inclinar o Lyman, ao mesmo tempo que um trovão tremendo rasgou o céu e um raio se desfechou na água ao lado

do barco, com o feixe de luz rodeado por um plasma verde. Larson equilibrou-se precariamente no barco, que estava a balouçar-se para um lado e para o outro, e vestiu um impermeável que tirou do armário. A chuva picava-lhe o rosto como agulhas e o vento insano enfunou-lhe o impermeável enquanto ele tentava apertar o fecho. Deixou cair a cana de pesca no convés e agarrou-se ao corrimão lateral, ensurdecido pelos trovões e a perguntar-se se o Lyman continuaria a balouçar até se virar. O vento amainou quase impercetivelmente e depois voltou, a rugir mais forte do que antes, e deslocou-se 90 graus, fazendo o Lyman oscilar de tal modo que entrou no barco uma verdadeira banheira de água cinzenta como lousa. Mais duas ocorrências daquelas e a sua preciosa antiguidade afundar-se-ia com ele dentro. Tentou avançar para o poste do assento da frente, para se pôr ao volante, ligar o motor da popa e virar a proa para o vento, de modo a estabilizar o barco e a permitir que a elevação da proa esvaziasse a água, mas não conseguia soltar-se. O raio do casco ainda estava a oscilar e Larson sentia o rosto esbofeteado pela água do mar de cada vez que o barco baixava. Viu com espanto uma luva de borracha erguer-se das águas revoltas, e depois outra, e agarrar o corrimão lateral e puxar o barco violentamente para baixo com o balouço seguinte. Larson ficou tão inclinado para a frente que o lado do barco lhe embateu nos joelhos e ele foi catapultado para a água. O sal picou-lhe os olhos – os óculos tinham-lhe voado do nariz – e sentiu que as roupas e as botas se enchiam com água e sabia que tinha de conseguir tirar as botas e o impermeável e impulsionar-se para a superfície. Bennett e Scott estariam lá para o içar para o RIB e esvaziar o Lyman e rebocá-lo para casa. Em vez disso, sentiu a luva de borracha agarrá-lo pela gola do impermeável, virá-lo de pernas para o ar e começar a puxá-lo para o fundo, onde a água era mais fria e os robalos riscados fitavam os iscos fluorescentes que lhes eram acenados diante dos olhos por homens em frágeis barcos lá em cima, à luz do sol. Alex Larson não pensou em Vladimir Putin quando parou de respirar e engoliu água salgada.

*

Tal como o seu protegido, os agentes no RIB só reconheceram os indícios da borrasca quando já era demasiado tarde. A cerca de 200 metros, viram o

Lyman ser apanhado num lençol de chuva que o ocultou completamente. Os raios e os trovões eram incessantes. Scott já tinha acelerado para aproximar o RIB do Lyman, para estabilizar o barco e ajudar o chefe. Uma onda grande rebentou sobre a proa achatada do insuflável à prova de afundamento, e uma cascata de água verde jorrou sobre a embarcação e a consola de direção, derrubando ambos os agentes. Sem ninguém ao volante, o RIB inclinou-se num círculo desatinado no preciso momento em que o vento mudou de direção num ângulo de 90 graus e levantou parcialmente o casco de borracha, o que quase fez com que o barco fosse pelo ar e tombasse ao contrário. Os dois agentes seguraram-se às correias ao longo dos pontões enquanto o RIB, a toda a velocidade, continuava a matraquear as ondas em círculos loucos. Finalmente, Bennett conseguiu chegar ao volante, reduziu a velocidade e tentou orientar-se. Com a chuva torrencial e o mar encapelado, a visibilidade era muito reduzida, cerca de seis metros. Sem marcos e sem a linha da costa visível, os dois agentes sentiram-se desorientados e não sabiam onde se encontrava o barco do DCIA. Ao verificarem o radar, viram um ponto que poderia ser o Lyman e apressaram-se a ir até ele sob a chuva que picava como agulhas, mas, em vez do barco, encontraram uma boia de um cesto para apanhar caranguejos que se tinha soltado e estava a flutuar nas ondas. Continuavam a não fazer ideia da direção em que se encontrava o Lyman – era o mesmo que estarem no meio do oceano, e porem-se a andar de um lado para o outro poderia levá-los para mais longe. Daí a dez minutos a tempestade passou e, com as últimas gotas grossas de chuva a pontilharem o casco de borracha do RIB, o sol apareceu de novo. A uns 800 metros de distância, entrevia-se o casco branco do Lyman na neblina que ainda pairava sobre a superfície da água.

Os agentes dirigiram-se a toda a velocidade para o Lyman, que ainda se balouçava loucamente, com a cana de pesca e o carroto a deslizarem no convés. Não há nada mais agourento do que um barco vazio a vogar na água, um testemunho mudo de uma alma reclamada pelo mar. Enquanto Bennet, frenético, comunicava por rádio com a Guarda Costeira e depois contactava o gabinete de segurança na Sede, Scott, a toda a velocidade, encetou uma busca, a esquadrihar as águas na direção do vento à procura de sinais do DCIA, que, como os dois guarda-costas sabiam, não usava colete salva-vidas. O Lyman tinha estado fora do raio visual deles durante aproximadamente 19 minutos, e não havia mais nenhum barco a uma milha

em redor. O mau tempo empurrara até o barco das ostras para o porto. O que se seguiu foi a usual busca da Guarda Costeira ao longo de dois dias, com helicópteros e lanchas, concentrando-se na parte mais baixa da baía, com base na hora estimada do acidente e na maré vazia prevalecente. O corpo de Alex Larson foi finalmente encontrado ao terceiro dia, de rosto para baixo num banco de areia junto a Race Hog Point, na ilha de Pone, a cerca de 50 milhas a sul da ilha de Kent. O FBI investigou o incidente com a Guarda Costeira, e ambas as autoridades concluíram que o DCIA se tinha afogado em resultado de um acidente de barco.

Quando a notícia oficial do acidente foi divulgada, o presidente Putin, indo contra o conselho de Anton Gorelikov, telefonou ao presidente dos Estados Unidos para lhe apresentar os seus pêsames pela perda de um profissional dedicado, funcionário público empenhado e homem honrado. A mordacidade eslava dos comentários de Putin não foi reconhecida pelo presidente dos Estados Unidos, que já estava a considerar candidatos para preencher o cargo de DCIA. Como Gorelikov previra, a vice-almirante Rowland constava da lista final de candidatos à direção da CIA. Toda a sua bajulação ao vaidoso presidente surtira efeito. Ela era alguém de fora, uma mulher inteligente e que acreditava em soluções diplomáticas com parceiros de coligação em vez do recurso ao conflito armado por tudo e por nada. O presidente apostava na almirante Rowland para a prossecução das reformas no seio da CIA em questões de diversidade, quotas de promoção, e, francamente, na redução dos truques que só antagonizavam governos estrangeiros.

Em Langley, os ramos relevantes na Direção de Operações encarregaram as fontes russas e contraterroristas de averiguar se existiam algumas conspirações conhecidas para fazer mal ao diretor. Nem sequer a própria DIVA ouvira fosse o que fosse no Kremlin, e, através de um agente da estação de Moscovo, enviou as suas condolências a Benford, que estava inconsolável.

Simon confidenciou a Forsyth que suspeitava que os russos tinham planeado o acidente de barco, que era nada mais nada menos do que um assassinato político ordenado por Putin. Benford chamou Hearsey para lhe pedir informações sobre *drones* de curto alcance que pudessem ser equipados com uma carga explosiva, compostos biológicos gasosos ou até com um só míssil de 6,8 centímetros. Talvez um operacional infiltrado

pudesse dirigir um *drone* suficientemente perto para apanhar Putin no exterior durante uma pescaria ou uma caçada e assim vingar a morte do DCIA. Hearsey olhou para o chão sem dizer nada e por fim Forsyth pediu a Benford que se deixasse de alucinações e se concentrasse no problema mais imediato: vetar os três candidatos a DCIA indicados pela Casa Branca, um triunvirato de progressistas nas boas graças de Washington, nenhum dos quais morria de amores pela Agência.

– Talvez devêssemos reconsiderar esses tais *drones* – disse Hearsey ao sair do gabinete de Benford.

Os três nadadores de combate do *Vympel* Grupo 3 das *Spetsnaz* – uma unidade sediada em Moscovo e normalmente utilizada pelo SVR para executar «missões molhadas» de natureza melindrosa no estrangeiro (espancamentos, raptos e assassinatos) – não regressaram à sua unidade após uma missão especial não especificada, sendo antes transferidos para uma unidade de infantaria naval na base naval Bolshaya Lopatka da Esquadra do Norte, acima do Círculo Ártico, na península Kola, a 70 quilómetros a leste da faixa da fronteira setentrional da Noruega com a Rússia. Aos três agentes foram concedidos privilégios de acesso à messe dos oficiais na base e licenças de fim de semana em Murmansk uma vez por mês. Tinham plena noção de que nunca deveriam mencionar a baía de Chesapeake, especialmente desde que um janota de pera no Kremlin os avisara das consequências de quaisquer indiscrições. Não tinham nenhum desejo de serem residentes dos *Upravlenie solovetskogo e Karelo-Murmanskikh ITL*, os Campos de Solovki e Karelia Murmansk, em tempos *gulags* enchidos por Estaline e agora horrendas prisões distritais modernas, embora ainda com as canalizações originais de 1935.

ROBALO RISCADO A LA FIORENTINA

Salteie filetes de peixe em manteiga e óleo até dourarem. Reserve. Num tacho, salteie tomates pelados inteiros, anchovas, alho picado, coentros picados, alcaparras, uma colher de vinagre balsâmico e batatas cortadas às rodelas finas até cozerem e o molho engrossar. Sirva o peixe sobre uma camada do molho.

12

Mérito à Pátria

A morte por afogamento do DCIA Alex Larson foi fortemente sentida pelo pessoal da CIA, e o número de funcionários comovidos e em silêncio no serviço fúnebre realizado diante da parede de estrelas gravadas no mármore, estrelas essas que representavam agentes da CIA mortos no cumprimento do dever, era tão grande que o átrio da frente estava apinhado, e centenas de pessoas tiveram de assistir à cerimónia através de ecrãs em circuito fechado montados na cafetaria. Simon Benford estava convencido de que o Kremlin se encontrava por trás da morte do DCIA, e continuava a incumbir as divisões operacionais de sondar ativos sobre quaisquer indícios da cumplicidade da Rússia no sucedido.

A perda chocante do DCIA foi agravada por outra catástrofe: detenções súbitas e inexplicáveis dentro da rede de espionagem COPPERFIN. Uns quantos engenheiros recrutados no consórcio aeroespacial russo OAK foram subitamente detidos pelo FSB, e andavam a ser conduzidos interrogatórios 24 horas por dia numa tentativa de identificar outros membros da rede. Só dois ativos mantinham comunicações esporádicas, e as suas mensagens eram de pânico e quase incoerentes. Os correios da COPPERFIN conseguiram exfiltrar um punhado de agentes – num dos casos, uma família inteira – mas um número igual foi apanhado e detido na fronteira. Na última contagem, pelo menos 12 fontes não respondiam a pedidos de «sinal de vida»; estavam desaparecidas e a sua situação era desconhecida. Benford sabia bem que este era o pior caso na história de uma grande rede de espionagem – o desmantelamento inexorável, os interrogatórios contínuos, as tentativas desesperadas de escapar, as detenções, e, por fim, os comunicados de imprensa triunfantes do Kremlin.

Benford sabia que a derrocada da COPPERFIN era obra de MAGNIT. No entanto, com base no caótico desempenho de contrainformação do FSB – andavam a desmantelar a rede aos poucos, não de uma só vez – Benford estava convencido de que a toupeira não tinha acesso direto à COPPERFIN

e ficara a par da existência da rede de modo incompleto e por acaso. No léxico dos espiões, MAGNIT tinha «aspirado» a informação: uma conversa ouvida, mexericos segredados, um aparte descontrolado, o conteúdo de uma caixa do correio lido de pernas para o ar. Uma obtenção de informações por acaso, que não poderia incriminar a toupeira e proporcionava ao FSB a liberdade de atuar decisivamente. Por consequência, não havia nenhuma lista de pessoal com acesso a esse tipo de informação a que se pudesse recorrer para descobrir a identidade do traidor.

– O problema de uma caça à toupeira – disse Benford a Gable e a Forsyth – é que não se pode anunciar, arrastar suspeitos para os interrogar, começar imediatamente a passar em revista cem mil ficheiros informáticos do pessoal ou pôr telefones e computadores de prováveis culpados sob escuta sem autorizações e mandados. E não se pode pôr uma data de tipos do FBI ao corrente, porque a reação imediata deles seria meterem-se num Ford Crown Vic preto e irem entrevistar os suspeitos nas suas casas, e perguntar-lhes diretamente se cooperam ou alguma vez cooperaram com uma potência estrangeira. Esperam colaboração imediata – afinal, é crime mentir ao FBI. O efeito cumulativo das suas tentativas de persuasão, claro, é alertar a toupeira, que foge para os montes, e o resultado é um visto de residência permanente emitido pelo ministério dos Negócios Estrangeiros russo e um apartamento num prédio alto na zona de Babushinsky, providenciado pelo FSB, num conforto modesto onde todos os sábados à noite, pela parede de tabique, o traidor pode ouvir os vizinhos a foderem.

– Agora temos um novo problema – disse Forsyth. – Aparentemente, o MAGNIT anda a circular um pouco mais. Anda a ouvir segredos como o da COPPERFIN. Está feito bicho da madeira.

– É mas é uma porra de um cato espinhoso – disse Gable. – A chave disto tudo é o raio do canhão naval. A Domi disse-me que o MAGNIT já está ao serviço deles há uns dez ou doze anos. Tem de ser essa a chave; quem é que está no projeto do canhão há esse tempo todo?

Benford girou na cadeira. – Estamos a investigar todas as hipóteses, mas podia ser alguém que *previamente* trabalhou no projeto, mas já não trabalha nele. A DIVA comunicou que o MAGNIT vai ser promovido a um cargo político. Isso alarga-nos o campo de investigação.

– OK – disse Gable. – Mas a Domi mencionou que aquele espertalhão do Kremlin quer que o único agente de contacto do MAGNIT seja aquela

ilegal de Nova Iorque e o caso seja tirado aos pacóvios do GRU. Com tantas lutas internas, talvez a Domi acabe por descobrir o verdadeiro nome do MAGNIT numa lista de acesso restrito.

– Não podemos esperar tanto tempo – disse Benford. – É uma sangria desatada de segredos.

– Talvez não tenhamos de esperar muito tempo. Há um grande número de intrigas no Kremlin – disse Forsyth. – Não é como nos anos em que o Brezhnev andava a borrar a fralda e os outros o ampararam de pé para ele assinar o tratado de desarmamento. A DIVA diz que o Gorelikov é autónomo, é leal ao Putin, mas faz as coisas à maneira dele. Tem o GRU na mira. A DIVA está prestes a ser promovida. Ela vai conseguir obter esse nome.

Benford abanou a cabeça, a duvidar.

– É um território perigoso para a nossa moça, com estas conspirações todas – disse Gable. – Temos de a manter debaixo de olho. Ela anda um bocado exaltada, a modos que temperamental. Precisa de novo equipamento SRAC logo que possível.

Benford gemeu ao ouvir aquilo. – Não há novo equipamento SRAC. Os nossos colegas inescrutáveis das Operações da China solicitaram e receberam os dois últimos sistemas disponíveis, que estão já ligados a satélites em órbita geossíncrona para cobrir o teatro de operações asiático. Não quiseram ceder nenhum dos dois. A recusa deles foi delicada mas implacável, o que, creio, mais uma vez prova a minha tese de que os gabinetes operacionais adquirem as características culturais dos seus países-alvo. Bastante inescrutáveis.

A despesa dos SRAC está agora oficialmente vazia. Na última vez que isso aconteceu, a Casa Branca do presidente Carter sugeriu que usássemos um rádio de alta frequência e código Morse. O diretor provisório acabou de dar ordens para que o trabalho de investigação e desenvolvimento da nova geração de SRAC seja suspenso. Quer desviar o orçamento técnico para o lançamento de satélites que calibrem o aquecimento global. São ordens do Conselho Nacional de Segurança.

– Estás a gozar, caraças? Deixar no terreno inimigo ativos sem meios de comunicação encoberta? – perguntou Gable.

Benford passou os dedos pelo seu cabelo já revoltado. – Ando a fazer fitas em todas as reuniões de chefia, mas os burocratas não se deixam afetar e

estão particularmente concentrados na mudança de 0,17 graus na temperatura global desde os tempos de Carlos Magno. O Hearsey anda a puxar pela cabeça para arranjar maneira de montar alguma espécie de equipamento de sinalização de emergência, mas neste momento não temos ainda nada na prateleira para a DIVA. Vamos ter de depender de encontros pessoais, para já – acrescentou Benford, com uma expressão abatida. Todos os presentes no gabinete sabiam que de cada vez que a Antena de Moscovo – ou qualquer Antena de uma zona interdita – tentava promover um encontro pessoal, a probabilidade de um problema catastrófico (e da perda do agente) subia para 90 por cento. Bastava a vigilância da oposição acertar uma única vez e o agente estava liquidado. Na Rússia, na China, em Cuba, na Coreia do Norte, não importava.

– O contacto pessoal com a Domi está marcado para daqui a três dias – disse Gable. – Eles têm um bom operacional para se encontrar com a nossa moça?

– É um agente de contacto chamado Ricky Walters – disse Benford, lendo um telegrama da Antena de Moscovo. – Pesquisei-o. É bom na rua, tem nervos de aço, gosta de mulheres, mas não tem problemas de saias na Rússia. Parece-me OK.

Gable soltou um grunhido. – No estado de irritação em que ela se encontra atualmente, não vai conformar-se com o facto de não ter meios de comunicação encoberta. Espero que ele não tente ser atrevido com a Domi – disse. – Ela começa logo a RDV com um pontapé nos tomates. Não precisa de mais nenhum Romeu. O Nate já a está a chatear o suficiente.

– Diz-me que isso não continua a ser um problema, o Nash e a DIVA – comentou Forsyth.

– Eles estão apaixonados, porra – respondeu Gable, erguendo as mãos. – Eu sei, eu sei, mas, se despedes o Nash, a Domi pode desistir de nós, sem mais; ultimamente anda nesse estado de espírito. Por isso, diz-me o que é pior, eles andarem no truca-truca, ou ela demitir-se.

– Talvez possamos colocar alguma distância entre esses dois trucas – disse Benford. – Os australianos andam a preparar um arranjinho em Hong Kong e pensam que talvez venham a precisar de um falante de russo. Se enviarmos o Nash, isso vai mantê-lo afastado dela por uns tempos. Só podemos ter a esperança de que uma separação prolongada leve à atrofia da libido de um deles ou de ambos.

Ninguém se riu.

– Meu Deus, há alguma notícia boa? E a ilegal em Nova Iorque? – perguntou Forsyth.

– Está tudo feito – respondeu Gable. – O Hearsey polvilhou o telemóvel e nós embrulhámo-lo para a Domi o ir pôr no local combinado, num pequeno cemitério judeu de 1805 na West Eleventh Street, na Village. Trinta lápides cobertas de musgo num pequeno triângulo de terra por trás de um muro com a tinta a descascar. Pode passar-se por ele o dia todo sem o ver. Ela pôs o embrulho por trás da lápide do meio das três que estavam encostadas ao muro de tijolo; como a lápide tem uma inclinação para a frente, ela enfiou o embrulho por baixo. Não vigiámos o local, há uma data de janelas de apartamentos à volta. A tipa podia estar a observar a operação.

– Damos-lhe algum tempo, para proteger a DIVA, e depois vamos a Nova Iorque com 50 focos de luz ultravioleta e apanhamos uma ilegal – disse Benford.

*

Depois da visita à cidade de Nova Iorque – incluindo até Staten Island –, a sentir a energia, a prosperidade e a *liberdade* da América, Dominika regressou a Moscovo, que, em comparação, achava agora lenta, cinzenta e triste. De volta ao seu gabinete, debruçou-se sobre o correio recebido e pôs-se a par dos desenvolvimentos na contrainformação global do SVR. *Rezidenturi* no exterior comunicaram três recrutamentos – um na Venezuela, outro na Indonésia e um terceiro em Espanha. Uma agência de interceção de sinais de comunicação, a FAO, desenvolvera o acesso a um canal de comunicações militares encriptadas no Báltico. A *rezidentura* de Washington, DC, comunicou o início de um discreto contacto de desenvolvimento entre um agente do SVR a operar sob a cobertura de uma atividade não oficial e uma congressista da Califórnia. A legisladora estava a revelar-se recetiva a um lucrativo contrato de consultoria em questões de políticas de desenvolvimento internacional e assistência estrangeira multilateral. A *rezidentura* de Washington previa cautelosamente que um eventual recrutamento se basearia em dinheiro – a representante estivera anteriormente implicada num escândalo bancário no Congresso que envolvera fraudes com cheques – e considerava-a corrupta e venal.

Eram migalhas de informação importantes, mas Dominika não podia comunicá-las a Langley, porque não tinha um equipamento SRAC que funcionasse. No fim de semana anterior, enterrara o equipamento SRAC danificado na luta com os durões de rua num buraco no parque Vorontsovsky, a dez quilómetros da estrada exterior, a sudeste de Moscovo, nos terrenos florestais da mansão abandonada de estilo setecentista neorrenascentista de Vorontsov-Dashkov. Passar-se-iam décadas até as escavações para a construção de urbanizações em altura, a alastrarem inexoravelmente de Moscovo, chegarem até tão longe, e nessa altura talvez a cidade já tivesse mudado de nome para Putingrad, com *zombies* sem-abrigo a vaguearem pelos subúrbios distópicos. Por essa altura, ela esperava estar já deitada numa varanda soalheira algures num país tropical, a bebericar rum enquanto Nate lhe pintava as unhas dos pés em verniz Rosa da Ilha e, talvez, sonhava ela, com uma menina pequena junto a eles a tagarelar com as suas bonecas em russo e em inglês. *Os meus filhos seriam sinestésicos? O que diria o Nate depois destes anos todos em que guardei segredo? Seríamos felizes juntos? Alguma vez acontecerá?*

Dominika escreveu o seu relatório em letra muito pequena e a lápis, em ambos os lados de duas folhas de papel solúvel em água – dissolver-se-ia instantaneamente em contacto com um líquido –, e enrolou as folhas num rolo apertado. Desenroscou o fundo de uma pesada garrafa térmica da marca russa Pukat e enfiou o rolo de papel no espaço estreito entre o recipiente de vidro interior e o exterior de plástico. Numa emergência, atirar ou bater com o termos contra uma superfície dura iria estilhaçar o recipiente interior, inundando o espaço entre ele e o recipiente exterior, e fazendo com que o papel adquirisse a consistência de *ovsyanaya kasha*, papas de aveia russas. Se uma pessoa tivesse de usar aquele método pré-histórico de destruição (Nate mostrara-lho na Finlândia), provavelmente já teria sido mandada parar numa operação stop numa estrada e estaria prestes a ser levada presa, mas era um método eficaz. O encontro pessoal seria daí a dois dias, e Dominika rezava para que lhe mandassem uma pessoa esperta. Fantasiava que seria Nate a surgir das sombras para a tomar nos braços e a beijar interminavelmente no bosque envolto pelo nevoeiro.

Depois, a inevitável convocatória de Gorelikov, seja bem-vinda, parabéns pelo encontro com SUSAN, e o presidente recebê-los-ia esta tarde na sua residência de Novo-Ogaryovo nos arredores de Moscovo, na zona de

Odinstsovo, na autoestrada Rublyovo-Upenskoye. A mansão amarela, instalada entre pinheiros, com a sua fachada clássica pontiaguda e quatro colunas coríntias, parecia modesta quando comparada com os aposentos faustosos do Kremlin. Foram conduzidos a uma sala de estar em tons de azul claro com cortinados de cetim cor de pêssego, sentaram-se a uma pequena mesa antiga e escutaram o tiquetaque de um relógio pousado numa estante de canto do outro lado da sala. Anton Gorelikov estava elegante como de costume, com um fato escuro de bom corte e uma camisa às riscas largas muito bem engomada. Nas mangas da camisa viam-se uns delicados botões de punho de cerâmica em azul e verde. O halo azul à volta da sua cabeça e dos seus ombros era como um diadema e brilhava de exultação.

Foi-lhes servido chá em elegantes copos *podstakanniki* com a águia de duas cabeças da Federação Russa, ironicamente similar à águia imperial de outras eras, dos Romanovs e do czar. *Plus ça change, plus c'est la même chose* – pensou Dominika. Quanto mais as coisas mudam, tanto mais se mantêm as mesmas. Um jovem assistente envergando um fato azul claro estava de pé encostado à parede perto da porta e confundia-se com os painéis azuis como uma espécie de lagarto camaleónico da floresta tropical, de tal modo que só o seu rosto era visível e parecia estar a flutuar no ar. Dominika considerou que cabeças sem corpo a flutuarem no ar parecia uma coisa normal numa residência de Putin.

O pequeno relógio de ouro e latão deu as 11 horas e nesse instante a porta abriu-se e o presidente entrou. *Como é que ele faz aquilo?* – pensou Dominika. – *Estaria à porta, com a mão no puxador, à espera de que aquele relógio infernal desse as horas? Ou será que o relógio estava ligado a uma fonte de energia invisível que o fez tocar quando o presidente entrou?*

Como sempre, Vladimir Putin trazia um fato azul-marinho, uma camisa branca e uma gravata de um azul claro esverdeado, que era a sua imagem de marca. O seu halo azul palpitava com energia. E porque não? Consolidara o seu domínio da Crimeia e garantira a permanência da base naval no Mar Negro; a ação de retaguarda no Leste da Ucrânia mantinha Kiev em equilíbrio precário; as alianças com Damasco e Teerão estavam a render dividendos políticos, e ele era mais uma vez um dos principais jogadores do Grande Jogo. Petróleo. Munições. Urânio (a ROSATOM era até proprietária de 20 por cento do urânio extraído na América). E havia mais.

Activniye meropriyatiya. Medidas ativas, subversão política, propaganda, manipulação dos meios de comunicação, falsificações e assassinatos. As campanhas de Gorelikov na Europa e nos Estados Unidos estavam a desestabilizar a NATO, a UE e aqueles parvalhões arrivistas no Báltico. O maníaco do Kadyrov mantinha a Chechénia sossegada, e a sua taxa de aprovação presidencial interna estabilizara-se nos 85 por cento. Gorelikov andava a planear novas confusões, e Egorova era um novo talento, uma presença segura no terreno. O presidente perguntou-se quão segura seria a presença dela na cama. Investigara: não havia marido nem namorado, e ela era uma ex-Pardal, especializada em armadilhas de mel. Putin tinha a certeza de que Egorova figuraria nos seus planos futuros, especialmente com a dádiva de hoje. O presidente acenou com a cabeça a Gorelikov e a Dominika e sentou-se. Um assistente pousou uma caixa quadrada de veludo em cima da mesa em frente do presidente e leu um papel.

– *Medal ordenia «Za zaslugi pered Otetchestvom» I Stepeni* – berrou. – Medalha da Ordem «por Mérito à Pátria», primeira classe. Concedida a cidadãos da Federação Russa por realizações extraordinárias nos vários campos da indústria, construção, ciência, educação, saúde, cultura, transporte e outras áreas de trabalho. – *Outras áreas de trabalho* – pensou Dominika.

O presidente abriu a caixa de veludo e pôs-se de pé. Dominika e Gorelikov levantaram-se também e Putin passou a caixa para as mãos de Gorelikov. Pousada sobre um fundo de cetim azul estava uma fita engomada da cor de vinho com um medalhão de ouro trabalhado em que figurava a ubíqua águia de cabeça dupla. Ordem por Mérito à Pátria. Putin deu um passo em frente e prendeu uma pequena fita vermelha atravessada por uma só risca amarela à lapela do fato de Gorelikov. Gorelikov inclinou-se ligeiramente numa vénia e apertou a mão do presidente. Discretamente, o assistente estendeu a mão e pegou na caixa de veludo, fechou a tampa com o mínimo de ruído e saiu da sala. Era da natureza das condecorações por missões clandestinas que a comenda fosse guardada no Kremlin – Gorelikov não teria autorização para expor a medalha no seu gabinete ou levá-la para casa. A única coisa que podia fazer era tocar na roseta na lapela e deleitar-se com o reconhecimento do seu feito.

– O plano da operação Repina foi impecável, a sua execução precisa, os resultados extremamente satisfatórios – disse Putin. Gorelikov inclinou-se

de novo, ligeiramente.

– Obrigado, Senhor Presidente – disse. Dominika sentiu a cabeça a andar à roda. *A operação Repina? O que é isto? Ela foi atacada? Ou simplesmente incriminada em algum escândalo falso?* E então soube. *Blokhin. Era por isso que ele tinha ido a Nova Iorque. A Repina andava a falar demasiado abertamente, a angariar demasiado dinheiro e a atrair demasiada atenção. Foi eliminada.*

Era um choque esmagador, ficar a saber só dois dias depois do acontecimento. Dominika estivera em viagem durante todo o dia seguinte e não lera as notícias – talvez as autoridades de Nova Iorque tivessem impedido durante um dia a divulgação da notícia de um assassinato. E não era nada surpreendente que o assassinato não tivesse sido mencionado no resumo de notícias do SVR na sua caixa do correio na Linha KR. O que diriam? *Comunicamos o lamentável desaparecimento da ativista Daria Repina, que faleceu de causas não especificadas na cidade de Nova Iorque, mais uma vez revelando a violência descontrolada nas cidades americanas e a criminalidade inerente à cultura americana?* A notícia não tardaria a ser divulgada em Moscovo, mas o controlo que Putin tinha sobre a Internet e a televisão distorceria os factos, e a *militsiya* de Moscovo dispersaria as pessoas indignadas antes que se pudessem organizar manifestações, ao mesmo tempo que Putin apelaria hipocritamente à realização de investigações de fachada.

Dominika vacilou, mas disse a si mesma que devia controlar-se, manter-se impassível. Sentia-se quase a desmaiar, e beliscou o pulso para aclarar a mente. Não tinha de aplaudir de forma obsequiosa este tipo de assassinato, mas também não podia demonstrar repulsa, o que seria considerado uma fraqueza fatal. Gorelikov estava a falar, e Dominika obrigou-se a concentrar-se. Eles tinham matado Repina.

– Devo sublinhar que o desempenho da coronel Egorova no apoio à operação MAGNIT foi brilhante. Sem a sua argúcia operacional, não estaríamos a congratular-nos. Ela tem a minha mais alta recomendação. –

Dominika só conseguia ver o corpo magricela de Daria Repina no palco, a andar de um lado para o outro, e sentiu uma raiva interior contra este homem que estava ali de pé a um metro dela com um sorriso sarcástico de satisfação no rosto.

– Tenho noção do desempenho e do contributo da coronel Egorova – disse Putin. – A sua diligência é uma constante confirmação da minha decisão de a nomear Chefe da Contrainformação do SVR. Estou confiante de que chegará à chefia do Serviço. – Olhou astuciosamente para Dominika, a avaliar a sua reação à informação de que um dia viria a ser diretora. Ela acenou com a cabeça em sinal de agradecimento. *Seu filho da puta*. Putin estava contente. Gorelikov estava contente. *Benford ficaria contente*.

– Obrigada, Senhor Presidente – disse Dominika, esforçando-se por ocultar a sua raiva. – Tentarei continuar a ser merecedora da sua confiança. – *Que grandes tretas* – pensou Dominika –, *a versão russa de uns cães pequenos a deitarem-se de barriga para o ar na presença de um cão dominante. Mas zlodey, seu facínora, tu não sabes que estou dentro da tua casa para a fazer ruir, para livrar a Rodina de ti. O que é que achas disso? Consegues ler os meus pensamentos?*

Como se a tivesse ouvido, Putin fez o sorriso que era sua imagem de marca, como raspas de gelo em cerveja quente. – Reservei uma dacha no condomínio no cabo Idokopas para seu uso exclusivo. O tempo na costa é ameno até meados de outubro.

Na sua fúria, Dominika foi apanhada desprevenida. Era alguma coisa. Enquanto voltava a agradecer ao presidente, Dominika pensava a cem à hora. Uma *gosdacha*, uma abreviatura de *gosudarstvennaya dacha*, era uma casa de férias do Estado à beira de um lago ou de um rio ou num pinhal fresco, que era atribuída a funcionários para os recompensar pela sua diligência, produtividade ou lealdade. Esta dacha em particular, no entanto, era mais do que um chalé de madeira de bétula com três divisões e um pequeno jardim nos arredores de Nizhny Novgorod. Era uma das moradias de luxo de betão na encosta de um monte, inserida no complexo habitacional de 70 hectares de Putin na costa do Mar Negro, no arborizado cabo Idokopas. Constava que a residência presidencial nesse complexo, um *château* ao estilo italiano tão grande como o palácio de Buckingham, custara mil milhões de dólares. Ser oferecido a Dominika esse tipo de dacha naquele complexo era um sinal de apoio a uma escala grandiosa.

Dominika sabia que tudo isto era uma teia de aranha pegajosa. A condecoração de Gorelikov fora-lhe dada hoje na presença dela por duas razões: Putin estava a explicitar que Gorelikov era uma figura mais sénior e que os homens davam medalhas importantes aos outros homens, um

lembrete eslavo de que ela pertencia ao gênero subordinado. Toda a gente sabia que o presidente preferia de longe a companhia de homens – os *siloviki* eram só homens, mas Egorova estava potencialmente à beira de se tornar um dos elementos do círculo interno. A segunda razão era que esta era uma condecoração pela eliminação de uma dissidente, um olhar para dentro da fornalha. *Mata quando eu mandar, e serás recompensado*. Havia ainda uma outra *nuance*: embora a oferta da dacha fosse uma bela recompensa, trazia implícita a ideia de montar casa à amante, uma residência ligada à mansão do benfeitor por um caminho secreto de jardim. Da *levsha zhená*, mulher de mão esquerda, espera-se que esteja sempre pronta para o czar, banhada e perfumada, em almofadas de cetim, com o fruto cor de rubi molhado e túmido, à espera do toque discreto na porta do jardim, de dia ou de noite.

Ele esperava que ela viesse a ser a sua mulher de mão esquerda. Dominika engoliu a raiva familiar no estômago que se juntava à angústia por Repina no seu coração. Todas as dachas e todas as condecorações do mundo não podiam atenuar o que este esquisito conspiradorzinho louro andava a fazer à Rússia dela, enquanto os cidadãos esperavam pelos cheques das suas pensões para comprar pão. Putin e o seu círculo interior (*Será que ele me inclui nele, serei agora uma siloviki – pensou Dominika –, já que recebi uma dacha de luxo?*) tinham atirado o país para a miséria. *E não está à vista o fim desta corrupção – pensou –, nem o fim da minha vida como espia*. Perguntou-se se o general Korchnoi sentira o mesmo, empenhado neste trabalho mortalmente perigoso, estranhamente animado pela adrenalina da meia-noite, e no entanto apanhado na armadilha, sem saída. Meu Deus, como precisava de Nate neste momento.

Tudo isto lhe passou pela mente num segundo. Putin estava a dizer alguma coisa, e ela esforçou-se por se concentrar.

– Temos agora de aguardar que o destino sorria a MAGNIT – dizia Putin. – Entretanto, coronel, quero que renove a relação de ligação com o general chinês do ministério de Segurança do Estado; como é que ele se chama?

– General Sun – respondeu Dominika.

– Ele afirma que o serviço dele tem um problema de contrainformação, e pretende a nossa assistência. Não confio nada neles. Veja o que é que ele tem debaixo das unhas, descubra o que quer de nós. Não precisamos de

surpresas de Beijing. *Men'she znayesh', krepche spish* – disse o presidente. Quanto menos se souber, melhor se dorme à noite.

– Sim, Senhor Presidente – disse Dominika.

– E agora, o almoço – anunciou Putin. Conduziu-os por um corredor de chão de *parquet* com paredes brancas debruadas a folha dourada até um terraço largo e soalheiro com uma pesada balaustrada branca. No centro do terraço, sob um toldo a ondular na brisa, estava uma mesa posta para três, com cristais brilhantes e pratos elegantes com listas azuis e douradas. Em cima de cada prato estava um ramequim envolto num guardanapo de linho da cor da neve. Dominika sentiu o aroma delicioso de caranguejo e molho Imperial. Os topos de cada taça estavam de uma cor dourada, e o molho ainda borbulhava a toda a volta.

– Caranguejo Imperial – disse Gorelikov. – Maravilhoso. Costumávamos comer isto em Odessa quando éramos estudantes.

– Experimenta uma garfada e vê se este não é melhor – disse Putin. A delicada carne de caranguejo derretia-se na boca de Dominika. Um Vernaccia bem gelado era o vinho perfeito, e ela aceitou um segundo copo. Mas a imagem de Daria Repina flutuava-lhe diante dos olhos: o sol escondeu-se por trás de uma nuvem e o molho Imperial picante transformou-se em metal na boca dela.

Dominika acrescentaria a notícia do assassinato à mensagem escondida no termos que levaria ao encontro pessoal de amanhã, mas não revelaria o nome de Blokhin. Ele era dela, e jurou que, um dia, seria ela mesma a matar o sargento Iosip Blokhin.

*

– Eu não lhe disse que o presidente a tinha debaixo de olho? – perguntou Gorelikov no automóvel oficial na viagem de regresso a Moscovo.

Dominika sorriu. – É uma grande honra. Mal posso acreditar – disse. – E parabéns pela sua condecoração.

Gorelikov inclinou a cabeça delicadamente.

– Mas fiquei um pouco surpreendida ao ouvir aquilo sobre a Repina – disse Dominika. – O que aconteceu mesmo? Podia ter-me dito, Anton, visto que eu ia encontrar-me com a SUSAN.

Gorelikov arredou com um gesto o comentário dela. – A Repina estava a começar a embaraçar a Federação Russa, o povo russo e o presidente – disse Gorelikov. – Numa fase anterior, enviámos emissários a solicitar-lhe discretamente que moderasse as suas atividades e os seus manifestos. Ela optou por ignorar esses pedidos.

– Então o Blokhin foi encarregado de a eliminar? Na América, em pleno centro da cidade de Nova Iorque? O que teria acontecido se houvesse algum percalço? Isto é má segurança operacional. Eu devia ter sido avisada. A sério.

Gorelikov deu-lhe uma palmadinha na mão que ela tinha pousada no braço central do assento. – O Shlykov garantiu que raramente há percalços quando o Blokhin é encarregado de uma missão – disse. – Além disso, eu não queria sobrecarregá-la com o conhecimento antecipado da ação iminente. Parece incomodada por se ter tratado da saúde à Repina – acrescentou.

Avança com cuidado, mas acena com uma bandeirinha – pensou Dominika. – Tenho pouca simpatia por cidadãos que queiram fazer mal ao nosso país – mentiu. – Mas digo-lhe uma coisa, Anton. Se tivesse sabido do plano para assassinar a Repina, teria tentado boicotá-lo. A Rússia é hábil e engenhosa a alcançar os seus objetivos, e ninguém mais do que o próprio presidente, mas aniquilar dissidentes mancha o bom nome da Federação e torna-os mártires para sempre. Temos de abandonar os nossos velhos hábitos.

Gorelikov fitou-a e depois virou-se e pôs-se a olhar pela janela do carro. – Por acaso, concordo consigo – murmurou –, mas o presidente sabe o que quer e tem a experiência necessária. Eu mencionei-lhe os pontos de vista que a Dominika acabou de expressar, mas ele tem noção do custo e está disposto a pagar o preço. *Kak auknetsya, tak i otkliknetsya*, o eco do que berramos na floresta volta para nós.

*

Gorelikov chamou Dominika ao Kremlin no dia seguinte, ostensivamente para ela assistir a uma reunião do Conselho de Segurança, mas na realidade para a apresentar aos homens mais poderosos do reino – uma primeira aparição daquela que seria em breve diretora do SVR. Estes *siloviki*

poderiam ser aliados potenciais, ou, se os seus interesses fossem divergentes, adversários letais. Como era óbvio, todos respeitavam Gorelikov, e perguntavam-se se Dominika seria mais do que uma estrela do SVR em ascensão ou simplesmente a nova amásia do presidente. Todos sem exceção baixaram os olhos para avaliar o seu material saliente, hoje coberto por um vestido de malha preta que lhe acentuava as curvas. O primeiro foi Nikolai Patrushev, o ex-diretor do FSB e agora influente secretário do Conselho de Segurança, com cabelo ralo, um rosto estreito enrugado, lábios finos como um rasgão e um nariz adunco de cossaco, tudo iluminado por um halo amarelo de astúcia e desconfiança. Foi minimamente delicado antes de lhe virar as costas. Perigoso.

A seguir, Alexander Bortnikov, com o seu surpreendente halo azul celeste, forte e constante, a sugerir lógica e consideração. O diretor do FSB tinha 65 anos e era franzino e mais baixo do que Dominika. A sua testa era alta e larga e tinha uns surpreendentes olhos azuis acinzentados que se enrugavam aos cantos sempre que sorria. Tinha uma verruga grande na face esquerda e um nariz grosso, e havia nele algo de ave de rapina. Dominika sabia que era engenheiro de formação, e segredava-se que fora ele quem dirigira a operação do FSB em Londres para misturar no chá da tarde do ex-agente do KGB, o dissidente Litvinenko, uma dose fatal de Polónio-210 suficiente para aquecer um prédio de habitação em Voronezh durante um mês. Dominika sabia que Bortnikov era sagaz, astuto, cauteloso e matreiro – seria também o homólogo dela em questões de segurança interna se lhe fosse dado o cargo de diretora do SVR e atribuído o portfólio do serviço de informações no estrangeiro.

Finalmente, Igor Korobov, um tenente-general da força aérea e chefe do GRU, com uma farda bem engomada, cabeça rapada, olhos de um azul de aço e a aura verde do nervosismo da carreira, por ser chefe dos serviços militares de informação num clube de ex-membros do KGB. O major Shlykov pairava por trás de Korobov, sem dúvida a tentar cair nas boas graças do chefe massajando-lhe periodicamente as nádegas. Korobov acenou a Dominika de modo empertigado, mas Shlykov ignorou-a. *Tentaste deitar-me abaixo em Nova Iorque, seu filho da mãe – pensou ela. – Pior, acirraste o Blokhin contra mim; ele seria bem capaz de me deixar num beco qualquer depois de eliminar a Repina, se tivesse tido uma oportunidade.* Dominika aproximou-se do rosto sarcástico de Shlykov.

Gorelikov meteu-se entre os dois antes de Dominika poder enfiar o polegar no globo ocular de Shlykov, e ordenou-lhe num murmúrio que se sentasse contra a parede por trás dele, enquanto Putin dava início à sessão. Nas duas horas seguintes, completamente surreais, o Conselho debateu a Operação OBVAL (Deslizamento de Terras), concebida, refinada, planeada e proposta por Shlykov, que garantia o seu sucesso e resultados espantosos. A operação encoberta, através da qual seriam fornecidos clandestinamente armas e explosivos russos a guerrilheiros separatistas curdos para serem usados em ataques terroristas em Istambul com o objetivo de desestabilizar a Turquia, era uma medida ativa maciça, no extremo da escala. Gorelikov e Bortnikov opuseram-se ao plano, ambos chamando a atenção para o facto de o aspeto militar ser excecionalmente arriscado e de uma operação de fornecimento de armas aos rebeldes como aquela ser de um primitivismo risível, típico dos anos 1960 do período soviético. Bortnikov chamou-lhe uma aventura imprudente – mais ainda na Turquia, com a sua polícia e os seus serviços de segurança vigilantes e agressivos. O tenente-general Korobov discordou, afirmando que esta insurgência desestabilizaria o flanco sul da NATO, um tema que ele sabia, que todos eles sabiam, obteria a aprovação do presidente. Qual seria o resultado?

Dominika viu Putin olhar para ela do outro lado da mesa. O que faria se a Traça Pálida (uma das antigas alcunhas do presidente no KGB) tentasse passar-lhe a perna por cima uma noite na sua dacha de luxo?

E então aconteceu. Gorelikov inclinou-se para trás e segredou: – O que pensa disto?

– Sim, coronel – disse Putin da cabeceira da mesa. – O que pensa da operação OBVAL? – Vinte rostos viraram-se para olhar para ela. *Bozhe moy*, mãe de Deus – pensou ela.

Olhou à volta da mesa, e depois diretamente para Shlykov, que estava sentado por trás do seu chefe. – *Strich porosenk* – disse. – É como tosquiar um porco, muitos berros, mas muito pouca lã. Uma missão de tolos, facilmente neutralizada pela Turquia e pelos Estados Unidos. – *Especialmente quando eu alertar o Benford*. Ouviram-se risos discretos à volta da mesa e o ardiloso Bortnikov do FSB voltou a mirá-la. Gorelikov ficou encantado. O contingente do GRU manteve-se sentado, todos carrancudos. Putin estava sentado, com as mãos unidas e o rosto de pedra impassível.

Dominika apercebeu-se de que estava a ser arrastada para a sua primeira intriga do Kremlin. Gorelikov tencionava obter o caso MAGNIT, e Shlykov tinha de ser arredado. Desacreditar o seu esquema paramilitar em Istambul era um começo. Dominika observou o aristocrático Anton, viu o seu halo azul pulsar e leu-lhe a mente. Porquê envolvê-la nisto? Porque, como chefe de contrainformação da Linha KR, Dominika teria a credibilidade necessária para criticar o ofício, o planeamento operacional e o discernimento de Shlykov, se houvesse uma falha. Gorelikov sabia que Dominika alinharia com ele: sabia que a atitude rude e desdenhosa de Shlykov o tornara um adversário – oh, era assim que rapidamente se formavam facções nestes corredores privilegiados. Aliados, rivais, interesses próprios, rancores pessoais, armadilhas profissionais e feudos de sangue; era este o redemoinho da política de mosaico do Kremlin.

– Estes chefes estão a par do caso de MAGNIT e do Académico Ri? – perguntou Dominika a Gorelikov quando ficaram a sós. Ia encontrar-se com Ri daí a dez dias. Ioana já estava em Viena, a preparar a casa junto ao Danúbio. Na esperança de obter o nome de MAGNIT, Dominika recordou a Gorelikov que teriam de definir a prioridade dos casos, mas Anton era cauteloso.

– Ninguém sabe nada sobre MAGNIT a não ser o GRU, e não vamos disseminar a informação, ainda não, especialmente depois dos desenvolvimentos recentes. A seu tempo, alguns membros do Conselho de Segurança serão informados, mas não todos.

– Que desenvolvimentos?

– Recebemos um relatório da SUSAN ontem à noite. O presidente está a considerar MAGNIT para um cargo na nova administração. Nada de específico, mas não tem precedentes – o *Kandidat Kremlevskogo*, o Candidato do Kremlin em Washington. Pode ser oferecido um cargo importante a MAGNIT. Aguardaremos pacientemente para ver qual será a nossa colheita.

– Irá colocar-me a par do caso MAGNIT? Ou eu não devia fazer perguntas? – *Sê direta, confidencial, um pouco provocadora; é disso que ele gosta.*

– É claro que sim, quando o caso se estabilizar – respondeu Gorelikov, encantado com o atrevimento dela. – O presidente está completamente de acordo. MAGNIT é um caso político agora, um caso para o diretor, que ele

quer que seja tratado só por um ilegal. Não por si. Não por mim. Só por SUSAN. Ponto final.

Gorelikov acabara de dar a Dominika o título das páginas extra que ela teria de preparar para o encontro pessoal de amanhã com um agente da Antena de Moscovo: MAGNIT, o Candidato do Kremlin. Dominika redigiu mentalmente a informação adicional: encontro em Viena com Ri; a sua nova dacha no Mar Negro; o assassinato de Repina; o plano de Shlykov de terrorismo urbano em Istambul; a previsão de Gorelikov de que lhe seria dado o cargo de diretora do SVR. Ia precisar de um termos maior.

Dominika sentia-se perturbada; aquilo era excessivo. Putin era como uma colossal tempestade siberiana a varrer as estepes, a encaminhar-se para a pequena cabana, uma tempestade cujos dedos gelados se enfiariam sob os beirais, levantariam o telhado, rachariam a porta trancada e fariam ruir as paredes para devorar os seres acorados lá dentro. *Beregites*, cuidado, Benford, a tempestade está a aproximar-se.

CARANGUEJO IMPERIAL DE PUTIN

Numa taça, misture pimentos vermelhos cortados, salsa picada, sumo de limão, ovo cru, mostarda em pó, colorau, sal de aipo, louro, pimenta preta, pimenta vermelha, molho inglês, maionese e manteiga derretida e bata até obter uma pasta suave. Envolve delicadamente pedaços de caranguejo, deite a mistura em pequenas taças e leve ao forno a uma temperatura média até começar a borbulhar. À parte, faça molho Imperial batendo maionese, natas ligeiras, sumo de limão e molho inglês. Coloque por cima das taças um pouco deste molho imperial, pão ralado humedecido com manteiga e colorau e leve a gratinar no forno até alourar. Sirva com uma salada verde.

13

Inimigos Naturais

Ricky Walters detestava ter de se meter na mala de um carro, embrulhado numa manta térmica de alumínio toda enrugada, com os joelhos dobrados para caber naquele espaço e o rabo contra o pneu sobresselente. Começava a transpirar quase imediatamente, em parte por causa dos nervos e em parte porque o calor do seu corpo ficava retido dentro da manta. Há três anos, um desertor explicara aos agentes da CIA que o receberam que o FSB se posicionava em apartamentos de vigilância do outro lado da rua a observar lá de cima, com dispositivos de raios infravermelhos, os carros de diplomatas dos Estados Unidos que saíam das instalações da embaixada de Moscovo, para descobrirem se havia uma fonte de calor na mala, o que indicaria que um agente da CIA escondido (Quem mais? O pessoal todo fino do Departamento de Estado não se rebaixaria a brincar aos polícias e ladrões) estava a tentar «escapar na mala» para se encontrar com um agente russo às escondidas e roubar segredos nacionais (de que havia uma quantidade tão grande no Putinstão como houvera nos tempos na caverna de urso da União Soviética). A manta térmica isolava o calor do corpo e, vista através de um dispositivo de raios infravermelhos, a mala parecia fria e vazia.

A meio da tarde, Walters foi levado do parque de estacionamento subterrâneo na mala de um Honda do funcionário consular júnior (um colega da Antena) pela mulher desse funcionário, Helen, que tinha 27 anos e frequentara ela própria ao longo de meses uma formação em deteção de vigilância. Os gémeos do casal, com dois anos de idade, estavam a tagarelar no banco traseiro enquanto Helen, atenta aos espelhos, dava voltas sobre voltas para se dirigir ao centro comercial Smolensky – uma série de lojas de luxo só acessíveis às graciosas mulheres de oligarcas e às menos graciosas mulheres com tornozelos grossos de ministros e patrões da indústria, que constataavam que os cargos dos maridos lhes proporcionavam quantias

consideráveis de rendimentos disponíveis tiradas aos cofres oficiais do Estado.

Uma última verificação, para perceber se um LADA detetado a dois quarteirões vinha a segui-la – negativo, estava completamente livre de carraças esta tarde –, e Helen entrou pela rampa para o parque de estacionamento subterrâneo, pondo a tocar o CD com a música preferida dos gémeos – Raffi a cantar que as rodas do autocarro giram, giram, a que se juntaram os gémeos aos berros (quanto mais ruído para o microfone plantado no carro pelo FSB tanto melhor) – e que era também o sinal de «pronto» para Ricky, a escutar na mala. Helen contornou a curva da rampa, totalmente ocultada, ejetou o CD (o sinal para que Ricky saísse), o que fez os gémeos berrar, abriu a mala e travou o carro com o travão de mão de emergência, para abrandar a marcha sem que as luzes de travagem se acendessem. Ricky desembaraçou-se da manta, saltou da mala, fechou-a, entrou disparado por uma porta de serviço, subiu uns degraus e viu-se na rua. Tempo decorrido: quatro segundos. Helen prosseguiu como se nada fosse, estacionou e foi ver as montras, a empurrar um carrinho de bebé de dois lugares. Na rua, Ricky ia com um boné de pano à moda soviética, calças de sarja sujas, um blusão acolchoado ligeiro rasgado no ombro e um par de «sapatos de segurança resistentes ao ácido» da marca Duolang, todos esfolados, importados da China.

Enquanto caminhava, de cabeça baixa, enfiou chumaços de silicone entre as gengivas e a parte interior das faces e pôs um par de óculos, o que o fez parecer mais velho e mais pesado. Afastou-se do bairro chique de Arbat, entrou na zona de Khamovniki e caminhou lentamente ao longo da Ostozhenka Ulitsa, uma rua comercial larga. A meio da rua, Walter parou junto a uma cabina telefónica de um vermelho vivo e olhou para o relógio. O período de quatro minutos da praxe estava a iniciar-se, e Walters viu que a pequena carrinha Skoda azul-marinho toda empoeirada, com uma caixa de lenços de papel no *tablier*, se aproximava e parava junto ao passeio. Costa livre. Ricky levantou o telefone vermelho do descanso e voltou a pousá-lo. Costa livre aqui. Aproximou-se do carro e entrou para o lugar do passageiro, baixando-se o suficiente para não se lhe ver o perfil, e o carro arrancou. Sentiu a cobertura de plástico do assento, uma precaução contra pó de espião, embora as suas roupas de disfarce de russo estivessem sempre guardadas na Antena e não fosse provável que estivessem contaminadas.

Era um carro de recolha de agentes, substancialmente perigoso, porque se encontrava um elemento reconhecido da CIA no veículo da agente, cuja matrícula era praticamente o equivalente a escrever o nome dela em letras maiúsculas no lado do carro. O procedimento inverso – uma recolha no carro de um agente de contacto – era geralmente preferido, mas continuava a apresentar algum risco: desse modo, ter-se-ia um informador melindroso num veículo com chapa de matrícula do corpo diplomático dos Estados Unidos. – É escolher entre dois males – disse uma vez Gable a Nash e a Dominika durante uma sessão de treino. – Não importa quem vai a conduzir e quem é recolhido. Assegurem-se mas é que chegam lá sem serem vistos, tanto um como o outro. É só isso que interessa.

Walters olhou para DIVA, que, dissera-lhe o seu chefe na noite passada, era o «padrão-ouro» absoluto, por isso ele que não fizesse asneira, *nem uma*, porque, se desse cabo desta com um erro do ofício, punham-no a puxar o lustro ao Grande Selo da CIA no chão de mármore do átrio da Sede, para que estivesse bonito e brilhante quando chegasse o seu substituto. Nada de pressões, claro, e divirta-se lá fora.

Walters não sabia o que esperar: uma bibliotecária desenxabida ou uma secretária anafada, mas não esta Vénus a conduzir o carro, não o clássico perfil helénico, lábios de pétala de flor, cabelo castanho brilhante apanhado no alto da cabeça, a concentrar-se no trânsito, de olhos de um azul elétrico a dispararem constantemente do espelho retrovisor para os laterais. As suas mãos elegantes seguravam o volante de um modo profissional, a formar um ângulo agudo, e ela avançava agressivamente por entre o trânsito, saindo sem sobressaltos daquela zona, para leste na terceira estrada circular, a furar por entre o trânsito que soltava baforadas azuis, e depois subitamente de novo para a Lyuosinovskaya Ulitsa no sentido sul, para o parque de Kolomenskoye com os seus 39 hectares, à beira-rio. DIVA estacionou e os dois caminharam rapidamente por entre multidões de turistas – ninguém lhes prestou atenção – e passaram pela igreja da Ascensão, de um branco de osso, e pelo extravagante palácio de madeira seiscentista do czar Aleksey, cheio de empenas, cúpulas em forma de cebola e torres sineiras. DIVA conduziu Ricky por uma encosta íngreme arborizada até um pequeno ribeiro, com caminhos cobertos de musgo ao longo do seu curso e rodeado por bosques densos. Subitamente, estava escuro e frio – e um silêncio total. Uma ligeira neblina pairava sobre a água do ribeiro, e Walters olhou em

redor, à procura de três velhas a mexerem uma mistela borbulhante num caldeirão de bruxa. Ricky sabia que neste pequeno bosque sinistro o seu encontro poderia demorar mais do que os quatro minutos da praxe. Boa escolha.

– É bastante tétrico aqui em baixo – comentou Walters, em inglês. Não falava russo. – É provável que conseguíssemos arranjar um par de locais onde deixar material a longo prazo algures por aqui.

– É a ravina de Golosov – disse DÍVA, olhando à sua volta. – É muito famosa para os moscovitas. Há pedras sagradas, fontes naturais sagradas e lendas de fantasmas que aparecem do nevoeiro. Obrigada por ter vindo. Não teve problemas para não ser seguido? – *Este rapaz da CIA parece esperto, é calmo e conduz-se bem na rua. Não é como o Bratok, mas é de confiança.*

Walters abanou a cabeça enquanto abria o fecho da sua mochila e passava mentalmente em revista a ordem de trabalho da reunião. – *Eu é que agradeço, Coronel, por tudo o que tem feito* – disse. – Só estou a par de uma fração dos serviços que tem prestado, mas é o suficiente para saber o quanto tem contribuído. – *Um sedutor, como o Nataniel Nash* – pensou ela. – *O mesmo halo púrpura, também. Fogoso.*

– Trate-me por Dominika – disse ela. – Trouxe o equipamento para substituir o anterior? – Viu-lhe a expressão embaraçada. Ele explicou rapidamente a situação do SRAC, e garantiu que Simon Benford estava a envidar todos os esforços para lhe fazer chegar equipamento de comunicação o mais depressa possível. Entretanto, Mr. Benford queria que ela ficasse com isto. Estendeu-lhe um relógio desportivo grande dentro de um saco de plástico, uma precaução contra a possibilidade de *metka*.

– Vocês estão a brincar? – disse ela, e meteu cuidadosamente os dedos no saco, tirando o relógio e tocando-lhe. Walters apressou-se a explicar.

– Sem o SRAC, vamos ter de recorrer a encontros pessoais ou a locais onde deixar mensagens para transmitir informações e pedidos. Conhece todos os locais de sinalização combinados, certo?

Dominika acenou que sim com a cabeça.

– Isto é diferente. O relógio é um farol, para emergências. Está ligado a algo que se chama sistema Cospas-SARSAT, um dispositivo de busca e salvamento marítimo com GPS – explicou Walters. – A frequência do farol

está encriptada e não é fixa. Nos recetores das imediações, dará a impressão de ser um ruído de fundo. Impossibilita a triangulação.

– É encantador, mas qual é o *objetivo*?

Walters não estava a par da oposição militante de Dominika em relação à exfiltração. – É um desencadeador de exfiltração. Se ativar o farol, e nós localizarmos o sinal em Moscovo, iremos verificar todos os dias às 21 horas no local de recolha combinado no centro – disse Ricky, lendo a informação num pequeno *tablet*. – Lembra-se, os dois telefones à direita da entrada da estação de metropolitano do parque Filevsky? Fica a menos de um quilómetro do seu atual apartamento. – Dominika acenou com a cabeça. –

Se localizarmos o seu farol perto de São Petersburgo, usamos a Rota Vermelha Dois. Conhece esse local. Se o seu farol transmitir do cabo Idokopas, que designamos como local de exfiltração no Mar Negro, aguarda na praia que a vão buscar.

– Exfiltração outra vez? Mais outro submarino? – perguntou Dominika, num tom subitamente ríspido. Uma vez, salvara um agente da CIA desmascarado levando-o a um minissubmersível com uma tripulação de tropas de operações especiais da Marinha norte-americana, na baía de Neva, perto de São Petersburgo.

– Não, há algo diferente – respondeu Walters, a transpirar apesar do ar húmido e frio na ravina. Passou um dedo no ecrã do *tablet*. – Um minissubmarino com tripulação demora tempo a pôr em ação, e é lento. Temos algo novo que está sempre pronto e é muito rápido. Será levada da praia num USV, uma embarcação de superfície não tripulada. – Mostrou-lhe imagens na Internet de uma lancha baixa, de 15 metros, com um convés corrido pintado de cinzento, com um padrão de camuflado em branco e preto. Dominika olhou para Walters.

– Está-me a dizer que este barco não tem ninguém a conduzi-lo? Não tem tripulação?

Ricky engoliu em seco. Gable avisara-o de que DIVA podia assumir rapidamente uma atitude combativa.

– É controlado com precisão por computador, dirigido por satélite, indetetável nos radares, pode esperar o tempo que for preciso e está sempre disponível – disse Walters. – Com esta plataforma, a exfiltração por via marítima do palácio de Putin no Mar Negro torna-se uma opção viável.

– Só vou estar no cabo durante a receção de quatro dias do presidente neste outono, em novembro, por isso não é um local viável – disse ela. – Além disso, o *Gospodin* Benford sabe qual é a minha atitude em relação a fugir e desertar. Ele não lha mencionou?

– Desculpe, não compreendo – respondeu Walters, tentando manter a situação sob controlo. *Contacto com agentes... É mais como tocar uma flauta punji de um encantador de serpentes diante de uma cobra oscilante.* Apressou-se a procurar na mochila um outro envelope de plástico. –

Aguarda na costa, de dia ou de noite, e usa estes óculos infravermelhos para ver a luz infravermelha do USV piscar duas vezes no mar. Deixe-se ficar ali e ele deteta o seu relógio. A coisa chega à praia por si só e desliza até si sem um som, como um cavalo a quem se estendeu um torrão de açúcar. Basta-lhe subir pelos estribos na popa, abrir a portinhola do convés e entrar; tenha cuidado com a cabeça, é bastante baixo. Há uma cadeira de encosto, um cinto de segurança, auscultadores, comida e bebida, controlo de temperatura. Feche a portinhola, e o USV fará o resto. – Mostrou-lhe mais imagens.

– E onde é que essa coisa supostamente me leva?

– À velocidade de 50 nós, estará a 20 milhas da costa no ponto de recolha num navio da Marinha em 24 minutos – disse Walters, cheio de orgulho.

– Onde os cavalheiros me acolherão a bordo e, enquanto nos afastamos, ficamos a ver da amurada a minha *Rodina* a afundar-se abaixo da linha do horizonte para sempre – disse Dominika, num tom inexpressivo. – E eu terei efetivamente desertado do meu país. *Agente chateada.* Walters não se lembrava de se ter deparado com uma situação semelhante durante os exercícios de simulação na Quinta.

Procurou as palavras certas. – É um plano de exfiltração, Coronel... Quero dizer, Dominika. Em caso de perseguição perigosa, para a levar para um lugar seguro. – Ela abanou a cabeça, dando por terminada a discussão, e entregou o termos a Walters. Walters limpou-o para remover as impressões digitais de DIVA.

– Há seis folhas escritas a um espaço e dos dois lados dentro do recipiente. Se o quebrar para...

– ...eu conheço o truque do termos – disse Walters, a sorrir. – E que mais?

– Por favor, diga ao *Gospodin* Benford que estarei em Viena daqui a dez dias para me encontrar com o meu norte-coreano. Telefone a confirmar o

hotel em que vou ficar, mas em ocasiões anteriores usámos o König von Ungarn, na Schulerstrasse, por trás da igreja de São Estevão. Por favor, diga-lhe que eu acredito que o professor Ri vai aceitar a introdução de um contacto adicional. Fizemo-lo antes, com Mr. Nash a desempenhar o papel de um agente russo, graças ao seu domínio da língua russa. Neste caso, seria mais fácil, já que os nossos encontros são conduzidos em inglês. A CIA pode atender os vossos próprios requisitos norte-coreanos sem correrem riscos. – Walter acenou com a cabeça.

– Se o contacta em inglês, então qualquer analista nuclear poderia...

– Prefiro que o agente seja o Nathaniel Nash – interrompeu Dominika. –

Trabalhamos juntos há anos e somos compatíveis em termos operacionais. – Walters escreveu o pedido – a exigência – de DIVA no seu *tablet*, sem saber que a expressão «compatíveis em termos operacionais» provocaria olhares sabidos na Sede, porque não estava a par da relação proibida. Aquela mulher era qualquer coisa...

– Eu transmito o recado – disse Ricky. O rosto de Dominika carregou-se e a sua voz tornou-se mais baixa e mais séria.

– E também, por favor diga-lhe que posso confirmar que o presidente Putin aprovou o assassinato da dissidente Daria Repina na cidade de Nova Iorque.

– Isso gerou pânico em Washington – disse Walters. – Apareceu em todos os jornais. Quem a matou?

– O nome não interessa. Sei quem foi o responsável, e tratarei dele – respondeu Dominika.

– Irei transmitir a mensagem – disse Ricky. *Esta Amazona é um caso sério. Olha-me para aquela cara.* – Suponho que devo dizer, para que conste, que não deve tentar nenhuma ação perigosa ou arriscada contra o assassino. É demasiado valiosa e...

– ... e uma mulher frágil? – completou Dominika.

Walters ergueu as mãos, a pedir tréguas. O seu *tablet*, um TALON de segunda geração, estava a gravar a conversa entre os dois, um procedimento habitual para casos de contactos restritos. *Quando ouvirem a gravação, devam dar-me uma medalha se eu sair deste encontro sem a DIVA me pregar um murro na cara.*

– Não é isso, de modo nenhum – disse Ricky, puxando pela cabeça à procura da palavra certa. – Só queria dizer que é demasiado preciosa para

nós. – *Preciosa*. A palavra certa.

O rosto de DIVA suavizou-se. – Não era minha intenção ralhar consigo – disse ela, em jeito de desculpa, e depois voltou a ficar séria. – Item seguinte: escrevi pormenores sobre uma operação encoberta do GRU na Turquia. Propõem-se fornecer armas e explosivos a separatistas curdos em Istambul. Apesar das objeções dos serviços de informações, o presidente Putin aprovou a operação ontem à noite. Incluí todos os pormenores.

– Tantas informações. Os seus relatórios seguirão esta noite – disse Walters, e meteu o termos na mochila.

– Uma última coisa. Está a par da situação com alguém chamado MAGNIT? – perguntou Dominika. Conhecia a tendência de Benford para a compartimentação, e não queria dizer demasiado.

Walters acenou com a cabeça. – O Simon Benford pôs-me ao corrente por telefone seguro quando me escolheram para me encontrar consigo. Estou a par dos factos gerais, tanto quanto qualquer um de nós os conhece.

– Comuniquei tudo o que tenho ouvido – disse Dominika –, mas por favor sublinhe ao Benford que o MAGNIT está a ser considerado para um cargo não especificado na administração. O Kremlin anda todo excitado. Ainda não sei a verdadeira identidade do MAGNIT.

– Isto vai rebentar como uma bomba na Sede – disse Ricky.

– Será mais do que uma bomba se o MAGNIT começar a ler os meus relatórios no seu novo cargo e começar a transmiti-los a Moscovo – disse Dominika. Pela primeira vez na sua jovem carreira, Ricky viu e apreciou o perigo gélido com que esta mulher – com que todos os agentes – vivem todos os dias, e maravilhou-se com a coragem requerida para continuar em ação.

Verificou no seu *tablet* a contagem do tempo decorrido. – Quinze minutos, eu devia ir indo – disse, e nesse momento lembrou-se de um último ponto. – Benford queria que lhe pedisse que confirmasse, quando puder, quem esteve por trás da morte do nosso diretor Alex Larson. Anda obcecado por descobrir quem foi.

Dominika olhou para os sapatos. – Por favor, diga ao Simon que só o presidente poderia ter dado essa ordem. Suspeito que a missão de conceber um tal plano seria confiada ao Anton Gorelikov. Confirmo quando puder.

Walters acenou com a cabeça. – Falará com o Nash daqui a dez dias. – Dominika não podia despedir-se dele com um aperto de mão; ouvira dizer

que o FSB deixara totalmente de recorrer ao *metka* quando o seu uso contra diplomatas de países do Ocidente se tornou uma notícia internacional embaraçosa, no auge da *glasnost*, mas a CIA mantinha o protocolo profilático, de qualquer maneira. – Confiam que o Putin nunca voltaria a polvilhar-nos o rabo outra vez? – rosnara Gable. Quando se encontrasse com Nate em Viena, Dominika perguntar-lhe-ia quais tinham sido os resultados do uso de pó de espião em SUSAN.

O seu Nate. Por mais furiosa que se tivesse sentido com ele em Atenas, não deixava de ter saudades dele e ansiava vê-lo.

Sorriu a Ricky. – Sabe o caminho de volta? Tenha cuidado com o termos. E obrigada pelo relógio e pelos óculos.

Walters pôs a mochila às costas. – Mantenha-se em segurança, Dominika – disse. – Eu venho ter consigo a qualquer hora, a qualquer lugar, se precisar de mim. Vou verificar os locais de sinalização todos os dias. –

Virou-se e desapareceu ao dobrar uma curva do leito do rio, fazendo levantar o nevoeiro à sua passagem. *Que um dos fantasmas tártaros do século XVII que vivem na ravina cheia de musgo de Golosov te acompanhe em segurança até casa* – pensou Dominika.

*

Benford estava desatinado no seu gabinete, o que levou Dotty, a sua secretária desde há oito anos, a abanar a cabeça em sinal de aviso a vários agentes que queriam falar com o chefe esta manhã. – É melhor não; talvez esta tarde – era o refrão que lhes segredava.

A mais recente migalha de informação de Dominika sobre o facto de MAGNIT estar a ser considerado pelo presidente para um cargo importante deveria ter tornado mais fácil identificar os prováveis suspeitos, mas ele precisava de um nome. Benford já suspeitava e temia o pior: o cargo importante para o qual o Kremlin estava a conduzir MAGNIT era aquele que os próprios russos tinham criado ao matar o seu amigo Alex Larson – o de DCIA. Sabia que estava à procura de uma figura sénior que, a dado ponto na última década, estivera na posse de conhecimentos suficientes sobre o canhão da Marinha dos Estados Unidos para transmitir pormenores técnicos aos russos. A lista de muitas dezenas de pessoal informado da Marinha – oficiais, recrutados, cientistas e empresas civis contratadas –

poderia agora em teoria ser reduzida, já que não era provável que nenhum deles fosse selecionado pelo presidente. Ou tratar-se-ia de alguém em quem não tinham pensado? Da dúzia de burocratas de alta patente, só o atual secretário do Departamento de Energia fora ocasionalmente informado sobre o canhão, mas ele passara anos em outros departamentos com outros projetos. Segundo Dominika, MAGNIT era uma fonte *ativa* de informações há uma década. Uma anomalia. Será que Dominika poderia ter transmitido informações erradas sobre os factos? Mais preocupante ainda, andaria aquele habilidoso daquele filho da mãe do Anton Gorelikov a distribuir variantes da mesma história a diferentes pessoas – aquilo a que se chamava um «clister de bário» no Jogo – como um teste de lealdade, para ver qual das variantes viria à tona e assim identificar o traidor?

Em Londres, o MI6 chamava ao clister de bário um teste de tinta azul, descrevendo metaforicamente o mesmo princípio de caça a toupeiras como deitar tinta azul por um cano para observar por qual ponto de saída a tinta acabaria por escorrer. Numa conferência de contrainformação em Londres, há vários anos, Benford declarou que a terminologia britânica era uma idiotice, chamando a atenção para o facto de que os canos, especialmente as canalizações decrepitas do Reino Unido e da Europa, se entupiam ou rompiam debaixo do solo, e disse que a metáfora de um clister de bário era mais da sua preferência. – Isso, Simon, é porque você é um jardineiro de encostas – disse C, o Chefe do MI6, uma expressão de calão que Simon não compreendeu, e ninguém lhe disse que significava sodomita. *Graças a Deus pela relação especial entre os nossos países*, murmuraram os britânicos na sala.

Gable e Forsyth encontraram-se com Benford para um almoço na Sala de Jantar Executiva em Langley, onde debateram ideias e teorias. A elegante sala – tão estreita como uma carruagem-restaurante de um comboio – no sétimo andar executivo da Sede, com vista para o rio Potomac com as suas margens arborizadas, tinha mesas colocadas muito juntas, de tal modo que quem chegasse mais tarde se via obrigado a passar entre elas e a acenar a amigos ou ignorar inimigos. Todas as pessoas se viam umas às outras, e com quem cada uma estava a almoçar, e, por consequência, as cabalas, as cliques e os gangues entre o pessoal sénior de Langley eram do conhecimento geral. Benford mandou vir um prato de massa com anchovas,

salsa, *pangrattato* e limão, enquanto Forsyth escolheu sopa de caranguejo e Gable camarões grelhados.

– Isto alarma-me – disse Benford, comendo a massa. – Uma toupeira russa pode vir a acabar no gabinete da direção.

Gable espetou o garfo num camarão. – O que não entendo é que a Domi diz que o filho da puta já trabalha para eles há dez anos – disse. – Isso quer dizer que o posto anterior dele era de interesse para os russovskis.

– Preocupa-me que seja uma armadilha, um teste, antes de o Putin dar o cargo no SVR à Dominika – disse Forsyth. – Meu Deus, nós analisamos os *nossos* diretores antes de os propormos. O Kremlin pode estar a fazer o mesmo.

O chefe do Gabinete de Assuntos do Congresso, Erich Duchin, um carreirista galopante, metedigo e bisbilhoteiro, chegou com um séquito dos seus bajuladores, passando por entre as mesas, e parando para cumprimentar colegas chefes de divisão entre gargalhadas e risadinhas. Duchin parou na mesa de Benford, rodeado pelos seus acólitos sorridentes, que eram conhecidos como «os Duchebags»³ no andar dos operacionais. Duchin tinha uma cabeça quadrada como a da personagem dos desenhos animados Gumby, uma farta cabeleira branca como a neve e um rosto estreito. Os estudantes da Quinta tinham-lhe posto a alcunha Cotonete.

– Simon – disse ele, com um aceno de cabeça.

– Eric – disse Benford. Silêncio. Gable mexeu no espeto em que tinham sido servidos os seus camarões.

– Vou convocar uma reunião para sexta-feira – disse Duchin por fim. – A SSCI, a Comissão Especial de Informação do Senado, quer que a CIA faça sessões de informação para os possíveis candidatos ao cargo de diretor. É só um encontro para nos prepararmos. A comissão quer que todos os candidatos possam debater as operações em curso em audiências à porta fechada, incluindo as vossas brincadeiras russas.

Benford pousou o garfo, optando por ignorar a palavra «brincadeiras». –

Posso deduzir que devemos fazer sessões de informação a vários indivíduos, sendo que *só um deles* acabará por ser nomeado diretor da CIA? O procedimento habitual é fornecer informações limitadas ao candidato final, e só a ele.

Duchin encolheu os ombros. – Os teus preciosos segredos ficarão seguros com eles – disse. – Eu envio-te os currículos deles. Atualmente, todos têm

acesso a SI/TK (Informação Especial/*Talent Keyhole*), a todas as informações confidenciais, incluindo o Programa de Acesso Especial. Além disso, o diretor quer que seja feito desta forma. Com maior transparência. –

Depois do afogamento de Alex Larson, tinha sido nomeado um diretor provisório, a quem o bajulador Duchin já chamava «Diretor».

Benford abespinhou-se. – Maior transparência? Num serviço secreto? – resmungou. – Duchin, tu és incapaz de pensar racionalmente. És o meu inimigo natural. Põe-te a andar.

Duchin encolheu os ombros. – Fala com o Diretor – disse. – Ele está empenhado numa transição sem sobressaltos. Até sexta.

Os três ficaram sentados em silêncio à mesa, a pensar num par de olhos de um azul elétrico sozinhos no Kremlin, a perpassarem pelos rostos flácidos e carnudos dos homens à volta da mesa, qualquer um deles capaz de puxar o gatilho e disparar sobre ela sem hesitação. Estas sessões de informação dos candidatos incluíam necessariamente, pelo menos, uma alusão a uma penetração do SVR conduzida pela CIA, e, no pior dos casos, o verdadeiro nome de DIVA. Uma heresia.

– Como é que isto funciona, os candidatos potenciais a diretor serem todos postos ao corrente e todos entrevistados pela SSCI? – perguntou Gable. – O que é que aconteceu à tradição de ser o presidente dos Estados Unidos a escolher o seu homem, uma pessoa, e indigitá-la para o cargo? Que merda é esta, um concurso de beleza?

– Foi o diretor provisório que o sugeriu – disse Forsyth. – Assim, pode apoiar diferentes candidatos, que vão desmantelar as políticas do Alex Larson, aplacar o Congresso e manter a Agência concentrada nas questões do ambiente em vez de na quilotonelada do dispositivo de urânio que os norte-coreanos fizeram detonar subterraneamente há dois meses.

Benford sacudiu-se, afastou o prato e olhou para Forsyth. – O que é que tu disseste antes?

– O diretor provisório queria que fosse desta forma.

– Não, antes disso – disse Benford.

– Que nós analisamos os nossos diretores antes de os propormos.

– Exatamente – disse Benford. – E os russos mataram o Alex, e nós andamos à procura de uma toupeira.

– Que vai obter um cargo da máxima importância no ramo executivo – acrescentou Gable.

– A vaga para diretor desta Agência. Está tudo claro agora. O candidato do Kremlin é para DCIA – disse Benford, assentando um murro na mesa.

Forsyth olhou para Benford por cima dos óculos. – É melhor teres a certeza disso antes de dares o sinal de alarme. Nem mesmo o Putin conseguiria fazer resultar um truque desses.

– Talvez não – disse Benford –, mas aquele crânio, o Gorelikov, seria capaz, se o que a Dominika diz sobre ele é verdade.

Gable parou de palitar os dentes. – Estás a dizer que um dos três candidatos ao cargo de DCIA é a toupeira? Os russos conseguiriam uma coisa dessas? – perguntou.

– Talvez sim, talvez não – respondeu Benford. – Mas nós não podemos deixar-nos ficar sentados sem fazer nada.

– Temos de passar informações a todos antes de um deles ser nomeado para o cargo. Vais interrogar uma senadora dos Estados Unidos, uma vice-almirante da Marinha e um embaixador? – Forsyth gemeu.

– É demasiado óbvio – disse Benford. – Pensemos numa maneira de deitar tinta azul por um cano abaixo.

Gable voltou a palitar os dentes. – Se te estás a referir a um clister de bário, eu tenho um bastão para rechear peru no meu gabinete.

MASSA DE LIMÃO DE BENFORD

Salteie filetes de anchova em azeite com alho francês cortado fino até os filetes se desfazerem e o alho francês amolecer. Numa frigideira à parte, toste pão ralado com um pouco de azeite, alho e malagueta em pó até que o pão ralado (o *pangrattato*) fique dourado. Coza massa *bucatini*, escorra e misture com as anchovas e o alho francês. Polvilhe com salsa picada, o pão ralado e uma porção generosa de sumo de limão. Sirva imediatamente.

³ Jogo de palavras com base no apelido de Eric Duchin. Literalmente, *douchebag* designa um aparelho usado na higiene íntima das mulheres. No sentido figurado e pejorativo, significa idiota, bajulador (*N. do T.*)

14

Amoralidade Conveniente

No seu relatório manuscrito, DIVA documentava meticulosamente o debate do Conselho de Segurança no Kremlin relativo à operação militar encoberta do GRU na Turquia com o nome de código OBVAL, apresentada pelo major Shlykov, que argumentou que a Turquia se encontrava numa fase caótica de transição: os partidos políticos fundamentalistas islâmicos estavam a corroer as tradições militares seculares de Atatürk. O país debatia-se desde 1984 com uma insurreição armada urbana, prolongada e de baixa intensidade, levada a cabo pelos socialistas do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) na sua tentativa de obter direitos políticos e a independência. O auxílio militar dos Estados Unidos aos peshmergas curdos no Iraque incomodara o governo turco (embora os peshmergas iraquianos não tivessem nenhuma ligação política com os terroristas do PKK). Ancara via com maus olhos este apoio militar no Iraque, encarando-o como uma tomada de posição dos americanos favorável aos desejos dos curdos de se separarem do país e reclamarem uma parcela substancial do território soberano turco como sua pátria hereditária. Reconhecendo uma cisão bilateral em curso e a subsequente oportunidade para criar divisões entre Washington e Ancara – algo que Putin e o seu séquito de vassalos sabiam fazer muito bem – os planificadores do GRU tinham desenvolvido um plano para a Turquia.

Na narrativa de DIVA – escrita em russo numa letra tão pequena, para poupar espaço, que os tradutores tiveram de usar uma lupa para ler o texto – relatava-se que o agressivo Shlykov expusera o seu plano, segundo o qual Moscovo forneceria a células do PKK em Istambul mísseis antitanque RPG-18 «Mukha», minas antipessoais e minas terrestres maiores ativadas por pressão, as PMN-4, para serem utilizados em ataques terroristas urbanos em Istambul com o objetivo de provocar uma crise no governo, exacerbar a tensão nas relações com Washington e, em última instância, desestabilizar a Turquia, o baluarte tradicional da NATO no sul da Europa.

As Forças Navais Especiais da Rússia apoiariam a operação. O material bélico seria entregue numa série de expedições noturnas de pequenas embarcações disfarçadas de barcos de pesca a membros do PKK que os aguardariam num local para piqueniques deserto, fora da época balnear, nas margens do Riva, a seis quilómetros e meio da costa turca do Mar Negro. O PKK transportaria depois o armamento em camiões para Istambul, guardá-lo-ia numa série de armazéns e distribui-lo-ia pelas células da organização. Apesar das objeções dos serviços secretos civis àquele plano de uma operação encoberta, o presidente Putin aprovara-o. Estava disposto a empreender esta aventura no estrangeiro e a correr os riscos implícitos – que o GRU considerava mínimos – para enfraquecer a NATO e, especialmente, para desestabilizar o único estado membro muçulmano da coligação. Depois disso, mais ninguém manteve as suas objeções. DIVA concluía o seu relatório com estas palavras sobre Shlykov: «Este Jovem Extraordinário tenciona fornecer uma quantidade suficiente de explosivos ao PKK para incendiar Istambul de ambos os lados do Bósforo, da Europa até à Ásia.»

*

O relatório de DIVA motivou uma reunião convocada à pressa na Sede da CIA, em Langley.

Benford nomeara Gable recentemente como agente primário de contacto de DIVA.

Benford, Forsyth, Gable. Estes três agentes veteranos eram tão diferentes em temperamento e estilo quanto é possível imaginar. Mas tinham formado uma equipa quando Nate Nash recrutou DIVA em Helsínquia, e sob a sua tutela subtil ela transformara-se numa fonte de informações de categoria mundial. Nash, o quarto membro do grupo, e o mais jovem, esteve ausente da reunião: fora recentemente colocado como Chefe de Operações na Antena de Londres da CIA, aparentemente uma missão invejável numa carreira em franca ascensão, mas na realidade destinada a mantê-lo ocupado e afastado de DIVA. Forsyth – possivelmente o melhor agente de ligação entre eles – chamara a Nash «um ilusionista» na rua, a operar contra vigilâncias hostis em zonas interditas. Forsyth já fora Chefe de Antena de

Nate duas vezes e sabia que ele era um ótimo agente, apesar do problema da relação com DIVA.

– Julgo recordar-me da tua paixoneta não aprovada, há uns 20 anos, por uma certa governanta de uma casa segura em Roma – recordara uma vez Forsyth a Gable quando falavam de Nash. – Sabias que era contra as regras, mas costumavas ir a correr até lá, de pernas bambas, só para a veres todas as semanas.

– Isso era diferente – rosnou Gable. – Éramos novos, ela costumava fazer-me massa à carbonara, e eu estava a ajudá-la.

Forsyth olhou-o inexpressivamente. – Massa à carbonara? Ela usava *pancetta*, *guanciale* ou outra carne de porco?

– Muito engraçado. Se era uma questão assim tão importante, porque é que não me deste um pontapé nos tomates? – perguntou Gable todo corado.

– Talvez soubesse que eras capaz de lidar com a coisa ou talvez soubesse que tinhas a disciplina necessária para a manter em segurança – respondeu Forsyth. – Tal como talvez devêssemos dar a mesma prova de confiança ao Nash. Não estou a dizer que ele é um menino do coro, mas metade da culpa é da Domi. Com os diabos, eles estão apaixonados, tu próprio o disseste.

Gable abanou a cabeça, mas concordou.

Hoje Forsyth incluía Lucius Westfall, que, como novo assistente de Benford, estava ao corrente do material sobre DIVA, e, por consequência, constava da lista muito reduzida de pessoas com acesso a informações sobre o caso e que tinham sido postas a par dos seus dados confidenciais. Westfall estava sentado em silêncio numa cadeira ao canto – sabia bem qual era o seu lugar na hierarquia nesta sala.

– A facilidade que estes russos têm de criar confusões é espantosa – disse Forsyth. Ergueu os olhos do relatório de DIVA sobre Istambul e empurrou os óculos de meia lua para o topo da cabeça.

– São uns filhos da puta – disse Gable –, mas, se levarmos isto ao agente de ligação turco e os ajudarmos, os turcos vão-nos beijar o cu durante os próximos dez anos.

– Concordo – disse Forsyth. – Mas não aos tipos dos serviços secretos. Eles não confiam em nós. Levamos a coisa à Polícia Nacional Turca; são sérios e acessíveis.

– E quando tu dizes «ajudá-los» – disse Benford, virando-se para Gable –, o que queres dizer exatamente?

– Interditar os envios, apanhar os pacóvios à espera da entrega no pântano, deixar a PNT fazê-los suar e limpar o resto das células – respondeu Gable.

Lucius Westfall pigarreou e arrastou a cadeira. Gable olhou para ele. Gostava do rapaz, mas, tal como em relação a Nate, o seu protegido, nunca o diria. – Se tens alguma coisa a dizer, diz lá – ordenou Gable. – Não nos deixes de pernas cruzadas, aflitos.

– Eu estava a pensar – disse Lucius. – A população de Istambul é de mais de 14 milhões de pessoas. Os curdos na cidade são cerca de quatro milhões.

– Um domínio admirável dos factos, que confio que não tardarão a demonstrar-se relevantes para esta discussão – disse Benford, esfregando o rosto.

– A questão é que nunca poderemos ter a certeza de neutralizar cem por cento das células do PKK com um par de raides e uma vintena de detenções – disse Westfall, engolindo em seco. – A cidade é demasiado grande, a população curda está demasiado espalhada. Temos de considerar isto em três partes.

– Diz-nos lá – pediu Benford. Apreciava o pensamento linear, que, como se queixava com frequência, estava uniformemente ausente no governo dos Estados Unidos.

– Temos de interditar *todo* o material bélico russo sem exceção – disse Lucius. – Não podemos permitir que uma só mina passe para o outro lado. Em seguida, temos de identificar tão completamente quanto possível a organização do PKK na cidade. Finalmente, temos de neutralizar a fonte do problema: o major Valeriy Shlykov do GRU. – Os homens na sala mexeram-se nos seus lugares.

– És um verdadeiro Alfred Einstein – disse Gable. – Continua. – Apesar dos seus modos rudes, Gable sabia como pôr os jovens agentes à vontade, fazê-los pensar e defender aquilo em que acreditavam.

– Para deter a coisa toda, penso que temos de instalar rastreadores nas armas antes de elas chegarem à Turquia – disse Westfall. – Dessa maneira, poderemos seguir o seu rasto, do rio junto à costa para o armazém, daí para os barracões nos quintais e para as caves de casas seguras, para podermos deitar a mão a todas.

– Antes de elas chegarem à Turquia? – perguntou Gable. – Na Rússia, queres dizer? – Os outros mantiveram-se em silêncio, a pensar o mesmo.

– Está fora de questão – disse Benford. – A DIVA já corre perigo neste momento, ao ter-nos comunicado estas informações únicas. Se fizermos asneira em Istambul, ela é um dos 20 membros do Conselho de Segurança presentes na reunião, e nem sequer ainda um membro efetivo, que estão a par da ação encoberta do PKK. Tentar alguma coisa em relação ao envio do armamento quando ele ainda estiver na Rússia seria duplamente suicida para ela.

– Talvez não – disse Westfall. – A DIVA disse-nos que os caixotes iam ser enviados por camião para Sebastopol, mantidos provisoriamente num armazém e em seguida transportados pelo Mar Negro para a Turquia em pequenos barcos de pesca quando tiverem luz verde do Shlykov. É uma operação encoberta do GRU; vão manter a discrição e não usar instalações navais oficiais russas. Deve ser um armazém comercial, um alvo fácil.

– OK, craque, tu assumes a responsabilidade de invadir a Rússia e desencadear a Terceira Guerra Mundial? – perguntou Gable. Westfall manteve-se calado.

Benford levantou-se do sofá e começou a andar de um lado para o outro, olhando de lado para Westfall. – Como propões que entremos sem sermos detetados num armazém em Sebastopol, território russo, e instalemos rastreadores numa dúzia de caixotes? – perguntou.

– Podíamos recorrer aos WOLVERINES – respondeu Westfall.

À volta da sala, ergueram-se cabeças. – Não estão todos aposentados? – perguntou Gable.

– Estão na reserva – disse Forsyth. – Não gostaram nada de ser postos de lado. Mantive-os ocupados tanto tempo quanto pude.

– Ouvi dizer que são bastante eficazes – disse Westfall. – O dossiê deles é fascinante.

– São resquícios da Guerra Fria – disse Benford, com a cabeça posta de lado, a pensar.

– Esqueçam – disse Gable. – Eles eram uns malucos duns polacos anticomunas, descontrolados. Quem é que faria o contacto com eles?

– Precisariámos de um especialista de zonas interditas que fosse falante de russo e um operacional competente – disse Westfall.

Todos estavam a pensar no mesmo nome. – E quem, fazes a fineza de me dizer, poderia ser essa pessoa? – perguntou Benford.

– O Nate Nash – respondeu Westfall. Ninguém disse nada. Westfall não sabia que Nash estava no banco, excluído do jogo.

– Ponhamos isso de lado para já – disse Forsyth. – O que é que fazemos quanto ao Shlykov?

– Tenho andado a pensar nisso – respondeu Westfall, engolindo em seco. – A DIVA diz que o Gorelikov quer afundar o Shlykov. E se lhe déssemos uma razão para o fazer, se fizéssemos com que parecesse que é o próprio Shlykov o responsável pelo fracasso de toda a operação encoberta em Istambul?

– Continua – disse Gable. Os três superiores hierárquicos de Westfall estavam agora a escutar com atenção.

– Julgo que vocês, os agentes operacionais, lhe chamam «queimar» alguém – disse Westfall. – E se fizéssemos com que parecesse que o Shlykov anda a fazer jogo duplo, a aceitar dinheiro da CIA e a não dizer nada? Os russos são tão desconfiados que vão acreditar.

– É difícil. Teria de ser convincente – disse Forsyth, já a fazer cálculos. – Conta bancária, material de espionagem debaixo do colchão, sinais.

– Não tem realmente de ser cem por cento convincente – disse Westfall. – A DIVA e o Gorelikov terão o suficiente para dar cabo dele: incriminar e condenar pessoas inocentes são artes tipicamente russas.

– E o principal investigador fica com os louros por ter apanhado uma ratazana – disse Forsyth.

– Uma chefe da Linha KR de olhos azuis – acrescentou Gable. – Isso vai protegê-la e dar-lhe mais um escalpe da CIA.

– Não deixa de ser um risco. Supostamente, o Shlykov é muito competente e popular – disse Benford, olhando à volta da sala. Estavam a pensar no mesmo nome... de novo.

– Eu contacto Londres – ofereceu-se Forsyth. – Ele pode pôr-se cá em dois dias.

– Quero vê-lo pessoalmente – disse Benford. – Devíamos todos voltar a reunir quando ele chegar. Se queremos desalojar esse rufião do GRU, o Nash tem de ser brilhante. – Benford parou de andar de um lado para o outro. – Comunica ao Nash especificamente da minha parte que o Benford diz que ele deve esforçar-se por ser brilhante.

– E envio a convocatória de reativação aos WOLVERINES – disse Forsyth. – Vão ficar todos contentes.

– Contentes? – rosnou Gable. – Quem é que lhes vai dizer que o Estaline morreu?

Westfall engoliu em seco duas vezes.

*

Nate entrou no gabinete de Benford ao meio-dia do segundo dia, tendo apanhado o voo vindo de Londres de manhã cedo. Na mensagem a chamá-lo à Sede que lhe fora enviada por Forsyth, o chefe do Departamento EUR, apenas se mencionava que era convocado para uma «consulta», o que, na linguagem destas comunicações poderia querer dizer que estava metido em trabalhos por alguma transgressão que ignorava, ou que fora escolhido para ser o bode expiatório numa missão de ligação na sede do FBI – um exílio de pesadelo que nenhum agente operacional queria; ou que havia uma operação espetacular que Benford pretendia que fosse ele a tratar. Nate, o agente de ligação, examinou o rosto de *bulldog* francês de Benford à procura de uma pista, mas o caçador de toupeiras era inescrutável. Benford apontou para uma cadeira ao lado da sua secretária atravancada – todo o gabinete parecia Pompeia depois da erupção do Vesúvio –, abriu um dossiê de contacto restrito e pôs-se a ler em silêncio. Como qualquer operacional astuto, Nate leu o título em maiúsculas de pernas para o ar na página de rosto do documento: GCDIVA. *O que era isto? Iam instaurar-lhe um inquérito disciplinar por causa da briga que tinha tido com a Dominika em Atenas? Isso tinha sido há semanas.*

Nate sabia que a sua cotação junto de Benford, Gable e Forsyth baixara ao longo dos anos desde Helsínquia por causa da sua relação com DIVA. Também sabia muito bem que só não tinha sido sumariamente afastado do Serviço para manter a colaboração da agente. O facto é que ele estava por um fio. Os pensamentos de Nate voltaram-se rapidamente para o início.

O hiato no contacto com Dominika entre encontros na Europa acalmava sempre as coisas, mas estes agentes não eram nenhuns palermas. Benford contava com reincidências; Forsyth compreendia-o, sardónico; Gable era o pior: conhecia Nate e Dominika como seus protegidos e adivinhava-lhes o jogo com facilidade. Pior ainda, farejava à distância sinais de sexo. A conclusão do contacto em Atenas, desastrosa e cheia de lágrimas, não ajudara nada.

Nate preocupava-se com a futilidade e a falta de profissionalismo do caso amoroso deles – era *besperspektivnyak*, uma situação sem esperança, infrutífera. Dominika amava-o de paixão, e não queria saber de regras. Gozava com ele por se comportar como um russo sério enquanto ela se soltava como uma americana livre. A questão da deserção e da mudança dela para o Ocidente era a acha na fogueira que desencadeava todas as discussões.

O que sentes em relação a ela agora? – pensou para consigo, grato por, *provavelmente*, a leitura da mente não se contar entre as outras habilidades vampíricas de Benford. Era uma sorte, já que Nathaniel Nash soube naquele momento, sempre soubera, que amava a bela russa com a carranca séria que se dissolvia num sorriso estonteante do outro lado da rua quando o via aproximar-se. Adorava a maneira como ela sussurrava o nome dele – *Neyt*, com a vogal russa aberta – quando faziam amor, e como atirava a cabeça para trás, com as pálpebras palpitantes e o queixo a tremer, gemendo *Ya zakanchivayu*, estou a acabar (os russos nunca dizem «estou-me a vir» na cama).

A bolha rebentou quando Benford olhou para cima e começou a falar. – Estás com *jetlag*, Nash?

– Não, Simon, estou ótimo. É um voo fácil – respondeu Nate, a tentar apagar a imagem do rosto de Dominika na almofada.

– Temos algo em mente para ti, algo bastante importante – disse Benford.

– Só não me digas que devo comprar um pacote de senhas de almoço para os próximos 12 meses na cantina do edifício J. Edgar Hoover. – Era uma piada, para criar um ambiente de bonomia e sugerir, entre colegas, ou suplicar, que não queria ser mandado para o FBI para trabalhar numa missão conjunta. Brincar com Benford era como caçar leões a cavalo com uma lança: em teoria, era possível, mas a probabilidade era que o resultado não fosse bom.

Benford fitou Nate por uns dez segundos. – Sabes alguma coisa sobre ciência, Nash? – perguntou. – Quer dizer, para além da mecânica dos fluidos nas emissões noturnas, tema que, tenho a certeza, estudas há muito tempo.

Nate encolheu os ombros, já arrependido de ter dito a piada.

– Como a velocidade da luz é maior do que a do som, algumas pessoas parecem brilhantes até as ouvirmos falar – disse Benford. – Esforça-te por

não seres uma dessas pessoas. Um bom começo seria não falares a não ser que te seja dirigida a palavra.

– OK, Simon – disse Nate.

– Ora bem, temos à nossa frente uma operação crítica. É bastante complicada, já que é em três partes. Embora possa ser alarmante, tu terias um papel axial em cada uma das partes.

Nate abriu a boca para fazer uma pergunta, mas Benford ergueu a mão e abanou a cabeça numa expressão de desagrado a indicar «não estragues tudo».

– Se me permites que resuma – disse Benford. Recostou-se na cadeira e pousou os pés com meias em cima da secretária, o que desencadeou uma pequena avalanche de papéis, que caíram para o chão. – A DIVA acabou de comunicar que o Kremlin tenciona desestabilizar a Turquia fornecendo mísseis antitanques e minas de pressão aos insurgentes separatistas do PKK em Istambul. Primeira parte: rastreamos os caixotes de armas no seu ponto de paragem em Sebastopol recorrendo a uma equipa experiente de reservistas, que, considerando a tua experiência de zonas interditas e os teus conhecimentos de russo, chefiarás. A operação não deve demorar mais do que dois dias, com o tempo no alvo de aproximadamente duas horas.

– Reservistas da Tempestade no Deserto ou do Afeganistão?– perguntou Nate.

– Não, mais próximo da época do Muro de Berlim – respondeu Benford.

– Perdão? – disse Nate. – Do Muro de Berlim?

– Do Muro de Berlim – repetiu Benford. – Talvez te tenha escapado enquanto estavas a ver *Dance Fever* na televisão.

– *Dance Fever*? – disse Nate.

– Não importa. Não há razão para teres ouvido falar deles, dos WOLVERINES. Distinguiram-se durante a Guerra Fria, na Polónia. –

Benford acenou com a mão. – Permite-me que prossiga – disse. – Segunda parte: vais colaborar com a polícia nacional da Turquia nos preparativos dos raids contraterroristas contra o PKK, com base na informação do material bélico fornecida pelos nossos rastreadores. Esses preparativos incluem escutas dos telefones da *rezidentura* do SVR em Istambul e do major Valeriy Shlykov, do GRU, que é o agente russo no terreno a dar apoio às células do PKK, razão pela qual necessitamos novamente dos teus conhecimentos da língua russa.

Terceira parte: simultaneamente, precisamos de queimar o camarada Shlykov. Uma hipótese é fazer com que ele pareça ser um ativo da CIA e dar a entender que subverteu a sua própria operação encoberta. Achamos que esta ideia tem algum mérito, mas o plano ainda não está formado; quero que penses nele. Uma característica deste último ato é que a própria DIVA investigue, denuncie e difame o Shlykov, o que a protegerá enquanto fonte da informação, ao mesmo tempo que, como chefe da Linha KR, lhe proporcionará créditos adicionais de contraespionagem.

– Estão previstos encontros pessoais com ela em Istambul? – perguntou Nate num tom de aparente indiferença. – Nós poderemos...

– O Marty Gable é o agente de contacto primário – respondeu Benford. – Podes participar nos encontros, mas quero que sejas esperto, que mantenhas uma certa contenção.

Nate olhou para baixo, para as mãos.

– *Contenção*. Julgo que me faço entender? – perguntou Benford.

– Sim, claro – respondeu Nate. – Sabes que eu nunca poria em risco a segurança dela. A sério.

A expressão de Benford alterou-se. – Eu recordo-me de que foste tu, um jovem agente acabado de expulsar a meio da missão de Moscovo por aquele pastelão do Gondorf, quem recrutou a DIVA. Foi um feito notável. Ela transformou-se numa fonte de informações que ultrapassa estrelas da Guerra Fria como o Penkovsky e o Polyakov, e até mesmo o Korchnoi na era moderna. – Nate sentiu que corava; Benford nunca elogiava ninguém. –

Mais uma razão para preservar o caso e protegê-la por tanto tempo quanto possível – acrescentou Benford.

– E depois tirá-la de lá e instalá-la num lugar seguro – disse Nate.

– Talvez – disse Benford –, se, a dada altura, ela quiser desertar. Mas não vai querer. E a não ser que ela queira sair, este Serviço vai usá-la tanto tempo quanto for possível, preservar o fluxo de informações até ele parar.

Nate perscrutou o rosto de Benford. – Queres dizer, até ela ser apanhada e executada – disse, num tom inexpressivo.

– Não sejas dramático – respondeu Benford, e endireitou-se na cadeira e inclinou-se para a frente. – Todos nós fazemos tudo para a proteger.

– Mas mantemos o fluxo de informações, é o que queres dizer – retorquiu Nate –, acima de tudo, mesmo da vida dela, até ao último relatório.

– Se necessário, sim. Para salvaguardar a segurança nacional e preservar a República, se me permites o tom pomposo. É o que fazemos.

– Ela está empenhada em colaborar connosco. Arrisca a vida por nós – disse Nate, levantando-se da cadeira. – Eu vou falar com o Gable sobre tudo e volto a contactar-te com os pormenores.

Encaminhou-se para a porta e estava já com a mão no puxador quando Benford falou.

– Nash, nós operamos num denso nevoeiro hostil, lidamos com a ambiguidade e, se for necessário, aplicamos «amoralidade conveniente» para atingir objetivos morais. Aceita-o, ou diz-me que outra coisa queres fazer com a tua vida.

CARBONARA DA CASA SEGURA DE GABLE

Salteie cubos de *guanciale* (bacon italiano feito com bochechas de porco) até ficarem estaladiços. Bata gemas de ovo e queijo pecorino ralado até formar uma bola dura. Coza a massa um minuto menos do que se a quisesse *al dente* e depois use a água da cozedura para bater a mistura de ovo e queijo até ficar cremosa. Envolve a massa cozida na mistura de *guanciale*, ovo e queijo e sirva imediatamente.

15

A Segunda Guerra Fria

O pedido de DIVA para que Nash participasse no segundo encontro do processo de recrutamento do cientista nuclear norte-coreano não agradou a Benford, que queria que fosse Gable a encarregar-se dele. Mas, de Moscovo, Ricky Walters comunicou que Dominika insistira que fosse Nash a comparecer ao encontro, que só duraria umas breves duas horas, já que a casa ficava muito perto da Sede da IAEA e dos olhares atentos dos seguranças da Coreia do Norte. Benford cedeu, pensando que, em duas horas, eles não teriam tempo para brigar por causa da questão da exfiltração de Dominika e muito menos para se envolverem, nas palavras de Gable, em «gemidos e grunhidos».

Nate foi diretamente para Copenhaga, onde apanhou o voo de duas horas da Austrian Air para Viena, e em seguida reservou um quarto na Pension Domizil, a meio quarteirão de distância do hotel de Dominika, na Schulerstrasse. Deixou-lhe uma mensagem com o número do quarto dele, e foi tomar o pequeno-almoço na sala de jantar com cortinas. Ela entrou quando ele estava a acabar. Vinha elegante, com uma saia preta, uma túnica de pele com uma gola estreita de peles e botins pretos. Já tinham passado três semanas desde a Grécia, e, como acontecia usualmente entre eles, a ausência atenuava a acrimónia provocada pela determinação dela de continuar a espiar, apesar dos perigos crescentes. Dominika não quis tomar o pequeno-almoço e estava sempre a olhar para o seu telemóvel encriptado da Linha T, para ver se recebia uma mensagem de Ioana, que estava à espera na casa segura para o caso de o Professor Ri chegar antes da hora marcada para o encontro, que seria ao meio-dia. Teriam duas horas com ele, todo o intervalo para o almoço prolongado a que estavam acostumados os cinco mil burocratas europeus que trabalhavam no Centro Internacional de Viena em Donaustadt, a norte do rio. O complexo de edifícios brilhantes em forma de ípsilon era o lar permanente de uma série de agências das Nações Unidas, nas quais falanges de mangas de alpaca internacionais produziam

hectares de documentos, todos eles indubitavelmente de importância crítica para a sobrevivência do planeta: a IAEA (energia atômica), a UNIDO (desenvolvimento industrial), a UNODC (drogas e crimes) e a UNOOSA (assuntos do espaço exterior).

Dominika verificou de novo o telemóvel e depois inclinou-se por cima da mesa, agarrou na camisola de Nate, puxou-o a si e beijou-o. – O nosso agente só chega daqui a duas horas, e só demora sete minutos a chegar lá no elétrico número oito – disse ela, sentando-se para trás. – Por conseguinte, gostaria de subir ao teu quarto para te empurrar para cima.

Com a anterior cólera de Dominika, resultante da briga na casa segura, felizmente dissipada, Nate descontraíu-se e recostou-se na cadeira. – Normalmente, dizemos «saltar-te para cima» para descrever aquilo em que estás a pensar.

– Porquê? – perguntou Dominika. – Acho que empurrar descreve com mais precisão aquilo em que estou a pensar.

Lá em cima, Nate mal teve tempo de pendurar no puxador o sinal com BITTE NICHT STÖREN e fechar a porta. A túnica de pele de Dominika rangia enquanto eles fizeram amor, sem tirar a roupa, num cadeirão, com as bocas coladas e o cabelo dela caído sobre os ombros e madeixas coladas às suas faces suadas. A segunda ronda consistiu em despir freneticamente a roupa, arrancar o enorme edredão austríaco da cama e reinventar aquilo a que os historiadores chamavam posição de missionário, mas sem nenhuma da contenção evangélica original.

Sentaram-se em lugares separados no elétrico, um em frente ao outro, com as pernas a tremer como máquinas de costura elétricas e os rostos corados, a tentarem não olhar um para o outro. O cabelo de Dominika estava de novo penteado, mas a madeixa errante que lhe pendia de um dos lados do rosto indiciava marotice recente. Depois de saírem do elétrico, atravessaram o jardim do Arcotel, enveredaram pelo caminho à volta do lago Kaiserwasser com os seus caniços nas margens e desceram a última parte da Laberlweg, uma rua arborizada ao longo da margem do Danúbio superior, um braço do rio que se juntava ao caudal principal mais abaixo. As casas eram todas pitorescas moradias de férias com dois quartos, com portadas ornamentais vermelhas ou azuis e alpendres cobertos. Tinham jardins à frente com um relvado que descia até à margem do rio, todos com

pontões para as canoas e os caiaques, agora vazios e a balouçarem suavemente na corrente lenta do inverno.

Era meio-dia, e o Académico Ri apareceria daí a uns minutos. Nate desempenharia um papel subordinado durante a sessão, solicitando informações em nome da CIA nos momentos apropriados. Ioana iria dar um passeio durante o encontro, o procedimento habitual, mas também conveniente, porque assim Dominika não teria de explicar quem era Nate, pelo menos não imediatamente. Dominika andava a considerar a hipótese de recrutar Ioana para a CIA – ela adoraria o *Bratok*, com certeza – e a ideia de uma subagente, uma associada, a ajudá-la neste trabalho era algo que pretendia debater com Benford. Tinha a certeza de que resultaria, especialmente se Ioana fosse promovida de Pardal a operacional.

Quando abriu a porta da casa, soube que o mundo tinha desabado. A pequena sala de estar estava um caos de mobília partida e estantes derrubadas, incluindo um cadeirão tombado e empapado em sangue que fora retalhado uma dúzia de vezes e tinha o enchimento espalhado pelo chão. No chão da cozinha estreita amontoavam-se pratos e copos partidos. Nate apontou silenciosamente para a porta, indicando que deviam pôr-se a andar dali, mas Dominika abanou a cabeça e segredou «Ioana». Passando por cima dos detritos na sala de estar, foram verificar os dois pequenos quartos de dormir. Num deles, as roupas de Ioana estavam espalhadas em cima da cama e o candeeiro da mesa de cabeceira fora atirado para um canto e estava estilhaçado. Dominika estava branca como a cal.

Encontraram o Professor Ri de rosto para baixo na banheira na casa de banho, com restos dos cinco litros do seu sangue a escorrerem ao longo dos lados da banheira, a maior parte já escoada e, provavelmente, a alimentar as carpas do Danúbio. Voltaram para a sala de estar, Dominika com uma expressão sombria.

– Isto foi obra do Shlykov. Acabou de liquidar o meu informador norte-coreano.

Nate olhava à sua volta, atento ao som de passos. – Foi o Shlykov quem fez isto? – perguntou.

– Não – respondeu Dominika. – Isto é obra do *bulldog* das *Spetsnaz* dele. Um homem chamado Blokhin, que matou a Repina em Nova Iorque.

– Onde está a tua rapariga? – perguntou Nate. – Não era para estar aqui à espera do teu agente?

– Não sei – disse Dominika. – Estou preocupada. – Estalou os dedos. – O gravador.

Foi ao aparador – ninguém lhe tinha tocado – e tirou o gravador que Ioana instalara para o encontro. Ligou-o a uma tomada, rebobinou e premiu *play*. Nada, a não ser o silvo de ar morto.

– É ativado pela voz – disse Dominika. – Ela pô-lo em *standby* antes de o Ri chegar. – O silvo parou e Dominika ficou imóvel, a fitar as bobinas. Os dois microfones sem fios ocultados tinham detetado uma conversa abafada.

A voz de Blokhin ouviu-se de súbito muito claramente, a falar em inglês (*então o filho da mãe sabia falar inglês, escondeu-o* – pensou Dominika). Ouvia-se Blokhin falar baixo e num tom suave, depois a voz de Ioana, furiosa e indignada, e Blokhin mudou para russo, grosseiro e brutal, seguindo-se a cacofonia de uma luta. Ioana era forte e ágil, e a luta continuou por algum tempo, com o som da respiração entrecortada dela, primeiro ténue e a seguir mais alto, consoante se afastava ou aproximava dos microfones. Havia o som constante de peças de mobiliário a partirem-se. Dominika olhou com uma expressão suplicante para Nate e dele de novo para o gravador quando Ioana gritou um abrupto «*nyet!*» seguido por um gemido, e depois fez-se silêncio, e depois ouviu-se outro gemido, e a voz suave de Blokhin de novo, em inglês, a perguntar quando se esperava que chegasse o cavalheiro asiático e se a Egorova viria com ele, e a voz de Ioana a cuspir uma obscenidade. O som de uma bofetada, a seguir um grito de partir o coração, rapidamente abafado, e Ioana a murmurar sem expressão que o encontro tinha sido adiado, a Egorova nem sequer estava na cidade, e mais um grito, o que é que ele lhe estaria a fazer, ela estaria amarrada a uma cadeira? E depois uma pancada delicada na porta da rua, e a voz de Blokhin a afastar-se e a desaparecer completamente, até se ouvir mais longe o grito agudo de um homem, enquanto Blokhin fazia na banheira o que decidira para o norte-coreano. Enquanto ele estava fora da sala, Ioana, a respirar pesadamente, falou para o microfone ocultado, num murmúrio trémulo cheio de urgência. A sua voz era fraca e ficou a pairar no ar.

Ele é russo, tem 60 anos, 1,68 metros, 90 quilos, rosto carnudo com cicatrizes na testa, braços grossos, é muito forte. Cortei-lhe a face com um vidro, mas nem fez caso. Ioana começou a chorar, mas parou de seguida e fungou. Acho que me deve ter fraturado o pulso. Atou-me os pulsos e os

tornozelos e está a usar um caco de um prato partido entre as minhas pernas.

Com as lágrimas a correrem-lhe dos olhos, Dominika olhou horrorizada para Nate. Ioana sabia que ia morrer e mesmo assim estava a deixar uma mensagem a Dominika.

Ele está a perguntar por ti, quando chegas. Disse-lhe que não vens, mas ele não acredita em mim. Tenciona matar-te também. Rezo para que não venhas a caminho. Quando voltar a começar, vou berrar o mais que puder, talvez tu ouças, talvez ele fuja. O meu pulso fraturado está dobrado para o lado. Espera. Ouço gritos vindos da casa de banho. O teu cientista já morreu. Eu sou a seguir, ele está a voltar. Mata-o, se puderes, Ya tebya lyublyu, adoro-te, cuida-te scumpo, querida.

A voz de Blokhin voltou a soar ao alcance do microfone, mais uma vez a insistir que Ioana lhe dissesse quando se esperava que Dominika chegasse, talvez não antes de Ioana ter amolecido o professor com aquela coisinha bonita que tinha entre as pernas, e soou mais um grito de pesadelo, que se desfez em soluços, e Ioana continuou a dizer em voz arrastada que a Egorova não vinha, mas depois começou a gritar, berros vindos do fundo do estômago, uns atrás dos outros, e os seus gritos cessaram subitamente e foram seguidos por gorgolejos e arquejos – Nate reconheceu o som de alguém a afogar-se no seu próprio sangue por lhe terem cortado a garganta – e depois um ronco de Blokhin, como se a tivesse atirado para cima do ombro, e por fim o ranger das dobradiças da porta do alpendre. Depois de vários minutos de silêncio, Blokhin voltou a entrar e seguiram-se três minutos em que ele não parou de destruir tudo o que havia na casa que não estivesse ainda partido, e por fim ouviu-se a porta da rua a bater com força e nada mais a não ser o silvo do gravador.

Dominika apontou para o cadeirão tombado, com a almofada do assento encharcada em sangue. Ioana morrera ali. Nate dirigiu-se à porta do alpendre que dava para o jardim e o rio e empurrou-a ligeiramente com um dedo. Ela rangeu, como na gravação. Blokhin levava Ioana lá para fora. Ela estava no rio, a flutuar até Budapeste, se não tivesse já vindo à tona, apanhada num toro de madeira flutuante. Nate quis impedir Dominika, que estava de olhos vermelhos e a arreganhar os dentes, de sair da casa. – Para – disse. – Ele pode estar lá fora. Deixa-me ir verificar. – O jardim estava vazio, mas havia gotas de sangue no pontão, que Blokhin percorrera para

chegar a águas mais fundas e atirar Ioana para o rio. Nate foi até ao fim da doca, de respiração suspensa, meio à espera de a ver a fitá-lo das águas de um azul carregado por baixo dos flutuadores do pontão. Nada no fundo da água e nada mais para longe, na corrente do rio.

As águas do afluente Alte Donau corriam num fluxo constante para se irem juntar ao braço principal do Danúbio, a várias centenas de metros a sul, e havia bastantes probabilidades de o corpo dela ser visto a passar pelos pilares do viaduto da A22 ou sob outra ponte mais abaixo, a não ser que Blokhin lhe tivesse posto algum peso nos pés, e nesse caso ela apareceria na primavera, sem cor e inchada, uma mulher não identificável que deixaria as autoridades austríacas perplexas e acabaria na secção comum do cemitério Zentralfriedhof, mais uma Pardal que terminava os seus dias longe de casa, sem ser reconhecida pelo país que servira e sem que a família soubesse qual fora o seu destino e onde estava sepultada.

Nate ouviu os passos de Dominika a aproximarem-se por trás dele; agarrou-a e afastou-a da doca instável, e ela olhou para as águas pretas de inverno, soltou um grito, dobrou-se e vomitou na relva. Ele levou-a para dentro da casa, deitou-lhe água no rosto, meteu o fio do gravador ao bolso e revistou o quarto de Ioana à procura do seu passaporte romeno com uma identidade falsa, que encontrou. Ambos sabiam que não podiam pensar em chamar a polícia. O desaparecimento do Professor Ri seria comunicado, mas Deus sabia quanto tempo passaria até o encontrarem numa casa alugada à beira-rio. Os especialistas forenses da polícia estatal austríaca eram extraordinariamente exaustivos. Depois de fechar a porta da casa, Nate limpou o puxador, pensando que entre a banheira, a mobília, os pratos e a dragagem do fundo do rio debaixo da doca, o proprietário teria de fazer uma pequena limpeza de primavera antes de alugar a casa no verão.

Voltaram a descer a Laberlweg pelo caminho que tinham seguido à vinda, Dominika ainda com as faces molhadas de lágrimas. Enquanto caminhavam, Nate manteve-se atento, meio à espera de ver Blokhin sair do Kaiserwasser numa explosão de espuma, como um crocodilo do Nilo a fazer uma emboscada a uma gazela bebé. Mas Nate tinha quase a certeza de que Blokhin já estaria a meio caminho de Schwechat e o aeroporto. Eliminara o agente de Dominika tal como lhe tinha sido ordenado, abatera a governanta da casa segura a jeito de bónus, mas não esperara por Egorova, provavelmente porque ela só era considerada um alvo se houvesse

oportunidade – liquida-a se puderes, mas não te deixes ficar por ali para te arriscares a ser preso. Os gritos de Ioana tinham-no apressado. A chegada de Nate e Dominika com uns momentos de atraso e o aparecimento do norte-coreano na casa antes da hora provavelmente salvaram-lhes a vida. Nate não tinha ilusões quanto a ser capaz de derrotar Blokhin num combate corpo a corpo.

Sentia-se chocado com a brutalidade do assassino das *Spetsnaz*. Devia ser um tipo impressionante. Todos aqueles homens eram uns durões, mas este tinha um parafuso a menos. Tornava-se óbvio agora que Dominika era um alvo e corria perigo. Os seus novos patronos do Kremlin poderiam protegê-la? Dentro do palácio, com certeza, mas nas ruas? O líder do partido da oposição, Nemtsov, fora morto a tiro na movimentada ponte Bolshoy Moskvoretsky, mesmo à sombra da torre Vodovzvodnaya do Kremlin. Uma coisa era certa: Dominika morreria, a não ser que a CIA conseguisse liquidar o patife do Shlykov e o seu urso bailarino, Blokhin.

Dominika encostou-se a ele, com o corpo a tremer e a voz trémula. – Nós estávamos no teu quarto, a fazer amor, enquanto ela estava a ser torturada, a tentar ganhar tempo, a sacrificar-se para me salvar – disse, a soluçar. – Teve a coragem de descrever o homem que estava a torturá-la, embora soubesse que ia morrer. Oh, *neschastnyy* Ioana, pobre desafortunada irmã. Devíamos ter estado lá.

– Não sabíamos, e, se estivéssemos lá, a esta hora estávamos no rio – disse Nate. – Aquele tipo não ia deixar ninguém escapar.

– Eu devia ter estado lá – disse Dominika.

Nate parou no meio do caminho e sacudi-a pelos ombros. – Escuta-me. Não foi culpa tua. Um pouco menos de culpa e um pouco mais de pensar em sobreviver. Achas que o Shlykov vai tentar atacar-te em Moscovo?

Dominika encolheu os ombros. – Na *Rodina*, tudo pode acontecer.

– Então, lixá-lo bem lixado em Istambul é de importância crítica. Consegues dar cabo dele se formos capazes de lhe complicar a vida?

– Se ele fracassar e embaraçar o presidente, está perdido. Mas o que é que tu vais fazer?

– Não ias acreditar em mim se te dissesse – respondeu Nate. Enquanto caminhavam, descreveu as linhas gerais do plano para queimar o major Shlykov e a parte que Dominika desempenharia na operação. Ela parou de chorar, os seus olhos chisparam, e pensou em Ioana.

Em Washington, o moroso processo de seleção de um novo DCIA estava a aquecer, e Langley recebeu ordens para se preparar para as sessões de informação dos candidatos, que eles usariam nas suas audiências no Congresso. Benford encarava aquele pedido com alguma inquietação.

A única posição política do presidente que preocupava Benford era a sua desconfiança em relação à CIA, muitas vezes manifestada, e a sua convicção de que ela era uma organização anacrónica, com uma tendência intrínseca para transgressões e atos ilegais, e, por consequência, a necessitar de ser demolida e reorganizada de alto a baixo. Felizmente, disse o presidente, um novo DCIA empreenderia reformas de importância crítica. Com esse objetivo, a Casa Branca ia apresentar três candidatos a DCIA, um dos quais seria selecionado pelo seu governo para que a sua nomeação fosse confirmada pelo Senado. A SSCI, desfavorável à Agência, aprovou o plano e ordenou à CIA que informasse os três candidatos de modo igual para os preparar para as audiências de confirmação. Prestar informações sobre fontes e métodos a *candidatos* antes de um deles ser oficialmente selecionado era uma heresia, mas tanto o diretor provisório como Duchin, o lambe-botas do Congresso, se encarregaram de assegurar a colaboração dos chefes de divisão.

Benford estava sentado a uma das pontas da maciça mesa oval de reuniões no sétimo piso da Sede, a escutar com azedume enquanto Forsyth terminava de informar os três candidatos a DCIA sobre um caso melindroso de um ativo da Divisão Europeia – o representante da Autoridade Palestiniana junto do Tribunal Internacional da Justiça na Haia, um caso que estava a produzir uma quantidade volumosa de informações sobre o apoio do Irão à OLP e ao Hezbollah. A comunicação de Forsyth fora precedida pela do Chefe da Divisão da América Latina, o tagarela Johnny Cross – com um bigode fino, e bem-parecido como uma estrela de cinema dos velhos tempos – sobre um caso em Caracas, o vice-ministro do Petróleo, recrutado pela CIA, que se transformara numa mina de ouro de informações sobre a indústria petroquímica venezuelana, incluindo os pagamentos secretos de milhares de milhões de dólares da China para manter o decrépito governo à tona. A seguir seria a Chefe da Divisão da Ásia Oriental, Brenda Neff, uma loura de seios fartos e língua destravada,

quealaria aos nomeados sobre um ativo da Ásia Oriental, um capitão da marinha das Filipinas que andava a fornecer avaliações e imagens úteis dos atóis com fortificações no mar do Sul da China, a serem construídos por Beijing.

Benford reparou divertido que os seus colegas estavam a fornecer informações sobre ativos importantes, mas de nível médio. Nenhum chefe de divisão ia levantar a saia até cima e oferecer de bandeja as joias da coroa, pelo menos ainda não. Mas Duchin sabia o suficiente para suspeitar que estavam a empatar, e, quando tal chegasse aos ouvidos do diretor provisório – como chegaria certamente, através do bufo do Duchin –, os chefes receberiam ordens para abrirem completamente os livros aos nomeados. Era só uma questão de tempo.

Os três nomeados estavam sentados no outro extremo da mesa e davam sinais respetivamente de tédio, atenção e perplexidade. A senadora Celia Feigenbaum estava furibunda: com base nos seus muitos anos na Comissão de Apropriações do Senado, estava totalmente convencida de que a dúplice CIA precisava de ser drasticamente reduzida, se não mesmo abolida, a começar pela transferência de várias Direções para o Departamento de Defesa, a NSA e o FBI. Se indigitada para o cargo de DCIA, estava decidida a limpar a casa, o que, para Benford, era uma ideia apócrifa, tornada absolutamente espantosa pelo ponto de vista expresso da senadora de que os princípios clandestinos persistentes da Agência – roubar segredos e explorar vulnerabilidades para subornar alvos humanos – eram imorais. «Não é quem nós *somos*, não é aquilo que a América *representa*» ronronava ela com frequência e santimónia a qualquer jornalista que lhe pusesse um microfone à frente da cara. Era uma das pessoas candidatas favoritas, em parte porque os seus pontos de vista hipócritas espelhavam os do presidente.

A senadora chegara com o seu chefe de gabinete, Robert Farbissen, e exigiu levianamente que ele recebesse as mesmas informações que os candidatos, algo com que o chefe dos Assuntos do Congresso, Duchin, imediatamente concordou, já que Rob tinha autorização para aceder a todos os segredos, mesmo aos mais importantes. Benford rangeu os dentes; era uma concessão ultrajante. Sabia tudo o que havia a saber sobre Farbissen: ele já fazia parte da mobília em Washington há décadas, passando de gabinete em gabinete, a causar confusão com as suas febres revanchistas e

arruaças partidárias. Baixo e entroncado, com uma boca torta e coroas dentárias por baixo de um nariz batatudo, Farbissen sentou-se triunfalmente à mesa de reuniões para escutar os segredos diletos dos cofres da detestada CIA. Virou-se e, reparando pela primeira vez que Simon Benford estava sentado ao seu lado, afivelou uma expressão de grande repugnância, levantou-se e mudou para uma cadeira a três lugares de distância, como se Benford fosse o «paciente zero» numa enfermaria de doenças contagiosas. *A medida do homem – pensou Benford – é a distância de três lugares à mesa.*

Mais atenta estava a vice-almirante da Marinha dos Estados Unidos, Audrey Rowland. Elegante na sua farda de serviço azul escura, estava sentada com as mãos unidas em cima da mesa, e as grossas listas douradas da sua patente de três estrelas resplandeciam contra a nogueira escura da mesa de reuniões. Fora considerada Aluna Distinta depois de fazer estudos avançados no Colégio Industrial das Forças Armadas em Fort McNair, em Washington. Nos 20 anos seguintes ocupara cargos cada vez mais importantes, o mais recente dos quais o de chefe do Gabinete de Investigação Naval nas margens do rio Potomac, na Virgínia. Nessa instituição, supervisionava energeticamente quase três mil cientistas, investigadores civis permanentes e empresas contratadas, e geria um orçamento anual de investigação de mais de mil milhões de dólares.

A progressão na carreira de Audrey foi meteórica, passando de comodoro a contra-almirante em dois anos e, três anos depois, ganhou a sua terceira estrela como vice-almirante. Benford observava-a por entre as pálpebras semicerradas, reparando que ela trazia mais *salada de fruta* ao peito do que Bull Halsey⁴, a saber: a Medalha da Defesa de Serviço Superior, a Legião de Mérito, a Medalha da Defesa de Serviço Meritório, a Medalha de Serviço Meritório (três), a Medalha de Louvor do Corpo da Marinha e dos Fuzileiros (quatro), e a Medalha de Mérito do Corpo da Marinha e dos Fuzileiros. Nenhuma delas era uma condecoração por combate ou serviço naval.

Aos 49 anos, a vice-almirante Audrey Rowland era uma mulher moderna e poderosa da Marinha americana do século XXI: brilhante, uma administradora capaz, e decorosa. Nunca se casara – circulavam ocasionalmente em torno dela os inevitáveis boatos, na maior parte dos casos entre os seus pares do sexo masculino com inveja por serem ainda

capitães a comandar esquadras de contratorpedeiros em Yokosuka – mas, para além disso, a vice-almirante Rowland era discretamente considerada uma solteirona inofensiva, totalmente dedicada à marinha e à sua missão. Quando foi divulgado o pedido de propostas de candidatura ao posto de DCIA, o nome de Rowland foi imediatamente sugerido pelo chefe de Operações Navais, o secretário da Marinha, e apoiado pelo presidente.

Havia um precedente: um almirante estivera ao leme da CIA em meados da década de 1970; já passara demasiado tempo para que se recordassem os danos permanentes causados pelo Massacre de Halloween em 1977 perpetrado por aquele intruso severo, quando foram dispensados 200 agentes operacionais por se considerar que não eram essenciais, seguindo-se o despedimento de mais 800 agentes de ligação até 1979, arrancando pela raiz de uma só penada toda uma geração de veteranos de rua experientes, a maioria com um domínio quase perfeito de línguas estrangeiras, um bem de valor inestimável. Mas isso fora há 30 anos, e atualmente a Marinha ficaria encantada por ter de novo um dos seus a dirigir a CIA, cujos agentes operacionais nunca demonstravam muito respeito pelo serviço naval de informação, o NCIS, o serviço de investigação criminal naval. Benford observou com atenção o rosto comprido e masculino da almirante, com o queixo saliente e o cabelo grisalho preso numa trança enrolada atrás, mas com um caracol tufado de pacóvia das pradarias na frente, que, mesmo aos olhos pouco sensíveis às modas de Benford, parecia bizarro. Rowland reparou que Benford estava a olhar para ela, acenou-lhe com a cabeça do outro lado da mesa e sorriu de modo agradável, mostrando um incisivo saliente. *OK, talvez as almirantes que são cientistas da Física não tenham de ser bonitas, especialmente não as inteligentes* – pensou ele. Como DCIA, era previsível que se concentrasse nos aspetos da ciência e da tecnologia da Agência, mas, com sorte, pelo menos apoiaria um serviço clandestino a necessitar desesperadamente de ser ressuscitado.

Na curva do outro extremo da mesa, claramente perplexo com dois terços do que fora comunicado até ao momento, estava sentado o terceiro candidato a DCIA, o embaixador Thomas «Tommy» Vano, que entrara em filmes de segunda nos anos 1980 (*Raiva do Espaço, Maníaco Cerebral*) e fora eleito o homem mais *sexy* vivo em 1985, mas começara a perder o brilho e abandonara Hollywood antes de se estampar completamente ao

comprido e ficar queimado. Com os ganhos modestos da sua carreira no cinema, começou a comprar pequenos centros comerciais na Flórida com um cunhado empresário, no início do *boom* do setor imobiliário nos anos 1990. Mais por sorte do que por faro para o negócio, Vano fez milhões e em seguida criou uma empresa, um consórcio de investidores para comprar mercadorias a nível global, entre elas metais raros e preciosos. Ao longo das duas décadas seguintes, seguiu as indicações dos seus sócios e fez mais milhões, vários dos quais doou à campanha certa, o que, em 2008, lhe valeu a nomeação para embaixador em Espanha. Manteve-se no posto durante quatro anos, num estado de ligeira perplexidade permanente, mas agradável, e foi aí que conheceu e se deixou enlevar pelos vinhos de Rioja e *caparrones*, o substancial guisado de feijão branco e pimentões fumados da região.

Inexplicavelmente mantido no Departamento de Estado depois do seu regresso de Madrid, tornou-se embaixador itinerante para os serviços de informação, o que significava que tinha um modesto gabinete num corredor interior em Main State, com dois funcionários, e assistia a um número incontável de reuniões. O posto ficara vazio durante 18 meses, principalmente porque nenhum diplomata sénior do Departamento de Estado queria sujar os sapatos no pântano lodoso do mundo da espionagem. Mas o embaixador Vano achava os encontros de ligação com as várias agências secretas toleravelmente interessantes, embora não lhe exigissem grande esforço, e, como representante do Departamento de Estado, raramente lhe era pedido que participasse (*o leproso numa dança de roda*, murmurou um espirituoso do NSA). Tivera sessões de informação como Chefe de Missão em Madrid, que achara excitantes, um pouco como guiões de filmes.

No entanto, um dia Tommy Vano interrompeu uma discussão sobre metais estratégicos que estavam a ser comprados e acumulados por Moscovo e Beijing, e casualmente mencionou que o seu consórcio estava familiarizado com os mercados globais de mercadorias, ministros de governos, compradores comerciais, minas extrativas e reservas. Com tudo isso. A partir desse dia teve lugar à mesa, e, apesar de possuir mais afabilidade do que discernimento, aceitaram-no como especialista na matéria.

Quando se apelou à apresentação de candidatos a DCIA, o secretário de estado cessante (um menino do coro que ainda acreditava no código de conduta que postulava que os cavalheiros não leem o correio das outras pessoas), propôs o embaixador Thomas Vano para DCIA citando a sua argúcia nos negócios, a sua experiência no estrangeiro como diplomata e os seus atributos como atual embaixador itinerante para os serviços de informação, com profundos laços e contactos na comunidade dos serviços secretos. Eram palavras à moda de Washington, claro, e uma tolice rematada, mas Vano acabou por integrar a lista final de candidatos.

Era alto e tinha o peito saliente, cabelo preto ondulado, à pirata, grandes olhos límpidos e uma fenda no queixo à Cary Grant. Benford notou com interesse que o único apoiante visível da onda de dinheiro, Hollywood e sexo de Vano era o Chefe da Divisão de Análise Económica, Neff, um notório espírito livre a quem em tempos o vice-diretor da secção do crime organizado da Divisão de Combate aos Narcóticos se referira como sendo um apreciador habitual de levar na anilha. A senadora Feigenbaum era demasiado velha e mesquinha para se importar fosse com o que fosse, e a almirante Rowland não movia as suas faixas douradas um milímetro e parecia alheada.

Deus nos guarde – pensou Benford. Uma megera de Capitol Hill empenhada em destruir a Agência; uma cientista sem graças sociais, uma sabichona da marinha; e um fantoche milionário que, como embaixador em Madrid, julgava que o acrónimo do grupo terrorista basco ETA queria dizer «estimated time of arrival», tempo previsto de chegada.

Na sessão de hoje, Benford mostrara-se relutante, «por questões de tempo», em discutir quaisquer casos russos, e estava decidido a empatar por tanto tempo quanto possível. MAGNIT ainda andava por aí, Nash acabara de comunicar que o GRU andava de olho em DIVA, e ia ser um inferno em Istambul se não fizessem alguma coisa imediatamente. Istambul ia ser um desastre.

Os WOLVERINES. Em Sebastopol. *Que Deus nos ajude, espero que sejam tão espertos como o Forsyth jura que são. A primeira Guerra Fria acabou há 30 anos. Estamos a travar a segunda agora.*

GUISADO DE CAPARRONES DE RIOJA

Frite rodela de chouriço, cebolas cortadas e alho em azeite até amolecerem. Adicione pimentão e malagueta em pó e continue a fritar. Acrescente tomates frescos cortados, água, caldo vegetal, tomates de lata cortados e pasta de tomate. Deixe levantar fervura e depois cozinhe em lume brando. Acrescente salsa picada e feijões brancos e deixe ao lume até espessar, algo entre a consistência de uma sopa e a de um guisado. Deixe repousar por uma hora (ou durante a noite) e volte a aquecer, servindo o prato bem quente com um fio de azeite e um ovo escalfado em cima.

4 William Frederick “Bull” Halsey (1882 – 1959) foi um almirante-de-esquadra da Marinha dos Estados Unidos (*N. do E.*)

16

Os Wolverines

Nos bons velhos tempos da Guerra Fria, a chegada à movimentada Antena de Roma do agente em primeira missão Tom Forsyth, acabado de sair do treino na Quinta, foi recebida de variadas maneiras pelos colegas. Alguns deles foram muito prestáveis e mostraram-lhe Roma, indicando-lhe as melhores *trattorias* para provar a *cucina povera* da cidade, pratos rústicos caseiros, e onde encontrar uma garrafa de Cesanese del Piglio, do Lazio. O seu chefe de secção conseguiu metê-lo na lista de convidados de meia dúzia de comemorações de dias nacionais em embaixadas estrangeiras, onde poderia começar à procura de alvos por sua conta. O chefe de relatórios fê-lo sentar e passou em revista a lista de alvos, para ele saber o que procurar.

O agente sénior da Antena de Roma, Gale Stack, tinha 55 anos e estava à beira da aposentação. Anteriormente na sua carreira tivera oportunidades de promoção, mas nada resultara delas devido às prioridades em competição com o esforço necessário, que incluíam almoços regados a martini, contabilidade criativa do fundo de maneo das suas operações e meter-se com empregadas em bares. Stack ressentia-se por o seu contributo nunca ter sido apreciado. Tinham-no pisado e tinham-lhe passado por cima –

bastante. A chegada do jovem Forsyth – estavam em cubículos adjacentes – proporcionou uma oportunidade a Stack de se livrar de um caso trabalhoso encriptado como VZWOLVERINE. Não estava a ir a lado nenhum, pelo menos não com a quantidade de esforço que Stack estava disposto a investir nele. O ativo, um jovem emigrado polaco chamado Witold Zawadzki, apresentara-se como voluntário na embaixada, e Stack afastara outros agentes para se encarregar ele do caso. Pensava que seria lucrativo – muita informação para pouco trabalho – assim como uma boa desculpa para almoços e jantares à custa do fundo de maneo.

VZWOLVERINE era de uma família aristocrática de Cracóvia, da *szlachta*, a nobreza polaca, remontando a 1360 e ao rei Casimiro III, o Grande. Enviado para Roma em criança para viver com uma tia, Witold,

agora com 25 anos e cidadania italiana, só odiava os soviéticos ligeiramente menos do que os *zdrajcy*, os polacos traidores que tinham vendido o seu próprio país. No primeiro encontro de agentes, o jovem polaco fogoso – nervoso, magro, de cabelo louro acamado para trás – olhou com atenção para o seu oficial de contacto de farto cabelo branco e unhas cuidadas, cuja mão tremeu ao tirar a azeitona do martini do palito com os seus dentes brancos e grandes. Witold inclinou-se para a frente e disse a este agente da CIA que estava disposto a regressar à Polónia, e que a sua família conhecia polacos patrióticos da mesma opinião que ele no governo, no partido e nas forças armadas. Stark arrotou, fez sinal a mandar vir mais um martini e disse a VZWOLVERINE que escolhesse o que quisesse na ementa, fosse o que fosse.

Num segundo almoço bem regado, na fabulosamente cara marisqueira La Rossetta, à sombra do Panteão, VZWOLVERINE trouxe uma lista de famílias polacas influentes que, com o devido encorajamento, forneceriam informações sobre a liderança do Partido Comunista Polaco, as atividades dos serviços secretos soviéticos na Polónia e os níveis de preparação militar das forças do Pacto de Varsóvia. Pousando a perna de lagosta, Gale Stark pegou no papel com dedos lambuzados de manteiga, meteu-o ao bolso do casaco e disse a Witold que «investigaria» os nomes. Controlando o seu temperamento impetuoso, VZWOLVERINE disse a Stark que queria falar com outra pessoa na organização. Sinal de alarme. Era má ideia deixar que outro agente da Antena metesse o nariz debaixo da tenda para ver como Stark andava a fazer refeições caras à custa deste caso, já para não falar de deixar que este aspirante a combatente pela liberdade se queixasse do seu agente de contacto.

No dia seguinte, Stark disse ao chefe da secção que VZWOLVERINE era um emigrado ressabiado sem acesso a informações, e que ia recomendar que a Antena dispensasse o ativo com um bónus de mil dólares (daria 500 ao jovem e meteria o resto ao bolso) e parasse de desperdiçar tempo. O chefe da secção concordou contrafeito, mas algo o fez mudar de ideias, e disse a Stark que iria entregar o caso a outro agente, que talvez uma mudança de dinâmica ajudasse. Sinal de alarme. Um agente experiente perceberia a história real e comunicaria o sucedido. E então Stark lembrou-se do novo miúdo no cubículo ao lado do seu. Ele ainda não sabia mexer os cordelinhos; seria perfeito. Que me diz, perguntou Stark. Um caso fácil,

para começar, conduzir o ativo para ele desenvolver acesso a informações, lentamente. O chefe da secção encolheu os ombros e disse-lhe para avançar.

Foi esse o início da rede WOLVERINE. Depois de um encontro bem regado para serem apresentados, Tom Forsyth e o seu novo agente, Witold Zawadzki, começaram a sondar-se um ao outro, à cautela: Witold viu que o seu novo agente de contacto era honesto, enérgico e tinha vontade de ser bem-sucedido; Forsyth viu que o empenho intenso do impaciente jovem polaco precisava de ser controlado. Nada se conseguiria implementando missões suicidas. As expedições de VZWOLVERINE à Polónia começaram lentamente – disfarçadas de viagens comerciais para fazer compras para uma empresa italiana de design – para deixar que o SB, o *Sluzba Bezpieczenstwa*, o serviço polaco de informações, controlado pelos soviéticos, se habituasse a ver chegar e partir o jovem com passaporte italiano.

Depois de duas viagens, VZWOLVERINE recrutou um amigo de infância, agora capitão no exército polaco, que foi encriptado como VZWOLVERINE/2. Uns amigos da família, VZWOLVERINE/3 e VZWOLVERINE/4, respetivamente uma bonita ex-estudante de Belas Artes, agora assistente especial no secretariado do partido, e um sargento da polícia, foram recrutados nos seis meses seguintes. O recrutamento seguinte de Witold foi VZWOLVERINE/5, um seu primo, que, por coincidência, era comunicador na sede do ministério do Interior e processava o tráfego de mensagens do KGB entre Varsóvia e Moscovo. O fluxo de informações começou lentamente. Os relatórios desses subagentes eram recolhidos por WOLVERINE/1 (como agente principal) e trazidos a Forsyth em Roma.

Primeiro a direção da Antena de Roma e depois a Sede começaram a prestar atenção. Os relatórios dos WOLVERINES eram soberbos, incluindo fotografias de documentos classificados do Pacto de Varsóvia e do Exército Vermelho soviético nunca antes vistos. Os analistas de contrainformação encaravam o saque com um olhar cético, as informações demasiado boas para serem verdade despertavam sempre suspeitas, mas os relatórios eram corroborados, e estavam sempre a chegar. Forsyth tinha de refrear Witold continuamente, de lhe dizer que abrandasse o ritmo, que sopesasse a produção em termos de risco. Num esforço permanente para proteger os seus WOLVERINES, Forsyth treinou Witold em fotografia clandestina, comunicações impessoais, escrita secreta e técnicas avançadas de

comunicação de informações, e ele, por seu turno, treinou a sua rede de membros dentro da Polónia.

Daí a um mês, Witold apresentou a Forsyth uma gravação áudio de uma reunião à porta fechada do Comité Central do Partido Comunista Polaco, em que se discutia acaloradamente se obedecer a uma ordem do diretor do KGB, Chebrikov, para prender os rebeldes mineiros de Wujek e trabalhadores do estaleiro naval de Gdansk do movimento Solidariedade, se ignorá-la. WOLVERINE/3, a escultural assistente do secretariado do partido, cujo nome era Agnes Krawcyk, e que, de forma alarmante, era viciada em adrenalina, colara um microfone e um pequeno gravador (montado por WOLVERINE/5, o génio da eletrónica, que se chamava Jerzy) debaixo do pódio do presidente antes da reunião. Ao apresentar os relatórios – subsequentemente classificados com um raro *O*, de *outstanding*, excecional – Forsyth sentiu-se extremamente nervoso. Os WOLVERINES não durariam, se continuassem a correr os riscos insanos dos últimos meses, berrou a Witold. E empregar dois WOLVERINES na mesma operação ia contra a regra de manter os membros da rede compartimentados. Já era suficientemente arriscado que Witold soubesse o nome de todos. Aquilo tinha de parar.

Num jantar de feriado em que foi servido *zrazy zawijane*, um succulento rolo de carne de vaca com cebolas, cogumelos e um espesso molho escuro, no apartamento da sua tia em Roma, Witold sorriu a Forsyth – quão longe já tinham chegado os dois – e disse que, dada a preocupação maternal de Forsyth, ele adiaria por agora o seu plano de raptar o *rezident* do KGB em Varsóvia e o entregar a Forsyth, atado de pés e mãos qual porco, a tempo do Natal. Fizeram um brinde com um copo de *wódka* Chopin. Nos três anos da missão de Forsyth em Roma, a rede WOLVERINE produziu centenas de relatórios de grande interesse, e informou os responsáveis políticos de Washington sobre os perigosos estertores finais do domínio soviético da Europa de Leste. A Sede promoveu Forsyth e agraciou Witold com a Medalha de Mérito.

*

Quando a União Soviética implodiu em 1989 e a Polónia voltou a ver a luz do sol, Forsyth propôs que os seus cinco WOLVERINES fossem mantidos

juntos e no registo de serviço ativo. Imaginava a equipa a viajar como representantes comerciais ao serviço de várias empresas polacas a vender maquinaria, bombas de água e *software* em áreas interditas – Coreia do Norte, Cuba, Irão, Rússia –, países horrendamente difíceis para agentes da CIA com a cobertura tradicional. A escultural Agnes Krawcyk regressara à Faculdade de Conservação e Restauro de Obras de Arte da Academia de Belas Artes em Cracóvia, onde finalmente obtivera a licenciatura em conservação de obras de arte antigas em terracota, gesso e cerâmica. Forsyth previa viagens operacionais ao estrangeiro de Agnes como restauradora de arte.

Com relativa liberdade de movimentos nesses países, disse Forsyth, a equipa poderia conduzir discretamente as operações requeridas. Os WOLVERINES tinham sido treinados ao longo dos anos, e eram proficientes em vigilância de rua, entrada sub-reptícia, reconhecimento do local, recrutamento e comunicação de informações. Todos falavam fluentemente polaco e russo, bem como o francês e o alemão da praxe e inglês rudimentar. Eram autossuficientes e agressivos, dispunham-se por natureza a correr riscos e eram ferozmente leais a Forsyth, que era como um deus para eles. Mas então a Sede interveio.

Houve prolongadas discussões burocráticas quanto à proposta de Forsyth para os WOLVERINES. O novo tipo de liderança da CIA – na sua maior parte ex-analistas e administradores politicamente ambiciosos que tinham acalentado durante décadas um ressentimento contra a verve e a hegemonia da Direção de Operações e agora, perversamente, procuravam reformar a DO de modo a fazê-la desaparecer – encaravam estes cinco fanáticos eslavos (ou lá o que é que eles eram), como dinossauros retrógrados da Guerra Fria. Além disso, a recolha de informações na era moderna estava a passar para drones e satélites e enormes postos eletrónicos de escuta. A clássica recolha humana de informações, a chamada HUMINT, como por exemplo um agente falar com uma fonte clandestina, a única maneira segura de obter *os planos e as intenções* do adversário, estava a atrofiar-se, por se considerar um método de recolha que acarretava demasiado perigo e dispêndio de tempo. A maior parte dos burocratas da CIA, desesperados por evitarem fracassos operacionais, não queria ter nada a ver com agentes de contacto, agentes de recolha, operacionais, *cowboys*, caçadores de escalpes, *mustangs*, putas velhas, caçadores de cabeças ou a porra dos cinco

WOLVERINES da Europa de Leste, já agora, que só trariam desgraça e acabariam por os arrastar para diante de alguma comissão de inquérito do Congresso.

*

Quando parecia que a ignorância e o torpor da Sede prevaleceriam, e que os WOLVERINES seriam mandados para a reforma, surgiu uma crise em 2001 que envolvia funcionários da CIA. Três analistas de visita do Gabinete de Análise do Próximo-Oriente e do Sul da Ásia (NESA) – duas mulheres e um homem – tinham ignorado as indicações da Antena de Damasco para se manterem dentro do complexo da embaixada no centro da capital síria, na avenida Abu Ja'far al Mansur. Estavam na Síria para recolher «factos no terreno» sobre a guerra civil síria, e pensavam que sabiam o que estavam a fazer. Dois deles falavam um pouco de árabe. Partiram numa terça-feira de manhã, tencionando visitar os escritórios da Cruz Vermelha Internacional na praça Arwada, o Hospital Italiano na avenida Omar Al-Mukhar e o Souq Al Khoja, na rua Al Thawra, uma deslocação num total de três horas e 16 quilómetros.

Quando não regressaram à embaixada até à hora do fecho de expediente, o responsável da segurança telefonou para a polícia metropolitana, que, várias horas depois, encontrou o corpo de uma das mulheres no subúrbio de Jobar, no leste da cidade, no rés do chão do Teacher's Tower, um prédio em ruínas, entre os escombros e tanques enferrujados com as escotilhas abertas e as esteiras arrancadas às rodas. A mulher, uma divorciada de 46 anos com dois filhos, tinha sido amarrada com arames, em roupa interior, a um colchão de molas enferrujado posto de pé contra uma parede cheia de buracos de balas, e foi-lhe apertado um cabo de plástico à volta do pescoço. Com um encolher de ombros, a polícia disse que talvez tivesse sido obra de soldados descontrolados das Forças de Defesa Nacional, de insurgentes sunitas ou de uma unidade do Hezbollah, quem poderia dizer, mas contavam que a gravação da tortura fosse entregue na embaixada daí a dias.

Nessa noite, o responsável da segurança recebeu uma chamada desesperada dos outros dois analistas. Tinham escapado por um triz de serem apanhados ao correrem por uma ruela abaixo quando o táxi em que seguiam foi bloqueado por dois carros. Tinham mandado parar um homem

idoso que ia numa carrinha toda amolgada e ofereceram-se para lhe pagar para que os levasse à embaixada, mas os bloqueios de estrada do Hezbollah e uma explosão atroadora a um quarteirão de distância fizeram o condutor entrar em pânico, que, em vez disso, levou os analistas, por entre protestos, para a sua casa na vila de As Saboura, a 13 quilómetros a oeste da cidade, ao longo da Estrada Um. O velho e a sua mulher estavam aterrados com a possibilidade de os insurgentes islamitas locais descobrirem os americanos em sua casa e os matarem a todos – as ruas à noite estavam cheias de bandos de homens armados com lenços de cabeça *keffiyeh*. Os analistas estavam presos, não podiam sair dali. Tinham água e estavam a ser alimentados – a senhora de idade fizera uma quantidade de *kurrat-barasya*, um aromático guisado de alho francês e borrego, que daria para uma semana. Passaram a noite no sofá, a escutar as vozes no pátio. Não tinham muito tempo: algum vizinho acabaria por reparar neles e comentar, ou os militantes poderiam revistar as casas.

O que complicava ainda mais as coisas era que alguém da polícia segredara ao comandante da Força Qods iraniana local que dois agentes da CIA se tinham perdido e estavam escondidos algures em Damasco. Os obedientes órgãos de segurança, milícias e unidades militares da Síria receberam ordens de Teerão para encontrar e deter os pérfidos americanos, que, significativamente, não estavam acreditados junto do governo sírio, e, por consequência, não tinham imunidade diplomática. Apesar dos repetidos protestos do embaixador interino, o Hezbollah montou bloqueios nas ruas à volta da embaixada dos Estados Unidos. Agentes da Antena tentaram por várias vezes ultrapassar esses bloqueios e deslocar-se à vila, mas a missão teve de ser abortada quando detetaram uma forte vigilância. Desistiram.

Na Sede, a situação dramática em Damasco foi o primeiro tópico de discussão na reunião de revisão executiva com o diretor, que se realizava todas as noites na sala de reuniões do sétimo piso. Os califas em Langley que normalmente se sentavam nas cadeiras de costas altas à espera de ordens do centro da cidade estavam abatidos: tinham nas mãos uma analista morta, e a possibilidade de perderem outros dois iria trazer-lhes uma série infundável de problemas. Ninguém tinha nenhuma ideia nem ia sugerir uma solução, e a conversa esmoreceu. O silêncio dispéptico foi interrompido quando o agora Chefe da Divisão Europeia, Forsyth, comunicou à liderança ali reunida que a sua equipa de agentes polacos poderia infiltrar-se em

Damasco sem atrair as atenções, estabelecer contacto com os dois analistas sobreviventes e exfiltrá-los da Síria, provavelmente para oeste, para o Líbano. Os rostos à volta da mesa animaram-se. Era uma solução a dois níveis: ou os analistas eram salvos ou a operação dava para o torto e a culpa poderia ser atribuída a Forsyth e ao seu séquito de dançarinos da polca.

Três WOLVERINES deslocaram-se de avião a Damasco no voo intermitente de Argel da Syrian Air, alegadamente como representantes da Câmara de Comércio da Polónia à procura de oportunidades de negócio nos novos projetos de renovação urbana, uma cobertura que era marginalmente plausível, dada a devastação crescente dos subúrbios de Damasco. Dois outros WOLVERINES, um deles o amigo de Forsyth, Witold, deslocaram-se de jipe do Líbano e posicionaram-se em Jdeidat Yabous, uma cidade síria a 45 quilómetros a oeste de Damasco. Ficava a três quilómetros da fronteira oficial com o Líbano. Witold e o seu colega chegaram num Toyota Land Cruiser branco com o logotipo da Heritage for Peace na porta, uma organização familiar dedicada à proteção de locais do Património Mundial e de antiguidades na Síria. Nenhum habitante local lhes prestou atenção.

Depois de uma visita desinteressada ao ministério da Habitação e Construção, os WOLVERINES em Damasco constataram que não estavam a ser seguidos e operaram impecavelmente. Localizaram a casa através dos telemóveis dos analistas em As Saboura, com um dispositivo CANINE, um sistema de rastreamento por GPS da CIA operado através de um *tablet* de sete polegadas de aspeto inocente e com uma precisão de até cinco metros. Os exaustos analistas foram despertados com um abanão às quatro da madrugada pelo VZWOLVERINE/4, o ex-sargento da polícia, que, de algum modo, conseguira entrar na pequena casa sem fazer ruído. Foram enfiados num carro que os aguardava e levados para norte pela Estrada Um, onde se encontraram com Witold e o seu Toyota ao amanhecer. Depois de os analistas da CIA serem transferidos para o veículo de Witold, receberam camisas e calças de caqui, botas do deserto e passaportes belgas. Witold conduziu até à fronteira, fazendo coincidir a passagem para o outro lado com o meio-dia, hora a que o trânsito de camiões era mais intenso e os barrigudos guardas fronteiriços já estavam a pensar no almoço. Um dos guardas sírios folheou o passaporte belga falso de um dos analistas aterrorizados e fez-lhe uma pergunta em francês, uma língua que ele não falava. O atarantado analista vomitou os restos do guisado de alho francês e

borrego em cima das botas do guarda. Witold explicou pesaroso que o seu colega tinha bebido água de um ribeiro abaixo da última vila e estava com náuseas há duas horas. Abanando a cabeça aos *ajami*, estes bárbaros não-árabes – toda a gente sabia que só devia beber em ribeiros *antes* de passar por cidades – o guarda fronteiriço mandou-os seguir. Os analistas embarcaram num voo de Beirute para Paris na manhã seguinte. Os outros três WOLVERINES, entretanto, regressaram a Damasco para mais uma reunião com o perplexo ministro, entregaram o jipe de aluguer e foram de avião para Abu Dhabi no dia seguinte. Sem vestígios, sem falhas, sem confusões, graças aos WOLVERINES. A Antena de Damasco soltou um suspiro de alívio, os chefões em Langley fizeram peito, e Forsyth ficou com a sua equipa WOLVERINE intacta.

*

Os WOLVERINES mantiveram-se ao serviço durante mais três anos, mas quando o seu patrono e defensor Tom Forsyth foi destacado para o estrangeiro e depois ficou preso a uma secretária na Sede, acabaram por se aposentar e passaram a receber anuidades consideráveis, que foram aumentando ao longo dos anos. Realizou-se uma desajeitada cerimónia na Sede durante a qual os cinco WOLVERINES foram agraciados com medalhas de Distinção no Serviço, uma Citação de Unidade Meritória e relógios de mesa de latão e madeira com um disco a indicar as horas em todo o mundo e o logotipo da CIA no mostrador. A apresentadora que leu as citações – tinha nascido no ano em que Witold escapara aos cães-polícia na floresta de Kampinos nos arredores de Varsóvia – teve alguma dificuldade em ler os nomes polacos, mas o vice-diretor tinha decorado a palavra *gratulacje*, «congratulações» em polaco, que se fartou de repetir enquanto dava os apertos de mão.

Grças ao desempenho dos WOLVERINES na Síria, Forsyth pôde mantê-los na lista de reserva, mas só havia trabalho intermitente para eles e acabaram todos por dispersar para aposentações confortáveis, embora pouco inspiradoras. Três regressaram à Polónia e às suas famílias. Agnes, a única mulher da rede, continuou solteira, desinibida e ainda um espírito livre. Instalou-se no Sul da Califórnia e arranjou trabalho a restaurar obras de arte no museu Getty. Witold, sempre sério e empenhado, e solteirão

inveterado, optou por viver em Nova Iorque, onde ocasionalmente fazia trabalhos *freelance* de consultoria de segurança.

Por conseguinte, a chamada inesperada de Forsyth a pedir aos WOLVERINES que fizessem a mala e se encontrassem em Nova Iorque foi a deixa há muito ansiada para abandonarem as suas vidas monótonas. O encontro foi marcado para o Tiro a Segno Club (fundado em 1988), um clube de elite na Mulberry Street, na Village, do qual Witold – graças à sua cidadania italiana – era membro. Era um sítio especial: na fachada de três casas antigas sem sinais distintivos, o clube só se identificava por uma placa de latão e um toldo vermelho. O átrio de entrada estava ornamentado por duas espingardas antigas penduradas na parede. O bar, as salas de estar e as salas de jogos estavam decorados com madeiras e couro, e a mesa na sala de bilhares era fantástica, com o seu feltro cor de laranja. A sala de jantar era banhada por uma iluminação discreta de candeeiros com globos de cobre pendentes do teto, e as mesas brilhavam com cristais e toalhas de linho branco. O ar do clube estava pesado com as fragrantas comidas apuradas que se preparavam na cozinha italiana. Os membros do Tiro (como era chamado) conheciam-se uns aos outros e acenavam polidamente com a cabeça.

Witold reservara a estreita sala privada com uma mesa à qual podiam sentar-se 30 pessoas, e encomendara um jantar simples de *mozzarella di buffala* importada com *prosciutto*, um *risotto* de lagosta pecaminosamente delicioso e fruta fresca para a sobremesa. Os WOLVERINES chegaram todos cedo e foram saudados por Witold com um copo de *prosecco*. Os seus rostos iluminaram-se quando Forsyth entrou na sala, e apressaram-se a apertar-lhe a mão e beijá-lo nas faces, um reencontro feliz dos tempos da Guerra Fria. Já se passara muito tempo. Os rostos voltaram-se de novo para a porta quando Nate Nash entrou na sala. Atento e em forma, moreno e intenso, Nash trazia um blazer por cima de uma camisa às riscas com uma gravata azul escura. Os WOLVERINES fizeram cada um a sua avaliação astuta: Ryszard, o ex-capitão do exército, viu como Nash estabelecia contacto visual quando falava; Piotr, o ex-sargento da polícia, reparou na força do aperto de mão de Nash; Agnes, de longe, apreciou os ombros de Nash por baixo do blazer.

– Têm todos andado a preguiçar por aí – disse Forsyth. – Temos trabalho a fazer.

Piotr, o ex-polícia, resmungou: Fez-nos esperar muito tempo.

– Não tinha a certeza se não teriam ficado gordos e lentos com a reforma – disse Forsyth, inexpressivo.

– O Piotr é o mais gordo – comentou Jerzy, o génio da eletrónica. – Demasiado *sernik*, *cheesecake* polaco.

– Não te preocupes comigo – disse Piotr. – Devias preocupar-te era com a queda de cabelo. – O cabelo de Jerzy começava a rarear no topo da cabeça.

– Thomas, como vês, a disciplina continua má como sempre – disse Ryszard. – Estes tipos sem préstimo não mudaram.

– Já chega – disse Witold, sempre no comando. – Thomas, diz-nos que trabalho tens para nós. – Continuava a ser um verdadeiro aristocrata, com um fato de trespasse cinzento claro.

– Rússia, a Crimeia, Sebastopol.

– *Fenomenalny*, maravilhoso – disse Ryszard. – O tempo vai estar quente e soalheiro.

– Por quanto tempo? – perguntou Witold. Bebeu um gole de *prosecco*, olhando para Nate por cima da beira do copo.

– Dois dias, três, o alvo é um armazém – respondeu Forsyth. Os rostos viraram-se de novo para Nate.

– Mas primeiro diz-nos alguma coisa sobre este jovem – pediu Agnes. Era alta e tinha feições definidas, olhos cinzentos e cabelo preto farto que lhe caía sobre os ombros. Tinha uma madeixa branca como a neve, que começava na testa e estava penteada para trás. Trazia um vestido-camisola de malha, preto, que se colava a um corpo que lembrava o Monte Rushmore.

– Este é o Nathaniel Nash – disse Forsyth. – Já trabalho com ele há seis anos. Vai coordenar a operação. – Os polacos mantiveram-se em silêncio.

– Coordenar ou chefiar? – perguntou Piotr.

– Chefiar. Tem uma experiência significativa em operações em zonas interditas – respondeu Forsyth.

– Posso perguntar onde? – disse Witold num tom delicado. Forsyth sabia que isto não ia ser fácil.

– Em Moscovo – disse Nate, falando pela primeira vez. – Em Helsínquia, em Roma, em Atenas. – Agnes pensou que ele era atraente, o autoconfiante homem agarotado.

– *Vy govoríte po-rússki?* – perguntou Ryszard. Fala russo?

– Estudei russo na faculdade e continuei a praticar depois – disse Nate em russo. Os polacos imediatamente constataram, pela pronúncia e pelas expressões que usou, que era fluente, provavelmente mais do que qualquer um deles.

– É o melhor agente que já vi na rua, desde sempre – disse Forsyth. Nate olhou para os sapatos. *Pois é, bom na rua, a arriscar o couro* – pensou. Piotr bebeu um gole da sua bebida e Agnes inclinou a cabeça, ainda a olhar para ele.

– Thomas, perdoa-me, mas estou a pensar que *Pani Nathaniel*, Mr. Nate, é demasiado jovem para ser assim tão bom como isso – disse Piotr. Algumas cabeças viraram-se. Toda a gente conhecia Piotr, o polícia – ele estava a pôr Nate à prova. Forsyth conteve a respiração. *Vá lá, Nash* – pensou.

– Se eu concordasse consigo – disse Nate em russo coloquial, olhando Piotr nos olhos – ambos estaríamos errados.

Houve um momento de silêncio e depois Witold estendeu um copo a Nate. – Quer um pouco de *prosecco*? – disse.

*

Depois do *mozzarella*, como tinham 25 minutos até o *risotto* atingir o estádio final de *mantecatura*, em que se adiciona manteiga fria ao arroz, Witold sugeriu que fossem à carreira de tiro da cave. O nome «Tiro a Segno» significa galeria de tiro, e o incongruente espaço de 50 metros com três postos de tiro forrados a couro almofadado era popular entre os membros do clube. Piotr olhou para Nate e apontou para as espingardas de percussão em dois dos postos de tiro, pôs protetores de ouvidos, encaixou o pente na espingarda e manipulou a alavanca do ferrolho para enfiar um cartucho. Nate fez o mesmo, e ambos os homens pousaram o cotovelo no apoio de couro almofadado e olharam pela mira. Os alvos de papel eram uns simples círculos concêntricos pendurados numa calha que podiam deslizar ao longo da carreira de tiro iluminada para várias distâncias, ou aproximar-se para que o alvo atingido fosse inspecionado mais de perto.

Agnes veio pôr-se atrás de Nate e segredou *udachi*, boa sorte, em russo. As pequenas espingardas dispararam e cada alvo adejou quando a munição fez uns buracos irregulares no centro do papel – excelente, bem no centro

de ambos. Ao quarto tiro, tanto Forsyth como Witold viram o cano da espingarda de Nate oscilar por um segundo. As espingardas estavam travadas e os alvos postos de novo na linha de fogo. A pontaria de Nate era perfeita; todos os seus tiros tinham trespassado o círculo mais pequeno. Ouviu-se um berro de Piotr. O seu alvo tinha um buraco fora dos círculos, perto da margem do papel – um «voador» desastroso. Nate apertou a mão de Piotr com uma expressão séria. Piotr olhou na direção de Forsyth e Witold, que estavam a sorrir trocistas, corados. Voltou a olhar para Nate, que continuava sério, mas tinha um brilho nos olhos. Piotr finalmente compreendeu: Nate disparara para o outro alvo, para colocar o tiro aparentemente falhado no alvo de Piotr, uma velha partida da carreira de tiro que Gable pregara uma vez ao próprio Nate. Piotr continuou a agarrar a mão de Nate, furibundo.

– *Beris druzhno, ne budet gruzno* – disse Nate em russo. Se todos nós o agarrarmos juntos, não vai parecer pesado. Piotr deu a Nate uma palmada no ombro.

– Agora vou pagar-lhe uma bebida – disse.

ZRAZY ZAWIJANE – ROLO DE CARNE DE VACA POLACO

Bata uns quantos bifes redondos até ficarem muito finos. Coloque cebolas cortadas às rodelas finas e pickles e um dedo de pão estilo baguete sem crosta em cada bife, enrole bem apertado e prenda com palitos. Coza cogumelos secos em caldo de carne de vaca. Passe os rolos de bife por farinha e aloure-os em manteiga com mais cebolas numa panela de ferro. Cubra os rolos com o caldo de carne e deixe cozer até a carne ficar tenra e o líquido ficar reduzido a um molho espesso.

17

Primeira Fase

O porto estreito em forma de esse de Balaklava, na costa sul da península da Crimeia, era demasiado curto para poder ser chamado um fiorde. Protegido por um promontório escarpado encimado pelas ruínas de um forte genovês construído em 1365, o pequeno porto ressecado pelo sol era ladeado por armazéns vazios e dois restaurantes pouco movimentados, com mesas e guarda-sóis. Na ponta oeste do porto, abria-se uma passagem decrépita de cimento, que era a entrada para a base subterrânea soviética de submarinos, com um canal de 500 metros construído debaixo da montanha durante a Guerra Fria para proteger os submarinos da Frota Vermelha de um ataque nuclear. Agrupadas nas colinas acima do lado leste do porto viam-se novas construções da cidade, entre elas o Dakkar Resort Hotel, com o seu telhado de telhas vermelhas e as suas varandas de pedra com vista para o pequeno porto. À noite, sob as estrelas numerosas do céu da Crimeia, as poucas luzes da cidade brilhavam na água calma.

Nate e os WOLVERINES chegaram ao porto de Balaklava à meia-noite num barco de cruzeiro de 17 metros com um casco azul escuro e os lados envernizados. O iate alugado, com uma tripulação de dois membros do Ramo Marítimo da CIA, partira da Varna, na Roménia, e em dois dias tinha percorrido as 300 milhas náuticas, fora do alcance da vista em terra, diretamente para a baía de Balaklava na plácida costa da Crimeia, com os seus picos cobertos de pinheiros e ilhotas rochosas. O barco atracou num espaço vazio no modesto Golden Symbol Yacht Club, demasiado tarde para se apresentar às autoridades. Na manhã seguinte, uns desinteressados guardas alfandegários ucranianos procederam ao registo dos passaportes falsos dos passageiros a fazerem um cruzeiro de férias ao longo da costa. Em vez de ficarem a bordo do iate, os passageiros reservaram seis quartos no hotel Dakkar e passaram o resto do dia a visitar a pequena cidade, subindo a colina até às ruínas do castelo e fazendo a visita guiada à base de submarinos subterrânea, agora um museu. No final do dia, tinham já

confirmado que não andavam a ser seguidos pela polícia local ou pelos serviços regionais de segurança. Tomara-se em consideração que Nate – conhecido pelo FSB de Moscovo como agente da CIA – se encontrava na Crimeia, uma zona controlada pela Rússia, mas estava anónimo na companhia da equipa.

Comeram no movimentado Café Argo, pão estaladiço barrado com uma pasta de salada de beterraba vermelha escura à moda da Geórgia, sumo de limão espremido em cima de *shashlik*, *kebabs* de borrego polvilhados com orégãos silvestres e acompanhados por cervejas Lvivski bem geladas. Os WOLVERINES estavam vigilantes, mas à-vontade. Nervos de aço, profissionais de primeira. Nate tentava controlar a expectativa, a tensão que sentia sempre antes de uma operação. Viu que Agnes o olhava da outra ponta da mesa, a tentar adivinhar o seu estado de espírito. Amanhã passariam à ação, iriam a Sebastopol e entrariam no armazém; de Moscovo, DIVA comunicara a morada. Nate e os WOLVERINES tinham ensaiado como poriam os rastreadores nos caixotes, e Nate viu como eles eram competentes. Tão competentes, de facto, que expandiram o plano original. Nate tinha criado laços com os polacos durante os dois dias de treino – Witold e Ryszard, rigidamente corretos; o cerebral Jerzy, bem, cerebral; e o brusco Piotr, uma versão polaca de Gable. Agnes fartara-se de olhar para Nate, a categorizá-lo, a avaliá-lo. Agora, em Balaklava, parecia calma e controlada; talvez o único sinal de nervos pré-operação fosse o seu hábito de enrolar uma madeixa do seu cabelo farto à volta de um dedo.

Uma hora depois, Nash estava às escuras na varanda do seu quarto de hotel antes de ir para a cama, a olhar para o porto negro e para as luzes das estrelas nas colinas do outro lado da água. Dominika. Vê-la-ia em breve, se nada corresse mal nos próximos dois dias. Ensaiou mentalmente o que lhe diria em Istambul. Gable estaria por perto, a observá-los, com a sua grande cabeça de cão pastor virada para o vento, a farejar. Meu Deus, como queria ter Dominika nos braços, pôr a mão nas costas dela e apertá-la junto a si. Se fizesse isso, Gable atirava-o aos leões.

No entanto, Nate sabia, tinha a certeza, de que Dominika ficaria furiosa se ele a evitasse; já acontecera antes. Ela era da opinião de que podia ser uma espia e mesmo assim estar apaixonada pelo seu agente de contacto da CIA, a quem desejava. E não tinha a mínima compreensão pelo dilema dele, de os seus superiores não aprovarem que eles fizessem o que ambos mais

queriam fazer. Ela assegurar-se-ia de que ele não era despedido. Se se amavam, isso devia bastar.

Se me amas, então nada mais importa, dissera-lhe Dominika. Nate detestava encontrar-se nesta situação, detestava que Benford estivesse sempre a olhar-lhe por cima do ombro, detestava a agudeza de Gable, detestava o raio da incorrigibilidade russa de Dominika. E amanhã ele e a sua equipa entrariam num armazém em plena luz do dia e mexeriam em explosivos antipessoais concebidos para os fazer ir pelos ares. *Calma, o que é que se passa contigo?* – pensou. Ouviu o fecho da sua porta abrir-se e, quando se virou, viu uma faixa da luz do corredor a alargar-se e depois a ficar tudo escuro outra vez. Estava alguém no seu quarto. O FSB? Ter-lhe-ia escapado uma vigilância hostil hoje? Respira. Batimentos do coração acelerados. Nate saiu silenciosamente da varanda e estendeu a mão para um cinzeiro pesado de vidro que estava na mesa de cabeceira. Sentiu o cheiro a perfume e o estômago a dar uma volta. *Não podia ser*. Agnes saiu da sombra para a faixa de luz das estrelas que incidia no quarto. Trazia uma camisa de dormir larga e estava descalça.

– Os fechos destas portas são ridiculamente fáceis – disse.

Nate engoliu em seco. – Agnes, o que estás a fazer? Estás bem? – Sabia a resposta.

– Sinto-me sempre um pouco nervosa antes de uma operação – respondeu ela. – Tu não?

– Nervosa com o quê? – perguntou Nate.

– Bem, não nervosa, não exatamente – disse Agnes, passando os dedos pelo cabelo.

– O quê exatamente, então? – perguntou Nate.

– Mais, tipo, amorosa – disse ela.

– Amorosa?

– Tipo, excitada – disse ela, avançando para ele. Tocou-lhe na face.

– Agnes – disse Nate –, isto não é boa ideia. Temos um trabalho amanhã.

– Vai-nos acalmar os nervos – disse ela, deixando deslizar a mão para o peito dele.

– Os meus nervos estão ótimos – disse Nate. – O perfume dela tinha uma nota de citrino e punha-lhe a cabeça a andar à roda. Ela era exótica e primal. Ele sentia o calor da mão dela através da camisa, e sentiu-se estonteado. *Benford, Gable, Domi, regulamentos, expulso da CIA, separado do Serviço,*

o aroma de citrinos e almíscar deste diapasão de seios grandes chamada Agnes a um passo de distância, a respirar para cima dele. Involuntariamente, os seus braços mexeram-se uma fração; sabia que daí a três segundos ia enfiar os dedos naquela crina de cabelo com a madeixa branca e esmagar a sua boca contra a dela. Via os seios dela a erguerem-se e a descerem por baixo da camisa; a orla vibrava com o tremor do corpo dela. Três, dois, um. *Foda-se. Para.* As mãos dele mantiveram-se ao lado do corpo. Agnes tirou a mão do peito dele, recuou um passo e abanou a cabeça.

– Estou a pensar na equipa, é tudo, em fazermos isto bem – disse Nate.

– Então, queres que me vá embora? – perguntou Agnes.

Nate pegou na mão quente dela. Não queria que saísse zangada. Era a última coisa de que precisavam, em território hostil. – Tu és incrivelmente linda e *sexy*. Mas não achas que isto não é o mais correto?

– Acho que é o mais correto – disse ela, inexpressivamente. Virou-se e saiu pela porta sem um som. *Meu Deus, ela está furiosa.*

Nate acordou daí a uma hora, no quarto às escuras, de novo com o cheiro a citrinos no nariz. Sentiu Agnes a enfiar-se nua por baixo do lençol, a esmagar os seios contra o peito dele e a passar uma perna por cima da anca dele. Sentiu uma humidade suave na perna. A pele dela estava febril e ela sussurrou-lhe ao ouvido: – Mudei de ideias. – A madeixa branca do cabelo de Agnes tombou sobre a face de Nate.

*

A movimentada cidade portuária de Sebastopol fervilhava sob o sol da Crimeia. Ao longo dos seus oito portos havia parques em memória da guerra, praias públicas de pedrinhas e elegantes mansões pintadas de branco. Mais para o interior, viam-se blocos altos de apartamentos todos apinhados entre estradas atravancadas com trânsito. No maior dos portos, o da baía de Sebastopol, havia cais maciços de cimento da Frota Russa do Mar Negro, com uma dúzia de navios cinzentos atracados. Sebastopol ficava a 12 quilómetros de Balaklava, do outro lado das montanhas. Às nove da manhã, Nate e os WOLVERINES apanharam o autocarro *marshrutka* número 9 no porto de Balaklava até a uma paragem a cinco quilómetros de Sebastopol, e depois foram no autocarro urbano número 14 até à paragem da praia Omega, ao fundo da baía de Kruhla. O percurso fora

delineado por fotoanalistas da Sede, que tinham «percorrido» os 12 quilómetros através de imagens digitais de satélite. Os pequenos autocarros iam apinhados, e Nate partilhou um lugar com Agnes, que, nessa manhã, estava com o aspeto de quem percorrera uma longa distância a cavalo, o que não era completamente inexato. Enquanto os outros dormitavam no autocarro quente e aos solavancos, Agnes encostou a coxa à de Nate.

– Quando é que me apresentas aos teus pais?– perguntou Agnes em russo.

Nate fechou os olhos. – Agnes, para de brincar. – Estava a sentir remorsos a dois níveis: ter dormido com Agnes, um elemento da equipa que ele estava a chefiar, com uma missão melindrosa pela frente, era imprudente; ter dormido com ela semanas antes de ver Dominika era pior. Tinha sido como se ele se estivesse a observar de um canto oposto do quarto, incapaz de controlar os acontecimentos. Foda-se, tinha ele cedido talvez como uma maneira de desafiar os seus superiores ríspidos? Talvez para criar algum espaço entre ele e Domi? *Anda lá* – pensou –, *racionaliza o mais que puderes*. Agnes mostrara-se ativa e insistente, tapando a sua própria boca com a mão para não acordar o hotel todo. De lábios molhados, tomara o rosto dele entre as suas mãos e segredara em polaco *jestes taka sliczna*, tu és muito belo, sem que Nate soubesse o que ela estava a dizer.

Agora era a mulher mais velha debochada, com um brilho no rosto da manhã seguinte, a divertir-se. – Nunca te disse, mas sei fazer bolos – segredou. – Que tipo de bolo preferes?

– Não te estou a dar ouvidos – disse Nate. Secretamente, sentia-se divertido e interessado. Esta mulher, a partir dos seus vinte e poucos anos, arriscara tudo a lutar nas sombras pelo seu país. Só Witold a ultrapassava nas sessões de planeamento, e era óbvio que ele a respeitava. Durante os treinos, Benford fez-lhe má cara uma vez, e ela retribuiu, o que lhe granjeou a sua aprovação relutante. Nate só vira uma expressão magoada nos seus olhos uma vez, quando Piotr lhe disse a brincar que ela se tornara uma velha solteirona. Ela era diferente, dona de uma grande força de vontade e intensa.

– Oh, sim, sinto-me maravilhosamente esta manhã – disse ela em tom de conversa. – Saíste-me um belo músico, sabias? – disse. Afastou o cabelo húmido de transpiração da nuca e abanou-se com um pedaço de cartão.

Nate abanou a cabeça. – Vamos concentrar-nos no dia de hoje. Só ficamos a salvo quando estivermos no barco esta noite e fora do limite das 12

milhas.

– Não te preocupes, estou pronta. Estamos todos prontos – disse Agnes. Pousou-lhe a mão no braço. – Vamos ser bem-sucedidos, vais ver.

De facto, Nate viu. Desde a paragem da praia Omega, a equipa percorreu separadamente e casualmente a movimentada avenida Mayachina com as suas seis faixas, misturando-se com as pessoas que andavam às compras e as que se dirigiam para casa. Três deles levavam mochilas ao ombro, os outros três sacos de compras usados com fecho, dos que se veem em mercados ao ar livre. Mantinham entre si a mesma distância de uma vigilância – tornando-se assim de facto a sua própria vigilância. A meio da avenida, combinaram-se em três pares: o primeiro atravessou um terreno vazio; o segundo atravessou espaços verdes entre blocos de apartamentos; o terceiro escapuliu-se por uma travessa cheia de lixo. Para além de vigilância hostil, procuravam *druzhinniki*, os reformados sentados em bancos à porta dos prédios que eram uma espécie de guardas de bairro não oficiais. Nate estava em modo de hiperdetecção, com os sentidos alerta, a perscrutar, a escutar, a farejar. Nada. Talvez os habitantes da cidade estivessem todos na praia. Estatuto: invisível. Verificação do tempo. Avançar.

Convergiram de três direções para os quatro armazéns de chapa cinzenta em banda numa faixa de cimento cheia de ervas daninhas. O ruído do trânsito na avenida Mayachina a um quarteirão de distância era quase inaudível. Os armazéns tinham manchas de ferrugem e os telhados abaulados. Com sinais de mão, os elementos nos flancos indicaram que não havia ninguém por ali. Uma ave chilreou e um grilo estridulou nas ervas daninhas. Nate agachou-se e inspirou fundo. Demasiado silêncio? A possibilidade de uma emboscada perpassou-lhe na mente. O GRU deixaria assim munições sem guarda? Processou os sons à sua volta e olhou para as sombras sob as árvores mais afastadas. Costa livre. Witold ajoelhou-se ao seu lado.

– O que foi? – perguntou Witold. Tinha as costas da camisa molhadas.

– Que sensação te dá? – disse Nate.

– Sei o que queres dizer – respondeu Witold. – Fazer isto em pleno dia não parece normal. Mas precisamos da luz, e só há autocarros até às nove. O plano é seguro.

– Eles deixariam mísseis e minas sem guarda? – perguntou Nate.

– Não te esqueças de que são russos – respondeu Witold. – É o GRU, envolvido numa operação ilegal; estão decididos a manter a coisa em segredo, especialmente dos ucranianos das redondezas.

– Alarmes? Armadilhas? – perguntou Nate. DIVA não mencionara nada, mas poderia não ter sido informada sobre esses pormenores.

– O Jerzy vai verificar a porta e procurar sensores de movimento. Ainda não fizeram um sistema a que ele não consiga dar a volta – disse Witold. – O Ryszard procura armadilhas.

Nate fez um sinal e Jerzy ajoelhou-se junto à porta lateral de chapa amolgada, e passou os dedos pelas bordas, à procura de saliências ou falhas na porta que pudessem indicar a existência de aparelhos de alarme do lado de dentro. Abanou a cabeça. Nate acenou com a cabeça a Piotr, que arrombou a fechadura enferrujada com um gancho e uma gazuia de torção em 15 segundos e a seguir abriu a porta uns dois centímetros enquanto Jerzy passava os dedos pelos lados. Negativo. Piotr abriu mais a porta, inclinou-se para dentro e depois voltou a pôr a cabeça de fora e acenou aos outros para que avançassem. Nate estalou os dedos baixinho e o último par aproximou-se do outro lado.

O interior do armazém era relativamente pequeno. O chão de cimento rachado estava coberto por um pó cinzento fino. Uns pilares verticais de aço enferrujado pousados no chão sustentavam as vigas entrecruzadas do telhado. – Cuidado com as pegadas e as marcas de mãos – segredou Nate a Witold, apontando para o chão poeirento. Não havia janelas ao longo das paredes, mas vinha uma luz leitosa de duas claraboias com manchas de cocó de aves. No centro do armazém, uma forma angular estava coberta por um oleado verde escuro. Os caixotes.

– Não toquem no oleado – segredou Ryszard. – Pode ter fios de ativação ligados a uma espoleta.

Nate acenou com a cabeça. Começou a andar à volta do monte coberto, mas Ryszard mandou-o parar. – Aponta com o foco para o chão – disse.

Nate apontou o seu foco – um NEBO SLYDE de 250 lúmenes – à sua frente. Apareceu uma linha dupla no chão – um fio de ativação invisível e a sua sombra – estendida até ao pilar mais próximo, à qual estava presa uma caixa preta com um cone de cobre seguro por um braço de metal. O cone era como um pequeno megafone e apontava para a pilha coberta pelo oleado.

– Um dispositivo antipessoal SM-70 – segredou Ryszard. – Oitenta minúsculos cubos de aço, raio de ação mortífera de 25 metros; costumavam pô-los nas vedações das fronteiras.

– Consegues desativá-lo? – perguntou Nate.

– Temos de o deixar intacto. Eles iam reparar se o desativássemos – respondeu Ryszard. – Teremos de trabalhar numa zona de perigo iminente. Levar o nosso tempo. Não te concentres no fio de ativação. Eles querem que sigas a linha e que não dês por uma placa de pressão ocultada algures. Uma armadilha da armadilha.

Retiraram lentamente o oleado de cima dos caixotes. O fio de ativação do SM-70 desaparecia debaixo do caixote mais próximo. – Não levantes nem desloques esse – disse Ryszard, apontando.

Havia um total de 15 caixotes de pinho, com tampos com dobradiças, fechos de metal cravados e pegas de metal dobráveis em cada lado. Não havia quaisquer palavras estampadas a indicar o conteúdo. Os tampos e os fundos de cada caixote estavam reforçados com traves de madeira, para facilitar o empilhamento. Nate calculou que oito dos caixotes tinham um comprimento de cerca de um metro e meio – pareciam caixões para crianças – e deviam conter os lança-mísseis RPG-18 Mukha e as granadas em separado. Os restantes sete caixotes eram quadrados e fundos, com pegas de corda dos lados. Deviam ser as minas.

Nate e os WOLVERINES começaram a trabalhar em silêncio, com movimentos coordenados e eficientes. Normalmente, uma equipa de seis elementos seria demasiado grande para este tipo de missão, mas agora isso significava que podiam trabalhar mais rapidamente, repartindo as tarefas. Com base no seu ótimo desempenho durante o treino, concordara-se que, para além de colocar dispositivos de rastreamento nos caixotes, haveria tempo para desativar as minas e os mísseis. As minas de plástico preto PMN-4, cada uma delas do tamanho de um bolo de festa, mas só ligeiramente menos letais, seriam sabotadas levantando a tampa do detonador e cortando as pontas dos pinos rente às molas do detonador. As pontas cortadas nunca contactariam os detonadores para ativar a carga principal de cada mina de 55 gramas de RDX de alta velocidade. As granadas lançadas por mísseis, acondicionadas em contentores de madeira, seis por caixote, foram neutralizadas através do simples expediente de deitar três gotas de supercola em cada buraco para colar o ativador ao motor

secundário do míssil que guiava a munição para o seu alvo. Os atiradores do PKK faziam mira com os lança-granadas, puxariam o gatilho e ficariam boquiabertos ao verem os projéteis saltar do tubo para um metro de distância e rolares no passeio, inofensivos.

Agnes e Witold, entretanto, tinham esvaziado as suas mochilas e dispuseram o seu conteúdo em fila no chão. Eram traves de madeira que substituiriam as originais colocadas no fundo dos caixotes. Todas as novas traves eram ocas e tinham no seu interior dois rastreadores – um deles um rastreador de proximidade Hammer, concebido para ser utilizado em espaços urbanos, o outro um rastreador de geolocalização QUICKHATCH, que comunicava posições a grandes distâncias via satélite GPS. Com o QUICKHATCH, poderia seguir-se um camelo pelo deserto do Sara num computador portátil em Manhattan. Com grande cuidado, as traves originais foram desaparefadas e as suas substitutas «quentes» foram acopladas com chaves de fendas silenciosas. Agnes foi uma maravilha: recolheu todas as peças de madeira retiradas, contou as ferramentas e assegurou-se de que os caixotes ficavam exatamente como os tinham encontrado, comparando fotos que tirara com o seu telemóvel em cada fase da operação. Depois da verificação, as fotos seriam apagadas.

O sol da tarde estava a baixar e Nate olhou para o relógio. Não queria trabalhar à luz de lanternas. Witold viu-o, sorriu e murmurou silenciosamente as palavras «mais cinco minutos». Nate percorreu cautelosamente o perímetro do armazém, preocupado com a possibilidade de existir uma armadilha ainda não ativada, mas a zona à volta do armazém estava livre, nada se movia. Voltou para dentro e Agnes estava à espera perto da porta, longe dos ouvidos dos outros WOLVERINES.

– Já estamos quase no fim – disse ela, sorrindo. – Correu tudo sem sobressaltos. –

Nate acenou com a cabeça. – Vocês fazem um bom trabalho – disse. – O Forsyth acha que a vossa equipa é a melhor, e eu também.

Agnes passou a mão pelo cabelo. – Achas que partimos esta noite ou amanhã? – perguntou.

– Se voltarmos a uma hora decente, não há razão para não partirmos esta noite, como se fôssemos fazer um cruzeiro ao luar – respondeu Nate.

– Só me perguntava se ficaríamos no hotel mais uma noite – disse Agnes, fitando-o com os seus olhos cinzentos.

– Oh, não – disse Nate, abanando a cabeça. – Não comeces, Agnes.

– Aquele barquinho vai estar muito atravancado, com nós todos a bordo, não há privacidade. – Nate tentou imaginar Agnes nua na parte de cima de um beliche, com Piotr a ressonar na cama de baixo.

– Pensei que era o *início* de uma operação que te fazia sentir assim – disse Nate. – Acabou; terminámos.

– Por vezes é antes de uma missão, por vezes é depois – disse ela, com um suspiro. – Por vezes, durante.

Nate estendeu o braço e pegou-lhe na mão. – O que é que eu vou fazer contigo? – disse.

Ela apertou-lhe a mão. – Tenho de te dizer, ou consegues adivinhar?

Os WOLVERINES terminaram o seu trabalho, deixando a pilha de caixotes como a tinham encontrado e pondo o oleado por cima exatamente como estava antes, de acordo com as fotografias digitais do interior do armazém que Agnes tirara antes de começarem. Apagaram as pegadas esborratadas soprando-lhes para cima, o que levantou uma nuvem de pó que revestiu os caixotes, o oleado e o chão como antes. Nate passou em revista as fotografias tiradas por Agnes para verificar a cena – ela deixou-se ficar junto a ele, a segurar no telemóvel, o calor do seu corpo era palpável – e depois saíram às arrecuas e ficaram a ver Jerzy fechar de novo a porta e limpar as superfícies, não que os russos fossem investigar a presença de impressões digitais, considerando o modo casual como tinham armazenado as munições.

A viagem de regresso a Balaklava no autocarro aos solavancos no lusco-fusco da Crimeia pareceu demorar mais tempo. Nate estava à escuta de sirenes e do som de motorizadas a aproximarem-se por detrás, e esforçava-se por se concentrar na vista para a frente, nas curvas, à procura das barreiras às riscas de um bloqueio de estrada, de carros estacionados em ângulo a barrar a estrada. Nada.

Ficaram na parte de baixo do barco para dar menos nas vistas enquanto ele se afastava lentamente do cais, pelo porto abaixo, passando pela boia e seguindo depois para mar alto. Era de noite, na linha do horizonte a oeste ainda havia alguma luz, a escuridão para leste e para o sul impenetrável. A tripulação deu sinal a Nate quando já estavam a 12 milhas da costa, fora das águas territoriais de Putin, e Piotr abriu uma garrafa de *Sliwowica* e eles puseram-se todos juntos no convés a beber à luz das estrelas. Agnes

encostou o ombro a Nate enquanto Ryszard cantava «*Hej Sokoly*», «Hei Falcões», uma canção da guerra polaco-soviética. O barco vogava no mar calmo.

Primeira fase terminada – pensou Nate –, a segunda e a terceira vêm aí. Istambul. Gable. Dominika.

SALADA DE BETERRABA À MODA DA GEÓRGIA

Coloque beterrabas cozidas, ameixas secas sem caroço, alho, nozes e natas azedas num liquidificador e bata até obter uma pasta granulosa. Guarneça com nozes cortadas e coentros. Sirva com pão estaladiço.

18

Segunda Fase

O principal contacto de ligação de Nate na Polícia Nacional Turca (PNT) era um capitão de 30 anos chamado Hanefi. Era baixo e moreno, com uma monossobrancelha e um bigode preto farfalhado, que estremecia para o lado sempre que ele estava agitado. Andava a aprender inglês e tentava usá-lo em todas as oportunidades que se lhe apresentavam. As costas das mãos de Hanefi eram como algo saído de *O Fantasma da Ópera* – queimadas numa explosão – e ele escondia aquele desfiguramento que o complexava mantendo as mãos metidas no bolso. Nate e Hanefi trabalhavam bem juntos, mas não antes de o agente de polícia começar a confiar em Nate. Gable avisara-o sobre trabalhar com turcos: – Nada de tentativas de recrutamento, nada de contactos, nem sequer se um deles se oferecer como voluntário. Eles levam o seu tempo a aquecer, mas, depois de se convencerem de que não estás a manipulá-los, são amigos para o resto da vida. Mas se mais tarde te apanharem a tentares ir-lhes ao bolso, nunca vão esquecer nem perdoar.

Nate passou horas com Hanefi, a escutar gravações de conversas telefónicas de Shlykov com Moscovo e com vários chefes de células do PKK – em russo e em inglês rudimentar – em que se falava sobre a entrega de armas que se avizinhava. Para um oficial da sua patente, o sentido da segurança de comunicações ao telefone era não-existente. Cada telefonema descuidado a um separatista identificaria outros cinco membros, esses cinco, mais dez. Cada localização identificada conduzia às duas seguintes, e depois às três seguintes, todas elas em subúrbios degradados de Istambul: Cebeci, Alibeyköy, Güzeltepe; um apartamento num prédio alto, com manchas de ferrugem; um barracão de paredes de taipa num beco enlameado; ou uma casa rural meio em ruínas num barranco cheio de lixo. Havia tantos locais, que foram destacadas de Ancara unidades policiais adicionais para colaborar na vigilâncias de todos eles.

Depois chegaram as munições, e um helicóptero da polícia turca com um recetor HYENA orientou as equipas de vigilância da polícia – eram tão boas como Nate alguma vez vira em qualquer parte – para armazéns onde os explosivos ficariam guardados antes de serem distribuídos. Os pacientes turcos instalaram-se em cada um dos locais, a observar e a vigiar suspeitos. Um plano de assalto coordenado havia terminado. Os turcos ficaram impressionados com os rastreadores de Nate; eram uma maravilha, disse Hanefi.

– Como é que conseguiram, Nate Bey? – perguntou Hanefi uma noite, já tarde, num posto de escuta cheio de fumo, referindo-se aos caixotes. Nate sorriu.

– Se me perguntasse se o fizemos na Rússia, não poderia dizer-lhe – respondeu Nate.

Hanefi atirou a cabeça para trás e riu-se. – *Aferin, sen Osmanli* – disse. Queria dizer: Bravo, é um otomano, um macho às direitas.

Na noite dos múltiplos raids policiais, Nate verificou o rastreador QUICKHATCH de um terminal no consulado. Aquela tecnologia não fora disponibilizada aos turcos – não estavam a par do sistema complementar em funcionamento – mas todas as localizações foram corroboradas a cem por cento. Benford contactou Nate pelo telefone seguro e, atipicamente, elogiou o desempenho dele, tanto em Sebastopol como na cooperação com os turcos em Istambul, a que chamou «satisfatória». Benford confirmou que a equipa técnica para a Terceira Fase chegaria no dia seguinte. Parte do plano de Nate para incriminar Shlykov já estava a ser implementada há algum tempo, uma artimanha tão insidiosa para lhe manchar a reputação que Gable, com uma risada, dissera que Shlykov já estava lixado, só que ainda não o sabia. – Boa sorte para esta noite – disse Benford, e pôs fim à conversa telefónica.

*

Nate desligou e recordou-se de que Agnes também lhe desejara boa sorte depois de os WOLVERINES regressarem de barco para Varna. Não o sabia, mas Agnes marcara voo para um dia mais tarde do que o resto da equipa. Nate também estava à espera do seu voo para Istambul, e ia ficar uma noite no hotel Central, uma velha estância turística romena no Mar Negro onde o

átrio, os corredores e os quartos cheiravam a óleo de elevador aquecido. Agnes reservara às escondidas o quarto ao lado, e surpreendeu-o batendo-lhe à porta enquanto anunciava *servitoare*, limpeza de quarto!

No seu íntimo, Nate ficou contente. Tinha perante ele um enfadonho serão sozinho no seu quarto desolador a ver o *Concurso de Euro Pop em Berlim* na televisão. Agnes tinha outras ideias. Fosse qual fosse o servomotor que estivesse a funcionar dentro dela, o regresso casto da viagem de barco de três dias levaria-o ao rubro. Fizeram amor em toda a parte menos na cama: no chão, num cadeirão, na banheira com o jato de água a jorrar, e de pé na minúscula varanda iluminada pela luz fantasmagórica do reclame luminoso do hotel no telhado. O perfume estonteante de Agnes – ela disse-lhe que era Chanel Cristalle Eau Verte – misturava-se com o vago cheiro a combustível do porto à volta do promontório. Ela segredara *czuje mieta dla ciebie*, sinto-me *hortelã* por ti, em polaco coloquial, querendo dizer que sentia algo por ele. *Hortelã* não era a única coisa que sentia.

Horas mais tarde, com mãos trémulas, Nate serviu a Agnes água de uma garrafa, mas ela estava a dormir na cama, de costas, com a boca aberta numa síncope provocada por seis orgasmos, com o cabelo espalhado na almofada, a sua madeixa branca de bruxa parcialmente visível. Nate tapou-a com um cobertor e sentou-se no cadeirão do outro lado do quarto, a vê-la respirar. Dormir com Agnes a primeira vez fora um impulso noturno motivado pelos nervos pré- operação. Esta noite fora uma celebração, alívio por sair incólume da Rússia, talvez um adeus agridoce. Nate esfregou o rosto e gemeu. Talvez quisesse pôr obstáculos entre si e Dominika, para não tropeçar, não poder tropeçar de novo com ela. Resolveu agir como devia com o apoio de Gable durante os encontros na casa segura. Chegaria tarde e partiria cedo, assegurando-se de que Gable estaria sempre presente. Deixaria que Gable explicasse a DIVA porque é que Nate se estava a comportar como um cachorrinho arisco, deixá-lo-ia a ele lidar com a inevitável reação de Dominika. Só havia um problema: Nate amava Dominika. Como se Agnes conseguisse ouvir os pensamentos dele, murmurou palavras entrecortadas a dormir, e virou-se de lado. *Sente-se hortelã por mim* – pensou Nate, triste.

No dia seguinte, os dois estavam à espera dos seus respetivos voos no aeroporto. De camisa branca, saia cor-de-rosa e sandálias, Agnes parecia

calma e controlada. – Achas que sou demasiado velha para ti? – perguntou a Nate, que olhou para cima, alarmado.

– Depois de ontem à noite, respondo-te depois de o meu quiroprático me voltar a pôr a coluna direita – disse Nate.

– Estou a falar a sério – disse Agnes.

– Não, não acho que sejas demasiado velha para mim – disse ele. – Mas, Agnes, deve haver alguém na tua vida.

– Eu acho que há alguém na tua vida – disse ela, ignorando a pergunta dele.

– O que te faz dizer isso? – perguntou Nate. *Tem um radar assustadoramente bom* – pensou.

– *Zerkalo dushi* – respondeu Agnes em russo, fitando-o. *O espelho da alma* – pensou Nate. *Meu Deus*.

– As coisas são complicadas – disse Nate, que não tinha a mínima intenção de falar sobre a sua situação pessoal seriamente retorcida.

– Vives em Londres, não vives? – perguntou Agnes.

– E tu vives na Califórnia.

– Não é assim tão longe como isso, penso eu – disse ela, sem olhar para ele.

Nate não respondeu.

– Uma visita a Londres um destes dias seria má ideia? – perguntou Agnes e depois deu-lhe um beijo de despedida.

*

A linha exterior da Antena tocou e Hanefi, exultante, falou do outro lado. –

Nate Bey, venha depressa; está um carro da polícia aí em baixo à sua espera. – Estava a berrar, a sobrepor a voz ao som de tiros, muitos, também de armas automáticas.

– Hanefi, onde é que está? – berrou Nate. – Está bem?

– Raio do inferno, merda-cadela – disse Hanefi, que ainda estava a aprender a praguejar em inglês em condições. – *Çabuk olmak*, venha já.

A viagem no carro amolgado da polícia com as luzes azuis ligadas e a sirene a gemer e conduzido por um cabo da polícia com 20 anos e orelhas de abano, que pregava murros no volante quando os outros carros não se afastavam, foi transcendental. A expressão de Gable «assustado como um

pecador num ciclone» veio à mente de Nate. As caixas de metal com munições no assento traseiro escorregavam de um lado para o outro nas curvas. Serpentearam por entre o trânsito pela ponte Galata, desceram a toda a velocidade a margem sul do Corno de Ouro, passando pelo Patriarcado Grego Ortodoxo às escuras, por baixo da O-1, e entraram na zona degradada de Eyüp. O cabo enfiou por uma rua íngreme acima, com os pneus a chiarem e os para-choques a rasparem o parapeito de pedra. Numa das curvas apertadas, Istambul em toda a sua extensão ficou visível, com as suas luzes bissectadas pelo risco negro do Bósforo; o fim da Europa e o princípio da Ásia. Dominika estaria lá em baixo, e eles estariam juntos daí a dois dias.

O carro da polícia travou a fundo e parou. Havia outros carros da polícia mais à frente, parados atrás de um grande carro blindado Kobra com o azul e branco da polícia nacional turca. O condutor enfiou duas caixas de munições nas mãos de Nate, pegou em duas para si, acenou com a cabeça e começou a correr pela encosta acima. Era uma rua íngreme e estreita, com casas dos dois lados, e as vidraças das janelas refletiam as luzes azuis dos carros policiais. O eco dos estalidos dos tiros incessantes tornou-se mais alto. Apinhado numa esquina de um muro mais à frente estava um grupo de agentes da polícia nacional turca, alguns fardados, outros de calças de ganga e blusões de couro, a espreitarem para o outro lado da esquina. Hanefi viu Nate e correu para o cumprimentar.

– Traz munições – disse, dando uma palmada nas costas a Nate. O muro do outro lado da rua foi subitamente matraqueado por balas, que fizeram estalar o cimento e encheram o ar de pó. Hanefi puxou Nate para a parte abrigada do muro.

– Hanefi, o que é que se está a passar?

– Quatro pessoas, do PKK, no apartamento do último andar – respondeu Hanefi, carregando a sua MP5. Outros agentes estavam a tirar munições como garotos à volta de uma taça de rebuçados. Nate olhou para além deles. A rua estava atapetada a cartuchos de balas, milhares deles, com o cobre a piscar nas luzes dos carros.

– Há quanto tempo estão a disparar?

– Há muitas horas; ficámos sem munições. – Estendeu a sua arma a Nate. – Tome, experimente. – Nate abanou a cabeça. Hanefi berrou alguma coisa em turco a outro agente, que estendeu a sua arma, uma espingarda de

assalto mais pesada. – Experimente esta. – Nate ergueu as mãos a recusar delicadamente.

Soou um megafone e o tiroteio abrandou e depois parou. Hanefi puxou Nate pela manga para espreitarem pela esquina. O pequeno prédio de habitação estava banhado pela luz de focos. O apartamento do último andar estava marcado com milhares de buracos de balas, as janelas eram espaços vazios recortados irregularmente nas paredes e o gradeamento de cimento da varanda estava esbotenado e partido. Seria um milagre se alguém tivesse sobrevivido lá em cima. *E isto está a passar-se por toda a cidade de Istambul* – pensou Nate.

Hanefi acotovelou Nate e apontou com o queixo. Duas sombras – comandos da polícia – estavam a deslizar lentamente de cabeça para a frente pelo telhado abaixo. No beiral, estenderiam a mão sobre a caleira e atirariam granadas de fragmentação para dentro do apartamento do PKK. Antes de chegarem à posição, uma jovem com um blusão vermelho correu da casa para a varanda com um lançador de granadas ao ombro. Hanefi berrou e tentou puxar Nate para trás. A mulher fez mira e disparou o míssil, mas o «coice» da carga fez ricochete no pequeno espaço e atirou a mulher da varanda abaixo. Ela caiu em pirueta da altura de quatro andares e aterrou em cima de uma pilha de escombros, seguida pelo míssil, que descreveu um arco inofensivo até ao chão. Hanefi olhou para Nate, espantado. – Azar – disse Nate.

As granadas estalaram e uma fina pluma de fumo cinzento saiu de uma das janelas. Outra explosão foi seguida por uma série de tiros, depois silêncio, por fim o som estridente de um assobio. – Acabou. Vamos lá acima – disse Hanefi.

O interior do pequeno apartamento era um matadouro de fazer arder os olhos, com um buraco de bala em cada centímetro quadrado do espaço. O papel de parede pendia encaracolado das paredes, as poucas peças de mobiliário tinham sido reduzidas a gravetos, e um tapete de oração ardia lentamente a um canto. Pedacos de enchimento de almofadas flutuavam no ar. Estavam dois homens deitados de costas no chão, com as camisas ensanguentadas levantadas até ao queixo. No quarto de dormir das traseiras, jazia uma jovem entre a parede pulverizada e um colchão desfeito, com as mãos fechadas em punho, a boca contraída e os olhos meio abertos. Via-se o seu cabelo preto por baixo de um lenço que tinha na cabeça.

Hanefi olhou com interesse para o rosto de Nate, que ficara um pouco pálido. Não troçaria do seu novo amigo americano. Deu uma palmadinha no ombro de Nate. – É o nosso trabalho – disse, erguendo quatro dedos. – *Dört*, quatro terroristas, capturados mortos – disse, usando o vernáculo da polícia turca.

A operação encoberta de Shlykov fora arruinada: 24 células do PKK tinham sido liquidadas; as morgues já estavam cheias. As munições russas tinham sido confiscadas e a publicidade seria devastadora quando as armas fossem exibidas perante as câmaras de televisão. *Agora, vamos lá levar o Shlykov a dar uma volta – pensou Nate –, e depois é com a Dominika.*

*

Pela altura em que o major Shlykov chegou à cidade para supervisionar a sua operação encoberta de entrega de armas, a Base da CIA em Istambul começou a transmitir mensagens de agente encoberto para o consulado russo. Todos os dias durante uma semana, agentes da Base com fios hirtos debaixo dos casacos e baterias quentes em coldres de *spandex* debaixo das saias, andavam por entre as multidões às compras na Istiklal Caddesi e passavam pelo portão do consulado encimado pela águia de duas cabeças da Federação Russa. Faziam transmissões de três segundos e cinco watts para o edifício. A energia saltitava invisível pela escadaria de mármore, fazia ricochete nos corredores e erguia-se como fumo límpido até aos recetores no sótão; o consulado estava inundado com sinais de baixa potência. Eram mensagens encriptadas, sem sentido, mas os sinais eram detetáveis e devidamente registados pelos funcionários do SIGINT (a recolha de informações através da interceção de sinais), que monitorizavam permanentemente as frequência de todo o espectro. Foi enviado imediatamente um relatório ao FAO/RF, a sede da SIGINT em Moscovo. As misteriosas transmissões diárias continuaram regularmente.

Uma semana mais tarde, quando interceções telefónicas indicaram que Shlykov ia deslocar-se de Istambul a Ancara para conferenciar com o *rezident* sénior, as transmissões em Istambul pararam, e começaram em Ancara. Duas vezes por dia, agentes da Antena da CIA passavam de carro pela embaixada russa na Cinnah Caddesi, premiam as teclas e lançavam a energia encriptada por cima da vedação da embaixada, através das paredes

de granito, para dentro das elegantes salas de estar barrocas e para as traseiras do edifício, para os mirrados jardins formais por trás da embaixada. Aquilo nunca tinha acontecido. Os atónitos funcionários russos do SIGINT em Ancara comunicaram as suas leituras ao FAO/RF. Esses relatórios, por sua vez, foram enviados ao FSB. Como uma potencial questão de contrainformação, nem Shlykov no GRU nem a sede do SVR tinham acesso aos relatórios do SIGINT, nem sabiam que fora aberto um ficheiro secreto do FSB sobre «atividade de comunicação eletrónica encriptada não identificada em Istambul». Sinais deste tipo eram sofisticados e clandestinos, e indicavam claramente que alguém no contingente diplomático russo na Turquia era o seu recetor. A assunção do Kremlin, genética, por reflexo, de que havia um traidor no meio deles – uma paranoia introduzida pelos czares, alimentada pelos bolcheviques, refinada pelos soviéticos e aperfeiçoada por Putin – inflamou-se em Moscovo.

Shlykov regressou a Istambul, as transmissões cessaram em Ancara e mais uma vez o seguiram. E quando ele se deslocou a Moscovo, para consultas relacionadas com a sua operação encoberta, as transmissões pararam completamente, para recomeçarem no seu regresso à Turquia, quando aterrou no aeroporto Atatürk de Istambul. O registo do SIGINT destes sinais encriptados aumentou e o ficheiro de contrainformação do FSB ficou mais grosso. Demorou pouco tempo até a análise dos sinais confirmar que as transmissões condiziam com os movimentos de Shlykov.

Esse facto encantou Gorelikov, cuja aparência refinada e delicada ocultava uma capacidade inexaurível de subterfúgio e intriga. Quando Dominika lhe trouxe discretamente a notícia do assassinato do seu ativo norte-coreano, Gorelikov escutou impassível a explicação desdenhosa de Shlykov de que, quase com certeza, os norte-coreanos tinham detetado a traição de Ri através de algum erro de procedimento de Egorova e tinham eliminado eles próprios o cientista. E, quanto à Pardal desaparecida, ou os norte-coreanos lhe tinham tratado da saúde ou ela tinha fugido com algum instrutor de esqui do Tirol. Mais tarde, Gorelikov escutou a gravação da voz de Blokhin na casa e, incongruentemente, sorriu. Eram provas adicionais para enforçar este apóstata do GRU, mas nem um pensamento por Ioana, observou Dominika com amargura.

Gorelikov chamou Dominika à parte e durante um dia pô-la ao corrente das ocorrências em Istambul. A operação de Shlykov implodira, as munições tinham sido apreendidas, os turcos estavam apopléticos e a Rússia seria embaraçada no palco internacional. O presidente já não considerava Valeriy Shlykov um dos seus favoritos. Gorelikov e Dominika começaram a coreografar uma discreta investigação de contrainformação – o SVR teria o papel principal no terreno estrangeiro – meticulosamente chefiada pela cumpridora coronel Egorova. – É uma pena que tenha de ir a Istambul; os resultados da investigação já estão esboçados – disse Gorelikov. – O Shlykov é responsável pelo desastre da OBVAL, pelo qual terá de responder, mas agora é mais grave. É suspeito de espionagem. Mas é o que é, as aparências são importantes, e a Dominika deve desempenhar o seu papel. – Mas então veio a pergunta ardilosa sobre a qual Benford a pusera de sobreaviso. – O que acha que se está a passar em Istambul com estas transmissões? Os americanos suspeitavam de alguma coisa? Porque se concentraram em Shlykov?

– Na Turquia, pode ser devido a uma de uma dúzia de coisas; é por isso que esta operação encoberta foi uma má ideia – disse Dominika, num tom factual. – Não há dúvida de que os turcos têm informadores no seio do PKK; talvez tenha sido um problema operacional na entrega das armas; o SIGINT dos Estados Unidos talvez tenha ouvido alguma coisa.

Gorelikov limpou as lentes dos seus óculos com armação de metal. – Ou podemos ter uma toupeira no Kremlin – disse em voz baixa.

Dominika tentou não sentir arrepios no couro cabeludo. – É uma possibilidade, mas improvável – disse. – Toda a gente no Conselho aprovou o plano.

– Excepto a Dominika, o Bortnikov e eu – disse Gorelikov.

– Não posso propriamente acreditar que o chefe do FSB esteja a trabalhar para o inimigo, e eu sei que não sou uma toupeira...

– O que faz com que reste eu – disse Gorelikov, divertido.

– Um perigoso contrarrevolucionário do gangue criminoso trotskista. A Linha KR vai ter de o manter debaixo de olho – disse Dominika, e aquele momento passou. *Será isto um jogo horrendo para ele me dizer que acha que sou espia? Toma cuidado.* Gorelikov era uma serpente, de língua espetada, sempre a testar o ar. Nessa noite, Dominika registou por escrito os

pormenores do encontro e deixou o documento num local seguro para Ricky Walters o recolher e passar a Benford. Teria de ter muito cuidado.

*

Em Istambul, os agentes da CIA, para além de enviarem transmissões, tinham começado a deixar sinais – marcas de giz em muros de pedra, fita-cola em postes de eletricidade, tachas em árvores – ao longo do percurso a pé de Shlykov entre o seu apartamento temporário em Istambul e o consulado russo. Como Shlykov não andava à procura deles, não reparava. Através de uma vigilância muito discreta do major, feita pela frente e em fases, não se tardou a descobrir que cafés e restaurantes preferia para os seus almoços e jantares solitários. Um desses ficava na Cicek Pasaji, uma arcada de rua coberta com uma treliça *Beaux Arts* do século XIX e teto de vidro. Sempre que Shlykov lá comia – habitualmente, mandava vir *kadinbudu köfte*, *köfte* de coxas de senhora, que eram croquetes de borrego e carne de vaca fritos, estaladiços por fora e suculentos por dentro – um de uma meia dúzia de agentes da CIA ficava sentado por perto, sempre de frente para ele, sempre com um jornal dobrado, um livro ou um estojo de binóculos em cima da mesa, bem à vista. Nunca era tentado nenhum contacto.

Um fluxo constante de brochuras de comércio locais, publicidade e folhetos era enviado para a morada de Shlykov, a anunciar excursões no Bósforo, apartamentos à venda em condomínios em Esentepe, excursões de autocarro à Bulgária. Aquele correio não solicitado era recolhido e entregue pela porteira desdentada de Shlykov. Ele não prestava atenção às brochuras e deitava a maior parte fora, mas uma ou duas foram metidas em gavetas da sua secretária e esquecidas. Todas tinham sido aspergidas com um inseticida para uso caseiro, um dos componentes do qual era fenolftaleína, um sinal claro da presença de revelador de escrita secreta. Não havia mensagens neste correio não solicitado, todo ele teso e brilhante com a patina do aerossol seco.

*

Nathaniel Nash estava sentado dentro de uma vulgar carrinha Fiat Scudo estacionada numa rua estreita em Istambul, acompanhado por três

funcionários técnicos de Langley. Era o fim da tarde, e a última chamada para a oração terminara há uns minutos; o bairro de ruas íngremes de Beyoglu, com os seus prédios de habitação sujos e as suas lojas no rés do chão estava tranquilo e escuro. Chuvadas intermitentes fustigavam a cidade, e os becos, as escadas e as sarjetas ficavam periodicamente inundados por uma enxurrada castanha, uma composição imutável desde os tempos do Império Bizantino. Um gato estava sentado, a sacudir a pata, debaixo do beiral da janela de um apartamento no rés do chão de um prédio. A carrinha estava estacionada a três portas de um prédio de habitação de tijolo e pedra com um toldo de tecido sobre a sua porta dupla de vidro. Estavam à espera que a velhota que era a porteira do prédio abandonasse a pequena secretária no átrio de entrada e descesse ao seu apartamento na cave para começar a fazer o jantar para o marido. Em vez disso, ela assomou à porta e bateu com o cabo de uma esfregona na parte de baixo do toldo para esvaziar a água da chuva acumulada.

Nate e os três técnicos estavam à espera para entrar no apartamento de Valeriy Shlykov. A carrinha estava repleta das fragrâncias combinadas das sacolas com ferramentas que cada um tinha no regaço: o fedor azedo de óleo de motor elétrico; a pungência da massa de madeira e de tinta de secagem rápida; o cheiro arenoso a pó de grafite, o perfume do pó de talco. Os técnicos, todos eles veteranos, estavam sentados em silêncio, a olhar em frente; três tipos da velha guarda, dois do Sul Profundo, que não usavam loção para depois de barbear, porque o perfume podia persistir em puxadores de portas e de gavetas, e que não fumavam, porque por vezes tinham de se manter deitados de barriga para baixo em sótãos durante 72 horas seguidas.

Oficialmente, eram técnicos de entrada sub-reptícia, mas era menos formal do que isso: estes homens já tinham feito de tudo um pouco para entrar em embaixadas, quartos de cama, salas de código e *bunkers* de mísseis por todo o mundo. Autoapelidavam-se de «Arrombadores» ou «Estroncadores»; as fivelas Harley-Davidson e Jack Daniel's dos seus cintos já se tinham arrastado por ripas e vigas, por baixo de vedações eletrificadas, à volta de cabos, por cima de telhas cobertas de neve. Mais velhos agora, nos cinquenta e sessenta, viajavam menos. Uma nova raça – roedores de unhas com portáteis – era necessária para contornar câmaras de infravermelhos e fechos eletrónicos biométricos. E a Idade de Ouro da

Entrada Sub-reptícia já passara. Nenhum atual gestor de operações na comunidade dos serviços secretos iria querer autorizar uma operação de entrada física que tivesse escarrapachada a possibilidade de lhe pôr fim à carreira.

Mas havia exceções. No caso de Shlykov, o objetivo desta empreitada não era colocar microfones ou câmaras, nem abrir cofres e copiar rapidamente materiais classificados com um *scanner* portátil. O objetivo desta entrada sub-reptícia era antes deixar lá coisas.

KADINBUDU KÖFTE DE SHLYKOV – CROQUETES COXAS DE SENHORA

Divida carne picada de borrego e de vaca em três partes. Salteie dois terços da carne com cebola picada até a carne ficar cozinhada e a cebola tenra. Misture o restante terço de carne crua com ovo, salsa, sal e pimenta. Amasse e incorpore ambas as misturas de carne e deixe no frigorífico até ficar firme. Forme *köfte* grossos, do tamanho de um dedo, passe por farinha e por ovo batido e frite em óleo até os *köfte* ficarem estaladiços por fora. Sirva com uma salada de tomate e molho de iogurte.

19

Xeque-mate

Nate e os três agentes técnicos estavam no corredor às escuras em frente ao apartamento de Shlykov. A velha porteira tinha finalmente abandonado o seu posto e os homens da CIA subiram em silêncio os quatro lanços de escadas, cada um deles avançando no turbilhão da tensão dos outros. Nate, o último da fila, viu que, embora a escadaria fosse de mármore polido, os rapazes da velha guarda subiam pelo lado dos degraus para evitar rangidos; cada passo era dado com a parte externa das solas das suas botas à *cowboy*, eliminando assim o som de passos nas escadas.

Tudo isto se integrava no plano de Nate, as transmissões falsas, os sinais, a vigilância. Para o ato final, sugerira levianamente uma entrada no apartamento de Shlykov em Beyoglu. Mas Nate nunca antes entrara na casa de um alvo integrado numa equipa; sentia-se nervoso, porque todo o caso girava em torno desta entrada clandestina. Graças a Deus, estes velhotes eram imperturbáveis. O técnico principal, um passarão de 55 anos do Alabama chamado Gaylord, ajoelhou-se diante da porta de Shlykov. Era barrigudo e tinha mãos ossudas; o seu cabelo branco era ondulado. Os colegas dele tinham dito a Nate que ele era capaz de abrir qualquer fechadura. Gaylord olhou para a fechadura, virou-se para os outros e segredou: – Temos um russo, num apartamento na Turquia, e a porta tem uma fechadura Yale. – Nate não tinha a certeza se a descoberta de uma fechadura Yale na Turquia era de facto uma coisa boa ou má, mas concluiu que devia ser boa. Com dedos como garras de ave naquelas manípulas, Gaylord inseriu uma chave-mestra de latão no orifício, sentindo os pinos através das pontas dos dedos. Instalou firmemente a chave, aplicou uma ligeira pressão no cilindro e deu uma pancada surda na ponta da chave com a pega de borracha de uma chave de parafusos. Os pinos saltaram com o choque transmitido através da chave-mestra, o cilindro rodou e eles entraram. Nenhum demonstrou qualquer emoção; limitaram-se a endireitar-se e a entrar em silêncio no apartamento às escuras.

O apartamento de Shlykov tinha um cheiro neutro, como uma unidade de cuidados intensivos, quente e asséptico. Não estava nem desarrumado nem arrumado; ele não tinha muitos pertences. Os grandes repositórios dos segredos de um homem – as gavetas da mesa de cabeceira – estavam vazios: não havia livros, pornografia, fotos, nada. A segunda janela para a vida de um homem, o frigorífico: não havia cerveja, vegetais, especiarias, gelo. O interior estava frio e cheirava a azedo. O mais importante ainda era que Nate não conseguia identificar onde se situava no apartamento o local pessoal de Shlykov. Não havia um cadeirão com um candeeiro para ler; nenhum sofá com a marca de um rabo diante da televisão; nenhuma cadeira de lona na pequena varanda suja. Será que este tipo se mantinha pendurado pelos tornozelos no varão do armário até ao anoitecer?

Nate viu as horas. Tinham uma hora. Shlykov estava encostado a uma parede numa festa do corpo diplomático, a observar os seus compatriotas, sem conviver com ninguém. Era demasiado importante para se dar ao incómodo de abordar alvos diplomáticos. Tinha a operação encoberta que o levaria a coronel. Três agentes da base num círculo alargado à volta do russo, a comer, a beber, a rir e a vigiá-lo, marcariam o número do telemóvel de Nate quando o major fizesse menção de partir. Os técnicos estavam a revistar separadamente o apartamento, numa graciosa coreografia barriguda, separando as divisões em setores de busca cilíndricos – alto, baixo, médio – à procura dos fios reveladores de escutas ou câmaras, embora fosse improvável que o arrogante major Shlykov tomasse tais precauções de segurança. Nada de tocar, nada de falar, os seus olhos a moverem-se na pouca luz; Nate manteve-se no meio da sala de estar, à espera.

O rapaz do Mississippi chamado Lee, o benjamim do grupo, com os seus 52 anos, passou ao quarto de Shlykov e em 30 segundos descobriu uma mala dura e bastante usada debaixo da cama. Sopesou-a nas mãos e acenou com a cabeça. Meteu a mão na pequena sacola que trazia ao ombro, sem remexer no seu interior, sem um som, e tirou um alicate de pinças que parecia ter sido usado pela primeira vez em 1415, na batalha de Agincourt. Nate ajoelhou-se ao lado dele e Lee retirou delicadamente a faixa de alumínio à volta do tampo da mala e, usando uma espátula comprida e fina, separou cuidadosamente as duas camadas de plástico moldado. Estalou ligeiramente os dedos para atrair a atenção de Nate. Da sua sacola, Nate

tirou o envelope de papel vegetal e enfiou cuidadosamente dois papéis químicos de escrita secreta – especializados, essenciais e incriminatórios – entre as camadas do tampo da mala. Em seguida, Lee apertou as duas camadas, aplicou uma gota de cola e encaixou a faixa de alumínio à volta do tampo. Apertou-o com força e apontou com um dedo. Nate viu que a ferramenta utilizada para apertar a faixa deixara propositadamente minúsculas marcas no alumínio. Lee enfiou a mala debaixo da cama.

Nate olhou mais uma vez para o relógio, com olhos turvos do suor, e voltou para a sala de estar. Entretanto, Gaylord e o terceiro técnico – um jovial Falstaff do norte do estado de Nova Iorque chamado Ginsburg – tinham estendido um pano no chão e andavam a tatear com mãos de artesãos o grão de um grande tabuleiro de xadrez em madeira colocado de lado. Onde o teriam encontrado? *Todos os russos adoram xadrez* – pensou Nate. Seria este o *hobby* de Shlykov que o definia? Fosse o que fosse, seria o seu azar. Ginsburg tirou um instrumento dos tempos da Inquisição da sua sacola, com uma pega preta, calhas e pilhas. A ferramenta em si apenas produziu um ligeiro ruído de térmita quando ele enfiou um furador de três polegadas na madeira do tabuleiro; Gaylord aspirava o serrim com um aspirador de mão silencioso à medida que ele ia saindo, e limpou o buraco. Olharam ambos para Nate, que avançou um passo e inseriu na cavidade um minúsculo bloco de apontamentos quadrado, de cinco centímetros, com margens coladas – um *onetime pad* (OTP). Era um bloco com páginas minúsculas de números impressos em sequências aleatórias, usado para proporcionar uma chave sempre em mudança (e, por consequência, impossível de decifrar pelo inimigo) para encriptar mensagens. Estas cifras de uso único já eram usadas desde tempos imemoriais – na Grande Guerra, dentro das masmorras da Bastilha e nas estradas romanas da Judeia.

Entretanto, Gaylord tinha pegado no serrim e misturara-o num recipiente pouco fundo com um químico inodoro que esguichou de um frasco, de modo a criar uma pasta espessa. Enfiou uma bucha de plástico na cavidade para proteger o OTP, aplicou a pasta sobre o buraco e alisou-a ao longo da beira do tabuleiro de xadrez, como um pasteleiro a alisar uma cobertura num bolo. Soprou para a área, testou-a com as pontas dos seus dedos incrivelmente sensíveis e, daí a uns minutos, lixou a superfície até ela ficar lisa. Nate apontou o pequeno foco enquanto Gaylord pôs uma roda de cores contra o tabuleiro e depois pintou a área; ficou completamente dissimulada,

na cor exata da madeira. – Tens a certeza de que eles encontram isto? – segredou Nate.

Gaylord olhou-o de alto a baixo. – Se andarem à procura, é garantido. A cavidade fica iluminada num fluoroscópio como um pólipó na tua colonoscopia. – Nate olhou para Gaylord e acenou com a cabeça, pensativo; dada a idade de Gaylord, com certeza falava por experiência própria recente. Fosse o que fosse que Gaylord tencionasse dizer, havia uma certa ironia anatómica: quando o tabuleiro de xadrez e a mala fossem descobertos pelos agentes russos de contrainformação, figurativamente Shlykov teria de se dobrar e sentir o longo braço da justiça do Kremlin.

*

Resultou. Depois de um mês de comunicações falsas a aquecerem as antenas do SIGINT russo na Turquia, seguidas pelos tiroteios, o Kremlin fartou-se. A coronel Egorova deslocou-se sem aviso prévio a Istambul para observar a situação no consulado, acompanhada por dois pesos pesados do FSB enviados para colaborar com ela por Bortnikov, o chefe do FSB, que contava que Egorova desacreditasse Shlykov e provasse ao presidente que os membros do Conselho de Segurança que se tinham oposto à precipitada operação OBVAL afinal tinham razão.

Umas chuvadas intermitentes puxadas a vento do lado do Mar de Mármara fustigavam a pista de aterragem quando o avião da Aeroflot proveniente de Moscovo em que Dominika viajava chegou ao aeroporto Ataturk em Istambul. Enquanto o avião avançava pela pista em direção à porta de desembarque, com a chuva a tamborilar nas janelas embaciadas, ela sentia a pulsação debaixo do maxilar; estava prestes a iniciar uma *konspiratsia* contra um adversário perigoso e, supunha, o seu cão de fila das *Spetsnaz*, embora Blokhin não tivesse sido avistado na cidade. Ela estava agora numa cidade estrangeira, e os turcos eram astutos e agressivos. Era território hostil, e ela estava aqui para conduzir uma pretensa investigação de contrainformação cujo resultado teria de ser a detenção de Valeriy Shlykov por traição. O papel que teria de desempenhar era delicado; uma conclusão demasiado fácil da sua investigação poderia despertar suspeitas. Teria de «descobrir» as provas contra este oficial ambicioso de modo

plausível e convincente. *A encenação começa agora* – pensou, quando o avião parou com um solavanco.

Ao atravessar o moderno átrio das chegadas, com o seu teto alto abobadado, o aroma a nozes queimadas do café turco envolveu-a e recordou-lhe que estava agora no misterioso Oriente, entre os pequenos homens morenos que encaravam todos os *yabanci*, os estrangeiros, com desconfiança e incerteza. Passou por um pequeno restaurante de comida para levar, com a mesa cheia de pequenos pratos – pimentos assados com alho, *köfte* espalmados polvilhados com sumagre, um tabuleiro com *kabak graten*, courgettes douradas gratinadas. Depois do controlo de passaportes, dois funcionários nervosos do consulado russo apressaram-se a cumprimentá-la, a acenarem com a cabeça. Uma coronel do SVR era uma visita importante. De queixo erguido, Dominika acompanhou-os até ao carro que a aguardava, sem dizer nada.

Esta manhã, Istambul era um amontoado de estradas bloqueadas, trânsito a passo de caracol e veículos de emergência. A ação policial da noite anterior resultara na apreensão de munições letais de fabrico russo. Os canais de televisão davam ininterruptamente a notícia da morte de um número de separatistas do PKK em outros tantos tiroteios. A Assembleia Nacional estava reunida numa sessão de emergência. A polícia nacional turca pôs em exibição as minas terrestres e os lança-mísseis apreendidos. No consulado russo, Valeriy Shlykov, apoplético, praguejava. Suspeitava de perfídia e traição de algum lado. Enquanto Shlykov perorava, os agentes juniores da *rezidentura* encolhiam-se, sem compreenderem o que se estava a passar. Este ambicioso major do GRU dera-se ares superiores e não informara ninguém sobre a operação encoberta, alegadamente para garantir a compartimentação e a segurança, mas, na realidade, para poder colher os louros todos.

O Gorelikov lamenta que eu tenha de fazer esta viagem – pensou Dominika –, *mas eu não*. Para além de incriminarem Shlykov, a viagem a Istambul seria, claro, uma oportunidade para ela se encontrar com os seus agentes de contacto da CIA, o primeiro desde Nova Iorque. Fora-lhe dada a morada de uma *yali* de Istambul, uma elegante mansão barroca de madeira com três andares em Anadolu Kavagi, uma estância turística no lado asiático do Bósforo, uma casa segura da CIA com o nome AMARANTH. A mansão fora arrendada por uma imobiliária de Beverly Hills, aparentemente

para uma executiva peripatética de um estúdio de Hollywood chamada Blanche Goldberg, que usava a casa duas vezes por ano para se encontrar com a fascinante estrela francesa do cinema Yves Berléand, com quem tinha um caso intermitente há mais de três anos e que parecia estar para durar (nunca se sabia, com um amante francês). Blanche só vagamente tinha consciência de que a renda da casa era paga pela CIA – não perguntava a razão – mas dava o seu contributo para a fachada de que se tratava de um ninho de amor mantendo uma cómoda no quarto de dormir cheia de lingerie e produtos de higiene pessoal caros de Beverly Hills, entre eles um frasco de um lubrificante da marca Swiss Navy no armário de medicamentos da elegante casa de banho da suite principal.

Em Moscovo, tinham sido transmitidas a Dominika as informações sobre as iniciativas da CIA para desacreditar Shlykov através de *pens* colocadas num local combinado, na berma com arbustos junto ao muro ornamental do templo Zhivonachalnoy Troitsy na Kosygina Ulitsa, no lado sul do Vorobyovy Gory (Parque das Colinas dos Pardais) na curva Luzhniki do rio Moskva. O próprio Benford incluía a informação crucial em relação ao que Dominika deveria procurar no apartamento de Shlykov: brochuras com químicos, forro de uma mala com a faixa de metal amolgada, tabuleiro de xadrez.

O resultado foi que Dominika estava a par de todas as nuances da operação da CIA e poderia conduzir a sua investigação sem erros para recolher as provas, perante a admiração atónita dos seus acólitos do FSB. Observou que uns ocidentais estrangeiros suspeitos estavam sentados diante de Shlykov ao almoço (estariam a comunicar com ele?). Os tipos do FSB seguiram-nos e descobriram que eram funcionários do consulado dos Estados Unidos, presumivelmente da CIA. Avistou uma tacha numa árvore perto do apartamento de Shlykov, que estava pregada num ponto demasiado baixo para se destinar a afixar um cartaz. Uma marca horizontal a giz, que foi vista numa parede junto ao prédio de Shlykov num dia, tinha um traço vertical a cruzá-la daí a dois dias. E as mensagens eletrónicas continuavam. As coisas estavam decididamente a ficar pretas para o major Shlykov.

Em nenhum momento Shlykov relacionou mentalmente o enorme fracasso operacional, a culminar em tiroteios da polícia em 20 locais na cidade, com qualquer fracasso pessoal, singular, quer operacional, quer na segurança da comunicação ou no planeamento. Raramente se dava a introspeções. Agora, esta ridícula Egorova chegara para conduzir uma absurda investigação sobre uma tolice qualquer relacionada com transmissões, e o momento da sua vinda garantiria que ela estaria aqui para assistir à humilhação dele. Fora-lhe ordenado que permanecesse em Istambul até se completar a autópsia da operação OBVAL.

O interrogatório de Shlykov, que estava de má cara sentado a uma mesa na sala segura da *rezidentura*, desenrolou-se muito bem: Valeriy reagiu com fúria quando lhe foram feitas perguntas sobre as transmissões misteriosas, disse que não conhecia nenhuns americanos na cidade e enjeitou como ridícula a existência de sinais clandestinos perto do seu apartamento. Os agentes do FSB presentes olhavam um para o outro com ceticismo. As coisas tornaram-se mais interessantes quando Shlykov se recusou terminantemente a permitir que os «burros» do FSB revistassem o seu apartamento. O halo amarelo à volta da cabeça dele, desbotado pela raiva e a pulsar com susto, disse muito a Dominika. O receio de que a sua carreira se desintegrasse era eclipsado pela sua *bol'shoe samomnenie*, a sua autoimportância, e pela sensação de ultraje por estar a ser desafiado e questionado, especialmente por uma mulher. *Ele vai-se enforcar, com aquele ego todo* – pensou Dominika. Isto seria mais fácil do que ela esperara.

– É uma situação desconfortável para todos nós – disse Dominika num tom calmo. – Pessoalmente, lamento que haja necessidade de interrogar um colega do GRU.

– Então volte para Moscovo e deixe-me fazer o meu trabalho – disse Shlykov. – Tenho tarefas operacionais de importância crítica, que, a coronel devia saber, têm precedência. – Fulminou Dominika com um olhar de desdém de Menino de Ouro Soviético.

– Sim, bem, os tiroteios da polícia nesta cidade contra os seus protegidos terroristas parecem indicar que as suas tarefas operacionais de importância crítica não foram completamente bem sucedidas; de facto, foram um desastre rematado – disse Dominika. – Quase com certeza, poderão ainda vir a revelar-se prejudiciais para a Federação Russa e embaraçosas para o

presidente. – No silêncio que se seguiu, todos os russos na sala de interrogatórios sabiam que prejudicar o país era de longe o delito menos grave.

– Eu tratarei das operações – disse Shlykov, a ferver de raiva. Decidiu acrescentar um insulto a rematar: – Porque é que não se concentra no que faz melhor: filmar-se a seduzir homens?

– Sugiro que adote uma postura menos desafiadora – disse Dominika. – É infeliz. – Os homens do FSB ouviram algo na voz dela que os fez mexerem-se na cadeira. Shlykov não pareceu aperceber-se do perigo.

– Há anomalias que correspondem aos seus movimentos – disse Dominika. – Acredito que não sejam nada, mas estou aqui para confirmar que não há questões de contrainformação.

– Julga que estou a trabalhar para os americanos? – berrou Shlykov. – Você é ridícula, *Po'shyol 'na hui*, vá-se foder. – Pôs-se de pé e pairou sobre Dominika.

– Aconselho-o a sentar-se e a cooperar – disse Dominika, olhando para cima, para ele. Shlykov debruçou-se sobre ela e encostou o rosto ao dela. Os homens do FSB sentaram-se na beira das cadeiras.

– A sua reputação precede-a – disse Shlykov. – A rapariga maravilha com as grandes *sis'ki*, a prostituta mamalhuda treinada para chupar...

Dominika estendeu a mão, prendeu o lábio inferior de Shlykov entre o indicador e o polegar e puxou-o para baixo com força. O major grunhiu com a dor e tombou de joelhos. Dominika torceu-lhe o lábio e bateu-lhe com a cabeça contra a beira da mesa. Shlykov sentou-se no chão e pôs a cabeça entre as mãos. O seu lábio já estava inchado e roxo e tinha o olho esquerdo fechado.

– Considere-se confinado à *rezidentura* – disse Dominika, pondo-se de pé. – Pode dormir no divã do oficial de serviço. Um agente de segurança estará consigo em permanência.

Virou-se para os homens do FSB. – Obtenham as chaves da residência do Camarada Shlykov, tanto a da porta da rua como a do apartamento – disse. – Quero ir lá agora.

No apartamento, os cães de fila do FSB fizeram o trabalho de Dominika por ela – não teve sequer de os levar à direção certa. De facto, louvou-lhes a diligência. Recolheram todos os papéis da gaveta da secretária de Shlykov e encontraram a mala debaixo da cama, e mostraram à coronel Egorova as

marcas reveladoras no tampo, a indicar alguma interferência. Tiraram o pesado tabuleiro de xadrez da prateleira superior do armário da entrada, mas abanaram a cabeça e iam deixá-lo ficar.

Dominika encolheu os ombros, abriu mais umas gavetas e remexeu no armário. – É estranho – disse. – Encontraram as peças do xadrez, um conjunto? – Os homens do FSB olharam à sua volta, abanaram a cabeça e sugeriram que se levasse o tabuleiro para o consulado para o examinar sob o fluoroscópio que era usado para a triagem do correio e das encomendas recebidos. Dominika assumiu uma expressão de dúvida.

– Muito bem – disse. – É melhor verificarmos, sermos exaustivos.

– *Bez truda, ne vitashis i ribku iz ruda* – disse um dos homens do FSB num tom superior, sem esforço não se tira um peixe do lago.

– Suponho que tem razão – disse Dominika. – Vejamos o que encontramos.

*

Iosip Blokhin não aparecera em lado nenhum em Istambul durante o fracasso desastroso da operação OBVAL. Tinha havido um tiroteio entre as tropas de choque da polícia e membros de uma célula do PKK barricados numa casa particular no bairro histórico de Rumelihisari, junto ao Bósforo, que fora feroz e prolongado, o que sugeria que os terroristas do PKK, normalmente pouco sofisticados, teriam recebido conselhos táticos de um profissional. Uma barricada policial no bosque à volta da casa resultou na detenção de um homem entroncado que avançava por entre as árvores quando o tiroteio começou a diminuir, e ele foi levado para a esquadra da polícia em Arnavutköy por não ter documentos de identificação.

Quando o homem corpulento afirmou em inglês com sotaque do Bloco de Leste que era um diplomata russo e exigiu ver um funcionário do consulado, o tenente da polícia telefonou ao capitão que coordenava a operação (era Hanefi), que por sua vez telefonou ao seu amigo americano Nathaniel Nash e lhe ofereceu a oportunidade de falar com o russo, que os turcos suspeitavam fortemente ser um soldado profissional. Hanefi disse que podia dar a Nash uma hora a sós com o russo antes da chegada de diplomatas russos para obterem a sua libertação. Nate aceitou e rapidamente telefonou a Benford para lhe dizer que o homem tinha de ser Blokhin, que,

Dominika tinha a certeza, matara as duas mulheres e os dois polícias em Nova Iorque e o ativo norte-coreano e a Pardal dela em Viena.

– Não poupes esse macaco – disse Benford. – Confronta-o, esses bolcheviques já sabem quem és, de qualquer maneira, e diz-lhe que sabemos o que ele fez. Diz-lhe que o vimos nas gravações das câmaras de segurança do Hilton, para proteger a DIVA. Diz ao filho da mãe que da próxima vez que mostrar um pelo do rabo fora da Rússia o extraditamos para Nova Iorque para ser julgado pelo homicídio da dissidente – acrescentou Benford. – Queima-o de tal maneira que ele deixe de lhes ser útil a partir de agora.

– É altamente improvável, mas, e se ele quiser colaborar? Até que ponto está disposto a ir para o pormos ao nosso serviço? – perguntou Nate.

– Três anos a trabalhar *substancialmente* lá dentro, recebe um milhão de dólares. Se quiser sair agora, recebe 250 mil dólares depois de uma sessão *significativa* nos Estados Unidos. O dinheiro está dependente do que ele produzir, o usual. Vê se isso abana a árvore dele. Arranca-lhe alguma coisa que valha a pena em sinal de boa-fé antes de concordares seja com o que for – disse Benford.

– OK, eu falo com ele hoje à noite e logo lhe digo alguma coisa – disse Nate. – Estou a preparar-me para o encontro amanhã com a Domi. Vou até lá mais cedo e preparo as coisas para o Marty. Quando é que ele chega?

– Não vem – disse Benford numa voz fraca. – Tive de o enviar ao Sudão; saiu uma roda na Antena de Cartum.

– O Marty não vem? – perguntou Nate, com o estômago a dar uma volta.

– Julgo que me ouviste, a não ser que os teus ouvidos tenham sido afetados pelo sangue a acorrer às tuas extremidades inferiores – disse Benford.

– O Gable é o principal agente de contacto da DIVA – disse Nate.

– E tu és o seu agente de recurso – disse Benford. – Sabes como isto funciona, Nash. Recebes as informações dela, passam em revista as comunicações e os locais, confirmas que ela está a operar em segurança. Recebeste o telegrama com os requisitos?

– Chegou hoje de manhã – respondeu Nate.

– Então, vai lá fazer o teu trabalho – disse Benford. – E tenta não dar cabo da agente com os teus modos brutos. Ou tenho de ir aí eu em pessoa?

– Não, eu trato do assunto – respondeu Nate. – Recebe um telegrama com os resultados quando terminarmos.

– Boa caçada – disse Benford, e desligou.

*

Blokhin encontrava-se numa pequena sala de interrogatórios na esquadra da polícia, que estava vazia para além de duas cadeiras de metal. Hanefi encontrou-se com Nate à porta e, à vez, olharam para Blokhin através do óculo.

– *Bir esek oglu* – murmurou Hanefi. Filho de um burro. – Nate *bey*, ele parece perigoso. *Dikkatli ol*, tenha cuidado. Quer um homem na sala? – Nate abanou a cabeça. – *Tabanca?* – Uma pistola?

– Não. Quero apertar com ele e não quero que ele se sinta humilhado. No entanto, se me ouvirem gritar, entrem e matem-no – disse Nate.

– Estou a pensar que ele está em Istambul para organizar as células – disse Hanefi. – Sem documentos diplomáticos, metemo-lo na prisão Silivri por 20 anos, mas, como Ancara receia ter problemas com Moscovo, ele está livre depois de você acabar de falar com ele. *Iyi sanslar*, Nate *bey*, boa sorte.

Nate abriu a porta e entrou na sala, que estava iluminada só com uma lâmpada. Blokhin estava de pé a um canto, encostado à parede, com os seus braços grossos como troncos de árvore cruzados sobre o peito. Tinha uma nódoa negra debaixo do olho direito, provavelmente uma pancadinha de amor corretiva de um carcereiro da esquadra que não gostava de russos. Nate sentou-se numa das cadeiras e empurrou a outra na direção de Blokhin, um convite para que se sentasse, mas o sargento manteve-se de pé. Nate sabia que era improvável que conseguisse descobrir como manipular o tipo, mas não havia nada a perder. Fora feita uma breve biografia de Blokhin, mas não havia grande informação sobre ele.

– Sargento Iosip Blokhin – disse Nate em russo fluente. – Parabéns pela *sharada*, a charada de ontem à noite. Pensei que as *Spetsnaz* eram melhores do que isso.

Blokhin fitou-o.

– Custa imaginá-lo a alinhar com um plano assim tão mal organizado, mas aí tem, o GRU é mesmo assim, são uns amadores – disse Nate. Blokhin

não se mexeu. *Carrega noutra tecla.*

– É claro, o sargento vai ser responsabilizado pela operação insatisfatória – disse Nate. – Ninguém no Kremlin, no Conselho de Segurança ou no Estado Maior o vai apoiar. O major Shlykov põe-no de lado, como a besta de carga que pensa que o sargento é. São até capazes de o despedir das *Spetsnaz*. Em que grupo está? No *Alpha* ou no *Vympel*? –

Blokhin descruzou os braços, afastou-se da parede e pôs-se por trás da cadeira de metal a olhar para Nate. Sentou-se lentamente, de costas direitas e mãos pousadas nas coxas. Nate preparou-se para um ataque.

– É da CIA? – perguntou Blokhin. A voz dele era como cascalho despejado de um balde.

– Se o expulsarem das *Spetsnaz*, o que é que fará em Moscovo? – disse Nate, ignorando a pergunta. – Torna-se condutor de elétricos? Porteiro a verificar bilhetes à porta do estádio do Dínamo? Tem família para sustentar? Pais? *Anda lá, rapagão, diz-me alguma coisa, seja o que for.*

– Veio de Washington? – perguntou Blokhin, inclinando a cabeça como se Nate tivesse soprado num assobio para cães.

– Washington fica perto da cidade de Nova Iorque – disse Nate. – Já lá estive alguma vez? Já alguma vez estive no Hilton da Sexta Avenida? – O rosto de Blokhin manteve-se impassível, mas as suas pupilas dilataram-se.

– O que é que quer? – perguntou Blokhin, recostando-se na cadeira. *Uma aberta? Explora-a.*

– Ambos servimos os nossos países lealmente, por vezes suportamos provações, mas no seu sistema não há recompensas, a não ser o orgulho que resulta de ter servido. No entanto, isso vai desaparecer quando regressar à *Rodina*. Vão-lhe tirar isso num abrir e fechar de olhos.

Blokhin não disse nada.

– Nós não somos inimigos – disse Nate, com uma expressão séria. – Somos ambos soldados, com diferentes uniformes, talvez, mas ambos compreendemos o que é a lealdade. Na América, damos valor à lealdade e à amizade, e recompensamo-la. Os nossos soldados aposentam-se com pensões, e vivem confortavelmente.

– O que é que quer? – repetiu Blokhin.

– Tenho uma proposta, uma maneira de o sargento colher os benefícios que mereceu. Algo para si, à parte da Rússia e das *Spetsnaz* e do Shlykov.

Blokhin esperou.

– Fale-nos sobre o que está a acontecer na Rússia, no exército, nas *Spetsnaz* – disse Nate. – Faça-o por si; merece a recompensa.

– Desonraria a minha farda, o meu juramento – disse Blokhin, abanando a cabeça.

– Eles já o desonram – disse Nate.

– Você é que me desonra; a sua proposta é um insulto. – *Não perguntou quanto ganharia, simplesmente bateu com a porta.*

– Quero que saiba que as autoridades em Nova Iorque têm impressões digitais e ADN encontrados no quarto de hotel de Daria Repina – disse Nate. – Serão comparados com amostras acabadas de lhe tirar pelos turcos. Não há dúvida de que não tardará a haver um mandado de captura da Interpol, e Washington vai requerer a sua extradição para o levar a julgamento.

Blokhin sorriu levemente. Sabia que Moscovo nunca concordaria com isso.

– O que isto quer dizer é que o sargento vai ser obrigado a permanecer na Rússia indefinidamente, para evitar a detenção imediata por um governo estrangeiro – prosseguiu Nate. – Os seus tempos de militar operacional clandestino acabaram. Este *neudacha*, este fiasco em Istambul será a sua última operação, um legado profissional pouco feliz pelo qual será recordado. – Um pouco dramático, aquilo. Nate sabia que Shlykov já estava devidamente incriminado e que Blokhin, no máximo, seria criticado e despromovido pelo seu papel no fracasso da operação. A indignidade adicional de ser abordado pelos americanos depois de ser detido seria sentida intensamente. Blokhin levantou-se da cadeira, regressou ao canto da sala e encostou-se à parede.

– Espero que os nossos caminhos se voltem a cruzar – disse Blokhin em inglês.

*

Ao sair da esquadra da polícia, Nate apagou Blokhin da mente. Ia encontrar-se com Dominika amanhã. Nate inspirou fundo. *Raio do inferno, merda-cadela*, como diria Hanefi. Ia ser difícil. Ele conseguiria tratar da sessão de informações profissionalmente, sem problemas. Informações primeiro, seguidas por informações operacionais e CI. Marcar

datas para encontros futuros e depois passar em revista questões de segurança, locais e sinais. Fazer tudo isto em cinco horas (o último *ferry* do Bósforo de regresso à cidade era às 18 horas) queria dizer que teriam de se sentar e trabalhar sem interrupções. Queria dizer que Nate teria de se manter concentrado no trabalho, mesmo que Dominika pusesse a mão fina e fresca no braço dele ou o seu cabelo acabado de lavar lhe roçasse a face ou se risse e lhe deitasse a língua de fora. Ele ignoraria aquele olhar de lado tão característico dela, que significava que ela o desejava, invariavelmente acompanhado pelo levantar quase impercetível da bainha da sua saia, uma provocação do seu passado de Pardal. Imaginava o comentário de Gable (*O Nash vai-se pôr a jogar aos dedos dos pés com ela numa questão de cinco minutos*) e Forsyth a abanar a cabeça com pena, dececionado.

Talvez ele surpreendesse toda a gente e a convencesse antes a ir com ele, a desertar, a abandonar o trabalho, o perigo, o receio, o risco, e a começarem uma nova vida juntos. *E se ela diz «Sim, vamos, agora mesmo, estou pronta»?* – pensou Nate. Para além de significar o fim da carreira dele na CIA e do trabalho que o definia, significaria também a perda da melhor fonte russa da Agência, com um acesso ao Kremlin de Putin insubstituível. E ele seria a causa.

Vieram à tona sombrios pensamentos ancilares: quer um quer o outro poderiam viver sem a excitação deste trabalho, a energia no fio da navalha da rua, a adrenalina de roubar segredos a um inimigo implacável? Como seria a sua vida na reforma? Ficariam a olhar para as Rockies cobertas de neve do alpendre de uma cabana de madeira? Ou tomariam o pequeno-almoço numa varanda branca com vista para a baía Biscayne? Ou deitariam mais uma acha para a lareira numa casa de quinta acolhedora em Nova Inglaterra? Um sonho conjugal ou um pesadelo constritor? Conseguiriam sobreviver à aposentação? Gable dizia sempre que os espiões murchavam e morriam quando saíam do Jogo. A maior parte dos desertores russos ficava meio passado, longe da *Rodina*; sentiam saudades da Pátria, da terra negra e dos pinhais. Ele podia fazer isso a Dominika, a si próprio? Meu Deus, talvez ele se tivesse assustado o suficiente para enveredar pelo bom caminho, talvez ela também viesse a ver a razão. Talvez avançassem para o nível seguinte, casto e profissional, de superativo e agente de contacto sagaz, tratando calmamente das questões contra Vladimir Putin e a sua cleptocracia predadora. Talvez.

E, de qualquer maneira, o que é que o filho da mãe do Gable estava a fazer em Cartum, logo agora?

COURGETTES GRATINADAS À TURCA

Corte courgettes pequenas ao meio no sentido do comprimento, retire o interior e encha o espaço com queijo feta aos cubos, endro e salsa picados. Cubra as courgettes com um molho bechamel e leve ao forno a uma temperatura média até as courgettes ficarem tenras e o molho dourado.

20

A Grande Confluência

Era meia-noite. Da janela do avião prestes a aterrar, Gable viu o bulboso, luminoso hotel Corinthia de vidro azul à beira-rio, uma lágrima grossa a erguer-se do emaranhado castanho e baixo de Cartum, só pontuado por uma floresta de minaretes iluminados. O avião inclinou-se um pouco mais para iniciar a descida e ele avistou a *al-Mogran*, a Grande Confluência, onde o Nilo Azul, da cor de chocolate, se juntava ao Nilo Branco de um azul leitoso. No exterior do terminal, os travões do táxi amarelo canário chiavam como um babuíno maldisposto. *Provavelmente é a poeira vermelha sudanesa nos calços* – pensou Gable. *Essa merda mete-se em toda a parte.* A viagem do aeroporto até à embaixada dos Estados Unidos – ficava a sul da cidade, nas margens do Nilo Azul – demorou uma hora, pela rua Madani, um caos com quatro faixas envolto em fumo azul dos tubos de escape, com trânsito a entrar e a sair de todas as direções, mesmo a esta hora. Era um zoo familiar. Cartum. Gable estava de regresso ao seu velho terreno – o inculto Terceiro Mundo – onde se recolhiam informações de generais recrutados com rostos brilhantes de suor em Land Rovers cobertos de poeira estacionados em becos fedorentos, e as tempestades de areia como algodão doce com uma altura de 900 metros faziam abanar a casa, com areia vermelha a assobiar debaixo da porta apesar das toalhas molhadas a taparem a soleira, e onde uma pessoa se habituava ao súbito embate do pneu ao conduzir à noite, que tanto podia ser algo de quatro pernas e com pelo ou um habitante local a cozer uma bebedeira de cerveja *thswala* no meio da estrada. Não se parava para averiguar, não à noite.

O Terceiro Mundo. Os diplomatas russos colocados em Paris não precisavam de tipos da CIA para lhes comprarem baguetes, mas se uma pessoa encontrasse um russo solitário na estéril e estranha Cartum, com a família toda em Moscovo, e lhe oferecesse uma *shchavelya sup*, uma sopa de azedas como a mamã dele costumava fazer, e pusesse um DVD e abrisse uma garrafa de uísque, podia-se falar interminavelmente sobre os salários

americanos, automóveis potentes ou passarinha de Las Vegas, ou talvez só sobre *a liberdade de escolha*, e, numa noite de tempestade de areia, com os estores a abanarem, ele diria que sim, e um recrutamento do SVR estava garantido. Alguns dos melhores escalpes de Gable eram daquela Caixa de Areia.

O Chefe da Antena (CDA) da CIA em Cartum, Gordon Gondorf, estava sentado à sua secretária no último andar da embaixada, um edifício com duas alas e três andares numa propriedade de dois hectares, com janelas à prova de granada e um alpendre curvo para a entrada de viaturas de aço. O CDA de Cartum era baixo, tinha olhos de porquinho e era extraordinariamente obtuso. Gable dizia muitas vezes que ele não seria capaz de sacudir água de uma bota nem que as instruções estivessem impressas na sola. Conhecido como «pés pequenos» pelos agentes sitiados nas suas Antenas, Gondorf parecia reaparecer a cada dois anos, como herpes labial. Fora chefe em Moscovo, onde tentara dar cabo da carreira de Nash, a seguir foi arruinar a Divisão da América Latina, e posteriormente tornou-se CDA em Paris, onde se recusou a mobilizar os recursos necessários para procurar um traidor da CIA à solta na cidade. Este desempenho consistente granjeara-lhe o desprezo eterno de Benford, que conseguiu que Gondorf fosse colocado no posto atual – esta Antena desconfortável de terceira onde, antes de se sentar na sanita, uma pessoa tinha de verificar se havia uma serpente mortífera enrolada à volta do rebordo, à fresca.

O gabinete de Gondorf estava atravancado com uma enorme secretária de madeira, que refletia a sua crença de que quanto maior ela fosse, tanto mais seriedade conferia à pessoa sentada por trás dela. Esta teoria era algo viciada pelo facto de o tampo de vidro chegar ao peito do Chefe, dando a impressão permanente de um garotinho corado sentado à secretária do pai num dia de visita da família ao escritório. Uma espingarda A4 poeirenta estava encostada a um canto, como se o Chefe atacasse pessoalmente células terroristas em Cartum todos os dias antes do almoço. É claro que havia a usual parede da vaidade, coberta com fotografias de Gondorf a ser cumprimentado por membros do Congresso, dignitários estrangeiros e diplomatas de *smoking*. Uma fotografia individual de Gondorf, incongruentemente vestido à beduíno e com uma *jambia* – a adaga curva cerimonial típica do mundo árabe – enfiada no cinto, era o perfeito exemplo

da sua carreira espalhafatosa. Um camelo em segundo plano fitava-o carrancudo como se o nómada minorca do deserto lhe devesse dinheiro.

Gable só fazia uma vaga ideia do dilema atual de Gondorf. Benford não lhe relatara os pormenores. A história foi-lhe saindo em frases hesitantes, pontuadas com «sem nenhuma culpa minha», «ninguém poderia prever» e «acontecimentos para além do controlo de qualquer pessoa». Há meses, Washington decidira entregar mísseis terra-ar portáteis aos rebeldes em Darfur – no sul do Sudão – para contrapor ao vasto auxílio militar da Rússia e da China que jorrava para o governo genocida no poder em Cartum. Era de importância vital que o auxílio dos Estados Unidos fosse mantido secreto, para evitar fricções bilaterais. À última hora, uma Conselheira de Segurança Nacional mudou de ideias, o que resultou no cancelamento do plano de entrega dos mísseis. Uma palete com os mísseis – 12 caixas de alumínio verde escuro com um metro e meio de comprimento e pegas de metal – ficou retida num local de armazenamento seguro na cave da embaixada.

As caixas foram trazidas clandestinamente como sendo de materiais de construção, mas tirá-las da embaixada era outra história. Não podiam ser levadas para o aeroporto e metidas no voo semanal de apoio. Se os funcionários da alfândega sudanesa inspecionassem a palete, o incidente diplomático seria insustentável. Durante uma reunião acalorada na embaixada, o embaixador declarou que não estava disposto a guardar indefinidamente na sua chancelaria uma dúzia de mísseis FIM-92 com ogivas anulares de fragmentação altamente explosivas. O adido militar (o chamado *Milatt*), o coronel do corpo de fuzileiros navais Claude Bianchi, explicou respeitosamente que não tinha maneira de extrair as caixas até o cargueiro USS *Nimitz* transitar pelo Mar Vermelho daí a uma semana, altura em que um helicóptero Seahawk poderia ser enviado à embaixada para retirar dela os mísseis; poderiam ser acoplados ao helicóptero uns depósitos de combustível de longo alcance para ele poder fazer o voo de 725 quilómetros. O CDA Gondorf, desejoso de cair nas boas graças do seu Chefe de Missão e passar a perna ao adido militar, declarou modestamente que dispunha de «ativos» capazes de livrar a embaixada das munições imediatamente. Nisto, excedeu as suas reais capacidades.

Demonstrando um monumental erro de avaliação, Gondorf ordenou a três ativos de apoio sudaneses de baixo nível que metessem as caixas num

camião, saíssem pelo portão das traseiras da embaixada, percorressem um campo de girassóis em pousio cem metros para leste e atirassem a carga ao rio.

Gable endireitou-se na cadeira. – Na porra do Nilo? – perguntou.

– As caixas pesam 25 quilos cada – disse Gondorf, abatido. – Afundaram-se imediatamente.

– Não me importa se havia lá um raio de um glaciar – disse Gable. – Deitaste-as fora *a cem metros* da embaixada?

– Fizemos isso à noite, por isso ninguém podia ver nada – disse Gondorf.

– Não sei qual é o teu problema, Gondorf, mas aposto que é qualquer coisa difícil de pronunciar – disse Gable.

– Há outro problema – disse Gondorf. Dirigiu-se à janela, subiu os estores, entregou um par de binóculos a Gable e apontou na direção do rio. Gable focou os binóculos na margem do rio, ladeada por uma linha estreita de vegetação.

– Mas que grande merda – disse Gable. Na margem de lama negra do rio estavam as caixas com os mísseis, algumas de lado, outras espetadas na vertical, como caixões desenterrados num cemitério inundado.

– Não é suposto os rios terem marés – disse Gondorf.

Há séculos que faraós egípcios, tribos nómadas *baggara* e agricultores da bacia do Nilo estavam familiarizados com as cheias anuais. Mas não Gondorf. Entre julho e outubro, o Nilo ficava cheio com as neves derretidas das montanhas da Etiópia. Em junho, as águas baixavam, deixando uma lama escura e fértil, *kemet* em árabe. Gondorf mandara atirar as caixas ao rio há meses, numa altura em que o rio estava cheio. Agora, tinha uma margem de 15 metros com caixas de mísseis a despontarem da lama a cem metros da janela do seu gabinete. Gable olhou para o rosto estreito e contraído, os olhos de jerboa muito juntos e a boca espremida, que estava cheia de «a culpa não é minha» mesmo por trás dos dentes.

– Há patrulhas da milícia por toda a parte, barcos no rio, gente à cata de coisas nas margens – disse Gondorf.

– Há quanto tempo é que ali estão as caixas? – perguntou Gable. – Porque é que não dizes aos teus tipos para as irem buscar?

– Não posso. Estão fora de contacto – disse Gondorf.

– O que é que tu estás a dizer? Não podes contactar os teus ativos?

– Não consigo encontrá-los; não respondem.

– Valha-me Deus – disse Gable, e atirou os binóculos a Gondorf. Percorreu o corredor até ao gabinete do adido militar e apresentou-se ao coronel Bianchi, que era alto, moreno, direito como um fuso e tinha o cabelo penteado para trás e lustroso de brilhantina. Estava à civil: um fato ligeiro com uma camisa azul e uma gravata simples preta. Trazia na lapela um alfinete do corpo de fuzileiros navais. Gable sentou-se e explicou o problema. Bianchi abanou a cabeça.

– Fui conhecendo uma data de espões dos vossos ao longo dos anos – disse, com sotaque do Mississippi. – Mas aquele vosso moço é burro que nem uma porta.

– Pois é – disse Gable –, é um bronco de primeira. Coronel, aquelas caixas estiveram submersas durante três ou quatro meses, e agora estão cobertas de lama. Há alguma hipótese de os mísseis continuarem funcionais?

– Aquelas caixas são resistentes à água, mas não à prova de água – respondeu Bianchi. – Se algumas das juntas das caixas tiverem resistido, provavelmente alguns deles poderão acender-se e voar. Mas nada que seja fiável. – Abanou a cabeça. – Mas isso não é a nossa preocupação principal. Se a milícia encontra os mísseis, vai haver problemas políticos que nos ultrapassarão.

– A milícia presta para alguma coisa? – perguntou Gable.

– Andam aí pela cidade, quatro em cada jipe, com metralhadoras, à procura de problemas. Não têm grande treino, mas são maus que se fartam.

– Tem alguém que me possa ajudar a tirar aquelas caixas dali hoje à noite? – perguntou Gable.

Bianchi abanou a cabeça. – O meu gabinete está reduzido a dois, o meu delegado está de licença, e o embaixador não aprovaria que recorrêssemos aos fuzileiros navais. Se acontece alguma coisa, perdemos os nossos vigias marítimos da embaixada. – Observou a reação de Gable antes de falar de novo. – Mas talvez estejamos com sorte. Dois SEALs da Equipa Oito que trabalham com a AFRICOM estão aqui a fazer pesquisas sobre evacuação da embaixada. Pode ser que estejam dispostos a ajudar. – Pegou num telefone e daí a dois minutos os SEALs bateram à porta.

Andavam ambos pelos vinte e tal anos, eram magros e calados. Estavam de calças de ganga e de chinelos de enfiar o dedo. O suboficial sénior chefe

Gilbert «Gil» Lachs era louro e tinha sardas. Era um especialista em demolições que seria capaz de abrir uma lata de pêssegos com uns grãos de RDX sem derramar a calda. O suboficial de primeira classe Richard «Ricky» Ruvo era moreno, de origem italiana, com olhos de tipo esperto de Staten Island. Era um franco-atirador que conseguia enfiar um prego numa árvore a uma distância de 1500 metros. Sentaram-se descontraidamente em cadeiras, com os braços cruzados sobre o estômago, a olhar para Gable como leopardos sonolentos num ramo de uma árvore.

– Preciso de reforços. Acho que arranjam os um camião com um guincho e tiramos aquelas caixas da lama – disse Gable. Virou-se para Bianchi. – Que armas temos?

– Não temos grande coisa – respondeu Bianchi. – Glocks de 9 milímetros e Remingtons 870. Temos balas estriadas e chumbo. – Gable acenou com a cabeça.

– Tenho todo o gosto em ajudar – disse Ruvo. – Fico de vigia enquanto vocês tiram as caixas.

– Tretas – disse Lachs. – Eu sou teu superior. Tu é que te vais meter na lama.

– Gil, tu não tens pontaria nenhuma – disse Ruvo.

– Eu disparo sempre primeiro e depois chamo alvo àquilo que tiver atingido – disse Gable.

Os SEALS acenaram com a cabeça. Um código implícito tinha sido transmitido e recebido: Gable era fixe. – A CIA ainda anda a recrutar mergulhadores? – perguntou Lachs, cujo período nas Equipas estava a chegar ao fim.

– É, temos toda uma divisão para ensinar lulas a usar faca e garfo – disse Gable. – Mas está a ficar cheia muito depressa.

Ruvo, Lachs e Bianchi riram-se.

Estava escuro como o breu quando Gable conduziu o camião F-350 em segunda pelo campo poeirento com os faróis apagados, e pôs a dianteira do camião numa clareira do mato da margem do rio. Havia um barracão de pescador degradado feito de placas de chapa ondulada irregulares na margem do rio. Lachs espreitou por uma fenda no metal e abanou a cabeça. Estava vazio. Ruvo enfiou cinco balas Sabot na 890, encaixou o carregador e subiu para o tejadilho da cabina do camião. Deu uma volta de 360 graus e segredou OK. Gable e Lachs puseram as pistolas nos coldres que traziam ao

fundo das costas. Amaldiçoando Gondorf interiormente, Gable meteu-se até aos joelhos na lama, a puxar a corda de arame do carreto, enquanto Lachs se mantinha ao lado do guincho, com o controlo à distância na mão. Com uma lanterna tática entre os dentes, Gable avançou na lama para a caixa mais próxima, enfiou o gancho numa das pegas de metal e acenou a Lachs. O camião oscilou um pouco, mas a força de 4500 quilos do guincho contrariou a sucção da lama e a caixa deslizou pela margem acima. Uma já estava, faltavam 11.

Daí a uma hora, faltavam três caixas, mas Lachs teve de se meter na lama até às coxas para ajudar Gable a escavar para poderem meter o gancho nas pegas das caixas. Estavam cada um de um lado de uma caixa parcialmente enterrada, com as lanternas entre os dentes. Lachs estava de costas para o rio negro. E então aconteceu. Um berro de aviso de Ruvo chegou segundos antes de um crocodilo do Nilo com quatro metros de comprimento irromper do rio por trás de Lachs numa explosão de água deslocada, de goelas abertas. Sem conseguir mover-se na lama, Lachs só pôde atirar-se para cima da caixa enlameada. Gable nunca antes na vida se movera com tanta rapidez. Sacou da pistola e disparou as 17 cargas de balas de 9 milímetros na boca branca como o algodão do crocodilo, mas ele apenas abanou a cabeça e fechou as mandíbulas nas nádegas de Lachs. Talvez distraído pela luz, milagrosamente o crocodilo não mordeu carne, mas enganchou um canino no coldre que Lachs trazia à cinta, arrancou-lhe as calças até aos tornozelos, abanou a cabeça, cuspiu a arma e virou-se para morder de novo.

A espingarda de Ruvo latiu da margem. De um ponto de cinco centímetros entre os olhos do crocodilo começou a esguichar sangue, e o crocodilo tombou na lama, com a cauda a bater duas vezes e o seu cérebro do tamanho de uma noz reduzido a vapor. O som dos tiros ecoou sobre o rio e pelos campos. Um cão começou a ladrar. Gable olhou para Lachs, que lhe fez sinal com o polegar. Olharam ambos para a água preta, especificamente para mais duas formas cinzentas a avançarem na direção deles. – Isto que se foda – disse Gable, que rapidamente passou o gancho pela pega da primeira, da segunda e da terceira caixas, e fez sinal a Ruvo. O guincho gemeu, as pegas dobraram-se, as caixas chiaram e saltaram, mas as três soltaram-se e deslizaram pela margem acima. Gable e Lachs ajudaram-se um ao outro a sair do lamaçal, com os grunhidos dos crocodilos no rio por trás deles. Lachs estava ofegante e enlameado até ao peito.

– Foi a primeira vez que vi um crocodilo puxar as calças a alguém – disse Ruvo.

– Obrigado por tirares aquele filho da puta de cima de mim – disse Lachs. – A bala passou-me mesmo junto à orelha esquerda. – Ruvo tinha alvejado o crocodilo na cabeça a um distância de 20 metros com uma mira de ferro na espingarda, com pouca luz, na parte superior da margem, um tiro notável.

– Eu ia esperar para ver de que tamanho é a pila de um crocodilo, contigo dobrado daquela forma, mesmo a jeito – disse Ruvo. Lachs mostrou-lhe o dedo médio.

Estavam a acabar de meter as caixas imundas no camião quando do escuro veio o som de um jipe a aproximar-se, com a luz dos faróis aos saltos enquanto percorria os sulcos secos do campo. A milícia.

– Atenção, minhas senhoras – disse Gable pelo canto da boca. Enfiou um novo carregador na Glock.

– Nenhum destes filhos da puta vai para casa – disse Ruvo, segurando a espingarda ligeiramente atrás da perna.

O jipe aproximou-se, com o motor a trabalhar até ficar em silêncio. Os quatro homens no jipe traziam uma variedade de bonés, quégpis e boinas. Os americanos deixaram-se ficar à luz do único farol a funcionar. O condutor pôs-se de pé no assento e disse: – *Kayfa halak?* – A sua camisa esfarrapada e com manchas de suor estava desabotoada. O homem no lugar do passageiro também se pôs de pé no assento para olhar para os americanos através do para-brisas imundo e rachado. Não se viam nenhuma arma. O condutor voltou a berrar: – *Kayfa halak?* – por entre gargalhadas altas. O do lugar do passageiro apontou para as pernas nuas de Lachs, disse qualquer coisa e cuspiu para o chão, por entre mais gargalhadas.

– Aquele tipo gosta do teu material, Gil – disse Ruvo.

– Estes filhos da puta estão todos passados, a mascar *khat* o dia todo – segredou Gable.

O condutor estendeu a mão para debaixo do tablier e puxou o cano de uma AK-47. – Arma – rosnou Ruvo, que levantou a espingarda, disparou pelo para-brisas e fez saltar o condutor do jipe numa nuvem de vidro pulverizado. Gable abateu o homem no lugar do passageiro em um segundo e meio com dois tiros no peito e um terceiro na cabeça, um triplo chamado O Moçambique. O tipo tombou e deslizou para debaixo do tablier.

Imediatamente antes de ele cair no chão, Ruvo e Lachs avançaram lentamente para o veículo de costas dobradas, como numa situação de combate corpo a corpo, e cada um deles disparou três vezes, o que atirou simultaneamente com os dois homens no assento traseiro por cima das traseiras do jipe. O som dos tiros ecoou no ar noturno, e mais cães de ambos os lados do rio começaram a ladrar. Vinham uns grunhidos ofegantes do rio negro. O passageiro morto no jipe tombou para o lado. Na sua totalidade, a operação demorara 12 segundos.

– Os tipos da CIA são todos assim tão bons? – perguntou Lachs. A última vez que vira O Moçambique ser usado fora no Panamá.

– Sim, é do treino de sensibilidade que temos – respondeu Gable. – E dos instrutores de pistolas do Texas. – Os SEALS olharam de lado para Gable.

– Precisas de mais tempo na carreira de tiro – disse Ruvo a Lachs. – Atingiste aquele último tipo um pouco demasiado alto.

– Não o ouvi queixar-se – disse Lachs.

– Vamos mas é sair daqui para fora – disse Gable. – Verifica se esses tipos têm documentos de identificação, normalmente são uns boletins.

– Vou meter o jipe por trás do barracão – disse Lachs. – Quer que ponha um explosivo na ignição?

Gable abanou a cabeça. – O mais provável é que alguns garotos o encontrem primeiro. Eles que fiquem com o jipe.

– E estes tipos? – perguntou Ruvo, olhando para o emaranhado de pernas no chão.

– Esperem um minuto – disse Lachs. – Ouçam. – O som de múltiplos veículos a atravessarem o campo e de vozes excitadas era ténue, mas cada vez mais alto.

– Foda-se – disse Gable, espreitando por entre o emaranhado de mato ribeirinho. – Mais milícia. Vejo três jipes a um quilómetro, a aproximarem-se lentamente.

Ruvo destravou a arma. – Isso não dá mais do que 12 queriduchos passados dos carretos; cada um de nós encarrega-se de um jipe e está o assunto resolvido. – Gable abanou a cabeça.

– Ouviram os nossos tiros. Vêm aí à espera de problemas. Corremos demasiado risco de acontecer alguma coisa e perdermos os mísseis.

Lachs deu uma palmada numa das caixas enlameadas com mísseis no camião. – Vamos usar três destes cachorrinhos para dar cabo dos três jipes.

– Temos a certeza de que vão funcionar? – perguntou Ruvo. – Estiveram submersas muito tempo.

Gable espreitou de novo por entre o mato. – Estão a reduzir a velocidade perto da margem; não sabem do que andam à procura. Vocês os dois levem o camião de volta para a embaixada. O Bianchi está à espera nos portões e abre o armazém. Ponham esses mísseis fechados à chave e em segurança.

– Mas que porra é que você julga que vai fazer? – perguntou Ruvo.

– Deito abaixo uns faróis, rastejo para o mato e mantenho-os ocupados. Não vão reparar em vocês e no camião a atravessar o campo.

– Há 12 brancos – disse Lachs. – Eu fico, e o Ruvo pode levar as caixas de volta.

Gable abanou a cabeça. – Levem os dois as caixas para a embaixada, um a conduzir, o outro de arma em punho, não parem para nada.

Os SEALs eram profissionais; não discutiram a ordem. Ruvo ficou com a sua pistola, mas deu a Gable a espingarda e uma mão-cheia de balas. Lachs entregou-lhe a pistola e dois carregadores extra. Gable enfiou a espingarda e a pistola no cinto e meteu as munições nos bolsos.

– Voltamos com mais armas logo que possível – disse Lachs. – Limite-se a manter-lhes as cabeças baixas, e deixe-se ficar no raio do mato. Não se arme em herói.

Gable deu-lhes um aperto de mão. – Obrigado por me darem uma ajuda hoje à noite. Tornaram o mundo seguro por mais uma semana, pelo menos.

Lachs apontou para Ruvo. – Mesmo assim, vou denunciar este cara de cu ao Fundo Mundial para a Conservação da Natureza por matar uma espécie de réptil ribeirinho em vias de extinção – disse.

– Se *este* cara de cu não tivesse tirado o crocodilo de cima de ti, tu já não *tinhas* cu – disse Ruvo.

Os sons dos jipes velhos estavam a aproximar-se, as luzes dos faróis a ondular no ar enquanto os pneus saltavam sobre os sulcos secos no campo.

– Façam marcha-atrás à volta deste mato e só avancem quando eu começar a disparar sobre estes brancos. Depois, dirijam-se para a luz amarela na esquina da embaixada. Fechem-me essas caixas à chave.

Os SEALs subiram para o camião, fizeram marcha-atrás e ficaram à espera. Ruvo fez sinal a Gable com o polegar.

Gable pôs-se de pé por trás do pequeno barracão de chapa ondulada, a espreitar pela esquina para os faróis que se aproximavam. Tinham-se

disposto em linha na parte mais larga do campo, a gritarem uns aos outros, sem prestarem atenção. Mas todos traziam as espingardas nas mãos. *Isto vai ser problemático* – pensou Gable. Os jipes abrandaram a velocidade e pararam a oito metros do barracão – a um tiro de pistola de distância –, mas estas tropas tinham todas AK-47 enferrujadas e os tiros trespassariam as paredes de chapa do barracão como uma faca quente em manteiga. Gable pensou que dispararia da direção do barracão e depois correria para o mato e deixaria aqueles brancos divertirem-se a demolir o barracão enquanto ele se enfiava por entre as ervas daninhas, o que daria tempo aos SEALs para chegarem ao portão traseiro da embaixada. Gable viu o homem mais à direita pôr-se de pé e apontar para o campo. Avistara o capô do camião a despontar do mato. No segundo seguinte, precipitar-se-iam todos como um enxame naquela direção e atacariam o camião, exatamente o que ele não podia permitir que acontecesse.

Gable saiu de trás do barracão para o brilho ofuscante de seis faróis, disparando tão rapidamente que os tiros soaram como se fossem simultâneos, e atirou três cargas de chumbo sobre o jipe da direita, cujo para-brisas se desintegrou; os dois homens nos assentos da frente tombaram para o chão, mortos. Os dois no assento traseiro, um deles a gemer e ferido, escaparam e esconderam-se por trás do veículo. Antes de os homens mortos caírem por terra, já Gable dera meia volta e disparara três cargas sobre o jipe do meio, matando o condutor, enquanto os outros três saltavam para fora e se escondiam debaixo do jipe. Apontou os dois últimos tiros ao jipe mais afastado, projetando o passageiro do assento de trás para fora do veículo. Pelas contas de Gable, quatro tinham sido abatidos e um ou talvez mais estavam feridos. Restavam pelo menos sete, talvez oito. Os homens da milícia estavam escondidos debaixo dos respetivos veículos, todos a gritarem uns aos outros algo que soava a Gable como «Ahmed, levanta-te e começa a disparar,» e outra algaraviada que soava como «Estás louco? Levanta-te tu e começa a disparar».

Gable enfiou quatro das balas verdes escuras na Remington, as suas últimas munições, e estas eram as balas estriadas – projéteis sólidos de chumbo de ponta arredondada, grandes como berlindes, equivalentes a balas de calibre 0.50 – e, uma a uma, enfiou as balas nos radiadores de cada jipe, provocando uma grande explosão de vapor e uma cascata de água

debaixo de cada veículo. Aqueles jipes já não iriam a lado nenhum, e os SEALS estavam a salvo.

Pelo canto do olho, Gable viu um movimento ao longo da parede traseira do barracão; a chapa fletiu quando alguém deslizou ao longo dela dentro do barracão. Gable disparou a última bala sobre a saliência na chapa, rebentando com um painel da parede traseira e fazendo o homem da milícia ser projetado para fora por um dos painéis da parede da frente. A espingarda vazia, duas pistolas com um carregador de 15 balas e mais dois de reserva, e talvez uns sete homens da milícia com AKs. Fracas hipóteses.

Mais movimento nos juncos à beira-rio – onde estavam os crocodilos quando se precisava deles? – e o fogo de espingardas começou a vir do canavial, demasiado perto; Gable enfiou-se no barracão (um esconderijo temporário, mas que não lhe proporcionava cobertura), rastejou lentamente por trás de uns caixotes de madeira que fediam a peixe, baixou-se quando um homem da milícia enfiou a cabeça no buraco na parede, e deu-lhe um tiro na cabeça. Mas havia mais dois bimbos a entrar pela porta e começaram a disparar, e Gable abateu um deles com um tiro na cara, mas sentiu ao mesmo tempo um murro no ombro direito. Não sentiu dor, só uma dormência até à mão, e por isso descarregou dois tiros com a mão esquerda no peito do segundo bimbo, ao mesmo tempo que sentia uma segunda bala a atingi-lo na coxa, essa doeu como uma filha da mãe de uma agulha de tricô, e começaram a entrar balas pela chapa fina, com cada buraco a abrir uma fresta por onde entrava a luz dos faróis dos jipes. Gable acorrou-se a um canto, enfiou um carregador só com uma mão, segurando a pistola entre os joelhos com a câmara apontada para cima – recarregamento de emergência – e soltou o travão e começou a disparar sobre os dois broncos que estavam a entrar pela porta, mas sentiu mais duas balas a atingi-lo no peito e mais balas continuavam a trespassar a chapa do barracão, mas Gable estava a sentir uma dormência, e era como se estivesse a respirar por uma palhinha, não havia ar que chegasse, e viu Nash na Antena de Atenas, e Dominika com um vestido de verão e Moira a tocar piano descalça, a única coisa de que se arrependia era de como dera cabo do seu casamento e como ela morrera antes de ele ter uma oportunidade de remediar as coisas. Recordou-se do primeiro mês feliz, da lua de mel em Cudjoe Key, e sentiu o cheiro a maresia.

Os dois homens da milícia sobreviventes estavam encostados ao para-choques do seu jipe sibilante a acender cigarros com mãos trémulas quando as suas cabeças explodiram e eles tombaram como marionetas a quem cortaram os fios, com o cigarro ainda na boca. Ruvo e Lachs saíram do escuro e olharam para os soldados mortos à volta dos jipes estilhaçados, e depois para dentro do barracão. Havia cinco homens da milícia empilhados em frente a Gable, que estava sentado, encostado à parede, de olhos fechados e com a frente da camisa preta de sangue.

Ruvo verificou-lhe o pulso. – Foi-se – disse. – Raios partam. – Ficaram em silêncio por um segundo, camaradas gladiadores a lamentar a morte de um dos seus.

– Vamos levá-lo para a embaixada – disse Lachs. Os SEALs nunca deixam ficar os que tombaram em combate.

– Temos um trabalhinho a fazer primeiro – disse Ruvo.

*

Na manhã seguinte, com o coronel Bianchi sentado numa cadeira em frente à secretária de Gondorf, este comunicou o sucedido por uma linha segura a Benford, que, após um silêncio atordoado ao ouvir que Gable estava morto, praguejou durante cinco minutos e ordenou que ele ficasse junto ao telefone. Secretamente, jurou irradiá-lo do Serviço. Gondorf empalidecera quando Bianchi lhe contou do tiroteio com as patrulhas da milícia, mas não parecia estar preocupado com os mísseis, agora que estavam em segurança no armazém da embaixada. E não parecia importar-se que um agente da CIA estivesse num saco plástico, deitado numa palete na câmara frigorífica da embaixada. Viu uma maneira de desviar a culpa de si, retomando os modos do burocrata de carreira cheio de lábia que os seus colegas sabiam que era.

– Vocês mataram 12 tropas da milícia? Estão loucos? Vai haver sérias repercussões quando eles forem encontrados. – Gondorf estava a pensar em protestos oficiais, motins ao portão da frente da embaixada, o embaixador furioso, expulsões diplomáticas.

– Foi mais, tipo, 14. O seu tipo, só à conta dele, aviou oito. Ninguém vai encontrar nada – disse Bianchi. – Estacionaram os jipes por trás de um armazém, com a chave na ignição.

– Vocês são todos uns maníacos. Quando eles encontrarem os homens, vai ser um pandemônio.

– Aqueles gajos já não vão jantar a casa. Aqui tem. – Bianchi atirou uma pilha de boletins de identificação dos homens da milícia para cima da secretária de Gondorf. Estavam empapados de suor e sangue, um deles com um buraco de bala no meio. Gondorf torceu a boca com repugnância enquanto folheava um dos boletins com a ponta de um lápis.

– Meu Deus – disse Gondorf. – Esse era um dos meus ativos de apoio que se livrou dos mísseis inicialmente.

– Há outros? – perguntou Bianchi. Gondorf abriu os outros boletins com o lápis. Ficou de queixo caído.

– Este também, e este, três. Não conheço os outros.

– É uma rede de agentes bastante eficiente que tem aqui, Senhor Chefe de Antena, a recrutar homens da milícia de Cartum como ativos clandestinos – disse Bianchi.

– E que os seus SEALS abateram ontem à noite, como gangsters.

– Os seus alegados ativos vinham ontem à noite buscar aqueles mísseis, seu burro – disse Bianchi. – O seu tipo, o Gable, foi desta para melhor para lhe salvar o couro a si, a quem, pela minha parte, bem gostava de dar um valente pontapé.

– E os mísseis? – perguntou Gondorf, ignorando a ameaça. – Quero-os fora daqui.

– *Você* é que os quer fora daqui? – disse Bianchi. – Mande vir um Seahawk-60 do *Nimitz*, no Mar Vermelho. A Marinha leva-os daqui para fora... e ao Gable também.

Gondorf olhou para o adido militar, a tentar decidir como reforçar a sua posição, porque havia sempre algum truque burocrático, algum recurso. Acorreu-lhe ao pensamento a ideia de criar uma controvérsia que desviasse as atenções, com o Departamento da Defesa como bode expiatório. Apontou acusadoramente para Bianchi.

– O seu departamento vai ter de responder pelo assassinato daqueles homens. Vou apresentar um relatório de crimes oficiais ao Departamento da Justiça.

– Baseado em quê? – perguntou Bianchi, levantando-se da cadeira. Os SEALS tinham partido de avião para Little Creek na noite anterior. (Todos os voos partiam de Cartum depois da meia-noite, quando as pistas de

alcatrão mole derretido pelo sol endureciam ao ar mais fresco da noite.) – O Pentágono não o vai ajudar, da maneira como se comporta na equipa do país, e o embaixador está lixado com o seu maravilhoso desempenho. Presumo que esse tipo de Langley que lhe esteve a berrar ao telefone, seja ele quem for, vai fazê-lo sentir-se como se tivesse sido engolido por lobos e eles o fossem cagar de um precipício. – Bianchi dirigiu-se para a porta do gabinete.

– Está-se a esquecer de uma coisa – disse Gondorf, a transpirar. – Quando aqueles homens forem encontrados, a casa vem abaixo, com você mesmo no meio.

Bianchi olhou para o rio pelas persianas.

– Os SEALS trataram do assunto. Como lhe disse, aqueles tropas da milícia não vão jantar a casa – disse Bianchi por cima do ombro. – Os crocodilos do rio já os comeram ao jantar ontem à noite.

SHCHAVELYA SUP – SOPA DE AZEDAS

Salteie folhas verdes (tradicionalmente, azedas bravas ou, em sua substituição, folhas de dente-de-leão, agriões ou espinafres) com cebolas picadas até ficarem macias. Adicione caldo de galinha, deixe levantar fervura e depois coza em lume brando. Retire do lume e adicione açúcar e sumo de limão para retificar o sabor. Mexa gemas de ovo com um pouco de caldo, adicione à sopa, mexa e deixe cozer sem levantar fervura. Sirva quente ou fria com natas azedas.

21

Cheiro a Esturro

Benford acordou Nate a meio da noite com a trágica notícia da morte de Gable. Nate sentiu um choque gelado percorrer-lhe a espinha, e pôs-se de pé, a agarrar com força o telefone. Gable. Indestrutível. Um tiroteio em Cartum, para nada. Aquele merdas daquele Gondorf. Nate fez perguntas sobre serviços religiosos, o funeral, memoriais.

– Deixa lá isso – disse Benford. – Vai à casa segura amanhã e faz o teu trabalho.

– Como é que digo à Dominika? – perguntou Nate. – Ele era como um irmão...

– Não lhe dizes nada, em nenhuma circunstâncias. Ela não pode ir-se abaixo, agora não. Mantém-na concentrada. Ela tem de nos conduzir ao MAGNIT, temos de fechar o caso com a ilegal em Nova Iorque e ela tem de se assegurar de que o Shlykov é atirado para a cadeia.

– É uma lista de afazeres bastante longa, Simon; esqueceste-te de «sepultar o Marty Gable». – Nate preparou-se para a explosão, sem querer saber. Surpreendentemente, Benford falou em voz abafada.

– Tu sabes, talvez melhor do que a maioria, o que ele te diria neste momento. Dir-te-ia para fazeres o teu trabalho, protegeres a tua agente, obteres a informação e marcares o próximo contacto. Eu acrescentaria que devias dar-lhe motivos para se sentir tão orgulhoso de ti como sempre se sentiu.

Nate engoliu em seco com força. – Eu envio o telegrama quando acabarmos – disse.

*

A casa segura de Istambul, AMARANTH, ficava por trás de um enorme portão de madeira com pregos de ferro e rematado por espigões medievais. O caminho de acesso ensaibrado desenrolava-se numa curva ligeiramente a descer na direção da água. A mansão refinada – uma *yali*, em turco – com o

seu telhado inclinado de telhas vermelhas encontrava-se sozinha entre pinheiros mesmo à beira do Bósforo, com os seus alicerces continuamente humedecidos pelas ondas suaves formadas pelos cargueiros que passavam no Mar Negro. O interior da *yali* era magnífico, cheio de estuques ornamentais, tetos pintados e paredes decoradas com intermináveis padrões geométricos islâmicos em dourado e azul turquesa. Um amplo salão central estava adornado por uma fonte de mármore a borbulhar. O salão era ladeado por salas de estar de canto, sobre o Bósforo, refrescadas pela brisa que vinha de janelas panorâmicas na galeria. As salas de canto estavam mobiladas em estilo otomano, com sofás baixos e enormes bandejas de cobre assentes em pernas de madeira cinzelada. Subindo a escadaria curva de mármore cor-de-rosa, no segundo andar, quatro amplos quartos de dormir ostentavam camas de dossel num azul de pavão. Cada quarto dava para uma casa de banho a condizer.

Nate dirigiu-se de carro à casa segura por uma RDV que o levou a atravessar a ponte Fatih Sultan Mehmet em direção à Ásia, onde traçou uma série de voltas e reviravoltas nos bairros íngremes de Üsküdar, Ümraniye, Görele e Zerkavatçı. Durante uma volta de 360 graus numa zona de terrenos baldios, parou numa saída e usou os feios montes à volta como uma espécie de caixa de ressonância para se pôr à escuta do ronronar de aviões ou helicópteros, um truque de áreas interditas que Gable lhe ensinara. Nada. Eram zonas pobres, com caminhos enlameados e parabólicas enferrujadas, camiões velhos em cima de blocos de cimento e montanhas de pneus abandonados visíveis por trás de paredes de chapa ondulada presa com arame farpado. Esta Istambul asiática não era nada como os enclaves sofisticados da estrada costeira no lado europeu.

Não estava a ser seguido; nenhuma equipa de vigilância – nem sequer aqueles profissionais da polícia nacional turca – poderia manter-se tão completamente indetetável e mesmo assim saber onde ele se encontrava. Alugara o pequeno Hyundai nessa manhã no átrio do hotel Mövenpick em Maslak, por isso não trazia rastreadores de veículo. Sabia que DIVA seria igualmente cuidadosa, percorrendo uma rota segura antes de embarcar no *ferry*. Como dera bastante nas vistas ao apanhar Shlykov, uma ausência da *rezidentura* demasiado prolongada seria arriscada. Nate não tinha a certeza se teriam sequer cinco horas para a transmissão de informações. A parte final da RDV de Nate – memorizada estudando mapas como um ator decora

as suas falas – era ao longo da Macar Tabya Caddesi, tomando atenção aos espelhos e entrevendo a água por entre as árvores. Entrou pelo portão, fechou-o atrás de si e desceu o caminho ensaibrado até à casa. Os seus três andares, com um beiral ornamentado, estavam pintados de cor-de-rosa com um debruado branco, incongruente naquele pinhal.

Nate examinou rapidamente o opulento interior. Umas portas triplas no salão do rés do chão davam para uma varanda varrida pela brisa, com o Bósforo a brilhar ao sol da manhã. Havia um relvado estreito entre a casa e o cais. Viam-se umas lanternas de ferro forjado pintado de branco ao longo do paredão. *Algum paxá deve ter dado festas ofuscantes nesta casa* – pensou Nate. Verificação do tempo, nove horas. Ela chegaria daí a três horas. Sentou-se num sofá baixo na sala de estar ao estilo otomano e passou em revista os seus apontamentos. Ensaíara o que diria a Dominika, mas não sabia se seria capaz de evitar dar-lhe a notícia sobre Gable, apesar das ordens de Benford. Ainda estaria furiosa com ele? Ela agora estava dentro do Kremlin, envolvida pelo abraço aprovador do presidente Vladimir Vladimirovich. Provavelmente, tornar-se-ia diretora do SVR e seria uma fonte colossal de informações para Langley. A sua última comunicação evitara uma campanha apocalíptica de terror nesta cidade.

Nate estava sentado na relativa escuridão da sala, com as portas abertas, as longas cortinas finas como gaze a esvoaçar ao vento. Na sua visão periférica, detetou um movimento no relvado. Era Dominika, com uma pequena mala na mão. De algum modo tinha entrado pelo portão (ou por cima do muro?) e contornara o lado da casa. Duas horas mais cedo. Nate não se mexeu, deixando-se ficar a olhar para ela pelas portas da varanda. Ela pôs-se de frente para a água, deixou cair a mala, sacudiu o cabelo na brisa e olhou para um cargueiro que descia o canal. Ergueu um pé, depois o outro, a tirar as sandálias. O seu vestido de verão azul escuro enfunava-se na brisa, uma cena saída de *O Monte dos Vendavais*. Nate dirigiu-se à porta aberta e encostou-se à ombreira.

– Lamento, mas a propriedade não está à venda – disse. Dominika não se virou, e continuou a olhar para a água.

– É o proprietário? – perguntou Dominika por cima do ombro.

– Represento os proprietários – respondeu Nate, descendo ao relvado e aproximando-se dela.

– Tem a certeza de que eles não considerariam a hipótese de vender? – perguntou Dominika. Pôs os braços à volta do pescoço de Nate e enterrou o rosto no ombro dele. Nate enlaçou-a levemente pela cintura. Ficaram assim durante um minuto e depois Dominika recuou um passo e limpou a face molhada.

– *Kak ty?* – segredou em russo, como estás?

– *Privet* – disse Nate, olá. – Tive saudades tuas. Agora, os negócios. Como é que chegaste aqui mais cedo? Quanto tempo temos hoje? Tenho uma data de perguntas.

– Apanhei um *ferry* diferente, depois um autocarro e depois fiz o resto do percurso a pé. Está uma manhã linda.

– Quando te esperam de volta? – perguntou Nate.

– Disse-lhes que estava a realizar um estudo de segurança; ninguém me questionará.

– Quanto tempo? – insistiu Nate, que sentia o couro cabeludo arrepiado.

– Até amanhã à noite – respondeu Dominika. – Regresso a Moscovo na manhã seguinte.

– Podes ficar fora assim tanto tempo? Tens a certeza?

Dominika acenou com a cabeça. – E onde está o *Bratok*? – perguntou. Ele raramente faltava a um encontro com ela.

– Está fora, em viagem – disse Nate, inexpressivamente.

Tinham dois dias juntos, sozinhos. Nate olhou para ela, para as suas maçãs do rosto salientes, o nariz direito, a testa lisa. Havia novas rugas ténues à volta daqueles olhos azuis que lhe percorriam o rosto, lhe liam os cantos da boca, à procura de pistas sobre eles os dois. A bolha rebentou quando Nate disse que deviam entrar e pôr-se a trabalhar. Dominika sorriu, estendeu-lhe a mão e entrou descalça na casa com ele. O halo de Nate tinha vacilado quando ele mencionou Gable, mas ela ignorou esse sinal.

*

Dominika estava sentada de pernas cruzadas no soalho de parquet, em cima de uma almofada de *kilim* de um vermelho enferrujado. Nate estava sentado no sofá, que se encontrava coberto de folhas amarelas de páginas legais das últimas três horas de transmissão de informações. Nate gravara também toda a sessão no seu *tablet* TALON. Era prática comum, gravar e tomar

apontamentos: um seria um registo preciso das palavras de Dominika e das suas informações, o outro um resumo mais conveniente a partir do qual poderia redigir telegramas para a Sede.

No chão encontrava-se aberto um livro de argolas espirais com a planta de Moscovo. Fora anotado por Dominika para identificar novos possíveis locais para deixar materiais e o equipamento SRAC, se alguma vez chegasse a recebê-lo. Passaram em revista os locais de exfiltração, os que o agente Ricky Walters descrevera. Dominika resmungou que os locais de exfiltração deveriam ser reservados para aqueles ativos históricos que acederiam a desertar em tempos de crise.

— Domi, para de ser dramática — disse Nate. — Temos de estar preparados para te tirar de lá se acontecer alguma coisa. — Mas disse aquilo sem grande convicção. Geralmente discutiam a questão da deserção de forma acalorada. Ela reparou.

Ao fim de três horas, estavam ambos cansados. Dominika acrescentara muitos pormenores aos seus anteriores relatórios abreviados que deixara em locais seguros em Moscovo. Não se antevia no horizonte a chegada do equipamento de SRAC para substituir o danificado. E continuava a não haver pistas relativamente a MAGNIT.

— Há mais uma questão importante — disse Dominika. — Por favor, assegura-te de que o Benford é informado. — Nate acenou com a cabeça. — O SVR estabeleceu contacto com os serviços de informação chineses.

— O MSE? — disse Nate. *A Rússia e a China? Isto pode ser importante* — pensou.

— Por ordem do presidente — disse Dominika. — Mas há algo que não bate certo. Nós não confiamos neles e eles não confiam em nós.

— Então, qual é o interesse de encetar relações? — perguntou Nate.

— Estamos a explorar possíveis áreas de interesse mútuo — disse Dominika. — Mas penso que o meu excelentíssimo presidente quer algo maior. Diz ao *Gospodin* Benford que eu acho que o Putin vai fazer o que puder para piorar as relações entre a China e os Estados Unidos. É só a minha opinião, mas transmite-a ao Benford. — Uma opinião de um agente, um comentário de um agente, tinha valor.

— Domi, isto é importante. Podes obter mais pormenores à medida que se for desenvolvendo? — perguntou Nate.

– É claro que sim. O Kremlin... o Putin... já nomeou a Linha KR para os contactos com os representantes chineses. Quer que eu comunique diretamente com ele. Ainda não recebi instruções operacionais específicas, mas os tipos do MSE são uns trapaceiros. *Podozrevat*, cheira-me a estuque.

– Cheira-te a *esturro* – disse ele. Dominika encolheu os ombros. Tinha estendido as suas pernas finas e estava a tocar nos dedos dos pés. – Quando souberes mais, diz-nos. Mas avança lentamente, tem cuidado – acrescentou Nate.

– Obrigada pela lição do ofício – disse ela num tom displicente, tentando não sorrir. – Vou encontrar-me com o general chinês em Moscovo quando regressar. – Nate tirou mais apontamentos, mas ela sabia que algo estava errado. O halo de Nate estava a desvanecer-se e a encolher-se.

– Há alguma coisa a preocupar-te? – perguntou.

Nate baixou a cabeça para o *tablet*. – O quê? – disse.

– Estás a comportar-te de uma maneira estranha. – Pensou se alguma vez falaria a Nate sobre a sua capacidade de ver as cores. Decidiu tentar distraí-lo. – Devias experimentar fazer alongamentos, para descontraír, como nós fazíamos no ballet.

Puxando modestamente o vestido para baixo, esticou as pernas cada uma para o seu lado numa espargata perfeita, com os dedos dos pés apontados, e a seguir inclinou-se para a frente para tocar com o queixo no chão. – No ioga, chama-se Upavistha Konasana – disse. – Na Escola de Pardais, a Vara de Vedor. O que lhe chamam na CIA? – Com o queixo ainda no chão, olhou para Nate e piscou-lhe o olho.

Instintos irreprimíveis de Pardal, pensou Nate, olhando para os músculos femorais e adutores fletidos das coxas dela. A paixão familiar estava ali: ele não conseguia sentir a língua e havia uma dormência na ponta do seu queixo. Agora, a sua resolução de manter uma atitude profissional, tanto para o bem dela como para o seu, era também em memória de Gable. Ela endireitou-se, recolheu as pernas, pôs os braços à volta dos joelhos e voltou a piscar-lhe o olho.

Dominika viu o halo púrpura palpitante à volta da cabeça e dos ombros de Nate e sentiu-se preocupada com a possibilidade de ele ter mudado, de se ter cansado da intransigência dela ou de os seus problemas disciplinares terem finalmente oxidado o amor que sentia por ela. Ela não alterara a sua opinião de que, apesar dos protestos dos superiores da CIA, o caso entre

eles era aceitável, algo que lhe dava força, um desvio justificável às regras do ofício e do contacto entre agentes.

Bozhe, Deus, como ela o desejava. A expectativa de estar com ele aumentara quando saltou por cima do muro da mansão esta manhã. Veio-lhe à mente a regra número 99 da Escola de Pardais, *Um samovar que silva nunca extravasa*. Mas o decoro russo que havia nela não seria tão *nekulturny*, tão baixo, que lhe permitisse pôr-se de pé diante dele agora, baixar as alças finas do seu vestido e tirá-lo. Não o empurraria para trás no sofá, com as mãos no peito dele, nem lhe roçaria os seios pelo rosto. Não, não o faria. Olharam um para o outro, trémulos, à luz do meio-dia. O apito cavo e baixo de um navio soou no canal, como se a assinalar o fim do primeiro *round*.

*

Nate recolheu todos os seus apontamentos e enfiou-os no saco de desporto. Foram para a cozinha preparar alguma coisa para o almoço. A moderna cozinha estava razoavelmente bem fornecida pela governanta da casa segura. Nate examinou o interior do frigorífico e levou uma braçada de ingredientes para a grande mesa no centro da cozinha. Dominika subiu para o balcão e ficou a observá-lo, a balouçar as pernas. Ele picou cebolas, esmagou alhos, cortou alguns cogumelos às fatias, cortou dois tomates em quartos e dois peitos de frango em pequenas tiras. Salteou tudo com orégãos e um copo de vinho branco Kavaklidere, e depois cobriu o estufado com queijo Kasar ralado e uma colher de *ezme*, molho de tomate picante turco, que tirou de um frasco no frigorífico. Em seguida, meteu o tacho no forno para derreter o queijo e lhe dar cor.

– É como o nosso frango Orloff – disse Dominika, cheirando o ar. – Mas não temos esse fascínio do sul por alho.

– É claro que não – disse Nate. – Eu lembro-me do metropolitano de Moscovo no verão: suor, vodka e tabaco. Não se conseguia sentir o cheiro a alho nem que se tentasse.

– Muito divertido – disse Dominika, mas sabia que ele tinha razão.

– Só há uma regra em relação ao alho – disse Nate. – Toda a gente à mesa tem de o comer. – Deu a volta à mesa e aproximou-se do balcão, entre as pernas pendentes de Dominika. Pôs as mãos nos ombros dela e, sem

artifício, deu-lhe um beijo leve na boca. – Esta noite faço um prato chinês sem alho. Vi uns pimentos no frigorífico.– Foi ao forno verificar o tacho. Ainda não estava pronto.

O beijo fraternal pusera os lábios de Dominika a formigar. Ele estaria a provocá-la, a dar-lhe a volta? Observou-o, avaliando o halo púrpura em torno da cabeça e dos ombros dele. Estaria a tentar comportar-se profissionalmente e não fazer o primeiro gesto? Estaria a pô-la à prova? Surpreendeu-se a balouçar as pernas mais rapidamente, agitada. *Não sejas nekulturny*, disse a si mesma.

Usando um pano de cozinha para agarrar na pega do tacho, Nate tirou-o do forno e pousou-o numa base para tachos em cima da mesa. Pôs a mesa com duas taças, talheres e guardanapos. – Está muito bom – disse ela. –

Não se sente o sabor a alho. – Sem pensar, estendeu a mão para a pega do tacho ainda quente para se servir de mais, mas retirou-a com um grito de dor, encostando-a ao peito. Nate pegou-lhe na mão – havia uma queimadura vermelha na ponta dos dedos dela – e pousou-a contra o lóbulo da orelha dele. Dominika olhou para ele, espantada.

– Os lóbulos da orelha estão cheios de sangue, que puxa o sangue, como um difusor – explicou ele

– Onde é que aprendeste isso? – perguntou Dominika. – Quem és tu?

Nate sorriu e manteve a mão dela encostada à orelha dele.

– Sinto que está melhor – disse Dominika. – Mas ainda me dói. Também queimeei a palma da mão.

Nate levou-a até à banca e passou a mão dela por água fria, depois quente por um minuto, para ativar a circulação, explicou. Segurou-lhe a mão debaixo da água, com os rostos a centímetros de distância, ombros e ancas a tocarem-se. Uma só lágrima escorreu pela face dela e o lábio inferior tremeu-lhe. Os olhos dos dois encontraram-se e a mão de Nate fechou-se delicadamente sobre a dela. – Eu irei sempre proteger-te – segredou. –

Dominika pôs o outro braço à volta do pescoço dele, puxou-lhe a cabeça para mais perto e a aura púrpura dele envolveu-a.

– *Dushka*, querido – disse ela. – Eu sempre te amarei. – Aproximou a boca da dele, mas parou a uns centímetros, à espera. Ele aproximou a boca. Ela apertou-o com força e suspirou.

Foi obra de uma queimadura na mão. Com a barragem que era a resolução de ambos a desmoronar-se sob a inundação da paixão, Dominika

agarrrou com força o pulso de Nate, como se receasse que ele escapasse, e conduziu-o pelas escadas de mármore acima para um dos quartos de dormir azul pavão. Ficou de pé, imóvel, com os olhos fechados, e sentiu-o a despi-la. Dominika empurrou delicadamente Nate para cima da cama e mostrou-lhe a regra número 47, «*navios a passarem um pelo outro à noite*». O seu hálito era quente na coxa dele quando por fim, com um estremecimento e segredando *da*, ela rolou para o lado, a gemer.

Nate perdeu a conta ao número de vezes que Dominika gaguejou *da, da, da* naquela tarde dourada, com o seu cabelo revoltado espalhado na almofada, os seios a erguerem-se, os braços à volta do corpo para controlar as convulsões. Dormitaram, mas acordaram com fome e Dominika procurou algo para vestir no enorme armário ao canto do quarto e apareceu com uma camisa de noite justa (graças a Blanche Goldberg, de Hollywood) que aparentemente tinha sido feita a partir de uma rede de pesca. Nate disse que estava muito bem – tudo era visível por baixo da rede fina – e desceram em bicos de pés no escuro, com o salão nas sombras só iluminado indiretamente pelas lanternas automáticas no cais lá fora. Na fonte central a água jorrava sem ruído. Comeram frango estufado frio às escuras, partilhando um garfo, e ela limpou a boca dele com o polegar e beijou-o, e beberam do mesmo copo, e acabaram a garrafa. Dominika fitava-o com olhos luminosos.

Na sala de estar, Nate encontrou um armário com um gira-discos antiquado e uma pilha de LPs, e Dominika disse: – Esse – valsas para piano de Schubert, e Nate ficou sentado no escuro enquanto Dominika, de pé ao luar, prendia o cabelo no alto da cabeça e tirava a camisa. Estava nua, com o brilho do luar, de olhos fechados e imóvel, de perfil, uma imagem numa ânfora grega, a escutar a música, vendo as escalas de cores saltitantes no ar. Começou a dançar, lentamente ao princípio, depois com força, nas pontas dos pés, com os músculos das barrigas das pernas a retesarem-se, mãos *allongé* e delicadas, a seguir as cores. Ele viu a caixa torácica dela expandir-se, as cicatrizes entrecruzadas, prateadas ao luar, a marcar com um xis a posição do coração. Os tendões do pescoço ficavam salientes quando ela baixava a cabeça.

Absorta nos seus êxtases privados, Dominika não reparou que a aura de Nate na sala de estar às escuras estava agitada e perturbada. Era típico dele que, enquanto observava a forma brilhante dela, começasse a pensar em

Gable. Assistindo ao rodopio de bailarina de caixa de música no meio da sala, disse para consigo que mais uma vez traíra a confiança de Gable, só que ainda era pior, agora que ele se tinha ido. Nem sequer as informações mais recentes e o estatuto cada vez mais importante de DIVA no Kremlin justificavam esta debilidade.

E haveria um aumento do perigo para Dominika. A iniciativa com os chineses poria os analistas a zunirem durante meses, e a CIA teria de implementar uma *incessante* proteção da fonte: não tardaria a receber informações sobre a ligação entre o SVR e o MSE que só poderiam vir dela – imensamente perigoso. A iniciativa com o MSE tinha o ar soviético familiar de uma conspiração desconhecida prestes a ser ativada, como o cheiro indefinível de um rato morto debaixo da cama.

E havia a questão da toupeira na Sede. Se MAGNIT tivesse acesso a uma lista dos principais agentes russos atualmente a operar em Moscovo, DIVA ficaria perdida mal a Linha S recebesse o relatório.

Mas havia mais alguma coisa. Os soviéticos costumavam dizer que o início da ruína de uma pessoa era o dia em que se tornava favorita de Estaline. Putin era o mesmo, talvez mais telegénico, mais cauteloso em questões de comércio e relações públicas, mas com as mesmas suspeitas e a mesma expectativa implacável de que nem nos seus associados fiáveis podia confiar. E tinha a capacidade de Estaline para a violência. O pescoço de Dominika não tardaria a ter a corda à volta dele. Todos os locais de exfiltração do mundo não seriam suficientes para a salvar se ela desagradasse ao czar de olhos azuis, se desse um passo em falso ou se entrasse em conflito com um dos *siloviki*.

Dominika parara de dançar e estava de pé no meio da sala, a respirar pesadamente, com um fio de suor entre os seios. A música tinha chegado ao fim, e agora reparara nas cores oscilantes ao canto. *Dai bog, abençoado seja o homem* – pensou, as consumições inevitáveis. Não ia desperdiçar esta noite, ou a manhã seguinte, nesta bela mansão com o seu *Neyt*. Completamente nua, encaminhou-se para Nate, ajoelhou-se entre as suas pernas e pousou o queixo no peito dele. – És um tonto – disse, olhando-o nos olhos. Nate olhou para cima, para o teto abobadado a brilhar com encastoados cor de turquesa. O seu halo púrpura voltejou, como se soprado pela brisa marítima.

– Devíamos passar tudo em revista uma vez mais – disse Nate, estupidamente. Não tinha garantias de que Dominika pudesse sair da Rússia daí a um mês, daí a dois anos ou alguma vez. Ela leu-lhe a mente.

– *Glupets* – disse Dominika. Burro. – Temos até amanhã. Depois eu volto para casa.

– Quero voltar a fazer uma revisão das rotas de exfiltração – disse Nate, como um explicador de Francês.

– Eu conheço-as todas – disse Dominika.

– Devíamos confirmar os locais de recolha – disse ele.

– Não vamos falar de exfiltração, não esta noite – disse ela com firmeza.

– Alguma vez sonhas com um fim para isto? – perguntou Nate.

Ela levantou a cabeça para olhar para ele. – *Dushka*, estou demasiado perto para pensar nisso agora. O presidente quer-me no projeto com os chineses. Vou conhecer os *siloviki*. Não tardarão a revelar-me a identidade de MAGNIT. Sinto-o; há enormes potencialidades.

– Aproximares-te do Putin não tem preço – disse Nate. – Mas é mortalmente perigoso. Ele vai observar todos os teus gestos.

– O que se passa contigo?

Nate sentiu que escorregava por uma encosta. – O Marty Gable sempre me disse que a coisa mais importante era manter-te segura – disse.

Dominika riu-se. – Manter-me segura e receber as informações. Era o que ele dizia sempre. Se estivesse aqui, era o que te diria – disse, encostando-se a ele.

Nate sentia o peito dormente, mas não conseguiu controlar-se. – O Marty Gable está morto. Morreu em Cartum, há dois dias.

O rosto de Dominika contraiu-se. Por um momento, olhou-o com atenção, e depois os seus olhos encheram-se de lágrimas, que começaram a correr-lhe silenciosamente pelo rosto. Endireitou-se e afastou-se dele.

– O que é que aconteceu? Houve russos envolvidos? Já sabias quando nos encontrámos? Quando é que me ias contar? Depois de mais uma hora no quarto? Ou quando eu acabasse de dançar nua para ti na sala?

– Não te ia dizer nada. Não queria perturbar-te. Não agora.

– Julgaste que eu não conseguiria continuar, que me deixaria dominar pela dor?

– Não. Sabia que tinha de te contar. Não sabia era como.

Dominika pôs-se de pé, ainda luminosa ao luar, e começou a encaminhar-se para a escadaria.

– O que é que vais fazer? – perguntou Nate.

Dominika virou-se. – Vou para a cama, chorar o meu *Bratok*. Depois, regresso à embaixada no primeiro *ferry* e volto para Moscovo amanhã à noite. – Arfava com a emoção. – Estou disposta a arriscar tudo pelo meu país, pelo Forsyth, pelo Benford e pelo *Bratok* – acrescentou. – Pelos meus pais, e por Korchnoi, Ioana e Udranka. E especialmente por nós. Só preciso de uma coisa para poder prosseguir. Preciso de saber que me amas.

Nate levantou-se e ia tomá-la nos braços, mas ela estendeu a mão a detê-lo. O salão estava em silêncio, para além do tique-tique da agulha do giradiscos encravada no fim do disco.

– Despedimo-nos amanhã de manhã, e nessa altura podes dizer-me – disse Dominika.

– Tu sabes que te amo – disse Nate.

Dominika virou-se e começou a subir as escadas, uma visão de alabastro a passar por entre faixas de luar. – Eu sei – disse. – Só quero ouvi-lo uma última vez.

O apito rouco de um navio a passar no canal do Bósforo entrou pelas janelas da galeria e encheu a sala até ao seu teto azul turquesa.

ESTUFADO DE FRANGO COM QUEIJO – *KASARLI TAVUK*

Salteie cebolas, alho, cogumelos e tomates em azeite, manteiga e um pouco de vinho branco. Adicione tiras pequenas de peito de frango e deixe cozer em lume brando até a carne ficar tenra. Cubra o estufado com queijo Kasar (ou mozzarella) e remate com *ezme* turco ou um molho de tomate picante. Meta no forno até o queijo derreter e adquirir um tom dourado. Sirva com arroz.

22

Fracasso Colossal

Nem sequer a deixaram chegar a passar pela alfândega no aeroporto Sheremetyevo. Um homem pequeno com um fato que não apertava bem aproximou-se dela na fila das chegadas. Perfilado ao lado dele estava um agente fardado da polícia, a observar o rosto de Dominika. Um nanossegundo de receio gélido, e depois a normalidade. O homenzinho inclinou-se e disse que era do Protocolo, e que estava um carro lá fora, uma expressão em código para «venha imediatamente ao Kremlin, o presidente está à espera». Num outro dia, a receção poderia bem ser igualmente cordial, até ela ser escoltada até uma sala de receção onde jovens louros – uma dúzia de Valeriy Shlykovs – a empurrariam para uma cadeira dura, com um braço à volta do seu pescoço para que ela não conseguisse engolir alguma coisa, e a despiriam enquanto lhe seguravam os braços e as pernas. E depois a levariam para a prisão Butyrka. Num outro dia.

O tamborilar familiar do empedrado do Kremlin atroava o Mercedes, que estava perfumado enjoativamente com água de rosas enquanto passava a toda a velocidade pela torre da Porta Borovitskaya. Quantas vezes ouviria os pneus gemerem sobre aquelas pedras, a preparação harmónica antes da próxima sinfonia de Putin? O automóvel contornou a torre sineira de Ivan, o Grande e passou pelo *Tsarsky Kolokol*, o Sino do Czar, rachado e com 200 toneladas de peso, nunca tocado, nunca badalado, uma metáfora do regime de Putin. Atravessaram a Ivanovskaya, a praça pavimentada guardada pelo *Tsarsky Pushka*, o Canhão Imperial do Czar, um gigantesco canhão de bronze forjado nunca disparado em nenhuma guerra, e entraram pelo portão estreito do edifício do Senado. No terreiro circular, uns assistentes envergando fatos escuros aguardavam nos degraus.

Banhados pela luz de um amarelo pálido do servilismo, os três assistentes – esse número de funcionários era uma indicação notável do estatuto de Dominika – conduziram-na pelo Salão Catarina, um espaço circular com teto abobadado e colunas de capitéis coríntios revestidas a

talha dourada, ao longo de corredores intermináveis, com a luz refletida de uma centena de lustres de cristal e, por fim, por um corredor cujo teto em abóbada parecia vivo com anjos, querubins e serafins. (O que teriam visto e ouvido desde 1917? Tanto os aposentos particulares de Lenine como os de Estaline se situavam neste terceiro andar.) Pararam junto a uma alcova de madeira discreta e sem adornos. Um dos assistentes bateu levemente à porta, abriu-a e inclinou quase impercetivelmente a cabeça para Dominika. O gabinete de Putin era apainelado a madeira e estreito, com uma secretária modesta contra a parede mais afastada. O presidente estava de pé por trás da secretária a folhear um dossiê. Envergava um fato azul escuro, camisa branca e gravata vermelha. Olhou para cima quando Dominika entrou na sala e fez um gesto sem palavras a indicar-lhe que se sentasse a uma pequena mesa em frente da secretária. Ela sentou-se, com as mãos no regaço. O simples vestido de viagem que usara no avião quase não era apropriado para o Kremlin, mas Dominika resolveu não se importar com isso. Gorelikov não estava presente, o que era estranho, e ela sentiu um formigueiro na espinha. Sem falar, Putin sentou-se em frente a ela e pousou as mãos em cima da mesa. A sua aura azul – inteligência, astúcia, calculismo – estava forte e brilhante.

Ele esperava que ela falasse primeiro? O desempenho dela como detetive dos serviços de informação em Istambul teria de algum modo despertado suspeitas? Isto era o que Estaline costumava fazer: chamar subordinados aterrados e olhá-los fixamente. Pelo menos, não eram três da madrugada numa dacha demasiado aquecida.

– O que aconteceu em Istambul? – perguntou Putin, sem nenhum preâmbulo.

Encontrei-me com o meu agente de contacto da CIA e, para além de lhe ditar 14 relatórios de informações sobre as atuais operações compartimentadas do SVR, alertei Langley para a iniciativa de medidas ativas na Turquia concebida para neutralizar um aliado do Ocidente e reforçar o seu regime escabroso, Senhor Presidente. O meu agente de contacto da CIA e eu também fizemos amor depois de eu dançar nua para ele no salão de uma mansão no Bósforo.

– O major Shlykov é um egotista de primeira, a quem os americanos subornaram com emolumentos que ainda não foram determinados – disse

Dominika num tom inexpressivo. – Os investigadores da Linha KR extrairão a verdade em breve. – Sustentou o olhar de Putin.

– Deixe estar – disse Putin, acenando com a mão. – O Shlykov cometeu suicídio na cela ontem à noite. – *Suicídio? Não era provável; ele gostava demasiado de si mesmo* – pensou Dominika. *Dorme bem, seu filho da mãe, ias mandar crianças pelo ar em Istambul.*

Manteve o rosto impassível, mas sentiu o frio gélido dos olhos do presidente. – Lamentável – disse Dominika. – Nunca houve nenhuma dúvida da sua culpa. – *De maneira nenhuma Putin daria publicidade a um fracasso de uma operação encoberta permitindo um julgamento público notório* – pensou. – *O Shlykov estava condenado desde o princípio. Morrer secretamente na prisão sem ninguém o lamentar era o destino comum dos heréticos desde os tempos dos bolcheviques.*

– Congratulo-a novamente, Coronel; a sua diligência e energia são exemplares – disse Putin. – Está a tornar-se uma bela caçadora de toupeiras.

Dominika obrigou-se a manter-se imóvel. – *Spasibo*, Senhor Presidente – obrigada, disse, e calou-se. Estava a ler este homem de perto, a observar a sua aura colorida. Ele não dava valor a bajuladores cheios de lisonjas e conversa, procurava eficiência, discrição e lealdade.

– Mais uma vez, os americanos intrometem-se – disse Putin. – Istambul foi um desastre. – Dominika suprimiu mais uma vez uma gargalhada. *Nem fazes ideia, zolotse, minha joia* – pensou.

– Pretendem isolar a Rússia nos *mirovaya zakulisa*, nos bastidores do mundo – disse ele. Ali estava, o argumento doméstico preferido de Putin – a conspiração dos líderes ocidentais contra a Rússia – para atizar o nacionalismo e desviar as atenções da escassez de alimentos nas cidades. Pouco importava que a conspiração de terrorismo de Putin tivesse sido derrotada. Pouco importava que a fortuna pessoal do seu querido presidente saqueada dos cofres nacionais ascendesse a 100 mil milhões de dólares.

– Existe uma oportunidade significativa neste momento de desestabilizar a América – disse Putin. – Desejo que se envolva nos nossos planos.

– É claro, Senhor Presidente – respondeu Dominika. *Será que ele vai mencionar o MAGNIT?*

– Quero que trabalhe com o Gorelikov no caso.

– Este caso é o que era gerido por Shlykov e pelo GRU? – perguntou Dominika.

O presidente fez-lhe um sorriso de vinagre e abanou a cabeça. – O caso pertence-me *a mim* – disse. O seu halo azul celeste palpitou com o pensamento ancilar não expresso que Dominika conseguia ler claramente: *E tu também.*

*

Gorelikov estava a almoçar, à espera dela no seu gabinete, visivelmente apreensivo por não ter sido convidado para o encontro privado entre o presidente e Dominika. Estava um carrinho com o almoço ao lado da sua secretária. O seu halo azul a fervilhar sugeria que ele se sentia nervoso por Putin poder pensar que ele e Egorova se tinham conluiado para minar Shlykov e a sua operação.

Ciente dos lustres do Kremlin que escutam todas as conversas, Dominika tranquilizou-o discretamente. – O presidente congratulou-me pelo golpe de contrainformação – disse, num tom deliberado. O rosto de Gorelikov descontraiu-se. Empurrou um prato de cenouras panadas à moda da Crimeia na direção de Dominika, barrando uma com molho de iogurte para ela.

– Já ouviu a notícia sobre o major Shlykov? – perguntou.

– O suicídio na cela? – disse Dominika.

Gorelikov inclinou-se para ela e segredou: – Foi dada a oportunidade ao seu leal ajudante Blokhin de se redimir por ter sido detido pelos turcos e abordado pelos americanos. Aparentemente, uma vergonha considerável entre os grupos das *Spetsnaz*.

– O Blokhin matou-o? – Nate contara-lhe a abordagem a Blokhin numa esquadra policial na Turquia. O bruto devia ter-se sentido humilhado.

– A tradicional bala atrás da orelha – segredou Gorelikov. – Consideramos útil manter algumas das velhas tradições. O Shlykov perdeu a coragem à última hora. Enfiaram-lhe um trapo na boca para lhe abafar os gritos, como ao Yehzov em 1940 e ao Beria em 1953; nada mudou realmente desde os tempos encantadores da Revolução.

– A lealdade para com os superiores é profunda no GRU, obviamente – disse Dominika.

– O Blokhin é um louco. No entanto, com a morte do Shlykov, acredito que a operação encoberta em Istambul será esquecida. O chefe do FSB, o Bortnikov, também ficou satisfeito. Disse ao presidente que admira a

maneira como a Dominika resolveu a questão. – *Não me agradeçam a mim, agradeçam aos americanos* – pensou ela. – Mais um panado de cenoura? – ofereceu Gorelikov, estendendo-lho, como se estivesse a alimentar um animal no jardim zoológico. Execuções em caves e panados de cenoura barrados com molho de iogurte. A Rússia da atualidade.

Gorelikov pegou numa capa de dossiê. – Já falámos sobre isto, mas gostaria de reservar algumas horas para conhecer o novo representante do MSE em Moscovo, o general de três estrelas Sun Jianguo, da Segurança de Estado da China – disse Gorelikov. – Está sob as ordens diretas do ministro da Segurança de Estado no Conselho de Estado em Beijing. Fala um excelente inglês, de uma colocação anterior em Londres. Recentemente, Beijing encetou contactos discretos, dizendo que querem melhorar e expandir a cooperação com Moscovo, e a relação entre os nossos serviços de segurança é um ponto por onde começar. O general Sun chegou na semana passada para assumir funções.

»Depois do *glavnyy protvnik*, do Grande Inimigo, estas *termity* chinesas, estas térmitas, são a maior ameaça à *Rodina* no futuro – prosseguiu Gorelikov, olhando de lado para Dominika. – É conhecedora da contrainformação, tem modos agradáveis, por isso veja o que este comedor de arroz tem a dizer, o que tem debaixo da língua. O presidente quer saber como podemos beneficiar.

Modos agradáveis – pensou Dominika. *Tenho a certeza de que estás a referir-te às minhas capacidades operacionais.*

– Pensa que ele é suscetível? – perguntou Dominika.

– Se ele tiver predileções, tornar-se-ão evidentes a seu tempo – respondeu Gorelikov casualmente. – Homens, mulheres, crianças. Álcool, drogas, jogo. Sentir dor ou infligi-la, não tardaremos a descobrir.

Dominika sorriu deliberadamente, ocultando o seu desprezo. *A minha Rodina, o país da terra preta e dos pinheiros fragrantes, o meu país, transformado pelos vossos heróis num entreposto de vício numa viela.*

– Mesmo enquanto observamos o dragão cuidadosamente – disse Gorelikov –, a China pode ser útil para reduzir a influência dos Estados Unidos numa segunda frente.

Baixou a cabeça para preparar outro panado de cenoura para Dominika, mas ela ergueu a mão, a recusar delicadamente.

– A China poderia ser muito útil – disse Gorelikov, e pôs-se a contar pelos dedos. – Mercados de petróleo alternativos, vendas de equipamento militar, operações cibernéticas contra as infraestruturas americanas, um desafio tangível à hegemonia naval dos Estados Unidos no Pacífico. Uma aliança de cooperação com Beijing tem o potencial de ser de grande benefício. Naturalmente, a Dominika avaliará a exequibilidade de operações dos nossos serviços secretos contra estes maoístas aqui, em Beijing e em Hong Kong.

– Mandarei investigar o general Sun. Talvez apareça algo que seja útil.

Gorelikov abanou a cabeça. – Vamos fazer isto só nós os dois, a Dominika e eu; vejamos aonde nos leva.

Dominika apercebeu-se de que estava a transformar-se no braço direito operacional pessoal de Putin. Mais um sucesso – na ligação com os chineses, por exemplo – quase com certeza lhe valeria o posto de diretora do SVR.

Fez mais uma tentativa de descobrir a identidade de MAGNIT. – O presidente mencionou o caso sensível de Shlykov. Em que pé está?

Gorelikov sorriu. – Tudo a seu tempo – disse.

Talvez não haja tempo para esperar até que a maldita da vossa toupeira leia o meu nome – pensou Dominika.

*

Dominika encontrou-se com o general do MSE para almoçar no White Rabbit, o restaurante internacionalmente aclamado no décimo sexto andar do Edifício da Passagem Smolensk em Arbat, na praça Smolenskaya – um espaço comprido sob um teto curvo de vidro com vistas de cortar a respiração do rio Moskva e do arranha-céus gótico do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Estaline. O interior do restaurante era um espaço de sonho de obras de arte excêntricas penduradas por todo o lado, sofás de cores vivas e um bar iluminado por luzes de neon, tudo sob as nuvens em movimento no céu de um fim de tarde do princípio do verão. Dominika optou por um fato escuro com riscas finas e uma blusa branca abotoada no pescoço, *collants* escuros e sapatos rasos pretos. Nada de decotes nem de sapatos de salto alto provocantes hoje.

Já estava sentada a uma mesa de canto para cinco pessoas no extremo do restaurante, contra a curva descendente do dossel de vidro, quando o general Sun apareceu junto ao balcão do chefe de sala. Vinha acompanhado por um jovem alto, que olhou para toda a sala, se inclinou para segredar ao ouvido do general e apontou para Dominika. Era o guarda-costas. Sun desceu os dois degraus e atravessou o restaurante sozinho por entre as mesas. O jovem deixou-se ficar à entrada, sem tirar os olhos do general.

O general Sun era baixo e corpulento, andava pelos sessenta anos e tinha um rosto sem rugas e cabelo preto, sem dúvida pintado. Os seus olhos congestionados sob as sobrancelhas arqueadas davam-lhe um ar de perpétua perplexidade, como se estivesse a debater-se com dificuldade para compreender o que lhe estava a ser dito. Havia um halo amarelo canário à volta da sua cabeça, a indicar má-fé, calculismo, insinceridade.

Aproximou-se da mesa, inclinou-se ligeiramente e a seguir estendeu a mão num aperto de mão frouxo e breve. Trazia um fato cinzento pérola, com uma camisa branca engomada e uma gravata discreta às riscas. – É um prazer conhecê-la, Coronel – disse Sun, num inglês com forte sotaque. Sentou-se em frente a ela, desdobrou o guardanapo de linho imaculado e pô-lo no regaço. Na academia, teriam recomendado que ele se sentasse ao lado dela, para estabelecer uma ligação, para se posicionar dentro do espaço dela, mas isso era o que os russos agressivos do SVR fariam. Os funcionários chineses cautelosos e introvertidos, totalmente na defensiva na capital russa, agiriam de modo diferente. Por contraste, Dominika sabia que Nate aproximaria a sua cadeira de modo a que os joelhos de ambos se tocassem e passaria o braço pelo encosto da cadeira dela. Mas que outra coisa seria de esperar de americanos *nekulturny*? Lá estava Nate a intrometer-se nos seus pensamentos mais uma vez.

– Está a gostar de Moscovo, general? – disse Dominika. – Está no seu apartamento? – Sabia que todos os diplomatas da embaixada chinesa tinham regras e eram forçados a viver *kak seledka v bochke*, apertados como arenques numa barrica, em prédios altos pré-fabricados no complexo murado de dois hectares da embaixada na rua Druzhby, perto da Universidade Estatal de Moscovo.

– Tenho a sorte de me ter sido atribuído um apartamento confortável num edifício grande na Minskaya Ulitsa, no bairro diplomático, não longe da embaixada. Posso ir a pé, quando o tempo o permite – disse o general

Sun. – O meu assistente e uma governanta vivem comigo. – *Interessante. Permitem-lhe viver fora do complexo da embaixada, o que é muito pouco usual. Deixam-no à solta, para poder operar em Moscovo? Viver à parte também significa que podemos chegar até ele, se acabarmos por detetar uma aberta. Bem vindo a Moscovo! A sua atraente vizinha talvez venha a precisar de lhe pedir uma chávena de açúcar de Pardal numa destas noites.*

– Espero que em breve possamos recebê-lo em Yasenevo, na Sede – disse Dominika.

– Encantado – disse o general, num tom reservado.

– Julgo saber que o seu serviço está interessado em expandir a cooperação – disse Dominika.

– Com toda a certeza – disse Sun. – A minha organização... peço perdão pelo seu longo título... o *Zhonghuá Rénmín Gònghéguó Guójia Anquánbù*, o Ministério da Segurança de Estado, está especialmente interessado na reconhecida experiência em contrainformação do vosso serviço. Como é chefe desse departamento, desejamos aprender consigo. – Inclinou-se. O MSE estaria preocupado com um problema específico com a CIA? Ela sabia que havia agentes na *rezidentura* de Beijing que andavam à procura de contactos chineses, mas não estava a par de nenhuma operação de monta do SVR contra a China naquele momento. Talvez os seus colegas da CIA estivessem a causar problemas.

Isto é bom, mesmo bom – pensou. Dominika poderia explorar esta ligação a três níveis: obteria a filosofia e as técnicas de contrainformação do MSE; poderia transmitir *dezinformatsiya*, desinformação, a Beijing sobre as intenções da Rússia para com a China (isso agradaria a Gorelikov); e comunicaria tudo a Benford e a Nate. O general Sun parecia afável e bem educado, mas o instinto dizia a Dominika – como em relação a Gorelikov – que não devia subestimá-lo.

*

Benford estava sentado a uma mesa numa sala de reuniões na Sede com Tom Forsyth, Nate Nash e Lucius Westfall. Chávenas de café, dossiês, pastas e blocos de apontamentos cobriam literalmente a mesa. A cadeira vazia na ponta da pequena mesa recordava-lhes Gable, e sentiam a presença dele na sala. Queriam muito que ele ainda estivesse ali com eles, porque

aquele era um encontro desesperado. Uma caçada à toupeira. A pedido de Benford e sem a aprovação do gabinete do diretor provisório, Westfall e Nash tinham investigado cautelosamente os antecedentes dos três candidatos a diretor, uma violação de pelo menos uma dúzia de regras da Agência, se não mesmo de um punhado de leis federais. Eram todos cúmplices, com a sua presença nesta sala.

– Investigámos com base em três critérios – disse Westfall. – Acesso substancial ao programa do canhão da Marinha dos Estados Unidos; acesso continuado de interesse para os russos nos últimos cinco anos, aproximadamente; e a última categoria, que é subjetiva, vulnerabilidade, motivação, inclinação... terão de decidir.

– Porquê cinco anos? – perguntou Benford. – A DIVA disse que o MAGNIT já está ao serviço dos russos há pelo menos 12.

Westfall engoliu em seco. – Calculámos que se identificarmos cinco anos de acesso teremos uma indicação. Além disso, o MAGNIT pode estar em hibernação ou em gelo há um par de anos.

Benford acenou com a cabeça. – Enquanto me comunicam os resultados das vossas pesquisas, e se não for pedir demasiado dos vossos jovens intelectos, lembrem-se de que estamos tanto à procura de razões *para excluir* qualquer um dos três como de provas que os incriminem. Os russos não podem estar a manipular os três. E nós não temos muito tempo.

– OK. A senadora Feigenbaum está na comissão dos serviços armados de informação há 20 anos – disse Westfall. – Votou a favor de subsidiar o processo de desenvolvimento do canhão naval e pode solicitar qualquer informação à Marinha sempre que queira.

– E a motivação? – disse Forsyth. – Ela é membro do senado dos Estados Unidos, por amor de Deus.

– É discutível – disse Nate. – Tem viajado muito pelo estrangeiro ao longo da carreira, incluindo um grande número de contactos com os soviéticos. Talvez se vá aposentar em breve e queira um cargo oficial. Pensámos que é capaz de estar a acautelar a reforma.

– Mas descobrimos que não precisa de a acautelar – disse Westfall. – Fizemos uma investigação exaustiva das finanças de todos os candidatos. A senadora tem 30 milhões de dólares no banco e em bens imobiliários.

– Não descartem a ânsia de honrarias e poder – disse Benford. – É o que move o Congresso todo. O afrodisíaco por excelência entre uma grande

manada de narcisistas.

– Sabemos que a senadora detesta a CIA – disse Westfall.

– Talvez o Kremlin lhe ande a pagar para ela deitar abaixo a Agência – disse Benford. – Ela gostaria de o fazer, ela e o laçao dela, o Farbissen.

Forsyth não ficou convencido, mas fez sinal a Westfall para que continuasse.

– A seguir temos a vice-almirante Audrey Rowland. Dirige efetivamente o projeto do canhão naval desde que ele começou. Agora, dirige todos os laboratórios navais onde se encontram a ciência e as armas e os segredos que os russos adorariam roubar.

– Motivação? – perguntou Nate.

– É a mais limpa do grupo – respondeu Westfall. – Uma terceira estrela, condecorações, cérebro de física, um ótimo exemplo para a Marinha. E também está em terra. Não passa tempo nenhum com a frota naval no mar. Vai ter uma pensão militar quando se aposentar.

– Passatempos? Vícios? Hábitos? Dependências? Vulnerabilidades? – perguntou Forsyth, o agente tarimbado, à procura de algo por onde pegar.

Westfall abanou a cabeça. – Nada a não ser as cabeças de bonecas de porcelana – disse.

– Mas que raio é isso? – perguntou Forsyth.

– A almirante é uma grande colecionadora. Até é mencionada em alguns *sites*.

– Maravilhoso – disse Benford –, mas o que são? Diga-me que são capazes de ser da Rússia.

– Não – respondeu Westfall. – Sabe aquelas bonecas de porcelana antigas da Inglaterra vitoriana ou da Alemanha do século XIX, com aqueles olhares sinistros e boquinhas de Cupido e faces coradas como se tivessem febre? Não as bonecas completas, não as roupas antigas, a almirante só coleciona as cabeças. Tem centenas delas, todas numa prateleira, a olharem fixamente.

– Nesta fase, o Marty Gable diria uma piada sobre bonecas de amor insufláveis – disse Benford.

Ficaram todos em silêncio por um segundo. – O raio das bonecas. Perguntem aos psiquiatras o que quer dizer – sugeriu Nate. – Talvez a almirante tenha uma vida secreta.

– Com aquele cabelo? – disse Benford. – Parece-se com a Martha Washington.

– Esse comentário é vagamente pouco patriótico – disse Nate. Benford varreu o ar, como se estivesse a enxotar mosquitos.

– Não importa se a almirante parece muito limpa. Não subestimem a cultura militar – aconselhou Forsyth. – A progressão é tudo, especialmente para as mulheres nas forças armadas. Trazer a disciplina militar a uma agência civil poderia ser um atrativo para a mente científica dela. Para oficiais de alta patente, arranjar um cargo influente depois da aposentação é importante. Poderia ser uma data de fatores.

– Continuo a pensar que a almirante parece ser a mais limpa do grupo. Não consigo vê-la a encontrar-se com os russos e a esconder diamantes de sangue debaixo das traves do soalho.

– E o terceiro tipo? – atalhou Benford.

– O embaixador. De certo modo, é um peso-ligeiro, mas durante os quatro anos que passou na embaixada de Roma leu muitos relatórios confidenciais. Agora, está no Grupo de Trabalho de Informação, o que lhe dá um acesso moderado, em que os russos teriam interesse. Viajou muito pelo estrangeiro em negócios durante anos, incluindo negócios de mercadorias na Bielorrússia, o que faz soar o alarme. Esteve no cinema em Hollywood, e gosta de dinheiro. Como tem uma fortuna avaliada em cerca de cem milhões de dólares, tornar-se diretor da CIA é só uma questão de ego.

– Mas não tem acesso ao projeto do canhão naval, certo? Podemos excluí-lo – disse Forsyth.

Westfall passou-lhe para as mãos uma folha de papel.

– Era o que eu pensava – disse. – Mas acontece que ele trabalhou num contrato de cinco anos do canhão naval, porque a empresa de metais preciosos dele fabricava difusores de calor cerâmicos de óxido de berílio para os carris magnéticos; ficam quentes com aquele sumo todo a passar-lhes pelo interior, e o embaixador Tommy Vano conhece muito bem os planos do canhão. Fez mais uma fortuna com o contrato, fez donativos à campanha certa; é moderadamente liberal, mas sabe cuidar dos seus interesses, e tornou-se embaixador.

– E julga que saberá dirigir a CIA. Meu Deus. Então, qualquer um dos três poderia ser o MAGNIT – disse Forsyth. – A almirante é a menos provável, por razões de motivações e ideologia, estamos de acordo? E há outra sessão de informação amanhã. O diretor provisório quer que os casos relativos à Rússia sejam expostos desta vez.

– Não vamos abrir os nossos casos de acesso restrito a estes cabrões – disse Benford.

– Não é boa ideia, Simon – disse Forsyth. – O diretor adorava derrubar-te do poleiro ao sair porta fora.

– Eu recuso-me a informar qualquer um dos três sobre a DIVA. Ela estaria morta em menos de uma semana. – Fez-se um silêncio à mesa, até que Benford ergueu a cabeça. – Preciso de falar com o Nash. Podemos voltar a reunir daqui a duas horas? Obrigado.

*

A sala de reuniões esvaziou-se rapidamente. Benford fitou Nash durante um bom minuto. – Por favor não digas uma palavra até eu acabar de falar. –

Benford estava sempre a dizer às pessoas para não falarem, mas desta vez o seu tom de voz indicou a Nash que estava a valsar à beira do vulcão. Benford passou-lhe um telegrama de Moscovo para as mãos, uma tradução de uma mensagem que Dominika entregara a Ricky Walters durante um perigoso encontro pessoal. Escrevera que a morte de Gable a afetara profundamente e que suspenderia os encontros pessoais até lhe ser fornecido novo equipamento SRAC. Evidentemente, informaria os colegas sempre que se deslocasse ao Ocidente para combinarem encontros, mas não haveria mais contactos internos.

– Aconselhei-te a não lhe dizeres nada sobre a morte do Marty, dados os laços que ela tinha com ele. Consultei o calendário gregoriano, o juliano e o cóptico, e cheguei à conclusão de que não há tempo suficiente antes do próximo solstício para enumerar as maneiras como tu foste estúpido – disse Benford, arreganhando os dentes e afivelando no rosto a sua expressão da Queda da Roma Antiga, a que o imperador usava ao ver os cristãos serem atirados aos leões no Coliseu. Fitou Nate nos olhos sem pestanejar, algo que raramente se via em Benford e que indicava um perigo real. – Que eu tenha acedido a permitir-te que desenvolvesses uma ligação romântica com um ativo tão delicado, foi uma abrogação dos meus padrões pessoais e profissionais e um fracasso da minha parte enquanto gestor operacional.

O caso estava feio. Nate não só tinha dado cabo das coisas a nível pessoal, mas também, compreendia agora, causara um problema profissional a Benford. Perguntou-se se o dia acabaria com ele a ser

acompanhado para fora do edifício da Sede, escoltado por dois homens atléticos do Gabinete de Segurança, de cabelo cortado à escovinha e blazers azuis, que lhe arrancariam a chapa de identificação quando as portas automáticas se abrissem para lhe dar as boas-vindas a um soalheiro mundo civil sem espões nem segredos nem Dominika.

– E então agora temos de considerar a dimensão da porra da tua asneira – prosseguiu Benford. – Não só andaste a foder a principal penetração desta Agência no Kremlin, com tudo o que isso implica, como também não pudeste ou não quiseste ocultar-lhe uma notícia devastadora, com o resultado que agora tens nas mãos: uma cessação de comunicações oportunas da parte dela, enquanto uma toupeira russa possivelmente será nomeada diretora desta Agência.

Nate conteve a respiração; não se atrevia a dar uma explicação.

– É um axioma da nossa profissão que este trabalho seja experiencial; não se nasce com as aptidões para ele, só se vão adquirindo ao longo do tempo. No arco da tua carreira manchada pelo sémen, podes gabar-te de feitos notáveis, e agora de um fracasso colossal. A questão que me ponho é se a redenção é possível.

»A redenção não é automática; uma segunda hipótese só é dada se merecida. Deus sabe que já aturámos sujeitos abjetos, irredimíveis no nosso serviço: o Gondorf, o Angevine, os diretores todos satisfeitos consigo próprios que só liam os resultados das operações, nunca as dirigiam. –

Benford fez uma careta de desagrado ao pensar naquilo. Por trás dele, estava uma fotografia de uma parede varrida pela neve com um V invertido escrito a giz – um local assinalado em Moscovo, dos anos 1960.

– És redimível, Nash? – perguntou Benford. – Ou, mais especificamente, *vale a pena* redimir-te? – Benford fitou Nate por 20 segundos, a testá-lo, a avaliar a sua capacidade de resistência psicológica. – Fala – ordenou.

OK, parvalhão, a frase mais importante do resto da tua vida – pensou Nate.

– Simon, o Marty Gable disse-me uma vez que um agente no Serviço nunca poderia atingir a grandeza a não ser que falhasse em grande, pelo menos uma vez. Eu não vou explicar-te os meus erros, porque sabes qual é a situação entre mim e a DIVA. Estou empenhado na minha relação com ela e com este trabalho. Sabes o que já fiz, e o que ainda poderei fazer, se me deres uma oportunidade. Perguntaste-me se vale a pena redimir-me. Bem,

Simon, diz-me tu, foda-se. Mas, com todo o respeito, se desistires de mim, és um parvalhão de merda maior do que toda a gente julga que és. Eu estou disposto a meter mãos ao trabalho e fazer seja o que for, por isso decide tu. Fico, ou vais-me pôr fora? – Nate estava a ser sincero, mas Simon, com toda a sua delicadeza, engoliria aquela insubordinação? Nate pensava que talvez dependesse do que Benford tinha comido ao almoço naquele dia. Aguardou a martelada decisiva.

Benford passou os dedos pelo seu cabelo já despenteado. – Tens-nos no sítio, para me falares assim. Meu Deus, pareces o Al Gore a falar – disse. – Está bem, agora sai-me daqui e mete mãos ao trabalho.

PANADOS DE CENOURA COM MOLHO DE IOGURTE

Escorra todo o líquido de courgettes e cenouras raladas e misture-as com cebolinho picado, salsa, endro e alho. Adicione farinha e ovo para formar uma massa húmida e tempere. Forme uma colherada grande da massa numa bola e meta uma azeitona sem caroço (Kalamata, Picholine ou Niçoise) no centro. Espalme ligeiramente a bola e frite em azeite até dourar. Sirva quente com molho de iogurte (adicione alho esmagado, vinagre de vinho tinto e azeite a um iogurte natural e mexa).

23

Uns Grunhidos e Uns Gemidos

Foi assim que Simon Benford enviou Nathaniel Nash para o Oriente. No início, Nate pensou que, para além de um abençoado adiamento do castigo, a colocação temporária era uma espécie de exílio geográfico para o manter separado de Dominika. No entanto, quando no dia seguinte, acompanhado pelo analista Lucius Westfall, se foi encontrar com Elwood Holder, o Chefe das Operações da China, e foram informados sobre o que acontecera em Hong Kong, ficou a saber que havia ali pano para mangas, uma oportunidade tão astronomicamente lucrativa que até mesmo Benford concordaria mais tarde que os riscos de contrainformação de operar dentro de território chinês eram ultrapassados pelos potenciais ganhos.

Holder era um veterano de 35 anos das Operações da China, um dos primeiros, um *daaih ban*, um estimado *taipan*, um dos agentes da Agência para a China que falava mandarim fluentemente e sabia escrever em chinês, tanto simplificado como tradicional, tanto com caneta como com pincel. As paredes do seu gabinete estavam decoradas com faixas em papel de arroz cobertas de logogramas como aranhões que o próprio Holder tinha pintado. Lucius pôs-se a admirar um pergaminho particularmente elaborado.

– Sun Tzu, século V antes de Cristo – disse Holder, passando os dedos pelo papel. – Em todos os assuntos militares, ninguém é mais valioso do que o espião, ninguém deveria ser mais liberalmente recompensado do que o espião e ninguém deveria trabalhar com mais secretismo do que o espião. – Voltou para a sua secretária e recostou-se na cadeira. – Qual dos dois é o Nash?

Nate acenou com a cabeça.

Holder olhou para Westfall. – E você é o novo assistente pessoal do Benford, da DI? Boa sorte com isso, e bem-vindo à Direção de Operações. Repare que o general Tzu não disse «Em todos os assuntos militares, ninguém é mais valioso do que o analista», mas, pelo menos, está

a trabalhar com o Príncipe das Trevas. – Lucius não disse nada; estava a começar a acostumar-se ao calão de balneário deste lado do edifício.

Holder era baixo e entroncado, com cabelo louro ralo e uns olhos azuis bem-dispostos por trás de uns óculos com uma armação octogonal, uns olhos a que nada escapava e que paravam de brilhar quando começava a falar sobre arranjar escalpes – recrutar recursos humanos –, algo que fizera frequentemente por todo o mundo, dos Estreitos de Taiwan ao Tibre. O recrutamento de antologia de Holder em 1985 fora o de um técnico de telefones de 30 anos no secretariado do Partido Comunista da China. Em troca de cassetes de vídeo dos 31 filmes de Elvis Presley e de um retrato assinado de Ann-Margret, identificou a caixa de junção em Beijing que servia o *Zhuan xian*, o sistema telefónico interno encriptado do Comité Central número 12. Tal permitiu pôr a linha sob escuta, o que resultou num fluxo de informações secretas sobre códigos durante 36 meses.

– A Antena de Hong Kong anda a comunicar sem parar há uma semana, uma dúzia de telegramas altamente confidenciais – disse Holder. – O chefe da Antena (CDA) de Hong Kong é uma puta velha, um profissional de topo, conhece a China como as mãos dele, chama-se Barnabus Burns. Já agora, nunca, jamais lhe chame «Barn» para abreviar; detesta a alcunha Barn Burns.

»O representante local em Hong Kong do ASIS, o Serviço de Informação Australiano, contactou o Burns e fez uma proposta urgente de uma operação conjunta. Parece que andam há seis meses de olho num general importante no ELP, o Exército de Libertação do Povo, um *zhong jiang*, um general médio, o equivalente a tenente-general. Este general chinês, chamado Tan Furen, é de Guangzhou, no sul. Mas é um figurão no *Zhōngguó Rénmín Jiěfàngjūn Huojiànjūn*, a Força Míssil do Exército de Libertação do Povo, a FMELP, um alvo dos serviços de informação há anos. A FMELP detém todos os mísseis balísticos lançados de terra e de submarinos, e faz a manutenção do seu poderio nuclear, tudo.

Holder leu de um dossiê às riscas pretas. – Para seu encanto, os australianos descobriram que o general Tan gosta de jogar nos casinos de Macau; é viciado no jogo – disse Holder. – Há corrupção em todo o ELP. Obtém-se o posto de general contra um pagamento de cinco mil dólares e mal se tenham as estrelas consegue-se ganhar três vezes isso com contratos e subornos. Estão todos implicados até à ponta dos cabelos. – Esfregou as

mãos, como se estivesse a sentir o cheiro de sopa ácida-picante no fogão. –

O Tan tem andado a jogar secretamente com fundos oficiais do exército, e a perder. Os australianos calculam que fez um rombo de um milhão de dólares. Se Beijing descobre, põe-no contra a parede e dá-lhe um tiro.

– Como é que eles sabem quanto perdeu? – perguntou Westfall.

– O ASIS é um serviço pequeno, mas muito ativo. Tem informadores em todos os casinos. O jogo em Macau é maior do que em Las Vegas, e eles têm-no todo vigiado. Dizem que o Tan está morto de medo e desesperado, e querem que subsidiemos a abordagem. Damos ao general a massa para ele tapar o buraco e ele começa a dar-nos informações sobre a FMELP.

– E nós partilhamos o saque – disse Nate. – É muito dinheiro; ele vale isso tudo?

– Pagávamos o dobro, se fosse preciso. Os chineses dizem *an ding zi*, empurrar um prego, recrutar uma fonte dentro das forças de mísseis deles. É informação estratégica da boa.

– Ele alinhará? – perguntou Nate.

Holder acenou com a cabeça. – Ou começa a espiar ou vai de malas aviadas. Mas há um problema. O ASIS diz que o general é um comuna chinoca à séria, um indefetível, um verdadeiro crente. Não vai aceitar a abordagem se ela vier do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos. É complicado, tem tudo a ver com *miàn zi*, perder a reputação, vergonha.

– Parece que ele não está em posição de se fazer de esquisito – disse Westfall.

– Seria de crer que não, mas já os vi recusarem para não perderem a reputação, mesmo que isso signifique que vão parar à cadeia – disse Holder. – Eu próprio perdi alguns bons recrutamentos por tentar forçá-los, acredite em mim.

– Então, como é que douramos a pílula? – perguntou Nate.

Holder apontou para ele. – É aí que você entra. O Benford propô-lo como voluntário – disse.

Então, o Benford já me tinha selecionado para este trabalho quando me falou sobre redenção – pensou Nate. Sorriu para consigo.

– Fizemos uma investigação com base na informação do ASIS – disse Holder. – O general Tan foi adido militar em Moscovo nos anos 1990. Fala razoavelmente russo e gosta dos russos. Há uma facção no ELP que ainda vai nessa treta da amizade sino-russa, e ele é um deles.

– O que é que estou a ouvir? – perguntou Nate. – Um recrutamento enganoso?

– Exatamente – disse Holder. – Aborda o Tan em Macau como agente do SVR a oferecer-se para ajudar discretamente um aliado em troca de segredos da FMELP. Os australianos não têm um falante fluente de russo que fosse capaz de levar uma coisa destas a cabo. O Benford disse-me que o Nate fala russo tão bem como um falante nativo.

Nate recordou-se de uma situação em que ele desempenhara o papel de um agente russo com Dominika – fora ideia dela – junto de um cientista iraniano em Viena. Há um milhão de anos.

– Falo bastante bem – disse Nate.

– Tem de falar melhor do que bastante bem, porra – disse Holder. – Se cheirar a CIA ao general Tan ele sai porta fora. O MSE chama-lhe *da ca o jīng shé*, bater na erva e sobressaltar a cobra, anunciar a intenção. Queremos evitar isso.

– Darei o meu melhor – disse Nate. – A ASIS está de acordo que seja eu a fazer a abordagem?

– O CDA sugeriu ao ASIS a ideia de o usar a si como russo e eles gostaram – disse Holder, sorrindo. – Escondemos a mão do Ocidente, o Tan não perde a reputação e obtemos uma fonte importante dentro da FMELP. Um recrutamento épico, daqueles que só acontecem uma vez em cada dez anos.

Ele gosta tanto deste jogo duplo de espelhos como o Benford – pensou Nate.

– Há o pequeno problema de abordar um tenente-general chinês em Macau, um território controlado pelos chineses – disse Westfall, com a sua faceta de analista prático inato a revelar-se.

– Os australianos têm um agente de acesso no casino que tem andado a dar graxa ao general – disse Holder. – Podem levá-lo a um restaurante sossegado na praia, fora da cidade. Não é muito seguro do ponto de vista operacional. Macau é só casinos, uma Região Administrativa Especial sob o controlo do MSE de Guangzhou, e não tem grande consideração por Beijing. Não fazem nada demasiado óbvio para prejudicar a indústria do turismo... todos eles ganham dinheiro por fora.

– Desde que não estejam já a vigiar o general, provavelmente conseguiremos alguma coisa – disse Nate. – Se ele concordar, como é que o

controlamos?

– Limite-se a recrutá-lo, que nós fazemos o resto – disse Holder obliquamente, o que deu a entender a Nash que Holder já tinha agentes internos em Beijing. Eles não tinham necessidade de saber. – Um agente de caso do ASIS em Hong Kong vai proteger-lhe o couro.

Westfall mexeu-se no lugar. – Sei que sou novo nisto e tudo, mas tenho uma pergunta – disse. – O Nash estaria temporariamente ao serviço em Hong Kong. O pessoal temporário não tem imunidade diplomática se houver azar, pois não?

Nate estremeceu ligeiramente. Westfall não a sabia toda.

– Nada é perfeito – disse Holder. – Isto é demasiado importante para não se tentar.

Westfall piscou os olhos. Holder apontou para um pergaminho com caracteres chineses na parede por trás dele.

– Sabe o que diz? «Se te ofendo, ajudo-te a fazer a mala.» É um antigo provérbio confuciano.

*

A 8400 quilómetros a leste do gabinete de Elwood Holder na Sede, o aeroporto Gelendzhik, no Distrito Federal Sul de Krasnodar, na Rússia, estava delimitado a oeste por uma cordilheira baixa de montanhas marítimas cobertas de árvores, e a leste pela baía larga em forma de ferradura de cavalo de Gelendzhilskaya, que desaguava no Mar Negro, um lençol de um azul escuro de vidro imóvel nesta época do ano. Dominika foi recebida ao fundo das escadas do avião Sukhoi 100 por uma hospedeira loura que olhou de lado para a deslumbrante mulher de cabelo escuro que caminhava com um coxear quase impercetível e estava vestida num estilo que a hospedeira identificou como europeu. Ia para «o cabo» – ninguém lhe chamava o Palácio de Putin em voz alta – o que significava que era alguém importante. Mas o casaco de bom corte, os sapatos e os óculos de sol caros indicavam que ela não era nem de um ministério qualquer em Moscovo nem uma daquelas «rececionistas» abonadas que costumavam ser trazidas para festas de fins de semana prolongados e cuja indumentária incluía na maior parte dos casos lantejoulas ou penas. Na Rússia, as pessoas que não se encaixam em categorias conhecidas são usualmente perigosas, e é

preferível não as incomodar, e por isso a hospedeira não disse nada enquanto confirmava que esta beldade nada sorridente tinha o cinto de segurança bem apertado no seu lugar confortável no helicóptero AW139 para VIPs, fechou a porta, travou o puxador e ficou em sentido a acenar até os dois motores começarem a roncar baixo e os rotores começarem a girar, momento em que segurou o chapéu e desatou a correr.

O helicóptero subiu, inclinou-se acentuadamente, endireitou-se e seguiu a costa rochosa durante dez minutos antes de voltar a inclinar-se sobre uma península arborizada que terminava num penhasco a descer para o mar. Dominika vislumbrou uma enorme mansão ao estilo italiano rodeada por árvores e ladeada por jardins formais geométricos que se estendiam da casa principal em todas as direções. O Palácio de Putin. Enquanto desciam, avistou caminhos pela floresta que conduziam a uma dúzia de casas mais pequenas, algumas delas empoleiradas na beira do penhasco junto ao mar. Em terra, outra hospedeira com uma prancha – era baixa, morena e mal-encarada – acompanhou Dominika no assento traseiro de um carro elétrico, atrás de dois homens com cabeças de bala e vestidos com fatos escuros.

Como lhe tinha sido oferecida uma dacha luxuosa pelo seu novo patrono, Vladimir – «Vova» era um diminutivo do seu nome, uma familiaridade reservada à mãe, às avós e a amantes – Dominika seguiu a sugestão de Gorelikov de ir passar um fim de semana para ver a dacha e mostrar que reconhecia a honra concedida. Anteriormente, o presidente falara-lhe sobre a gala que se realizaria no final do outono, uma época do ano em que fazia um tempo maravilhoso na costa sul. – Uns amigos e colegas vão reunir-se lá no início de novembro, a propósito do feriado do Dia da Unidade, no dia 4 – dissera Putin. O Dia da Unidade era um feriado tradicional reposto em 2005, que originalmente comemorava a vitória russa sobre os invasores polacos em 1612. Um feriado extra e umas coroas de flores colocadas nos monumentos mantinham as taxas de aprovação popular e eram uma oportunidade para uma bacanal de dois dias no Palácio de Putin. – Espero que venha, para desfrutar do cenário – disse Putin, com um meio sorriso originalmente aperfeiçoado no ano de 41 da Era Cristã por Calígula.

– Vá até lá abaixo e familiarize-se com aquilo – acrescentara Gorelikov confidencialmente, esfregando as mãos e com o seu halo azul a pulsar. – Vai impressionar os invejosos, que ele lhe tenha dado uma dacha. Vão presumir o mais óbvio, e terão medo de si.

Ele está a preparar-me para ser diretora – pensou Dominika –, quando se tornará o meu svodnik, o meu chulo?

A dacha – a sua dacha – era uma casa moderna de cimento de três andares decorada num elegante estilo escandinavo, com cadeirões de linhas aerodinâmicas em pele branca e aço inoxidável. No piso principal havia um átrio, uma sala de estar com portas de vidro de correr que davam para uma varanda com vista para a face do penhasco e o mar, e uma moderna cozinha branca com apontamentos em aço inoxidável. O piso superior era ocupado por uma suite ampla com uma cama gigantesca e a sua própria janela panorâmica e varanda, enquanto que o piso de baixo tinha mais dois quartos e uma pequena *banya*, uma sauna russa, com as paredes forradas a madeira de cedro. Olhando pela varanda, Dominika podia ver um caminho pedregoso ao lado da casa, cortado na face do penhasco, que descia para uma praia com rochedos a 70 metros abaixo. A casa estava empoleirada no lado da encosta e as varandas praticamente pairavam acima do penhasco.

Bozhe, Deus, isto era lindo. Dominika abriu todas as portas de correr para sentir o cheiro a maresia e a pinheiro, descalçou os sapatos, abriu portas de armários, saltou em cima da cama e despiu o casaco e a saia e deitou-se em roupa interior numa *chaise longue* na varanda do piso superior, ao sol quente de outubro. Encontrou uma garrafa de champanhe da Geórgia no pequeno frigorífico, serviu-se de um copo e voltou a sentar-se lá fora a olhar para o mar distante e a escutar as cigarras a zunirem nas árvores. Não se viam outras casas, não se ouviam nenhuns sons a não ser os da natureza. Em Moscovo estava um gelo e a geada polvilhava os telhados. Aqui, ainda era verão.

Era um luxo, era um privilégio, ficava a um universo de distância do nevoeiro de Moscovo. A brisa marítima agitava as cortinas finas como gaze quando Dominika entrou no chuveiro amplo com azulejos cinzentos, cheirou o sabonete com perfume de rosas e deixou que a água quente lhe soltasse os músculos; virou-se, a tentar imaginar que Nate estava junto a ela, a ensaboar-lhe as costas, mas quem lá estava era Blokhin, a sorrir sinistramente como *Shaitan*, com a água a escorrer-lhe pelo rosto, as patas ensanguentadas, e Dominika estremeceu, a arredar aquela imagem, sentindo-se subitamente cheia de frio apesar da água quente, e fechou os olhos.

Com amargura, apercebeu-se de que esta casa moderna nas alturas, com vista para o mar, era *lipovyy*, literalmente uma flor de lima, mas figurativamente algo falso, postiço, forjado. A sua avó de São Petersburgo costumava contar-lhe baixinho histórias da *bibliya*, do Livro Sagrado, sobre a tentação. Esta dacha não era nada mais do que o dinheiro com que Satanás tentara Santo António no deserto. Vladimir Putin trocava esta casa pela lealdade dela, a direção do SVR pela sua consciência e a sua indução como *silovik* pela alma dela. Deixou-se ficar debaixo do chuveiro, a tremer. A casa agora era cinzenta e feia, a luz do sol dura e reveladora, as cigarras um zunido aflitivo nos seus ouvidos. Ela viera este fim de semana por curiosidade, para ver a *sua* dacha, para mostrar reconhecimento pela dádiva de Putin, para se afastar dos muros com ameias do Kremlin. Agora, sabia que não teria descanso nesta caixa-forte de cimento. Teria de suportar uma noite de mau gosto e regressar a Moscovo amanhã no voo diário.

Envergando um vestido-camisola fino e sapatos rasos, Dominika percorreu ao lusco-fusco o caminho pavimentado em direção à enorme casa principal – por entre as árvores, via as luzes acesas em todos os pisos; o pessoal devia estar a preparar a gala do Dia da Unidade que se avizinhava. Enquanto caminhava à luz do dia que se desvanecia, viu o brilho vermelho de um cigarro no bosque e depois outro do outro lado. A propriedade estava inçada de seguranças. Um brutamontes estava sentado num carro onde o caminho se cruzava com outro. Ficou a vê-la passar sem lhe acenar com a cabeça nem dar qualquer outro sinal de reconhecimento.

Os guarda-costas pessoais de Putin pertenciam ao SBP, o Serviço de Segurança Presidencial, que era um elemento autónomo do FSO, o *Federalnaya Sluzhba Okhrany*, o Serviço Federal de Proteção, uma agência reorganizada apenas leal a Vladimir Putin e exclusivamente encarregada da proteção da Federação Russa, o que significava o que os *siloviki* quisessem que significasse. Dominika ouvira boatos sobre a aparência descontraída do presidente a ocultar um medo secreto de ser assassinado; sobre os recipientes de plástico com refeições confeccionadas, selados e assinados por provadores de comida; e sobre os homens de mais confiança da sua equipa de segurança, novos milionários toscos a quem tinham sido concedidos blocos de ações nas empresas públicas do petróleo, da manufatura e dos caminhos de ferro como recompensa pela sua lealdade. Dominika perguntava-se se escaparia a Vladimir Putin a ironia monumental de o líder

de uma nação moderna, com armas nucleares e um programa espacial, rezear o assassinato político como os czares antes dele receavam a corda sedosa do estrangulador. Até mesmo Josef Estaline o sentira. A citação das suas palavras era famosa: «Lembram-se do Czar? Bem, eu sou como um czar.»

O pátio interior do palácio, meticulosamente ajardinado, era gigantesco. Uma fonte de mármore branco borbulhava no seu centro, e umas cordas de luzes brancas pendiam de postes e estavam entrelaçadas ao longo das janelas do primeiro andar da mansão. Dominika foi conduzida a uma pequena sala de jantar, onde foi servida em silêncio por uma funcionária de olhos baixos. A lista de pratos ocupava várias páginas, com ingredientes que não se podiam encontrar em nenhuma parte da Rússia, nem sequer nos restaurantes de cinco estrelas de Moscovo ou São Petersburgo. Ela escolheu um *carpaccio* de atum com toranja e funcho como comera em Roma, só para ver como o confeccionariam. O atum, cortado em fatias finas como papel, vinha apresentado num grande prato frio polvilhado com funcho e aspergido com azeite e vinagre balsâmico, e estava delicioso.

Dominika sentia-se ligeiramente ridícula, ali sentada sozinha numa pequena sala de jantar, mas a mansão e toda a propriedade – incluindo o anfiteatro ao ar livre, o spa, a sala de cinema, a piscina interior e a exterior, a biblioteca e o enorme pátio dos churrascos – estavam desertas, a calmaria antes de o presidente e os seus muitos convidados chegarem em novembro. Sentia-se resignada a regressar à sua dacha no escuro, observada por olhos no bosque, e ir para a cama. Pensaria em Nate, como fazia todas as noites, e desejaria que ele estivesse ali com ela, deitados na *chaise longue* na varanda, a trabalharem para o bronze ao luar. Levantou-se da mesa e ia a percorrer o corredor em direção à saída quando ouviu uma voz nas suas costas a chamá-la num russo com sotaque.

– Desculpe, menina, mas tem horas? – Um jovem de vinte e tal anos, com cabelo escuro e olhos azuis, estava de pé junto a uma porta aberta. Trazia uma camisa de trabalho e calças de ganga, era musculoso mas magro, com antebraços fortes a segurarem os dois lados da ombreira da porta. Tinha o rosto corado e por barbear, e a boca era mais como a boca de uma mulher, com lábios cheios.

– Tem um relógio no pulso esquerdo – disse Dominika, respondendo intuitivamente em inglês. – Um instrumento usado com frequência para

determinar que horas são.

Aquilo provocou um sorriso de mil watts no jovem, que era, Dominika tinha de admitir, bastante encantador.

– Fala inglês, ainda bem, o meu russo é terrível – disse ele, a sorrir. – Eu estava a perguntar se tinha horas... tempo, para nos fazer companhia numa bebida. – Mais outro sorriso incandescente, maroto, de querubim. – Não há ninguém por aqui e já cá estamos há duas semanas.

Intrigada, Dominika voltou para trás na direção dele e espreitou pela porta. Era uma cafetaria, um refeitório para o pessoal. Dois outros homens novos e duas mulheres eram as únicas pessoas na sala, sentados a uma mesa cheia de pratos e copos. Havia quatro garrafas de vinho vazias todas juntas. Eles estavam todos a fumar e via-se um cinzeiro a transbordar de pontas de cigarros no meio da mesa. As pessoas à volta da mesa sorriram – eram da Polónia – e o jovem puxou uma cadeira e serviu-lhe um copo de vinho. Dominika apresentou-se como organizadora de eventos de visita, algo vago.

O jovem encantador chamava-se Andreas. Era o chefe da equipa do Departamento de Conservação e Restauro de Obras de Arte da Academia de Belas Artes de Varsóvia. Apresentou os seus colegas, todos especialistas em restauros de obras de arte, atraentes, atentos. Toda a gente falava ao mesmo tempo, todos eram espertos, de uma nova geração de polacos que falava bem inglês (na geração desde a retirada dos soviéticos, os alunos do Leste da Europa já não estudavam russo de boa vontade). A academia de Varsóvia fora contratada pela *Rosimushchestvo*, a Agência Federal para a Gestão da Propriedade do Estado, para fazer trabalhos de restauro de urgência na mansão, num grande número de tetos e murais. Alguns canos nas paredes tinham fugas ou rebentaram quando o palácio estava ainda a acabar de ser construído, o que Dominika pensou que era uma metáfora apropriada para a Federação Russa – *estragada antes de concluída*.

Os polacos andavam a trabalhar no palácio vazio supervisionados por uns seguranças brutamontes e mal-encarados e um capataz russo ardiloso, e estavam a sentir-se presos. Aparentemente, não tinham receio de falar livremente.

– Os murais são horrorosos – disse Anka, uma loura, a rir.

– Foi um artista da Sardenha que os pintou quando o palácio foi construído – disse Stefan, com um ar sério. – Os russos são os únicos que os considerariam elegantes.

Anka calou-o com uma palmada no braço. Dominika sorriu para mostrar que não se sentia ofendida.

– Afinal, parece que os canalizadores russos ligam os canos tão bem como os pintores da Sardenha pintam – disse Andreas. – Têm tido canos rebentados por toda a parte, uma data de painéis ficaram danificados e estamos aqui para reparar o estuque e restaurar as pinturas.

Dominika ia bebendo o vinho, a escutar interessada. Sentada à mesa com aqueles polacos de rostos frescos cujo país fora em tempos um estado satélite, mas agora defrontava com vontade os desafios de um futuro em que muitas coisas eram possíveis, Dominika pensou na sua mãe, no seu minúsculo apartamento providenciado pelo Estado, com o papel de parede enfarruscado e ondulado por causa do aquecimento por cima dos radiadores que estavam sempre mornos, nunca quentes, e na fotografia da universidade do seu falecido pai na prateleira por cima do fogão de sala, ao lado da fotografia da sua mãe, de pé no Grande Salão do Conservatório de Moscovo, a receber aplausos serenamente, com o violino debaixo do braço, e na pequena caixa de madeira no parapeito exterior da janela para manter a comida mais fria do que qualquer congelador, e na mesa minúscula com uma lata aberta de *sardinka*, sardinhas em óleo com pintas de sangue, um pedaço seco de pão escuro barrado com banha em vez de manteiga. Era isto que a munificência de Vladimir Putin dera ao povo da Rússia, enquanto a água caía em cascata pelos frescos do seu palácio no Mar Negro.

– Quanto tempo vão ficar ainda? – perguntou Dominika. – Eles estão a preparar-se para uma grande festa em novembro.

Os polacos reviraram os olhos. – Nós sabemos. Aquele capataz fedorento está sempre a dizer-nos para trabalharmos mais depressa – disse Stefan. –

Mas há demasiados estragos. Provavelmente, vamos precisar que venham mais pessoas de Varsóvia. Os russos não querem saber, e pagam o que pedirmos. Ouvimos dizer que esta casa é do presidente.

– É preferível não fazer especulações – disse Dominika, e piscou o olho. Os polacos riram-se. Era um grupo divertido. Depois de mais um copo de vinho, Andreas perguntou a Dominika se ela gostaria de ver alguns dos murais que eles estavam a restaurar. Subiram uma magnífica escadaria dupla em espiral e entraram numa série de corredores compridos com tetos em abóbada pintados. Todas as luzes pareciam estar acesas, mas o espaço estava deserto. *Onde estavam os seguranças?* Havia andaimes de alumínio

ao longo de uma parede com manchas de humidade e plásticos colados por toda a parte. Andreas pôs-se junto a um painel, a traçar uma linha com os seus dedos compridos e uma expressão concentrada.

– Isto é só um restauro mecânico, uma questão de renovar o pigmento novo que foi danificado. Não é nada como restaurar um retábulo de um altar pintado por Giotto em 1305. Nada.

Dominika viu o fogo nos seus olhos. Ele virou-se, surpreendeu-a a olhar para ele, e corou ligeiramente.

– Devia ver como pode ser uma coisa especial. Seguir as pinceladas de um mestre, limpar a sujidade e a patina do tempo, ver voltar à luz o azul que ele misturou com as suas próprias mãos, é mágico. – Timidamente, evitava olhar para ela.

Foram de uma sala grandiosa para a seguinte, com talha dourada a brilhar à luz forte, lustres pesados, uns atrás dos outros, ao longo da extensão interminável das salas. Taças de cerâmica delicada enchiam armários de portas de vidro, e havia cortinas de seda atadas por cordões de cetim. Mais adiante no corredor, Andreas pôs a mão levemente no ombro de Dominika, inclinou a cabeça e abriu uma gigantesca porta dupla. Entraram num enorme quarto de dormir, com o teto em talha dourada, chão de parquet intrincado e uma cama gigantesca com dossel e cortinas de brocado. O quarto estava cheio de peças de mobiliário antigas, o toucador do Rei Sol.

– Tivemos de restaurar os medalhões do teto – disse Andreas, olhando para cima. – Este é o quarto de dormir do presidente; o que acha?

– É grandioso, não é? – respondeu Dominika, sem se comprometer. Havia a possibilidade de estas divisões estarem a ser monitorizadas de alguma maneira.

Andreas inclinou-se para ela e segredou-lhe ao ouvido. – Penso que é obsceno – disse. – Ninguém devia viver assim, não com as dificuldades com que se debatem as pessoas no seu país. – Endireitou-se, olhou para ela e sorriu. – Mas sou só um técnico de restauro, que sei eu?

Daí a uma hora, o corpo de Andreas brilhava ao luar que entrava pelas portas de correr da dacha de Dominika. Ela estava em cima dele, com as costas banhadas em suor, cãibras nos dedos dos pés e o cabelo a apontar em todas as direções. – Para técnico de restauro, sabes muito – disse.

Acontecera tudo de forma precipitada, fora do seu controlo, não, *ela não quisera controlar aquilo*. Andreas acompanhara-a até à dacha e aceitara um

copo de champanhe. Dominika estava fora de si; a opulência do Palácio de Putin enojara-a, e toda aquela talha dourada ficara-lhe encravada na garganta. A sua vida era um caos. Estava rodeada pelo encanto venenoso de Gorelikov e pela ganância de Putin e pela pressão sem tréguas de ser espia e pela misantropia de Benford e pelo rasgão no seu coração pela morte de *Bratok* e pela saudade dolorosa e incerta de Nate e, *Chyort*, que diabo, por estar só, sempre só, acossada por requisitos e missões, cada uma delas mais crítica, mais urgente ou mais mortífera do que a anterior. O Kremlin continuava a ser a pocilga de usurpadores ladrões que, a cada ano que passava, a cada rublo roubado, condenavam a sua Rússia a futuras privações tão vastas como a tundra siberiana. Estes porcos, e este Palácio de um Porco. Estariam bem era num *skotoboynya*, num matadouro.

Sentia a cabeça a andar à roda quando se aproximou de Andreas, lhe pôs a mão na nuca e esmagou a sua boca na dele – não pensou no facto de ser uma Pardal nem no seu amor genuíno por Nate – e não quis saber do que Andreas pensaria e não prestou atenção às convenções, só queria paixão, e ancas frementes e o sabor e o cheiro dele, e prendeu os calcanhares atrás das costas dele e beijou-o até os canos rebentarem e dissolverem os murais e lhe fazerem tremer as pernas. Mais tarde, esperou não lhe ter mordido o lábio inferior com demasiada força.

Andreas não sabia quem ela era ou o que acontecera exatamente, mas o instinto de sobrevivência na selva da parte anterior do seu cérebro disse-lhe que, provavelmente, não devia passar a noite com ela. Dominika não se importou quando ele saiu em bicos de pés. O que ela precisara era de «horizontalizar», como lhe chamara em tempos o *Bratok* Gable. Pensar em Gable recordou-lhe o quanto sentia a sua falta.

Depois, pensar em *Bratok* fê-la pensar na toupeira sem rosto em Washington que, se não fosse apanhada por Benford, não tardaria a ler o nome dela numa lista dos ativos russos clandestinos da CIA, e as equipas de detenção do FSB espalhar-se-iam por Moscovo nas suas carrinhas Skoda pretas e homens com rostos como cães tocariam às campainhas e empurrariam suspeitos por escadas de prédios e para dentro das carrinhas para os levarem até Lefortovo, onde a sua culpa não tardaria a ser determinada. Dominika perguntou-se se não deveria começar a dormir vestida para não estar em camisa de noite quando a arrastassem para a rua.

CARPACCIO DE ATUM

Arrefeça um prato com 25 centímetros de diâmetro. Corte atum em fatias muito finas, bata-as sob uma folha de película aderente e disponha-as no prato em camadas. Mantenha no frigorífico. Corte bolbos de funcho às fatias finas, misture com gomos de toranja e tempere de sal. Rale gengibre, polvilhe-o sobre as fatias de atum, forme um montinho de funcho e toranja no centro do prato e polvilhe com cebolinho cortado e funcho. Regue com azeite e vinagre balsâmico e tempere com sal marinho. Sirva imediatamente.

24

Sinto-me *Hortelã* Por Ti

O voo de Nate para Hong Kong implicava pernoitar em Los Angeles. Desde o início da aviação comercial que todos os funcionários do governo dos Estados Unidos que se deslocassem ao estrangeiro eram obrigados por lei a «voar americano» para apoiar as companhias aéreas nacionais, infelizmente a expensas dos contribuintes americanos. Invariavelmente, isto resultava não só em bilhetes mais caros, mas também em horários, rotas e ligações menos convenientes. Contudo, a regra era inviolável. O voo da manhã de Nate de Washington, DC, chegaria a Los Angeles antes do meio-dia e ele teria o dia inteiro em bolandas pela cidade. Mas depois pensou em Agnes Krawcyk e na madeixa branca do cabelo dela.

Desde a missão em Sebastopol, tinham-se mantido em contacto através de e-mails e de dois ou três telefonemas embaraçados. Agnes quisera visitar Nate em Washington, mas, como se avizinhavam os encontros operacionais com Dominika, Nate recusou. Tinha falado com mais frequência nos últimos tempos e fizeram planos vagos para se encontrarem. E depois surgiu a cena de Hong Kong.

Agnes instalara-se em Palos Verdes, na costa a sul de Los Angeles, um subúrbio semirrural de colinas ondulantes e penhascos acidentados cobertos com eucaliptos e árvores da canela e da pimenta e povoados por artistas, *hippies* de uma certa idade e mil pavões selvagens. Ela vivia numa confortável casa com dois quartos de estilo Craftsman, com colunas de pedra a sustentar um alpendre na frente e vasos de flores nas janelas. Com a experiência de restauro de arte no seu país de origem, a Polónia, Agnes fora contratada pelo museu Getty em Brentwood – a sua especialidade era o restauro de painéis de altares italianos do século XVI.

Quando Nate telefonou a Agnes a dizer-lhe que passaria o dia em Los Angeles e a convidá-la para almoçar, ela mandou-o parar de dizer asneiras. Iria buscá-lo ao aeroporto, dar-lhe-ia de almoçar em sua casa, onde ele pernoitaria, e levá-lo-ia ao aeroporto na manhã seguinte a tempo do seu

voo. Era esse o plano, nada de discussões. Sempre profissional, não perguntou aonde ele ia ou porquê.

Nate debatia-se com sentimentos antagónicos. Sabia que a oportunidade de salvar a sua carreira que lhe fora concedida por Benford dependia de ele continuar a ter bom comportamento e de conseguir recrutar o perdulário general Tan Furen em Macau. Parar em Los Angeles e encontrar-se com Agnes não parecia a Nate constituir um comportamento inaceitável, mas não tinha a certeza se Benford o veria como uma reincidência. Também se debatia com o problema da situação com Dominika: com Benford a deitar lume pelas narinas e a recusa de Dominika de pensar em se aposentar antes de acontecer o pior e ela ser apanhada, estaria tudo acabado entre eles? Voltariam alguma vez a ver-se, muito menos a *estar* juntos? Nate sabia que a amava, isso não se alterara, mas defrontava-se com a possibilidade de ela estar fora da vida dele tão permanentemente como se tivesse sido apanhada a deixar uma comunicação secreta num local em Moscovo e tivesse sido julgada e executada na cave da prisão Butyrka. O constrangimento causado pelos seus passos em falso recentes do ponto de vista profissional transformara-se em solidão e no desejo de poder falar com uma pessoa amiga. Gable já não era vivo; Benford era inabordável; e Forsyth tinha os seus próprios problemas como chefe de divisão.

Talvez encontrar-se com Agnes fosse um bálsamo para os seus sentimentos confusos. Ela era esperta, corajosa, terra a terra e, aos 45 anos, impossivelmente *sexy*. Conhecia o trabalho, conhecia a vida, compreendia. E, a avaliar pela sua reação ao telefonema de Nate, ainda gostava dele. Nate aguardava com expectativa o encontro com ela, como amigo.

*

Agnes estava deitada numa rede maia de tecido colorido, pendurada dos beirais da sua pequena casa, no pátio traseiro, ao luar. Umas tochas tiki de bambu, a tremeluzirem e a federem a querosene, lançavam sombras saltitantes nas lajes do pátio e nos fetos, catos e arbustos floridos que enchiam o jardim. Seria uma cena mais bucólica se Agnes não estivesse deitada nua transversalmente, com os dedos dos pés enganchados nas cordas, as pernas estendidas em vê, a balouçar a coisa para a frente e para trás, com cada balouço a pôr o seu sexo em contacto com Nate, igualmente

nu, de pé a uma distância de 30 centímetros, preparado para cada colisão e ao mesmo tempo a calcular desesperadamente a trajetória e a resistência do ar para a próxima amaragem cinética. A cabeça de Agnes pendia-lhe do outro lado da rede e ela gemia *mocniej*, que só mais tarde Nate descobriu significar «com mais força» em polaco, e ainda bem, porque mais força tê-lo-ia projetado para dentro do lago ornamental por trás dele.

Mais tarde, com um quimono curto apertado com um cinto, Agnes mostrou a Nate um painel de madeira, parte de um altar de 1534 de uma capela em Florença que talvez tivesse sido pintado por um assistente de Miguel Ângelo. Agnes tinha um prazo a cumprir, e fora-lhe dada autorização para trazer o altar para casa para trabalhar nele. – Estou a impedir-te de trabalhar – disse Nate.

Agnes sorriu, sacudi o cabelo e pousou as mãos no ombro dele. – Um Miguel Ângelo, posso vê-lo todos os dias – disse. – Tu estás aqui comigo, na minha casinha, e isso é tudo aquilo de que preciso. Lembras-te do que te disse na Roménia? *Czuje mieta dla ciebie*, sinto *hortelã* por ti, gosto de ti. –

Afastou uma madeixa de cabelo da testa e inclinou-se para o beijar, lentamente ao princípio, depois com mais paixão. Parou subitamente e olhou-o nos olhos. – Aquela outra mulher ainda está na tua vida? – perguntou. – Ainda sinto que a trazes dentro de ti. – Nate esquecera-se de como Agnes era perspicaz. Não era por acaso que tinha uma madeixa branca de bruxa.

– Continua a ser muito difícil – disse Nate. – Envolve o trabalho, e não correu bem. Talvez eu a tenha posto em perigo, e isso é indesculpável.

– Espero que ela esteja em segurança – disse Agnes em voz baixa. – Sinto a falta do trabalho, da excitação; sinto saudade dos velhos colegas, e da Polónia. – Ficou em silêncio por um momento. – Não te faço mais perguntas sobre ela. Estou contente por teres vindo. Tens fome? Anda ver-me cozinhar.

Foram para a cozinha, onde Agnes preparou rapidamente salmão assado em folha de alumínio e uma salada polaca de pepino chamada *mizeria*, miséria, porque era um prato rústico. Sentaram-se lá fora no escuro a comer à luz das tochas, com Agnes a olhar para o rosto de Nate enquanto ele comia. Para lá da vedação do jardim, um pavão soltou o seu sinistro grito de acasalamento, que soa como uma soprano a cantar «*help me, help me*».

– Da última vez que ouvi um pavão gritar estava num bosque no norte da Grécia, a encontrar-me com uma pessoa especial – disse Nate. – Pregou-me um susto de morte, na altura.

Agnes inclinou-se para a frente, com o queixo pousado nas mãos, a sorrir-lhe. – Não creio que te assustes com muita facilidade – disse.

– Não sei, dá-me a sensação de que ando mais assustado agora do que quando era mais novo – disse Nate. – É o que faz a experiência, acho eu.

– Eu assusto-te? – perguntou Agnes.

– Não, Agnes, eu acho que tu és maravilhosa – disse Nate.

Os olhos dela estavam brilhantes de emoção, e Nate sentiu uma vaga de ternura a erguer-se dentro de si.

– Quando voltares, seria agradável se me visitasses por mais tempo, fizesses umas férias – disse ela. – Eu podia meter-te à socapa na oficina do museu e mostrar-te os painéis Medici; são especiais. – Olhou-o nos olhos, para ver a reação dele.

– Adorava fazer isso – disse Nate. – Mas mais daquela rede não. Acho que tenho uma moossa na anca.

– O que é uma moossa na anca? – perguntou Agnes.

Nate levantou-se e pôs a mão dela em cima do seu osso da anca pisada. – Estás a ver? Acabou-se a rede, por favor.

– Eu magoei-te? *Jeny kochane*, oh não, o que posso fazer para te aliviar a dor? – disse ela, a fingir que estava muito preocupada. Nate beijou-a e ela apertou-se contra ele, roçou o nariz pelo pescoço dele e mordeu-lhe suavemente o lábio inferior. Ele deu-lhe a mão e levou-a para o quarto, e ela tombou sobre a cama, de costas. Nate ficou de pé a pairar acima dela, a desapertar lentamente o cinto. Lá fora, o pavão gritava «*help me, help me*».

– Sei como aquela ave se sente – disse Agnes, desapertando o cinto do seu quimono.

*

Nate apanhou o comboio expresso do aeroporto de Chek Lap Kok e pôs-se a olhar pela janela para as lagoas de um azul esmeralda e os picos verdes escuros das ilhas espalhadas no Mar do Sul da China. O moderno terminal de comboios no centro de Hong Kong era uma colmeia de azáfama ordeira. A fila de táxis de um vermelho de cereja aguardava passageiros e as portas

traseiras dos veículos abriam-se automaticamente pressionando um botão, o que pareceu a Nate tipicamente chinês, dar aos estrangeiros as boas-vindas ao Oriente com uma vénia. O táxi passou a toda a velocidade pela zona comercial do centro, com passeios apinhados de peões e homens de entregas a empurrarem carrinhos de mão com caixas empilhadas em cima. O automóvel subiu como um foguete a Garden Road, íngreme e cheia de curvas, e parou com um guincho dos pneus diante do consulado dos Estados Unidos da América, um caixote de três andares com janelas quadradas de vidros fumados e a bandeira americana a pender mole no ar húmido.

Nate passou o seu passaporte por baixo do vidro do postigo do balcão da rececionista – ela era uma Nacional do Serviço Estrangeiro, uma natural de Hong Kong – e transitou para o Posto Um da Guarda de Segurança Marítima, onde o seu passaporte foi mais uma vez examinado, por um jovem fuzileiro naval duro como o aço que envergava a farda «C», uma camisa caqui bem engomada e gravata, e trazia uma arma num coldre à cinta. Uma mulher nova veio buscá-lo ao átrio, conduziu-o pela porta de segurança e meteram-se num elevador até ao terceiro andar. Avaliando o recém-chegado com um olhar de lado, ela apresentou-se como a secretária do Chefe e premiu uma tecla vermelha para abrir uma porta grossa de caixa-forte, que abriu para fora com um gemido elétrico. Entraram num enorme contentor mobilado, com alcatifa cinzenta azulada a revestir o chão e as paredes, um espaço insonorizado inacessível a escutas eletrónicas. Lá dentro o ar estava frio e seco e as pessoas sentadas a uma dúzia de secretárias envergavam camisolas ligeiras.

O chefe da Antena de Hong Kong, Barnabas Burns, estava sentado no maior de uma série de cubículos fechados com portas de correr, tão acanhado como uma cabina de um navio, nada como os grandiosos gabinetes de chefes de Antena em majestosas embaixadas europeias, uma necessidade desconfortável numa Antena da CIA a operar num território sob o controlo da China. Burns tinha 50 anos, cabelo grisalho e maxilares quadrados, e parecia duro como uma serra, com antebraços encordoados a despontarem das mangas arregaçadas da camisa. Contornou a secretária para cumprimentar Nate com um aperto de mão que mais parecia um quebra-nozes, e acenou com a cabeça para um pequeno sofá contra a parede do cubículo a indicar a Nate que se sentasse. Burns atirou a Nate uma garrafa de água de plástico que tirou de um pequeno frigorífico ao canto, e

sentou-se no sofá ao lado dele, esticando as pernas. *Meio Marlboro Man, meio James Bond* – pensou Nate, bebendo um gole de água.

– Devia ser uma cerveja – disse Burns –, mas ainda não são cinco horas. O seu voo correu bem? Não está demasiado cansado?

Nate abanou a cabeça.

– Arranjámos-lhe um simpático apartamento temporário, mesmo ao cimo da Old Peak Road, do outro lado do jardim botânico. É uma caminhada curta de manhã, encosta abaixo, atravessando o jardim zoológico – até têm lá um leopardo – mas vai ficar com a camisa encharcada quando subir a encosta ao fim do dia. Vai habituar-se a isso em Hong Kong, a transpiração.

– É a primeira vez que cá venho – disse Nate. – Do pouco que vi, vai ser difícil detetar vigilância nas ruas.

Burns riu-se. – Acertou em cheio. O Elwood Holder, da Operação da China, disse-me que fez a recruta em Moscovo, mas este lugar é único, um espaço urbano apinhado de pessoas por toda a parte e uma câmara em cada esquina. Dê umas voltas por aí para se familiarizar.

– É o que farei – disse Nate. – Qual é o plano de ação para o general? Quanto tempo tenho antes de o recrutarmos?

– Pode ser amanhã, pode ser daqui a um mês – respondeu Burns. – Ele tem andado a vir com bastante frequência a Macau para jogar; está mesmo agarrado, e quando aparecer tentamos a nossa sorte. Os australianos têm-no debaixo de olho, por isso saberemos quando ele estiver de volta às mesas de jogo. Amanhã vou levá-lo a conhecer o chefe do ASIS e o agente de caso com quem vai trabalhar. Estes australianos são sérios e talentosos... e de confiança. Não são como os britânicos, com esses temos de contar as pratas depois de um jantar de ligação.

Nate riu-se. – Ouça, Chefe, vou estar aqui à espera do sinal de avançar, por isso diga-me que mais posso fazer por si – pediu. – Não quero atravessar-me no caminho dos operacionais da Antena, mas estou disposto a ajudar no que puder. Em reconhecimento de locais, RVS, falar com agentes menos tarimbados.

– Agradeço-lhe – disse Burns. – A sua experiência de Moscovo seria interessante, especialmente a sua avaliação de como o MSE poderia cobrir-nos na cidade. Fizemos bastante trabalho nas ruas, mas a sua perspetiva do KGB poderia ser útil. Hong Kong fica no distrito de Guangzhou do MSE, e eles são uma data de *cowboys*. Ignoram as diretivas da sede, a tal ponto que

chegam a dirigir operações nos Estados Unidos quando podem sem informar o ministério em Beijing. Torna-os imprevisíveis.

– O Holder também disse que andam todos a governar-se, a lucrar com os casinos de Macau e a receber subornos.

– Chama-se *zhēng xiān kǒng hòu*, esforçar-se por progredir; na economia acelerada deles, toda a gente tem medo de ficar para trás – disse Burns. – Impensável há dez anos, e o nosso general é um exemplo extremo.

– Chefe, vou querer ler o dossiê sobre o general antes de tentar uma abordagem – disse Nate. – Ele viveu em Moscovo e conhece os russos. Tenho de ser o mais credível possível.

– O agente de caso australiano... chama-se George Boothby, mas toda a gente lhe chama «Bunty»... é quem controla o agente de acesso em Macau que é próximo do general Tan.

– Bunty Boothby? – disse Nate.

– É um bom tipo. É uma estrela no serviço dele, um ganhão dos verdadeiros, já com uma data de escalpes no cinto. Vocês são mais ou menos da mesma idade. O Bunty tem andado a preparar o agente de acesso desde que o general apareceu na mira deles. Ele põe-no a par de tudo.

– Acha que ele se sente incomodado por ser a CIA a abordar o alvo deles? Sei que, se fosse eu, ficava um bocado chateado – disse Nate. – Não quero que ele sinta que lhe estou a gamar o recrutamento.

– Não me parece que estejam preocupados com isso, vieram ter connosco para conseguirem aquela massa toda – disse Burns. – Se conseguirmos recrutar o general Tan, o Bunty vai colher os louros. Arranjar um general do ELP é tão importante para o ASIS como seria para nós, e vamos partilhar a gestão do ativo e as informações que obtivermos.

– Quando conseguirmos estar com o general a sós, vai haver contravigilância? Sei que o agente de acesso o vai trazer até nós, mas temos de nos preocupar com carraças do MSE em Macau?

Burns encolheu os ombros. – Depende. Demasiados ocidentais à volta poderiam assustar o general. Pode discutir o processo com o Bunty – disse Burns. – Uma coisa é certa: o general é um homem morto se falharmos. Põem-no de joelhos num campo de feijão, dão-lhe um tiro na nuca e mandam a conta da bala à família dele.

Quando Nate saiu do consulado com o funcionário administrativo da Antena, a rececionista chinesa reparou no par – era do conhecimento geral que o tipo dos serviços administrativos «trabalhava lá em cima», o que queria dizer que, provavelmente, o jovem visitante bem-parecido também era da CIA – e memorizou o nome de Nate para incluir na lista semanal de visitantes do consulado americano que entregava todas as sextas-feiras nas instalações do MSE em Hong Kong, localizadas no Bloco Ametista do Quartel-General do Exército de Libertação do Povo; esse complexo era, até 1997, o quartel em terra da Marinha britânica em Hong Kong.

Os dois homens foram de carro até ao alojamento para colaboradores em missões temporárias, a meio da encosta da Old Peak Road. O apartamento no oitavo andar tinha dois quartos de dormir, mobiliário básico, soalhos de parquet e um pequeno televisor de ecrã plano numa prateleira. Uma pequena marquise com uma cadeira de lona tinha uma vista magnífica. À direita, a floresta tropical de um verde suave erguia-se até ao pico envolto em nevoeiro. À esquerda, o centro da cidade, uma visão inacreditável do amontoado erigido de prédios de habitação, bancos e hotéis, fervilhava no calor subtropical. Através da densa mata de arranha-céus, Nate avistou os *ferries* verdes da Star Ferries, com dois andares e duas pontas, a atravessarem nas duas direções um porto cheio de juncos chineses com velas da cor de ferrugem, *ferries kay-to* que ligavam as ilhas mais distantes e cargueiros baixos na água a serem rebocados por rebocadores resolutos. No lado do porto de Kowloon, a zona urbana mais modesta era dominada pelo gigantesco arranha-céus azul acinzentado com 118 pisos, o ICC, o Centro de Comércio Internacional, a riscar o céu.

Nate agradeceu ao funcionário administrativo, desfez a mala rapidamente e desceu a encosta até ao centro. Atravessou a Statue Square, passando pelo Cenotáfio e o edifício baixo com colunas do Conselho Legislativo, ambos agora vestígios embaraçosos e antiquados do domínio colonial britânico entre as torres de vidro e aço dos Mandarins. Enquanto caminhava, Nate ligou o interruptor interno para «modo de rua», e começou a prestar atenção. Como recém-chegado ao consulado dos Estados Unidos, atrairia vigilância. Percorreu passeios apinhados de trabalhadores citadinos com expressões frouxas, a contar rostos, passando por lojas caras com os nomes de Gucci, Rolex e Bally nas montras.

Depois de consultar uma planta da cidade que tinha dobrada no bolso, virou para oeste na Lockhart Road e penetrou na zona de Wan-Chai, mais ruidosa, mais Cantão do que Manhattan agora, passando por um número incontável de restaurantes idênticos de onde se evolava o aroma doce do pó de cinco especiarias e com dúzias de patos assados da cor de caramelo pendurados nas vitrinas. Entre as montras com patos havia gabinetes de massagens com entradas revestidas a azulejos brancos; mulheres idosas de sandálias acenavam a Nate a convidá-lo a entrar para uma massagem. Os sentidos dele estavam sobrecarregados de estímulos, e tentou encontrar zonas menos movimentadas. Enfiou por ruas mais tranquilas, percorrendo becos malcheirosos e viadutos sobre a atroadora Connaught Road, apinhada de táxis e camiões oscilantes a expelirem baforadas de fumo azul. Nate concentrou-se nas indumentárias e nos sapatos dos transeuntes, à procura de comportamentos típicos de vigilância e de sinais de cobertura paralela, mas não via nada. *Se eu tivesse de me encontrar com um agente daqui a duas horas – pensou –, de maneira nenhuma podia ter a certeza de não estar a ser seguido.*

Parou para comer uma tigela de massa chinesa e carne de porco picante e depois esgueirou-se para dentro do Delaney's, um *pub* inglês com um pavimento de cerâmica aos quadrados, na esquina das ruas Jaffe e Luard, e sentou-se a um canto a beber uma cerveja e a observar as janelas. Cinco aparelhos de televisão no cimo das paredes transmitiam um ruidoso jogo de rãguebi, e dois turistas britânicos estavam a meter conversa com um par de raparigas chinesas em calções, que se riam. Ninguém entrou para ver onde ele estava ou se ia encontrar-se com alguma pessoa. Nenhum movimento, nenhuma pressão discernível, nenhuns sinais. *Como é que vou a Macau sem arrastar metade de Guangzhou atrás de mim? Deviam ter usado um NOC que falasse russo, um agente clandestino sem cobertura oficial – pensou. Espero que o Bunty Boothby, o chefe da operação, saiba o que está a fazer.*

Nate fez sinal a um táxi para que parasse e atravessou a cidade para oeste, para Sheung Wan, de onde voltou a pé para Mid-Levels, ao longo da Queen's Road, de Elgin Street e de Upper Albert Road – ruas mais sossegadas, que recordavam personalidades do passado de Hong Kong como Colónia da Coroa – ruas com curvas e contracurvas que o levaram a passar pelo antigo edifício baixo do Clube dos Correspondentes Estrangeiros, com a sua fachada às riscas vermelhas e brancas. Saltou para

a escada rolante ao ar livre de Mid-Levels, que subia 800 metros, até Robinson Road. Não detetou nenhuma vigilância paralela dos lados da linha da escada rolante. Esperou num portão, à escuta do som de pés a correr, não ouviu nada e voltou na direção do jardim zoológico e do jardim botânico. Nate perdeu a conta ao número de câmaras de vigilância ao longo do percurso. Não conseguira identificar nada que fosse remotamente sugestivo de uma vigilância ativa, mas não confiava que estivesse indetetado. A camisa colava-se às suas costas e doíam-lhe as pernas por causa de todas as subidas.

Meu Deus, isto não era como nada de que ele tivesse já tido experiência. Esta cidade era um palco de conto de fadas no delta envolto em nevoeiro do Rio das Pérolas, uma cidade de camadas, com fantasmas da época colonial misturados com séculos de cantoneses perseverantes, ambos agora na sombra longa do comité central em Beijing, aquele grupo de homens de rostos pétreos trajando fatos largos idênticos que reclamam a cidade como sua, mas que não a possuem realmente.

LOSOS PIECZONY DE AGNES – SALMÃO ASSADO EM FOLHA DE ALUMÍNIO

Seque o salmão. Tempere-o com sal e pimenta. Coloque o filete, com a parte da pele para baixo, em cima de uma folha de alumínio. À parte, misture manteiga, aneto, alho, sumo de limão e vinho branco. Barre a parte de cima do filete de salmão com esta mistura e dobre a folha de alumínio de maneira a formar um embrulho largo. Asse no forno a uma temperatura média-alta até o filete ficar bem cozinhado. Sirva com salada *mizeria*, pepinos ralados misturados com natas azedas, açúcar, vinagre de vinho branco e aneto fresco picado.

25

Coelhinho na Panela

Nate e Bunty Boothby tinham combinado encontrar-se nessa noite no The Bar, no Peninsula Hotel em Tsim Sha Tsui, para tomarem uma bebida e se conhecerem melhor, após o que a namorada de Bunty, Marigold Dougherty, se juntaria a eles para jantarem no Felix, o restaurante da moda no vigésimo oitavo andar do hotel. Marigold trabalhava para o ASIS na elaboração de relatórios, vivia em Hong Kong há cinco anos e conhecia a cidade extremamente bem. Nate necessitava de adquirir o máximo possível de conhecimentos sobre a zona e esperava que os dois australianos o ajudassem a familiarizar-se rapidamente com a cidade.

Nate simpatizara imediatamente com Boothby durante o encontro inicial de ambos no consulado australiano. Bunty era baixo e entroncado, com um rosto largo e olhos cinzentos. Tinha ombros largos de nadador e o cabelo desbotado pelo sol e permanentemente despenteado típico de surfista inveterado. Fora recrutado para a o ASIS logo a seguir a acabar o curso na Universidade de Melbourne, e, graças à sua paixão por cavalgar ondas monstras, operou nos primeiros três anos com a notável cobertura de «surfista», um rapaz da praia a percorrer o mundo à procura da onda perfeita. Foi um dos primeiros estrangeiros a fazer surf na notória Dragão Prateado, a maré com ondas de oito metros de altura desencadeadas pela lua cheia no rio Quiantang, perto de Xangai, durante um tempo recorde de 52 minutos, montando e cortando a onda cor de chocolate na sua prancha curta Twin Fin ao longo de 17 quilómetros. No dia seguinte, o discreto bacano surfista de 23 anos, de calções e havaianas nos pés, voltou a estabelecer contacto com uma fonte clandestina de informações do ASIS – um coronel na *bùdui* 61398, a suspeita unidade cibernética do ELP em Xangai – com quem se tinha perdido o contacto, um ato operacional gritantemente arriscado, considerando que o jovem de cabelo comprido não tinha imunidade diplomática na China.

Bunty era lacónico, irreverente e engenhoso, o típico australiano informal e solto, um observador irónico dos «cabrões, punheteiros e filhos da puta» que andavam pelo mundo e, ocasionalmente, afetavam o seu querido serviço. Mas Nate não tardou a perceber que o papel de rústico mal-humorado que Bunty desempenhava era uma camuflagem para um agente operacional com um olhar arguto e um instinto infalível para recrutar fontes humanas de informação. Agora um veterano com dez anos de serviço, Bunty trocara o seu colar de conchas por uma gravata e um fato de casaco com dois botões, mas continuava a ser um espírito livre, um garoto indomável.

O bar no Peninsula Hotel era todo ele madeiras escuras, latão polido e vidros brilhantes. Sentaram-se em dois cadeirões de couro a um canto do bar e, por recomendação de Bunty, mandaram vir dois *cocktails* Rolls-Royce, uma especialidade do bar. Nate recostou-se no cadeirão.

– Há dois dias caminhei durante seis horas – disse Nate. – Ao chegar ao fim do dia, não saberia dizer se tinha sido seguido ou não.

Bunty bebeu um gole da sua bebida, a olhar para Nate por cima da borda do copo. – Bem-vindo a Hong Kong – disse, em voz baixa. – As tuas regras de Moscovo são tão úteis nesta cidade como um cinzeiro numa motorizada em movimento. Há demasiados habitantes locais, demasiado movimento. Não pensamos que o MSE nos vigia com regularidade. Têm câmaras de vigilância por toda a parte, e observadores estáticos, e informantes recrutados, mas são uns filhos da mãe pacientes que estão dispostos a esperar. Se pensarem que se está a passar algo de sério, podem pôr em ação uma grande equipa para esvaziar um alvo.

Nate ergueu a mão. – O que queres dizer com «esvaziar um alvo»? – perguntou.

Bunty bebeu mais um gole da sua bebida. – Desculpa lá – disse. – É calão australiano; é um problema que eu tenho, uso-o sem pensar, por isso interrompe-me quando eu disser alguma coisa que não seja inteligível.

– E o que é esvaziar alguém?

– Embrulhá-lo, controlar-lhe os movimentos, impedir fisicamente – disse Bunty.

– Obrigado. Então, como é que vamos a Macau sem o MSE nos esvaziar? – perguntou Nate.

Bunty sorriu. – Vamos manter os olhos abertos, claro, mas tanto o hidrofólio como o terminal marítimo estão cobertos, por isso começamos a «limpar-nos» quando pusermos o pé em Macau.

– E depois fazemos o quê?

– O nosso tipo vai trazer o general à praia Hac Sa, na ponta sul da ilha – disse Bunty. – Há um pequeno restaurante português isolado, mesmo à beira-mar, o Fernando's, onde se pode fazer um jantar discreto. A propósito, experimenta o frango com pimenta e mel. Eu vou estar a uma mesa do outro lado do restaurante, para o caso de ser preciso. Somos só nós os dois, e estamos por nossa conta.

– Como achas que o general vai reagir? – perguntou Nate.

– Vai ser na boa – disse Bunty. – Quer dizer, vai correr tudo bem. O meu *canário* anda a falar com o general há meses, a amolecê-lo. Ele está assustado e desesperado, e implorou por ajuda para repor os fundos oficiais que perdeu. O meu tipo disse-lhe que conhecia um funcionário russo que podia tirá-lo daquele aperto, e o general acredita que os russos vão manter a discrição. O nosso general é um belo *drongo*... quer dizer «idiota» em australiano; está *a contar* com uma proposta. Se conseguires convencê-lo de que és rus...– Bunty parou subitamente de falar e levantou-se do cadeirão.

Uma mulher entrou no bar e acenou ao empregado do bar, que se perfilou imediatamente. Parou por um instante a uma mesa para cumprimentar um casal ocidental, obviamente turistas. A seguir, dirigiu-se à mesa deles e deu um aperto de mão a Bunty, sorrindo vagamente. Virou-se para Nate e acenou com a cabeça quando Bunty a apresentou como Grace Gao, a vice-diretora-executiva do Peninsula Hotel. Com uma indiferença estudada, classificou Nate à maneira de todos os profissionais da indústria hoteleira, avaliando em três segundos o seu estatuto financeiro, social e profissional. Não pestanejou uma única vez.

Os instintos de agente de caso de Nate estremeceram como uma aranha numa pedra quente. Grace Gao era uma das mulheres mais belas que ele alguma vez vira. Tinha uma testa alta e sobrancelhas retas sobre uns olhos castanhos amendoados. Trazia o seu cabelo preto entrançado e apanhado numa banana na parte de trás da cabeça, com madeixas finas soltas de ambos os lados do rosto. Umas maçãs do rosto salientes emolduravam o seu rosto oval e um queixo definido, algo masculino. Um nariz retilíneo incongruente, um nariz romano com um ligeiro alto, acentuava o seu traço

facial mais notável: uma boca grande com lábios cor-de-rosa. Era chinesa, sem dúvida, mas com o sangue de há séculos de um marinheiro português ou de um mercador holandês nas veias, aquela sugestão de cardamomo e cravo-da-Índia eurasiático.

Por trás da sua beleza, mas não por causa dela, o seu rosto irradiava desconfiança, impaciência, desdém. Conversou com Bunty com à-vontade, ignorando Nate. Era baixa e magra, e vestia uma saia preta e um casaco preto de um tecido macio com lapelas largas por cima de um *top* preto elástico que fazia mais do que sugerir uma silhueta prodigiosa, mais usualmente encontrada em Manhattan ou em Malibu. Trazia uns sapatos pretos bicudos que pareciam caros. Nate reparou que se viam veias azuis encordoadas sob a pele das costas das mãos e nos pés delgados, o que sugeria exercício físico frequente e uma saúde de ferro. Ela apertou a mão de Bunty, mas ignorou Nate mais uma vez, virou-se e saiu do bar mostrando as suas barrigas das pernas de jogadora de ténis, que palpitavam com cada passo que dava. *Há outra mulher que tem pernas assim, gémeos de bailarina* – pensou Nate, sentindo uma pontada de desejo culposos. Bunty sentou-se, inclinou a cabeça para trás para acabar de beber e olhou para Nate.

– Bem-vindo ao clube, pá – disse.

– A que clube? – perguntou Nate.

– Ao clube de fãs da Grace Gao – disse Bunty. – Metade dos estrangeiros em Hong Kong querem mergulhar no Lago Gao, e vários bilionários de Singapura e de Xangai já lhe ofereceram a lua. Tanto quanto sei, ninguém entrou ainda no jardim, muito menos pela porta da frente. Ela trabalha 16 horas por dia no hotel e depois vai para casa, para um pequeno apartamento na Grenville House, na Magazine Gap Road... por acaso, não longe de onde tu estás instalado.

– Como é que sabes onde ela vive? – perguntou Nate.

Bunty manteve o rosto inexpressivo. – Por curiosidade, fiz uma investigaçãozinha.

– Por curiosidade?

– O único *hobby* dela é o ioga; vês bem como está em forma. Estuda com um velhote qualquer em Kowloon, e ocasionalmente dá aulas particulares a hóspedes do hotel. Parece que é bastante boa; é yogini de nível três, o que quer que isso queira dizer.

– E não há homens na vida dela, nenhuns mesmo? – perguntou Nate.

– Pá, todos os homens fazem continência quando ela entra pela porta, mas é inabordável – disse Bunty.

– Se eu adivinhasse que «fazer continência» significa «ficar com uma ereção» estaria muito longe do sentido da expressão?

Bunty olhou para o relógio. – Para ianque, aprendes depressa. Só não digas nada à Marigold.

*

Atravessaram a galeria comercial do hotel, passando por montras repletas de produtos em caxemira, pele e ouro, até ao elevador privado do restaurante Felix. As paredes interiores do elevador estavam forradas a painéis de madeira escura esculpidos com fantásticas estrias ondulantes. Enquanto o elevador subia ao vigésimo oitavo andar, as luzes normais ficaram mais fracas e uns pontos azuis, púrpura e vermelhos acenderam-se lentamente, como se eles estivessem a subir a uma mesosfera manchada de tinta. As portas abriram-se para um corredor estreito, também fracamente iluminado com luzes coloridas, e entraram no restaurante, um espaço enorme com pesadas colunas de cor antracite, escadarias luminosas em acrílico que conduziam a bares em andares superiores e janelas de alto a baixo com uma vista magnífica do porto de Victoria, dos zigurates e obeliscos iluminados de Hong Kong, o reflexo de um milhão de luzes a brilhar nas águas escuras do porto.

Marigold Dougherty estava sentada a uma mesa perto da janela e acenou para atrair a atenção deles. Andava pelos 30 anos, era baixa e magra e tinha uma farta cabeleira de cabelo louro aos caracóis, grossas sobrancelhas louras e óculos quadrados à moda. Também ex-surfista, era irreverente e atrevida, com um riso contagioso que revelava os seus dentes brancos e regulares. Deu um aperto de mão firme a Nate e apontou para as cadeiras à mesa.

– Em que rosto te queres recostar? – perguntou Marigold. As cadeiras de aço tubular do restaurante estavam todas forradas a um tecido branco e em cada cadeira havia o retrato estampado de um funcionário sorridente do Península, incluindo o rosto do aclamado *chef* do Felix. Nate riu-se.

– Há uma cadeira com a cara da Grace Gao? – perguntou Bunty. – É a que o Nate quer.

Marigold virou-se para ele. – Oh, não, Nate – disse. – Não me digas que também tu.

Nate encolheu os ombros. – Acabei de a conhecer no bar, mas o Bunty está a confundir desejo sexual com interesse operacional – disse. – Uma vice-diretora-executiva neste hotel poderia ser um ativo útil. Nunca ninguém tentou recrutá-la?

Os australianos olharam um para o outro enquanto se sentavam. Um empregado abriu uma garrafa de vinho.

– Um *bife* da Antena do MI6 tentou, há uns três ou quatro anos – disse Bunty. – Como é que ele se chamava?

– Nigel. Nigel qualquer coisa – disse Marigold.

– Mas não fez progressos – disse Bunty. – A nossa moça parece que andou na universidade na Terra da Toalha Seca. Detesta a Inglaterra – acrescentou.

Nate olhou para Marigold, à espera de uma explicação.

– Toalha seca porque os *bifes* só tomam banho uma vez por semana – disse ela, e riu-se.

– Bem, ela deve ser de uma família com dinheiro, para ter estudado no Reino Unido – disse Nate.

– Ninguém sabe. Os britânicos examinaram-na de perto, e nós também, mas não encontrámos grande coisa – disse Marigold, a analista. – Talvez seja de Foshan, perto de Macau, o que explicaria a sua aparência eurasiática.

– O que, por sua vez, poderia explicar porque é tão reservada – disse Bunty, o agente de caso. – Os chineses são um bocado esquisitos em relação a mulheres mestiças, chamam-lhes *ham shui mui*, «raparigas de água salgada», porque, supostamente, foram concebidas em navios no porto.

– Qual é o nome chinês dela? – perguntou Nate. Era usual que os chineses que lidavam com ocidentais escolhessem um nome ocidental mais fácil de pronunciar.

Marigold abanou a cabeça. – É algo estranho, mas não consigo lembrar-me. Posso procurar amanhã – disse.

– Já basta de falar sobre o delta do Rio das Pérolas – disse Bunty. – Ias perder o teu tempo com ela. Temos de te dar umas informações sobre esta

cena de Macau. Tudo não oficial, pá, por favor.

Nate acenou com a cabeça. – Somos parceiros nesta operação – disse. – Dispara lá.

– A Ponta Romba acabou de receber a Teia do Inverno – disse Bunty. – E o nosso ganancioso general do ELP está no topo da agenda.

Marigold previu a pergunta de Nate. – A Teia é um orçamento trimestral e sessão de planeamento na sede do ASIS. Vem da expressão «as teias enredadas que tecemos» – disse. – E referimo-nos com carinho à nossa sede em Canberra como «Ponta Romba».

– Nós chamamos a Langley o Palácio do Puzzle – disse Nate. – Ponta Romba é melhor.

– Os orçamentos anuais para o serviço sobem e descem consoante os êxitos operacionais – disse Bunty.

– Já para não falar das carreiras dos arrivistas que colhem os louros do que acontece no terreno – disse Marigold. – Temos tido uma longa série de cabrões ao longo dos anos... o Kumquat, o Batateiro Ben Gurion, o Capitão Sujo.

– Também temos essas espécies particulares na nossa Sede – disse Nate.

– Só para que saibas, há uma pressão considerável para fazer da nossa expedição a Macau um sucesso – disse Bunty. – O chefe da secção que gere Hong Kong e Macau... chamamos-lhe FIGJAM... espera um dia tornar-se diretor-geral. Anda sempre em cima de nós, manda-nos dez telegramas por dia, deita-se a adivinhar os nossos planos e, desde que chegaste, tem andado a questionar a tua experiência, proficiência e competência.

– E a tua linhagem – acrescentou Marigold, piscando os olhos a Nate, com o queixo pousado na mão. – Mas dissemos-lhe que ainda não conhecemos o filho da mãe suficientemente bem.

– Isto parece o início de uma bela amizade – disse Nate. – O vosso serviço manda-me de avião a Canberra para a cerimónia de condecoração depois de termos o general no papo?

– Não contes com isso, pá – disse Bunty. – O FIGJAM vai estar a bloquear a porta, a reclamar os louros.

– Mal posso esperar para o conhecer – disse Nate. – O que quer dizer FIGJAM?

– É «fuck I'm great, just ask me»⁵ – explicou Marigold.

– Tens a certeza absoluta de que ele não é da sede da CIA? – disse Nate.

– Só queríamos que soubesses como esta operação é importante para nós – disse Bunty.

– Compreendo – disse Nate. – Só há uma coisa a fazer; vamos trazer a cabeça do general num cesto de verga.

Marigold abanou a cabeça. – Mal consigo entender-te, com esse calão americano todo que usas – disse.

Espirituosos, intuitivos, espertos e competentes – pensou Nate. Sentia-se contente por ter aqueles dois do seu lado, e sabia que podia confiar que o CDA Burns o apoiaria em Langley, fosse qual fosse o resultado da operação. Não sabia o que esperar do general do ELP em pânico; se os seus conhecimentos da língua russa seriam suficientes; se seria convincente na sua abordagem; ou como lidar com o nó górdio da vigilância hostil do MSE. As dificuldades das suas operações internas passadas nas ruas de Moscovo pareciam relativamente simples em comparação.

Nesse momento, Grace Gao atravessou a sala do restaurante, acenando com a cabeça a alguns comensais, conferenciou com o chefe de sala e inspecionou as mesas impecavelmente postas. Se viu os australianos e Nate, não deu sinal disso. Do outro lado da sala, Nate observava os movimentos dela – ligeiros e equilibrados – e como segurava nas mãos certas coisas, uma ementa, um copo para vinho, um guardanapo de linho. Quando se virou de perfil, Nate reparou na ligeira saliência da sua barriga e das suas nádegas, na linha fina do queixo e dos maxilares, no nariz proeminente e direito e nos movimentos para cima e para baixo do *top* que vestia, retesado sobre o seu corpo como um tambor. Não fazia ideia de que estava a ser observada, e, provavelmente, não se importaria. Marigold inclinou-se sobre a mesa para Nate e passou-lhe uma ementa para as mãos.

– Ela realmente não está para aí virada – disse em voz baixa. – Não é recrutável. Está totalmente fechada em si mesma.

– Talvez tenhas razão – disse Nate, erguendo o copo de vinho. – À saúde do general.

COCKTAIL ROLLS-ROYCE DO PENINSULA

Encha um copo misturador com gelo. Deite uma medida de bar de Benedictine, 15 mililitros de vermute Mancino Secco, 15 mililitros de vermute Mancino Rosso e 60 mililitros de gin Tanqueray N.º 10 no copo. Mexa durante dez segundos. Tire um copo gelado do congelador e coe a mistura para dentro dele. Sirva enfeitado com uma casca de laranja.

5 *Fig jam* significa literalmente «compota de figo»; neste caso, é um acrónimo que significa «foda-se, sou o máximo, perguntem-me lá.» (*N. da T.*)

Uma Porta de Barracão Num Furacão

O sinal do agente de Boothby chegou daí a dois dias, mais cedo do que se esperava. Zhong Jian Fang, o tenente-general Tan Furen, da FMELP, aterrara depois da meia-noite no aeroporto internacional de Macau numa aeronave turboélice Xian MA60 da Força Aérea do ELP e foi levado de automóvel para o seu hotel habitual, o Conrad Macao, no istmo de Cotai, um dos três hotéis-casino de luxo a brilhar lado a lado com as suas luzes neon ao longo da movimentada Estrada do Istmo.

O general Tan foi conduzido a uma suite VIP – o seu estatuto de general do ELP dava-lhe direito a ser tratado no casino como cliente de alto coturno – e, depois de uma hora no quarto com uma acompanhante favorita da África do Sul conhecida como «Air Jaws», desceu ao piso do casino, onde, às últimas horas da madrugada, perdeu mais 50 mil dólares a jogar vinte-e-um e *fantan*, uma variante chinesa obscura de roleta. Como de costume, o seu entusiasmo pelo jogo foi subitamente eclipsado por visões do muro de execução, e chamou o agente de Boothby à sua suite às cinco da manhã para lhe suplicar que combinasse um encontro com o seu «amigo» russo, que, esperava o general, acederia a tornar-se seu benfeitor. Havia urgência, balbuciou o general, porque nessa noite os funcionários do casino tinham mostrado uma relutância acentuada em lhe conceder crédito, uma indicação de mau presságio de que o escândalo estava ao virar da esquina.

O agente de Boothby – o seu criptónimo era CAESAR – enviou imediatamente uma mensagem, *yǒu yuán qiān lǐ lái xiāng huì*, para o telemóvel anónimo de operações de Bunty, sendo que o provérbio chinês significava «O destino aproxima as pessoas, por mais longe que possam estar». Era o sinal de que o encontro com o general no restaurante Fernando's na praia de Hac Sa se realizaria nessa noite às 19 horas. Uma série de telegramas operacionais às seis da manhã, hora local, para Camberra (onde eram 8 horas) e para Langley (seis da tarde do dia anterior) manteve os canais encriptados a brilhar com um vermelho cereja ao

longo de toda a manhã. O chefe da ASIS para o Sul da China, FIGJAM, ditou uma série de telegramas implicativos e inúteis com avisos sobre «emboscadas e provocações», enquanto que o chefe das Operações da China da CIA, Elwood Holder, enviou uma mensagem de uma linha, «Boa sorte, boa caçada». Sem se deixar ficar atrás, o chefe da Contrainformação da CIA, Simon Benford, enviou um telegrama sucinto, a dizer simplesmente «Assustem-me». Começava o jogo.

Bunty e Nate encontraram-se no terminal dos *ferries* para Macau em Kowloon às 10 horas da manhã e embarcaram no hidrofólio vermelho escuro para a viagem de uma hora que os faria passar por ilhas redondas como pães doces no Mar da China do Sul, com os seus picos envoltos numa neblina húmida. Os dois agentes entraram discretamente no barco por entre uma multidão de passageiros chineses tagarelas, e sentaram-se separados em assentos parecidos com cadeiras de avião, com proteções de tecido no encosto da cabeça, a escutar os ilhós nos painéis acima deles a estremecerem com a vibração enquanto o hidrofólio vogava num mar completamente calmo, deixando um rabo de galo feito de espuma atrás de si. Nate vestia um fato de verão ligeiro e uma camisa com um colarinho grande e bicudo; tinha no bolso uma gravata estampada com um padrão que provocava vertigens, do tipo preferido por agentes russos em todo o mundo pouco a par de questões de moda. Acamara o seu cabelo escuro com uma brilhantina perfumada que Marigold lhe fornecera, e usava óculos com armação de metal e lentes ligeiramente fumadas. O leve disfarce torná-lo-ia menos identificável.

Tiveram o cuidado de sair do terminal em Macau no meio do mesmo grupo de turistas e percorreram vários quarteirões antes de mandar parar um táxi que passava por acaso na rua. Com Bunty a falar chinês razoavelmente, contrataram o taxista para esse dia e seguiram numa excursão para ver as vistas, atravessando várias vezes a ilha de Taipa, com os seus 30 quilómetros quadrados, à procura de indicadores de vigilância. Pararam no pavilhão do Panda Gigante de Macau, seguiram por uma estrada de montanha cheia de curvas pela floresta tropical até à A-Ma Cultural Village, e depois desceram para sudoeste para a vila colonial portuguesa de Coloane e passearam por entre as casas e as lojas pintadas em tons pastéis, acabando na pitoresca Praça Marques Eduardo, com uma calçada de pedras pretas e brancas num padrão de ondas, um vestígio do passado marítimo da colónia.

Entraram nos recantos frescos da capela de São Francisco Xavier, pintada de amarelo canário, com a abside azul forte pintada com nuvens e gaivotas. Nate espreitou por uma janela e estalou os dedos para chamar discretamente a atenção de Bunty.

Um chinês baixo, de calças pretas e camisa branca, estava sob um arco da arcada da praça, o primeiro «possível» que viam nesse dia. Até ao momento, inconclusivo, mas havia tempo para lhe esticar um pouco a corda para ver o que ele faria. Passearam pelas ruas estreitas da vila, inverteram a marcha duas vezes e entraram em três lojas, mas o homem não voltou a aparecer. Seria um avistador? Haveria uma equipa maior a observar das laterais? Estariam metidos numa *garrafa* sem saberem? Como poderia uma ação de vigilância ser assim tão boa? Era o inferno familiar de deteção de vigilância, não ver nada, não saber. Restava avançar.

De novo no táxi, contornaram a ponta sul da ilha, passando por praias vulcânicas em baías em forma de ferradura de cavalo, e depois saíram da estrada principal para uma estrada cheia de curvas com o piso em mau estado e seguiram até à Capela de Nossa Senhora das Dores. – Apropriado como o caraças – murmurou Bunty, com a camisa colada às costas. Ao contrário do pavilhão do Panda, esta clareira no cimo do monte estava deserta. Não apareceram nenhuns veículos, nenhuns peões surgiram de entre as árvores. Deixando o taxista no parque de estacionamento, Bunty e Nate seguiram um caminho de cimento sinuoso e invadido por vegetação que levava ao interior da selva, e daí a três minutos chegaram a uma clareira onde havia um grupo de cinco casas em ruínas no estilo colonial português, com colunas e pórticos e uma vista magnífica do mar lá em baixo. Escadarias de pedra partida conduziam a alpendres a desmoronar-se e a lintéis caídos. As caixilharias rachadas das janelas estavam cobertas por trepadeiras. Os interiores em ruínas estavam verdes do musgo e da humidade no ar acre. A casa do meio no semicírculo das cinco moradias tinha uma balaustrada rachada ao longo de um alpendre em tempos elegante, com ferros enferrujados a despontarem do cimento rachado. Havia uma grande urna ornamental de pedra num dos lados da porta principal rachada, com o seu par há muito derrubado e esmagado. Bunty e Nate olharam atentamente para a urna funda e depois olharam um para o outro. –

Um bom local secreto para deixar alguma coisa – segredou Nate, e Bunty

acenou com a cabeça. Dispunham agora pelo menos de um desses locais em Macau para usarem com o general.

De regresso ao táxi, Bunty fez uma pergunta sobre as cinco moradias abandonadas na selva. A pergunta provocou uma longa explicação em chinês pelo taxista agitado, que por várias vezes se virou no assento para olhar para os seus passageiros, geralmente quando o táxi ia fazer uma curva apertada, explicação essa acompanhada por um esfregar violento das mãos e uma pantomima notavelmente exagerada de espirros violentos. Bunty recostou-se no assento e riu-se.

– O que é que tem tanta graça? – perguntou Nate. – O que é que ele disse?

– Meu Deus, o raio deste sítio foi uma colónia de leprosos nos anos 1920 – disse Bunty. – O taxista sugeriu que lavássemos as mãos antes de jantar.

*

– *Dobry vecher*, boa noite– disse Nate, com os seus óculos de lentes fumadas postos. – Chamo-me Dolgorukov. – Sentia-se como Peter Lorre num filme de espões, com um cigarro entre o polegar e o indicador.

O general Tan sentou-se na sala quase vazia do restaurante Fernando's. As 12 mesas estavam postas com toalhas vermelhas, pratos de barro e jarros de água com uma pega grande. As cadeiras de encosto alto eram de ratã entrançado e rangiam no chão de tijoleira. Bunty sentou-se a uma mesa do outro lado da sala, por trás do general e à vista de Nate. Tinham combinado dois sinais simples: se Bunty batesse no mostrador do seu relógio de pulso significaria que Nate devia dar o jantar por terminado nos 15 ou 20 minutos seguintes; se Bunty, no entanto, imitasse o gesto de partir um pauzinho chinês com as mãos, significaria alguma espécie de emergência e Nate terminaria imediatamente o contacto e empurraria o general pelas portas da varanda, atravessaria com ele o pátio de lajes com uma pérgola e o levaria para a praia Hac Sa, onde o agente de Bunty, CAESAR, o enfiaria no seu carro e abandonaria a zona com ele.

Depois de um interminável dia às voltas, com temperaturas a chegar aos 30 graus e 90 por cento de humidade, os agentes sentiam-se cansados e pegajosos, mas provisoriamente seguros de que não tinham sido seguidos.

Pagaram ao taxista e sentaram-se fora de vista num banco junto à praia, à espera da hora do jantar. Passaram em revista o que tinham discutido em pormenor vários dias antes no consulado australiano. No seu papel de agente explorador do SVR, Nate precisava de manter um equilíbrio delicado – tinha de ser compreensivo e mostrar que entendia a importância de permitir ao general sair-se airosamente, ao mesmo tempo que o informaria com uma rudeza russa pura e dura que a sua salvação financeira tinha um custo. Os «superiores» de Nate só disponibilizariam o dinheiro quando recebessem informações classificadas sobre as Forças Mísseis do ELP, e só depois de essas informações serem validadas por especialistas em Moscovo.

O agente de Bunty, CAESAR tinha sido instruído para sugerir ao general que uma oferta preliminar de segredos das FMELP não só demonstraria boa-fé e prepararia o terreno para um acordo, mas também eliminaria atrasos perigosos. – *Qiān lǐ sòng é máo* – dissera CAESAR ao general, «traga uma pena de cisne de mil milhas de distância», um presente insignificante que, no entanto, indica a sinceridade de quem o oferece. O general, agora com uma dívida aproximada de 1,1 milhões de dólares, compreendeu a mensagem.

Nate memorizara também uma curta lista de requisitos prioritários formulada pelos analistas do Departamento de Defesa sobre as Forças Mísseis do ELP, uma sopa de letras das armas chinesas que mais preocupavam o Pentágono: o míssil de cruzeiro de longo alcance CJ-10, com as suas barbatanas peitorais como as de um tubarão; o veículo hipersónico sem motor WU-14; o míssil balístico lançado de submarinos JL-2; e o míssil balístico intercontinental DF-41, com 20 metros de comprimento, tão grande como uma chaminé de uma fábrica quando colocado na vertical no seu lança-mísseis móvel.

Houvera um debate vigoroso entre a chefia da CIA e a do ASIS sobre a melhor maneira de «preparar o anzol» para garantir que o general se tornaria uma fonte de informações regular. FIGJAM insistia que fosse dado apenas meio milhão de dólares ao general inicialmente, para manter um controlo positivo. O chefe das Operações da China, Holder, argumentou que era de importância crítica que a malfeitoria do general fosse encoberta tão rapidamente quanto possível: – Se o uso indevido que fez de fundos oficiais for descoberto, a carreira dele como fonte de informações chegará

imediatamente ao fim, é a conclusão óbvia. Quanto a controlo positivo – acrescentou Holder –, ele roubou dinheiro ao ELP; tem um contacto não declarado com o que julga ser um agente dos serviços de informação russos; aceitou o nosso dinheiro; e forneceu informações classificadas em troca. O anzol está bem preparado. Ele não está em posição de renegar o acordo. E o Nash vai recordar-lhe esse facto sem grande diplomacia. Podemos dar-lhe a mala cheia de dinheiro. – Com o tempo a esgotar-se, FIGJAM acabou por concordar com relutância, mas não antes de dizer que não seria culpa sua se resultasse em fracasso.

O general Tan Furen era baixo e entroncado, com o tom de pele moreno de sulista de Guangzhou. Tinha um rosto espalmado e curtido, com um nariz largo e uma boca de lábios finos. O seu cabelo de um preto retinto estava cortado curto dos lados e era farto mas achatado no topo da cabeça, o que acentuava ainda mais a sua cabeça quadrada. Estava com um fato que lhe caía mal, uma camisa branca bem engomada e uma gravata vermelha. Agarrou a beira da mesa com ambas as mãos e olhou para Nate, claramente a debater-se com a dificuldade de uma situação em que se sentia subordinado a um homem muito mais novo.

– O nosso amigo comum diz-me que o senhor se deparou com um infortúnio que não é inteiramente da sua responsabilidade – disse Nate, num russo cheio de floreios, mantendo a voz baixa para o general ter de o escutar atentamente. – É uma pena que um líder da sua patente e prestígio tenha sido posto nesta posição por usurários sem escrúpulos. Acedi a encontrar-me consigo para lhe oferecer qualquer assistência, e para declarar a minha grande admiração pelo seu país. – O general Tan acenou com a cabeça uma vez, a examinar o rosto de Nate. *A manter a dignidade. A culpa não é tua, seu velho punheteiro.*

– Pode ajudar-me? – perguntou o general.

Nate serviu um copo de água do jarro ao general, um ato de respeito. – Os meus superiores em Moscovo encarregaram-me de encontrar uma solução para os seus problemas – disse Nate.

– Está a par do montante?

Nate acenou com a cabeça, sugando os dentes, como se estivesse entediado. – Que divisa é preferível? – perguntou. – Renmibi, euros, dólares? – O general Tan piscou os olhos. Aquilo era demasiado fácil.

Esperara que os russos tentassem *li yong ruo dian*, explorar as suas vulnerabilidades.

– Servem dólares – disse o general em voz baixa. A taxa de câmbio do *yuan* chinês render-lhe-ia um pequeno extra para meter ao bolso.

– Comunicarei o seu pedido ao Centro – disse Nate, magnânimo. – Poderíamos encontrar-nos de novo daqui a, digamos, 30 dias.

A cabeça do general ergueu-se subitamente. *Aí vem o negócio, aí vem o freio nos dentes.*

– Trinta dias! – exclamou o general Tan. – Isso é inaceitável. Quero dizer, é problemático. O tempo urge, nesta situação.

Um empregado de mesa trouxe dois pratos cheios de *ayam masak madu*, frango com pimenta e mel à moda indonésia, aromatizado com caril, gengibre e canela, e duas garrafas de cerveja gelada Zhujiang. Ignorando o general, Nate/Dolgorukov começou a comer, molhando um pedaço de pão rústico no molho picante. Com o seu prato intocado, o general Tan olhava para Nate, com uma linha de suor no lábio superior. O empregado aproximou-se e perguntou se havia algum problema com a comida do general. O general ripostou em chinês, ordenando-lhe que se afastasse da mesa. Inspirou profundamente e combateu o impulso de berrar a Nate.

– Sabe, camarada, preocupa-me que, com a passagem do tempo, certas irregularidades possam ser descobertas. Fui levado a crer que era possível uma resolução rápida da situação. – O general Tan limpou o suor do lábio. Nate pousou o garfo.

– Uma resolução rápida?

– Sim – disse o general. – A minha posição é algo precária.

– Compreendo isso – disse Nate. – E estou confiante de que se põe a hipótese de uma ação rápida se eu conseguir assegurar ao Centro com toda a confiança que pode ser acordado entre as partes um protocolo mutuamente benéfico. – Estava a esforçar-se por ser tão pomposo em russo quanto possível. O domínio da língua russa de Tan era básico, se tanto.

– Pode, pode – disse o general. *O momento da verdade.*

– Está atualmente ao serviço das Forças Mísseis do Exército de Libertação do Povo?

– Estou – respondeu o general Tan em voz baixa. Sabia o que estava para vir.

– Há grande interesse em Moscovo relativamente às FMELP – disse Nate. – A disposição de ativos, investigação e desenvolvimento, doutrina estratégica. Podia prosseguir, mas espero que possa providenciar discretamente informações oficiais, informações explícitas, sobre tópicos de interesse para Moscovo.

– Isso é fácil – disse o general, claramente pouco à-vontade. – Prevendo um tal pedido, tomei a liberdade de trazer uma amostra. – Tirou um cartucho de plástico do bolso interior do casaco e passou-o sobre a toalha a Nate. – É uma fita magnética de armazenamento dos arquivos, uma visão geral das operações, da liderança e dos programas de desenvolvimento de armas da unidade. – Nate já vira este tipo de cartucho de armazenamento de dados; numa etiqueta de lado podia ler-se IBM 3590.

– É uma oferenda bem-vinda e providente – disse Nate, metendo o cartucho ao bolso. – Precisa que lhe seja devolvida? – O general abanou a cabeça. – É claro que os nossos especialistas em Moscovo quererão avaliar a informação. – *Só para o caso de estares a tentar dar-nos gato por lebre, seu velho rinoceronte.*

– Julgo que o seu pessoal em Moscovo vai ficar satisfeito com o conteúdo – disse o general. – Tem dados sobre o armazenamento e a gestão de armas na Base 22 na cordilheira de Qinling, na Província de Qinghai, perto da cidade de Xian. – *Meu Deus* – pensou Nate –, *armazenamento de armas nucleares chinesas.* – Mas perdoe-me se eu insistir que o tempo é de importância crítica. – Como se o tivesse ouvido, do outro lado do restaurante Buntz bateu no mostrador do seu relógio de pulso. Estavam no restaurante há 90 minutos; era hora de dispersar.

– Os especialistas em Moscovo passarão imediatamente em revista o conteúdo da fita – disse Nate, e bebeu o último gole da sua cerveja. – Se for satisfatório, indicá-lo-ei ao nosso amigo mútuo e encontrar-me-ei consigo no pavilhão no extremo norte desta praia amanhã à noite, com uma mala que, verás, pesa bastante. Nessa altura, falaremos sobre a maneira como continuaremos a encontrar-nos, a informação *perecível*, não de arquivo, que requeremos, e o salário substancial que proporei ao Centro, para além deste «bónus introdutório», para manter a sua amizade. É satisfatório? – O general acenou com a cabeça, por um lado aliviado por, provavelmente, poder evitar uma acusação de corrupção e malfeitoria, mas, por outro lado,

engolindo a noção pesada como chumbo de que, no decurso de um jantar de frango picante, se tornara um traidor do Estado.

Foi assim que o tenente-general Tan Furen das FMELP – encriptado em conjunto como SONGBIRD⁶ pelos chefes nas sedes de Canberra e Langley – se tornou a mais prolífica fonte de informações sobre as forças armadas chinesas na história das Operações da China. FIGJAM foi posto na lista final de seleção de vice-diretor-geral do ASIS; o agente de caso do ASIS George Bunty Boothby obteve uma promoção de dois graus e ficou noivo de Marigold Dougherty; a Antena da CIA em Hong Kong recebeu um louvor; e Nathaniel Nash foi condenado à morte pelo comité central do Partido Comunista da China.

O problema era que Nash ainda não o sabia.

*

– É um diamante verdadeiro? – perguntou Nate, erguendo a mão de Marigold diante do seu rosto para admirar o anel dela. – O que é essa descoloração dentro da pedra? Mandaste avaliar o anel? – Marigold riu-se e Bunty mostrou a Nate o dedo médio em riste.

Tinham passado dez dias desde Macau. Estavam a tomar uma bebida no The Bar no restaurante Felix, um bar circular num plano elevado com assentos almofadados a pele bege e janelas curvas com vista para o porto de Hong Kong, para celebrar a transferência de SONGBIRD para uma equipa de contacto conjunta do ASIS e da CIA que implementou o novo sistema de comunicação por satélite BRAINBAG, para permitir a SONGBIRD transmitir gigabytes de informação do conforto do seu novo gabinete em Beijing no *Zhōnghuá Rénmín Gònghéguó Guófāngbù*, o Ministério da Defesa Nacional da República Popular da China, onde fora recentemente nomeado inspetor-geral, um posto que lhe dava acesso ilimitado a todas as facetas da força militar chinesa. Não que importasse, mas o general Tan continuava a acreditar que estava a transmitir as informações aos fraternais aliados comunistas em Moscovo – até mesmo o transmissor do BRAINBAG tinha interruptores e teclas identificados em cirílico.

A introdução oportuna de um sistema de comunicações por satélite felizmente aliviara Nate das responsabilidades do contacto pessoal com SONGBIRD em Macau. Nate planeava acabar de preencher a papelada e

concluir a sua missão não oficial em Hong Kong daí a uma semana. O futuro era incerto: podia regressar a Londres para terminar a sua comissão de serviço, aguardar outra missão ou ficar encalhado no Palácio do Puzzle. A decisão caberia a Simon Benford. Com o recrutamento de SONGBIRD, presumivelmente a opinião de Benford sobre Nate melhoraria. Isso poderia querer dizer que voltaria a ser nomeado para o caso DIVA? Benford permitir-lhe-ia ver Dominika? Ou a quarentena manter-se-ia, com ele a ser destacado para algum lugar longe das operações da Rússia, para evitar até mesmo a mais remota possibilidade de um reencontro com ela? Pensou vagamente em solicitar um destacamento para uma Antena doméstica – tinha visões de Agnes numa rede em Palos Verdes – ou talvez perder-se na Divisão da América do Sul.

Viu o rosto de Marigold alterar-se e, quando se virou, viu a vice-diretora-executiva Grace Gao de pé ao lado da mesa deles. Trazia um vestido preto justo, de malha canelada, com gola alta e mangas compridas justas, que revelava apenas ligeiramente menos das suas curvas alongadas do que se ela se tivesse enfiado nua em molho de chocolate. Trazia o cabelo apanhado, a revelar umas argolas finas de prata, e uma pulseira de prata chinesa antiga, com pedras de coral cor de salmão, no pulso esquerdo. Os seus lábios brilhantes estavam da cor de toranja cor-de-rosa.

– Vejo um anel? É uma celebração? – perguntou Grace. – Permitam-me que vos ofereça uma garrafa de champanhe. – Acenou para o empregado do bar que estava por trás do balcão em forma de donut e depois olhou para Nate. – Muito me apraz vê-lo de novo no Península. Por favor, diga-me se precisar de alguma coisa, Mr.... – Nate sorriu.

– Nash, mas por favor chame-me Nate. O hotel é magnífico – disse. – Faz um ótimo trabalho a dirigi-lo.

Grace sorriu. – Orgulhamo-nos muito do «Pen» – disse. – Conhece a história do hotel? Talvez eu possa fazer-lhe uma visita guiada um destes dias.

– Gostaria imenso – disse Nate.

– Telefone à minha assistente quando lhe convier – disse Grace. Dirigiu um sorriso à mesa, virou-se e saiu do bar. Silêncio total. Marigold e Buntly estavam a fitar Nate, tentando não se rirem.

– O que foi? – perguntou Nate.

– Foi uma grande mudança de comportamento – disse Marigold. – Subitamente, ela gosta de ti.

Nate abriu os braços. – Não custa acreditar. Finalmente caiu em si, é tudo.

– Isso seria uma cena atrevida, pá – disse Bunty.

– E isso significa?

– Fazer sexo quando é realmente uma má ideia – explicou Marigold.

– Estou a pensar em recrutá-la, não em seduzi-la – disse Nate, todo superior e moralista.

– Pensei que era a mesma coisa – disse Marigold.

– Ouve, Nate – disse Bunty. – Não te sei dizer ao certo o quê, mas há algo de estranho na jovem Grace; ela pode ser uma daquelas que mete o coelhinho de estimação na panela, como naquele filme maluco, como é que se chamava, *Atração Mortal* ou *Fatal*? Porquê arriscar? Vais-te embora de Hong Kong em breve; deixa-me apresentar-te à Rhonda, do nosso escritório. É uma funcionária administrativa. Tem cabelo ruivo. É muito divertida. Pina como a porta dum barracão numa tempestade.

Marigold resmungou, sacudiu a cabeça e estendeu a mão, a mexer o dedo anelar. – Os homens são uns porcos. Toma lá o teu anel.

Bunty ignorou-a.

– Toma cuidado – pediu Bunty. – É só o que te digo.

– Eu só estou a pensar no trabalho – disse Nate.

– Lá está ele com o calão americano – comentou Marigold.

AYAK MASAK MADU – FRANGO PICANTE COM PIMENTA E MEL

Polvilhe coxas de frango com curcuma, sal e pimenta; coloque num tabuleiro de ir ao forno e asse. Num wok frite pasta de piripiri, pasta de tomate, alhos cortados, gengibre, caril em pó, anis, canela, mel, sal e água até sentir a fragrância. Adicione cebolinho e cebolas cortadas em rodela e envolva. Adicione o frango e deixe cozer até o molho ficar espesso e as cebolas tenras. Sirva com arroz.

Opção do Fim do Mundo

O recrutamento da fonte SONGBIRD das FMELP e o fluxo de informações secretas subsequente sobre as capacidades bélicas da China desencadearam a usual corrida aos louros, com os carreiristas de Washington e os arrivistas em Camberra a procurarem extrair o máximo de vantagens políticas daquele inesperado recrutamento. Fizeram-no primariamente, discutindo o caso – sobre o qual não sabiam nada – por toda a parte, como se eles próprios tivessem concebido, planeado e dado luz verde à operação e tivessem pessoalmente ido a nado até à praia de Hac Sa à meia-noite com facalhões de comandos entre os dentes.

A Divisão das Operações da CIA na China procurou proteger a identidade de SONGBIRD compilando uma lista a elencar o número limitado de agentes, analistas e gestores com acesso ao ficheiro operacional. Foi estabelecido um compartimento de contacto separado, encriptado HYACINTH, com informações gerais sobre as forças armadas chinesas de uma variedade de fontes, concebido para ocultar o posto específico e o acesso a informações de SONGBIRD.

Em Camberra, um subsecretário australiano de Segurança Interna ouvira falar vagamente sobre «informações excepcionais recentes» que envolviam submarinos chineses, e repetiu o comentário numa receção no Dia Nacional na embaixada indonésia, comentário esse que foi ouvido pelo correspondente da agência noticiosa New China, que estava tentar abrir caminho por entre diplomatas a acotovellarem-se para chegar à mesa dos comes e bebes. O jornalista da New China comunicou o que ouvira ao adido militar da embaixada da China no dia seguinte.

Em Washington, um homem moreno e todo emproado que era vice-conselheiro de segurança nacional na Casa Branca, conhecido pela sua barba cerrada e uma autoconfiança imperiosa, disse à sua amante de Taiwan – ela pertencia a um grupo de pressão em Capitol Hill a favor do grupo Hyunday – que a sua disfunção erétil nessa noite quase de certeza

fora causada pela preocupação com o aumento da presença militar chinesa no Mar do Sul da China. – Isso não é novidade nenhuma – disse ela, e meteu o Sr. Molengão na boca, sem nenhum efeito a não ser o de provocar um petulante – Não, é informação novinha em folha, e tu também estarias desconcentrada se tivesses lido o que eu li. – A amante transmitiu o comentário dele na manhã seguinte ao seu verdadeiro empregador, a *Zhōnghuá Minguó Guójia Anquánjú*, a Agência de Segurança Nacional da República da China (Taiwan), um serviço de informações tão totalmente penetrado pelo MSE que a informação já estava em Beijing na manhã seguinte.

Por volta da mesma altura, em Macau, a polícia prendeu um gangue local de jovens que fora apanhado a contrabandear MDMA – Ecstasy – de Guangzhou para vender a clientes dos casinos que quisessem divertir-se. Desesperado por cair nas boas graças dos seus interrogadores, um dos homens – um empregado de mesa do restaurante Fernando’s na praia de Hac Sa – disse que suspeitava que já havia gangues de crime organizado russo a operar em Macau, e descreveu um encontro ao jantar que observara entre uma personalidade chinesa com um corte de cabelo de estilo militar e um jovem russo. Dada a ligação russa, a polícia enviou a transcrição do interrogatório para a delegação do MSE em Guangzhou, de onde acabou por ser expedida para a sede.

Em Beijing, o *Bao mi dan Wei*, o Gabinete de Proteção de Segurança do MSE, reuniu as peças e concluiu que havia uma toupeira no Exército de Libertação do Povo, uma toupeira possivelmente recrutada há pouco tempo e possivelmente pelos americanos ou os australianos. Questionaram a aparição única de um russo, levando os agentes mais cínicos da unidade a aventar a hipótese de o SVR estar agora a colaborar com a CIA contra a China. Esta teoria foi rejeitada, mas o chefe do MSE em Moscovo, o general Sun Jianguo, recebeu instruções para abordar o seu contacto do SVR para determinar de uma vez por todas se os russos tinham qualquer envolvimento no caso.

Enquanto explorava as poucas pistas de que dispunha, o Gabinete de Segurança verificou todas as deslocações de oficiais gerais do ELP ao estrangeiro. Embora Macau fosse oficialmente território soberano chinês, um investigador da delegação do MSE de Guangzhou foi destacado para descobrir quantos generais e almirantes tinham viajado para Macau nos

últimos seis meses. A lista de nomes extraordinariamente destacados de oficiais do ELP era tão longa que a delegação de Guangzhou, com toda a sua independência de pensamento, decidiu não comunicar nada. O nome de SONGBIRD, por consequência, não chegou a aparecer.

*

Dominika estava sentada na sala de reuniões no centro de recepção de ligação na Sede do SVR em Yasenevo, a recordar a si mesma que não devia balouçar o pé em frente ao general Sun. Estava uma travessa com *salaka*, peixe fumado em pão barrado com manteiga rematado por queijo derretido, em cima da mesa entre os cadeirões, juntamente com um jarro de *kompot*, uma bebida fria à base de fruta que era habitual na sala de ligação, com a vodka a ser reservada para ocasiões mais cerimoniais.

Na sequência da ordem do presidente para que a coronel Egorova estabelecesse uma relação com o MSE, ela já se encontrara com o obsequioso general três vezes, uma delas para almoçar, mas a conversa nunca fora além das formalidades habituais e de assuntos sem importância. Precisava de envolver mais este trémulo avozinho chinês, mas ainda não fizera progressos. Dominika avaliara o general de cada uma das vezes para tentar identificar as suas motivações, descobrir as suas vulnerabilidades, farejar fraquezas – mulheres, uísque, dinheiro – mas não encontrava nada. As tentativas de o levar a dizer quem eram os seus contactos em Moscovo e descortinar se estava envolvido em operações clássicas de recrutamento também não deram resultado. A sua aura amarela não se alterava substancialmente com os seus estados de espírito.

– Bom dia, Coronel – disse o general Sun. – Obrigado por se encontrar comigo tão em cima da hora. Peço desculpa pela urgência do meu pedido. –

Envergava a sua farda verde, com um modesto bloco modesto de fitas ao peito e três estrelas de um amarelo vivo nos ombros, do mesmo tom do halo constante e imperturbado por trás da sua cabeça. Como habitualmente, o seu olhar não se demorou no peito ou nas pernas de Dominika – nunca houvera o mínimo sinal de um interesse licencioso – e ela pusera de lado, para já, a ideia de preparar um «empurrão» ao general com uma Pardal.

– É sempre um prazer vê-lo, General Sun. – Em que posso servi-lo?

– A questão é delicada e embaraçosa – disse Sun. – As nossas unidades de contrainformação descobriram indicações não comprovadas de que, recentemente, um oficial de alta patente do ELP pode ter sido alvo de recrutamento por um serviço desconhecido.

– Isso é sempre um desenvolvimento preocupante – disse Dominika. O general juntou e separou as mãos. Dominika forçou-se a manter o pé imóvel.

– Custa-me até abordar o assunto, mas existem relatos não comprovados de um possível encontro entre um oficial chinês e um jovem russo em Macau. Nada está comprovado; só temos uma testemunha ocular.

– Qual é a sua questão, General? – perguntou Dominika num tom calmo.

– Perdoe-me, mas devo perguntar-lhe oficialmente, na sua qualidade de Chefe de Contrainformação, há operações de recrutamento do SVR na China?

Dominika manteve o rosto impassível enquanto o pensamento lhe fervilhava no estômago, rastejava pela sua coluna acima e dava a volta ao cimo da sua cabeça. *É o Nate – pensou. – Tenho a certeza, sinto-o, é uma tentativa de recrutamento de bandeira falsa, o Benford está por detrás dela, estão a fazer os seus velhos truques, um agente da CIA a abordar um oficial chinês como se fosse russo. Muito obrigada, colegas, podiam ter-me avisado, mas isso nunca aconteceria, nem num milhão de anos.*

– General, posso responder com total honestidade que não há operações humanas do SVR na China ou contra os interesses chineses seja onde for – disse Dominika. Tecnicamente, estava a falar verdade: não havia nenhuma operações de recrutamento *humano* a decorrer, mas isso não incluía os vastos programas russos de recolha de informações SIGINT e ELINT ao longo da fronteira setentrional da China e da costa do Pacífico no Extremo Oriente. O general Sun sorriu. Tinha consciência da distinção e reconheceu o carácter evasivo da resposta de Dominika.

– Pessoalmente, nunca o pensei – disse. – Mas tinha de fazer a pergunta. Por favor, perdoe-me a pressuposição. – O seu halo amarelo mantinha-se constante.

– Mas o vosso problema de contrainformação mantém-se – disse Dominika. – Quais são os vossos próximos passos?

– Com a muito bem recebida confirmação de que o seu serviço não está envolvido, podemos avançar para a investigação de outras possibilidades –

disse o general.

– Tem outras pistas que possa seguir?

O general inclinou-se para a frente no cadeirão. – Sim, uma em particular à qual creio que pode prestar-nos assistência. Há várias semanas, alguns ativos em Hong Kong comunicaram a chegada de um agente da CIA numa missão temporária, algo pouco usual, e que coincidiu aproximadamente com o período em que se realizou o contacto duvidoso entre um oficial chinês desconhecido e um russo não identificado. – *Bozhe moy, meu Deus, já estão de olho no Nate* – pensou ela. – *A contrainformação chinesa é insidiosa. Continua à pesca, tens de obter o máximo possível de informações.*

– Não temos nenhuma informação sobre esse agente – disse Sun. – Aparentemente, nunca operou contra a República Popular, mas atrevo-me a solicitar informações ao SVR, no caso de terem um dossiê sobre ele. Beijing gostaria de passar em revista a biografia dele, a sua história operacional e, o mais importante de tudo, se fala russo. *O delo formulário do Nate, o dossiê operacional, ocupa cinco volumes, vai fazer andar à roda a cabeça do MSE. Reage agora* – pensou –, *tens de concordar, nenhuma outra reação é possível.*

– É claro, General – disse Dominika. – Por favor, envie-me o nome desse tal americano e eu encarrego-me pessoalmente de averiguar exaustivamente o que temos sobre ele.

– Obrigado, Coronel – disse o general.

– E que medidas tomarão? – perguntou Dominika.

– A nossa prioridade, evidentemente, é identificar o traidor. Se o agente americano da CIA recrutou de facto um agente, sabe o nome dele. Beijing instruiu um dos ativos para desenvolver uma relação com o americano, para tentar obter o nome do vira-casacas.

– Não vai ser fácil – disse Dominika. – Pela minha experiência, os americanos são disciplinados e cautelosos. – *Ironia das ironias* – pensou Dominika. – *Há cem anos, fui enviada para obter de Nate o nome de Korchnoi. Veja-se no que deu.*

– Os nossos operacionais são muito eficientes – disse ele. – Já ouvi falar do seu serviço e dos métodos que usa, por isso sei que compreenderá. Não são os únicos a empregar aquilo a que, creio eu, chamam Pardais.

– Pardais – repetiu Dominika, engolindo em seco. – Foram eficazes no seu tempo. A atração sexual pode ser um potente instrumento, mas os tempos mudaram e os métodos têm evoluído ao longo dos anos.

– Muito interessante. Mas aos nossos Pardais... chamamos-lhes *Zhènniao*... pede-se por vezes que desempenhem funções para além da mera sedução e coerção – disse o general. Dominika sentiu o pé a balouçar.

– *Zhènniao* significa «ave de pena venenosa» – disse o general. – Remete para uma mitologia antiga.

– O que está a querer dizer? – perguntou Dominika.

– Quer a nossa operacional seja bem-sucedida a obter do agente da CIA o nome da toupeira quer não, a cumplicidade dele é clara – disse o general. –

Ser-lhe-á ordenado que assassine o americano. É altamente treinada nas capacidades requeridas para tal. – *Maravilhoso. Uma assassina chinesa à solta, o raio de uma ave de pena venenosa, o que quer que isso seja.*

– O General é quem conhece melhor os vossos procedimentos – disse Dominika num tom casual, sentindo o coração a bater por trás dos olhos. Estava a tentar dissuadi-lo delicadamente, mas sem efeito. – Poderia mencionar que há muito que observamos uma regra implícita segundo a qual não aplicamos violência contra agentes adversários. Consideramo-lo contraproducente e dispendioso.

– Compreendo. Infelizmente, o resultado dessa política de contenção não foi, como sabemos, impedir a dissolução da União Soviética, uma sombria lição histórica de que o nosso comité central tomou nota – disse o general, exibindo uma franqueza pouco característica. – Acreditamos que é salutar enviar ocasionalmente uma mensagem dramática ao inimigo para deter futuras ações ofensivas, especialmente dentro da China.

– Não estou convencida de que seja um procedimento avisado – disse Dominika.

O general encolheu os ombros. – Beijing insiste – suspirou. – Mas eu gostaria de propor algo um pouco fora do comum.

– Tem toda a minha atenção – disse Dominika.

– Consideraria a hipótese de vir à China, a Hong Kong, para nos aconselhar sobre a fase de contrainformação da operação, a armadilha contra o americano? O seu serviço tem muitos anos de experiência a operar contra a América e os americanos, especialmente a CIA. Aguardaríamos

com expectativa a sua orientação e, claro, o intercâmbio de métodos e técnicas. Seria a convidada especial do ministro.

O que era isto? Uma armadilha de contrainformação intrincada? Alguma maneira de a ligar a Nate, uma tática tripla de Gorelikov para a incriminar? *Não sejas paranoica, a tua segurança está intacta.* Estes chineses eram insidiosos e complicados, mas não estúpidos. Um raro convite para ir à China observar as operações do MSE seria um triunfo. Putin ficaria maravilhado com a astúcia e a habilidade dela; nenhum agente sénior do SVR fora alguma vez convidado a monitorizar uma atividade compartimentada em decurso.

– É de facto um pedido extraordinário – disse ela. – Seria fascinante partilhar observações e técnicas, na condição de que não desejo participar em nenhuma operação letal.

– Podemos aceitar essa condição com todo o prazer – disse o general, com o seu halo amarelo a brilhar. Não era claro se ele queria dizer que o MSE estaria disposto a pôr de lado os planos para assassinar Nate ou que ela seria conduzida para fora da sala antes de a Miss Gatinha Venenosa ficar à solta. Conseguiria convencê-los a desistir do assassinio?

– Agradeço o seu generoso convite – disse Dominika. – É uma ideia inspirada, General Sun. Creio que conseguirei obter a autorização do diretor [*na realidade, refiro-me ao Putin*] para esta viagem.

O general inclinou a cabeça. – Fico encantado por termos a oportunidade de a receber – disse. – Há alguma necessidade de nos apressarmos, no entanto; a nossa operacional já estabeleceu contacto com o americano. Seria remotamente possível que partisse para Beijing amanhã? É um voo de oito horas, com mais três horas de Beijing para Hong Kong.

Não tens equipamento SRAC, suspendeste os encontros pessoais. Mesmo que houvesse tempo para deixares uma mensagem – não há – passariam dias até um agente em Moscovo, sem ser seguido, conseguir recolher a mensagem de que o Nate é alvo dos chineses e devia ser retirado de Hong Kong imediatamente. Se bem conhecia Nate, provavelmente ele estava a tentar desenvolver a relação com a tal Zhènniao. Idiotka, a única coisa que podes fazer é ir a Hong Kong e tentar de alguma maneira avisar o Nate ou neutralizar a abordagem sem te queimares. Não suportava a ideia de tanto Gable como Nate lhe serem tirados.

– Estarei pronta amanhã – disse Dominika.

Dominika telefonou para o Kremlin. Gorelikov ficou encantado com a perspectiva da sua viagem a Hong Kong e disse que informaria o presidente, que também ficaria muito agradado com o progresso notável dela. Não havia memória de um agente sénior do SVR ser convidado a deslocar-se à China, muito menos de lhe ser pedido aconselhamento numa operação de armadilha. – A sua especialidade – exultou Gorelikov, ao que Dominika respondeu interiormente que fosse para o inferno, e pensou com tristeza em Ioana e em todas as suas irmãs Pardais.

– Ainda ontem o presidente me perguntou se tinha gostado da sua dacha no cabo – disse Gorelikov, em tom de conversa. – Ele terá todo o gosto em a levar a dar uma volta na mansão, para explicar as obras de restauro e lhe mostrar as famosas antiguidades do czar Alexandre. – Dominika recebeu a mensagem: o seu fim de semana na dacha (naturalmente) ficara registado, mas as suas voltas pelo palácio com o jovem polaco Andreas tinham sido observadas (câmaras, escutas ou seguranças?), incluindo a espreitadela para a suite principal. Recordou-se agora de que Andreas lhe dissera que a cama ornamentada pertencera ao czar Alexandre. Presumivelmente, o fim da noite com Andreas na sua dacha também era conhecido, mas Dominika não se importava. Há muito tempo, Gable dissera-lhe que devia sempre partir do princípio de que as divisões não controladas estavam sob escuta, e que a melhor maneira de sossegar os observadores era fingir que ignorava a existência de vigilância, demonstrando assim uma inocência cândida. –

Deixa que te vejam sozinha na cama – dissera Gable –, com as mãos debaixo dos lençóis, a gemer, a partir a louça toda. Dá-lhes espetáculo. –

Dominika fingira-se chocada, e disse a Gable que as raparigas russas não faziam aquilo. – Provavelmente, é por isso que a maioria tem bigode – disse ele, e ela chamou-lhe *nekulturny*, a rir-se. Como sentia a falta dele.

Havia um outro componente do convite do presidente: com a acuidade de uma Pardal, sabia que Putin não hesitaria em conduzi-la ao seu espaçoso quarto, dispensar os guarda-costas e determinar se a sua nova diretora do SVR seguiria toda e qualquer diretiva. O que faria ela? Benford, provavelmente, dir-lhe-ia que não há limites, que o acesso era o objetivo máximo. Gable dir-lhe-ia que levasse uma tesoura e encurtasse o já minúsculo presidente uns cinco centímetros. Nate coraria, apanhado entre o

dever e o ciúme. O sensato e experiente Forsyth chamá-la-ia de lado, pousaria as mãos nos ombros dela e aconselhá-la-ia a dizer a Vladimir que, se ele queria uma Pardal, ela arranjava-lha, mas, se queria uma Chefe do serviço de informações externas, não poderia haver nada mais; ela mataria por ele, mas não partilharia a sua cama. Deus sabia qual seria a reação dele.

Nada disso resolvia o problema de como avisar a CIA de que Nate estava na mira dos chineses. Gable falara-lhe uma vez sobre uma «opção do fim do mundo», uma situação hipotética em que Dominika descobrisse, por exemplo, que havia um ataque nuclear iminente da Rússia aos Estados Unidos, o início da Terceira Guerra Mundial, e não tivesse maneira de transmitir a informação. Nesse caso, devia puxar da patente de coronel do SVR, afastar à cotovelada a guarda da *militsiya* do FSB no portão da frente da embaixada dos Estados Unidos da América e levar a informação ao Chefe de Antena. Queimaria as pontes, seria o fim da sua carreira na espionagem e, provavelmente, da sua vida, mas uma crise como essa seria o limiar. No entanto, não havia sequer tempo para pensar nessa possibilidade; não havia pura e simplesmente tempo. Matutou no assunto durante todo o serão e sentia-se exausta quando fez a mala em casa.

Oh, sabia muito bem que a vida de uma agente solitária, incluindo a sua, não era importante. Sabia que a CIA não equipararia o possível assassinio de Nate ao início da Terceira Guerra Mundial. Benford diria que a vida de DIVA era extraordinariamente mais valiosa e que nem havia comparação possível. Diria que Nate teria de arriscar e que ela tinha de se manter em segurança. Tremiam-lhe as pernas. Estava a caminho da China para aconselhar aqueles fanáticos do MSE sobre como encurralar Nate, sem nenhuma maneira de salvar o homem que amava. Não podia vê-lo esquartejado, não podia ver o seu sangue a espalhar-se numa poça debaixo da cabeça dele. Ser apanhada quando estivesse a avisá-lo em Hong Kong seria o mesmo que revelar tudo ao MSE, e a notícia chegaria a Moscovo. Estariam à espera dela no aeroporto de Sheremetyevo quando ela regressasse, já não a rapariga favorita do clube, agora uma *predatel*, uma Judas traidora. O pânico era como um carço debaixo da língua a sufocá-la e sentia um aperto no peito.

Na manhã seguinte uma limusina preta parou diante do apartamento de Dominika em Moscovo, a porta abriu-se e o general Sun saiu, resplandecente na sua farda. Pela primeira vez, a sua aura amarela estava a

pulsar, talvez na expectativa de regressar ao Reino do Meio, a sua pátria. O condutor apressou-se a meter a mala de Dominika na mala do carro.

– Bem, Coronel – disse o general –, está pronta para a nossa excelentíssima aventura? – Abriu-lhe a porta do carro.

– Nem sei dizer-lhe o quão excitada me sinto – disse Dominika.

KOMPOT – BEBIDA RUSSA DE FRUTA

Ferva uma panela grande de água. Tire os caroços a alperces e corte-os às fatias, descaroe cerejas, lave mirtilos, adicione a fruta à água e deixe cozer, com a panela destapada, até se desfazer. Tire do fogão, adicione bastante açúcar a gosto e deixe arrefecer. Coe o sumo e ponha no frigorífico. Sirva frio.

O Gongo Tibetano

– Não é mau – disse o CDA Burns, pondo os pés em cima da secretária. – Acha que tem tempo suficiente para fazer um desenvolvimento em condições?

– Não sei – respondeu Nate. – De repente, a Grace Gao tornou-se simpática, convidou-me para fazer uma visita guiada ao hotel. Pode ser que se sinta só, pode ser que esteja à procura de homem, embora isso não me pareça provável, e pode ser aquela coisa indefinível: cansaço da vida, sente-se farta da mão pesada de Beijing e do hálito fedorento de todos os milionários asiáticos à procura de uma bonita concubina. Talvez só queira jogar na equipa americana, arranjar um pequeno seguro de vida.

– Tem de ser discreto – disse Burns. – Estamos no campo deles; há muitos olhos por aí. Determine o que é melhor, mas eu diria que deve levar o contacto para fora do hotel logo que seja natural, ir a restaurantes, fazer um piquenique, apanhar o *ferry* para a ilha de Lantau e ir beijar o grande Buda na colina. Talvez ela comece a falar sobre a fé dela.

– O Bunty Boothby diz que ela é yogini de nível três. É a única outra coisa na vida dela para além do hotel.

Burns coçou a cabeça. – Mas que diabo é uma yogini de nível três?

– Suponho que é como ser cinturão negro, mas no ioga. Parece que ela é muito boa, estuda há anos, e vê-se bem pelo corpo que tem. Se for importante para ela, posso levá-la a partilhar comigo o interesse pelo ioga; será um forte instrumento de avaliação.

Burns olhou de lado para ele. – Pois, mas tenha cuidado com esse seu instrumento de avaliação. Estamos à procura de um recrutamento sólido que seja duradouro. Não quero que entregue uma agente a morrer de amores pelo capitão Picard quando se for embora de Hong Kong.

Nate piscou os olhos. – Quem é o capitão Picard? – perguntou.

– O tipo careca do *Star Trek*, com cabeça de pila – respondeu Burns.

– Vê o *Star Trek*? – disse Nate.

Burns abanou a cabeça. – São os meus filhos. Vinte horas por dia. Põe-me doido, mas a cabeça do tipo parece realmente a ponta de uma...

– O Bunty chama-lhe uma «ponta de sino».

– Exatamente – disse Burns.

– OK, Chefe – disse Nate. – Eu avanço lentamente e com cuidado. Além disso, os australianos acham que a Grace talvez seja um pouco distante, do ponto de vista emocional. Vou limitar-me a desempenhar o papel de irmão mais velho, tentar identificar o que ela quer da vida.

– Bem, jogue pelo seguro – disse Burns. – Mantenha-se atento a quaisquer desvios e pense na sua segurança. Se resultar, ela pode ser-nos útil. O meu primeiro chefe gostava de dizer que todas as Antenas precisam de três tipos de ativos de apoio: alguém que trabalhe no melhor hotel da cidade e possa dar-nos à socapa as chaves de um quarto para encontros de agentes e informar-nos da chegada de figurões; um técnico de telefones que saiba trepar por um poste e pôr um telefone sob escuta; e um taxista de confiança que possa levar-nos a dar umas voltas, fazer vigilância e entregar encomendas.

– Chefe, ainda há técnicos de telefones? Ouvi dizer que nos dias de hoje era tudo digital – disse Nate, sem expressão. Viu que Burns estava a conter um sorriso.

– Já tenho comédia que chegue quando falo com a Sede – disse Burns. – Traga-me a chave mestra do hotel Peninsula.

*

A Nate agradava ficar em Hong Kong mais algum tempo para trabalhar no desenvolvimento do contacto com Grace Gao, especialmente se isso implicasse evitar o poço de piche envolvente de Langley. Perguntava-se com frequência como estaria a correr a caça à toupeira de Benford em Washington, especialmente porque a vida de DIVA dependia disso, e de certo modo sentia vontade de regressar a Langley para colaborar nessa missão. Não tardaria a saber se seria possível recrutar Grace; veria os sinais daquela harmonia metafísica entre duas pessoas que pensam da mesma maneira, têm as mesmas necessidades e confiam uma na outra. O recrutamento clássico é quando o agente do caso sabe *antecipadamente* que a resposta do agente será «Porque demoraste tanto tempo?» quando a

proposta lhe é feita. O agente do caso procura o momento ideal em que ambas as pessoas estão sincronizadas, quando um olhar entre elas é quanto basta para comunicar um mundo de coisas.

Grace era uma mulher deslumbrante, mas Nate sabia que tinha de se concentrar na mente e nas necessidades dela, de se tornar seu amigo e confidente e de explorar a sua disposição de comunicar acerca do seu hotel e dos seus clientes VIP com os serviços de informação americanos numa relação clandestina. Num processo de recrutamento acelerado, ele teria de avançar rapidamente, mas sem pressões – Gable definira-o uma vez como «levar o teu tempo, à pressa». Benford autorizara a extensão da sua missão temporária, mas ela não duraria para sempre e a ordem de regresso à base chegaria mal os progressos no caso estagnassem.

Grace veio recebê-lo à entrada do hotel, sob o alpendre de aço com THE PENINSULA estampado em letras douradas. Um emaranhado de empregados de casacos brancos e porteiros de uniformes verdes mantinha-se a uma distância respeitosa, a perguntar-se o que estaria a patroa a fazer cá fora, de pé junto a um dos dois leões imperiais guardiões de pedra, que rosnavam de cada lado das portas de entrada. A justaposição de Grace Gao e as míticas estátuas perturbava o pessoal. O táxi de Nate apareceu no caminho circular ladeado por meia dúzia de limusinas Rolls-Royce verdes da frota de automóveis de luxo do hotel. Grace avançou para apertar a mão a Nate e ele quase tropeçou no passeio ao olhar para ela, uma visão saída da Xangai dos anos 1920. Ela trazia um *qípáo cheongsam* preto justo que lhe chegava aos joelhos, com colarinho à mandarin, mangas curtas e largas e botões escarlates chineses na frente. Só faltava a tradicional racha ao lado. Nate concluiu que o vestido tinha sido aplicado em spray no corpo dela nessa manhã, porque de maneira nenhuma alguém poderia de facto enfiar-se nele. Trazia sapatos pretos e meias de vidro finas, também pretas.

– Seja bem-vindo de volta ao Peninsula, Nathaniel – disse Grace. *Nathaniel?* Passou-lhe pela cabeça o pensamento de que ela tinha de algum modo pesquisado o nome dele. Ele dissera-lhe que se chamava Nate. A vice-diretora-executiva de um hotel de cinco estrelas tinha de ser uma pessoa engenhosa. Ela seguiu o olhar dele, que se dirigira para a fila de automóveis brilhantes.

– Sentimos muito orgulho na nossa frota de Rolls-Royce – disse ela. – Temos 14. Chegue aqui, quero mostrar-lhe uma coisa. – Dirigiu-se à

primeira limusina na fila, desencadeando uma corrida de não menos de três porteiros para lhe abrirem a porta traseira da limusina. Grace inclinou-se e premiu uma tecla inserida no extremo da porta, acima do mecanismo de fecho das portas, e apareceu o cabo de um guarda-chuva de seda. Ela tirou-o e brandiu-o. – Abria-o para lhe mostrar o nome do Peninsula, mas dá azar. – Voltou a meter o guarda-chuva na porta da limusina.

– Não me diga que é supersticiosa – disse Nate. – Grace limitou-se a sorrir, virou-se e entrou no átrio do hotel, dando uma palmadinha na cabeça de um dos leões ao passar e olhando para Nate por cima do ombro. *Talvez supersticiosa, mas sem dúvida brincalhona.* Nate seguiu o vestido e as meias finas em direção ao átrio do hotel.

Durante a hora que se seguiu, Grace conduziu Nate numa visita fascinante ao venerável hotel, das cozinhas de aço inoxidável a brilhar e do heliporto no telhado até à imensa piscina no oitavo andar. Na silenciosa sala VIP forrada a painéis de madeira do último andar, Grace abriu um álbum com fotografias que documentavam a história do hotel. Ficaram lado a lado enquanto Grace folheava o álbum, chamando a atenção para factos interessantes. Nate lançava-lhe olhares furtivos, observando-a a passar os olhos pelas fotografias, com as pestanas a baterem e a boca fechada, concentrada. Tinha um perfume discreto, um aroma a lilás ou lavanda, e Nate sentia-lhe o calor do braço através da manga do casaco. Ela trazia o cabelo apanhado num coque com dois pauzinhos pretos lacados a atravessarem-no. Nate sorriu-lhe.

– O seu cabelo fica muito bonito assim – disse ele. – Não há muitas mulheres americanas que o usem assim. – *Um elogio. Menciona os Estados Unidos. Aqui está um homem que é bom observador.*

Ela mexeu nos pauzinhos, embaraçada. – Não sei porque o uso assim, os pauzinhos estão sempre a cair – disse.

Nem um nem o outro falaram, e Nate manteve-se em silêncio. *Como se lida com o silêncio, o que se diz?*

– Gostava de ver o ginásio e o spa? – perguntou Grace. – Ficam no sétimo andar. *Recuperou facilmente. Não se deixa perturbar facilmente, controla-se.*

No ginásio havia as máquinas caras usuais, dispostas ao longo de janelas do chão ao teto com uma vista desimpedida do porto. O spa, a sauna e os gabinetes de massagens estavam todos magnificamente equipados.

Enquanto percorriam esses espaços, Nate lamentou-se por nunca parecer ter tempo suficiente para praticar exercício físico. *É o momento de abordar a questão do ioga.*

– O que faz para se manter em forma? – perguntou.

– Pratico ioga – respondeu Grace.

– Já pratica há muito tempo? – *Uma pergunta inocente, de propósito, fala comigo.*

– Desde pequena – disse ela, vagamente. *Relutância? Não está convencida de que eu esteja interessada, por isso convence-a.*

Nate tinha lido sobre estilos de ioga na noite anterior. – Eu tinha uma amiga que fazia aquilo a que penso que se chama ioga Ashtanga, será isso? E como é que se chama aquele ioga quente? Aquele em que aquecem a sala? – Grace fitou-o de olhos semicerrados, a avaliar a sua sinceridade. *Pede informações, ensina-me.*

– Sim, Ashtanga, Vinyasa, Bikran: esses são estilos modernos, e muito populares – disse Grace.

– Que estilo pratica? – perguntou Nate.

– Um estilo mais antigo, algo baseado num livro ancestral – respondeu ela, olhando para o chão. *Um ponto melindroso. Com delicadeza, agora.*

– Como se chama? – perguntou Nate. Grace olhou-o com atenção, com o seu rosto de boneca chinesa hesitante por um momento e depois a desanuviar-se com a decisão de partilhar.

– Um livro de versos hindus chamado *Rigveda* foi escrito em 1500 a.C. O ioga que pratico baseia-se nesse livro. Chama-se ioga Kundalini. É agora um estilo popular.

– Nunca ouvi falar – disse Nate. – E como é, vira-se ao contrário e fica apoiada na cabeça? – *Anda lá, corrige-me.*

– É um estilo muito forte – disse ela, com um sorriso ténue. – Não quero maçar-lo.

Nate abanou a cabeça. – Não me maça nada – disse. – Conte-me lá.

– Recorre-se a poses, cânticos e respiração especial, os três para libertar a energia no nosso corpo – disse Grace. – Quando a nossa energia está bloqueada, não podemos crescer. Quando a libertamos através da disciplina do ioga, há saúde e estabilidade e paz. Sei que isto soa muito místico e tonto, mas ajudou-me. – Nate acenou com a cabeça para uma zona de exercício com soalho de madeira e rodeada por espelhos de corpo inteiro.

– Mostre-me alguma coisa que eu possa aprender sem deslocar o ombro – pediu Nate. Grace olhou-o com ceticismo. Nate descalçou-se e estendeu os braços, o estrangeiro empenhado, a querer aprender sobre o mundo dela.

– Está bem. Isto é o *Adhu Mukha Svanasana*, é relativamente fácil. Eu demonstro, e a seguir experimente. – Descalçou os sapatos, avançou para o soalho, fixou os pés e depois inclinou-se para a frente e pôs as mãos no chão, fazendo-as avançar até ficar com as ancas no ar e a cabeça baixada entre os ombros. Nate viu-lhe os tríceps a fletirem, o estômago a contrair-se para dentro da sua cintura de vespa e os músculos das coxas a retesarem-se. Um suave som sibilante saiu-lhe da boca enquanto ela expirava por uns bons dez segundos. O seu vestido justo subiu-lhe pelas coxas, revelando a faixa rendada das suas meias de vidro e, no espelho por trás dela, um vislumbre do vê de renda preta das suas calcinhas. *Ena. Interessante. Não se terá dado conta ou estará a provocar-me? De maneira nenhuma é promíscua.*

Grace endireitou-se e fez sinal a Nate para ele tentar. Ele pousou as mãos no chão e copiou a pose como ela a tinha feito. Grace observou com satisfação que Nate estava em boa forma e que era forte. Ficou contente por ele ter feito o exercício corretamente.

Este primeiro contacto tinha corrido bem. Grace era simpática e modesta, e reagira bem ao papel de americano informal e simpático que Nate desempenhara. Não era tão tímida e reprimida que não demonstrasse uma pose de ioga mesmo de saia curta. *Agora vem o segundo encontro* – pensou Nate, um contacto crítico em qualquer desenvolvimento, quando o alvo decide se a relação continua. Independentemente de meias com faixas rendadas e de lábios rosados como toranjas, Nate esperava que sim.

*

Três dias depois, Nate convidou Grace para jantar. Ela conhecia Hong Kong e sugeriu que fossem ao China Club, um restaurante chique decorado ao estilo colonial de Xangai, com paredes vermelhas e biombos chineses, uma escadaria alcatifada a dar para a sala de jantar e daguerreótipos emoldurados de Marx, Lenine, Estaline e Mao nas paredes, um panteão irónico da malta que tinha feito mergulhar o mundo em chamas. O clube ocupava os três andares superiores do antigo edifício do Banco da China – o

primeiro arranha-céus do pós-guerra na então britânica Hong Kong, com um átrio *vintage* dos anos 1950 com colunas de mármore polido e meios pisos – na Des Voeux Road, na zona Central. Grace sugeriu que Nate experimentasse a beringela *ma po* em molho de alho, uma especialidade. Fragrante, picante, brilhante; era delicioso, disse-lhe Nate.

Grace bebeu dois copos de vinho ao jantar e disse-lhe timidamente que o seu nome chinês era *Zhen*, que significa preciosa e rara. Trazia um vestido preto simples, uma fiada dupla de pérolas e uns brincos de pérolas minúsculas. O seu perfume era exótico e fumado; Nate nunca cheirara nada parecido, e ficou-lhe no nariz e na boca. Ela riu-se quando Nate lhe atirou um osso, contando-lhe que tinha sido criado numa família de advogados gananciosos do Sul dos Estados Unidos, a preparar o terreno para a levar a falar sobre si própria. A história da vida dela foi-lhe saindo com hesitações. Era uma órfã cujos pais liberais – ele professor universitário, ela artista – tinham sido presos durante a Campanha Antipoluição Espiritual de 1983, o ano em que ela nascera. Fora enviada pelo Estado para uma família de acolhimento relutante, que recebia um estipêndio para tomar conta da bebé. Nunca mais viu os seus pais biológicos. Suportou uma adolescência infeliz, passou quatro anos de solidão numa universidade britânica e regressou a uma China cínica e sufocada em poluição, de novos milionários e Internet censurada – uma superpotência emergente paradoxalmente presa no seu passado imperial. Com um futuro incerto, Grace frequentou uma escola de hotelaria e depois mudou-se para Hong Kong e progrediu na carreira, acabando por se tornar vice-diretora-executiva no Península.

– Como é que foi estudar para a Grã-Bretanha? – perguntou Nate.

Grace baixou os olhos e bebeu um gole de vinho. – Tive uma bolsa de estudo – disse, vagamente. *Hum. Não é usual* – pensou Nate –, *a não ser que tivesses um patrono a pagar. Ou que o Estado pagasse. Há aqui uma nota ligeiramente falsa. Contorna a questão e pergunta-lhe mais tarde.*

– E o ioga? – perguntou Nate. Grace inclinou-se para a frente, já não na defensiva.

Em busca de reconforto e de companhia numa infância desenraizada, aos 12 anos Zhen passava horas na sala das traseiras da loja *Zhongyi* do bairro, que vendia remédios tradicionais chineses. A mulher muito morena que varria o chão era uma indiana de Bengal que, improvavelmente, ficara na China depois de um naufrágio, e segredava à menina, se tornou a sua

Jiàomu, a sua madrinha, e lhe cantava o mantra védico antigo em sânscrito, o *Gayrati*. A velhota era uma yogini, uma guru da ancestral prática, e começou a ensinar poses a Grace nos tapetes de corda áspera na sala perfumada das traseiras da loja, com prateleiras a toda a volta em que havia frascos de âmbar com cobras enroladas, cantis amarelos de bÍlis de urso e cogumelos cinzentos secos *lingzhi*, empilhados nas prateleiras em placas. Para além dos benefícios físicos do ioga, Grace viria a descobrir a sua espiritualidade duradoura. Dava-lhe serenidade e tornou suportável a sua adolescência melancólica. Nunca deixou de estudar ioga, nem quando se mudou para Hong Kong.

– E então, aqui estou – disse ela, bebendo o último gole de vinho e aceitando um terceiro copo. Afastou uma madeixa de cabelo do rosto, mordeu delicadamente o lábio inferior e pestanejou, a olhar para Nate. –

Sem família, dias de trabalho de 14 horas, nada a não ser o ioga para me manter centrada – Bebeu mais um gole de vinho. – Não sei o que o futuro me reserva.

Com os diabos – pensou Nate – *isto é de antologia psicológica*. Processou a história dela em partes: ressentimento persistente contra o sistema; ausência de ideologia comunista; uma forte ética de trabalho e uma atenção meticulosa ao pormenor; a sentir-se isolada e sem amarras e a contemplar um futuro incerto; e empenhada nos aspetos espirituais do ioga e dependente deles. Era uma espantosa série de motivações exploráveis que parecia saída do manual – *quase demasiado bom para ser verdade*. Mais uns contactos, um ouvido compreensivo e um sorriso amigo, e poderia determinar subtilmente a disposição de Grace para o ajudar, a necessidade dela de pertencer a uma causa, o desejo de dar sentido à sua vida, de contribuir para uma China mais liberal. No seu papel de agente de caso, reparou que ela não lhe fazia perguntas sobre ele, o que era um pouco estranho.

Depois do jantar, passearam pela zona Central em passeios vazios, passando por edifícios demasiado altos para se verem os seus topos envoltos em nevoeiro. Grace deu o braço a Nate – aquele perfume misterioso inundava-o – e ele amparava-a um pouco. Fizeram paragem a um táxi, que subiu a Garden Road para a Magazine Gap Road, até à porta da rua de Grenville House, um prédio de 15 andares com apartamentos de luxo empoleirado na encosta da colina arborizada que dava para os topos

dos arranha-céus no nível imediatamente por baixo, com faixas do porto visíveis entre a floresta de edifícios. Grace disse que o Hotel Peninsula pagava a renda astronómica; caso contrário, estaria a viver num apartamento cheio de bolor em Kowloon. Com o decoro em mente, Nate desejou-lhe boa noite castamente com um beijo na face e preparava-se para ir embora quando ela, à procura das chaves, deixou cair o conteúdo da sua mala de mão no chão do átrio e se riu e disse que não devia ter bebido aquele terceiro copo de vinho. De forma cavalheira, Nate acompanhou-a no elevador e meteu a chave na fechadura da porta do apartamento dela. Ela inclinou a cabeça e disse que ele devia entrar para ver como ela vivia, porque, afinal, parecia interessado nela. – *Está interessado em mim, não está, Nathaniel?* – perguntou com uma voz arrastada. *OK, leva isto com calma* – pensou ele.

Grace tirou os sapatos e conduziu-o a uma sala de estar grande, com janelas panorâmicas e um chão de parquet em espinha, sem mobília nem nada pendurado nas paredes brancas – Nate disse por piada que adorava a maneira como ela tinha decorado a sala. O ar estava impregnado da mesma fragrância. Havia três cestos de verga grandes encostados à parede. Num dos extremos da sala, um imenso gongo (do Tibete, disse Grace solenemente) pendia de uma estrutura envernizada e havia uma almofada branca grande no chão diante do disco de bronze marchetado 2,10 metros. De cada lado do gongo havia uma mesa lacada de preto com um candelabro dourado chinês, uma taça funda de cobre e uma escultura baixa em granito preto a que Grace chamou um *shivalinga*, um ídolo da divindade hindu Shiva, o deus patrono do ioga. *Isto é pura e simplesmente um altar numa igreja de ioga* – pensou Nate.

Nate pegou no martelo do gongo, mas Grace disse: – Não, assim não, eu mostro-lhe – e passou ligeiramente a cabeça do martelo forrada a feltro à volta da beira do disco marchetado, que começou a gemer baixo quando as vibrações palpáveis começaram, sobrepondo-se depois um guincho mais alto quando as harmonias se misturaram. Grace largou o martelo e sacudiu-se, e Nate calculou que o vinho estava a levar-lhe a melhor, mas ela endireitou-se e aproximou-se dele, e ele preparou-se para um beijo ou para um jorro de vômito, mas, em voz baixa, ela perguntou-lhe se ele queria ver energia Kundalini, o estilo de ioga dela, a cobra enroscada na base da espinha. Era um pouco sinistro. Nate recordou-se de Buntly dizer que

pensava que ela era uma daquelas mulheres que metem o coelhinho de estimação na panela, mas ela estava a oferecer-se, um bocado toldada, para lhe mostrar a fonte da sua alma depois de dois encontros, e ele disse que sim, claro; a cobra na base da espinha, com certeza. E então as coisas tornaram-se esquisitas.

Grace recuou dois passos, puxou o fecho do seu vestido e tirou-o; as alças do apertado sutiã *balconette*, de renda preta, soltas nos ombros e as cuecas à rapaz justas entre as pernas. Sentou-se na almofada em frente ao gongo, dobrou as pernas na pose clássica do ioga *Padmasana*, e pousou as mãos nos joelhos. – Primeiro, é o *Kapal Bhati*, a respiração brilhante do crânio – sussurrou. Começou lentamente, respiração controlada, a inspirar profundamente e a exalar o ar de forma explosiva. Depois de uma dúzia de repetições, acenou a Nate, OK, que fizesse o gongo cantar como ela lhe ensinara, e o ribombo baixo tibetano começou, e Nate sentia o zunido na sua própria espinha, mas teve de se concentrar num movimento circular constante com o martelo quando a segunda nota mais alta começou, e olhou para Grace, que estava sentada a balouçar o tronco num movimento circular, com o queixo levantado e os olhos fechados, a ganhar velocidade, e ela começou a entoar um cântico indecifrável com a mesma nota musical do gongo. Quatro minutos, cinco, seis, ombros em círculo para a frente e para trás, mãos apoiadas e olhos fechados, e o suor começou a correr-lhe pelo rosto, entre os seus seios brilhantes e pela barriga, a encharcar-lhe o elástico das calcinhas. Nate começava a sentir o braço cansado, mas receava que, se parasse de tocar o gongo, ela lhe lançasse fogo pela boca e levitasse pela varanda para o céu noturno. Depois de uns dez minutos de constantes balouços violentos do tronco, Grace inclinou-se para trás e arqueou a espinha, com a nuca pousada no soalho. O sutiã, transparente com a transpiração, subiu, e ela juntou as mãos numa *Ksepana Mudra* acima do coração. Inclinou-se ainda mais para trás, com a caixa torácica a expandir-se como um fole e as mãos em atitude de prece entre os seios, e começou a tremer, espasmos sísmicos a percorrerem-lhe a barriga palpitante, os músculos longos das pernas a pulsarem, os pés a sacudirem-se e o seu queixo trémulo a apontar para o teto. Subitamente, retesou-se, revirou os olhos, abriu a boca para exalar profundamente e ficou imóvel, com as mãos agora frouxas em cima do peito.

Nate calculava que o telefone que usaria para chamar a ambulância devia estar na cozinha, mas primeiro inclinou-se sobre Grace, que estava agora deitada no chão, de olhos fechados, pernas soltas e espetadas. A sua caixa torácica ainda se expandia com a respiração. – Está bem? – perguntou ele, pondo-lhe a mão no ombro. Ela abriu lentamente os olhos e fitou-o. Sorriu, pôs-lhe a mão por trás da nuca e puxou a boca dele para a dela, num arremedo de beijo, um aflorar de lábios. O seu perfume doce envolveu-o e ele sentiu a cabeça a andar à roda. – Que perfume é esse? – perguntou. Ela puxou-lhe a boca para a dela mais uma vez.

– *Ylang-ylang* – segredou-lhe ao ouvido, pronunciando *ii-lang, ii-lang*. – É muito antigo.

– Sente-se bem? – perguntou Nate. – O que é que lhe aconteceu?

Grace pôs-se de pé, desapertou sem pressas o sutiã encharcado sem se cobrir e aproximou-se de um dos cestos de verga, de onde tirou um quimono de linho, que vestiu.

– O que foi aquilo? – disse Nate.

Grace passou os dedos pelo cabelo e depois deu um nó ao cinto do quimono, a olhá-lo nos olhos sem pestanejar, nada embaraçada.

– Despertar o Kundalini – disse ela. – É quando eu me deixo ir.

– Despertar o quê? – perguntou Nate.

– Já ouviu falar dos sete *chacras* no corpo? Os centros de força vital? Não? Eu explico noutra altura. É demasiado tarde agora.

Um outro beijo afluído à porta, e Nate foi para casa a pé pela Bowen Road, a redigir mentalmente o telegrama de amanhã para o CDA sobre o que parecia ser um notável primeiro passo na operação de recrutamento de Grace Gao, também conhecida como Zhen Gao. As antenas de agente de caso de Nate estavam a vibrar um pouco, a avaliar fatores: isto estava a avançar mais depressa do que era habitual, talvez artificialmente depressa? Esta coisa da energia Kundalini fora inesperada; poderia ser explorada? Ela tinha ficado sóbria bastante depressa. Era um enigma, mas irresistível: erótica sem ser ordinária; atraente sem ser provocante; ao mesmo tempo sofisticada e ingénua. Se ele conseguisse, tinha a sensação de que seria um recrutamento excecional. A bolsa de estudos no Reino Unido continuava a ser uma anomalia por explicar, assim como o aparente desinteresse dela pela história pessoal de Nate. Eram notas falsas, mas ele resolvê-las-ia.

A equipa de contrainformação do MSE no apartamento ao lado escutou a gravação do jantar no China Club e visionou o vídeo do desempenho de Zhènniao, a ave de pena venenosa, no apartamento da armadilha de mel do outro lado da parede despida – com a coreografia do gongo e *Matsyasana*, a provocadora pose e o beijo casto – e ficou satisfeita com o serão e com as perspetivas de caçar o agente americano da CIA e obter o nome do seu agente chinês. O assassínio dele era um dado adquirido. O líder da equipa congratulou delicadamente a sua estimada convidada de Moscovo, a bela agente russa de olhos azuis do SVR, que estava sentada num cadeirão em frente aos monitores, a balouçar o pé. A sua orientação sobre a melhor maneira de criar a lenda pessoal fictícia de Grace Gao para aliciar o americano fora sibilina – quase como se ela soubesse como ele pensava.

BERINGELA *MA PO* EM MOLHO DE ALHO

Misture carne de porco picada com vinagre de vinho de arroz, molho de piri-piri, amido de milho e molho de soja. Reserve no frigorífico. Corte beringelas asiáticas a meio no sentido do comprimento, pincele com óleo de amendoim, tempere com sal e grelhe com o lado cortado para baixo em cima de um tabuleiro até ficarem chamuscadas e tenras. Misture caldo de galinha com *sake*, açúcar, óleo de sésamo, pasta de feijão e molho de soja. Frite cebolinho, alho e gengibre até soltar os aromas, adicione o porco e aloure, e em seguida adicione a mistura do caldo de galinha e deixe levantar fervura. Coza em lume brando até o molho espessar. Coloque as beringelas numa travessa com o lado cortado para cima e deite colheradas de porco por cima. Guarneça com cebolinho cortado. Sirva com arroz cozido a vapor.

Tem o Chacra à Mostra

Dominika chegara a Hong Kong vários dias antes, após um dia de visitas de cortesia na Sede do MSE, no Ministério da Segurança de Estado. Como o general Sun ia ficar em Beijing em reuniões, Dominika foi acompanhada por um capitão da delegação do MSE de Guangzhou chamado Yuán Chonghuan, que falava inglês. Ele escolhera o inexplicável nome de negócios ocidental «Rainy», *yu tien* em mandarim, que era foneticamente parecido com Yuán e lírico, ou assim ele pensava.⁷ Rainy Chonghuan era extremamente baixo e magro, com todas as malignidades inerentes ao mais pequeno da ninhada. Tinha o temperamento desabrido do funcionário menor que num minuto se deleita a maltratar os seus subordinados e, logo a seguir, lambe as botas sem vergonha aos seus superiores. Os seus dentes eram da cor de caramelo e os dedos rombos, com as unhas roídas até ao sabugo. O halo à volta da sua cabeça e dos ombros eram também da cor de caramelo, a cor que se obtém quando o amarelo da traição conivente se mistura com os castanhos da preguiça e da inveja. Dominika sabia que tinha de ter cuidado com ele.

A coronel Dominika Egorova do SVR era um ser alienígena para Rainy – aquela eslava de pernas altas e seios fartos com maçãs do rosto salientes bem poderia ser de um outro planeta. O inglês dele, aprendido na escola de oficiais do MSE, era só suficientemente fluente para falar com ela sobre a estratégia a adotar na operação para apanhar o americano. No entanto, Rainy Chonghuan vira imediatamente que esta russa era tida em grande estima pelo general Sun e pela chefia do MSE, o que significava que ele teria de lhe dar graxa incansavelmente. Além disso, ele via que ela tinha uma longa experiência na manipulação de alvos americanos. As emendas ao plano da fase da emboscada que sugeriu, incluindo alterar a história pessoal de Zhènniao para apelar aos instintos operacionais do ianque, eram admiráveis. Tudo o que garantisse o êxito da operação e lhe trouxesse louros e uma promoção seria bem-vindo. Rainy forneceu à coronel Egorova

uma cópia traduzida da folha de serviços de *Zhènniao* para sua apreciação, e sugeriu que as duas mulheres se encontrassem para falar sobre as nuances da armadilha de néctar. Para sua surpresa, a russa recusou, explicando que os Pardais no Serviço Russo operavam de forma mais eficiente tendo menos motivos de distração. Rainy apressou-se a concordar, cumprimentando a coronel pela sua previdência e sabedoria.

O dossiê pessoal de Zhen Gao foi de leitura fascinante para Dominika. A autobiografia que ela recitara a Nate era na sua maior parte uma ficção, com algumas pepitas de verdade. Não perdera os pais, não fora adotada e nunca tinha frequentado uma escola de hotelaria. Nunca lhe fora ensinado ioga por uma yogini encarquilhada quando tinha 12 anos, só aprendera mais tarde, para se manter em forma e melhor seduzir os seus alvos.

Zhen Gao era filha de um modesto professor de uma escola estatal de Anxin, na província de Hebei, nas margens cheias de caniços do lago Bayangdian. Já uma beldade estonteante aos 16 anos, Zhen atraiu a atenção de um administrador provincial, que avaliou o corpo de mulher debaixo da bata de menina da escola. Usou a sua influência para instalar a jovem como governanta numa moradia que era propriedade do Estado, tirou-lhe a virgindade e ocasionalmente partilhava-a com outros burocratas municipais para obter favores deles. Quando Zhen fez 18 anos, o administrador foi apanhado a aceitar subornos e foi julgado, condenado e executado por corrupção. Sem um protetor, e a reputação imerecida de «rapariga fácil», foi enviada para Tianjin, uma cidade com 15 milhões de habitantes na costa nordeste, a duas horas a sul de Beijing, e matriculada na Escola 2112, uma academia de treino dirigida pelo MSE, que, explicava-se obliquamente na ficha de Zhen, treinava jovens mulheres em «técnicas de serviços de informação», o que incluía sedução, obtenção de informações, recrutamento e chantagem. As raparigas aí formadas eram conhecidas como *Yèying*, Rouxinóis.

Com base nos resultados académicos, no desempenho e numa avaliação de aptidão ideológica, um punhado de Rouxinóis foi escolhido para prosseguir os seus estudos no Instituto 48 em Beijing, umas instalações secretas na zona nordeste de Shangjialou onde as alunas eram treinadas no manejo de armas de fogo, armas exóticas e venenos. Aos 20 anos, Zhen recebeu o apoio de uma sociedade de amizade sino-britânica de fachada, controlada pelo MSE, para ir estudar no Reino Unido, simultaneamente

para aprender o inglês e para se familiarizar com os costumes ocidentais. Quatro anos depois, diplomou-se como plena sedutora-assassina do Estado, conhecida como *Zhènniao*, a ave de pena venenosa. Com o seu domínio da língua inglesa e os seus modos britânicos, Zhen foi discretamente colocada numa posição de disfarce como vice-diretora-executiva do Hotel Peninsula em Hong Kong, disponível para missões quando necessário.

Bozhe – pensou Dominika enquanto lia o dossiê dela –, *uma jovem violentada por um suíno, passada de mão em mão na pocilga e depois forçada a frequentar a versão chinesa da Escola de Pardais*. Sentiu a pulsação acelerar-se enquanto lia a história da vida de Zhen – era como a sua. *Mas os Pardais russos não matam pessoas*, disse Dominika para consigo, *mas tu mataste, não foi?*

Ao longo do segundo volume do dossiê, Zhen era agora referida como *Zhènniao*. Dominika perguntou a Rainy o que era uma ave de pena venenosa e ele descreveu-lhe a ave mitológica, com plumagem negra como o carvão, que se alimentava exclusivamente de serpentes e cujas penas, por consequência, eram altamente venenosas. Bastava mexer um copo de vinho com uma só pena dessas para o tornar mortalmente tóxico, disse ele. *Só mesmo na China* – pensou Dominika.

O dossiê documentava 14 assassinatos atribuídos a *Zhènniao* – sendo o mais recente o de um chefe de polícia birmanês que era traficante de droga e fora envenenado com um líquido destilado da flor de acónito. Não houve testemunhas e não se tinha estabelecido nenhuma ligação a Beijing. Dominika virou a sua atenção para um anexo farmacológico no dossiê que incluía o acónito na sua lista como uma planta venenosa que produz aconitina, uma tetrodotoxina letal que é rapidamente absorvida através da pele. Até mesmo um ligeiro contacto com a delicada flor púrpura com forma de sino poderia, entre duas e oito horas depois, induzir arritmia cardíaca, taquicardia ventricular e fibrilhação ventricular que resultariam em paralisia respiratória ou paragem cardíaca. *Zhènniao* aplicara o veneno na pele do chefe de polícia misturado com *ylang-ylang*, um óleo essencial perfumado usado na aromaterapia.

Enquanto via a demonstração de Kundalini de Zhen no monitor de vigilância – todo o apartamento estava coberto de câmaras e microfones nas peças de mobiliário, nas madeiras e nos tetos – o coração de Dominika parou quando ouviu Zhen dizer a Nate que o seu perfume se chamava *Ylang-Ylang*. Era assim que o liquidariam. Zhen aplicar-lhe-ia o óleo perfumado misturado com a toxina do acónito durante alguma sessão de ioga, o que o mataria até à manhã seguinte.

Será que Nate pressentiria o perigo? Que motivos tinha para isso? Era um agente operacional à caça, decidido a recrutar a bela chinesa. Benford e a CIA não faziam a mínima ideia da ameaça; não podiam avisá-lo. A própria Dominika estava numa posição gritantemente perigosa. Não podia contactar a CIA; encontrava-se na China. Não podia atirar um embrulho por cima do muro do consulado dos Estados Unidos, porque estava rodeado por agentes do MSE a vigiá-lo. Ela estava constantemente acompanhada por elementos do MSE e o minúsculo Rainy Chonghuan estava sempre ao seu lado. Tinham-na instalado num apartamento luxuoso para visitas um andar acima e diretamente por cima deste, que, Dominika não duvidava nem por um segundo, estava também inçado de microfones e câmaras, tornando excessivamente arriscado tentar sair do prédio e estabelecer de algum modo um contacto na rua com Nate, que, supunha, estaria igualmente sob a vigilância do MSE.

Se tomasse alguma medida para salvar Nate e cometesse um erro, os chineses comunicariam o facto ao Kremlin e ela estaria perdida. Dominika tentara enviar avisos subtis a Nate. Aconselhara o MSE a ordenar a Zhen que não parecesse excessivamente inquisitiva e não fizesse perguntas pessoais, a marca de uma agente secreta. Recomendou que Zhen não desse ênfase aos seus estudos universitários no Reino Unido, limitando-se a dizer que tinham sido custeados por «uma bolsa». Dominika disse aos seus anfitriões que era «mais seguro manter-se vaga», mas na realidade essas eram notas inconsistentes que, esperava, seriam o sinal de alerta silencioso na cabeça de Nate para o fazer começar a farejar uma armadilha. Aconselhou também vivamente que Zhen mencionasse o restaurante Fernando's em Macau para chocar o americano e o levar a sair-se com algo comprometedor, sabendo que na realidade seria uma nota prematura e agressiva que com certeza alarmaria Nate. Receava que fossem avisos demasiado subtis, demasiado vagos. Nate reconhecê-los-ia? Ela não podia

tentar outras formas subtis de sabotagem, porque os chineses eram demasiado espertos. Dominika não sabia de que outra maneira neutralizar os planos do MSE para matar Nate.

*

Grace convidara Nate para uma refeição caseira no seu apartamento, para lhe retribuir o jantar no China Club. Abriu a porta, sorriu e puxou-o pela mão para dentro do apartamento. Trazia um vestido camiseiro bege que lhe chegava a meio da coxa, com mangas largas arregaçadas acima dos cotovelos. Encostou-se a Nate por um momento – ele sentiu a suavidade dos seios dela sob o vestido – e beijou-o levemente. Atravessou descalça a sala de estar – o ar estava denso com *Ylang-Ylang* – e dobrou a esquina para uma cozinha pequena, mas moderna, toda em azulejos brancos e aço inoxidável. Em cima da bancada estava uma série de ingredientes e um cutelo chinês pequeno com uma pega preta.

– Estou a fazer uma salada de tomate à moda birmanesa – disse Grace. – Em birmanês, salada diz-se *lethoke*. Quer dizer misturar à mão.

– Alguma vez estiveste na Birmânia? – perguntou Nate. – Como é que se chama agora?

– Myanmar – disse Grace – Só como turista. Mas foi lá que uma mulher birmanesa me ensinou a fazer a salada. Chamava-se Kyi Saw. – Grace cortou os ingredientes com perícia, misturou vinagre de erva-limão, óleo de canola e molho de peixe e em seguida fritou cebolas cortadas às rodelas e alho num pequeno tacho com óleo. Nate ficou a vê-la movimentar-se sem esforço pela cozinha, as mãos rápidas e hábeis. Ela juntou os ingredientes da salada numa taça grande de madeira, combinou-os com as mãos e passou um garfo a Nate. Ele provou uma fatia fina de tomate. O sabor era salgado, doce e pungente, com um ligeiro crocante de amendoins esmagados.

– É realmente delicioso – disse. – Nunca tinha comido nada assim.

Grace inclinou-se na bancada e olhou de lado para ele. – Penso que servem uma versão desta salada num restaurante em Macau – disse. – É um pequeno restaurante numa praia chamado Fernando's. Devíamos ir lá um dia, e eu mostro-te.

Nate manteve uma expressão neutra. *Não gosto nada de como isto soa* – pensou. – *Coincidência? Talvez sim, talvez não.* – Parece-me boa ideia –

disse.

Levaram pratos com a salada para a varanda e comeram enquanto olhavam para o porto e as nuvens que deslizavam no céu noturno, coradas de cor-de-rosa pelas luzes da cidade. – Acho inconcebível que esta cidade vibrante tenha sido devolvida à China e esteja agora sob o jugo de Beijing – disse Nate. – Achas que o espírito de Hong Kong pode sobreviver?

– As pessoas daqui estão a tentar, a resistir e a exigir os seus direitos. Mas não sei se serão bem-sucedidas – respondeu Grace.

– Sei que o resto do mundo tem a esperança de que sejam bem-sucedidas – disse Nate.

– E eu também – disse Grace.

– Seria um esforço com valor, ajudar Hong Kong a manter-se livre – disse Nate. – Algo com sentido. – Parou de falar e abrandou, passando a ponto morto, sem querer exagerar no tema. Podiam regressar a ele; no momento certo, Nate poderia dizer-lhe especificamente como ela poderia ajudar. Trabalhando para a CIA.

– Consigo ver isso – disse Grace. – Neste momento, só me dedico ao hotel, a nada mais. E o ioga é o meu único escape.

– Tenho de ser sincero contigo – disse Nate. – Quando me mostraste aquele Despertar do Kundalini, fiquei um pouco sobressaltado, assustado até. Não sabia o que te tinha acontecido.

Grace riu-se. – Queres aprender um pouco mais? Posso falar-te sobre os chacras, os pontos de energia no corpo. São muito importantes; controlam tudo – disse Grace. *OK, garantão, mantém isto sob controlo.*

Até àquele momento, Nate mantivera as coisas num plano platónico, apesar do sutiã preto e das costas arqueadas e dos beijos passageiros. Imaginava a reação de Benford se ficasse a saber-se que ele recrutara Grace Gao levando-a para a cama; seria uma confirmação da crença persistente de Benford de que Nate deveria deixar de trabalhar para a CIA. Nate já não pensava no assunto há algum tempo, mas agora pôs-se a refletir no pesadelo que seria se fosse expulso da Agência e tivesse de regressar a Richmond, na Virginia, onde a sua família sempre dissera que Nate não se aguentaria como espião, embora a sua queda tivesse demorado dez anos, não dois como eles tinham previsto. *Então, como vais lidar com esta beldade chinesa que te quer mostrar os chacras dela?*

Sentaram-se no chão de frente um para o outro, de pernas cruzadas, com os joelhos quase a tocarem-se. Grace pegou na taça larga de cobre de uma das mesas-altar, pousou-a no chão ao lado deles e bateu na borda levemente com um pequeno pino de madeira. Soou uma nota clara e suave, como o badalar de um relógio de sala. – É uma taça de som – disse Grace – para aclarar a mente. – Passou o pino à volta da borda da taça, provocando um zumbido pulsante que aumentou até um tom coaxante se sobrepor ao primeiro. Ela parou de passar o pino pela taça e os sons dissiparam-se lentamente. Moveu-se ligeiramente para a frente e ficaram com os joelhos a tocarem-se.

– Há sete chacras no corpo e cada um representa uma emoção diferente – disse Grace. – Tirou um pequeno frasco do bolso do seu vestido, des enrolhou-o e inclinou-o para a frente para molhar a ponta do dedo. A fragrância estonteante de *Ylang-Ylang* envolveu-os e Grace passou a ponta do dedo ao longo dos lados do pescoço de Nate, na parte interna dos seus pulsos e nos tornozelos. – O óleo vai ajudar-te a relaxar – disse.

Tocou no cimo da cabeça dele. – Este é o sétimo chacra, o chacra violeta, a coroa, que traz felicidade. – Inclinou-se para a frente e beijou-lhe a testa.

– Este é o sexto chacra, o chacra indigo, o sobrolho, que controla a intuição. – Beijou-lhe as pálpebras.

– O quinto, azul, a garganta, para curar. – Baixou-se e roçou-lhe o pescoço com os lábios. – *Meu Deus, ela está a dirigir-se para sul, haverá um chacra do Capitão Picard?*

– O quarto, verde, o coração do amor. – Grace desabotoou-lhe a camisa e beijou-lhe o peito.

– O terceiro, amarelo, o plexo solar para objetivo. – Os lábios dela roçaram o estômago dele.

– O segundo, laranja, o ponto do desejo. – Passou os dedos à volta do umbigo dele.

Grace pôs a mão entre as pernas de Nate e passou-a por baixo do corpo dele, pressionando o seu músculo perineal por cima das calças que ele trazia vestidas. – O primeiro, o chacra básico, a raiz, vermelho, que controla a paixão – disse. Manteve os dedos ali e olhou-o nos olhos.

Num momento como este, com os dedos de Grace humedecidos em *Ylang-Ylang* a pressionarem o seu primeiro chacra, Nate, inexplicavelmente e de modo algo psicótico, recordou-se de Kramer, o agente de caso seu

colega em Viena, que uma vez lhe dissera que era comum chamar-se ao períneo «não é», porque «não é os tomates e não é o cu». Nate perguntou-se o que aquele tipo estaria a fazer agora. Sacudiu-se quando Grace tirou a mão.

– E quando despertas o Kundalini – disse Nate, tentando não se contorcer –, estes chacras fazem o quê, exatamente?

– A energia expande-se do chacra básico, como uma serpente a desenrolar-se, e sobe pela espinha até à cabeça, como uma corrente elétrica. Traz uma consciência profunda.

– Sinto a minha a expandir-se neste momento – disse Nate. Grace arrastou-se para a frente, sentou-se sobre as pernas dobradas de Nate e cruzou as pernas nas costas dele. Pôs os braços à volta do pescoço dele e olhou-o nos olhos. Estavam a centímetros de distância, dos narizes às virilhas, e Nate sentia o calor do corpo dela, como se estivesse sentado demasiado perto de um forno a lenha.

– Chama-se *Yab Yum*, sentarmo-nos assim – disse ela. – A união da sabedoria e da compaixão. – Pegou na mão dele, pressionou-a sobre o coração dela e manteve-a ali. – Sentes o meu coração? Deixa-me sentir o teu. – Ficaram sentados imóveis, de olhos fechados, com a mão no coração um do outro e as testas a tocarem-se ligeiramente. – Agora não podemos mexer-nos durante mil anos até atingirmos o Samadhi – disse ela.

– O Samadhi... o que quer que queira dizer... vai acontecer antes disso – disse Nate. – Só te estou a avisar.

– Para de falar – disse ela. – O Samadhi é um estado de espírito. Concentra-te. – Nate sentiu que a respiração dela ficava mais profunda e os batimentos do seu coração abrandavam, e ouvia-o na cabeça, e sentia os batimentos do coração dele a coadunarem-se exatamente com os dela. Ela tinha as pernas bem apertadas à volta dele, com os calcanhares enganchados nas costas. Subitamente, Nate sentiu uma sensação de leveza na pélvis, nas pernas, na coluna e nos braços. Um som rumorejante alto encheu-lhe a cabeça, como se estivesse numa gruta subterrânea por cima de uma cascata atroadora. A sensação de leveza passou-lhe para a cabeça, por trás dos olhos e por baixo da língua.

– Sentes? – segredou Grace. Nate acenou com a cabeça. – O Samadhi é maravilhoso – disse ela. – Pode transportar-te, transportar-te sobre

montanhas e oceanos. O que tens do outro lado do oceano, Nate? O que tens no coração?

– Uma mulher lá muito longe – disse ele, com os olhos ainda fechados, maravilhando-se com a sensação no seu cérebro e com a sua resposta, que lhe saiu da boca antes de ele ter tempo de pensar. Grace aproximou-se ainda mais dele, com os braços à volta do pescoço dele.

– Respira comigo – disse ela, inspirando profundamente. Pousou os lábios nos dele e começou a inspirar e a expirar para dentro da boca dele, rodeando-o de veludo quente e eletricidade. A respiração dela controlava a dele. Balouçou-se ligeiramente e inclinou-se para a frente, de modo a que as barrigas expandidas dos dois se tocassem.

Grace segredou-lhe nos lábios. – Quem mais está no teu coração? – Nate pensou em Agnes em Palos Verdes e em Hannah morta, e no general Korchnoi de cabelos brancos, assassinado, e em Gable, já desaparecido, e em Benford, Forsyth e Burns, que eram seus colegas e sua família, e na imagem de cabeça de balde do general Tan do ELP, aquele besouro perdulário que Nate acabara de recrutar, e quase disse o nome dele em voz alta. *Merda, o que é isto?*

Nate debateu-se, piscou os olhos três vezes, muito rapidamente, e ela soube que o tinha perdido, pelo menos por agora. Afastou-se lentamente, deslizando de cima dele.

*

Dominika estava sentada no cadeirão, de pernas cruzadas, a apertar as coxas, a transpirar. Obrigara-se a manter-se imóvel enquanto olhava para o monitor e imaginava a sensação do corpo de Nate pressionado contra o de Grace em *Yab Yum*, e sentia picos nos lábios ao imaginar aqueles beijos. Graças a Deus, não tinha de esconder um *orgasmo*, sentada a um metro do abismal Rainy Chonghuan, que estava a olhar para o ecrã com a boca aberta. Dominika ficara em pânico quando Grace passara os dedos com óleo perfumado pelo pescoço de Nate, mas apercebera-se de que esta não era a noite do assassinio.

Aquele último beijo. Estava espantada com a perícia de Grace para arrastar Nate para um estado de meditação, algo que sabia que ela própria nunca conseguiria fazer. Estranhamente, não se sentia furiosa com ele – vê-

lo depois destes meses todos num ecrã de alta resolução fora um choque, e sentia-se a um milhão de quilómetros de distância. Sabia que ele não tinha planeado que aquilo acontecesse, que estava a tentar manipular a chinesa e que fora ela a iniciar o contacto. O facto era que Dominika lhe quebraria um vaso na cabeça quando (se) o visse, mas apercebeu-se de que ainda o amava; ele dissera que amava uma «mulher lá muito longe», que Dominika sabia ser ela. Ela fora a primeira pessoa em quem ele pensara no seu *Yab Yum* – no seu subconsciente confuso. Oh, como esta coisa da espionagem interferia com a vida deles!

Contudo, neste momento o ciúme, o despeito, a saudade e o desejo eram supérfluos. Dominika não sabia se Nate seria capaz de resistir à persuasão mental desta chinesa linda, mas sabia que, quer o MSE arrancasse a Nate o nome do seu agente quer não, chegaria muito em breve ao ponto em que daria a Zhen a ordem de o eliminar. Ele era um besouro numa caixa de fósforos e eles iam pôr-lhe o pé em cima.

Rainy Chonghuan continuou a olhar para o ecrã quando Grace desejou boa noite a Nate à porta do seu apartamento. Ordenou aos técnicos que desligassem os monitores de vigilância e os microfones e virou-se para a coronel Egorova.

– Como vê, a *Zhènniao* foi extensivamente treinada e está meticulosamente preparada – disse. – Usa os aspetos místicos do ioga para manipular os seus alvos, para empregar *tao qu de zuo fa*, métodos de elicitação. Se for bem-sucedida, acontecerá da próxima vez. Se na conclusão do próximo contacto o americano não revelar o nome da toupeira, será dada ordem para o eliminar.

– O capitão é quem conhece melhor a sua operação – disse Dominika num tom casual, perguntando-se se haveria um ponto húmido na parte de trás da sua saia. – Mas eliminar o americano agora parece-me prematuro. A sua moça está a fazer bons progressos. Potencialmente, poderia obter segredos adicionais deste agente sobre as operações da CIA na China.

Rainy encolheu os ombros. – Beijing insiste – disse. – Ela vai convidá-lo para outro jantar daqui a dois dias e veremos o que acontece. A *Zhènniao* vai ficar neste apartamento a partir de hoje à noite, para o caso de o americano se sentir só e todo pinga-amores e decidir visitá-la sem avisar.

– E como vão eliminar o alvo? – perguntou Dominika.

Rainy Chonghuan mostrou o seu sorriso de margem lamacenta de um rio. – A *Zhènniao* é especialista em armas de fogo, instrumentos cortantes, cordas e uma variedade de armas clássicas. Também é especialista em combate corpo a corpo. O conhecimento de venenos e toxinas que possui é enciclopédico – disse Rainy. – O que é requerido, como na maior parte dos casos como este, é que não pareça que tenha havido mão do Serviço. Ela escolherá o método apropriado.

– Não parece que ela vá ter problemas – respondeu Dominika, com um acesso repentino de pânico. Voltou a sentir de súbito o terror persistente à sua espera em Moscovo se fosse desmascarada pela toupeira em Washington. Tanto ela como Nate estavam à beira do precipício.

SALADA DE TOMATE À MODA BIRMANESA DE KYI SAW

Corte tomates de tamanho médio e cebolas em quartos e tomates *cherry* a meio e coloque numa taça; adicione sementes de sésamo tostadas, amendoins esmagados, pó de camarão seco, malaguetas cortadas e coentros picados. Frite alho e mais cebolas até ficarem estaladiços e junte à salada, reservando uma parte. Misture vinagre de erva-limão (ou vinagre de vinho de arroz), óleo de canola, molho de peixe, sumo de lima e açúcar de palma e tempere a salada com este molho. Envolve ligeiramente com as mãos e guarneça com alhos e cebolas fritos e folhas de coentros. Combina bem com um bife mal passado.

7 Rainy significa «chuvoso». (N. da T.)

30

Vazio

Zhen não gostava de ficar no apartamento da armadilha de mel. A sua casa era num prédio mais pequeno em Mid-Levels, onde vivia rodeada pelos seus livros, materiais de ioga e mobiliário confortável. Ter de ficar neste apartamento quase vazio era um desarranjo na sua vida. Além disso, significava que a fase do assassinato se aproximava, e, embora ela não tivesse quaisquer escrúpulos em eliminar um alvo, sentia-se sempre deprimida ao concluir uma operação dessas. Agradava-lhe a caça: preparar o primeiro contacto, desenvolver a relação com falsa timidez, a excitação inebriante da sedução e a expectativa estonteante do ato final, até ao momento em que enfiava uma agulha de aço entre as vértebras cervicais de um pescoço ou passava uma corda de seda à volta de uma garganta ou via os olhos de uma vítima a arregalarem-se com alarme ao sentir os primeiros efeitos de constrição no peito provocados por um veneno. Depois, no entanto, havia um vazio, uma depressão, uma melancolia. Um vazio que o ioga ajudava a aliviar.

Zhen dizia sempre a si mesma que trabalhava como ave de pena venenosa para alimentar o estômago, mas praticava ioga para alimentar a alma. A prática dava-lhe perspetiva, energia e força para aceitar aquilo que não podia mudar. Mas havia algumas coisas que ela podia efetivamente mudar. A sua infância infeliz e a subsequente exploração como concubina adolescente, e os anos humilhantes e miseráveis na Escola de Rouxinóis e no Instituto em Beijing, a aprender a matar, só a ajudaram a confirmar a decisão de nunca mais permitir que alguém a maltratasse. A primeira vez foi em Londres, na universidade, onde foi vista como uma ave exótica e tímida por um grupo de estudantes do sexo masculino, na sua maioria uns simples rufias agressivos, mas um deles quisera algo mais. Zhen não levava nenhuma das suas armas habituais do instituto para o Reino Unido a não ser dois *gongfu shàn*, leques pregueados de combate de kung-fu, um preto e o outro vermelho, largos e delicados, com asas extensíveis de metal acopladas

às pregas. Eram armas medievais de artes marciais e Zhen sabia fazê-las adejar como asas de aves, abrindo-as e fechando-as com um som semelhante a um tiro.

Havia um complicado protocolo social relativamente ao uso dos leques, convenções chinesas ancestrais essencialmente desconhecidas da maior parte dos britânicos, mas Zhen estudara-as porque seriam extremamente relevantes quando regressasse ao Oriente como sedutora. Passar um leque fechado sobre a face significava «Desejo-te». Tocar levemente na ponta do leque aberto com os dedos significava «Quero falar contigo». Bater nos lábios com um leque fechado significava «Beija-me». Nenhuma dessas simbologias se aplicava ao Romeu britânico alto e magro chamado Rowdy White que uma noite entrou à força no quarto de Zhen na residência e ficou de pé, divertido, a vê-la empunhar dois pequenos leques à sua frente, pronta a defender-se. A experiência de leques que Rowdy tinha limitava-se às variantes de penas de avestruz usadas pelas dançarinas dos clubes de *striptease* nas travessas da High Street. Quando Rowdy estendeu a mão para agarrar Zhen pelo braço, o leque preto abriu-se com um estalido, afastando-lhe a mão. Rudy soltou uma gargalhada e mais uma vez estendeu a mão para Zhen e o leque vermelho abriu-se de repente, bloqueou-lhe o outro braço e voltou a fechar-se num abrir e fechar de olhos sobre o pulso dele. Aquilo doeu. Ele rosnou, avançou um passo, de braços estendidos, e ambos os leques se abriram com um som como o de um bando de pombos a esvoaçarem num parque, e a borda de um dos leques riscou-lhe o rosto dois centímetros e meio acima das sobrancelhas, cortando-lhe a testa e cegando-o quando o sangue começou a correr-lhe para os olhos e pelas faces abaixo. Foi o primeiro sangue de *Zhènniao* e ela ficou levemente surpreendida por ter sido tão fácil.

*

Não estava com fome, mas fez uma panela pequena de sopa *shengcài*, uma simples sopa de alface, e deixou-a a arrefecer em cima do fogão. Abriu a porta da varanda para deixar entrar a brisa noturna e sentou-se nua na almofada grande no chão na sala de estar vazia e às escuras, a inspirar grandes golfadas de ar, primeiro distendendo a barriga, a seguir o diafragma e depois os pulmões, e a expelir o ar na ordem inversa, encolhendo a

barriga e fechando o seu chacra de raiz. Repetiu em voz baixa o Adi Mantra: *ong namo guru dev namo*, uma vénia ao mestre interior, e continuou a respirar. Pôs-se de pé e inclinou-se para a frente até ao chão, com o corpo a brilhar, os seios tensos, os braços musculosos acima da cabeça, e a seguir passou a uma série de poses, com a respiração constante e audível como um silvo na expiração. Mas algo estava errado. Hoje não estava a conseguir concentrar-se.

Gostava do jovem americano, e tinha de admitir a si própria que ele era um homem decente e encantador. Os comentários dele sobre a liberdade e Hong Kong eram obviamente tópicos de conversa de recrutamento, mas ela concordava com eles. Perguntou-se como seria na cama – já não dormia com homens desde a Escola de Rouxinóis – mas não lhe importava muito que ele vivesse ou morresse. Estava só no mundo, sem se alinhar com ninguém, nem com Beijing nem com o MSE nem com o hotel ao qual dedicava todas as suas energias. Sabia que Nate era da CIA e que queria recrutá-la. Ela usara as suas artimanhas profissionais para o encorajar, namoriscara com ele e beijara-o, tudo só para o arrastar para a zona de matança. O recrutamento dela era uma impossibilidade, evidentemente – nunca se iria aliar aos americanos – e, além disso, o MSE estava a observar tudo. Zhen fora informada de que teria de lhe arrancar, por meio de truques ou de sexo, o nome da toupeira, mas, se depois de duas noites não fosse bem-sucedida teria de o assassinar. Aconteceria amanhã à noite.

Pegaria num frasco com líquido destilado da flor de acónito misturado com óleo perfumado *Ylang-Ylang* e, com todo o cuidado – uma só gota na sua pele poderia ser fatal –, aplicaria o veneno na pele de Nate (criara o precedente de lhe aplicar o óleo nas duas últimas noites), dessa vez com um aplicador de bambu. A aconitina inundaria lentamente o sistema dele e matá-lo-ia daí a horas, muito depois de ele ter regressado a casa. Zhen pôs-se de pé, inclinou-se dobrada para a frente com as palmas das mãos assentes no chão e expirou. Endireitou-se e foi para o quarto para tomar um duche antes de ir para a cama, apagando as luzes ao atravessar o apartamento. Acendeu uma vela fina de sândalo e tomou o duche à luz da vela.

A fragrância de madeira da vela era uma mudança agradável do perfume do óleo de *Ylang-Ylang*, que pairava denso por toda a parte sem se dissipar, como o fedor a cobre do sangue seco num matadouro.

Quase meia-noite. Ainda bem que Benford e Nate não iriam saber o que ela tinha planeado. Não havia mais nenhuma opção. Iam matar Nate amanhã à noite e ela nem sequer teve de pensar muito no assunto. Ia matar *Zhènniao*, a ave de pena venenosa, ou tentar, pelo menos. Dominika estava de pé na sala de estar às escuras do seu apartamento de visita do MSE, a perguntar-se se sobreviveria à próxima meia hora. Vestia calças pretas de pijama e uma *t-shirt* preta por cima de um sutiã de desporto que lhe espalmava os seios e apertava as costelas. Não queria que nada saltitasse se tivesse de se envolver com Zhen num combate corpo a corpo. Perguntou-se se a técnica de combate *Systema* derivada das *Spetsnaz* que aprendera ao longo dos anos se equipararia ainda que de longe ao que ela imaginava ser a perícia em artes marciais de uma assassina chinesa. Mesmo assim, teria de tentar. De outro modo, Nate era um homem morto.

Dominika não tinha nenhuma intenção de se defrontar com Zhen. Era provável que ela tivesse armas escondidas por todo o apartamento, já para não mencionar balas, flechas, dardos e punhais, todos embebidos em mistelas mortíferas. Depois de ver Zhen movimentar-se através do monitor de vigilância, Dominika também sabia que ela era forte, ágil e flexível e que indubitavelmente seria capaz de resistir a muitos ataques numa luta. Por consequência, Dominika teria de a apanhar numa emboscada e incapacitá-la instantaneamente. Seria a única maneira de vencer.

E tudo isto tinha de ser feito num prédio controlado pelo MSE, cheio de câmaras de vigilância e de dúzias de seguranças, que reagiriam instantaneamente ao tumulto de uma possível luta violenta. Se Dominika não conseguisse liquidar a chinesa de modo rápido e silencioso, os seguranças que viessem em socorro dela poderiam adicionalmente ligar novamente o equipamento de vigilância no apartamento, documentando para Gorelikov e Putin a sua tentativa de salvar Nate. Chegariam à mesma conclusão imediata: que Dominika trabalhava para os americanos. Seria detida em Hong Kong, enviada de avião para Beijing para ser interrogada, enfiada no voo interminável para Moscovo e depois levada numa carrinha fechada diretamente da pista para os portões da prisão Butyrka, onde algo mais do que um interrogatório estaria à sua espera. Isto, se *Zhènniao* não a matasse primeiro.

Sabia que não poderia simplesmente sair pela porta do seu apartamento esta noite – com toda a certeza estava ligada a um alarme – descer um andar e bater alegremente à porta de Zhen – também provavelmente ligada a um alarme – a autoconvidar-se para uma última bebida. Examinara a sua varanda e a do apartamento de Zhen, diretamente por baixo. Achava que conseguiria trepar pelo gradeamento da varanda do seu quarto, descer o máximo possível e, com um balanço, projetar-se para a varanda de Zhen. Se calculasse mal o balanço ou se as mãos lhe escorregassem, nada mais teria importância. Estavam a nove andares do solo. Dominika vasculhara o apartamento à procura de quaisquer armas possíveis. A cozinha não estava equipada; não havia facas de cozinha. Encontrara uma pequena caixa de ferramentas na despensa da qual tirara um x-ato com uma lâmina retrátil e um martelo de tamanho médio. Ambas estas potenciais armas teriam de ser usadas a curta distância e eram ineficientes, mas eram tudo o que ela tinha à sua disposição. Fechou o x-ato, que meteu no sutiã, e enfiou a pega do martelo no elástico da cintura das calças. Era hora de ir à caça da ave de pena venenosa. Não se esqueceu de destrancar a porta do apartamento por dentro para poder entrar depois de ajustar contas com Zhen.

O edifício Grenville House estava totalmente às escuras. Dominika sentiu-se aliviada ao descobrir que ao se pendurar pelos dedos das mãos conseguia tocar no gradeamento da varanda do andar de baixo com os dedos dos pés e pôde saltar em silêncio para a varanda às escuras do apartamento de Zhen. A porta da varanda estava aberta, e ela entrou em bicos de pés para um espaço inundado pela fragrância de *Ylang-Ylang*. Vinha do quarto o som da água do chuveiro, e Dominika estendeu a mão para o martelo enquanto avançava no escuro. Mas não tinha martelo nenhum. Não o sentira escorregar do elástico das suas calças de pijama nem bater no passeio lá em baixo.

Dominika espreitou para dentro da casa de banho. A luz trémula da vela mal era suficiente para ver para o outro lado da proteção de vidro do grande chuveiro. Zhen estava de costas para Dominika sob a cabeça retangular do chuveiro, encantada sob aquele dilúvio suave, com os braços acima da cabeça, os músculos das nádegas retesados enquanto se movia, o cabelo molhado colado ao crânio. Dominika tentou recordar-se da localização das veias e das artérias principais do corpo humano, sabendo que a lâmina do x-

ato só tinha dois centímetros e meio de comprimento. *Despacha-te lá*, disse a si mesma, *antes que comeces a gemer como uma vaca*.

Uma vaga de raiva ferveu nas entranhas de Dominika por aquilo que estava prestes a fazer, por aquilo que Eles a estavam a forçá-la a fazer. Mediu a distância na abertura do vidro e palpou o sutiã à procura do x-ato ao mesmo tempo que pensava *Corta, não apunhales, corta a garganta, os olhos, o pescoço*. Imediatamente antes de avançar, avistou um quimono pendurado num cabide na parede e deixou o x-ato onde estava, estendeu a mão e soltou o cinto de seda. Em seguida, fez rapidamente dois laços para formar um nó corredio, entrou no chuveiro, enfiou o nó sobre a cabeça de Zhen e puxou-o firmemente. Movendo-se com mais rapidez do que era humanamente possível, Zhen virou-se para ela e tentou baixar a cabeça para se soltar do nó, mas Dominika recuou para fora do chuveiro, passou o cinto sobre a parte superior do vidro e puxou-o com toda a sua força, acrescentando o peso do seu corpo, o que projetou a face de Zhen de lado contra o lado interior do vidro com um baque e, com mais um puxão, a ergueu no ar. O vidro mantinha as mãos e os pés de Zhen afastados dela.

Os dedos dos pés de Zhen tamborilavam na parede do chuveiro; os seus seios, os mamilos castanhos e a zona púbica esborrachavam-se contra o vidro molhado, e ela enclavinava os dedos no cinto que tinha à volta do pescoço, mas a seda encharcada tornara o nó ainda mais apertado e puxava-lhe a cabeça para cima. Estremeceu como um peixe, de um lado para o outro, e tentou afastar o vidro com os pés, fletindo as coxas. Saíam-lhe roncões ofegantes da boca, mas o ruído do chuveiro abafava os sons. Depois de três minutos a estrebuchar violentamente, à medida que o oxigénio no cérebro se esgotava os seus movimentos tornaram-se mais lentos, as mãos soltaram-se do pescoço e estremeceu durante outros três minutos, com a cabeça inclinada de lado e saliva a escorrer-lhe pelo canto da boca. Escorriam fios de água pelo vidro enquanto, através dele, de olhar morto e boca aberta, Zhen fitava Dominika, que se sentara no chão da casa de banho com um baque, os pés apoiados, a segurar o cinto, uma dor insuportável nos braços, e por sua vez fitava o cadáver molhado.

Cinco minutos, dez, uma hora mais tarde – Dominika não saberia dizer – soltou as mãos com câibras e Zhen deslizou pelo vidro, com os seus seios espalmados a guincharem contra a superfície molhada, normalmente um som sugestivo e erótico numa sessão de sexo no chuveiro, mas agora um

som feio e derradeiro. Zhen tombou de costas, com o queixo erguido, as pernas abertas e a água do chuveiro a encher-lhe a boca e a escorrer-lhe pelas faces. Dominika desligou a água. O som toque-toque do esgoto por baixo do corpo era o seu único requiem.

Dominika secou freneticamente os pés e as pernas e atravessou com rapidez a sala de estar – já sem chacras a palpitarem com gongos vibrantes – abriu a porta do apartamento, ignorando a possibilidade de um alarme silencioso, e deixou-a entreaberta, saiu para as escadas e puxou a alavanca da caixa de alarme de incêndio que identificara no dia anterior. Agora queria ruído e confusão. O alarme de incêndio em Hong Kong, uma peculiar sirene que soava como *woop-woop* trouxe outros inquilinos para o patamar e Dominika subiu a correr o lance de escadas, abriu a porta do seu apartamento, vestiu rapidamente um roupão e depois foi-se pôr no corredor, com um ar de perplexidade e receio. Rainy Chonghuan apareceu a correr pelo corredor com uma camisola interior sem mangas manchada com molho *hoisin* e em boxers e, de modo protetor, acompanhou-a até à rua pelas escadas apinhadas de residentes aos gritos, crianças a chorar e uma catatua a palrar numa gaiola de bambu.

Dominika foi instalada numa suite de um hotel de luxo em Kowloon nessa noite e as suas roupas, produtos de higiene e outros pertences foram metidos numa mala e entregues na manhã seguinte. Rainy, abalado e embaraçado, disse-lhe que os investigadores do incêndio que tinham chegado em resposta ao alarme encontraram Zhen Gao assassinada no apartamento operacional, estrangulada no chuveiro. O MSE estava convencido de que uma equipa da CIA a matara – provavelmente, tinham feito rapel a partir do telhado – e que talvez o americano, Nash, tivesse colaborado. Aventavam-se outras teorias, na tentativa frenética de encontrar explicações.

– Uma só pessoa não poderia ter apanhado a *Zhènniao* desprevenida e levar a melhor sobre ela em combate – disse Rainy. – Não há outra explicação.

– Não pode ter sido um crime casual? Violação? Roubo? – perguntou Dominika.

Rainy abanou a cabeça. – Impossível. Ela seria capaz de atirar um ladrão pelo gradeamento da varanda só com um braço.

– Uma conclusão infeliz e frustrante para esta operação – disse Dominika. – O que farão agora?

Rainy queria recuperar alguma dignidade em face daquele fiasco. – O *gweilo*, o diabo estrangeiro Nash, está temporariamente em Hong Kong, sem imunidade diplomática. Beijing deu-me instruções para que ordene à polícia de Hong Kong que o prenda por suspeita de homicídio. Será enviado para a prisão Stanley até ser julgado e condenado, e depois enviado para um *Laogai*, um campo de trabalhos forçados, no oeste da China, onde aprenderá a cavar carvão nas minas. Isto é, se não lhe acontecer alguma coisa pior enquanto estiver na cadeia.

Era todo um novo perigo. Se Nate fosse detido e atirado para a prisão, o MSE não teria de o assassinar. Encenaria um julgamento teatral de fachada, com cobertura internacional. Ele morreria num campo prisional nas estepes varridas pelo vento do oeste da China. Tinha de sair de Hong Kong imediatamente. Mas a Antena ficaria a saber da morte de Grace e do mandado de captura a tempo? Ou iria Nate aparecer inocentemente no apartamento dela esta noite com um ramo de flores? *Bozhe*, Deus, era possível que ele fosse meter-se na boca do lobo.

Dominika tentou combater o pânico. Teria de entrar a qualquer custo no consulado dos Estados Unidos para entregar um aviso? Sonhou acordada com essa solução. O fim da sua carreira de espia e o início de uma vida com Nate. Era um sonho reconfortante. Ele ficaria espantado por vê-la em Hong Kong, do outro lado do mundo. Ela imaginou o primeiro beijo dos dois no átrio do consulado, sem quererem saber quem estaria a vê-los. *Esquece isso, imediatamente.*

Mas o MSE tomou a decisão por ela. Ficou uma agente a acompanhá-la no quarto de hotel nessa noite, e na manhã seguinte Dominika foi levada de automóvel ao aeroporto por um mal-encarado Rainy Chonghuan e metida num voo direto da Air China para Moscovo, sem que lhe fossem propostas ou oferecidas quaisquer outras visitas de cortesia em Beijing. Não era propriamente uma demonstração de desdém: os chineses estavam agitados e perplexos. O MSE, o general Sun e o ministro da Segurança de Estado, além disso, sentiam-se vexados pelo seu fracasso operacional, testemunhado ao vivo por uma agente russa. A vergonha era demasiado grande para que ela fosse recebida como convidada no ministério. *O que*

pensariam se soubessem que a sua excelentíssima convidada de um serviço fraterno foi quem esganou a sua assassina altamente treinada?

Agora era uma corrida contra o tempo. Os americanos ficariam a saber do mandado antes de Nate ser preso pela polícia de Hong Kong? Dominika só o saberia amanhã. O voo demorava sete horas. Ela leria os relatórios do SVR sobre a Ásia de manhã. Nate estava por sua conta.

*

Afinal, Dominika não precisava de se ter preocupado. Um jovem tenente cooperante na polícia de Hong Kong, que recebia um envelope todos os meses por «conversas confidenciais» com Bunty Boothby, transmitiu a notícia sobre o homicídio e o mandado de detenção. O agente do ASIS pediu um encontro urgente com Nate e o CDA Burns. Ficaram todos seriamente abalados ao saberem que a deslumbrante Grace Gao era afinal um cão de caça do MSE. Nate ficou abismado quando o agente de Bunty acrescentou que Grace fazia parte de uma operação do MSE para subornar Nate e obter o nome do homem do ELP recentemente recrutado. Fora por pouco. Mas quem a tinha matado? O CDA Burns pôs-se a andar de um lado para o outro no seu cubículo de um metro e meio.

– Neste momento, não interessa quem deu cabo dela. Descobriremos mais cedo ou mais tarde – disse. Apontou para Nate. – Acabou de evitar um confronto terrível.

Nate pousou a cabeça nas mãos. – *A universidade, e o restaurante*, eu devia ter adivinhado – disse, quase para consigo. – Estava demasiado concentrado em tentar recrutá-la.

– Não fez nada de errado – disse Burns. – Seguiu as regras. Eu li e aprovei todos os seus telegramas e relatórios de contacto.

– Estas coisas acontecem, pá – disse Bunty, solícito, sentado com uma perna por cima do braço do sofá no gabinete de Burns. – Diz-me que pelo menos ela te fez um bico.

*

Nate não podia sair de Hong Kong ou de Macau de avião, porque ambos os aeroportos estavam a ser rigorosamente vigiados. Não havia navios de cruzeiro no porto. Bunty sugeriu a ideia de que Nate apanhasse um comboio

da Estação de Hung Hom em Hong Kong para a Estação Leste de Guangzhou e aí embarcasse num avião para Seul ou Tóquio. Pensava que o MSE nunca esperaria uma manobra assim tão audaciosa. Essa opção obrigaria Nate a esperar durante um período de tempo indeterminado por um passaporte com outra identidade enviado por Langley, o que era problemático. Não podia esconder-se indefinidamente no consulado – havia demasiados habitantes locais a trabalhar ali.

Por fim, o risco de Nate viajar *para* a China para *sair da* China convenceu o CDA Burns de que a opção não era viável. A Sede da CIA, entretanto, andava a inundar a Antena de Hong Kong com telegramas de interrogatório sobre o caso de desenvolvimento contra Grace, o seu assassinio, a segurança continuada do novo ativo, SONGBIRD e propostas para tirar Nate de Hong Kong às escondidas. Benford falou pessoalmente com Nate através de uma linha telefónica segura e pareceu calmo e moderado.

– O teu desempenho com o SONGBIRD e com esta mulher foi exemplar – disse. – Mantém-me ao corrente dos teus planos de exfiltração e volta para cá o mais depressa possível. – Desligou sem dar tempo a Nate de responder, mas aquilo, vindo de Benford, era uma verdadeira declaração de amor. Era alguma coisa, pelo menos.

Um dia depois, o CDA arranjou um plano. Pediram uma farda emprestada ao curioso, mas cooperante vice-adido militar, que era comandante na Marinha dos Estados Unidos da América. O funcionário técnico da Antena colocou em Nate um bigode fino à cor do cabelo, patilhas ligeiramente mais compridas e uns óculos pesados de armação de tartaruga para lhe tornar o rosto mais redondo. Na noite seguinte, o comandante Nash subiu para um autocarro na garagem do consulado com 20 funcionários consulares, na sua maioria da Antena. O autocarro percorreu a Connaught Road, atravessou o túnel sob o porto e estacionou junto ao cais municipal em Canton Road, em Kowloon, para uma visita pública ao USS *Blue Ridge*, um navio de comando anfíbio com 180 metros e a bandeira da 7.^a Frota da Marinha dos Estados Unidos, que estava a fazer a sua passagem bianual amigável pelo porto.

Quando chegaram, Buntly Boothby e Marigold Dougherty estavam a barafustar com os agentes da polícia de Hong Kong de serviço junto à prancha de embarque para conseguirem entrar a bordo sem convite.

Marigold estava com um vestido comprido e saltos altos e pôs-se aos berros, a ralhar a Bunty por ele se ter esquecido dos convites em casa, chamando-lhe burro e desatando a chorar. O autocarro cheio com funcionários consulares chegou e os agentes da polícia, assoberbados, fizeram uma contagem de cabeças à pressa e deixaram toda a gente entrar a bordo. Com aquela confusão toda, nem olharam duas vezes para Nate. Bunty fez um brinde a Nate na sala de oficiais, agradeceu-lhe por ser um bom camarada e comentou que Beijing ficaria «louca como uma cobra cortada» quando se desse conta por fim de que Nathaniel Nash estava fora da China. Ao fim do serão, um jovem suboficial trocou de lugar com Nate e saiu do navio, e Nate permaneceu a bordo, fora de vista.

O *Blue Ridge* partiu de Hong Kong na manhã seguinte e regressou à base naval da frota em Yokosuka, no Japão, daí a três dias, uma viagem de 1500 milhas náuticas durante a qual Nate permaneceu no seu camarote, comeu sozinho na messe de oficiais e viu uma meia dúzia de filmes. Pensava em Grace; refletia sobre Dominika e a caça à toupeira, as sessões de informação dos candidatos a DCIA e a sua posição junto de Benford e Forsyth, e aguardava com expectativa e inquietação pelo que eles teriam em mente para ele a seguir. Uma missão no estrangeiro? Um destacamento para o FBI? Um cubículo minúsculo na cave da Sede?

Não sabia porquê, mas tinha o pressentimento – simplesmente, sabia – que veria Dominika muito em breve.

SHENGCAI DE ZHENNIAO – SOPA DE ALFACE

Salteie em manteiga numa panela cebolas brancas cortadas aos cubos e alho esmagado, mexendo até as cebolas ficarem tenras. Adicione coentros picados, sal e pimenta. Acrescente batatas descascadas e cortadas aos cubos, folhas inteiras de alface (não corte as partes mais duras) e cubra com água. Deixe levantar fervura e depois cubra e deixe em lume brando até as batatas ficarem cozidas. Passe com a varinha mágica até obter um creme aveludado, adicione manteiga e tempere a gosto. Sirva quente ou à temperatura ambiente.

Liga das Nações

– É tão mau como o Angleton – disse o diretor provisório Farrell a Benford, que estava de pé em frente à secretária imaculada no gabinete do DCIA no sétimo andar da Sede. Sem a tralha de telegramas, memorandos ou planos de operações, o espaço de trabalho do diretor contrastava vivamente com a secretária de Benford três pisos abaixo no DCI, que se assemelhava mais ao centro de Tóquio depois de Godzilla passar por lá. – Vocês, os fanáticos da contrainformação, desperdiçam tempo a perseguir sombras que não existem. – Angleton fora o zeloso e messiânico chefe da CI nos anos 1970 que via desinformação e provocação soviéticas debaixo de cada pedra. Benford mudou o peso de um pé para o outro.

Farrell era um analista económico, um homem de cabelo liso da Direção de Informação que, aos olhos da cínica força de trabalho de Langley, era uma escolha pouco apropriada para dirigir a Agência, mesmo que temporariamente. Tinha olhos de água de lavar pratos, um tom de pele de cera, uma voz aguda de desenhos animados e um interesse persistente e singular em se autopromover. O presidente dos Estados Unidos reconhecera em Farrell um internacionalista como ele, com um saudável desdém pelos *cowboys* da CIA. Farrell passara a agradar ainda mais à Casa Branca depois de declarar publicamente que daria ouvidos às avaliações dos analistas da Sede relativamente à situação política de qualquer país em vez de se fiar nas estimativas dos chefes de Antena no terreno, uma apostasia cada vez mais em voga depois do improvável afogamento do DCIA Alex Larson. Quando o comentário de Farrell foi divulgado, os agentes operacionais em território estrangeiro prosseguiram com o seu trabalho, brindando em silêncio à saúde do diretor provisório em jantares de recrutamento por todo o mundo.

– Esta toupeira não é propriamente uma sombra – disse Benford, controlando o impulso de dizer a este burocrata pomposo que ele era uma cacatua vaidosa. – A existência dele foi corroborada por um ativo importante em Moscovo.

O diretor resfolegou. – É sempre o mesmo – disse. – O ativo importante diz qualquer coisa e lá vamos nós numa caça aos gambozinhos. É absurdo. Que ativo comunicou isso? – O diretor tinha o direito de fazer perguntas sobre qualquer fonte, incluindo o seu nome verdadeiro, mas Benford protegia ciosamente os seus casos de contacto restrito, geralmente só se referindo a eles pelos seus criptónimos.

– A DIVA, a nossa principal fonte na Rússia. As informações dela têm sido impecáveis, roubou segredos de dentro do próprio Kremlin.

Farrell fez uma careta. – Prefiro evitar essa frase batida, «roubar segredos». Roubar implica métodos extralegais e moralmente repreensíveis.

– É a definição de espionagem, desde que Judas beijou Jesus – disse Benford. – O que lhe chama você?

Farrell olhou para cima, irritado pelo tom de voz de Benford. Os dois homens fitaram-se em desafio. – Nós não roubamos segredos – disse.

Benford manteve uma expressão impassível. – Já ouvi essa homilia noutros tempos. É tão imbecil agora como foi na época.

Farrell girou na cadeira, virando as costas a Benford. – Não o chamei cá acima para ouvir o seu sermão retrógrado da velha guarda. Chamei-o porque me foi dado a entender que não está a informar plenamente os três nomeados para o cargo de diretor. Deve informá-los a todos sem reservas, sem evasivas, incluindo os relatórios desse seu ativo excecional. Compreende? Informações plenas.

– O ativo encontra-se numa posição precária. Pode ser identificado como a fonte de informação – disse Benford, sabendo já o que ia fazer.

– Pare lá com esse pedantismo – resmungou Farrell. – Os nomeados têm todos autorização para aceder a informações secretas. Informe-os. Sobre tudo. Fiz-me entender?

*

– Ainda vais fazer com que te mandem para o olho da rua, Simon – disse Forsyth. Estavam sentados no gabinete de Benford. Lucius Westfall estava entalado no sofá por trás de Forsyth, a tentar evitar que uma pilha de dossiês em equilíbrio precário caísse em cima dele e para o chão.

– Suspeitamos que um dos candidatos a próximo diretor da Agência Central de Informações é uma toupeira dirigida pelo Centro de Moscovo. O

candidato do Kremlin. Se o MAGNIT for selecionado como DCIA, a Agência deixará de existir, e os Estados Unidos ficarão cegos a ameaças do estrangeiro. Será pior do que o Philby, pior do que o Ames ou o Hanssen.

– Teríamos de exfiltrar e dar nova vida a centenas de ativos – disse Forsyth. – Não só os russos, mas também fontes na China, na Coreia do Norte e em Cuba.

– O corredor dos flocos de cereais no supermercado em Alexandria⁸ vai parecer a Liga das Nações, com todos os ex-agentes às compras – disse Westfall, que em tempos tomara conta do bebê de um desertor chinês e sabia como muitos desertores podiam ser de mau trato.

– Esses serão aqueles que acedemos a ajudar a fazer nova vida. Vai haver muitos tipos menos importantes que vão ser atirados para a cadeia ou aposentados sem pensão – disse Forsyth.

– Estão ambos a esquecer-se dos que se recusarão a sair do país e que se tentarão aguentar – acrescentou Benford. – Os que eles vão dar a comer aos leões. – Estavam todos a pensar em Dominika.

– Então, estás disposto a arriscar a tua carreira para desafiar o diretor?

– Em troca da DIVA? O que farias tu? – Todos sabiam a resposta a essa pergunta, mesmo o novato no sofá, que já se sentia ferozmente protetor da russa de olhos azuis.

– Está na hora de um clister de bário – disse Benford. – Lucius, vou precisar da tua ajuda.

Westfall arregalou os olhos. Perguntou-se freneticamente se poderia de algum modo tratar-se de um rito medieval secreto de iniciação na Direção de Operações ou, igualmente plausível, uma prática pessoal de mau gosto de Benford na qual se esperava que ele, como seu faz-tudo, prestasse assistência. Tinha a certeza de que isso não fora incluído na sua lista de deveres profissionais.

Westfall sentiu-se desmedidamente aliviado, embora alarmado com a escala da sedição, quando Forsyth e Benford lhe explicaram o que significava «clister de bário» – um teste de contrainformação – e o que queriam. Nesse momento, a secretária de Benford entrou com o almoço, uma caixa contendo taças de esferovite com sopa chinesa de ovo da cantina, que se tornara popular desde o recrutamento de SONGBIRD. Passou os recipientes aos três e o gabinete mergulhou em silêncio, só interrompido pelo som de Benford a sorver a sopa.

Por sorte, na ronda seguinte de sessões de informação os horários dos nomeados não puderam ser conciliados, de modo que tiveram de ser marcadas sessões individuais a horas diferentes. Benford informou de forma obsequiosa a senadora Feigenbaum e Farbissen, o seu acólito mal-encarado, sobre uma operação melindrosa para recrutar um funcionário de encriptação russo em Buenos Aires, com base não em alguma vulnerabilidade ou transgressão do regulamento demonstrada, mas simplesmente porque se observara que o jovem solteiro parecia solitário. Farbissen resfolegou com desdém e a senadora murmurou entre dentes «uma ida à pesca», nenhum deles reconhecendo o imenso valor de recrutar um funcionário de encriptação.

Na realidade, Benford inventara toda a operação. Se Feigenbaum/Farbissen fossem as toupeiras, o Centro apressar-se-ia a mandar chamar a Moscovo o inocente funcionário de encriptação – algo que o cooperante serviço argentino poderia averiguar imediatamente – para o livrar das garras da pérfida CIA. Benford perdeu uma hora a desempenhar o seu papel, a tentar convencer estes dois bivalves do Congresso de que a operação era meritória. Por essa altura, o tempo da sessão chegara ao fim e Benford evitara prestar informações sobre os seus casos mais melindrosos – por ora. Era uma manobra que só resultaria uma vez.

No dia seguinte, foi Forsyth a prestar informações à vice-almirante Rowland. Benford sugerira que Forsyth recorresse aos seus encantos de homem maduro para ver se a militar reagiria a eles. Mais tarde, Forsyth informou que namoriscar vagamente com a almirante era como atirar bolas de algodão a uma placa de aço rebitado.

– Meu Deus – disse Forsyth. – Usei o meu fato escuro com o lenço italiano no bolso do peito, mandei-lhe com o sorriso do agente de caso e cumprimentei-a pela sua gestão inspirada do ONR. Deixei que me apanhasse a olhar-lhe para as pernas e contei-lhe uma história sobre a minha noiva, que perdi no mar num tufão. Nada. Nenhuma reação. Já tive norte-coreanos em receções diplomáticas a reagirem mais do que ela. Fui para casa nessa noite e chorei baba e ranho.

– A idade não perdoa. Chega a todos – comentou Benford, a comiserar com Forsyth. – Embora talvez tenha sido por causa do lenço no bolso do

peito.

Forsyth tinha informado a almirante sobre um caso perturbante na Cidade do Panamá que envolvia um senador do parlamento panamiano, recrutado mas difícil de controlar, que se aproximara de um diplomata russo não identificado (e imaginário) que andava a «dar com a língua nos dentes». O senador recusava-se a identificar o russo até a Antena aceder a lhe aumentar o salário. Benford sabia que até mesmo a *possibilidade* de um diplomata russo desconhecido se tornar amigo de um agente de acesso da CIA resultaria numa abordagem apressada dos russos ao venal senador, numa tentativa de identificar o diplomata tresmalhado. (O senador, de facto, era um ativo leal de longa data, que comunicaria qualquer contacto de aliciamento ou vigilância.)

– A almirante escutou delicadamente, mas era óbvio que não estava interessada – disse Forsyth.

– Era capaz de estar a pensar em impedância magnética e em joules – disse Benford. – É a menos provável dos três, na minha opinião. – Virou-se para Westfall. – Vai fazer a sessão de informação com o embaixador Vano amanhã. Como ele parece menos preocupado com questões de hierarquia e tem uma personalidade calma, presumivelmente não vai objetar a ser informado por um novato. Desempenhe o seu papel com um entusiasmo juvenil e dê a ideia de que está a exceder-se nas informações que presta. Observe a reação dele. É um homem de negócios com acesso, que é vaidoso e inexperiente em questões de informações secretas. Jogue com isso.

Para um analista júnior que era novo na Direção de Operações, Lucius desempenhou na perfeição o seu papel de analista demasiado sério, munido de factos e números, que gostava de se ouvir falar. Falou ao embaixador sobre um capitão naval russo (fictício) na Frota do Norte com base em Murmansk que tencionava desertar e ir clandestinamente com a família para a Finlândia na parte de trás de um camião com 18 rodas entre as centenas que passavam por *Vaalimaan Rajanylityspaikka*, a fronteira finlandesa mais meridional na E18. Westfall gabou-se de que o capitão russo comandava uma frota de submarinos balísticos, potencialmente traria com ele carradas de documentos navais ultrassecretos e tentaria passar a fronteira daí a dois meses. Seria um isco irresistível para os russos, que desmantelariam todos os camiões que saíssem da Federação Russa, provocando um caos total na fronteira, o que seria facilmente observado. Benford estava agora

convencido de que espalhara o seu trilha de migalhas aos pés de cada candidato.

– Prevejo que o FSB e o SVR vão colaborar, e que a DIVA será envolvida nas investigações – disse Benford. – Nós, por conseguinte, vamos ter informações fidedignas sobre qual das variantes foi comunicada a Moscovo.

– Se alguma vez chegarmos a enviar à DIVA meios de comunicação fiáveis – resmungou Forsyth. – Não podemos continuar a encontrar-nos com ela na rua.

– O Hearsey disse-me que foi testado um novo equipamento de comunicação e que não tardará a estar pronto para ser usado. Vem fazer uma demonstração esta tarde. Vocês deviam estar cá para avaliar se é adequado para a DIVA, especialmente o Nash, quando regressar do Oriente.

*

Nash regressou no dia seguinte, foi sarcasticamente louvado por Benford por ter resistido a usar o seu falo nas operações de Hong Kong e foi posto ao corrente da situação relativamente à caça à toupeira. Hearsey veio ao gabinete de Benford e acenou aos agentes que se encontravam presentes. *Decididamente, parece o Gary Cooper* – pensou Nate, reparando no seu hábito de homem alto de instintivamente baixar um pouco a cabeça ao entrar pela porta. Hearsey vestia um casaco desportivo de um tecido macio por cima de uma camisa às riscas e de umas calça caqui, e trazia uma pasta de executivo prateada ZERO Halliburton. Atrás dele, a arrastar uma grande arca militar de plástico da marca Pelican, vinha um outro técnico, apresentado como sendo Frank Mendelsohn, que era baixo, delgado, moreno, tímido e nervoso, e sobre quem Benford segredou: – É o tipo que não queremos a montar a bomba na cave.

Hearsey acenou com a cabeça a Nate. Os agentes operacionais já tinham trabalhado com Hearsey; ele entrara numa fábrica alemã com Gable para sabotar peças centrifugadoras destinadas ao Irão, e treinara Hanna Archer, a amiga de Nate, antes de ela ser colocada em Moscovo – tanto Gable como Hannah já não encontravam entre os vivos. Hearsey era aquilo a que chamavam um técnico operacional, um engenheiro de formação que sabia que não era possível meter à socapa num escritório um equipamento de

escuta se este fosse constituído por 12 peças e pesasse 300 quilos. Compreendia as operações e as suas soluções técnicas refletiam essa compreensão, o que o tornava uma ave rara.

Como lhe era habitual, Benford prescindira da autorização do diretor do Departamento de Serviço Técnico e pedira confidencialmente a Hearsey que pensasse em soluções para o problema de comunicações de DIVA agora que ela estava prestes a ser diretora do SVR. Pediu-lhe que pensasse criativamente e lhe trouxesse uma resposta. Era um pouco arriscado para Hearsey aceitar o desafio e trabalhar num projeto clandestino para Benford sem o conhecimento do seu chefe, mas não suportava o patrão, um tipo de fora sem conhecimentos técnicos a quem ele chamava um gerente gaivota. – Entra a voar, começa a gritar, caga em cima de tudo e depois bate as asas e vai-se embora – dissera Hearsey a Benford.

Hearsey sentou-se no sofá, com os joelhos ao nível do estômago. – Presumo que posso falar dos pormenores diante de toda a gente – disse. Benford acenou com a cabeça. – Tive o princípio de uma ideia, por isso pedi à NGA, ou seja, à Agência Nacional de Informação Geoespacial... os tipos que põem os satélites em órbita... que assestasse a mira na sede do SVR em Yasenevo. Eles fizeram uma operação ELINT para recolher informações sobre emissões eletrónicas e uma outra, uma MASINT, para medir energia. Eu estava à procura de duas coisas: se os edifícios principais radiam energia elétrica para o exterior; e se só existe um transformador principal (os transformadores redutores bloqueiam a energia) numa central separada.

– Que tal se saíram? – perguntou Forsyth.

– Acertámos nos dois – disse Hearsey. – Os edifícios irradiam energia, por isso deve haver quilómetros de fios dentro das paredes, e os transformadores estão numa central do outro lado do complexo do SVR.

– Já estou com a pulsação acelerada, mas o que é que nos estás a dizer exatamente? – perguntou Benford.

Hearsey sorriu. – Vais gostar disto, Simon. Os russos protegeram a sede deles no interior contra escutas externas, mas não pensaram na fuga de energia pelos fios que estão *fora*, para o pinhal que rodeia a sede. O facto é que os dois edifícios principais da sede do SVR em Moscovo são essencialmente uma grande antena a buzinar – disse. – Até mesmo a forma

dos dois edifícios, uma torre de 15 andares ligada a uma ala com cinco andares, em forma de ípsilon, funciona como uma antena direcional Yagi.

– Não vou perguntar o que é uma antena Yagi. Mas como é que isso nos pode ajudar? – disse Benford.

– É *Yagi*, e é mesmo do que precisamos.

Hearsey virou-se para Mendelsohn, que abriu a arca e tirou um candeeiro de secretária composto por uma base grande de ébano, um braço de aço inoxidável em forma de L e um quebra-luz largo preto. Hearsey sorriu e pousou o candeeiro no braço do sofá.

– Ponham este candeeiro em cima da secretária da vossa agente e liguem-no à parede. É tudo. Ela pode ditar, gravar ou digitar mensagens para o Simon através deste candeeiro, usando os fios elétricos do edifício como condutor, mesmo com pessoas presentes no gabinete dela – disse Hearsey. –

Uma outra característica: ao alinhar documentos ao longo da base, por baixo do quebra-luz, estes podem ser fotografados, mesmo enquanto estiverem a ser assinados, mesmo com uma secretária a olhar por cima do ombro. E o candeeiro informa-a quando uma mensagem de Simon estiver à espera dela.

– Como é que faz isso? – perguntou Nate.

– Um anel de vórtice de ar – disse Hearsey.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Forsyth.

– Sopra-lhe ao ouvido – explicou Hearsey.

– Isso não pode ser uma coisa má – comentou Westfall.

*

Hearsey foi-se embora daí a duas horas, depois de demonstrar as funções do candeeiro de secretária como disfarce do equipamento de comunicações secretas de DIVA. Hearsey disse-lhes que o sistema estava encriptado como BOLERO, um nome que Simon achou algo tolo. No entanto, sentia-se satisfeito. Hearsey excedera as expectativas, apoiado pelo brilhantismo em engenharia de Frank Mendelsohn, cuja alcunha no escritório, inexplicavelmente, era Money Shot.² O transmissor/recetor BOLERO era interativo, multifuncional e estava protegido de interferências através de uma ligação de permissão por reconhecimento de retina. As mensagens ou as imagens que Dominika carregasse no dispositivo seriam armazenadas até

ser detetado o código do satélite telemétrico BATTLEFAT em órbita geossíncrona acima do Círculo Ártico. Em três segundos e meio, as mensagens armazenadas de Dominika percorreriam a rede elétrica do edifício até ao satélite, e as mensagens recebidas seriam lidas pelo candeeiro BOLERO ligado à tomada no gabinete de DIVA.

– Estas transmissões serão detetáveis dentro do edifício? – perguntou Nate. – É seguro?

– Os especialistas de segurança de comunicações do SVR resolveram-nos esse problema – disse Hearsey. – Como protegeram o edifício contra escutas externas, as nossas comunicações não emanam no interior. Tivemos sorte.

– Tenho uma pergunta – disse Westfall, com a sua mente de analista. – Sei que as transmissões para satélites são vulneráveis a serem intercetadas por rádio ou deteção de direção.

– Refere-se à triangulação – disse Hearsey. – Não com este sistema. A potência é baixa, como a do vosso equipamento SRAC, mas, o que é mais importante ainda, as transmissões são difusas. É a diferença entre identificar um raio de luz no céu à noite para encontrar o foco e meter nevoeiro dentro de um saco de pano. – Benford soltou um grunhido de aprovação, era uma metáfora que conseguia compreender.

Frank Mendelsohn explicou em seguida os princípios da comunicação háptica (táctil), interface orgânica de utilizador e visualização flexível com interações maleáveis até Benford começar a ficar roxo. A questão nada insignificante de como fazer entrar o candeeiro nas instalações do SVR sem despertar suspeitas parecia ser um problema, até Nate dizer que Dominika poderia levá-lo ela própria quando se mudasse para o gabinete de diretora e escolhesse novo mobiliário. O candeeiro seria deixado num lugar seguro pela Antena de Moscovo. Era arriscado, mas exequível. E quando ela tivesse o candeeiro em cima da secretária deixaria de ter necessidade de se encontrar na rua com um agente de caso – os encontros pessoais seriam reservados para quando DIVA viajassem para fora da Rússia. Benford disse que deveriam implementar o sistema BOLERO logo que possível.

DIVA ficaria mais uma vez em contacto e Benford poderia começar a ler de novo a correspondência de outros cavalheiros, com a exceção das mensagens de e para MAGNIT. E esse é que era o problema.

SOPA CHINESA DE OVO DA CANTINA DA CIA

Aqueça caldo de galinha e adicione um pouco a amido de milho (farinha maisena) para o dissolver. Ao restante caldo acrescente gengibre, molho de soja, cebolinho, cogumelos cortados finos e pimenta branca e deixe levantar fervura. Adicione o amido de milho dissolvido, mexa bem e deixe cozer em lume brando. Bata vigorosamente os ovos num recipiente à parte e deite-os lentamente na sopa mexendo sempre, de modo a que cozam e se separem em filamentos. Um ingrediente opcional é milho doce ou papa de milho. Guarneça com cebolinho cortado e sirva imediatamente.

8 Cidade nas imediações de Washington DC, não a cidade egípcia com o mesmo nome. (*N. da T.*)

9 Expressão que no cinema significa um momento de clímax; também, e mais provavelmente neste caso, pode utilizar-se para aludir ao momento num filme pornográfico em que o ator ejacula. (*N. da T.*)

Dentes Tortos

O regresso de Dominika da China – o boato da sua missão secreta em Beijing pusera os *siloviki* (menos Gorelikov e o chefe do FSB, Bortnikov) desatinados de inveja e ansiedade – coincidiu com o anúncio da sua promoção a general de uma estrela e ao cargo de diretora do SVR. Homens com rostos bolachudos e duplo queixo juntaram-se à sua volta após a reunião do Conselho de Segurança para a congratular, envolvendo-a num miasma impossivelmente enjoativo de águas de colónia variadas sobrepostas ao suor terroso de medo de políticos que tinham milhões escondidos em contas no estrangeiro. Por conseguinte, era importante estabelecer boas relações com esta *shlyukha*, esta ex-galdéria, que agora tinha ao seu dispor os meios organizacionais e as autoridades para investigar contas bancárias no estrangeiro sempre que Vladimir Vladimirovich o ordenasse. Manápuas como bifes com unhas tratadas e anéis no dedo mindinho sacudiam a mão dela e os halos amarelos tremeluziam acima dos seus sorrisos amarelos, entremeados pelas raras coroas azuis dos poucos pensadores pragmáticos no Conselho, as ocasionais gazelas que vagueavam por entre os búfalos de flancos enlameados. Os pensadores tinham uma baixa taxa de sobrevivência nas selvas do Kremlin.

A cerimónia oficial da promoção realizou-se na semana seguinte, no faustoso Salão Andreyevsky no Grande Palácio do Kremlin, em frente das portas curvas com 12 metros de filigrana dourada, acima das quais a águia preta de duas cabeças da Federação Russa montava a sua guarda, de asas abertas e com o globo e o cetro nas suas garras. As relíquias representavam o domínio de Deus sobre a Terra, e o governo benevolente e justo do povo pelo seu monarca. Dominika pensou na colossal ironia de benevolência e justiça na Rússia moderna quando o presidente se aproximou dela para lhe pregar a medalha da Ordem por Mérito à Pátria, Primeira Classe, na lapela da sua túnica verde, o uniforme militar que os chefes de serviço usavam em cerimónias para refletir as suas patentes. Dominika detestava o corte largo

do casaco de trespasse, as dragonas hirtas e a saia verde a direito, mais adequada a uma bibliotecária ou uma funcionária de um notário. Nem conseguia olhar para os sapatos pretos pesadões.

– *Pozdravlyayu*, General – disse Putin, olhando-a nos olhos. Felicitações. Os seus dedos demoraram-se a pregar-lhe a medalha na lapela, alisando todo solícito a fita vermelho-escura pendente e roçando com um toque sabido a parte superior do seu seio esquerdo. Dominika perguntou-se se não haveria uma fivela ornamentada de um cinto de general a ser concedida a seguir, que apresentasse uma oportunidade adicional para o presidente lhe alisar as dobras da saia do uniforme.

– Obrigada, Senhor Presidente, continuarei a servir a *Rodina* com todas as minhas energias – disse Dominika, assumindo uma postura que imaginava ser de atenção. O halo azul de Putin pulsou uma vez e ele fez-lhe um sorriso esverdeado que transmitia sem ambiguidades «não, serve-me *a mim* com todas as tuas energias, que se lixe a *Rodina*», enquanto lhe apertava a mão e dava um passo para o lado a aproximar-se de outra pessoa a condecorar, uma campeã de ginástica rítmica de 27 anos que ia aposentar-se do desporto e fora nomeada organizadora distrital do *Yedinaya Rossiya*, o Partido da Rússia Unida – o partido do governo, que controlava 75 por cento dos lugares no Parlamento. Dominika perguntou-se o que a qualificaria para aquele cargo. O presidente voltou-se para Dominika depois de pregar laboriosamente uma medalha de mérito desportivo na lapela da corada ginasta.

– Aguardo com expectativa a oportunidade de a acolher na receção no cabo Idokopas daqui a alguns dias – disse Putin, com um sorriso lúbrico. Dominika perguntou-se se a sua dacha estaria sob escuta áudio e vídeo e se o presidente teria a chave da porta. *Perguntas estúpidas*.

– Lá estarei, Senhor Presidente. Obrigada pelo convite. E devo agradecer-lhe de novo pelo uso da dacha. É maravilhosa.

Putin acenou com a cabeça. – A vista do mar dessa dacha em particular só fica atrás da que se tem da suite na casa principal – disse ele, como se estivesse a vender uma participação num esquema de *time-sharing*.

Dominika sorriu. – Não o duvido – disse, sem se descair. Não ia espetar o peito, humedecer os lábios e dizer-lhe que mal podia esperar para comparar as duas vistas. Como manter afastadas de si as mãos de um déspota desconfiado, cobiçoso e excitado durante dois ou três dias sem provocar a

sua fúria ou, o que seria ainda pior, sem o embaraçar relativamente a questões de desempenho? Corriam boatos picantes nas ruas de Moscovo de que Dimitri Medvedev, o diminuto primeiro-ministro de Putin, um protegido seu que trocara de posição de liderança com Putin para cumprir as leis de limite temporal no cargo, era mais abonado e, bem, mais *animalesco* do que o seu supostamente ultraviril patrono. A alcunha de Medvedev nesses anos era Nano Presidente, mas a mera ideia de que Putin não era o lobo alfa desenfreado de toda a matilha não podia ser nem remotamente considerada. – Até lá – disse o presidente antes de se afastar. – Dominika sentiu passos a aproximarem-se por trás dela.

– Parabéns, Senhora Diretora – disse Gorelikov com uma vénia, sorridente e cheio de júbilo. – Mereceu esta honra e realizaremos grandes coisas nos meses vindouros. – *Grandes coisas, com certeza* – pensou Dominika. – *Perturbar democracias, subornar inocentes, dar oportunidades a substitutos diabólicos, talvez desencadear a próxima guerra mundial.* Mas Anton estava a deleitar-se com as possibilidades que se divisavam, agora que a sua menina ingénua, a sua criação, conseguira o importante cargo. – Com o anúncio do seu novo cargo, tomei a liberdade de transferir os seus pertences para o seu novo apartamento no último andar de Kutuzovsky Prospekt. Vai achá-lo elegante e bastante confortável. – *Que bondade e consideração.* Aquele favor de cortesia fora uma oportunidade para a equipa de Gorelikov revistar as coisas dela. *Bozhe*, graças a Deus enterrei o meu equipamento SRAC avariado antes de partir. – O apartamento pertencia a Andropov antes de ele se tornar Primeiro Secretário – explicou Anton todo sorridente. *Encantador. Espero que tenham tirado a cama de hospital e as botijas de oxigénio dessa altura.* – O seu horário será naturalmente ocupado com mais deveres de representação, a começar amanhã à noite com uma receção diplomática formal no Salão Georgievsky no Grande Palácio do Kremlin. Além das embaixadas, vão comparecer várias delegações.

O primeiro pensamento irracional de Dominika foi que não tinha nenhum vestido para uma receção formal. Mas Gorelikov era bruxo, e leu-lhe a mente.

– Dominika, também tomei a liberdade bastante arrojada de mandar pôr uma seleção de vestidos de cerimónia no seu armário – disse Anton, qual criado de quarto –, mas tenho de lhe pedir perdão antecipadamente pela

minha total falta de gosto. Espero que pelo menos um deles lhe agrade. – O elegante Gorelikov, hoje com um maravilhoso fato de flanela cinzenta de corte britânico, uma camisa branca com colarinho largo e uma gravata de malha preta, devia ter escolhido, Dominika não duvidava, vestidos elegantes e caros no número exato que ela usava. *Bem-vinda ao clube* – pensou Dominika. – *Agora, até te vestem como uma boneca.*

– Tenho a certeza de que são lindos, obrigada – disse Dominika, já a pensar noutra coisa. Sabia que Benford ficaria a par da sua promoção há muito prevista daí a menos de um dia: a agência TASS e o *Pravda* publicariam a notícia, com certeza destacando o facto de a general Dominika Egorova ser uma das mulheres num dos cargos mais elevados do governo. *A Rússia moderna a dar grandes passadas* – pensou Dominika –, *apesar do facto indesmentível de que o país inteiro não era mais do que uma grande estação de serviço com armas nucleares e montes de dissidentes assassinados.*

Como a multidão não fazia menção de dispersar – ninguém chegava a uma cerimónia de Estado depois do presidente, assim como ninguém partia antes dele – Dominika continuou a falar com Gorelikov, e Alexander Bortnikov, do FSB, não tardou a vir fazer-lhes companhia, congratulando Dominika com os seus modos brandos, na sua maravilhosa farda de um azul acinzentado com entrançados dourados nas lapelas e nos punhos. Bortnikov era um tenente-general com três estrelas, afinal. Deu um aperto de mão a Dominika enquanto a congratulava e o seu aperto delicadamente firme era seco e quente, o seu halo azul constante – semelhante à aura igualmente constante acima da cabeça e dos ombros de Gorelikov – indicavam reserva e bom senso. Talvez ela pudesse acabar por contar com estes dois como verdadeiros aliados no labirinto do Kremlin. Mas depois recordou-se de que este benévolo e razoável avô planeara e autorizara o assassinio de Litvinenko em Londres. *Ninguém, mas ninguém, era um aliado.*

Os olhares de soslaio dos *siloviki* que cirandavam por ali eram mal disfarçados; narizes nervosos tinham já farejado o ar e identificado provisoriamente um triunvirato recém-formado – Gorelikov e os diretores do SVR e do FSB, uma cabala poderosa que desfrutava dos favores do próprio presidente. Mas Dominika recordou-se do aviso de Benford quando o assunto da sua possível indigitação para chefe do SVR foi abordado pela primeira vez: – Vai estar perto do topo, mas, ao mesmo tempo que se

tornará indispensável a Vladimir, será também considerada uma ameaça à sua suserania. – Nate teve de traduzir aquela palavra, mas ela sabia que Benford tinha razão. A partir de agora, a sua vida oficial seria acossada por testes ocultos, armadilhas ardilosas e avaliações constantes da sua lealdade. Disse para consigo sombriamente que escavar o Kremlin para Benford, Nate e Forsyth seria uma satisfação tripla a partir de agora, enquanto fosse viva.

Sentiu o familiar peso no peito a aumentar. Onde estaria Nate agora? Iriam deixá-los verem-se um ao outro? Ela teria de arranjar uma viagem plausível ao estrangeiro, a sua primeira como diretora do SVR, para poder encontrar-se com os seus amigos da CIA, e a partir de agora teria de se haver com assistentes a pairarem à sua volta e pessoal de segurança sempre presente.

Dominika estaria muito ocupada nas próximas semanas e teria de alterar o seu modo de operar. Teria de inventar uma razão para sair sozinha sem escolta, a fim de deixar um sinal a marcar um encontro pessoal com Ricky Walters e de tomar providências para fazer uma viagem ao estrangeiro no futuro próximo. Isso demoraria algumas semanas. Dominika tinha muitas informações a transmitir aos seus contactos da CIA e necessitava desesperadamente de um meio de comunicação fiável e seguro. Ainda não decidira se iria ou não contar a Benford e a Nate que salvara a vida de Nate em Hong Kong. Por agora, no entanto, tinha de se preparar para uma festa.

*

O Salão Georgievsky no Grande Palácio do Kremlin era uma série infindável de enormes tetos apainelados e muito ornamentados, apoiados em colunas de mármore em espirais onduladas em cada ponto, com capitéis intrincados e plintos, uma arcada de marfim e ouro de uma opulência ofusca iluminada por lustres colossais que pendiam em fila de cada cúpula, três, quatro, cinco, seis, com galáxias de luzes a refletirem o soalho polido incrustado com pedaços coloridos de madeiras preciosas dispostos em padrões tão complexos como um tapete Tabriz da Pérsia. A sala estava completamente cheia com o animado corpo diplomático de Moscovo, a acotovelar-se e a erguer taças de champanhe acima das cabeças para passar por entre a multidão. Os oligarcas apinhavam-se discretamente a um canto,

cada um deles a perguntar-se se e quando e sob que pretexto as suas fortunas pré-Putin seriam confiscadas. Os *siloviki* mantinham-se informalmente à volta do presidente enquanto ele circulava por entre as pessoas sem grande entusiasmo, concedendo um sorriso seco pouco frequente ou, o que era mais raro, um sorriso mais rasgado que, muito claramente, lhe custava muito.

Oficiais de alta patente das forças armadas russas, do exército, da marinha e da força aérea, mantinham-se segregados nas suas manadas, respetivamente verde, azul-marinho e azul claro, como manadas de antílopes africanos a pastar, os cudos afastados das palancas, por sua vez separadas das impalas. Dominika sabia que Gorelikov encheria o seu armário com vestidos fabulosos. Dois de Paris (um Vuitton e um Dior) e um de Milão (um Rinaldi), mas ela escolhera o mais discreto Dior, um vestido com um estampado floral de seda champagne cor de rosa com lantejoulas, o corpete justo, a cintura pregueada e um grande decote. Gorelikov conduziu-a por entre a multidão, apresentando-a. Ela já conhecia os búfalos do Conselho de Segurança e o secretário do Conselho, o sério Nikolai Patrushev, que ficou a conversar com ela uns minutos enquanto lhe fitava o decote. Nikolai afastou-se quando Bortnikov apareceu e manteve Dominika divertida por uns 15 minutos a segredar-lhe ao ouvido quais eram as pessoas das embaixadas que se sabia ou suspeitava serem dos serviços de informação estrangeiros dos respetivos países.

– Aquele é o representante do BND alemão? – perguntou Dominika. – Parece um *godovalyy bychok*, um suíno reprodutor. Não pode ser ativo na rua.

Bortnikov apontou-lhe um homem magro com cabelo branco que estava a falar com um grupo de diplomatas. – O chefe da Antena americana Reynolds, um homem capaz, astucioso e cheio de truques – disse Bortnikov. – Os agentes dele são ativos na rua, mas não detetámos as atividades deles... ainda. – *Continua com o bom trabalho*, foi a mensagem telepática de Dominika ao americano.

Subitamente, Gorelikov apresentou as suas desculpas e furou por entre a multidão, esquivando-se a obstruções até meio do comprimento da sala de cem metros. Uns uniformes navais russos tinham-se juntado numa das entradas para cumprimentar um outro grupo de uma dúzia de oficiais navais estrangeiros que estava a chegar – Bortnikov segredou-lhe que eram

americanos, uma delegação da Marinha dos Estados Unidos –, e parecia haver tantos entrançados dourados e tantos peitos cheios de fitas nos americanos como nos russos.

– O que é que eles estão a fazer aqui? – perguntou Dominika.

Bortnikov encolheu os ombros. – Algumas discussões tontas a propor uma cooperação naval conjunta contra piratas da Somália e da Malásia – respondeu. – O Patrushev decidiu que não temos nem tempo nem recursos para tais aventuras, mas convidámo-los de qualquer maneira para manter as aparências e para recolher dados sobre estes almirantes. Um dia, podemos ter de os defrontar em combate – disse Bortnikov, com uma risadinha. Dominika ficou a ver Gorelikov, Patrushev e os almirantes russos a serem cumprimentados de modo hirto pelo contingente americano, que vinha acompanhado pelo embaixador dos Estados Unidos e por uma falange de assistentes, entre eles, para alarme de Dominika, o jovem Ricky Walters, o agente de caso que se encontrava pessoalmente com ela em Moscovo. *Bogu moy*, meu Deus, se ele visse Dominika teria a presença de espírito para se manter inexpressivo? Dominika resolveu não se aproximar dos americanos durante toda a noite, um comportamento ligeiramente incongruente para a nova diretora do SVR, de quem se esperava que aproveitasse a oportunidade de estar face a face com as visitas da Marinha dos Estados Unidos. Essa ideia despertou-lhe vagamente um facto ancilar que não conseguia recordar.

Dominika continuou a percorrer a sala em quartos, a «cortar a tarte», como lhe tinham ensinado há cem anos na Academia, a andar à roda na direção oposta para se manter afastada dos americanos, mas sempre a vê-los. Atrever-se-ia a escrevinhar uma mensagem e tentar enfiá-la no bolso de Walters? A dizer o quê? E se Gorelikov a visse? *Não. Mil vezes não.*

Não havia dúvida de que Gorelikov estava a passar muito tempo injustificadamente com o contingente da Marinha dos Estados Unidos, a passar-lhes taças de champanhe, a erguer o seu copo para brindar ao oficial de mais alta patente do grupo, o Chefe de Operações Navais, mas depois virou-se e fez um brinde a outro almirante, que Dominika viu ser uma mulher com um ar masculino. Dominika deslocou-se por entre a multidão para a olhar de mais perto e ocorreu-lhe algo: a almirante era-lhe de algum modo familiar. Ela sorriu perante um dito espirituoso de Gorelikov, mostrando os seus dentes tortos. O que seria? Gorelikov estava a

recomendar os canapés de uma travessa de um empregado que estava a passar por eles, com uma variedade de *salaka*, brioches torrados com arenque e queijo derretido. Dentes tortos. Há 16 anos. O hotel Metropol. A armadilha de mel do GRU. A estudante naval magricela. A que a mordera. No ombro. Nunca perguntara – ou quisera saber – o resultado da armadilha. Era possível, era provável que a chantagem não tivesse surtido efeito, já que a taxa de sucesso das armadilhas de mel era só de 25 por cento. Se tivesse surtido efeito, o Kremlin tinha às suas ordens uma almirante dos Estados Unidos há mais de uma década.

Nesse momento, Dominika ficou paralisada, como um manequim de uma montra no meio do salão, acotovelada pelos convivas sob os lustres ofuscantes, e sentiu um frio na coluna. A seleção para DCIA – Benford escrevera-lhe a indicar os nomes dos candidatos. Esta que aqui estava esta noite tinha de ser a almirante naval, Rowland. A sua visita a Moscovo nesta delegação poderia não querer dizer nada, mas poderia também querer dizer muito. As peças tombaram sobre a cabeça de Dominika como um teto de mosaicos a ruir. Shlykov. Canhão naval. Ela sabia quem esta mulher era e sabia porque é que Gorelikov estava a bajulá-la. Agora, bastava-lhe fazer chegar uma mensagem a Benford para que ele descobrisse se MAGNIT gostava de arenque em pão torrado. Contudo, sem equipamento de comunicação ela estava muda e Benford estava cego.

*

Gorelikov estava sentado num sofá de veludo vermelho ao fundo do salão vazio, com os pés pousados numa cadeira forrada a brocado, a gravata desapertada e uma taça de champanhe já sem gás no chão ao lado dele. Dominika estava sentada na outra ponta do sofá. Alguns empregados cirandavam ainda por ali, a recolher as últimas peças de louça das 12 mesas ajoujadas com comida que tinham sido dispostas ao longo do salão. Um batalhão de pessoal da limpeza entraria a seguir para limpar o magnífico soalho e limpar o pó aos interstícios dos lustres.

– Os oficiais americanos são extraordinariamente competentes em situações sociais que não lhes são familiares, como a receção desta noite – disse Gorelikov, esfregando os olhos. – Recebem formação em conversação e comportamento diplomáticos e mostram-se autoconfiantes.

Os nossos oficiais superiores, em comparação, são *krestyane*, uns labregos e cavadores, sempre hesitantes em dizer alguma coisa com receio de revelarem a cor dos cascos dos nossos navios. É positivamente soviética, a maneira como se comportam.

Dominika queria manipulá-lo um pouco. – Dantes, tinham todos muito medo de Estaline – disse. – Ele purgou todo o corpo de oficiais nos anos 1930.

– Sim, mas agora? O presidente apoia as forças armadas.

– Os velhos hábitos costumam a passar – disse Dominika, sem se comprometer. – Mas quem era aquela almirante com quem esteve a falar? Era a única mulher do grupo.

O halo de Gorelikov tremeu e Dominika ficou à espera da mentira.

– Não me recordo do nome dela. Parece que é um génio da ciência – disse Gorelikov num tom desinteressado. – Vai aposentar-se em breve e sem dúvida que lhe vão ser oferecidos lugares como consultora em conselhos de administração de empresas na área da defesa. Estes almirantes pouco mais conseguem quando se aposentam. – *Interessante. Não sabes o nome dela ou onde trabalha, mas não te escapou o facto de ela se ir aposentar em breve.* Dominika obrigou-se a bocejar, ao mesmo tempo que pensava a cem à hora.

Se esta almirante era a rapariga que Dominika seduzira há 16 anos no Metropol, e SE Gorelikov conseguira recrutá-la como MAGNIT, e SE a ilegal de Nova Iorque, SUSAN, andava agora a encontrar-se com ela sem ser detetada, e SE ela fosse selecionada e nomeada diretora da CIA, a primeira coisa que Gorelikov e Bortnikov lhe pediriam seria a lista de fontes ativas recrutadas pela CIA na Rússia. DIVA/Egorova figuraria no topo da lista. Eram muitos ses, mas Dominika sabia que havia um grave perigo.

Porque é que Gorelikov não lhe dizia que a almirante era MAGNIT? Por ganância profissional? Ordens do presidente? Ela era de algum modo suspeita? Não. Eles tinham-na selecionado especificamente para se encontrar com SUSAN em Staten Island. Estariam à espera da promoção dela e de mais demonstrações de lealdade? Talvez.

Dominika continuou a manter-se afastada da delegação americana, Deus sabia que problemas se seguiriam se a almirante a reconhecesse. Depois de um dia de reuniões pouco frutíferas com o Comando Naval russo, os americanos fariam uma paragem em Londres por dois dias, após o que a

almirante regressaria a Washington para mais sessões preliminares de informação e para aguardar a seleção do candidato final. Em seguida, audiências de confirmação no Congresso. Daí a não mais de dez dias, Gorelikov saberia quem iria dirigir a CIA. Dominika calculou freneticamente se teria tempo suficiente para marcar um encontro de emergência com o agente de caso Walters para transmitir um aviso urgente a Nate e a Benford. Gorelikov, o bruxo presciente, pareceu ler-lhe a mente.

– Vem comigo de avião para a receção no cabo amanhã? Reservei o Falcon 7 antes de o Bortnikov ou o Patrushev lhe deitarem a mão. Temos de viajar todos separadamente; é do regulamento. – *Isto é um ligeiro teste – pensou Dominika. – Vou com ele ou mostro um pouco de independência e vou daqui a uns dias, para tentar encontrar-me com a Antena entretanto? Não, tu não consegues livrar-te dos teus guarda-costas e contactar a Antena. Age com naturalidade. Mantém-te do lado do Anton por agora.*

– Ficaria dececionada se não me tivesse convidado – disse Dominika. – Quantos convidados são esperados?

– No total ao longo dos quatro dias, não mais do que 200 – disse Gorelikov. – Mas a Dominika tem a sua dacha e a sua privacidade. Nós vamos ficar na casa principal, na ala presidencial, elegante, mas nada que se compare com a vista do mar que a Dominika terá. Não se sente só, sem mais ninguém?

Dominika sabia que Anton não estava a tentar seduzi-la. – Não, não me sinto só – respondeu.

Gorelikov sorriu. – Tenho a certeza de que não se sentirá só – disse. *Queres dizer, quando o Vlad Tarado vier bater-me à porta – pensou Dominika.*

*

Quando a almirante Rowland foi convidada pelo chefe de Operações Navais a acompanhar a delegação a Moscovo, quase entrou em pânico e recusou. MAGNIT, a toupeira, visitar Moscovo e conviver com os agentes secretos que a controlavam era pura loucura. No entanto, depois de pensar um pouco mais sobre o assunto, Audrey convenceu-se de que esta viagem beneficiaria as suas credenciais de candidata a DCIA, e que Anton Gorelikov, com os seus modos diplomáticos, se asseguraria de que não

seriam tentados nenhuns contactos comprometedores. Bastaria que os russos a vissem do outro lado do salão e se maravilhassem com os seus nervos de aço e a sua audácia. Aceitou o convite para se deslocar à Rússia, enviou uma curta mensagem a SUSAN para ela informar o Centro da sua chegada e meteu na mala os seus melhores uniformes.

Depois de chegar a Moscovo, Audrey manteve-se sempre perto dos colegas, porque continuava a sentir-se nervosa quanto à sua segurança. Depois da conversa de circunstância com Gorelikov e outras personalidades na receção no Kremlin, Audrey presumiu que esse seria o único contacto com o seu agente e que o perigo tinha passado. Podia terminar o seu tempo na Rússia, ir a Londres e depois regressar a Washington para saber se tinha sido seleccionada pelo presidente para o cargo de DCIA. Seria a penetração mais audaciosa de um serviço adversário na história da espionagem.

Devia ter adivinhado que os russos não conseguiriam resistir à tentação de entrar na sua suite do hotel em Moscovo pela porta do quarto ao lado, na última noite da sua estada na capital. O quarto estava às escuras, e Audrey sentou-se na cama ao ver a silhueta de Anton deslizar pelo quarto, iluminada por trás pelas luzes da cidade que vinham da janela. Sem dizer uma palavra, ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama dela, inclinou-se para ela e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Estamos muito contentes por vê-la – disse Anton. – Já passou demasiado tempo. Está bem? O contacto com a agente em Nova Iorque é satisfatório?

Audrey estava espantada que Anton corresse o risco de vir ao quarto dela. – Sim, sim. É tudo satisfatório – disse. – É uma loucura vir aqui assim.

Anton deu-lhe mais uma palmadinha na mão. – De maneira nenhuma eu deixaria de passar alguns segundos com a nossa amiga mais produtiva. Estamos muito entusiasmados e esperamos a melhor notícia relativamente ao processo de seleção. Neste preciso momento, estamos a trabalhar num plano de comunicações mais desenvolvido para si, se for nomeada diretora.

– As comunicações têm mesmo de ser melhores – segredou Audrey. – Não devem poupar-se a esforços. Ficam aqui sentados em Moscovo a ler as informações que vos envio, enquanto eu corro todos os riscos. E acabaram-se os encontros em Washington com aqueles brancos do GRU, só quero encontrar-me com SUSAN a partir de agora. – *Demasiados riscos* –

pensou. – *E se alguém da delegação americana viesse bater-me à porta agora?*

Gorelikov sorriu. – Concedemos-lhe total discricção operacional para aceitar ou rejeitar qualquer plano ou equipamento. Se vier a ser diretora, até mesmo encontrar-se com SUSAN se tornará problemático. Por consequência, nós estamos a desenvolver um sistema de mensagens por computador que usa uma rede extensa de servidores internacionais, que julgo que conhece como *cloud*. É totalmente indetetável e inviolável. Não duvido de que terá a sua aprovação.

Fez uma pausa por um momento. – Andamos a interrogar-nos sobre um outro aspeto, se for seleccionada para o cargo. Não quero intrrometer-me, mas, com segurança à sua volta 24 horas por dia, temos de pensar na melhor maneira de conduzir as suas atividades sociais discretamente. –

Anton sabia que chegara o momento de tomar decisões difíceis. Sentia-se preocupado com as ramificações em termos de segurança das tendências sexuais específicas de MAGNIT.

A expressão de Audrey endureceu. Alisou os lençóis em cima das pernas e fitou a silhueta de Gorelikov no quarto às escuras. – Presumo que está a referir-se à minha vida amorosa. Está a dizer-me que os dias das nossas férias secretas no estrangeiro acabaram? – perguntou.

– Sim – disse Anton. – Suponho que sim. Não sou capaz de imaginar mais nenhuma maneira de avançarmos.

– Isso, numa palavra, seria inaceitável – disse Audrey num tom sibilante, no escuro. – Conto que arranje uma alternativa adequada.

A almirante de três estrelas a dar ordens, pensou Gorelikov. *Já percorremos um longo caminho desde os tempos da cientista submissa com o complexo do papá.*

Anton inclinou-se para ela, solícito. – Audrey, as medidas de segurança que nos são requeridas se se tornar diretora da CIA vão-se multiplicar por dez, e com elas virão sacrifícios pessoais significativos. Quando a sua missão em Langley terminar, começarão as suas férias pessoais permanentes. Terá dinheiro para fazer o que quiser.

– Maravilhoso. E entretanto? Vão querer-me lá tanto tempo quanto possível, certo? Alguns diretores da CIA mantiveram-se no cargo durante cinco anos. O que propõe que eu faça durante esse tempo todo?

– Podia dedicar-se à sua coleção de bonecas – disse Anton, usando a sua voz de foice e martelo. – Aquelas encantadoras cabecinhas de louça. Vão olhar todas para si das prateleiras na sua sala de estar dando aprovação ao seu profissionalismo e à sua disciplina.

Audrey ergueu a cabeça. – Esteve na minha casa? Diga-me que tem a porra da minha casa sob escuta.

Prozreniye. Epifania. Acontecia na carreira de todos os agentes, a compreensão do que a relação envolvia exatamente, quem era vassalo e quem era amo. Chegara a vez de Audrey, esta noite, num quarto de hotel às escuras. – Se a sua casa está ou não sob escuta é pouco importante – disse Gorelikov, sem emoção. – É uma das fontes clandestinas de informação mais prolíficas ao serviço da Federação Russa. Está prestes a tornar-se a melhor espia americana da Rússia de sempre. O que quer e o que não quer não são importantes. Eu exijo-lhe que se dedique sem reservas e que tenha a missão sempre em mente. Se isso significar que terá de viver durante três anos sem meter os dedos numa prostituta de Buenos Aires, então é isso que fará.

– Não pode falar-me dessa maneira – disse Audrey, com a voz a tremer.

– É claro que posso, minha cara – disse Gorelikov, empurrando a cadeira para trás silenciosamente. – Você pertence-me. – Saiu pela porta de ligação, com os passos abafados pela alcatifa puída.

*

O novo apartamento de Dominika em Moscovo ficava no gigantesco edifício que ocupava um quarteirão em Kutuzovsky Prospekt, com duas extravagantes torres neoclássicas. A morada – o número 26 – fora a residência dos primeiros-ministros Brezhnev e Andropov e de Suslov, o ideólogo do partido. Uma construção de segurança pejada de câmaras, elevadores controlados, postos de controlo, serviço de pessoal e restaurante 24 horas por dia. O Mercedes preto que lhe fora atribuído estava sempre pronto para ela na garagem subterrânea. *Poderia eu dizer ao meu motorista que seguisse uma rota de deteção de vigilância?* O apartamento no último andar tinha sido maravilhosamente remodelado em tons de bege e castanho, com casas de banho luxuosas e uma cozinha de aço inoxidável brilhante em que Nate adoraria cozinhar. Dominika olhou para o telefone particular para

chamadas externas que estava em cima do aparador. Um telefonema suicida para o estrangeiro, para o número SENTINEL da CIA, a contar a revelação súbita que tivera sobre MAGNIT, seria gravado (de ambos os lados) e ela estaria acabada, mas pelo menos Benford ficaria a saber. Da mesma forma, entrar pela embaixada americana para contar tudo ao CDA Reynolds queimaria para sempre as pontes dela. Tornar-se-ia uma exilada permanente dentro da embaixada, a viver num dos apartamentos temporários, um bicho raro histórico como o cardeal húngaro Mindszenty, que ficou asilado na embaixada dos Estados Unidos na Budapeste comunista durante 15 anos. Dominika envelheceria, uma beldade em decadência a dar aulas de russo às jovens esposas americanas, sem poder sequer passear no espaço exterior da chancelaria por receio de franco-atiradores. Um belo final. Não faria isso. Sem tempo para combinar um encontro pessoal e sem SRAC, não tinha maneira de comunicar a informação que lhe salvaria a vida.

Enquanto fazia a mala para a receção no cabo, tocou no relógio desportivo que Walters lhe dera, o satélite que transmitiria um sinal de emergência a solicitar a exfiltração. Na sua mente começou a formar-se o início de um plano. *O Nate está sempre a tentar levar-me a desertar. OK, pinga-amor, vem salvar-me.*

SALAKA DO KREMLIN

Torre triângulos de pão e barre-os com bastante manteiga. Disponha um filete de arenque fumado sem espinhas sobre o pão e cubra com um queijo mole como o *bryndza* russo. Coloque por breves instantes debaixo do grelhador até o queijo derreter. Sirva com *ogrutsky*, pickles de endro.

33

Exfiltração

Quando o sinal de exfiltração de DIVA foi transmitido pelos recetores de salvamento marítimo SARSAT ao gabinete de Simon Benford em Langley, ele berrou a Dotty a mandá-la chamar Forsyth, Nash, Westfall e Gable imediatamente. Ela sabia que ele incluía o nome de Gable por reflexo e não teve coragem para o corrigir; sabia como ele sentira profundamente a morte de Gable em Cartum. Benford berrou também que queria a presença de Phineas «Finn» Nikula, o extravagante e exuberante chefe do ramo marítimo – a secção do Estado Maior Paramilitar que controlava todos os ativos marítimos da CIA. Para além de outros navios, Finn Nikula controlava a frota experimental da Agência de Embarcações de Superfície Não Tripuladas, e Benford sabia que iria necessitar da cooperação de Finn para requisitar uma das suas preciosas ESNT, colocá-la num navio no Mar Negro e programá-la para recolher DIVA no cabo Idokopas, embora Benford não acreditasse nem por um minuto que DIVA quisesse ser exfiltrada. A transmissão dela destinava-se a indiciar alguma outra coisa, tinha a certeza. Só não sabia o quê.

Westfall foi o primeiro a chegar, a seguir Forsyth, e depois Nash, que entrou esbaforido pela porta, sabendo instintivamente que este apelo urgente só poderia querer dizer que Dominika estava em maus lençóis. Nikula chegou daí a 15 minutos, vindo do outro lado do edifício da Sede, onde o escritório do Estado Maior Paramilitar estava instalado tão longe quanto possível do dispéptico diretor da CIA e de analistas facilmente escandalizáveis, que eram *positivamente alérgicos* à própria noção de operações paramilitares. Nikula tinha ombros largos e era musculoso, e o seu casaco desportivo de *tweed* ficava-lhe justo nos braços e nas costas. Era do conhecimento geral que nas reuniões confrontava as pessoas zurrando como um burro, para dar a entender o que pensava delas. Tinha um rosto largo e curtido pelo tempo, um olhar de um azul gélido, não tinha sobrancelhas e trazia o cabelo completamente rapado, o que, dizia Benford,

com certeza faria um frenologista sair às arrecuas da sala, alarmado. Gable dissera uma vez na cara a Finn que ele tinha um parafuso a menos, e ficaram grandes amigos depois disso. Finn oferecera-se para trazer o caixão de Gable de Cartum, mas Benford enviou Nash, certo de que Finn mataria Gondorf à pancada com um cartucho de tinta de alguma máquina fotocopadora no escritório e deitaria o corpo ao Nilo. Benford queria Gondorf vivo para poder despedi-lo.

– A transmissão foi recebida às 11 horas pelo fuso horário do meridiano de Greenwich, o que significa que eram duas da tarde na costa do Mar Negro – disse Benford.

– Ela está na propriedade do Putin para a recepção de quatro dias – disse Nate. – Temos mapas dessa parte da costa, e imagens de satélite. Posso mostrar-lhes onde fica a dacha dela e a praia abaixo da casa.

– Ela tem uma dacha? – perguntou Finn, esfregando a cabeça. – Que maçaroca mexicana é que ela andou a comer?

Nate corou. – Poupa-nos as piadas à Neandertal – rosnou. – São uma merda.

– Achas? – disse Finn.

– Vamos lá acabar a discussão operacional antes de vocês os dois irem lá para fora para andarem à luta – disse Benford.

– Que eu ganharia – disse Finn, a sorrir com ironia.

– Calem-se ambos – disse Forsyth. – O que pensamos todos? A DIVA quer sair de vez da Rússia? Depois de se recusar a pensar em desertar, uma e outra vez?

– Decidiu sair – disse Nate. – Mudou de ideias.

– Não parece consistente – disse Forsyth.

– Concordo – disse Benford. – A transmissão é um sinal para outra coisa qualquer.

– Vale a pena enviar a embarcação do Finn à praia? – perguntou Forsyth.

Nate contorceu-se no lugar. – Temos de o fazer – disse. – Ela enviou o sinal de exfiltração. Vai estar naquela praia daqui a três dias.

– Decidam lá – disse Finn. – Não quero enviar uma embarcação de quatro milhões de dólares para águas territoriais russas se não vai estar ninguém naquela praia.

Nate virou-se para Finn, indignado. – Ela vai lá estar.

Chamando a atenção, Westfall pigarreou.

– Uma observação, se me é permitido – disse.

– De onde é que ele é? – murmurou Finn a Nate, olhando para os óculos embaciados de Westfall. Lucius ignorou-o.

– Sabemos que a DIVA foi recentemente promovida a general e que o presidente Putin a nomeou diretora do SVR – disse Westfall. – Ela está a par do nosso intenso interesse pela identidade da toupeira a que os russos chamam MAGNIT. Só sabemos que MAGNIT ocupa um cargo elevado e está a ser considerado para um outro significativamente mais elevado. O Simon, através de um processo de eliminação, reduziu a lista de suspeitos aos três candidatos que estão a ser considerados para a nomeação para DCIA, com base nas suas ligações respetivas ao projeto do canhão da marinha e ao seu acesso ancilar a informações de interesse para o Centro de Moscovo.

– Ancilar? Simon, pensei que só tu falavas assim – disse Finn. – Andam a seguir os candidatos? A ler-lhes a correspondência?

– Fizemos uma investigação dos antecedentes deles, que é tudo o que podemos fazer sem potencialmente alertar a toupeira. Continua – disse Benford, virando-se para Westfall.

– Creio que é lógico presumir que o acesso de DIVA aumentou consideravelmente da noite para o dia, incluindo o conhecimento de alguns dos planos e das intenções não escritos do presidente Putin. Sem dúvida que ela participou em conversações informais durante as reuniões do Conselho de Segurança e partilhou informações confidenciais com o chefe dela, o Gorelikov.

– Estamos à espera da revelação bombástica – disse Benford, mas Westfall recusou-se a ser apressado.

– A DIVA está sem o SRAC há quase três meses – disse Lucius. – Já não a vemos desde Viena. Está na propriedade do Putin no cabo Idokopas sem maneira de se encontrar com um agente face a face em Moscovo. Creio que é lógico presumir que ela descobriu a identidade do MAGNIT e que só ativou o sistema de exfiltração, um ato inconsistente dada a sua recusa resoluta de desertar, para nos dar a conhecer esse facto. Era a única opção que lhe restava.

O gabinete ficou em silêncio.

– Então, o que fazemos quanto a isso? – disse Forsyth.

– Pensa que ela quer usar a embarcação como um local para nos enviar uma mensagem? Para pôr uma mensagem na cabina da embarcação e mandá-la embora vazia? – disse Finn. Andava a desenvolver embarcações mais pequenas, não maiores do que um torpedo de 1,80 metros, precisamente para esse fim.

– Não podemos descartar a hipótese de, juntamente com todos os fatores que o Lucius enumerou, ela estar em perigo e querer sair – disse Nate. – É o plano de exfiltração que lhe explicámos. Temos de seguir as regras.

Forsyth abanou a cabeça. – São tudo especulações – disse. – A gala no cabo prolonga-se por quatro dias. Quando a DIVA regressar a Moscovo, podemos ter o agente de caso pronto a encontrar-se com ela na primeira noite.

– Nessa altura já será demasiado tarde – disse Nate. Westfall pigarreou de novo. Finn Nikula punha-o nervoso, como antes acontecia com Gable.

– Com base na minha investigação, na qualidade de diretora DIVA tem agora uma equipa de guarda-costas de dois ou de quatro homens, um motorista e pelo menos dois elementos de pessoal doméstico. Como é que ela vai sair sozinha à noite? – perguntou Westfall. – Temos de lhe fazer chegar o candeeiro do Hearsey o mais depressa possível.

– E se lhe dessem ordens para ter um caso com um galã do cinema russo? – propôs Finn. – Os guarda-costas tinham de ficar no átrio enquanto a vossa moça enterrava o espigão onde ele não corre o risco de enferrujar, e pode deixar os relatórios dela escondidos no apartamento do namorado, e nós entramos lá quando ele não estiver em casa e recolhemos as informações. Simples.

Forsyth esperou que Nate explodisse. – Pôr em risco a fonte fazendo com que se envolva com um estranho que não sabe de nada e fazê-la deixar informações que a incriminam dentro de um apartamento de Moscovo? – disse Nate. – É uma imbecilidade.

Finn encolheu os ombros. – É melhor do que o que vocês têm agora – disse, virando-se para Benford. – Não tenho a certeza de poder implementar a operação de salvamento se aqui as *madames* não sabem ao certo se vai estar alguém na praia.

Nate inclinou-se para a frente. – E se eu puder garantir que haverá alguém para levar a bordo?

– Diz-me o que estás a pensar, Nash – pediu Benford –, para podermos informar o pessoal médico sobre a natureza do teu distúrbio quando os chamarmos para te escoltarem até à enfermaria.

– Ouve, Simon, o Lucius tem razão. A Domi sabe quem é o MAGNIT. Talvez queira desertar ou talvez não, mas temos de a contactar. Eu posso infiltrar-me na propriedade do Putin, encontrar-me com ela a sós e ver o que se passa.

– E como te propões penetrar a propriedade privada do presidente da Federação Russa durante uma receção exclusiva?

– A Domi disse-me que há um grupo de jovens restauradores de arte polacos a trabalhar na mansão; andam sempre a ir e vir. Podemos arranjar identificação para mim como estudante de arte polaco. Desenvencilho-me com o meu domínio da língua russa. Posso entrar lá e sair numa questão de dois dias.

Benford abanou a cabeça. – Implausível, precipitado, nada convincente, fora de questão – disse. – Topam-te logo no portão.

– Não se eu chegar com outros especialistas de arte polacos genuínos.

– Diz lá – pediu Benford.

Nate virou-se para Forsyth. – Tom, a Agnes Krawcyk vive em Los Angeles. É uma dos nossos velhos WOLVERINES. É restauradora de arte, polaca de gema, e está entediada de morte. Nós os dois vamos parecer plausíveis como tudo. Ela ainda está na reserva e dá conta do recado. Vamos lá como especialistas de arte, talvez inseridos num grupo alargado de estudantes de Varsóvia, encontramos-nos com a Domi, falamos durante dez minutos e depois escondemo-nos na praia até a lancha nos vir buscar.

Nate olhou para Finn. – Cabem duas pessoas na embarcação? – Finn acenou com a cabeça.

– E se a DIVA também quiser vir embora? – perguntou Forsyth.

Todos os olhares se voltaram para Finn. – Três pessoas vão reduzir-lhe a velocidade – disse ele –, e será um pouco apertado. Basicamente, dois vão ter de se deitar um em cima do outro com uma ondulação moderada durante 45 minutos. Implica alguns solavancos.

Benford controlou um sorriso pálido. – Isso não levanta problemas aqui ao nosso Casanova – comentou.

– Então, vamos lá tentar, Simon, por amor de Deus – disse Nate. – Reparem, se o candidato errado, ou seja, o MAGNIT, for nomeado e

confirmado em menos de uma semana, o nome da Dominika Egorova será o primeiro a ser enviado para Moscovo. Putin e companhia vão ficar tão escandalizados e embaraçados que ela vai simplesmente desaparecer, sem julgamento de fachada nem troca de espões. Vão atirá-la de cabeça para baixo para uma cova húmida sem qualquer marcação. Eu trago o nome, e nós mantemo-la viva.

Benford olhou para Forsyth, que acenou quase impercetivelmente com a cabeça, e virou-se para Finn. – Podes pôr uma das tuas máquinas infernais na praia abaixo do cabo Idokopas daqui a três dias? – Finn acenou com a cabeça. – Então, Nash, sugiro que te prepares para entrar como penetra na festa do presidente Putin. – Parecia divertido com a ideia de como seria perigoso.

MILHO MEXICANO

Combine maionese, natas azedas ou *crema*, requeijão *cotija*, malagueta em pó, alho e coentros numa taça grande. Mexa até ficar bem misturado. Grelhe maçarocas de milho até ficarem bem cozinhadas e tostadas a toda a volta. Tempere o milho com a mistura. Polvilhe com mais queijo e malaguetas em pó. Sirva quente com quartos de lima.

34

Castelo de Cartas

Enquanto Nash fazia os preparativos de última hora para se infiltrar na propriedade de Putin no cabo Idokopas, Benford estava sentado a sós com Forsyth. Simon estava de muito mau humor, introspetivo, perturbado e desanimado. Perder Gable e Alex Larson afetara-o de maneiras que não poderia ter previsto, e a ideia de despachar Nash para a Rússia com um disfarce tão improvisado preocupava-o. Com DIVA em perigo iminente, as perspectivas eram ainda mais sombrias. Disse a Forsyth que pensava que Nash talvez não conseguisse sequer chegar perto de DIVA. Ela estaria na companhia de ministros, chefes de serviço, convidados VIP e o próprio presidente, para além de uma ampla equipa de segurança. Como poderiam Nash ou a polaca chegar perto dela?

– Talvez a Agnes a possa seguir para a casa de banho das senhoras – sugeriu Forsyth, meio a brincar.

– Talvez, mas prevejo um fiasco operacional agravado pela possível perda de um ativo de primeira e de dois agentes – disse Benford.

– O Nash é um dos melhores – disse Forsyth, a querer ajudar. – Ele vai conseguir. O filho da mãe tem uma vantagem: ama-a.

Benford resfolegou. – Suponho que não te escapou o facto de ele se ter mantido em contacto com a tua ex-WOLVERINE, como é que ela se chama? A Agnes, sim, bem, suponho que não há razão para que este caso infernal não possa continuar como um *ménage à trois*.

O estado de espírito de Benford não melhorou quando recebeu a informação de que durante a tarde tinha de fazer uma última sessão de informação para os três candidatos antes de um deles ser escolhido, formalmente nomeado pelo presidente dos Estados Unidos e comparecer no Congresso para ser confirmado no cargo. O processo seria mais rápido do que o usual, porque o presidente estava ansioso por instalar em Langley o substituto escolhido por si pessoalmente para começar a refrear o que considerava o foco operacional hiperativo da CIA sob a direção do falecido

Alexander Larson. O diretor provisório Farrell tinha razão: a CIA devia ser uma organização de recolha de informações, rejeitando truques sujos, assassínios e quaisquer outras trapaças que pareciam estar sempre a preparar. De facto, tinha sido prometido a Farrell o cargo de vice-diretor – toda a gente em Washington sabia que ele era um lambe-botas com tendência para se enervar, mas, como vice-diretor, seria um ideólogo eficiente que advogaria aquilo que descrevia como uma face mais humana da espionagem. – Como um Mikhail Suslov de calções – disse Forsyth, referindo-se ao chefe do comité central de Brezhnev nos anos 1970, um homem da linha dura.

Como habitualmente, os horários incompatíveis dos candidatos resultaram na necessidade de se realizarem três sessões separadas, um incómodo infernal. Forsyth e Westfall assistiriam às sessões, para dar apoio moral. A sessão com a senadora Feigenbaum e o seu repelente mordomo Farbissen implicaria cerrar os dentes e aguentar o desprezo da senadora e as prontas acusações do pastelão do seu assistente de que estavam a mentir-lhes. A sessão com a almirante Rowland implicaria tentar romper uma indiferença delicada, mas impenetrável relativamente a questões de informação; se não se tratava de ciência naval, ela não mostrava interesse. O embaixador Vano parecera apreciar as sessões anteriores, embora claramente não compreendesse mais de metade do que lhe era dito.

Benford passou a manhã fechado no seu gabinete. Nem mesmo Forsyth conseguiu entrar para falar com ele. Na primeira das sessões da tarde, Forsyth ficou alarmado ao ver Benford entrar na sala. Estava branco como a cal e movia-se ligeiramente curvado, como se estivesse com dores. Um ataque de coração? Forsyth fez menção de se levantar, mas Benford arredou-o com um gesto. Folheou lentamente os papéis no seu dossiê. Antes de começar a sessão com a senadora, virou-se para Forsyth e Westfall, inclinou-se para mais perto deles e segredou-lhes. Tremiam-lhe os lábios.

– Peço que nem um nem outro faça qualquer comentário ou demonstre a mínima surpresa ou aprovação quando eu informar os candidatos. Nada. Conseguem fazer isso?

– O que é que vais fazer? – segredou Forsyth. – O que se passa contigo?

– Tenciono vender a alma.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Westfall. – Não pode enganar estes candidatos.

– Não é isso que ele quer dizer – explicou Forsyth num murmúrio, adivinhando a verdade de repente. – Ele vai salvar a Dominika.

*

– Senadora, há um novo desenvolvimento de que quero pô-la ao corrente, algo que, tenho a certeza, tanto a senhora como Mr. Farbissen acharão fascinante – disse Benford. Ambos pareceram pouco interessados.

– Mais outra falha dos serviços de informação? – perguntou Farbissen. – Isso dá o quê, uma asneira das grossas por ano, em média?

– Uma por ano seria um bom ano – comentou a senadora Feigenbaum.

Benford sorriu. – Nada disso – disse, todo despachado. – É aquilo a que chamamos uma ação na hora. Algo bastante urgente.

– Pois, tudo o que vocês fazem é urgente – disse Farbissen.

– Tenho a certeza de que vos interessará saber que um importante ativo nosso em Moscovo descobriu a identidade de uma toupeira altamente colocada no governo dos Estados Unidos, mas, infelizmente, não pode transmitir a identidade da tal toupeira devido a dificuldades técnicas. Enviámos um agente de caso à Rússia para exfiltrar o ativo, que tem o nome de código HAMMER, para ele nos indicar o nome da toupeira e podermos prender o traidor.

Benford ouviu a cadeira de Forsyth ranger, mas não se atreveu a olhar para ele.

– E como tenciona meter o seu homem na Rússia para se encontrar com esse tal HAMMER? – perguntou a senadora, calma, sem sinal de alarme no rosto. – E como se propõe fazê-lo sair do país? – As suas décadas em comissões de informação tinham-na familiarizado com o Jogo, embora desprezasse e denegrisse a Agência com vigor.

– O HAMMER vai ser um dos convidados numa grande receção na propriedade do presidente Putin no Mar Negro – disse Benford. – Será relativamente fácil ao nosso agente obter acesso, sem dúvida mais fácil do que fazê-lo em Moscovo. A exfiltração será efetuada por um JAVELIN, um planador secreto com motor. O grande número de vales e planícies na zona são mais do que adequados para a aterragem e descolagem de aeronaves que não necessitam de pistas compridas. – A rápida aterragem e descolagem era uma treta, mas soava bem.

– E onde está essa tal toupeira russa? – perguntou Farbissen, algo agitado, embora não fosse aparente se por medo ou por um desdém congénito.

– Não sabemos – disse Benford. – Só sabemos que está em atividade há algum tempo.

– Pensei que o senhor era um lendário caçador de toupeiras – disse a senadora.

– Talvez tenha perdido o jeito – disse Farbissen, olhando para Benford. – Talvez tenha chegado a altura de entregar o crachá.

Da parte de trás da sala, Forsyth viu as mãos de Benford tremerem. Meu Deus, que aposta arriscada. Que escolha. Fazer deliberadamente de Nate o isco por excelência. Nem sequer os russos, com a sua tendência para a conspiração, considerariam algo assim tão extremo como uma armadilha de contrainformação. Sacrificar um agente de caso – por exemplo, abandonando-o por trás da Cortina de Ferro – para salvar um agente desmascarado já acontecera, durante a Guerra Fria, mas *nunca se pusera um agente em risco de propósito* para proteger uma fonte. Ambos o viam; o rosto de Benford revelava que ele estava a vender a alma para expor Nate ao perigo. Forsyth sabia que aquela era uma decisão mortal para Simon, feita sem a possibilidade de redenção ou de exculpação. Todos nós somos dispensáveis, dissera Benford uma vez a Nash. Hoje, isso incluía o sentido de dever e a consciência de Benford.

A mesma informação foi repetida mais duas vezes aos outros candidatos, em cada uma com nomes de código diferentes, o clássico clister de bário. À vice-almirante Rowland foi dito que o ativo da CIA que Nate contactaria e salvaria tinha o nome de código CHALICE. Ela manteve a calma e a compostura enquanto ouvia a notícia, entediada como habitualmente. Ao embaixador Vano foi dito que o agente tinha o nome de código CRYSTHANEMUM, mas o seu olhar de incompreensão levou Benford a apiedar-se dele e dizer que o ativo também era conhecido como FLOWER. *Se ele é a toupeira* – pensou Benford, olhando para aquele belo perfil animado por um QI equivalente à temperatura ambiente –, *os russos devem ser melhores do que pensávamos*.

Para os três agentes da CIA, a tarde foi um sonho mau interminável, uma caminhada aos tropeções e sem visibilidade por um pântano envolto em nevoeiro, com cada uma das mentiras complexas de Benford tornada mais amarga por ser uma traição a Nate. A almirante Rowland mostrou-se mais

atenta quando o planador secreto JAVELIN foi mencionado e fez perguntas técnicas sobre o aparelho, tendo Benford prometido fornecer-lhe as respostas na sessão seguinte. Perguntou-se se Westfall poderia pesquisar a questão dos planadores e inventar uma variante a que pudessem chamar JAVELIN. Esperava que nessa altura já não tivesse importância.

Enquanto Benford estava a falar na parte da frente da sala, Westfall inclinou-se para Forsyth, com o rosto pálido e os olhos arregalados. —

Porque não dizer ao Nash antes de ele partir? — segredou. — Avisá-lo antecipadamente.

Forsyth abanou a cabeça. Sabia como Benford pensava. — A surpresa tem de ser genuína — disse. — Os russos vão estar atentos a notas falsas. Além disso, o Simon sabe que o Nash iria de qualquer maneira, sabendo ou não. Ele vai compreender nos primeiros dez segundos e tentar ser convincente.

— E o que vai acontecer ao Nate? — segredou Westfall. Desagradavam-lhe aquelas tretas machistas de kamikaze destes operacionais tresloucados. Fazer isto deliberadamente a Nate ultrapassava a compreensão de Lucius.

— Vão detê-lo, interrogá-lo e atirá-lo para a prisão. Dão-lhe uns safanões, nada de mais. Sei que o Simon vai persuadir o Departamento de Justiça a oferecer o MAGNIT e a SUSAN em troca dele. Os russos gostam de recuperar a gente deles. Assim, salvam a dignidade. O Nash já vai estar em casa pelo Natal.

— Parece-me que não devíamos recorrer a missões kamikaze — disse Westfall, de olhos pregados no chão.

Forsyth agarrou-lhe o braço com força. — Qualquer destes estimados candidatos que seja o MAGNIT... a minha aposta vai para aquele limpa-fundos do Farbissen... uma coisa é certa: não deixará de comunicar esta operação a Yasenevo, para salvar o próprio couro.

— E a polaca, a Agnes? — disse Westfall. — Os russos vão realmente dar-lhe o tratamento completo.

Forsyth abanou a cabeça. — Reparaste que o Benford não a mencionou durante as sessões? Os russos não vão estar a contar com outra infiltrada. O Nash e a Agnes vão chegar com um grupo de novos estudantes de arte de Varsóvia, parte da rotação da equipa de restauro. Os russos vão pôr-se a farejar os estudantes e a Agnes, mas com o Nate apanhado na rede só vão ter uma preocupação: quem de entre os 200 convidados é a toupeira

controlada pelos Estados Unidos. O criptónimo que os interrogadores vão usar irá dizer-nos quem é MAGNIT. HAMMER, CHALICE ou FLOWER.

– E como é que vamos descobrir qual deles é? – perguntou Westfall. – Como sabemos que isto vai resultar? Os iscos anteriores do Benford nunca conseguiram provocar uma reação nos russos.

Forsyth encolheu os ombros. – Nem todas as armadilhas apanham um urso – disse. – A toupeira não transmite a informação, ninguém em Moscovo acredita nela, decidem aguardar antes de agir. Pode ser por qualquer um desses motivos.

– E como vamos saber o nome?

– A DIVA põe uma mensagem na embarcação – disse Forsyth.

Uma merda de um castelo de cartas – pensou Westfall. – *Vender o Nate por um nome.* – E o Nate está de volta até ao Natal? – perguntou, com um ar de dúvida.

– São e salvo – disse Forsyth. – E a DIVA começa a transmitir-nos as informações internas sobre o SVR e o Kremlin diretamente da sua secretária de diretora.

– A não ser que se solte uma roda – disse Westfall. Forsyth reparou que o jovem analista começava a usar mais calão operacional. E também tinha razão: *a não ser que se solte uma roda.*

*

Em Moscovo, Gorelikov estava atarefado a tentar melhorar as hipóteses de MAGNIT: implementara duas *aktivniye meropriyatiya*, medidas ativas, minuciosamente subtis, recorrendo a dois agentes de uma cavalaria composta por inúmeros ativos usados pelo Kremlin para as campanhas de influência política de Putin por todo o mundo. Eram táticas favorecidas durante a Guerra Fria para disseminar a doutrina comunista. Agora, destinavam-se a semear a discórdia entre os que procuravam enfraquecer a cleptocracia de Putin. As medidas ativas atingiam a sua máxima eficácia quando a desinformação era entretecida num macramé de verdades, que efetivamente obscurecia a manobra de ludíbrio. A caixa de ferramentas apresentava grande diversidade: influenciar eleições, depreciar líderes da oposição, perturbar alianças prejudiciais à Rússia, apoiar déspotas amigos, fazer circular desinformação, propalar falsidades e, em casos extremos, usar

pessoas como Iosip Blokhin para eliminar os inimigos mais tenazes do Estado. A tentativa de assassinato em 1981 de um papa nascido na Polónia que apoiava o movimento Solidariedade nos estaleiros de Gdansk foi um exemplo extremo de uma medida ativa.

Um jornalista amestrado chamado Günter Kallenberger – ao serviço de Gorelikov há décadas – da revista alemã de jornalismo de investigação *Der Spiegel* pediu uma entrevista ao chefe de pessoal da senadora Feigenbaum, Rob Farbissen. Na posse dos dados de avaliação do Kremlin sobre o funcionário tonto, Kallenberger perguntou a Farbissen se, no caso de a senadora se tornar DCIA, ele não passaria a diretor-executivo ou talvez vice-diretor para a administração? Em caso afirmativo, que mudanças ou reformas dentro da CIA poderiam esperar as agências de informação aliadas nos anos que se seguiriam? Era uma clássica pergunta aberta de jornalista, em russo uma *lovushka*, um estratagema, uma armadilha destinada a dar a Farbissen corda suficiente com que se enforcar (e à sua chefe). O falador Farbissen não dececionou. Disse a Kallenberger num tom inflamado que a CIA evoluíra de um grupo de caçadores de nazis ultrapassado no pós-guerra para uma agência anacrónica, inútil e indisciplinada com tendência para fracassar na recolha de informações e incapaz de colmatar as falhas de informação relevantes. Em vez disso, a CIA gastava o seu tempo e os seus recursos a tentar subornar funcionários russos de encriptação na América do Sul através daquilo a que chamou armadilhas de sexo. A tempestade de fogo que se desencadeou no Congresso e na Europa e nos editoriais indignados na RIA Novosti e na TASS prolongaram-se por uma semana, no final da qual a senadora Feigenbaum retirou a sua candidatura a DCIA. Farbissen abandonou o seu cargo e associou-se ao grupo de pressão em Washington da AAC, a Associação Americana do Carvão.

Ao mesmo tempo que era publicada a escandalosa entrevista de Farbissen, num artigo no jornal financeiro *Business Standard* de Nova Deli noticiava-se um novo contrato de fornecimento de minerais assinado com o presidente da Bielorrússia Alexander Lukashenko e a empresa IPL, a Indian Potash Limited. O artigo descrevia as práticas caóticas do grupo estatal de fertilizantes da Bielorrússia, o Belaruskali, que em 2013 provocara o colapso global dos preços, assim como em 2008 e 2009. Numa coluna ao lado – redigida por Gorelikov e prontamente publicada por um editor do *Business Standard* a soldo do Kremlin – mencionava-se que o homem de negócios

americano e ex-embaixador dos Estados Unidos em Espanha, Thomas Vano, fora membro de um consórcio internacional de mercadorias que beneficiara de informações privilegiadas fornecidas pelo governo da Bielorrússia para investir em ações de minerais e depois inundar o mercado com elas. A notícia terminava com a estimativa de que a transação rendera ao grupo do embaixador Vano cerca de 1,5 mil milhões de dólares só em 2013, lucros realizados enquanto ele era funcionário do governo dos Estados Unidos, uma grave violação da ética. Os factos eram vagos: não tinham sido fornecidas informações privilegiadas (quem em Minsk confirmaria isso?) e a soma de 1,5 mil milhões de dólares era uma invenção, embora não verificável, dando ainda por cima a impressão de que estavam envolvidas fuga de capitais e evasão fiscal. Embora Vano levianamente não retirasse a sua candidatura, a nomeação do embaixador foi rapidamente caracterizada como implausível pelo *Wall Street Journal* e *vozmunitelnyy*, escandalosa, pelo Channel One Russia em Moscovo.

Em duas penadas, Gorelikov eliminara os outros candidatos como sendo concorrentes com hipóteses. Sabia que, teoricamente, isto ajudaria os caçadores de toupeiras em Langley – ficariam agora livres para se concentrarem no veto da almirante Rowland – mas não estava preocupado. A almirante não tinha falhas detetáveis na sua história e a decisão final para a confirmar no cargo estava iminente. Tanto quanto a CIA sabia, um dos candidatos eliminados poderia ser a toupeira; o Kremlin engoliria a sua decepção e dirigiria o seu ativo para um outro cargo igualmente importante em Washington.

Na Sede, Benford reconheceu também que o óbvio trabalhinho contra Feigenbaum e Vano concentrava as atenções na almirante Rowland, *mas esse era exatamente o problema*. No mundo da contrainformação, especialmente com os russos, nunca nada era o que parecia. A aparente desqualificação de Feigenbaum e de Vano poderia ser de facto uma insidiosa manobra de diversão para desviar a atenção – como o falso desertor Yurchenko enviado para proteger Ames. O objetivo seria que, enquanto Benford desperdiçava o seu tempo a espreitar para debaixo da cama de Rowland, a verdadeira toupeira estaria à vontade para fazer a toca em qualquer outro lugar: no Conselho Nacional de Segurança; no Pentágono; na Ala Oeste da Casa Branca. Restava uma esperança. O Centro não estava a par da armadilha final de Benford.

A almirante Rowland não tinha umas férias de aventura marcadas para os próximos seis meses. Na primavera seguinte, ia ser a Argentina: planeava fazer caminhadas na Patagónia, porque pesquisara discretamente num computador anónimo da biblioteca da Segurança Nacional na baixa – que já estava a transbordar de pornografia descarregada da Internet – e lera sobre o Crocodilo Club, no Barrio Norte de Buenos Aires, que atendia raparigas. Não tinha a certeza do que aquilo queria exatamente dizer, mas soava interessante. Encontrar-se-ia com Anton em Buenos Aires e divertir-se-ia bastante.

Depois, leu sobre o vinho argentino. E sobre a comida. Havia uma roulotte argentina no centro de Washington que servia uns deliciosos *choripanes*, mini-sanduíches de chouriço grelhado com cebolas e molho *chimichurri*. Se as rapariguinhas em Buenos Aires fossem tão apetitosas como a comida, ia divertir-se à grande. Mas à perspetiva estonteante de conhecer uma exótica amante da América Latina sobrepôs-se o choque da sessão de informação na CIA daquela tarde.

Era um problema, um grande problema, e ela precisava de falar com o Tio Anton. Não com o Centro. Não com o Kremlin. Não com Moscovo. Precisava de Anton. Se aquele duende enxovalhado daquele Benford da CIA estava a dizer a verdade, daí a um par de dias um agente de caso da CIA estaria a falar com alguém chamado CHALICE, que, de algum modo, sabia que Audrey Rowland, vice-almirante da Marinha dos Estados Unidos, estava a espiar a soldo dos russos e já o fazia há mais de uma década. Tinha de contar a Anton, o que significava que tinha de telefonar a SUSAN para ela transmitir a mensagem. Nessa noite, tirou o seu pesado telefone encriptado da Linha T do compartimento oculto no braço de um sofá no seu quarto – uma peça de mobiliário foleira entregue pelo GRU há anos. Grande como um tijolo, era um telefone seguro encriptado FIPS140-2 cujo *software* ocultava a localização da chamada cancelando a ligação do aparelho às torres de telemóveis mais próximas, ao mesmo tempo que permitia que a chamada se realizasse através de torres mais distantes. Por consequência, uma chamada feita por Audrey em Washington para SUSAN em Nova Iorque carambolava primeiro para Las Vegas e ricocheteava depois através de Traverse City, no Michigan, para o telefone de SUSAN

em Nova Iorque, que usava rotas igualmente indiretas, por Cheyenne, no Wyoming, para Tarpon Springs, na Florida, e daí para Audrey em Washington.

Como SUSAN não atendeu o seu telefone especial em três tentativas distintas – não tinha *voicemail*, o que seria demasiado inseguro – Audrey teve de se aguentar toda a noite até finalmente conseguir falar com SUSAN na manhã seguinte, que se mostrou irascível. Que diabo é que ela andava a fazer? Isto era uma emergência. Empregando a sua voz de almirante, Audrey ordenou à sua agente de contacto da treta que enviasse uma mensagem a Anton sobre a iminente infiltração de um agente da CIA na receção de Putin para estabelecer contacto com um espião com o nome de código CHALICE, entendeu? CHALICE, e ele vai levar a toupeira num planador secreto, não, não disse de onde, mas esse filho da mãe desse CHALICE sabe o meu nome e mal o digam a Langley estou acabada. Compreende? E quero encontrar-me consigo logo que possível: tenho novas informações sobre os testes de propulsão de cavitação, não interessa o que é, e mais pequenas coisas que a CIA tem andado a contar, sobre recrutamentos de russos, é isso mesmo, recrutamentos, e mais uma coisa, quero estar pronta a pôr-me daqui para fora se o tipo da CIA tirar o CHALICE da Rússia, sim, bem, que se foda a autorização, porque se eles me prenderem eu falo-lhes de uma colaboradora de uma revista em Nova Iorque que trabalha para o Vladimir Vladimirovich e depois você vai ter de atravessar a nado o Rio Grande para chegar ao México. Entendeu tudo? Meta mãos à obra, não me interessa que horas são lá, o tipo da CIA é capaz de já estar a comer *hors d'oeuvres* à mesa do bufete com o CHALICE. E telefone-me sobre o nosso encontro cá em baixo. *Adeus*.

Com a sua mente ordenada, Audrey não estava a entrar em pânico, ainda não, mas, como qualquer cientista astuta, vigiava cuidadosamente os sinais para determinar o grau de perigo e identificar o momento propício para considerar a hipótese de fuga. Não era a primeira vez que havia um alarme de segurança na sua carreira de 12 anos como espia. Tivera longas conversas com Anton sobre o ofício, a espionagem e a disciplina mental necessária para uma toupeira recolher, guardar e transmitir segredos melindrosos do seio de uma grande organização. A disciplina intrincada apelava ao seu cérebro quantitativo. A Marinha dos Estados Unidos tinha muitas camadas de segurança concebidas para proteger segredos, mas

nenhum sistema de contrainformação contemplaria a possibilidade de uma almirante de três estrelas e diretora do Gabinete de Investigação Naval operar como fonte clandestina do Kremlin, e muito menos tomaria medidas para essa eventualidade. O NCIS, o Serviço Naval de Investigação Criminal, estava mal equipado para detetar as nuances do ofício de uma toupeira ao serviço da Rússia. Mas eram os homenzinhos cinzentos, como aquele irritante Simon Benford da CIA, que constituíam o verdadeiro perigo. Audrey considerava irónico que tivesse sido o famoso caçador de toupeiras ele próprio a transmitir o aviso que evitaria problemas a Audrey. Se ela fosse seleccionada para DCIA, a ironia continuaria.

Pôs-se a recordar o seu recrutamento no Metropol em Moscovo, e perguntou-se o que seria feito da estonteante rapariga russa que molhara o queixo entre as suas coxas há tanto tempo. Com certeza, *ela* não era agora uma almirante de três estrelas. Aquela noite *sexy* desencadeara a coisa toda: Audrey começou a espiar para progredir na carreira, especificamente para mostrar ao filho da mãe a que chamava papá que podia igualar, não, ultrapassar a carreira dele na Marinha. Com as listas na manga a multiplicarem-se, Audrey viu confirmada a sua crença de que tomara a decisão certa em relação aos russos, apesar das circunstâncias iniciais. Agora estava em perigo. A sua mente ordenada considerava as probabilidades, e não sentiu medo, confiante no seu intelecto e nas capacidades de Anton.

Audrey estava pronta para deixar a Marinha, e se se tornasse DCIA isso significaria mais dois, três ou quatro anos de torpor burocrático, ganhos espetaculares para Moscovo, o colapso da CIA e pagamentos continuados de uma anuidade pelo Kremlin, após o que Audrey Rowland desapareceria e se aposentaria para uma praia algures com *chocito* à discrição em *sarongs* e com os cabelos entrançados. *Já não teria de ficar sozinha.*

Mas primeiro teria de sobreviver a esta ameaça iminente à sua liberdade e confiar que SUSAN estava neste momento a falar com Anton, que, por sua vez, alertaria as forças de segurança na propriedade de Putin, e que tanto o agente da CIA como o raio da toupeira seriam detidos e eliminados, para que o seu segredo ficasse a salvo para sempre.

CHORIPANES ARGENTINOS

Corte a meio e torre pães pequenos numa grelha até ficarem tostados. Corte um chouriço a meio e de novo no sentido do comprimento e grelhe até ficar caramelizado e chamuscado de ambos os lados. Grelhe rodela de cebola branca até ficarem caramelizadas e termine com umas gotas de vinagre balsâmico. Ponha o chouriço e as cebolas nos pães torrados e regue com molho *chimichurri*. (Misture cenouras raladas, salsa, vinagre, flocos de malagueta, alho, azeite, sal e pimenta numa batedeira até obter um molho espesso.)

Atrevimento, Não Descaramento

A transmissão tardia feita por SUSAN do aviso urgente de MAGNIT sobre o agente da CIA que ia tentar penetrar a faustosa festa do presidente para contactar a toupeira conhecida pelo nome CHALICE foi recebida no Centro, mas sofreu mais um atraso devido ao laborioso tratamento especial requerido para todas as mensagens que chegavam de ilegais. Finalmente, foi enviada de Yasenevo para a unidade de comunicações no cabo Idokopas, onde foi lida por Gorelikov com um misto de alarme e triunfo. Consultou à pressa o gabinete de segurança: ainda tinham tempo; a nova equipa de restauro vinda da Polónia ia chegar na manhã seguinte. Convocou imediatamente uma reunião de emergência do executivo na sala segura do barracão de comunicações com a general Egorova do SVR, Bortnikov do FSB e Patrushev do Conselho de Segurança.

– O *szloba*, o atrevimento destes americanos, tentar isto na propriedade do presidente – disse Bortnikov por trás do seu halo azul. – Conseguia entender que fosse em Moscovo, o negócio do costume, por assim dizer, mas isto é demais.

Patrushev não tinha tempo para joguinhos. O seu halo amarelo de mentira e crueldade cintilava na pequena sala cinzenta. Apontou o seu nariz de cossaco a Gorelikov. – *Atrevimento*, não descaramento. O que é assim tão complicado? – disse. – Quando o americano chegar com o contingente polaco, vai ser uma simples questão de o prender imediatamente. Deixar que aqui os nossos colegas – acenou com a cabeça para Dominika e Bortnikov – organizem um interrogatório vigoroso, determinem a identidade do tal CHALICE e resolvam o assunto. O americano e a sua toupeira podem partilhar uma cela no Golfinho Negro, em Orenburg.

Gorelikov tinha afivelada a sua máscara cortês, para não ofender. – Concordo totalmente consigo, mas peço-lhe o favor de me escutar por um momento. – Esticou as mangas da camisa francesa distraidamente, revelando uns magníficos botões de punho de prata escovada e coral

vermelho. – Ponho à vossa consideração uma alternativa discreta à detenção imediata e interrogatório, por muito que essa seja a medida lógica e adequada a tomar. Proponho antes que, se permitirmos ao americano andar livremente durante os três dias da receção do presidente, sob vigilância constante e rigorosa, é provável que ele tente contactar o indivíduo que procuramos, a toupeira CHALICE, e que nos leve diretamente a ele sem o saber.

Bortnikov, cujas equipas de vigilância do FSB eram prodigiosas, gostou da ideia. Seriam mais louros para si e para a sua agência se conseguisse apanhar tanto o agente da CIA como a toupeira. Dominika manteve uma expressão impassível, mas interiormente sabia que esta diabólica tática de emboscada poderia denunciá-la em 48 horas. E sabia mais uma coisa. Seria Nate Nash que viria de Washington; conhecia-o, e tinha a certeza. Por muito bom que fosse no terreno, Nate poderia ser mantido sob o mais estrito controlo por vigilância estática a seguir todos os seus movimentos na propriedade presidencial através de telescópios impossíveis de localizar. Se viesse ter com ela, convencido de que não estava a ser seguido, o jogo chegaria ao fim.

Algo não fazia sentido. Como é que MAGNIT ficara a par da missão de Nate? E de onde surgira o criptónimo CHALICE? Adivinhava a resposta, mas não queria acreditar. Já andava nisto há tempo suficiente e conhecia Benford suficientemente bem para chegar à conclusão incrível de que isto era aquilo a que os americanos chamavam um clister de bário, destinado a levantar a caça, ou seja, a revelar a identidade de MAGNIT, usando Nate como *primanka*, um engodo descartável, um isco acenado à frente da toupeira. Uma manobra desesperada, sacrificá-lo.

Quão irónico seria se, sem querer, Nate fosse o responsável pelo comprometimento dela? Tão irónico como o que Dominika sabia que tinha de fazer agora. *Suavemente* – pensou –, *mantém-te objetiva e aniquila esta ideia sem ofenderes o Gorelikov ou alertar os outros dois lobos de focinho a pingar que estão sentados à mesa.*

Endireitou-se na cadeira, uniu as suas elegantes mãos em cima da mesa à sua frente e olhou-os a todos nos olhos. – É um plano inspirado – disse. –

No entanto, como todos sabem, o inimigo do ofício são as complicações desnecessárias. Se algo pode correr mal no terreno, invariavelmente correrá.

Todos sabem isto. Não desejo dar uma impressão de negativismo, mas a lista de riscos potenciais é significativa.

Dominika inspirou fundo. – Os agentes de caso da CIA treinados em operações de áreas restritas são muito engenhosos. Este homem que chegará amanhã poderá evitar a nossa vigilância e dar cabo dos nossos planos. Pode vir disfarçado. Pode desviar as atenções das nossas unidades de vigilância enquanto um segundo associado desconhecido cumpre a missão deles. Pode ter algum dispositivo técnico infernal... todos sabemos como os americanos se fiam nos seus equipamentos... que lhe permita estabelecer contacto com o CHALICE mesmo debaixo do nosso nariz, sem nunca se aproximar dele. E o pior de tudo é que o agente da CIA poderia detetar a vigilância, abortar a missão e escapar no planador secreto que MAGNIT disse fazer parte do plano, deixando-nos a fazer fraca figura e pior do que antes. Admito, cavalheiros, que estas possibilidades são todas remotas, mas não deixam de ser possibilidades. Podemos dar-nos ao luxo de correremos o risco de ficarmos de mãos a abanar?

É por isso que estou a tentar persuadir-vos, suas tarakany, suas baratas, a prender o homem que amo de todo o coração e a permitir-me estar presente quando o espancaram e vê-lo ser atirado para a cadeia para apodrecer até morrer ou ficar destroçado e arruinado, porque não há mais nada que eu possa fazer.

Para irritação de Gorelikov e de Bortnikov, Patrushev acenou com a cabeça. – Concordo com Egorova – disse. – Detenção imediata e interrogatório. É a única maneira de mitigar o risco. Concordamos todos? Ou deveríamos consultar o presidente?

Como ninguém queria isso – não no atual estado de espírito de Putin – ficou acordado: o agente da CIA seria detido imediatamente. Dominika soltou um suspiro de alívio, ao mesmo tempo que o seu coração arrefecia e morria.

*

Nate e Agnes apanharam o avião da LOT, a companhia aérea polaca, de Varsóvia para Bucareste e daí para Odessa. No mesmo voo seguiam três estudantes aprendizes de restauro de obras de arte de Varsóvia, ainda a curar uma ressaca. Os funcionários no controlo de passaportes carimbaram o

falso passaporte polaco de Nate sem olharem para ele. Mais um voo de uma hora num Embraer 170 da Ukraine International levou-os até ao aeroporto de Gelendzhik, onde esperaram no pórtico de entrada pela carrinha que levaria pessoal e trabalhadores para o cabo Idokopas. A suave brisa subtropical fazia esvoaçar a saia de Agnes, e sentiam o cheiro a maresia. Nate estava com óculos de armação de metal fina, calças de ganga e uma *t-shirt* com «Warszawa» estampado no peito, e ambos traziam pequenos sacos de viagem. Um motorista russo mal-encarado apareceu numa furgoneta UAZ velha e levou-os a todos a alta velocidade pela M4 até Svetly, onde saíram da autoestrada e enveredaram por uma íngreme estrada de duas faixas cheia de curvas, que desceram por entre vales de pinhais com penhascos de calcário em direção ao mar, passando por vilas insignificantes em cruzamentos solitários – Divnomorskoye, Dzhankhot, Praskoveeka – e finalmente pelos portões da propriedade com um carro da *militsiya* ao lado da estrada, e, mais lentamente agora, por guaritas e jipes militares estacionados entre as árvores, até pararem junto aos degraus da frente de um edifício grande com ar de dormitório entre os pinheiros. À distância, o telhado do gigantesco palácio principal pairava acima dos topos das árvores. Agnes aparentava calma e compostura, maravilhou-se Nate; ela tinha mais sangue-frio do que ele.

Puseram-se em fila em frente a uma mesa para fazer o registo, entregar o passaporte e receber crachás de segurança em cordões para terem acesso à propriedade e aos locais do trabalho de restauro dentro da mansão. Um agente da milícia mandou apagar o cigarro a um estudante polaco, e o jovem fingiu que não o compreendia e lançou uma baforada de fumo na direção dele. O agente encaminhou-se para o estudante e tirou-lhe o cigarro e alguns dentes da boca com um murro, mas o subalterno rosnou-lhe em russo que recuasse e «tomasse a sua posição». Nate sentiu arrepios no couro cabeludo ao ver outros agentes da milícia em sentido, atentos, e a olharem especificamente para ele. Nate calculou num instante como derrubar um guarda e correr para uma porta ou uma janela. Mas para onde iria? Havia centenas de tropas da milícia e das Forças Especiais, para além de 200 agentes do Serviço de Segurança Presidencial na propriedade de 74 hectares. E Deus sabia onde estaria Dominika. Nate não podia correr para a dacha dela e esconder-se debaixo da cama.

A eficiência dos russos era arrepiante. Como é que o seu disfarce fora descoberto tão rapidamente? Isso queria dizer que havia outra toupeira dentro de Langley que estava a par da sua missão? Só poderia ser Forsyth, Westfall ou aquele maníaco daquele excêntrico do ramo marítimo. Impossível. Não havia nada nos seus documentos falsos de que os russos pudessem ter suspeitado, nada na sua história de ser da Academia Polaca de Arte. Seria possível que tivesse sido reconhecido dos tempos da sua primeira colocação em Moscovo? Algum passo em falso no controlo de passaportes em Odessa? Não, nem sequer o FSB era assim tão bom. Fosse qual fosse a razão, compreendia o que ia acontecer.

Inclinou-se para Agnes e segredou-lhe. – Passa-se algo de errado. Penso que fui descoberto. Mantém-te afastada de mim e junto dos estudantes.

Agnes não mexeu um músculo, não pestanejou; era uma profissional de primeira. – Eu escapo e tiro-te daqui se houver algum problema – disse. Olhou para ele com um olhar em brasa.

Nate rosnou-lhe pelo canto da boca ao mesmo tempo que se afastava dela. – Não fazes tal coisa. Nós ensaiámos isto. Ficas na sombra e trabalhas com a equipa de restauro durante duas semanas e depois voltas para casa. Mantém-te afastada da DIVA e da dacha dela, e não te aproximes da praia. Ela sabe como mandar o nome de MAGNIT no barco. Compreendes?

Agnes acenou com a cabeça. – Seguirei as tuas ordens, mas há mais uma coisa – disse. – Amo-te.

Nate olhou para ela por um longo momento, tentando dizê-lo com os olhos. Aquela madeixa branca, meu Deus. Virou-lhe as costas.

O subalterno levantou-se, o sinal. Estava na hora. Perante os olhares surpresos dos estudantes cabisbaixos, dois agentes da milícia avançaram por trás de Nate e agarraram-lhe com força os braços acima dos cotovelos, fizeram-no rodar e levaram-no para fora por uma porta ao fundo do átrio do dormitório. Ele não resistiu, a conservar a sua força. Agnes não olhou para ele, e a última coisa que ele viu enquanto estava a ser empurrado pela porta foi que ninguém a tinha agarrado. *Graças a Deus*. Nate foi conduzido por um caminho de saibro bem cuidado por entre um denso pinhal, com o seu aroma fresco a competir com a maresia. Nate pensou que conseguia vislumbrar o mar por entre as árvores, mas os agentes da milícia obrigavam-no a pôr-se direito sempre que o viam a olhar para o lado. Ao fundo do caminho, isolado, bem embrenhado na floresta, encontrava-se um

chalé de madeira ornamentado de estilo russo, com uma franja decorativa a delinear o telhado muito inclinado, um par de janelas com caixilhos diagonais rústicos e uma porta de madeira encerada com dobradiças de ferro forjado e um postigo com grades. *A merda da casa da bruxa na história do Hansel e da Gretel.* Os guardas abriram a porta e empurraram-no para um cadeirão fundo forrado num tecido verde escuro. Nate olhou à volta da sala de estar espartana, com um só sofá e duas mesas de apoio, uma de cada lado. Havia uma fotografia emoldurada de Lenine na parede em frente a Nate, o seu retrato sério de quando estava no exílio, por volta dos 50 anos, com o olhar penetrante, a barbicha, a boca direita sem vestígio de simpatia ou misericórdia.

Os toros de madeira nas paredes e no teto assotado eram de uma cor clara e estavam envernizados, com o seu brilho a iluminar a sala na luz da tarde. Era uma casa isolada para visitas ou talvez a habitação de algum zelador. Os dois agentes da milícia ficaram de pé, um de cada lado do cadeirão, e empurraram-no para baixo quando ele tentou levantar-se e disse, em tom de desculpa, *toileta*. Queria dar uma vista de olhos ao chalé para detetar pontos de fuga e para pôr à prova o grau de liberdade de movimentos que lhe permitiriam, mas, por agora, nada. Nate sabia que isto ia ser difícil ou fácil, um interrogatório sofisticado ou uma entrevista policial de nível básico. Esperava esta última, para começar. Muito ia depender da sua atitude, do estado de espírito e das capacidades dos seus interrogadores, do que queriam saber ao certo e da urgência da sua investigação. Nate estava a planear ser atrevido, irritá-los e aguentar tanto tempo quanto fosse possível.

Nos primeiros tempos do seu treino, Nate assistira a aulas sobre interrogatórios – sobre como lhes resistir, não como os infligir. O instrutor, um argentino – com a pálpebra sempre a tremer, o nome improvável de Ramón Lustbader (escolhido pela sua mãe em homenagem à estrela do cinema mudo Ramón Navarro) e uma atitude pior do que a de Gable – dissera à turma que em última análise toda a gente acabava por ceder; era só uma questão de quanto tempo se aguentava a dor ou as drogas. Tipicamente, o objetivo era aguentar 48 horas, um período artificial ostensivamente longo o suficiente para um ativo desmascarado ou uma rede comprometida de ativos serem exfiltrados, mas isso era em grande medida coisa de filmes de espionagem, teatralidades da Guerra Fria.

Na realidade, disse Ramón, era a dor dos castigos corporais – e as técnicas ancilares de privação de sono, fome e extremos de calor ou de frio – que fazia os prisioneiros irem-se abaixo. As misteriosas e temidas drogas psicotrópicas tais como etanol, sódio tiopental, amobarbital e escopolamina, que alegadamente podiam obrigar os prisioneiros a falar e que, após uso prolongado, reduziriam o cérebro humano ao nível cognitivo de um dos símios menos desenvolvidos, na realidade não forçavam as suas vítimas a começar a dar com a língua nos dentes. Em vez disso, essas drogas provocavam recordações esquecidas, reduziam as inibições e faziam aumentar reações sugestivas que poderiam, nas mãos de um interrogador competente, provocar a expressão involuntária das informações desejadas. O gás usado nos consultórios dos dentistas para provocar uma sedação consciente, o óxido nitroso, tinha o mesmo efeito.

A pálpebra de Lustbader tremia-lhe enquanto ele falava à turma. – Se se concentrarem num pensamento, numa pessoa ou num objeto externo, se se concentrarem mesmo de forma obsessiva, a mente pode efetivamente neutralizar os efeitos das drogas do interrogatório, que, por acaso, atingem rapidamente a sua máxima eficácia e depois se dissipam com igual rapidez. Sair do efeito delas pode dar a sensação de vir à tona depois de um mergulho nas profundezas do mar. A euforia nessa fase, o regresso súbito à luz, é o período de perigo em que a vítima, na sua excitação, está mais suscetível a que lhe seja arrancada a verdade. – Olhou para os alunos, que estavam a sonhar com futuras glórias no terreno ou a pensar no almoço. – A não ser que eles vos queiram transformar num macaquinho... embora eu suspeite que alguns de vós nesta turma já estão a meio caminho de o serem... não podem enfrascar-vos com mais drogas nas 12 horas seguintes sem correrem o risco de causar danos irreversíveis.

Nenhum dos alunos sonhou alguma vez que, no decurso das suas carreiras, teria de recordar as palavras de Ramón.

*

Quando SUSAN enviou a mensagem encriptada urgente a transmitir o relatório verbal de MAGNIT sobre a infiltração de um agente de caso da CIA na propriedade para contactar uma toupeira ao serviço dos americanos com o nome de código CHALICE – uma toupeira que de algum modo

conhecia a verdadeira identidade da almirante Audrey Rowland – Gorelikov ficou espantado. A tenacidade dos americanos em recrutarem fontes nos cantos mais recônditos dos corredores da Federação não parecia diminuir. Desmascarar o tal CHALICE não ia ser fácil. Por mais meticoloso que Gorelikov tivesse sido na condução do seu ativo recentemente, havia um número infinito de potenciais fugas de informação e pontos de entrada no caso: uma dúzia de agentes de contacto do GRU dos primeiros anos, o dobro de supervisores, funcionários dos registos, os elementos do Conselho de Segurança e os especialistas técnicos que avaliavam os volumosos relatórios de MAGNIT. Mas nenhuma dessas pessoas constava da lista de convidados VIP para a gala de fim de semana no cabo Idokopas. Os 200 convidados eram chefes de serviço, ministros e os bajuladores *siloviki* à volta do presidente. Mas quem estava a par da existência de MAGNIT? Bortnikov, do FSB, aquele idiota do GRU, o presidente. Contudo, não é assim que se perdem os segredos: as amantes ouvem coisas, as pessoas embebedam-se e gabam-se numa festa, o próprio presidente poderia ter feito um comentário sobre MAGNIT a um velho amigo dos tempos de São Petersburgo, e o pássaro sai da gaiola e torna-se impossível identificar a fonte da revelação.

Uma coisa era certa: Egorova não sabia o nome de MAGNIT, o que, provisoriamente, a ilibava e significava que Gorelikov podia apoiar-se nela para o auxiliar na investigação de contrainformação, mas não havia tempo a perder com suspeitos e interrogatórios. CHALICE tinha de ser identificado e o assunto resolvido nos próximos cinco dias. A informação da *rezidentura* de Washington era que as histórias derogatórias tinham sido amplamente divulgadas por um corpo de imprensa americana com predileção por calamidades políticas: a senadora Feigenbaum e o embaixador Vano estavam fora da corrida para a direção da CIA, e a vice-almirante Rowland começaria imediatamente as suas audiências de confirmação no Congresso.

Gorelikov refletiu sobre a audácia dos americanos de enviarem um agente operacional para a Rússia, para a *propriedade* do presidente, para se encontrar descaradamente com um agente e obter o nome verdadeiro de MAGNIT. O filho da mãe do agente que estava detido no chalé Gorki na floresta era a chave: a identidade de CHALICE tinha de lhe ser arrancada da garganta. Gorelikov juntara rapidamente três especialistas em métodos de interrogação: um médico da Universidade Estatal de Moscovo que era

especialista em drogas psicotrópicas; um psicólogo do Centro Estatal Serbsky de Psiquiatria Social e Forense; e um cientista comportamental da Secção 12 da Linha S no SVR, a direção de ilegais. Entretanto, os distintos convidados estavam a chegar de limusina, autocarro ou helicóptero pessoal, cada um deles de acordo com o seu lugar na cadeia alimentar. E um deles era CHALICE. Gorelikov convocou Egorova a toda a pressa e pô-la ao corrente da situação, e juntos apressaram-se a atravessar a floresta até ao chalé. Egorova era esperta e competente. Gorelikov viu a cor esvair-se do rosto dela quando se apercebeu imediatamente do perigo iminente para MAGNIT.

*

O coração de Dominika batia-lhe com força no peito enquanto percorria o caminho para o chalé com Gorelikov. Sabia que o americano que tinha sido capturado *tinha* de ser Nate. Tinha mesmo de ser. *Acionaste o sinal de exfiltração para obter uma reação, e aí está ela* – pensou. Mas tentar entrar clandestinamente na propriedade? Ela sabia que Nate era impulsivo, mas no que estava Benford a pensar? Agora, ela teria de supervisionar os interrogatórios, com o risco do seu desmascaramento e da sua ruína à distância do estertor de uma confissão. Anton estava desesperado por proteger MAGNIT, que Dominika tinha agora cem por cento de certeza que era a almirante Rowland. Já não era necessário deitar-se a adivinhar. Dominika lera os resumos diários divulgados pelo Departamento das Américas: a nomeação para o cargo de DCIA de Rowland ia ser confirmada *esta* semana e ela com certeza leria o nome de Dominika como ativo da CIA *na semana seguinte*. Com Nate detido, só restava uma opção a Dominika: teria de enviar o nome de Rowland a Benford naquela louca lancha sem piloto que estaria na praia amanhã à noite – se é que a tinham enviado. Não fazia ideia se a informação chegaria a Langley a tempo.

Caiu-lhe o coração aos pés quando o viu, mas, se ele reparou nela no chalé agora cheio de pessoas e demasiado aquecido, não deu sinal. Três especialistas, cinco guardas (três da milícia e dois do SPB, o serviço de segurança do presidente), Dominika, Gorelikov e uma estenógrafa estavam todos encafuados na sala. Bortnikov era esperado a qualquer momento;

tecnicamente, tratava-se de uma questão de segurança interna que pertencia ao FSB.

Nate estava sentado num cadeirão, com óculos de armação de metal e uma *t-shirt* ridícula, e um dos profissionais de Moscovo estava a dirigir-lhe a palavra. O psicólogo do Instituto Serbsky – o seu halo amarelo indiciava duplicidade – estava inclinado para Nate, com uma mão paternal no joelho dele, a falar-lhe em inglês numa voz tão baixa que Dominika mal conseguia ouvi-lo. Captou as expressões «esforço inútil», «libertação antecipada» e «regresso a casa». Dominika sentou-se numa cadeira de costas direitas ligeiramente atrás do cadeirão, fora da linha de visão de Nate. Anton pôs-se a andar de um lado para o outro na pequena sala de estar, a olhar para Nate e para o médico com impaciência, até Dominika lhe agarrar o braço delicadamente e o fazer sentar-se. O elegante e fleumático Gorelikov estava uma pilha de nervos. Ouvir a voz de Nate pela primeira vez foi como uma facada no coração de Dominika.

– Senhor Doutor, ou me dá um final feliz ou tira a mão do meu joelho. – O médico recostou-se e sorriu. Era o psicólogo-chefe do Instituto Serbsky, a clínica onde os dissidentes são avaliados e enviados para enfermarias psiquiátricas em vez de para *gulags* siberianos.

– Aprecio o seu sentido de humor – disse o médico, que tinha cabelo branco como a neve e um olho mais acima que o outro, o que o fazia parecer um linguado. – Mas está metido em sérios trabalhos, Senhor...; perdoe-me, não sei o seu nome.

Nate sorriu. – Eu não lho disse. – Estendeu-lhe a mão. – Nathan. Nathan Hale. – A estenógrafa pôs-se a escrever furiosamente, mas nenhum dos russos sabia quem era. Depois de fazerem uma pesquisa, aprenderiam todos uma lição sobre a Revolução Americana. Gorelikov pôs-se de pé e deu sinal da sua impaciência. O médico com olhos de peixe inclinou-se de novo para a frente.

– Prazer em conhecê-lo, Mr. Hale – disse. – Mas tenho agora de lhe pedir que responda às minhas perguntas. O seu plano foi frustrado. Dele não irá resultar absolutamente nada. A sua colaboração será encarada favoravelmente pelas autoridades relevantes, mesmo aos mais altos níveis. Podemos evitar situações desagradáveis, e voltará para casa sem demora.

– A que mais altos níveis? – perguntou Nate. – E que tipo de situações desagradáveis? Só para eu poder informar as *minhas* autoridades, aos mais

altos níveis, claro. – Dominika fechou os olhos. A lábia de Nate deitá-lo-ia a perder – e a ela também.

– Foi enviado aqui para se encontrar com quem? – perguntou o psicólogo bruscamente. – Nós sabemos bastante. Numa questão de horas, obteremos o seu verdadeiro nome e um resumo da sua carreira. Espero sinceramente que tenha sido mais ilustre do que o seu fim. – Dominika conhecia aquela técnica: amesquinhar o alvo, impressioná-lo com a onisciência russa, retirar-lhe a esperança e depois dar um pouco de volta. Duro-macio, empurrão-puxão.

– Se sabem assim tanto – disse Nate –, então sabem que estou aqui para trabalhar no projeto de restauro de arte e dar uma vista de olhos à propriedade.

– O que esperava fazer na propriedade? – perguntou o psicólogo.

Nate encolheu os ombros. – O que é costume. Medir a latitude, a longitude, as coordenadas de GPS. Para podermos bombardeá-la mais tarde.

O psicólogo perdeu a calma e esbofeteou Nate. – Quem é CHALICE? – berrou. – Sabemos tudo sobre o teu malfadado plano.

– Nunca ouvi o nome de código CHALICE na minha vida – respondeu Nate, com a face vermelha. Soube imediatamente que estava envolvido num clister de bário congeminado por Benford, e que a resposta já aqui estava: CHALICE. Mas agora tinha de ser transmitida a Langley. Talvez ele conseguisse fugir do quarto à noite e chegar à praia. O psicólogo acenou com a cabeça a um dos guardas, que deu uma bofetada com as costas da mão num dos lados do rosto de Nate. Dominika ia levantar-se da cadeira quando o médico da Universidade Estatal de Moscovo intercedeu. O seu halo era azul. Perigoso.

– É contraproducente bater no sujeito se vou usar certos compostos. Como tenho a certeza que os meus estimados colegas sabem, os murros e as bofetadas fazem aumentar os níveis de adrenalina e endorfinas – disse em voz baixa, como se estivesse a repreender o seu colega do manicómio que só conhecia coletes de forças e terapia de choques elétricos.

– Estamos a perder tempo – disse Anton. – Quais são os seus compostos? Resultam?

– Vamos ver, sim? – disse o médico a Nate. Dominika susteve a respiração.

O médico tirou da mala três seringas e pousou-as em cima da mesa ao lado do sofá. Presumivelmente, cada uma delas continha um cocktail químico diferente.

– Desde que não tenha Polonium-210 nessa sua malinha preta – disse Nate. Um guarda fechou a mão com força sobre o braço direito de Nate, mas ele sacudiu-a, agarrou as lapelas do guarda e puxou-o para a frente, derrubando-o no chão com um estrondo. Dois outros guardas seguraram-lhe o pulso. O médico espetou-lhe uma das agulhas na veia no braço e depois recuou para lhe olhar para o rosto. Ergueu-lhe uma das pálpebras para lhe ver a pupila.

– Agora, quero que se descontraia – disse o médico. – A experiência vai ser bastante agradável. – Nate sentiu um fluxo quente a subir-lhe pelo braço, para as faces e depois para a nuca. Sentiu uma vaga intensa de vertigem. As paredes do chalé começaram a girar diante dos seus olhos e teve a sensação de estar a cair do céu de uma grande altura. Agarrou-se aos braços do cadeirão e suportou a sensação, ao mesmo tempo que respirava profundamente para oxigenar os pulmões. A voz do médico chegava-lhe de uma grande distância, como se estivesse a falar através de um megafone.

– As drogas psicotrópicas são substâncias químicas que alteram a função do cérebro e resultam em alterações da percepção, do estado de espírito ou da consciência – disse o médico. – Há uma vasta gama de compostos; a eficácia de cada um deles depende da personalidade da pessoa. É necessário um período de testes para descobrir qual a droga específica que será mais eficaz num determinado indivíduo. Escolhi uma que, normalmente, é bastante eficaz.

Anton dava a impressão de estar prestes a enterrar a agulha no pescoço do médico.

– Talvez não tenha reparado que este interrogatório tem de ser conduzido com extrema urgência – disse Gorelikov. – Não temos tempo para as suas malditas análises químicas, não temos tempo para as tentativas estúpidas deste outro idiota para obter a confiança do prisioneiro, e não temos tempo para o luxo das vagarosas pesquisas dos registos pela Linha S. Preciso de um nome, o nome de um dos 200 convidados que estão a chegar para a recepção do presidente. Um nome. Preciso dele antes de o sol se pôr esta noite. Algum de vocês, seus *duraki*, seus cabeças de carneiro, consegue fazer isso?

O médico que tinha injetado Nate estava todo empertigado com indignação nervosa. – Compreendo a urgência da situação, pode ter a certeza, camarada. Por consequência, selecionei um forte composto de 3-Quinuclidinil benzilato e amobarbital misturados com um estabilizador derivado do Valium. Observará o efeito no sujeito muito em breve.

Puxou uma cadeira e sentou-se perto de Nate, cuja cabeça estava agora tombada, com o queixo apoiado no peito. O médico olhou nervosamente para Gorelikov, que continuava furioso, inclinou-se para mais perto e começou a falar baixinho.

– Ora bem, Mr. Hale, vamos partir numa agradável viagem, o senhor e eu. Vai ser bastante divertida. Está pronto? Já agora, quem é CHALICE?

*

A respiração profunda e furtiva de Nate estava a impedir que os efeitos das drogas lhe dominassem totalmente a cabeça, QUEM É CHALICE? e a sala continuava a andar à roda, mas o facto de estar agarrado à cadeira ajudava, assim como enterrar as unhas na palma da mão para poder concentrar-se na dor, que era a maneira de continuar a agarrar o rebordo do precipício, de se agarrar ao mundo real, *continua a respirar*, ele estava à beira do abismo, QUAL É O NOME DE CHALICE? entre um estado consciente e um estado de sonho em que poderia desatar a falar, *continua a respirar, com um raio, pensa no Benford, mantém a cabeça no lugar, Nash*, e pensou em Forsyth e em Hannah e Udranka e em Ioana, em toda a gente menos em Dominika, ela não existe, QUEM É CHALICE? e pensou em Agnes há dois dias no quarto do hotel em Varsóvia, *continua a respirar*, na sensação das mãos dela na face dele, sente a sensação, recorda a sensação, não desistas, e a sala a andar à roda e a voz do médico a intrometer-se nos seus pensamentos, amigável, apaziguadora, insistente, QUEM É CHALICE? *não desistas, fica nesta sala*, sentia o rosto quente e o suor a escorrer-lhe pelas faces. Olhou para cima, mas as tonturas eram piores com os olhos abertos, mas ali estava a fotografia de Lenine a olhar para ele com aqueles olhos negros de boneco e a barbicha mal aparada e a boca de lábios fechados, à espera que Nate comesse a falar, *mas não falo a não ser que tu fales, seu filho da mãe*, e Nate concentrou-se naqueles olhos, pregou os seus olhos naqueles olhos, em nada mais, nada mais, e esperou que eles piscassem ou se movessem, e

quanto mais fitava o rosto de Lenine tanto mais forte se sentia, e continuou a olhar fixamente para a cana do nariz de Lenine, para toda a fotografia, desce lá dessa parede, seu filho da mãe, desce daí e encarrega-te tu do interrogatório, porque as drogas não iam resultar, Nate sabia disso agora que tinha a cabeça mais desanuviada, e continuou a respirar e a sala deixou de girar com tanta velocidade e ele continuou a olhar para a fotografia, e os olhos de Lenine chispavam com ódio, e a voz de Gable disse a Lenine, *anda lá, pisca tu os olhos primeiro, seu cabrão de merda, porque não vais levar nada de nós, e mete a tua revolução do proletariado pelo cu acima*, e Nate continuou a fitar o rosto de Lenine, à espera de ver a fotografia arder no fogo de Hades e de ouvir o rugido de raiva quando a vontade dele lhe fosse negada, e subitamente Nate estava a sair do túnel e a sua cabeça desanuviou-se com um enorme alívio, o seu olhar ficou límpido como cristal, a observar o grão da madeira na parede, uma mosca numa vidraça, o colarinho esfiapado do médico, e tudo zunia e depois começou a música, e a letra de uma canção dos Rolling Stones inundou-lhe a cabeça, *«you can't always get what you want, but if you try sometimes well you might find you get what you need»*¹⁰, e Nate respirou fundo e olhou para o médico. Tinham-se passado 20 minutos ou três horas, Nate não fazia ideia.

O médico olhou para Nate e soube que era um caso perdido, o efeito das drogas já estava a dissipar-se – tipicamente, atingia o seu auge na primeira meia hora e depois desvanecia-se rapidamente. O médico seguiu o olhar de Nate e viu o retrato de Lenine e imediatamente compreendeu que Nate usara a fotografia para concentrar a sua atenção e resistir ao efeito soporífico das drogas. Um jovem esperto, obviamente treinado. Teria de aguardar pelo menos 12 horas antes de outra injeção poder surtir efeito, caso contrário um excesso de drogas poderia afetar demasiado o sujeito e torná-lo incapaz de reagir naquele estado desejável de semiconsciência. Este americano parecia menos suscetível; talvez fosse da sua aparente falta de medo. O médico olhou para Gorelikov e abanou a cabeça enquanto começava a arrumar nervosamente a sua mala preta. Anton virou-lhe as costas, enojado, e Dominika soltou um longo suspiro silencioso.

Alexander Bortnikov, do FSB, entrou pela porta do chalé e olhou à sua volta. Gorelikov encolheu os ombros num sinal de raiva impotente. Bortnikov veio pôr-se diante do cadeirão em que Nate estava sentado e ficou a olhar para ele em silêncio. – Então, nada parece ter causado uma

impressão no nosso jovem amigo americano, eh? Podem ir-se embora – disse aos médicos. – Fica só um guarda. Se o americano se mexer, cause-lhe danos consideráveis. – Apontou para a estenógrafa. – Você. Rua. – Pegou no auscultador do telefone cinzento que estava em cima de uma das mesas ao lado do sofá. – *Serzhánt* Riazanov ao chalé Gorki, imediatamente – disse, e desligou. – Veremos se conseguimos captar um pouco mais da sua atenção – disse Bortnikov, com o seu halo azul a pulsar.

*

Esperaram durante 30 minutos. Dominika manteve-se sentada por trás de Nate para que os seus olhos não se encontrassem. O sargento Riazanov teve de baixar a cabeça quando entrou pela porta. Devia ter mais de dois metros de altura, um verdadeiro gigante. A primeira coisa em que Dominika reparou foi nas mãos dele, que eram enormes, com nós dos dedos salientes e dedos compridos e grossos. Tinha o rosto de um ogre – acromegalia era o termo médico para a condição comumente conhecida como gigantismo – com a testa protuberante, o queixo espetado, maçãs do rosto pronunciadas, dentes de camelo muito espaçados e um enorme nariz esponjoso. Dominika não tinha dúvidas de que os crânios dos antepassados remotos do sargento Riazanov tinham sido encontrados em grutas do Pleistoceno em Espanha e na França. Não estava fardado, envergando antes um fato-macaco de mecânico, com fecho à frente e curto nas mangas, e um par de enormes botas de combate. Nenhuma insígnia, nenhuma indicação de patente. O facto de Riazanov ter sido chamado por Bortnikov indicava a Dominika que ele pertencia a alguma unidade do FSB mantida na reserva para missões extraordinárias, como neste momento, neste pequeno e pitoresco chalé.

O general Bortnikov apontou para Nate com o queixo e o ogre avançou para o cadeirão, levantou Nate pegando-lhe pelas axilas, abanou-o como se ele fosse uma boneca de trapos e voltou a atirá-lo para o cadeirão. Nate olhou para ele com espanto.

– Deve ter sido o rapaz mais alto da sua turma – disse. – Alguma vez o examinaram para ver se tem um tumor na glândula pituitária?

Sem se deixar impressionar, Bortnikov voltou a acenar com a cabeça ao sargento Riazanov. O sargento tomou a mão esquerda de Nate numa das suas manábulas de urso e começou a dobrar o dedo mínimo dele para trás.

Nate debateu-se, mas não conseguia escapar à força do sargento, e o seu dedo mínimo continuou a dobrar-se para trás, cada vez mais, até se ouvir um estalido e Nate gemer e cair no cadeirão a segurar o seu dedo partido. Com o sargento a pairar como uma torre sobre a figura dobrada de Nate, o general Bortnikov aproximou-se um pouco. Ali sentada, Dominika sentia-se prestes a desmaiar. *Aquelas queridas mãos* – pensou.

– Recordas-te do nome de CHALICE agora? – perguntou ele. – Gostaríamos de saber a identidade dele o mais rápido possível.

Nate ergueu a mão magoada, com o dedo mínimo de um azul escuro. Por trás, Dominika viu que o halo carmesim de Nate se mantinha constante e brilhante, alimentado pela coragem e, sabia, pelo amor que ele sentia por ela. Mas quanto tempo poderia aguentar-se?

– Estou a dizer-vos, seus burros, não conheço ninguém chamado CHALICE – disse Nate.

O rosto de Bortnikov ficou corado com a fúria. – Parte-lhe o braço – disse a Riazanov. O gigante agarrou no braço esquerdo de Nate, torceu-lhe o pulso, manteve-o afastado do corpo e arremessou um punho gigantesco contra o antebraço dele com mais força do que se estivesse a usar um cano de ferro. O estalido do cúbito fez Dominika dar um salto. Nate gritou e segurou o braço partido enquanto se dobrava de dor no cadeirão.

– Agora, o nome de CHALICE – disse Bortnikov. – Sejam razoáveis. Só queremos um nome. Por vezes, é mais fácil escrevê-lo do que dizê-lo em voz alta. – Pegou numa esferográfica e num bloco de apontamentos e pousou-os no braço do cadeirão de Nate com um sorriso de encorajamento. – Como vês, não tocámos no teu braço direito nem na mão, por agora, para que possas escrever o nome – disse Bortnikov.

– A hospitalidade e a honra pelas quais a Rússia é amplamente conhecida – disse Nate, ofegante e ainda dobrado. Não estendeu a mão para a esferográfica.

– Deixa o sargento ajudar-te – disse Bortnikov. O gigante pegou na esferográfica e pô-la entre o dedo indicador e o dedo anelar de Nate e apertou, despertando o nervo cubital na mão quando a esferográfica comprimiu os ossos. Nate lançou a cabeça para trás com a dor.

– CHALICE? – disse Bortnikov. Subitamente, Dominika soube que tinha de fazer alguma coisa, fosse o que fosse. Era a diretora do SVR. Levantou-

se da cadeira, pousou a mão no ombro de Gorelikov a tranquilizá-lo e avançou.

– Vamos lá parar com esta exibição – disse Dominika, com veemência. – Será que nós os três poderíamos falar lá fora por um segundo? – perguntou, apontando para Bortnikov e Gorelikov. Os dois homens foram apanhados de surpresa, especialmente pelo tom de voz dela, e saíram para o pequeno alpendre decorativo do chalé, deixando Nate com o sargento Neandertal. Ela seguiu os colegas para fora, fechou a porta atrás de si com força e pôs-se a fitar os dois homens sobressaltados.

– Mas que merda é que nós estamos a fazer? – perguntou Dominika num tom sibilante. Acentuou a sua indignação. – Não estamos em 1937, com Estaline a fazer o que lhe dava na gana. – Pôs-se a andar de um lado para o outro no pequeno alpendre, com Gorelikov e Bortnikov a seguirem-na com o olhar. Dominika sabia que ambos eram capazes de puxar dos galões, e que, muito provavelmente, o fariam, mas tinha de fazer com que parassem de fraturar partes do corpo de Nate.

– Não podemos dar-nos ao luxo de perder tempo – disse Gorelikov. – Se este tal CHALICE revelar o nome de MAGNIT, perdemos o melhor ativo na história da espionagem russa. – *E, provavelmente, as vossas cabeças também* – pensou Dominika.

– Eu sei isso, Anton – disse Dominika. – Mas o que tencionam fazer com este americano? Partir-lhe os ossos todos do corpo? Nenhum agente do SVR estaria seguro nos Estados Unidos ou no estrangeiro a partir desse momento. E qual dos dois não se importaria de explicar ao presidente que um agente dos serviços secretos americanos foi morto de propósito durante um interrogatório?

– O que propõe que façamos para descobrir a identidade de CHALICE? – perguntou Bortnikov.

– Pensem um pouco, cavalheiros. – Dominika riu-se. – Já antes conseguimos descobrir toupeiras. A lista de convidados é controlável. Duzentos suspeitos não é nada – disse ela, fingindo-se animada e confiante. – Podemos excluir 150 nomes imediatamente, ambos o sabem, e eu sei-o. Os atrasados mentais que dirigem as sociedades por ações, os Caminhos de Ferro Russos ou o alumínio estatal, o RUSAL, nunca poderiam estar a par de tais segredos. Os restantes 50 podem ser interrogados ou postos sob vigilância ou monitorizados eletronicamente. O

FSB pode tratar disso com facilidade. Melhor ainda, podemos ordenar a todos os suspeitos principais que assistam a uma conferência de uma semana... algo político, como a Governança na *Novorossiia*... em Nizhny Novgorod, de modo que não haverá nenhuma possibilidade de CHALICE comunicar seja com quem for. Nessa altura, será já demasiado tarde, e o próprio MAGNIT poderá dizer-nos qual é a verdadeira identidade de CHALICE. A toupeira é removida, o MAGNIT mantém-se no seu lugar e nós damos início à desestabilização sistemática da CIA e do governo americano. – Dominika fez um esforço consciente para usar o pronome masculino quando se referiu a MAGNIT.

– E o americano? – perguntou Gorelikov.

Dominika encolheu os ombros. – Ele é uma peça do xadrez posta de lado. Para já, enviem-no para Moscovo e detenham-no incógnito. Não numa prisão, mas num distrito remoto, ou pode até ser numa capital, temporariamente, sob supervisão, em prisão domiciliária. Mantemo-lo para uso futuro: um julgamento de fachada, se precisarmos; uma concessão diplomática; uma troca de espões. Ele não vai aproximar-se de CHALICE, e o problema ficará resolvido em menos de uma semana.

Bortnikov olhou para Dominika por baixo das suas sobrancelhas farfalhudas. – General, o que diz faz sentido. A sua facilidade em termos de operações é evidente. Mas continuará a haver o risco de não encontrarmos a toupeira a tempo. Está disposta a aceitar a responsabilidade se perdermos MAGNIT?

– Eu nem sequer sei o verdadeiro nome de MAGNIT – disse Dominika. – Isto vai resultar, e seremos bem sucedidos sem cobrirmos com sangue as paredes deste horrendo chalé. O sargento Riazanov vai ter de se contentar em matar um urso para comer esta noite.

Gorelikov estava impressionado com a sua protegida. O que ela dissera era astuto; era uma solução inteligente, mais especificamente porque que ele na verdade não aprovava os aspetos físicos do interrogatório. Achava-os bárbaros. Olhou para Dominika.

– Tem a certeza de que não é porque se sente atraída pelo bonito americano? – perguntou. *Piada ou insinuação?* Anton sempre rondara a lealdade de Dominika, a espetar e a escarafunchar. Era sinistro e ameaçador, o mentor sempre a pôr à prova a sua protegida.

– Tem uma certa razão, Anton. Não contando com o sargento Riazanov, ele é o homem mais atraente naquela sala – disse Dominika. Ambos os homens se riram, com os seus halos azuis a cintilar.

FILETES DE LINGUADO

Coloque farinha condimentada com sal, pimenta e endro num prato raso. Seque os filetes de linguado, tempere ambos os lados com sal e pimenta e passe-os na farinha. Aqueça óleo numa frigideira grande, adicione manteiga e agite para combinar as duas gorduras. Quando deixar de se formar espuma, frite os filetes até ficarem dourados de ambos os lados. Para o molho: aqueça o que restar na frigideira, adicione manteiga e cozinhe até ficar ligeiramente acastanhado, retire do lume e adicione vinho branco seco, salsa picada, sumo de limão e alcaparras. Regue os filetes com o molho e sirva imediatamente.

10 Nem sempre consegues ter o que queres, mas se tentares, por vezes, poderás encontrar aquilo de que precisas. (*N. da T.*)

Preservativos Hussar

Eram dez e meia da noite e Dominika percorreu a sua dacha, a desligar as luzes. Tinha despido o seu vestido de festa e vestira uma camisa de dormir de cetim com molas na frente. As portas da varanda do seu quarto no andar de cima estavam abertas e as cortinas finas agitavam-se para a frente e para trás com a brisa. Dominika sabia que não conseguiria dormir, não com Nate algemado num avião a ser levado para Moscovo, com o braço e o dedo partidos engessados de forma atabalhoada. Pelo menos, fizera parar o interrogatório – por agora. Foi um alívio quando Gorelikov e Bortnikov acabaram por concordar com o seu plano de deter Nate em Moscovo e o manter de reserva como refém. Quando a comunicação com Benford fosse restabelecida, ela informaria Langley sobre o paradeiro de Nate e poderiam encetar-se negociações diplomáticas para o recuperar e o enviar de volta.

Estava previsto que aquele barco sem piloto chegasse à praia abaixo da dacha à meia-noite, de acordo com o plano de exfiltração. Dominika iria ao encontro da embarcação silenciosa, abriria a escotilha e colocaria uma *pen* com um relatório pormenorizado dos acontecimentos das últimas três semanas, mas acima de tudo com a presumível identidade de MAGNIT. A toupeira era a almirante Rowland, da Marinha dos Estados Unidos; Dominika tinha aproximadamente cinco dias até a nomeação da almirante para o cargo de diretora da CIA ser confirmada e ela ler a lista dos principais agentes atualmente a operar na Rússia a soldo da CIA. Chegaria a comunicação de Dominika a Benford naquele pequeno período de tempo, da fragata da Sexta Frota em patrulha no Mar Negro através do US NAVEUR em Nápoles, pelo labirinto do Pentágono e até à secretária dele? Evidentemente, ela endereçaria a *pen* à atenção imediata de Simon Benford, CIA, mas a pesada burocracia da Marinha americana era um dado desconhecido a ter em conta. Reagiriam como seria desejável?

A sua mente fervilhava, a tentar calcular todos os imponderáveis da situação, a sua preocupação com Nate, a sua falta de meios para comunicar

com a CIA. O dia da abertura da recepção de Putin fora sumptuosa, e havia mais dois dias ainda, com comida e bebida suficientes para alimentar metade de Moscovo por um ano. As bovinas esposas dos *siloviki*, com vestidos chocantes de cetim e de veludo em azul forte, cor de pêssego ou de tangerina, os píncaros da *haute couture* soviética, competiam em vão com as esposas-troféu dos oligarcas, com os seus minivestidos colados ao corpo e seios bronzeados e empinados. As pesos-pesados não se podiam comparar em termos de *sex-appeal*, mas levavam a melhor nas mesas dos comes e bebes. Gorelikov, Bortnikov e Dominika tinham-se posto de lado a observar os convidados exuberantes enquanto eles circulavam, e segredavam entre si, a avaliar a probabilidade de um deles ser a toupeira. Uma pontuação de um significava que era improvável, dois que era possível e três significava um finalista. Dominika alinhou naquele jogo com entusiasmo postiço e sombria determinação. Alguns dos que obtiveram três pontos iam ver as suas vidas seriamente perturbadas na próxima semana em Moscovo.

Dominika desceu ao andar de baixo, à cozinha de aço inoxidável da dacha, tirou uma garrafa de champanhe do frigorífico e começou a remover o arame para fazer saltar a rolha. Um feixe de luar prateado era a única luz na divisão e atravessava-se na diagonal no mármore do tampo da bancada. A brisa marítima aumentou um pouco e a casa estremeceu.

– Precisa de ajuda com essa rolha? – disse uma voz feminina. Dominika deu um salto. Uma mulher robusta apareceu das sombras e encaminhou-se para a ilha da cozinha. Trazia uma *t-shirt* branca e *leggings* pretas que nada faziam para ocultar um busto prodigioso e pernas atléticas. Era eslava e classicamente atraente; Dominika achou que deveria andar perto dos 50, com uma dramática madeixa de cabelo branco que começava na frente e estava penteada para trás com o resto de uma cabeleira como a juba de um leão. Tinha um halo carmesim de paixão – como o de Nate – forte e brilhante.

– Quem é você? – perguntou Dominika. – Como é que entrou nesta casa?

A mulher sorriu e aproximou-se, mas sem qualquer ameaça. – Embora esta moradia seja muito elegante – disse –, as fechaduras são de qualidade inferior, especialmente as das portas de correr. Mas suponho que não tem de se preocupar com questões de segurança aqui na propriedade.

– Tem razão quanto a isso – disse Dominika. – De facto, posso chamar uma patrulha de segurança a esta casa em menos de 90 segundos.

– Não duvido – disse a mulher. – Perdoe os meus maus modos, mas é a general Egorova?

– Por muito que tenha apreciado a sua visita não anunciada – disse Dominika –, creio que chegou o momento de chamar a segurança. Quem é você?

A mulher pareceu imperturbada. Aproximou-se e começou a segredar. Era óbvio que sabia quais eram as limitações dos aparelhos de escuta numa divisão grande com tetos altos e paredes de cimento. Mas esta conversa era demasiado perigosa naquele que Dominika supunha ser um espaço sob escuta.

– Sei que é Egorova, e é exatamente como o Nathaniel a descreveu.

Esta situação era demasiado bizarra, louca, implausível. Seria uma armadilha ou um truque congeminado por Bortnikov? Será que ele pensava que *ela* era um três na lista de suspeitos?

– Não conheço nenhum Nathaniel e creio que lhe perguntei o nome pela última vez. – Abriu uma gaveta do armário da cozinha e tirou uma pequena pistola PSM, preferida por agentes sêniores do serviço de segurança e por membros do comité central. Destravou a arma.

– Tem todos os motivos para ser cautelosa, mas antes de disparar sobre mim eu apreciaria uma taça de champanhe – disse a mulher.

Dominika soube intuitivamente o que isto devia ser: esta beldade polaca era de Langley. Serviu uma taça de champanhe à mulher, com a pistola na outra mão. Dominika acenou com o cano, a indicar que deviam ir para o andar de cima. No quarto suavemente iluminado, Dominika conduziu a mulher para a varanda. Baixou a pistola ao lado do corpo e bebeu um gole de champanhe. A brisa marítima assobiava por entre os pinheiros, e a lua do Mar Negro pairava na linha do horizonte.

– Quem é você? – perguntou Dominika.

– Cheguei com o Nathaniel, fingindo ser supervisora de restauros de arte – segredou Agnes. – Chamo-me Agnes Krawcyk. O Nathaniel foi detido cinco minutos depois de chegarmos. Vi que ele ficou surpreendido. Alguém deve tê-lo denunciado.

Dominika bebeu mais um gole de champanhe. – Há quanto tempo conhece esse tal Nathaniel? – perguntou, ainda à cautela.

– Há poucos anos – disse Agnes. – Mas trabalhei durante a Guerra Fria na Polónia para o Tom Forsyth.

– Descreva esse tal Forsyth – disse Dominika.

– Cabelo grisalho, 1,82 metros, magro; usa os óculos de ver ao perto no topo da cabeça. Muito experiente, uma mente operacional espantosa. Levou o Nathaniel de Moscovo para Helsínquia e salvou-lhe a carreira. Satisfeita? – O seu halo era constante, seguro. Dominika pousou a pistola no parapeito da varanda. Era a auxiliar de Nate, uma ideia esperta de Benford: sacrificar Nate, limpar o terreno e esperar ter êxito. Uma loucura, mas resultara; esta mulher estava aqui, não estava?

– Tenho a certeza de que lhe deram ordem para nunca vir a esta dacha – disse Dominika.

– Já não me importam as regras – disse Agnes. – Quero salvar o Nathaniel. Onde é que ele está? Sabe? Está bem?

Mais do que interesse profissional – pensou Dominika. – *Há aqui também uma dimensão pessoal.* – Estavam a meio caminho de o matar esta tarde. Fraturaram-lhe um dedo e o braço esquerdo. Ele resistiu a uma dose preliminar de drogas psicotrópicas. Como diretora do SVR, argumentei que ele deveria ser mantido incógnito em Moscovo, em bom estado, para ser usado como futura moeda de troca quando necessário. Neste momento já vai num avião a caminho da capital.

Agnes pousou o copo. – Enviaram-no para Moscovo? Assim não consigo chegar até ele. Não tem maneira de escapar.

– Salvei-lhe a vida ao mandá-lo para Moscovo. O que é que você ia fazer, abrir caminho a tiro até à sala do guarda, agarrar no Nathaniel e correr até à praia? Há 500 tropas nestes bosques.

– Ele pode ficar cinco anos numa das vossas prisões – segredou Agnes.

– Preocupo-me com o Nate mais tarde – disse Dominika. – Neste momento, você e eu precisamos de fazer uma coisa. Creio que os superiores do Nate em Langley montaram uma armadilha para canários a fim de determinar a identidade de uma toupeira num cargo elevado nos Estados Unidos chamada MAGNIT. O Nate contou-lhe alguma coisa? Não, provavelmente nem ele sabia. Durante o interrogatório do Nate, fartaram-se de lhe perguntar quem era um informador com o nome de código CHALICE. Creio que isto faz parte de um teste de tinta azul, uma variante reveladora para incriminar o suspeito, porque eu nunca tinha ouvido esse nome. Compreende o que isso é? Conhece a palavra CHALICE? O Forsyth

e o Benford precisam de ficar a saber essa variante imediatamente. A palavra CHALICE revelará a identidade de MAGNIT. Compreende?

Agnes acenou com a cabeça.

– Esta noite, vai-se meter naquela lancha *drone*, ou lá o que é que lhe chamam, e vai levar aquele nome de código e entregar uma *pen* em que estão gravados os pormenores. Exija falar pessoalmente com o Simon Benford mal embarque no navio da marinha. Vá diretamente ao Benford na CIA. Não fale com mais ninguém. Compreende?

Agnes acenou com a cabeça mais uma vez. – Como pode proteger o Nate numa prisão de Moscovo? – perguntou.

– Há uma coisa que é importante agora – disse Dominika, ignorando a teimosia de Agnes. – O CHALICE. Leve esse nome ao Benford. Eu tomo conta do Nate em Moscovo.

*

A campainha da porta da dacha tocou, uma estranha cacofonia de sinos tubulares que soava mais como espanta-espíritos. Pousando um dedo nos lábios, Dominika fez sinal a Agnes para que se escondesse no espaçoso armário do quarto ao lado da enorme cama. Agnes enfiou-se lá dentro e fechou silenciosamente as portas de concertina. Dominika correu para o andar de baixo, meteu a taça de champanhe de Agnes no armário por baixo da banca e deixou a dela em cima do balcão com meia garrafa de champanhe. Puxou a orla da camisa de noite para baixo, despenteou o cabelo e atravessou a sala de estar até à porta da rua envidraçada.

O presidente Putin estava sob o candeeiro da entrada, com a luz a lançar sombras sob os seus olhos, o nariz e o queixo e a transformá-lo numa gárgula com um halo azul, um ser do outro mundo a fazer uma visita tardia à sua nova diretora dos Serviços Externos de Informação, que estava descalça e com uma camisa de noite de cetim que mal lhe cobria o sexo, e cujo cabelo despenteado estava preso com uma fita azul. A camisa de cetim nada fazia para lhe ocultar a curva dos seios, a saliência dos mamilos ou o bater compassado do seu coração. O séquito de guarda-costas do presidente estava agrupado no caminho pavimentado mais abaixo, em três ou quatro carros elétricos de golfe, a observar. Num clarão ácido, Dominika soube que o chefe de Estado da Federação Russa estaria daí a dez minutos entre as

pernas dela, que este era o momento inescapável – não haveria mais carícias sinistras durante visitas furtivas à meia-noite – o momento em que seria pedido a DIVA, o ativo da CIA, que se sacrificasse no papel que escolhera como espia, sedutora e inimiga implacável do monstro no Kremlin. Pensou em Gable ao mesmo tempo que sentia que se fechava, que cerrava as portas internas das suas emoções, a reunir forças para ultrapassar a repulsa. Estava a entrar em modo de Pardal. Perguntou-se se Gable estaria a olhar lá do alto, do bar de cocktails no Céu.

– *Dobriy vecher*, Senhor Presidente, boa noite – disse Dominika. – Que agradável surpresa. Tem tempo para uma taça de champanhe? Eu estava a beber uma.

Putin acenou, mandando os seus seguranças para o escuro depois de um deles perguntar se deviam revistar a dacha antes de ele entrar. Enquanto Dominika lhe servia uma taça de champanhe, reparou no círculo húmido deixado pelo copo de Agnes no balcão, mas apagou-o com a mão, e fizeram um brinde e beberam.

– À rápida descoberta do traidor entre nós – disse Putin, e Dominika manteve o champanhe na língua, a saborear o segredo.

– O americano sabe quem é. Vamos esmagá-lo com o dedo como um grão de pimenta até lho sacarmos. O Bortnikov e o Gorelikov informaram-me esta tarde sobre o agente da CIA – disse Putin. – Descreveram o interrogatório *atabalhado* desta manhã sobre a razão para ele ter vindo cá e o que sabe. Falaram-me também da solução que propôs para o problema, que achei astuta e atempada. Está a gostar da festa?

Um desvio na conversa típico de Putin, que, Dominika estava convencida, se destinava a demonstrar a agilidade mental do presidente.

– Eu disse a ambos que não podemos pôr-nos a eliminar os nossos adversários como se fôssemos uns bárbaros – disse Putin. *Króme Shútok. Estás a brincar?* maravilhou-se Dominika. Pensou nos nomes dos mais de 200 jornalistas, dissidentes e ativistas políticos eliminados desde o ano de 2000 sob o reinado benévolo do presidente, já para não mencionar metade da população civil de Grozhny, na Chechénia.

– Obrigada pela sua confiança em mim, Senhor Presidente – disse Dominika. – Tenho a certeza de que conseguimos descobrir a toupeira americana de uma lista reduzida de 50 nomes. De facto, ia sugerir que

passasse em revista a lista final; a sua perspectiva sobre cada indivíduo seria de valor inestimável.

Putin sorriu e acenou com a cabeça; poderia livrar-se de outros inimigos durante esse processo.

– Daqui a cinco dias saberemos esse nome, e o de todos os outros – disse Dominika, num tom suave. Putin endossara o seu plano para que não se fizesse mal a Nate, mantendo-o de reserva como moeda de troca. Agora estava a falar de esmagar grãos de pimenta. Um som ténue veio do andar de cima e Dominika sentiu-se aterrorizada que Agnes pudesse pensar que a costa estava livre e voltasse para o andar de baixo. Vladimir ouvira o ruído e estava a olhar pelas escadas acima. *O czar estaria interessado num convívio a três?*

– A brisa da varanda faz agitar as cortinas no quarto. Venha, eu mostro-lhe. – Dominika pousou o copo, pegou na mão do presidente (tinha calos, porque ele arranhava-a com as unhas) e conduziu-o ao andar de cima, fazendo tanto barulho quanto possível.

– A vista da varanda é excecional – disse Dominika. – Tenho de lhe agradecer de novo por me permitir usar a dacha. – Putin enfiou a cabeça pelas portas de correr, lançando um olhar ao mar e ao luar que brilhava na superfície perpassada pela brisa que se levantava de terra depois do pôr do sol. Voltou para dentro do quarto. Não queria saber de luares. O seu halo azul pulsava-lhe ao ritmo dos batimentos do coração.

– É uma bonita vista, mas não tão bela como você.

Dominika imaginou Agnes a cair para fora do armário, com as mãos a tapar a boca. *Silêncio, sestra, irmã, o nosso czar é um poeta do amor, não dês cabo deste momento.*

– Senhor Presidente. É sempre assim tão poético? – Aproximou-se dele, pôs-lhe as mãos nos ombros e encostou-se a ele, espalmando-lhe os seios no peito. Tinham as bocas a centímetros de distância. *Um polegar enfiado no olho. Manietá-lo e conduzi-lo para a varanda, um impulso com toda a força por cima do parapeito, e a Rússia fica livre dele.* Em vez disso, Dominika roçou os lábios nos dele e tirou-lhe a *t-shirt* pela cabeça. Sentiu de novo o cheiro a almíscar de veado que emanava dele – em parte cominhos e água de colónia de canela enjoativos, em parte cheiro antigo a suor de sovacos e virilhas. Se fosse Nate, ela passaria o queixo e os lábios por todo o seu corpo para inalar a doçura do seu perfume, mas não agora.

Recuou um passo e abriu as três molas de cima da sua camisa de noite, o que revelou o início do sulco do peito (N.º 95, «*Manter a porta do banya ligeiramente aberta para criar mais vapor*»).

Putin meteu as mãos dentro da camisa de Dominika e passou os dedos à volta dos mamilos dela. – Penso que, nestas circunstâncias, podemos dispensar o «Senhor Presidente» – disse. Talvez para ilustrar a sua afirmação, passou os dedos pelo estômago liso de Dominika, depois mais abaixo, ao longo da púbis, e depois enfiou-os nela. A Pardal treinada reprimiu um estremecimento – os homens gostavam sempre de enfiar os dedos em toda a parte prematuramente, como se estivessem à procura do interruptor da luz – e, em vez disso, fechou os olhos e segredou: – Oh, Volodya – o diminutivo afetoso de Vladimir. – Não sei o que te chamar – segredou – para o caso de alguém escutar a nossa intimidade. – *O que te estou a perguntar, seu svinya, é se puseste este chalé de puta sob escuta.*

Putin riu-se. – Esta noite não. Não te preocupes, ninguém está a escutar. *Esta noite não, que encantador. As escutas desligadas por esta noite.*

De cada vez que ele se aproximava dela, apercebia-se de novo de como era bela. Os seus olhos azuis eram enfeitiçadores, e era como se lesse a mente das pessoas, uma capacidade psíquica que ele próprio acreditava possuir. O corpo exuberante de Dominika desencadeava a sua cupidez orgânica: queria possuí-la, dominá-la, enfiar os dedos no cabelo castanho dela e arrastá-la pelo quarto, simplesmente para validar o poder que tinha sobre ela. Sabia muito bem que ela era independente e inteligente, e que as suas competências operacionais excediam substancialmente a carreira dele no estrangeiro ao serviço do KGB nos anos 1980, na Alemanha de Leste comunista. Mas isso não importava. O seu controlo sobre os outros – incluindo amigos de confiança entre os *siloviki* – baseava-se no temor, no dinheiro, na família ou simplesmente no acesso que concedia. Com Egorova, seria diferente. Esta noite, Putin tencionava dominá-la com carnalidade. Como ex-Pardal, ela compreenderia a mensagem.

Putin desembaraçou-se das calças de fato de treino enquanto Dominika despiu a camisa de noite de cetim e desligou o lustre do teto, deixando apenas o clarão suave de um pequeno candeeiro na mesa de cabeceira a banhar as suas curvas suaves numa luz rósea. Se Putin viu as finas cicatrizes prateadas no seu tórax, não lhes fez referência; afinal, representavam os sacrifícios que os seus vassalos necessariamente faziam

para preservar a *Rodina*, ou, mais precisamente, a *Rodina* dele. Putin arrancou a colcha da cama e atirou-a para o chão como um matador numa tourada a fazer o passe floreado de *rebolera* com a sua capa.

Em seguida, sem dizer nada, Putin pousou na mesa de cabeceira uma embalagem de folha de alumínio vermelha com preservativos da marca Hussar, por razões não inteiramente claras, já que não fez menção de enfiar um. Esses preservativos eram produzidos exclusivamente na Rússia depois de um decreto governamental ter proibido a importação da marca americana Durex, alegando que o produto dos Estados Unidos promovia o alastramento do VIH, uma *dezinformatsiya* evidente em retaliação por sanções dos Estados Unidos. Os preservativos Hussar eram conhecidos em Moscovo como camisinhas de roleta russa devido à sua pouca fiabilidade – já para não falar do seu potente odor a petróleo. Essa escassez de preservativos fiáveis resultara no aparecimento de numerosos produtos do mercado negro nas ruas, entre eles as notórias embalagens prateadas de preservativos com uma caricatura do presidente por cima da frase em inglês «I've Got Something to Putin You».¹¹ Samizdat, *os materiais de protesto, tinham mudado substancialmente desde os tempos de Solzhenitsyn e de Sakharov* – pensou Dominika. – *O que é que ele espera que eu faça com isto?* Meteu a embalagem de preservativos do presidente na gaveta da mesa de cabeceira.

Ele empurrou delicadamente Egorova para cima da cama, deitando-a de costas, e aproximou-se dela de joelhos em cima do colchão. Agarrou-lhe os tornozelos e afastou-os, como quem afasta as coxas de um ganso assado. Viu que o rosto dela estava inchado com o desejo, os seus seios pesados, os mamilos distendidos. Ninguém conseguiria fingir aquelas reações, nem mesmo uma Pardal. Amassou-lhe os seios e depois plantou as mãos dos dois lados da cabeça dela, olhando para o seu rosto. Putin tinha levado para a cama bastantes mulheres desde o seu divórcio de Lyudmila Putina após 30 anos de casamento – a ginasta Kabaeva, a patinadora Butyrskaya, a pugilista Ragosina. Todas louras, todas superatletas campeãs, mas esta Egorova era diferente, de algum modo mais continental, menos égua eslava. Era também a sua nova diretora do SVR, uma operacional de cabeça fria que começara a sua carreira como Pardal, denunciara o traidor Korchnoi e matara adversários no terreno. Mantinha uma certa reserva, sabia tudo sobre operações, era discreta e leal, e Gorelikov aprovava-a. Outros amantes

apreciariam os olhos azuis, o sorriso, o espírito carismático ou até mesmo a libido exuberante, mas Vladimir dava valor a outros atributos. Encaixou os joelhos entre as pernas dela.

Putin gostava de mergulhar de cabeça, imediatamente, a sentir o aperto da secura, à espera da súbita respiração sustida, do estremecimento provocado pela penetração funda inicial. Gostava que elas ofegassem assim. Depois, quando a mulher finalmente ficava húmida e mais aberta, era adepto de um ritmo comedido de metrónomo – não era de rapidinhas, não com o seu disco danificado pelo judo – batendo com o seu osso púbico com força contra o sexo da mulher para lhe provocar gemidos suspirados de prazer a cada pancada húmida. Também gostava disso, dos suspiros animais de prazer delas. Tinha o controlo. Os seios de Egorova oscilavam a cada choque, ela tinha a cabeça tombada para trás, a boca ligeiramente aberta, e respirava pelo nariz. Vladimir sentiu que estava realmente a dar-lhe uma das boas – ela tinha os olhos fechados com força.

Mantém os olhos fechados para não teres de olhar para esta cara bolachuda ou para o peito de eunuco dele, como massa de pão – pensou ela; – deve haver pelo menos um albino, um primo ou um sobrinho, na família dele, os genes estão lá. Pelo menos, não estava a cuspir-lhe saliva para dentro da boca. Na cama com Nate, gemerem com as bocas coladas enquanto ela se vinha era um êxtase, mas graças a Deus não tinha agora de «Chupar a Língua ao Putin», que devia ser o título de uma canção da banda rock russa Pussy Riot. E ela sabia que os homens russos da geração de Putin não faziam a outra coisa, pôr a boca lá em baixo, e ele mostrara-se demasiado impaciente para lhe pedir que ela o metesse na boca. Agradecia a Deus pela prepotência russa.

Putin tinha posto as pernas por cima das coxas afastadas dela, prendendo-a como a um animal na savana, a mostrar-lhe os dentes. *E o Nate vai num avião a caminho de Moscovo, por minha iniciativa, e a Agnes está dentro do armário a ver-me por entre as frestas a foder com este homem, a ver o khuy dele a abrir-me, e sei que ela também ama o Nate. Ela compreenderá o que está a acontecer?*

O movimento pendular de demolição do czar de todos os russos nunca se alterava, apenas um ritmo constante desprovido de todas as variações estonteantes de posições ou de conversas de travesseiro, sem os êxtases de adiar o orgasmo ou usar outras técnicas, ou o que ela tinha visto em Hong

Kong com aqueles chacras loucos. Os olhos azuis do presidente nunca desfitavam o rosto dela, à procura do mais ténue sinal de reação fingida, que, Dominika tinha a certeza, ele equacionaria como *engano* e veria como equivalente a deslealdade. Finge um orgasmo com o Vlad, pequerrucha, e saís da sua lista de favoritos. Nem sequer Benford poderia ter previsto essa faceta do ofício.

Na Escola de Pardais, tinham estudado intensamente o clímax sexual (e filmado centenas de mulheres a senti-lo), incluindo as contrações físicas rítmicas, a euforia psicossomática e a libertação de endorfinas durante o período refratário. As Pardais que simulavam orgasmos, por consequência, eram treinadas para evitarem a exibição típica de noviças de gritar histrionicamente, abanar a cabeça, sacudir o cabelo e cravar as unhas nas costas do parceiro. Em vez disso, uma Pardal profissional conhecia as subtilezas orgásmicas de uma mudança no ritmo da respiração, da rigidez dos membros, do breve estremecimento por todo o corpo, seguido pela levitação frenética da cama se o homem tocasse partes da canalização ultrasensíveis menos de cinco minutos depois. Dominika afivelou a sua máscara de Pardal de prazer-dor, como se estivesse à espera de salvação, de êxtase às mãos do seu czar azul. E depois o impossível aconteceu.

Começou como um pequeno zunido na barriga – os indícios sussurrados de um verdadeiro orgasmo, não simulado – que irradiou para as suas virilhas e depois aumentou e ficou a pairar como uma jarra antiga na beira da prateleira depois de um sismo, à espera do próximo estremecimento que a faria oscilar e cair ao chão. *Isto não pode estar a acontecer* –, pensou ela. Não com este *lagarto* a limpar-lhe a chaminé. A sensação aumentou; o orgasmo dela *ia* acontecer se ela o deixasse, e seria um dos grandes, já não estava com Nate há muito tempo, um tempo de stress prolongado, e acumulara uma data de, bem, de kilowatts, que estavam prontos a chispar e queimar as sobrancelhas de alguém. Já não usava a escova do cabelo com a pega comprida que fora da sua avó, porque partia do princípio de que as suas residências oficiais – aqui e em Moscovo – estavam cheias de aparelhos de captação áudio e vídeo. *Bogu moy*, meu Deus, a jarra na prateleira começou a trepidar, a vibrar mais perto da beira.

Isto não pode acontecer. Isto não vai acontecer –, pensou. Enquanto iniciava a sua rotina da Escola de Pardais para benefício de Putin (N.º 44, «*Um só floco de neve desencadeará a avalanche*»), Dominika reprimiu o

seu clímax real, enxotou-o pensando em *Bratok*, baniou-o para o baço ou o fígado ou onde quer que residia. Era fácil fazê-lo, considerando o *dibbuk*, o ogre que estava curvado em cima dela, a assobiar pelo nariz enquanto fuçava para a frente e para trás.

Putin estava ele próprio a sentir dificuldades; também começava a afetá-lo: a imagem desta Vénus inatingível, de cabeça para trás, o pescoço a ser-lhe oferecido, olhos revirados, a mostrar a parte branca, estava a ter o seu efeito, já para não mencionar a sensação verdadeiramente notável do seu músculo pubococcígeo a *mungir-lhe* efetivamente o órgão, com o resultado de que sentiu a sensação reveladora nas virilhas, o espessamento insidioso do seu pénis e, finalmente, os tremores involuntários que percorrem os membros no momento da *spuskat*, da ejaculação. Não disse nada, pestanejou uma vez – a sua expressão não se alterou – e afastou-se mal terminou, limpou o rosto, saiu da cama e apanhou as suas calças de fato de treino do chão. O czar não era dos que se punham com palavras de amor e beijos, festas no cabelo ou abraços ternos no lusco-fusco suave a seguir ao sexo. Era suficiente que tivesse depositado na sua orvalhada diretora do Serviço Externo de Informação, uma general do SVR, a marca imperial que assinalava uma das fronteiras da sua coutada de predador.

Na sua aparência lânguida, mas a respirar pesadamente e com suor entre os seios, Dominika sentia os pensamentos a correrem loucamente no asilo pós-coito que era o seu cérebro naquele momento. Tinha de se livrar do presidente. Agnes, no armário, provavelmente precisava de fazer xixi. A brisa que soprava de terra impediria a embarcação de Benford (esperada daí a 50 minutos) de atracar na praia lá em baixo? Uh, tinha as coxas pegajosas. Como Pardal treinada que era, Dominika sabia que um homem saudável ejacula aproximadamente 5 mililitros (uma colher de chá) de sémen, que contém aproximadamente cem milhões de espermatozoides. Isso significava que cem milhões de espermatozoides de Putin com cabeças de melão e caudas a agitarem-se estavam a avançar dentro dela, decididos a anexar-lhe o útero como a península da Crimeia. (Graças a Deus, a Agência dera-lhe um DIU, um dispositivo de cobre PARAGARD desenvolvido [por pura coincidência] pela Lockheed em 1962, durante a fase de conceção do avião supersónico de reconhecimento estratégico SR-71 Blackbird.) O presidente estava a dizer alguma coisa, e Dominika silenciou a cascata de pensamentos descoordenados.

– Gostaria que ficasses com isto – disse Putin, pousando na mesa um estojo comprido forrado a veludo. – Usa-o amanhã no concerto. –

O entretenimento de amanhã seria um concerto ao vivo de um famoso músico americano, igualmente bem conhecido como ativista progressista empenhado e interventivo, que, apesar da ausência de direitos humanos demonstráveis na Rússia, achara que poderia aceitar cinco milhões de dólares do Ministério da Cultura da Federação Russa para aparecer no cabo Idokopas para entreter os *siloviki*. Dominika abriu o estojo. Dentro estava uma fiada de pérolas multicores do Mar do Sul e do Taiti de valor incalculável, cada uma com 114 milímetros, grandes como berlindes, verde-mar, douradas, cor de marfim e castanhas, um colar sublime.

– Senhor Presidente, estas pérolas são magníficas. Eu não poderia de maneira nenhuma...

Putin ergueu a mão a silenciá-la, tirou o colar do estojo e prendeu-lho à volta do pescoço, com uma pérola a encaixar-se pesadamente na cova do pescoço. Os presentes pessoais trocados entre colegas governamentais – a *pizda* de Dominika em troca das pérolas – não constituíam o mínimo conflito de interesses na Rússia deste czar. – Gostaria que as aceitasses – disse ele.

Dominika tocou nas pérolas. – Obrigada, Senhor Presidente – disse. – E obrigada por uma noite maravilhosa. – O halo azul dele brilhou.

O ativo da CIA, a sua estrela, DIVA, acompanhou Vladimir Vladimirovich à porta. Não lhe deu um beijo de boa noite, com todos os olhos brilhantes de guaxinins dos seguranças a fitarem-na, no seu quimono de seda, do escuro. Deram antes um aperto de mão e ela sentiu os calos do presidente a arranharem-lhe a palma da mão.

*

O zunido elétrico dos carros de golfe a subirem a encosta a toda a velocidade desvaneceu-se. Estava um silêncio mortal dentro de casa, mas os pinheiros balouçavam-se ruidosamente com a brisa. Não havia escutas ligadas esta noite na dacha, certo? Dominika foi tirar Agnes do armário e desceram ao andar de baixo em silêncio. Dominika abriu outra garrafa de champanhe, serviu dois copos e depois pousou os cotovelos no tampo de

mármore da ilha da cozinha e pôs a cabeça entre as mãos, exausta. Faltavam 40 minutos para a chegada da lancha.

Agnes passou os dedos pela sua madeixa branca. – Meio copo de vinagre branco com uma colher de chá de fermento em pó – disse, também apoiada no tampo de mármore. Eram como duas *cowgirls* num bar.

– O quê? – disse Dominika, olhando para o copo.

Agnes abanou a cabeça. – Não é para beber; é um duche vaginal caseiro. Deduzo que prefere não andar com o presidente dentro de si toda a noite. –

Dominika riu-se. Gostava desta Guerreira Polaca da Guerra Fria. Graças a Deus, poderia levar a mensagem de Dominika a Benford pessoalmente. E graças a Deus, Dominika conseguiria fazê-la sair incólume da Rússia. Mas não tinha vinagre em casa e não havia tempo a perder.

– Com que frequência é que isto acontece? – perguntou Agnes.

– É a primeira vez – disse Dominika, tentando não parecer defensiva. Observou que Agnes não tinha uma expressão de quem a estivesse a julgar. – Mas suponho que as atenções se acentuarão, agora que sou membro do círculo interno dele.

– É importante não se culpabilizar. Nada de autorrecreminações, nunca.

– Não fico a matutar em nada a não ser no que tem de ser – disse Dominika.

Agnes acenou com a cabeça. – Na Polónia, passava-se o mesmo comigo. Dormi com metade do comité central para lhes arrancar segredos, e com três coronéis soviéticos do conselho militar em Varsóvia.

– Suponho que dorme bem à noite? Não tem pesadelos? – perguntou Dominika, impressionada.

Agnes desviou os olhos. – E o que é que o Nathaniel pensa sobre isto?

Dominika contraiu-se. Aqui estava. – O que o Nate e eu temos está à parte de tudo isto. Aquilo que temos é *apesar* de tudo isto – disse, num tom ligeiramente agreste.

Agnes olhou para o chão.

– Diga-me – pediu Dominika, pondo-se direita e olhando Agnes nos olhos. – O que é que há exatamente entre *você* e o Nate, se me permite a pergunta?

– Pode estar tranquila, general Egorova – disse Agnes em voz baixa. – Trabalhámos juntos, e eu adoro aquele rapaz, mas o coração dele pertence-lhe a si. Não tem nada a recear de mim.

As duas mulheres sabiam as partes não ditas, que não requeriam mais discussão.

Agnes olhou para o relógio. – Quando é que o raio daquele barco chega?

– Exatamente à meia-noite, daqui a cerca de meia hora – disse Dominika. – Tem de levar a *pen* que explica toda a situação, a identidade de MAGNIT e o estatuto do Nate. É de importância crítica que fale com o Benford ou o Forsyth. Mesmo que tenha de lhes telefonar de uma cabina em Varna, diga-lhes só a palavra CHALICE.

– Tem alguma coisa impermeável em que eu possa meter a *pen*? – perguntou Agnes. – Não quero arriscar-me a que apanhe água do mar.

Dominika correu ao andar de cima, pegou na *pen*, enfiou-a no preservativo Hussar que tirou da gaveta da mesa de cabeceira, desembrulhando-o e dando um nó apertado na camisinha. De novo no andar de baixo, atirou-o a Agnes.

– Está a brincar? – disse ela, segurando o preservativo entre o polegar e o indicador.

– Não se preocupe – disse Dominika. – Um só proprietário, nunca se fez à estrada, quilometragem zero.

– OK, agora está à prova de água. Mas se eu não conseguir transmitir a mensagem ao Benford a tempo, a Dominika fica em grave perigo, não é verdade? – perguntou Agnes.

Dominika acenou com a cabeça. – Se considerar que a câmara de execução na prisão de Butyrka constitui um grave perigo, está correta.

– Então, se lhe acontecer alguma coisa, algo catastrófico, e o Nate acabar por ser libertado, deixa-me o terreno aberto a mim, não concorda?

– Indubitavelmente – disse Dominika, fitando-a. – Ele seria todo seu. –

Isto era uma gata a bufar a outra, a estabelecer uma relação. O halo carmesim de Agnes estava constante e brilhante. Ela não trairia a causa, tal como Dominika nunca o faria, e ambas o sabiam. Agnes voltou a olhar para o seu relógio.

– Muito bem – disse. – Vamos lá à praia.

*

Dominika deixou Agnes no andar de baixo por breves momentos enquanto vestia uns *collants*, um top elástico preto e sapatos de sola de borracha para

caminhar sobre os rochedos da praia. Ficou imóvel quando ouviu vozes no andar de baixo. A voz do homem era inconfundivelmente a de Gorelikov. As palavras eram indistintas, mas o tom era puro Anton: cortês, polido e modulado. A voz de Agnes era igualmente calma, mas Dominika também não conseguia distinguir as palavras dela. *Bogu moy*, meu Deus, que história plausível poderia explicar a presença de Agnes na dacha pessoal da diretora do SVR? Velhas colegas de escola? Um interesse comum pelas artes decorativas? Poupar água tomando duches juntas? Dominika cerrou os maxilares e desceu ao andar de baixo, para confrontar o desastre.

– Anton, o que está a fazer aqui a esta hora? – perguntou. – Acabou de se desencontrar com o presidente. Ele saiu daqui há uns minutos, depois de tomar uma taça de champanhe. – Dominika acenou com a cabeça a Agnes, como se a dizer que a presença dela era totalmente natural. Gorelikov olhou de Dominika para Agnes e depois de novo para Dominika. *Anda, deduz que somos pizdolizi, namoradas*.

– Acabei de ter o prazer de travar conhecimento com esta jovem – disse Gorelikov. – Ela disse-me que é uma das especialistas de restauros de Varsóvia que chegou esta manhã. No mesmo grupo que o americano. – *Isto era um problema, um perigo concentrado, absoluto*. Dominika sentiu a chama da raiva acender-se no seu íntimo.

– Recorda-se da minha proposta de deixar o americano andar pela propriedade livremente para nos conduzir até à toupeira? – disse Anton. –

Essa ideia foi vetada, principalmente devido à sua recomendação insistente, por razões muito lógicas e muito boas. – Gorelikov dirigiu-se para a ilha da cozinha e serviu-se de um copo de champanhe. – Resolvi conduzir uma modesta experiência pessoal e seguir esta jovem, que parecia conhecer o americano. Uma coincidência? Os outros polacos ficaram no dormitório, a beber a vodka que lhes foi oferecida. Exceto a Menina Krawcyk, que andou às voltas pela propriedade durante algum tempo. E acaba aqui, à meia-noite, depois da visita do presidente, e agora estamos todos a beber champanhe por um *cálice*¹² de cristal. – Aquela palavra. Ficaram a olhar uns para os outros. A pistola estava na gaveta do armário da cozinha, a um passo de distância. Era improvável que Anton estivesse armado. Não era o seu estilo. Dominika sabia que isto era o fim, a não ser que estivesse disposta a reagir violentamente para eliminar a ameaça. Fosse

qual fosse o animal pré-histórico que vivia dentro dela, estava acorado à entrada da gruta, com as garras cravadas na terra, pronto a saltar.

Foi Gorelikov quem quebrou o silêncio, olhando para Dominika. A sua voz estava calma, o seu rosto pacífico. – Suponho que é da natureza da espionagem que quanto mais monstruosa for a traição, tanto mais eficaz é a operação. A Dominika desfrutou da confiança dos seus pares, do Kremlin e do presidente. Mais ainda, eu confiei em si. Imagine a ironia. É a diretora do SVR, ao serviço dos americanos, ao mesmo tempo que nós andamos a influenciar o curso dos acontecimentos para colocar MAGNIT no posto de DCIA. – Pousou o copo e passou a mão pelo cabelo. – Onde nos deixa isso? O que faremos para resolver...

Ambas as mulheres avançaram ao mesmo tempo, instintivamente. Agnes arremessou-se para a frente e atingiu Gorelikov com força extrema com o punho no lado do pescoço por baixo da orelha, o que sobrecarregou o seu nervo vago, perturbou os sinais do ritmo cardíaco e da pressão arterial transmitidos ao cérebro e o fez vacilar e tombar sobre um joelho. Sem pensar, Dominika pôs-se por trás dele e, sem mais nada à mão, desapertou o colar de pérolas do Mar do Sul que lhe fora dado pelo presidente e passou a fiada à volta do pescoço de Anton fazendo um nó de garrote siciliano, em que se põem as mãos cruzadas por trás do alvo – o que exerce uma constrição mais forte do que puxar com as mãos afastadas – uma técnica ensinada durante o treino do *Spetsnaz Systema*. Gorelikov começou a debater-se, tombou no chão e estendeu o braço para trás de si, à procura dos olhos de Dominika, mas Agnes arremessou-se contra Gorelikov, segurou-lhe os pulsos e depois sentou-se em cima das pernas dele para o impedir de as mexer. Ele era magro e leve, e Agnes controlou-o facilmente. Com a constrição na garganta cada vez mais forte, repetiu várias vezes: – Não!

Dominika receava que o fio do colar se partisse, fazendo espalhar as pérolas de valor inestimável pelo pátio, mas o que quer que tivesse sido usado para as enfiar devia ser inquebrável, arame ou monofilamento em vez do tradicional fio de seda, e sentiu que ficava com visão em túnel à medida que sentiu uma loucura tomar conta dela e, inclinando-se para trás, pôs um joelho por trás do pescoço dele e continuou a aplicar uma força de torção. Ao menos as pérolas grandes eram fáceis de agarrar, e o débil Gorelikov não era excecionalmente forte. Enquanto o estrangulava, ouviu-se a ela própria segredar a Anton que a Rússia não era a coutada privada do

Kremlin, que a *Rodina* pertencia aos russos, não aos chacais que se alimentavam da sua carcaça, o que lhe soou como um dos primeiros manifestos de Lenine, mas estava fora de si, com um pânico sedento de sangue. Não sabia se ele conseguia ouvi-la por entre os seus grunhidos sufocados. Enquanto ela segredava a Anton, Agnes fitava-a boquiaberta.

Agnes continuou a segurar os pulsos de Anton e a prender-lhe as pernas no seu último paroxismo e por fim ele ficou imóvel, mas elas não se moveram durante mais cinco minutos, tensas. Souberam que já morrera quando as calças dele ficaram húmidas e uma poça de urina alastrou no chão debaixo dele. Agnes também estava encharcada, mas não disse uma palavra enquanto se punha de pé, com o cabelo todo despenteado. Olharam ambas para Gorelikov, ambas ofegantes como antigas rainhas assassinas, Clitemnestra e Electra a contemplarem a água do banho carmesim. Dominika viu que o halo de Agnes estava desbotado e desvanecido. O cadáver de Anton estava molhado da cintura até aos joelhos, tinha os olhos abertos e o pescoço com nódoas roxas e o seu halo desaparecera. Interessante. Dominika perguntou-se se acabaria por sentir remorsos – afinal, Gorelikov fora seu amigo e apoiara-a no Kremlin – pois naquele momento não sentia nenhuns. O elegante *boulevardier* tê-la-ia mandado executar sem hesitação.

Dominika apertou o colar de pérolas ainda quentes em redor do pescoço; eram pesadas e sentia-as escorregadias contra a pele. Nunca mais lhe dariam a mesma sensação, e teria sempre de se haver com o fantasma de Anton quando as usasse. – Está pronta para fazer um cruzeiro com Monsieur CHALICE? – perguntou a Agnes. – Ele decidiu desertar.

*

– Vai pôr-me naquela canoa com o conselheiro mais próximo de Putin e prender-me lá com ele para andarmos aos tombos durante 30 minutos? – perguntou Agnes.

– Com o conselheiro *morto* mais próximo do presidente – respondeu Dominika. – O desaparecimento dele provará que ele era a toupeira, um escândalo devastador para o Kremlin e para o presidente pessoalmente.

– O Gorelikov torna-se o CHALICE? O homem de mais confiança da Rússia de Putin é afinal a toupeira que deserta? Nunca vão acreditar nisso –

disse Agnes.

– *Posle dozhdika v chetverg*, veremos depois da chuva na quinta-feira; não fazemos ideia do que acontecerá. É a única prova que eles terão, e a Agnes também terá partido, a segunda operacional da CIA que nos falhou quando andávamos obcecados com o Nate – disse Dominika. – A confirmação final de que o Gorelikov era a toupeira virá quando o Benford prender MAGNIT. – Correu ao andar de cima para arrancar o lençol usado da cama e voltou a toda a pressa para a sala de estar para envolver Gorelikov no lençol, uma mortalha a cheirar à água de colónia de Putin.

– Como é que vamos levá-lo por aquele caminho íngreme até à praia lá em baixo? – perguntou Agnes.

– Cada uma pega por uma ponta e arrastamo-lo – disse Dominika, pegando numa ponta do lençol e levantando-o.

– Isto é uma loucura.

– Uma loucura? Chegou a hora de *vera*, de fé, e de uma resolução inabalável, que, suspeito, conhece muito bem.

Agnes acenou com a cabeça. – *Wiernosc* em polaco.

Dominika acenou com a cabeça. – Tire-lhe o relógio de pulso. É um daqueles modelos suíços caros, vale milhares. Fique com ele, é seu, com os cumprimentos do Kremlin. Considere-o um pagamento por esta missão louca. Nunca deviam tê-la enviado a si. Foi um risco insano.

– O Nate veio salvá-la a si e eu vim ajudar o Nate – disse Agnes. – Por isso, suponho que todos perdemos.

– Nós não perdemos – disse Dominika. – Mas agora é a hora de pôr fim a isto. Isto é a derrota para Eles. Eles estão a dormir nas suas camas lá em cima, na casa principal, enquanto nós vamos engolir água do mar pelo Gable, por um general de cabelos brancos e por duas jovens Pardais que deram as suas vidas. – Olhou para o relógio. – Temos 20 minutos até à hora prevista da chegada do barco e o Anton fazer o seu último cruzeiro no Mar Negro. Agarre na ponta do lençol e ajude-me a erguê-lo.

MOLHO *MOUSSELINE*

Faça um *sabayon* deitando água fria lentamente sobre gemas de ovo enquanto as bate até triplicarem de volume. Continuando a bater, adicione lentamente manteiga quente clarificada até o molho ficar aveludado e brilhante. Incorpore sumo de limão, sal e pimenta de caiena e continue a mexer. Envolve delicadamente natas batidas firmes. Sirva imediatamente.

11 Tenho uma coisa para meter dentro de ti. Jogo de palavras com base na semelhança entre *put in* (meter em) e o nome do presidente da Rússia. (*N. da T.*)

12 Em inglês, “chalice”, o criptónimo da toupeira (*N. do E.*)

Cruzeiro no Mar Negro

Deixaram cair o corpo amortalhado de Gorelikov duas vezes enquanto desciam aos tropeções pelo caminho de cabras pedregoso até à praia, uma das vezes apanhando-o mesmo antes de ele tombar da berma para os rochedos 30 metros abaixo. A brisa que soprava de terra fazia ricochete na face do penhasco e criava uma pequena ondulação na água, que rebentava entre os muitos rochedos que despontavam do fundo arenoso. Poderia uma embarcação sem piloto ser programada para evitar estes rochedos e chegar àquela pequena praia de areia molhada, e depois voltar para o mar? Dominika e Agnes usaram à vez os óculos infravermelhos que detetariam o farol invisível da luz estroboscópica da embarcação, e Dominika trazia no pulso o relógio-farol. Julgaram ouvir alguns dos sons da festa tardia lá em cima, para lá das faces do penhasco. Enquanto aguardavam em silêncio, à escuta dos sons das botas dos guardas, a brisa aumentou e as ondas transformaram-se de pequenas ondinhas para vagas em rebentação com quase um metro que atingia alguns dos rochedos e gorgolejava sobre eles, lançando ocasionalmente um pouco de espuma para o ar. Um mar agitado, mas não impossível. Periodicamente, Dominika olhava para trás, para a forma amortalhada de Gorelikov deitado na areia para além do alcance das ondas – quase esperava vê-lo sentar-se e começar a falar – e perguntou-se primeiro como é que o barco se aproximaria o suficiente delas e depois como conseguiriam içar o corpo inerte para o convés da embarcação, que tinha uma altura lateral significativa.

À meia-noite em ponto, pelo relógio de Dominika, ela viu uma luz azul intermitente a brilhar na linha do horizonte. A cada minuto que passava a luz tornava-se mais brilhante e a forma indistinta de uma lancha baixa com o que pareciam ser listas de zebra ao longo dos lados e uma pequena onda branca a formar-se à sua frente tornou-se visível. A forma do barco aparecia, desaparecia e reaparecia à medida que se ia aproximando, deslizando para dentro das ondas e depois voltando a galgá-las. Ao entrar

na zona de rochedos, o barco abrandou a velocidade e, como se pilotado por um timoneiro, contornou os rochedos ou passou entre eles até a proa arredondada vir parar na areia mesmo aos pés delas. O degrau para embarcar era na popa do barco, mas a ondulação estava a rebentar nessa parte. Dominika ouvia os motores de propulsão da embarcação a tentarem manter o casco direito e contrariar os efeitos das ondas. Quando Agnes se dirigiu para a escada da popa, ficou molhada até ao pescoço com uma onda a rebentar e depois foi projetada para a água por uma segunda onda, o que a encharcou completamente, pela segunda vez nessa noite. Finalmente, conseguiu subir os três degraus e equilibrar-se no convés do barco. Dominika estendeu o braço e deu-lhe o saco que continha a *pen* enfiada no preservativo, os óculos infravermelhos, o relógio-farol e o caro relógio suíço de pulso de Gorelikov.

O tampo duplo da escotilha abriu-se automaticamente. Agnes olhou lá para dentro e depois para Dominika, que estava metida na água até às coxas, e fez-lhe sinal com o polegar. Dominika manteve-se afastada da popa do barco, que estava a ser batida regularmente pelas ondas, o que provocava uns sons ribombantes que, mais cedo ou mais tarde, atrairiam as atenções dos guardas. Agora era a parte mais difícil. Dominika dirigiu-se ao corpo embrulhado de Gorelikov, sentou-o, pôs o ombro contra o estômago dele e com um grunhido levantou-o como se ele fosse um saco de farinha. Voltou a entrar na água e tentou levantá-lo suficientemente alto para que Agnes conseguisse agarrar uma ponta do lençol e içá-lo para dentro do barco. Era impossível, com a ondulação e o casco a oscilar, mas Dominika ergueu-o pelas pernas e, milagrosamente, Agnes conseguiu agarrar a ponta de cima do lençol e puxar com toda a sua força. O cadáver deslizou sobre a amurada para o convés da embarcação. Dominika voltou para a praia e aguardou, a ver Agnes puxar e finalmente enfiar o cadáver de Gorelikov pela escotilha. Uma vez lá em baixo, teria de pegar nele e sentá-lo num dos assentos reclináveis, afivelar-lhe o cinto de segurança, a seguir o dela, e depois premir os interruptores que fechariam a escotilha e dariam início à viagem de regresso para a fragata da Marinha dos Estados Unidos que a aguardava a 20 milhas da costa. Antes de Agnes desaparecer pela escotilha, olhou para Dominika ao luar e acenou-lhe. Ocorreu a Dominika o pensamento de que Nathaniel Nash tinha muita sorte por uma mulher como Agnes o amar, por ambas o amarem.

O som dos motores tornou-se mais alto quando a embarcação partiu da praia, com as ondas ainda a baterem na popa enquanto ela se afastava. E depois um baque quando a popa colidiu com um rochedo liso que despontava acima da superfície, e a embarcação parou. Pela espuma à volta da proa, Dominika via que o barco estava a tentar avançar e a recuar para se libertar da obstrução invisível, mas continuava a embater na rocha e não conseguia seguir viagem. A praguejar, Dominika entrou no mar até ao peito, foi engolida por uma onda e depois conseguiu nadar até ao casco encravado e empurrar a popa com toda a sua força. Por fim, uma onda ajudou e ela ouviu o lado da embarcação raspar contra a rocha e soltar-se. Outra onda fê-la mergulhar, mas os motores propulsionaram o barco com as riscas brancas e pretas silenciosamente para fora da zona dos rochedos. Mais uma onda atingiu Dominika, e ela engoliu alguma água do mar e ficou sufocada, mas recuperou o suficiente para ver o barco dar a volta, estabilizar a popa e ganhar velocidade, a dirigir-se para o mar alto. Dominika fez uma pausa breve e acorrou-se onde já tinha pé. A água do mar faria o mesmo efeito que vinagre e fermento em pó. Sentiu alguma satisfação por depositar o ADN do presidente no Mar Negro. Avançou para a areia a custo, com as roupas pesadas da água (esta noite venceria o concurso da *t-shirt* molhada na festa) e olhou para trás, para o mar. O barco secreto já desaparecera de vista. *Boa sorte, Agnes Krwyck. Não me deixes ficar mal.*

A tremer, Dominika subiu a cambalear o caminho de cabras até à sua dacha, despiu a roupa, recolheu os copos de champanhe e limpou a sujidade de Gorelikov do mármore. Em seguida, deixou-se ficar debaixo de um duche quente durante 20 minutos, demasiado cansada para se preocupar com a inevitável imagem de pesadelo de Grace Gao pendurada pelo pescoço da porta de vidro do chuveiro.

*

Já era meio-dia quando se deu pela falta de Gorelikov. Bortnikov ordenou uma busca massiva pela propriedade, com aviões e barcos de patrulha a motor velozes vindos de Sebastopol a passarem a costa a pente fino, para o caso de Gorelikov ter caído por acidente de um penhasco para o mar. Depois de uma contagem informal dos presentes, reparou-se que o

paradeiro de Agnes Krawcyk, uma das restauradoras de arte, também não era conhecido. Bortnikov e Dominika encontraram-se na sala de reuniões do edifício do controlo de segurança da propriedade, para debater como informariam o presidente sobre estes perturbantes desenvolvimentos. Não havia registo no aeroporto de Gelendzhik de um ou o outro indivíduo terem embarcado num avião, e não faltava nenhum dos veículos da propriedade – eles tinham simplesmente desaparecido como por encanto. Bortnikov recordou-se de que MAGNIT comunicara parte de um plano de exfiltração que envolvia um planador com motor que podia aterrar no vale Balaklava sem ser detetado, mas de maneira nenhuma Gorelikov ou a mulher poderiam ter saído da propriedade sem ninguém os ver e percorrido dez quilómetros a pé, à noite, em estradas de província, para chegar a um local de exfiltração. Frustrado e furioso, Bortnikov ordenou uma segunda busca completa de todos os edifícios da propriedade, incluindo a ala presidencial e os aposentos privados do presidente. Nikolai Patrushev dignou-se assistir à última reunião com Bortnikov e Dominika no final do dia. Apesar das hipóteses cataclísmicas, o halo amarelo conspirador de Patrushev mantinha-se constante e imperturbado. *Ele já escolheu um bode expiatório* –, pensou Dominika. *Não vai assumir qualquer culpa.*

– A mulher polaca não tem importância nenhuma – disse Patrushev. – Pode ter sido levada por um dos soldados para a floresta, que a violou e matou e depois atirou para uma ravina. Demoraria meses a encontrar o corpo dela.

Bortnikov fitou-o indignado. – Está louco? Porque presume isso?

Patrushev ignorou-o. – Já o Anton Gorelikov é outra questão muito diferente. Se desertou, isso é potencialmente um desastre. Os vossos serviços deviam ter sido mais vigilantes.

Bortnikov olhou-o, do outro lado da mesa. – Está a deitar as culpas em mim e na Egorova? Está a falar a sério? Você é chefe do Conselho de Segurança, incumbido da supervisão de todas as questões de segurança do Estado. Partilha a responsabilidade. – Bortnikov estava quase aos berros, mas Patrushev mantinha-se indiferente e aparentemente não afetado.

– O FSB existe para apanhar espiões na Rodina. Supostamente, o SVR controla ativos estrangeiros, que podem dar avisos atempados de tais quebras de segurança – disse Patrushev. – A minha observação é que ambos

falharam nesses deveres, e, por consequência, falharam para com o presidente.

Ali estava, o alijar de culpas confrangedor, famoso entre os *siloviki* do Kremlin, sem ninguém a assumir a responsabilidade e com toda a gente perturbada e reprovadora quando o presidente era mal servido por outros. Dominika calculou que talvez esta crítica a aproximasse de Bortnikov – pelo menos até à próxima crise palaciana. Bortnikov continuava a fitar Patrushev, furioso, e o seu halo azul tremeluzia de agitação.

Dominika compreendia o que Nikolai estava a fazer, a distanciar-se de qualquer responsabilidade. Mas era agora diretora do SVR. Chegara a hora de se afirmar, de estabelecer uma voz entre estes homens que, juntamente com o presidente, seriam os seus competidores, aliados e rivais nos próximos anos. – Com o devido respeito, penso que ninguém merece a culpa de nada, e parece mal que o Nikolai dê a entender que não é assim – disse. – Uma coisa é certa. Saberemos com toda a clareza se Anton Gorelikov é uma toupeira da CIA, e saberemos a verdade muito em breve.

Patrushev e Bortnikov fitaram-na. – As provas serão aparentes dentro de quatro ou cinco dias – disse Dominika. – Se na próxima semana importantes ativos do SVR nos Estados Unidos ficarem comprometidos, então a conclusão inescapável será que o Gorelikov é o CHALICE. Isto é uma conjectura, mas, se acontecer, será uma prova incontroversa. – *Aquilo consolidaria a ideia da culpa de Anton.*

– Como informamos o presidente sobre isto? – perguntou Bortnikov. Patrushev não fez nenhuma sugestão.

Dominika inclinou-se para a frente. – Dado que o Anton era um dos conselheiros mais próximos do presidente, penso que devemos ter cuidado, muito cuidado, para não insinuar que o próprio presidente foi pouco cauteloso, excessivamente confiante ou cego aos sinais óbvios, se eles existiam, de que o Anton estava a seguir o caminho errado. – Doutro lado da mesa, os dois acenaram com a cabeça. – Se lhes convier, cavalheiros – acrescentou Dominika, passando os dedos por uma fiada vistosa de pérolas que tinha ao pescoço –, posso pôr o presidente ao corrente desta difícil situação. Por sorte temos o agente de caso americano em Moscovo para usar como moeda de troca. Podemos usar o americano em troca dos nossos ativos, e, adicionalmente, exigir a extradição do Gorelikov para a Rússia.

– Como a ideia foi sua – disse Patrushev, aliviado –, certamente seria apropriado que fosse a general Egorova a informar o presidente. Não concorda? – disse, dirigindo-se a Bortnikov.

– Absolutamente – respondeu Bortnikov. – O presidente gosta de si e confia em si.

Dominika acenou com a cabeça. – É uma solução satisfatória – disse. – Então, resta-nos esperar. Tenciono regressar a Moscovo esta noite para monitorizar a situação em Yasenevo. – *E quero ver o Nate.*

*

Audrey Rowland estava a percorrer ao lusco-fusco o passadiço elevado sobre o pântano na ponta norte da ilha Theodore Roosevelt no rio Potomac, entre Rosslyn e o John F. Kennedy Center, no centro de Washington. A ilha pertencia ao Sistema de Parques Nacionais e encerraria daí a 90 minutos. O trânsito de peões era ligeiro. Um velhote tinha estado a pescar na ponte que ligava a ilha ao parque de estacionamento no George Washington Memorial Parkway e duas velhotas com máquinas fotográficas tinham passado por Audrey há uns 15 minutos, a tagarelarem como catatuas e feitas idiotas à procura de aves para fotografarem. Depois disso, ficou sozinha. Enquanto caminhava silenciosamente sobre as pranchas do passadiço à luz do fim do dia, umas coisas encaroçadas – tartarugas e rãs – saltavam ocasionalmente na água salobra e com vegetação, mas para além disso a ilha arborizada estava mergulhada numa calma fantasmagórica.

O passadiço curvava para leste, e as luzes de Georgetown e do centro de Washington começavam a acender-se, visíveis por entre a densa folhagem. Audrey parou e sentou-se no banco ao abrigo de olhares que tinha sido escolhido como ponto de encontro, olhou para o relógio, recostou-se e pôs-se à escuta. Os estalidos e os pequenos estouros da floresta de árvores com folha caduca eram abafados pelo ronco do trânsito do fim do dia nas pontes de Key e Roosevelt nas imediações. Fora isso, nada. Audrey já tinha encontros clandestinos há muito tempo e estava acostumada à sensação de aperto no estômago e palmas das mãos suadas antes de estabelecer contacto com o seu agente do GRU ou, mais recentemente, com SUSAN, a ilegal de Nova Iorque. Encontrar-se com esta cabra sinistra era muito mais seguro do que encontrar-se com alguém da embaixada russa, mas Audrey não gostava

dela. Tinha uma atitude de superioridade; não reconhecia a patente nem a importância de Audrey. Ela já resolvera dizer ao Tio Anton que queria um sistema de comunicação diferente, e tinha a certeza de que os russos acederiam, especialmente visto que estava a dois dias de ser confirmada pelo Senado como a nova diretora da CIA.

As audiências de confirmação em Capitol Hill tinham sido uma anedota: os legisladores leram longas declarações preparadas e fizeram perguntas irrelevantes de listas que lhes tinham sido entregues por estagiários borbulentos acabados de sair da universidade. Audrey desempenhou o papel de vice-almirante profissional e destacada cientista nas áreas de tecnologia, armamento e comunicações, cujos avanços significariam menos despesas e orçamentos mais razoáveis para a Marinha, continuando ao mesmo tempo a garantir a segurança nacional. Aos baralhados senadores, tanto os Democratas como os Republicanos, agradava o facto de a almirante Rowland ser alguém de fora, uma mulher assexuada e obviamente apolítica que encaminharia a CIA na direção certa, afastando-a de despesas perdulárias e de ações encobertas execráveis e comportamentos extralegais similares.

Audrey sentiu um arrepio no couro cabeludo quando ouviu um som de passos a dirigir-se para ela da escuridão do passadiço. No lusco-fusco, a forma indistinta de um ser humano corcovado tornou-se gradualmente clara, e Audrey pensou na ironia de ser abordada por uma criatura do pântano do estuário enquanto estava à espera da sua agente russa de contacto no centro da cidade de Washington. O mais provável era que fosse um empreiteiro pançudo a dar uma volta ao cair da noite à procura de carne fresca. Descontraiu-se quando um velhote com um chapéu mole e uma camisa de flanela se aproximou. O homem caminhava com a ajuda de um andarilho, e o som das pernas almofadadas do aparelho ecoava cavo nas pranchas do passadiço. Audrey acenou polidamente com a cabeça quando ele passou, mas em troca apenas obteve um pigarro do parvalhão do filho da mãe, que estava claramente a apressar-se para sair da ilha antes de ela encerrar. Depois de o homem desaparecer numa curva não havia mais ninguém à volta, nenhuns sons. Audrey só tinha de esperar que SUSAN lhe aparecesse do crepúsculo, qual fantasma. Tateou o bolso do casaco para confirmar que a *pen* e os dois CDs com os segredos mais recentes do Gabinete de Investigação Naval estavam em segurança. Entregaria a *pen* e

os CDs, informaria verbalmente SUSAN sobre a sua confirmação e escutaria as ideias do Centro sobre as opções de comunicação quando se tornasse DCIA e passasse a ter uma equipa de segurança própria a tempo inteiro.

Do que Audrey Rowland não se apercebeu foi que o idoso a pescar na ponte, as duas velhotas à procura de aves para fotografar e o mal-encarado trôpego a caminhar com um andarilho pertenciam todos à equipa de vigilância ORION de Simon Benford, uma série de agentes aposentados da CIA que eram tão capazes, pacientes e eficientes que obtinham melhores resultados do que a equipa de vigilância especial do FBI conhecida como os «Gs», que ganhavam a vida a seguir agentes secretos estrangeiros treinados. A especialidade da ORION era prever onde um alvo iria, chegar lá *antes* do coelho e presenciar de modo indetetável um ato clandestino sem que o agente secreto (e o seu agente americano) tivessem alguma vez a suspeita de que estavam a ser seguidos. Benford dissera uma vez que a diferença entre a vigilância da ORION e a do FBI era a diferença entre um gato a perseguir um pássaro e um cão a perseguir um carro. Os ORIONs tinham andado a saltar à frente da almirante Rowland todo o dia, sem nunca serem vistos, prevendo a sua rota de marcha – o vetor geral da sua deslocação – e registando a sua direção em termos gerais, e quando, perto do fim do dia, a ilha de Theodore Roosevelt se tornou uma hipótese possível, quatro da dúzia de agentes aposentados que andava a seguir Audrey invadiram a zona e estavam a postos ainda antes de ela parar o carro no parque de estacionamento. A equipa geriátrica – as duas apreciadoras de aves eram avós – comunicaram que o comportamento do alvo indicava um encontro iminente. Isso era suficiente para Simon. Benford alertara a equipa de detenções do FBI para entrar em ação, já que os ORIONs não tinham autoridade para proceder a detenções e não poderiam fazê-lo apresentando os seus passes de terceira idade.

*

Dias antes, realizara-se o encontro a 21 milhas náuticas da costa do Mar Negro da Rússia. O barco sem tripulação comportara-se impecavelmente, estabelecendo contacto com o DDG-78, o USS *Porter*, um contratorpedeiro *Arleigh-Burke* da 6.^a Frota, um pouco depois da uma da manhã, em águas

calmas. O barco foi içado a bordo para o convés de aterragem de helicópteros por um guincho especial na popa e transportado numa plataforma sobre rodas para fora de vista para o hangar de helicópteros, içado por uma grua. Os marinheiros que abriram a escotilha ficaram surpreendidos ao verem sair uma mulher de meia idade de seios fartos, com uma *t-shirt* molhada e uma bolsa impermeável na mão. Ficaram ainda mais surpreendidos ao verem a figura de um elegante homem de fato envolto num lençol e a dormir na segunda cadeira de encosto, que, visto de mais perto, se determinou estar morto. O oficial de dia do *Porter* evacuou o hangar a pedido de um homem baixo e enxovalhado com um casacão azul-marinho que estava acompanhado por um outro mais alto, com cabelo grisalho, e por um jovem nervoso com óculos embaciados.

Agnes deu um aperto de mão a Benford e a Westfall, abraçou Forsyth, repetiu «chalice, chalice, chalice» até eles lhe pedirem que parasse, já tinham compreendido, e entregou-lhes a bolsa com a *pen*. Sentaram-se todos na sala de oficiais vazia, a tomar café e a ler o relatório da *pen* num portátil. Um prato de torradas cobertas com um molho branco com carne de vaca desfiada, o prato típico da marinha conhecido como «SOS», foi posto diante dela por um marinheiro sorridente. Agnes cheirou a comida, à cautela, experimentou uma garfada e depois devorou o prato todo. Já não comia há 12 horas. Enquanto comia, contou o resto das notícias sobre Dominika e Gorelikov. Forsyth estendeu o braço e apertou-lhe a mão. Westfall apressou-se a ir enviar telegramas de emergência para Langley.

– A morte do Alex Larson foi de certa forma vingada – disse Benford, sombrio. – A MAGNIT vai ser presa e o Gorelikov passa a ser o CHALICE. A Linha KR do SVR, a *kontravietka*, a contrainformação, vai andar anos a fazer a avaliação de danos. – Deu uma palmadinha na mão de Agnes e congratulou-a. – A DIVA vai poder atar de pés e mãos os serviços de informação russos, tanto os internos como os externos, por uma década, especialmente visto que consumou a relação com o Putin e já não há concorrência para a confiança do presidente. Quem me dera que o Alex pudesse ver isto tudo.

Agnes afastou a sua madeixa branca para trás e lançou-lhe um olhar assassino que Forsyth recordava dos velhos tempos. – Que bom para a DIVA – rosnou. – Contenta-se com deixar que a sua agente se deite de costas sempre que aquele porco quiser? E o seu agente a apodrecer numa

prisão russa? Que sorte é que isto foi? A sua armadilha brilhante resultou, mas o que é que vai fazer para compensar o Nash pela sua traição? – Benford olhou-a furioso, todo corado.

Forsyth puxou-a para fora da sala dos oficiais, para o convés da popa, onde ficaram encostados ao corrimão enquanto amanhecia, a ver o rasto de espuma deixado pelo navio, direito como um lápis. Ambos vestiam casacos grossos e demasiado grandes, para se protegerem do frio da manhã.

– Se pensas que ele não está a passar por um inferno por causa disto, estás enganada – disse Forsyth. – Mas caçar a toupeira é a principal prioridade do Simon, a única prioridade dele. Usaria qualquer um de nós para identificar a MAGNIT, incluindo ele próprio.

Forsyth pôs o braço à volta dos ombros de Agnes. Já tinha adivinhado o triângulo amoroso desde Sebastopol. – Ele está a contar com a Dominika para manter o Nate a salvo e acabar por conseguir tirá-lo da Rússia, talvez negociando uma troca. Vai demorar algum tempo. A Marinha e os tribunais não vão deixar que uma traidora do calibre da Rowland escape a uma pena de prisão.

Ainda furiosa com o pragmatismo sem alma destes homens da CIA, Agnes sacudiu o braço de Forsyth dos ombros. – Então, o Nathaniel fica a apodrecer na Rússia? – Não lhe importava que o seu afeto por Nate fosse notório.

Forsyth encolheu os ombros. – Se o FBI conseguir identificar também a agente de contacto da MAGNIT, uma verdadeira ilegal russa, poderia chegar-se rapidamente a acordo quanto a uma troca de espões. – Forsyth sabia que se tratava de uma possibilidade remota. Benford barafustara com Hearsey por não ter havido resultados após polvilhar com *metka*, pó de espões, o telemóvel operacional que DIVA passara à ilegal como forma de desmascarar SUSAN. As múltiplas deslocações à cidade de Nova Iorque com técnicos do FBI para procurarem casos de fluorescência nos escritórios de revistas literárias progressistas de esquerda de Nova Iorque – a *New Politics*, a *American Prospect*, a *Salon*, a *New School Quarterly* e a *Harper's* – não tinham revelado uma só ocorrência de pó de espões. Houve alguma excitação inicial quando o tampo da secretária de um editor emitiu ligeiramente uma luz fluorescente sob a luz negra, levando um agente especial do FBI a dizer que sabia que aquele sítio estava cheio de simpatizantes do comunismo, mas não se registou mais nenhum indício de

metka no resto do escritório. Hearsey veio a descobrir que alguns vestígios de drogas ilícitas no tampo da secretária, entre elas cocaína, metanfetaminas e migalhas de cogumelos psilocibinos, tinham dado um falso positivo. Benford concluiria posteriormente que ou SUSAN usara um estratagema para tirar o telemóvel do pequeno cemitério na Village, ou de alguma forma conseguira não tocar no telemóvel antes de o atirar para o rio East. Era uma moça esperta, aquela SUSAN.

*

Audrey sentiu, mais do que viu, SUSAN sentar-se ao seu lado no banco na escuridão. O raio dos ilegais, a aparecerem assim à socapa.

– Teve problemas para chegar aqui? – perguntou ela.

Audrey abanou a cabeça ao mesmo tempo que entregava a *pen* e os dois CDs num saco de plástico com fecho. – Não precisam de explicação – disse. – Conto com a confirmação no cargo de DCIA daqui a dois dias ou menos. Teremos de falar sobre as comunicações, é uma prioridade.

– O Centro está a par desse requisito – disse SUSAN com brusquidão.

– Bem, é melhor que o Centro se despache. Daqui a menos de uma semana vou ter uma equipa de segurança 24 horas por dia, e...

Do arvoredado escuro de ambos os lados do passadiço irrompeu um muro de luz ofuscante. Através de um megafone, uma voz ordenou às duas mulheres que se mantivessem no lugar, era o FBI. Cega pelas luzes, Audrey ouviu o som de SUSAN a lançar-se para fora do banco e a saltar do passadiço para o pântano pútrido, seguido por um chapinhar frenético na água. Ouviram-se berros, mais sons da água a ser espadanada, bastantes mais, e Audrey, que não tinha de todo reagido por causa do efeito ofuscante das luzes (e da incapacidade natural de uma totó da Física de entrar em ação física rapidamente) sentiu umas mãos nos seus braços e o estalido das algemas nos pulsos. Viu que SUSAN deixara a *pen* e os CDs no banco, que o FBI estava agora a recolher e a meter num saco de plástico de provas. Parecia haver centenas de pessoas a circular por ali, com impermeáveis azuis com «FBI» estampado nas costas. Nunca houve um momento em que uma mão não estivesse a agarrar-lhe o braço.

Seria impossível descrever o choque dormiente que Audrey estava a sentir enquanto percorria o passadiço de volta ao parque de estacionamento, que

parecia já um verdadeiro parque de diversões com luzes vermelhas e azuis a piscar. Parte do choque, claro, devia-se à surpresa da emboscada e a constatação de que aproximadamente 50 agentes especiais do FBI tinham estado escondidos, enfiados até aos joelhos no pântano, durante horas antes do encontro. Como tinham sabido? A mente precisa e quantitativa de Audrey também se indignava contra a realidade de que os seus 12 anos de espionagem inteligente e calculada tinham sido detetados, e era irritante não saber como. Aqueles homenzinhos atarracados à procura de toupeiras eram mais perigosos do que pareciam. A última gota amarga de realidade desesperada atingiu Audrey quando ela foi metida no banco de trás de um automóvel do FBI a feder a Aqua Velva, com as mãos ainda algemadas atrás das costas, e a porta do automóvel foi fechada com força. Sabia que isto era o início de um período interminável de provas, interrogatórios, julgamentos e publicidade que terminaria na prisão, bem como o fim catastrófico da sua vida de privilégio e estatuto elevado na Marinha. Não sentia remorsos, para além do facto de que a levariam a tribunal marcial e lhe retirariam a patente. Uma agente especial sentou-se no banco de trás com ela, e Audrey lançou-lhe um olhar discreto a apreciar o seu perfil de jovem e as suas pernas com meias de vidro. A agente especial surpreendeu o olhar de Audrey e pôs-se a fitá-la, obrigando-a a baixar os olhos. Isto era também o fim daquela parte da vida dela, apercebeu-se Audrey desconsolada, sem nunca ter visto filmes como *A Gaiola das Tormentas* ou *Gatinhas Por Trás das Grades*.

A sua vida tinha acabado, o seu mundo estava virado de pernas para o ar, e com certeza ela iria envelhecer e morrer na prisão, mas, quando o automóvel começou a avançar para a estrada do parque, estranhamente Audrey pensou no que teria dito o seu odioso pai neste momento. Ele que se lixasse. Ela era uma almirante de três estrelas, algo que ele nunca chegara a ser.

CARNE DE VACA DESFIADA COM MOLHO CREMOSO À MODA DA MARINHA DOS EUA

Derreta manteiga num tacho, misture farinha, sal e pimenta. Verta leite e cozinhe em lume médio até ferver e o molho engrossar. Desfie carne de vaca seca e adicione ao molho. Sirva sobre torradas.

A Serra de Madeira Presidencial

– Está a dizer-me que não havia nenhuma contingência concebível que tivesse sugerido a possibilidade de haver uma embarcação de patrulha ou de uma lancha insuflável no rio, dado que a emboscada ia ocorrer *numa porra de uma ilha*? – resmungou Benford ao Chefe da Contrainformação do FBI, Charles Montgomery. Benford acabara de ser informado de que a mulher que se ia encontrar com a almirante Rowland mergulhara no pântano, correria mais do que uma série de agentes especiais na casa dos vinte anos enfiada em água do pântano até às coxas, chegara à margem e escapara pelo rio Potomac no que os agentes especiais sem fôlego pensavam ser um caiaque. Isso foi confirmado quando se encontrou um caiaque de aluguer abandonado na maré vaza numa zona lodosa perto do complexo de condomínios de Washington Harbour, em Georgetown, na manhã seguinte. SUSAN tinha desaparecido, presumivelmente já se encontrava em Nova Iorque, a editar artigos obscuros e todos convencidos da sua importância numa revista literária, e presumivelmente ainda operacionalmente ativa ao serviço da Linha S do SVR, a dar apoio a outras fontes, à caça de outros possíveis ativos para recrutar, e, provavelmente, a deslocar-se a locais seguros para recolher informações, de Seattle a Key West. Benford soltou uma praga obscena ao pensar em quantos mais MAGNITS poderiam estar a operar com impunidade nos Estados Unidos.

Benford disse a Forsyth que aguardariam seis meses, para ver se DIVA conseguiria obter o ficheiro de SUSAN (os nomes verdadeiros dos ilegais são estritamente compartimentados na Linha S – nem mesmo o diretor do SVR tem acesso direto à lista – e é mantido um registo pormenorizado do pessoal sénior que solicita informações sobre a sua identidade). Agora que Dominika era diretora do SVR, tinham de ser tomadas precauções a duplicar e a triplicar para a proteger. Entretanto, os dois homens da CIA começaram a considerar a hipótese de um isco de um agente duplo para dar razões a DIVA para encarregar SUSAN de um novo caso. Emboscar e

prender um operacional russo – qualquer um – ocupava os pensamentos de todos, para a CIA poder negociar uma troca e assim obter a libertação de Nash tão cedo quanto possível. Havia alguma urgência; normalmente, os prisioneiros não se davam muito bem nas prisões russas.

Evidentemente, embora a detenção de Audrey Rowland fosse um triunfo da contrainformação para Benford, não foi alardeada nos meios de comunicação por se recearem repercussões na segurança de Nash, sendo apenas noticiado que a almirante fora excluída por justa causa, com uma vaga menção de uma malfeitoria. Não só se eliminava uma toupeira russa ativa dentro da Marinha dos Estados Unidos, mas também DIVA e os outros ativos russos ao serviço da CIA voltavam a estar seguros. No entanto, a CIA continuava sem diretor: não havia candidatos para substituir o falecido Alex Larson no cargo de DCIA. Até poderem ser identificados e apresentados novos candidatos, foi nomeado um diretor interino. Por um infeliz acaso, era o vaidoso Frederick Farrell.

*

Receberam duas boas notícias na manhã seguinte: um agente da Antena de Moscovo conseguira sem problemas entregar o candeeiro de secretária de comunicações a DIVA (um ativo de apoio russo passou a embalagem a DIVA quando ela foi buscar o seu casaco ao bengaleiro de um restaurante chique, dando-o a um dos guarda-costas dela para que o levasse para o gabinete) e a Divisão de Contrainformação já recebera uma mensagem de teste de DIVA, o que indicava que o equipamento estava instalado e a funcionar perfeitamente. Uma segunda mensagem (do Pentágono) informava a CIA de que o corpo de um cidadão russo não identificado tinha sido sepultado no mar; o saco de lona com pesos contendo o cadáver fora atirado para o Mar Negro a partir de um navio com bandeira americana, saudado por uma guarda de honra de marinheiros dos Estados Unidos. Benford reencaminhou a notícia para DIVA em Moscovo, com uma satisfação sombria.

A tranche inicial de relatórios informativos do candeeiro de comunicações encobertas de DIVA era espantosa na sua perspetiva única e na sua extrema delicadeza. Minutas do Conselho de Segurança, reuniões semanais com Bortnikov, do FSB, relativas a casos de contrainformação

contra embaixadas estrangeiras, reuniões do comitê executivo do presidente Putin, cujas ordens de trabalhos indicavam que ele já estava preocupado com uma classe trabalhadora cada vez mais insatisfeita, e as eleições russas que se avizinhavam, minutas do Conselho de Defesa relativas a tecnologia de mísseis de combustível sólido partilhadas com o Irão e a Coreia do Norte; as estatísticas mais recentes do Banco Central da Federação Russa, a assinalarem uma disfunção económica sistémica e a alertarem para uma estagnação financeira iminente; e a reação do Kremlin a uma cooperação reforçada entre aliados do Norte da Ásia e Washington contra o expansionismo chinês no Pacífico e contra o mau comportamento crónico da Coreia do Norte. Além do contributo usual de DIVA, claro – um resumo executivo semanal da atividade operacional do SVR por todo o mundo. –

Cem agentes nossos a trabalharem durante dez anos não conseguiriam obter este tipo de informação – comentou Benford, encantado. Ordenou que fossem criados quatro compartimentos de recetação de informação para que a maior parte do que DIVA transmitia parecesse ter tido origem em múltiplas fontes.

*

Em Moscovo, as coisas corriam menos bem. Putin convocou uma reunião na sua sala de reuniões privada com Bortnikov, Patrushev e Dominika depois de serem divulgadas nos meios de comunicação americanos notícias mais específicas sobre a detenção de uma almirante da Marinha dos Estados Unidos por espionagem. Dominika contava ser o principal alvo da ira do presidente, dado que fora ela quem defendera a opção de uma rede mais solta de contrainformação para identificar CHALICE, com o infeliz resultado de que a presumível verdadeira toupeira (Gorelikov) escapara e desertara. Agora, com a detenção de MAGNIT, a oportunidade de destruir a CIA estava perdida. Mas Putin enfureceu-se com os três igualmente, com o seu halo azul luminoso a revelar emoção. Na maior parte das reuniões, ele raramente erguia a voz quando repreendia os incompetentes que dirigiam as suas indústrias estatais, geriam mal setores da sua economia ou desviavam milhares de milhões de empresas, em detrimento da eficiência e da produtividade. Mas nesta noite estava a berrar.

Esta noite, o presidente disse a Patrushev «*Negó kak ot kozlá moloká*», que ele era tão inútil como as tetas num touro. Disse a um escandalizado Bortnikov que «*Mne nasrát', chto ty dúmaesh*», não queria saber a ponta dum corno do que ele pensava. E, virando-se para Dominika, disse que o trabalho dela era «*porót chush*», literalmente merda de cão. Fitava-os furibundo, com eles sentados em silêncio à volta da mesa de reuniões de mogno com a estrela soviética encastoadada, a dizerem para consigo que estes insultos não se podiam comparar com as medidas disciplinares que teriam sido aplicadas nos anos 1930 pelo *Vozhd* negro, o Mestre, Iosif Vissarionovich Dzhugashvili, o Camarada Estaline.

Sentada à mesa com as mãos unidas à sua frente, Dominika interpretou como positivo que estivesse a ser alvo do desprezo do presidente em igual medida com os outros dois. Isto sugeria que Putin a considerava um membro de pleno direito dos Três Grandes no Conselho. Se assim fosse, seria uma importante indicação a transmitir a Benford relativamente ao seu estatuto elevado. Talvez Putin calculasse que, com a deserção de Gorelikov para o Ocidente, presumivelmente a aconselhar a CIA sobre todos os assuntos, precisava da perspetiva cosmopolita de Egorova para combater as sistemáticas depredações americanas. Ninguém dos dois lados da velha Cortina de Ferro alguma vez esquecera que aquele traidor britânico, Kim Philby, para além da sua traição épica do MI6, nos 25 anos subsequentes à sua deserção para Moscovo em 1963, prestara frequentemente informações à KGB sobre as idiossincrasias nacionais e as vulnerabilidades culturais dos britânicos e dos serviços secretos britânicos. Os desertores realmente bons continuam a falar durante décadas, e todos os homens supunham que Gorelikov faria o mesmo.

Putin reparou que Dominika estava a usar o colar de pérolas que ele lhe dera – ela perguntava-se se o ADN de Gorelikov ainda permaneceria entre as pérolas – e a sua expressão antes tempestuosa desanuviou-se ligeiramente e fez-lhe um meio sorriso, que não escapou à atenção de Bortnikov e de Patrushev. Não era nada bom, especialmente se comesse a constar-se que a diretora do SVR envergava a *chemise cagoule* para o presidente. Na Escola de Pardais, isso significava que eram íntimos, em referência à camisa de noite medieval das mulheres com um único e recatado buraco bordado para a cópula, o precursor na Idade Média da *lingerie sexy* dos nossos dias. Não podia ser.

Na noite anterior, depois de terem regressado do cabo Idokopas, o presidente visitara Dominika no novo apartamento dela em Kutuzovsky Prospekt, entrando pelo elevador da garagem subterrânea. Ostensivamente, Putin queria falar com ela sobre contrainformação, mas era óbvio que vinha à procura de uma repetição do encontro anterior. Estava a ferver nessa noite – era o dia da detenção de MAGNIT, quatro dias depois do desaparecimento de Gorelikov – mas as suas preocupações não afetaram minimamente o seu desempenho de carpinteiro na cama: a serra de madeira presidencial foi mais uma vez empunhada com firmeza, mas sem inspiração, deixando Dominika a sonhar acordada com Nate e a perguntar-se se poderia correr o risco de o visitar na cadeia. Ele estava na prisão de Butyrka, mas na ala para prisioneiros políticos, onde os detidos eram tratados com menos severidade. Não significava de modo algum que estivesse fora de perigo; o advogado dissidente Serge Magnitsky morrera na mesma ala de Butyrka depois de ser espancado e depois lhe ter sido negada assistência médica. Dominika controlou o impulso para abordar a questão de uma troca de espões por Nash quando ainda estava na cama com Putin, porque o presidente não era vulnerável à euforia pós-coito.

Depois do sexo o serão não foi dado por terminado, já que, estranhamente, o presidente deixou-se ficar à conversa, e por isso Dominika pôs-se a cirandar pela sua nova cozinha espaçosa com uma camisa de algodão até aos joelhos e de decote em V, com uma das alças finas a descair-lhe casualmente do ombro, e o cabelo atado com uma fita. Não trazia uma tanga fio dental de cetim preto por baixo, para o caso de apeteecer a Volodya fazer sexo na bancada da cozinha (N.º 81, «*O béchamel só engrossa se for mexido*») antes de se ir embora.

Sentado num moderno banco de bar na cozinha luxuosa de pedra e madeira de Dominika, Vladimir Putin sentia-se contente. As notícias sobre a detenção de Audrey Rowland não o preocupavam excessivamente, embora a sua perda fosse grave. As notícias bombásticas como esta eram boas para a imagem da Rússia, eram boas para a *sua* imagem como *muzhestvennyy*, o líder viril que tinha espões por todo o mundo. O mundo ficaria a saber que os serviços secretos da Rússia eram predadores de topo omniscientes, capazes de penetrar os governos dos inimigos de Putin,

descobrir-lhes os segredos e exercer sobre eles a vontade dele. É claro que os espiões podiam sofrer reveses, mas Putin gostava de ver os estrangeiros – governo, empresas ou indivíduos – a moderarem o seu comportamento por receio da ira dele. As suas medidas ativas estavam a criar uma discórdia duradoura no Ocidente, com um custo mínimo, e se ele quisesse derrubar um político americano bastava-lhe divulgar um e-mail embaraçoso, não encriptado, através do Wikileaks dirigido por aquele crédulo lânguido que estava escondido numa exígua embaixada da América Latina em Londres. A histeria política partidária que dominava agora a sociedade americana faria o resto.

E estava a levar a sua avante com Egorova, um bónus delicioso. Olhou para as pernas de Dominika quando ela se esticou para chegar a um armário alto e viu como os músculos de bailarina das suas barrigas das pernas se contraíam quando se punha em bicos dos pés. Não se importava nada com os boatos segredados que já circulavam pelos corredores do Kremlin de que os dois eram amantes. Ninguém se atreveria a repetir esses boatos em voz alta, o que simplesmente validava a ideia de que o SVR lhe pertencia, assim como o FSB lhe pertencia, assim como os *siloviki* lhe pertenciam.

A acompanhar o champanhe da Geórgia que tinha aberto, Dominika preparou rapidamente uns aperitivos mediterrâneos com ingredientes só disponíveis na loja especial do Governo no rés do chão do seu prédio: alcachofras marinadas com alcaparras e azeitonas em pão torrado, um *contorno* que provara pela primeira vez em Roma num encontro com Nate. Nessa altura, estavam apaixonados há pouco e deram comida à boca um do outro com os dedos, a rir-se e a beber Asti. Ocorreu-lhe que os seus pensamentos estavam sempre a voltar-se para o seu *Neyt*. *Toma cuidado para o czar não o ver na tua cara.*

Debruçou-se para tirar o tabuleiro do forno, a sentir os olhos dele nas suas ancas. Era o momento de fazer a sua jogada. Era melhor nisto do que ele, mas tinha de ser cuidadosa. Retomou o tratamento mais formal. – Senhor Presidente, dado os acontecimentos dos últimos quatro dias, tenho uma sugestão que gostaria que considerasse – disse.

Putin bebeu uns goles da taça de champanhe que ela lhe servira.

– Recomendo que o americano seja transferido de Butyrka para uma casa segura, onde poderia ser mantido sob uma supervisão mais apertada e onde

um interrogatório moderado por uma equipa de vigilância poderia prosseguir sem interrupções.

Putin olhou de lado para ela. – Porque pouparíamos o americano ao desconforto da prisão? – perguntou.

– A CIA não hesitou em montar uma operação de salvamento na propriedade do Mar Negro. Detestaria que eles tentassem a mesma coisa em Moscovo. Não seria impossível. Os guardas prisionais são mal pagos e muitos deles são corruptos.

Putin olhou para a figura de Dominika sob a camisa preta transparente, com ténues veias azuis a atravessarem-lhe o peito. As alcachofras a saírem do forno cheiravam deliciosamente. – Podemos discutir o assunto na reunião de amanhã de manhã. Quero falar com vocês os três. Às oito. Para debater todas as variáveis de segurança – disse ele.

Havia uma razão para ele se ter demorado no apartamento dela, a beber champanhe e a olhar-lhe para a curva das nádegas enquanto ela andava pela cozinha. Putin estava na posse de factos que os outros não conheciam, e tencionava tornar a reunião de amanhã desagradável, porque as coisas precisavam de uma sacudidela, talvez até mesmo de algumas purgas e de alguns despedimentos. Já o fizera antes ao seu Conselho, e chegara de novo a hora. A sacudidela – no caso da general Egorova, pelo menos – podia começar esta noite. Estendeu o braço e agarrou-lhe o cabelo, puxando-a para junto de si e olhando-a nos olhos. Dominika manteve um olhar constante, sem pestanejar, e deixou-o enfiar os dedos no cabelo dela, a imaginar que poderia desferir uma só bofetada balística – um golpe de *Systema* – no maxilar dele. Iria ele enfiar-lhe a cabeça entre as pernas? Segurou-lhe os pulsos atrás das costas com uma mão e puxou-a para si, de modo que os seus lábios se tocaram. Meteu um aperitivo na boca e sorriu.

Dominika sentiu a raiva crescer dentro de si, mas resistiu ao impulso básico de se afastar deste *neznatnyy*, deste zé-ninguém a dar-se ares de imperador. Se ele quisesse a boca dela entre as pernas dele, ela usaria os dentes e cuspir-lhe-ia na cara a sua virilidade decapitada enquanto ele mastigava *hors d'oeuvres*. *Espera. Isto são só cinco minutos de humilhação. Acabarás por derrubá-lo.*

No entanto, na manhã seguinte na sala de reuniões, com Putin furioso, a situação alterou-se. As palavras de amor de Dominika – chilreara-lhe *kroshka*, bebê, bonequinho, doçura, na noite anterior – era uma recordação distante, o seu sexo dorido já esquecido. Ele era mais uma vez o califa de olhos azuis, a fazer um papel duro e sério.

– A MAGNIT foi desmascarada, um ativo valioso preparado ao longo de uma dúzia de anos ficou comprometido – berrou Putin. – E nenhum de vocês teve a presença de espírito necessária para controlar o caso e evitar que ela fosse presa. – Bateu com a mão com força no tampo da mesa, de forma teatral.

Patrushev, com o seu halo amarelo oleoso, recostou-se na cadeira. Dominika aguardou a inevitável prevaricação. Nikolai olhou do presidente para os seus colegas. – Senhor Presidente, a traição e a deserção de Anton Gorelikov não poderiam ter sido previstas. A MAGNIT era um caso dele, e ele não partilhava connosco informações sobre os pormenores operacionais. Nem sequer tinha ainda posto a general Egorova ao corrente. Quando Anton revelasse tudo aos seus chefes da CIA, nenhuma operação nossa poderia manter-se segura. Temos de fazer uma avaliação exaustiva dos danos relativamente à extensão dos conhecimentos dele. Ele estava a par de muita coisa.

Dominika sentiu um arrepio no couro cabeludo; de um modo enviesado, Patrushev estava a criticar o próprio Putin por ter confiado demasiado em Anton.

Putin fitou os três. – Meus brilhantes *tsaredvoretí*, meus leais cortesãos – disse, cheio de ironia. – O Gorelikov não desertou. Foi raptado – acrescentou, num tom objetivo.

A sala de reuniões ficou em silêncio, com os três imóveis, a perguntarem-se se a propensão de Putin para ler as mentes das pessoas e prever o futuro estava naquele momento a manifestar-se de modo psicótico. Dominika susteve a respiração e perguntou-se como é que ele sabia. *Isso significava que também suspeitava dela?* Finalmente, Bortnikov falou: – Raptado por quem? Senhor Presidente, com o devido respeito, é uma teoria bizarra.

– Raptado, feito refém, assassinado, não faz diferença – disse Putin, furioso. – Fomos alvo de uma diabólica operação maciça da CIA, um logro sem paralelo desde o auge da Guerra Fria. – O czar estava a dar uma lição aos seus profissionais.

O FSB de Bortnikov era responsável pela segurança interna. Como é que o presidente sabia aquilo? Era o domínio do FSB, o seu território. O halo dele pulsou com agitação. – Que logro? – perguntou.

Putin resfolegou com desdém perante os seus tolos úteis. – A CIA removeu o Gorelikov, matou-o, envenenou-o, atirou-o aos tubarões, não importa, para que nós tirássemos a conclusão inevitável.

– Isso é uma impossibilidade – disse Bortnikov. – O Senhor Presidente sabe como as operações são concebidas e implementadas. Conhece o Grande Inimigo. Como pode acreditar que...

Putin ergueu a mão. – A CIA removeu o Gorelikov para nos fazer crer que ele era o CHALICE e que tinha desertado. A detenção de MAGNIT aconteceu imediatamente a seguir, uma coincidência muito oportuna, não? Mas digo-vos isto categoricamente: o Gorelikov não pode ser a toupeira. O CHALICE ainda está entre nós.

Sem saber porquê, Bortnikov estava a acenar com a cabeça em concordância, como um pássaro de cabeça de feltro, um daqueles brinquedos vendidos nos quiosques do parque Gorky. – Em que baseia esta teoria? – perguntou Bortnikov, esforçando-se por manter um mínimo de deferência. Dominika via que ele estava furioso com Patrushev, um *podkhalim* por natureza, um verdadeiro lambe-botas.

– Apenas um facto – respondeu Putin. – Gorelikov concebeu, ou planeou, e dirigiu a operação *Kataklizm* para eliminar o Alex Larson.

Silêncio. Todos olharam para Putin, em estado de choque. Sabiam tudo o que se passava na Federação Russa, mas nenhum deles ouvira isto antes. Eliminar Larson? Meu Deus. Dominika sabia que tinha acabado de ouvir a informação secreta mais explosiva da década: a cumplicidade do Kremlin na morte alegadamente accidental do DCIA americano.

– O Gorelikov planeou a morte do Larson? – murmurou. – Os americanos sabem? Vai haver *bedstviye*, uma calamidade por causa disto. *Quando eu lhes contar.*

Putin não queria saber; sorriu ironicamente perante o desconforto deles, e o seu halo brilhou. Não era ele o czar? Não reinava sobre a *Novorossiya*? –

Nenhum ativo sob o controlo da CIA empreenderia o assassinato do seu próprio diretor sem avisar Langley e boicotar o plano – disse. – Outros serviços podem fazer mártires dos seus elementos, mas nunca os

americanos. Os chineses talvez, os norte-coreanos com certeza e Estaline sem pensar duas vezes. Mas não os *yankees*.

– Então, o verdadeiro CHALICE está ativo? – perguntou Patrushev, sem se demorar a refletir sobre a enormidade de *Kataklizm*, ou assassinato pelo Estado. Parecia ansioso por agradar ao presidente, ansioso por concordar.

Putin acenou com a cabeça. – É um golpe inteligente. Todos partimos do princípio de que o Gorelikov é o CHALICE; por consequência, o verdadeiro CHALICE está seguro. Todos conhecemos o Jogo. Nós próprios já conduzimos ludíbrios como este. A morte de Alex Larson prova que o Gorelikov não podia ser um ativo americano. O sucesso dele no *Kataklizm* exonera-o.

– E o CHALICE? – murmurou Patrushev.

O rosto de Putin mudou de narrador ironicamente sorridente para advogado de acusação fleumático. – Vocês os três têm de fazer essa pergunta uns aos outros – disse, fitando-os.

– Senhor Presidente, o que está a querer dizer? – perguntou Bortnikov, absolutamente imóvel.

Que suspeita de um de nós –, pensou Dominika. – É de admirar que não tenha distribuído pistolas carregadas com pólvora seca para ver quem dispararia sobre quem. Muito bem, o que faria o Bratok? O que é que ele te diria? Se não te mantiveres calma, se não te mostrares ultrajada, vão suspeitar de ti. Como uma sonâmbula a encaminhar-se para a beira de um precipício, Dominika ouviu-se falar. – O agente americano Nash é a chave disto. Com certeza está a par de pormenores importantes, indubitavelmente até mesmo da verdadeira identidade de CHALICE. Chegou o momento de dar início a interrogatórios reforçados. – *Idiotka, é melhor rezares para que não lhe tenhas assinado a sentença de morte.*

Putin acenou com a cabeça com satisfação. – Que assim seja, e não se fala mais de confortáveis casas seguras ou de trocas de espiões – disse, apontando com o dedo para Dominika. – A general fica encarregada do interrogatório, mas quero os três lá. Na sala. Quero o nome que o americano esconde por trás dos dentes. Não me importa como o obtêm. Mas obtenham-no. A equipa médica já está em Butyrka, à espera. Agora vão.

Todos sabiam que tinham de ser mais Herodes do que Herodes para provar a sua inocência. Com Putin, a inocência demonstrável não importava; ele só queria deitar as culpas em alguém.

Nesse mês, Lucius Westfall foi oficialmente admitido na Direção de Operações, e não tardaria a fazer o treino operacional na Quinta, como Nate, Gable, Forsyth e todos os outros antes dele. Depois da Quinta, estava previsto que Westfall iniciasse o seu treino de língua russa em preparação para a sua primeira missão em Moscovo. A ironia daquilo não escapou a Benford ou a Forsyth, que assistiam com benevolência.

No momento em que uma procura renovada e bastante frenética de substitutos para os anteriores candidatos a diretor da CIA agitava as águas políticas de Washington, o diretor interino Farrell chamou Benford ao seu gabinete.

— Foi-me dito por Rob Farbissen, o ex-chefe de gabinete da senadora Feigenbaum, que você enganou de modo óbvio e deliberado os candidatos a DCIA durante as sessões de informação preparatórias, e que lhes ocultou dados sobre ativos — disse o diretor. — O Duchin, do Gabinete dos Assuntos do Congresso, corrobora as acusações do Farbissen. Foi-lhe expressamente ordenado que informasse os candidatos de modo completo e exaustivo, sem reservas. — Endireitou o mata-borrão na sua secretária imaculada.

— Estávamos a conduzir uma investigação de contrainformação — disse Benford, com extrema fadiga. — Fiquei convencido, depois de uma investigação exaustiva, que um dos três candidatos ao cargo estava a trabalhar para Moscovo. E veio a concluir-se que tinha razão. Estivemos a 48 horas de termos uma toupeira russa como diretora da Agência. Foi a razão por que o Alex Larson foi assassinado.

Farrell resmungou: — Não consegue deixar o assunto do Larson em paz. É absurdo. Isso é especulação, mas não serve como desculpa para a irregularidade da sua conduta. Ou para a sua insubordinação. Benford, tem sido um individualista irascível e descontrolado durante toda a sua carreira. Porque será, na sua opinião?

Benford encolheu os ombros. — Não sei — disse. — Suponho que nunca consegui acostumar-me ao sabor de pilas.

Farrell endireitou-se na cadeira, corado, e desfechou um murro na secretária. — Já chega! — berrou. — Está despedido, com efeito imediato, afastado do Serviço. Vá àquele buraco de rato a que chama gabinete e

recolha os seus pertences, e dois agentes da segurança escoltam-no para fora das instalações. Pode entregar-lhes o crachá a eles, e já vai tarde.

Benford saiu do gabinete do diretor sem dizer palavra, mas quando os dois homens de blazer azul o escoltaram para fora do edifício pela entrada norte, havia 200 funcionários perfilados ao longo do átrio a aplaudi-lo. Benford fitou a multidão de má cara e acenou uma vez, e em seguida virou-se, despregou o crachá do bolso rasgado do casaco, entregou-o a um dos seguranças e saiu pelas portas automáticas, que se fecharam com um som sibilante nas suas costas. A partir desse instante, Simon Benford não poderia entrar na Sede da CIA com mais facilidade do que Vladimir Putin.

APERITIVO DE ALCACHOFRA DE DOMINIKA

Numa taça grande, misture corações de alcachofras, azeitonas pretas sem caroço, alcaparras, tomates cortados aos quartos e alho esmagado com vinho branco, azeite, sal e pimenta. Espalhe num tabuleiro e leve a assar até os tomates ficarem tenros. Tempere com azeite e sal e remate com folhas de manjerição cortadas. Sirva em fatias de pão torradas.

Sala de Interrogatórios Três

Prisão de Butyrka. Nate foi escoltado da sua cela para o andar de baixo por dois guardas, que tiveram o cuidado de não esbarrar no seu braço esquerdo engessado ou no seu dedo mínimo com uma tala, o que era bom, porque lhe doía todo o lado esquerdo. Nate ficou surpreso quando não entraram numa sala de interrogatórios comum no rés do chão, com a mesa, as cadeiras de metal e os retratos de Marx e de Lenine do costume, e a sempre presente jarra de rosas, que, claro, ocultava os microfones. Em vez disso, desceram à húmida terceira cave, com as paredes pintadas de tinta verde a descascar e as portas de metal com falhas que não davam nenhuma indicação sobre o que ou quem apodrecia por trás delas. Nate pensou que devia ser o primeiro agente da CIA a ser conduzido por este corredor sem janelas. O silêncio era sepulcral quando os guardas o fizeram parar diante de uma porta identificada como OPROS 3, sala de interrogatórios 3.

E que sala de interrogatórios. Era grande e parecia uma sala de operações, com ladrilhos brancos no chão e nas paredes até uma altura acima do peito. Cheirava a desinfetante e estava iluminada por uma luz branca ofuscante. Havia várias mesas com rodas alinhadas contra a parede do outro lado e enormes lâmpadas em suportes circulares de aço inoxidável, também sobre rodas, agrupados a um canto. Encostada à parede em frente estava uma estranha cadeira solitária que parecia de alumínio pintado, com costas altas e encosto para a cabeça, braços espalmados e pernas com rodas. A tinta branca da cadeira estava gasta e descolorida, especialmente ao longo das pernas da frente, dos braços e das costas altas. Ali isolada num canto da sala, parecia uma espécie de cadeira de bebé do século XVIII que tivesse sido empurrada para o lado e esquecida. Ao ser conduzido para dentro da sala, Nate viu uma galeria improvisada com cinco cadeiras de madeira colocadas por trás dele. Normalmente, os interrogatórios não tinham assistência, mas talvez estas cadeiras fossem para interrogadores estagiários em aprendizagem dos pontos mais sofisticados do seu ofício. Era uma típica

bestialidade russa que fossem colocados dentro da sala observadores para que ouvissem, vissem e cheirassem em primeira-mão o procedimento, em vez de por detrás de um vidro unidirecional.

Os guardas empurraram Nate para uma cadeira de madeira com costas direitas e ficaram de pé por trás dele, com as mãos pousadas levemente sobre os seus ombros. Nash viu que os guardas traziam pistolas automáticas OTs-27 Berdysh de 9 milímetros em coldres no cinto. Inclinou-se para a frente para espreitar por trás dos guardas para o resto da sala, mas foi puxado com força para que se sentasse direito. Havia armários de medicamentos com portas de vidro cheios de frascos e instrumentos cirúrgicos dispostos ordenadamente em panos esterilizados. Havia também uma mesa de aço inoxidável no centro da sala, com canos de escoamento em ambas as pontas que ligavam a valas no chão por baixo deles, claramente uma mesa para realizar autópsias. Nate não gostou do aspeto do chão ondulante de ladrilhos, que revelava uma ligeira inclinação para meia dúzia de valas à volta da sala. Também não lhe agradava o aspeto de uma bateria de camiões num carrinho, com um emaranhado de cabos enrolados à volta das pegas, mal visível, encostada ao lado do armário. Aquele equipamento era incongruente na imaculada sala de operações; o seu lugar era numa oficina de reparações de automóveis toda suja, destinado a pôr a trabalhar motores de camiões, não nesta sala. Nate sentiu-se um pouco perturbado ao imaginar para o que seria aquela bateria. Era melhor ignorar o raio da coisa.

Apesar do braço e do dedo partidos, Nate estava em relativa boa forma. Deduzira que, provavelmente, Benford montara uma armadilha de canário e contara variantes da mesma história aos três candidatos a DCIA. Com sorte, Dominika teria transmitido a palavra a Langley a tempo de evitar uma catástrofe. Nate aceitava que aquela era a tática radical de Benford, arriscar tudo para desmascarar a toupeira, e compreendia que estava a ser usado como «cauda de lagarto», um operacional dispensável que é atirado às feras e sacrificado para proteger valores mais importantes. Já não via Dominika desde o interrogatório no pequeno chalé na propriedade de Putin, e preocupava-o que a toupeira pudesse de algum modo tê-la incriminado. Também se sentia preocupado com Agnes, e esperava que ela estivesse em segurança fora da Rússia. Não. Se toda a gente tivesse sido desmascarada, pensou, não seria provável que o fossem agora espremer bem espremido.

Ainda tinha agentes a proteger. Se escutasse atentamente, esperava poder deduzir das perguntas dos interrogadores algo sobre a situação da caça à toupeira e a situação de segurança de Dominika.

Evitando olhar para a bateria, Nate tentou preparar-se mental e fisicamente para o ciclo de interrogatório que se avizinhava. Provavelmente voltariam a tentar com drogas, mas, com sorte e disciplina, Nate pensava que conseguiria resistir-lhes. Se Dominika tivesse alguma influência na condução do interrogatório, ele sabia que ela tentaria manter os castigos físicos a um nível mínimo e limitar as sessões durante tanto tempo quanto possível, enquanto Langley tentava obter uma troca de espões. No entanto, ela não devia ir demasiado longe para o proteger, para não lançar suspeitas sobre si própria. Isso era de importância crítica.

O que quer que os russos tivessem em mente, ele não tinha dúvidas de que sobreviveria. Era prisioneiro na Moscovo de Putin, mas estava-se na época moderna, e os agentes secretos dos adversários eram poupados a sevícias, de acordo com um estrito protocolo. Putin talvez tivesse eliminado centenas de dissidentes russos, mas não agentes operacionais de serviços rivais.

Nate sabia que tinha uma longa caminhada à sua frente até o Departamento de Estado arregaçar as mangas dos seus fatos de bom corte e encetar negociações para obter a sua libertação. Poderia ficar na cadeia um, dois, dez anos, mas a CIA nunca desistiria de tentar obter a sua libertação. No seu regresso a Langley haveria condecorações, uma promoção, a possibilidade de escolher missões, mas, na realidade, a sua carreira teria chegado ao fim. Seria considerado demasiado queimado como agente secreto e demasiado queimado psicologicamente. Nessa altura, sonhou acordado, Dominika poderia estar acabada no SVR e pronta a aposentar-se e a desaparecer para uma nova e idílica vida incógnita com Nate. Era uma maneira muito tortuosa de iniciarem finalmente uma nova vida juntos, mas valeria a pena ter esperado. Para já, Nate tencionava dar aos seus interrogadores tantos disparates quantos conseguisse. Sabia que, provavelmente, os russos o tinham identificado como Nathaniel Nash, o último agente de contacto do general Korchnoi, um dos melhores ativos que a CIA tivera ao seu serviço em Moscovo ao longo de 14 anos. Saberiam também que Nash era falante fluente de russo, o que os enfureceria ainda mais.

Todas as ideias sobre conclusões civilizadas na cave da prisão de Butyrka se evaporaram quando o sargento Iosip Blokhin entrou na sala de interrogatórios três. Envergava um uniforme de camuflado e trazia botas de combate engraxadas. Trazia, bem apertado à volta da cintura, um cinto de rede de nylon verde com uma fivela de metal com o símbolo das *Spetsnaz*, um para-quedas e um punhal. O seu uniforme estava bem engomado, mas não ostentava nenhuma indicação da sua patente. O seu cabelo ralo estava acamado para trás na cabeça de bala, com a testa cheia de cicatrizes a brilhar sob as fortes luzes da sala, e as mãos como presuntos pendiam-lhe dos lados do corpo.

Aproximou-se da cadeira de Nate e inclinou-se muito perto, de tal modo que os rostos de ambos ficaram a centímetros de distância. Inexplicavelmente, Blokhin cheirava a querosene – um cheiro forte e seco que não era totalmente desagradável. – É um encontro *sudba* outra vez, americano. Como se diz em inglês? – disse Blokhin, na sua voz rouca e áspera.

– Do destino – disse Nash em inglês. – Já voltou à Turquia desde que falámos da última vez?

– Não é só o destino, Yankee – disse Blokhin. – *Sudba* também quer dizer «desgraça».

Nate olhou-o de frente. – A sua ou a minha? Ou a do major Shlykov?

Blokhin fez sinal aos guardas que estavam de pé por trás da cadeira de Nate para que o levantassem, o sentassem na cadeira alta, antiga e gasta, e a empurrassem para o meio da sala, debaixo de um candeeiro grande de sala de operações. Os guardas apertaram os pulsos de Nate aos braços espalmados da cadeira e os tornozelos à parte da frente das pernas com cabos de plástico transparente, que Blokhin retesou ainda mais. Nate sentiu que lhe arrancavam os chinelos dos pés. Passaram-lhe um cinto de couro com manchas de suor à volta do peito e afivelaram-no atrás. Ficou apertado, mas Nate conseguia respirar. Começou a suspeitar que isto poderia ser pior do que previra: estas amarras indicavam que eles iam experimentar técnicas extremas que o fariam cair da cadeira se não estivesse atado a ela. Talvez viesse a ser o primeiro agente da CIA na história da Guerra Fria a ser efetivamente torturado na cave da prisão de Butyrka. Talvez lhe dessem um Prémio de Inovação quando voltasse para a América.

Testou as amarras e balançou-se na cadeira, o que a fez deslizar lentamente pelo chão desnivelado no momento em que a porta se abriu e entraram quatro pessoas, três homens e uma mulher, todos grandes figurões, a julgar pela maneira como os guardas se puseram em sentido. Nate inclinou a cabeça para ver. A mulher era Dominika, com um fato escuro e meias de vidro escuras, um crachá de visitante da prisão ao pescoço, que se balouçava quando ela andava, e os tacões a soarem irregulares contra os ladrilhos brancos do chão por causa do seu ligeiro coxeio. Era como um sonho vê-la agora, aqui, assim. Tinha o cabelo preso, como sempre, e os olhos de ambos encontraram-se por um instante. Seria a coisa mais natural ela aproximar-se da cadeira, beijá-lo nos lábios, mandar cortar as amarras e acompanhá-lo para fora desta cave e pelos portões da frente, de mãos dadas com ele. Faria ela algum remoque, do tipo «*Dushka*, nem sequer consegues tratar disto sem a minha ajuda?» Sentiu um vago cheiro do seu perfume Calèche na sala a sobrepor-se ao fedor do desinfetante carbólico. Ouviu o arrastar das cadeiras atrás deles ao mesmo tempo que Blokhin puxou a cadeira de Nate de novo para o meio da sala, de modo a que ele não pudesse ver os visitantes – Nate reconhecera também imediatamente Bortnikov e Patrushev, o anterior e o atual diretor do FSB. Dominika completava o triunvirato, como diretora do SVR. Estas autoridades estavam aqui para assistir ao interrogatório dele? Inaudito. Talvez o Kremlin estivesse a entrar em pânico, ou talvez Benford tivesse apanhado MAGNIT e eles não soubessem como, e estivessem desesperados por identificar a toupeira americana. Nate disse para consigo que teria de ser ultracuidadoso – a toupeira estava sentada nesta mesma sala, era a das pernas bonitas. Tinha de a proteger a todo o custo.

Nate não tinha maneira de saber que era mais grave do que isso. Depois de serem repreendidos por Putin e informados de que Gorelikov não era a toupeira, os três Chefes de Serviço tinham sido escoltados até aos seus carros oficiais e levados separadamente até à prisão de Butyrka para observarem o interrogatório do agente de caso americano. Instintivamente, mantiveram a distância para evitar a contaminação, e não falaram uns com os outros. Dominika sentia a cabeça envolta em nevoeiro; não se recordava da viagem pelas ruas de Moscovo até à prisão, não se recordava do chá servido na sala de protocolo pelo diretor da prisão, não se recordava dos passos a ecoarem por corredores intermináveis e escadarias sujas. A sua

mente clareou quando entrou na sala de azulejos brancos e viu Nate na cadeira, com o seu halo púrpura a brilhar. Sentiu um nó no estômago quando viu Blokhin e as suas asas negras, à espera de começar. Era mais um toque de Putin, usar Blokhin: ele odiava Nate pelo que tinha acontecido a Shlykov e, acima de tudo, pelo insulto gigantesco de o ter atirado para a cadeira na Turquia. Aplicaria toda a sua energia no interrogatório de Nate. Os halos dos colegas dela estavam desbotados com o medo. Esta situação era como um regresso às Grandes Purgas dos anos 1930: todos eram suspeitos e acusados; um fiel conselheiro seria destruído e os outros ilibados.

Blokhin tinha posto um avental de couro comprido como os que são usados nos matadouros e atara-o bem apertado à volta da cintura. Enfiou luvas de borracha preta grossa e depois empurrou o carrinho com a bateria que estava ao canto da sala e desenrolou os cabos. Havia uma estrela vermelha gravada em relevo no lado da bateria. As pontas dos cabos foram acopladas aos terminais da bateria. As pontas opostas terminavam em dentes de cobre baço envoltos em feltro vermelho, que Blokhin molhou num balde de água, ensopando o feltro. Aproximou as duas pontas, mas não houve um chispar teatral de faíscas à Hollywood. Em vez disso, os feltros começaram a fumar por causa da corrente, e o fumo dissipou-se quando Blokhin voltou a metê-los no balde. Havia na sala um cheiro acre, metálico, a pão queimado; Nate ouviu uma cadeira a ser arrastada por trás dele e pediu interiormente a Dominika que se mantivesse quieta. Quanto tempo conseguiria ele aguentar-se? Quanto tempo conseguiria Dominika manter-se no seu lugar? *Vá lá, bebé, aguenta firme.*

Blokhin encostou-se casualmente ao braço da cadeira de Nate. — Só quero uma coisa de ti, *amerikanskiy* — disse em voz baixa. — O nome do teu agente em Moscovo.

Nate sorriu-lhe. — O nome é um *malys* secreto, seu cabrãozinho; é por isso que usamos a palavra «agente».

Blokhin semicerrou os olhos e corou. Encostou uma ponta de feltro a cada um dos lados do tornozelo esquerdo de Nate e esperou enquanto as costas dele se arqueavam e a sua perna esquerda se esticava involuntariamente para a frente. O choque elétrico foi insuportável, um misto de pancada de martelo e de espasmo muscular latejante que lhe percorreu toda a perna. *Merda, isto pode continuar dias e dias.* Blokhin

removeu os feltros e a súbita cessação de dor e o espasmo foram um alívio maravilhoso. Mas ficar à espera do seguinte era o suficiente para pôr uma pessoa louca, o que era o objetivo – que o prisioneiro temesse o próximo choque.

Blokhin voltou a meter os feltros na água. – O nome da toupeira? Temos o dia todo e a noite toda, até a bateria acabar ou tu perderes o juízo, o que acontecer primeiro.

Nate recordou-se do bom domínio do inglês de Blokhin. Abanou a cabeça para aclarar a mente. – Tu és um gorila que gosta de meter o dedo no cu, seu *mandjuk*, cabeça de pila.

Rosnando, Blokhin aplicou os feltros na parte interna das coxas de Nate, a uns dois centímetros das virilhas. O tronco de Nate curvou-se para a frente numa curva rígida contra o cinto de couro, e a parte inferior do seu corpo começou a tremer com espasmos, com a corrente que passava pelas fibras musculares do seu esqueleto a desencadear contrações sincrónicas. A dor que sentia entre as pernas era vasta, irradiando-lhe pelo pénis, que imediatamente se inteiriçou, seguido por uma perda do controlo da bexiga. Blokhin removeu os feltros e recuou, a evitar o esguicho de urina por baixo da cadeira de Nate. O americano ergueu a cabeça, endireitou-se e fitou Blokhin por entre uma madeixa de cabelo molhado que lhe tinha tombado para os olhos.

– Exijo saber o nome, *yankee* – disse Blokhin.

Nate abanou a cabeça. Não conseguiria aguentar os choques por muito mais tempo. E sentia-se aterrorizado com a possibilidade de que Dominika reagisse para o salvar. Só havia uma esperança: irritar Blokhin a tal ponto que o sargento das *Spetsnaz* o matasse ou lhe causasse danos tão graves que o interrogatório tivesse de parar, pelo menos temporariamente, evitando assim que Dominika tivesse uma reação de consequências catastróficas. O botão seria a honra de Blokhin. *Experimenta, apressa-te. Salva-a*. Sentia um forte ardor nas virilhas e as suas coxas tremiam incontrolavelmente. Durante o último espasmo dera a sensação de que tinha distendido um músculo nas costas.

– Foi por isto que te recrutámos em Istambul – disse Nate em voz rouca em russo, para acentuar o insulto. – Tu não és um homem de honra, sem dúvida que não mereces pertencer à irmandade das *Spetsnaz*. *Ty*

zhenshchina, és uma mulher. – Se alguma vez Nate se saísse disto, o mais certo era que Dominika lhe moesse o juízo por causa daquela frase.

Blokhin arregalou os olhos ao ouvir aquele insulto e pôs de lado os cabos da bateria, deu um pontapé ao carrinho em que ela estava, fazendo derramar a água do balde, dirigiu-se a um armário e tirou dele um varão de aço com um metro de comprimento. Os seus olhos não pestanejavam, como os de um lagarto, e a sua testa cheia de cicatrizes estava de um púrpura lívido.

Pelo que estamos prestes a receber – pensou Nate, olhando para o rosto de Blokhin.

Blokhin bateu-lhe com o varão de aço na canela da perna esquerda, o que provocou uma fratura cominutiva da tíbia, estilhaçando o osso dentro da perna e rasgando a membrana interóssea que estabiliza a tíbia e o perónio, o que, basicamente, deixou a perna esquerda de Nate abaixo do joelho com uma consistência aproximada de massa cozida. Nate rugiu com a dor, mas era um rugido forte, de desafio, não o gemido sofrido de um prisioneiro aterrorizado. Nate olhou para Blokhin enquanto rugia, como se quisesse rasgar-lhe a garganta com os dentes, mas o sargento entroncado não se deixou afetar – segurava o varão estriado com ambas as mãos, carinhosamente, como Benny Goodman segurava o seu clarinete.

Blokhin olhou para a perna de Nate, que já estava inchada e roxa e inclinada para o lado num ângulo nada natural. Nate sentiu as estrias do braço da cadeira ao cravar as unhas no alumínio suave; outros homens e outras mulheres tinham feito o que ele estava a fazer agora para tentar suportar a dor. Apesar de todos os talentos de Blokhin para criar confusão, um interrogatório sofisticado não era a sua especialidade. – Exijo saber o nome do traidor russo que está a trabalhar para os americanos – disse.

Nate ergueu a cabeça, que lhe tombava sobre o peito, e uma baga de suor caiu-lhe do nariz. A dor irradiava-lhe da perna para a barriga. – Devias fazer a primeira pergunta *antes* de atacares o prisioneiro, *zhopa*, seu cabrão – murmurou.

Antes de Nate ter tempo para se retesar, Blokhin assestou o varão na sua mão esquerda presa, voltando a partir-lhe o dedo mínimo, estilhaçando três das cinco articulações metacarpofalangeanas, onde os dedos se unem à palma da mão, e pulverizando os pequenos ossos da articulação intercarpal do pulso. A mão destruída de Nate inchou imediatamente, e as articulações transformaram-se em pequenas covas. A dor era assoberbante, aguda,

elétrica, irradiando-lhe pelo braço acima até à axila e atravessando-lhe o peito, com os nervos associados a reagirem às pancadas esmagadoras do varão de aço. Rugir como um animal fê-lo hiperventilar e atenuou a dor. O cabo de plástico no seu pulso esquerdo estava agora a enterrar-se na carne ao mesmo tempo que a mão ficava roxa.

Nate rosnou quando Blokhin se inclinou para ele e lhe pousou a ponta do varão no antebraço direito ainda incólume, um sinal do que estava para vir. – O nome do vosso ativo em Moscovo? – perguntou Blokhin.

– É alguém perto do topo – gaguejou Nate –, mas não consigo recordar-me do nome, por isso vai-te foder. – Por entre as dores, Nate ouviu as três autoridades sentadas por trás dele a mexerem-se nos seus lugares. *Era isso*; Putin suspeitava de toda a gente, mesmo dos seus conselheiros mais próximos, e estava a tratá-los tal e qual Estaline habitualmente denegria *os seus* tenentes. Era por isso que eles estavam presentes – para observar e transpirar um pouco, para divertimento de Putin. Mas onde estava o augusto Gorelikov? Estaria acima de suspeitas? – Espera – disse Nate em voz arrastada, quando Blokhin agarrou o varão com mais força. – Há um nome que eu sei. Os conspiradores reúnem-se na casa da Blokhina, a casa da tua mãe, depois de os marinheiros se irem embora.

Mais sons de pessoas a mexerem-se por trás dele. O americano pagaria pela sua lábia.

Blokhin dirigiu-se para trás da cadeira de Nate e olhou para as três figuras de autoridade com um sorriso escarninho. Bortnikov parecia agitado, não era claro se por testemunhar o espancamento ou por ansiedade. O rosto de Patrushev estava pálido como a cera: o doutorado e ex-engenheiro não tinha estômago para isto. O bonito rosto de Egorova era uma máscara de desinteresse, as suas pernas cruzadas estavam imóveis. Parecia entediada. Era a única assassina com provas dadas na sala e, desde a viagem de ambos a Nova Iorque, Blokhin sentia vontade de a dominar, atá-la de pés e mãos e partir-lhe os ossos. Ia ver se conseguia levá-la a vomitar com o espetáculo do espancamento de Nash.

Opor-se abertamente a Egorova não era aconselhável agora, especialmente se os boatos da relação dela com o presidente fossem verdadeiros. Oh, sim, Blokhin tinha sido informado sobre muitas coisas. Para além dos dois guardas, um jovem assistente do Kremlin com olhos de gato estava encostado à parede, a observar atentamente os membros do

Conselho de Segurança. Iria, indubitavelmente, comunicar os resultados da sua observação ao presidente. E havia três globos de vidro fumado no teto que ocultavam câmaras. Blokhin examinou os rostos deles mais uma vez, virou-se e, sem quaisquer preliminares, assestou uma pancada por trás no cotovelo do braço direito de Nate, o que cortou o cabo de plástico que o prendia, rachou o olecrano, a ponta do cotovelo, como uma castanha assada a reventar, e subsequentemente desalojou a articulação sinovial entre a cabeça do rádio e a incisão radial do cúbito. O braço de Nate pendeu molemente do braço da cadeira, com a articulação do cotovelo feita em pedaços e gravemente deslocada. Não teria conseguido erguer o braço nem que ele estivesse mergulhado em chamas. Nate uivou de dor, mas controlou-se, a tremer, e conseguiu soltar uma risada rouca, o que enraiveceu Blokhin, que projetou o varão num arco raso contra o ombro esquerdo de Nate, que não estava protegido pelas costas da cadeira, fraturando-lhe o acrômio e estilhaçando o processo coracoide da clavícula. O choque fez com que Nate desmaiasse, soltando um gemido espectral, e a cabeça e o peito tombaram-lhe para a frente até onde o cinto de couro à volta do peito permitia.

Dominika e Patrushev levantaram-se das suas respectivas cadeiras ao mesmo tempo, mas Patrushev dirigiu-se a passos largos para a porta, batendo com ela ao sair. Estômago fraco? Ou pânico de culpa? Dominika contornou a cadeira de Nate para o olhar de frente e erguer a sua cabeça tombada, pondo-lhe um dedo debaixo do queixo. Manteve uma expressão neutra – Blokhin estava a observá-la como um mastim – mas o coração bateu-lhe desordenadamente ao sentir o rosto transpirado de Nate e ao lhe ver as sobrancelhas, os lábios rachados e as pálpebras fechadas, as pálpebras que costumava beijar para o acordar. *Nenhuma emoção, não mostres nada, meu Deus, ela não podia deixar-se ficar sentada, imóvel, e vê-lo ser reduzido a uma polpa por este maníaco das Spetsnaz, não podia, confessaria para o salvar, ele seria enviado de volta para os Estados Unidos e Forsyth encarregar-se-ia de o pôr bom, não importava o que pudesse acontecer-lhe a ela, mas não! Era o que isto era, uma armadilha, seria o que Nate lhe diria, Benford o mesmo, Gable berrá-lo-ia lá do outro mundo, mantém-te inteira, somos todos espões, agentes secretos, furões, a sobrevivência vale qualquer preço, derrotar o monstruoso poço de víboras do Putin vale seja o que for, mesmo que tenhas de ver o Nate morrer,*

perdoa-me, dushka, ya lyublyu tebya vsem serdetsem, amo-te de todo o meu coração.

Deixou cair a cabeça de Nate como um melão rejeitado no mercado e virou-se para o jovem sapo do Kremlin. – Vá imediatamente ao Kremlin e diga ao presidente que este interrogatório é uma abominação e que este pedaço de merda sub-humano das *Spetsnaz* vai matar o agente americano antes que ele diga uma palavra que seja. – Bateu com o pé. – Vá! Vá já, imediatamente!. – Apontou para um dos guardas armados. – Você, vá com ele para se assegurar de que sai da prisão sem problemas. Ouviu-me? – O guarda e o sapo do Kremlin saltaram como se tivessem sido escaldados e correram porta fora.

Dominika virou-se para Blokhin. – Seu animal! Este americano tem informações importantes, a identidade de uma toupeira a operar dentro do nosso governo, a transmitir os nossos segredos mais melindrosos, e você põe-se a partir-lhe os braços e as pernas com uma barra de aço. É um imbecil.

Nate começou a mexer a cabeça e a gemer, e Dominika foi a um lava-louças no outro extremo da sala e molhou um pano para lhe limpar o rosto, e virou-se para Blokhin, que estava de pé em frente a Nate com um ar arrogante, e Nate estava a dizer qualquer coisa por entre os lábios ressequidos e a língua inchada, e Blokhin ficou hirto, depois empertigou-se, ergueu o varão de aço acima da cabeça e Dominika viu Bortnikov saltar da cadeira e gritar *Não*, mas Blokhin assestou o varão no lado direito do pescoço de Nate com um golpe seco, o que lhe fraturou a clavícula direita – a ponta partida e visível do osso rasgou-lhe a pele – e fez colapsar o nervo vago dentro do plexo braquial, o que, por sua vez, provocou uma isquemia cerebral global, uma interrupção catastrófica do fornecimento de sangue ao cérebro, levando Nate a desmaiar mais uma vez e a tombar para a frente na cadeira, e Bortnikov e o guarda agarraram os braços de Blokhin quando ele ergueu a barra para desferir nova pancada, e Dominika aproximou-se das costas do guarda, tirou-lhe a pistola automática Berdysh do coldre, destravou-a e apontou-a a Blokhin, cujos olhos se arregalaram. Com os seus reflexos excepcionais virou a cabeça e quase conseguiu afastar-se da trajetória da bala, mas Dominika estava demasiado perto dele e disparou duas vezes sobre a sua testa brilhante e cheia de cicatrizes, fazendo esguichar massa encefálica para o guarda prisional e o horrorizado diretor

do FSB. Blokhin tombou no chão de rosto para baixo. A sua cabeça saltou duas vezes nos ladrilhos, com o sangue a jorrar-lhe da cabeça em duas direções diferentes para as duas valas mais próximas, ao mesmo tempo que as pernas lhe estremeciam involuntariamente, porque o cérebro do sapo estava morto, mas as suas pernas não o sabiam, e Dominika viu que Bortnikov e o guarda saíam aos tropeções porta fora, a limpar a massa encefálica dos olhos, e Dominika limpou o rosto ensanguentado de Nate e, consciente das câmaras no teto, limitou-se a tratar do prisioneiro, e o pano molhado em água fria reanimou-o e ele abriu um olho, depois o outro, mas as suas pupilas estavam de tamanhos diferentes, e um pequeno fio de sangue escorria-lhe da narina direita, e Dominika só pôde limpar-lhe o rosto e dizer-lhe: – Americano, estás bem? – e as íris de Nate oscilaram descontroladas em pequenos círculos. – Estás em segurança agora – segredou-lhe ele. Ela ouviu a histeria no seu tom de voz ao gritar à porta para o corredor: – Um médico! –, ao mesmo tempo que dizia a si mesma que tinha de controlar o seu pânico e que o sangue continuava a sair da narina dele, embora Dominika estivesse sempre a limpá-lo, e a respiração dele era forçada, e Dominika soltou o cinto do peito para ele conseguir respirar melhor, mas pelo som da sua respiração deduziu que ele estava a aspirar sangue, e tudo o que ela podia fazer era limpar-lhe a face e dizer – Os cuidados médicos estão a chegar –, mas sabendo de alguma maneira que não faria diferença nenhuma, e os olhos desfocados de Nate prenderam-se nos dela e um ténue sorriso surgiu-lhe nos lábios e o seu halo tornou-se mais brilhante e irradiou, e ela sentia a carícia ínfima de um dedo esmagado a tocar-lhe na mão, um leve toque, a roçar-lhe as costas da mão, só por um instante, não captado pelas câmaras, mais íntimo do que um beijo, e ele inspirou mais duas vezes e ficou imóvel, e o seu halo púrpura dissolveu-se, e Dominika combateu as lágrimas e depois ouviu passos a percorrerem o corredor enquanto as pernas de Blokhin nos ladrilhos rosados não paravam de estremecer.

*

Dominika sentiu o quase indetetável sopro vindo do anel de vórtice de ar no candeeiro pousado ao canto da secretária no gabinete da diretora do SVR na Sede, no pinhal de Yasenevo. Indicava que acabara de chegar uma

mensagem de Benford. Posicionou o ecrã flexível, acionou o sistema dirigindo o olhar para o leitor ótico integrado que autenticava biometricamente o padrão da sua íris e começou a projetar a curta mensagem na base plana do candeeiro num holograma direcional. As letras que iam passando eram invisíveis a quem não estivesse posicionado num alinhamento exato com o candeeiro, e a transmissão podia ser interrompida com um movimento casual da mão. Embora anteriormente cética em relação àquele equipamento, Dominika maravilhava-se agora com a eficiência daquele sistema de comunicação encoberta. Ainda esta manhã usara de modo indetetável a lente do candeeiro para fotografar e enviar para Washington um boletim ultrassecreto do Conselho de Segurança que deveria ler e devolver de imediato, enquanto o estafeta do Kremlin aguardava respeitosamente a um metro da sua secretária que ela o assinasse. Havia até um dispositivo de autodestruição no candeeiro que fundiria os componentes em caso de emergência. O edifício da sede do SVR, como Hearsey previra, estava a revelar-se uma vasta e eficiente antena.

A mensagem com vários parágrafos não era de Benford, mas de Forsyth. Estranho.

1. Informo MAGNIT condenada prisão perpétua em Prisão Máx. Seg. em Florence, Colorado.
2. Solicito info estatuto atual de Nash, incluindo quando iniciativa diplomática exequível para trazer de volta. P.f. informar possibilidade de troca.
3. Informo Chefe Contrainformação Benford aposentou-se. Transmito seus profundos agradecimentos e cumprimentos.

Nate e Gable desaparecidos, Benford aposentado. Ela não conhecera outros agentes da CIA desde o seu recrutamento em Helsínquia, eram a família dela, e a reconfortante presença deles mitigava a solidão desoladora da sua vida como espia. Agora, sentia-se só, embora estivesse no auge da sua carreira. Começou a redigir uma resposta, controlando o número de caracteres enquanto datilografava o texto no ecrã flexível, com um nó de desespero na garganta.

1. Contacto com presidente duas noite por semana. Ele partilha opiniões de siloviki- Patrushev agora caído em desgraça. Ele discute agora alianças russas clandestinas com Irão, Coreia do Norte. Informarei.
 2. Lamento informar agente Nash morreu em resultado de ferimentos sofridos durante interrogatório não autorizado.
- DIVA.

FIM FIM FIM

Com os olhos a arder e os lábios trémulos, Dominika premiu «enviar» e a mensagem foi transmitida. Recordou-se do que dissera Agnes: «O Nate veio salvá-la a si e eu vim ajudar o Nate. Por isso, suponho que todos perdemos.» Todos tinham de facto perdido, mas Dominika estava a dirigir o SVR e movimentava-se no Kremlin e em cima do presidente Putin, ironicamente de volta às suas odiadas raízes de Pardal, num mundo desesperadamente febril sem o seu *Neyt*. Suspirou e estremeceu.

De seguida, DIVA voltou ao trabalho no seu espaçoso gabinete com uma vista panorâmica do pinhal e do horizonte sem fim da sua amada *Rodina*.

AGRADECIMENTOS

A cada livro que termino, descubro que a lista de pessoas a quem devo agradecer aumenta exponencialmente.

Em primeiro lugar, os meus agradecimentos ao meu agente, Sloan Harris, que é responsável por orientar a minha segunda carreira como romancista (que, ocasionalmente, se tem revelado mais delirante do que a minha primeira carreira) e que continua a aconselhar-me, a encorajar-me e a inspirar-me como colega e amigo. Acrescento os meus agradecimentos à equipa na ICM, incluindo Esther Newberg, Josie Freedman em Los Angeles, Heather Karpas, Heather Bushong (para o caso de o presidente Putin me processar) e Alexa Brahme, pelo seu eterno apoio.

Menciono com gratidão o meu editor, o sobrenatural Colin Harrison, sem cujo discernimento de romancista e acuidade literária este livro não existiria de todo. Muitos agradecimentos também a toda a família da Simon & Schuster, incluindo Carolyn Reidy, Susan Moldow, Nan Graham, Roz Lippel, Brian Belfiglio, Jaya Miceli, Jen Bergstrom, Irene Lipsky, Colin Shields e Gary Urda. Um agradecimento especial a Sarah Goldberg pelo seu apoio incessante e a Katie Rizzo e Valerie Pulver pela revisão de provas infalível.

Agradeço aos colegas no Conselho de Revisão de Publicações da CIA pelo seu apoio consistente e atempado na revisão do manuscrito. Quaisquer erros factuais ou de linguagem são da responsabilidade do autor e quaisquer similaridades de personagens do romance com pessoas reais são absolutas coincidências. Esta é uma obra de ficção.

O meu apreço igualmente por todos os meus colegas na Direção de Operação – especialmente a turma do estágio de novembro de 1976, por uma vida inteira de recordações e frequentes expressões de apoio. Entre eles, devo destacar o falecido Stephen Holder, que forneceu um autêntico manual de termos operacionais usados pelo Serviço de Informação da China, e o falecido Jack Platt, que, enquanto praguejava, nos ensinou o que havia a saber sobre esquinas duplas e vigilância de seguimento. Ex-colegas e amigos íntimos de um serviço aliado, Alasdair e DT, aconselharam o autor

de várias maneiras, inclusivamente facultando-lhe várias receitas de família excepcionais, geralmente guardadas de modo mais cioso do que as minutas de um comité central.

Como é usual, os amigos e a família contribuíram constantemente. A yogini Alison instruiu-me sobre a essência sublime do ioga; Steve e Michael revelaram-me os mistérios de Nova Iorque e de Staten Island, estes últimos ocasionalmente mais sublimes do que o ioga. Kelly demonstrou-me o código gestual antigo e silencioso do manejo do leque chinês. O meu irmão William e a minha cunhada Sharon leram o manuscrito e fizeram sugestões úteis. O meu irmão William também manteve o seu papel de conselheiro científico do autor. Como é que um professor universitário de Economia tem conhecimentos sobre canhões eletromagnéticos é um mistério para mim. Suspeito que ele tem um no apartamento dele. As minhas filhas Alex e Sophie prosseguiram na sua tarefa de Sísifo de explicar ao autor a música moderna, as modas atuais e o uso popular da língua inglesa.

Finalmente, agradeço à minha mulher, Suzanne, por ser a melhor metade de um casal na CIA durante três décadas, por ter criado duas jovens independentes e realizadas como filhas, pelas suas horas de auxílio com o manuscrito e pela sua serenidade tanto nos tempos bons como nos maus.